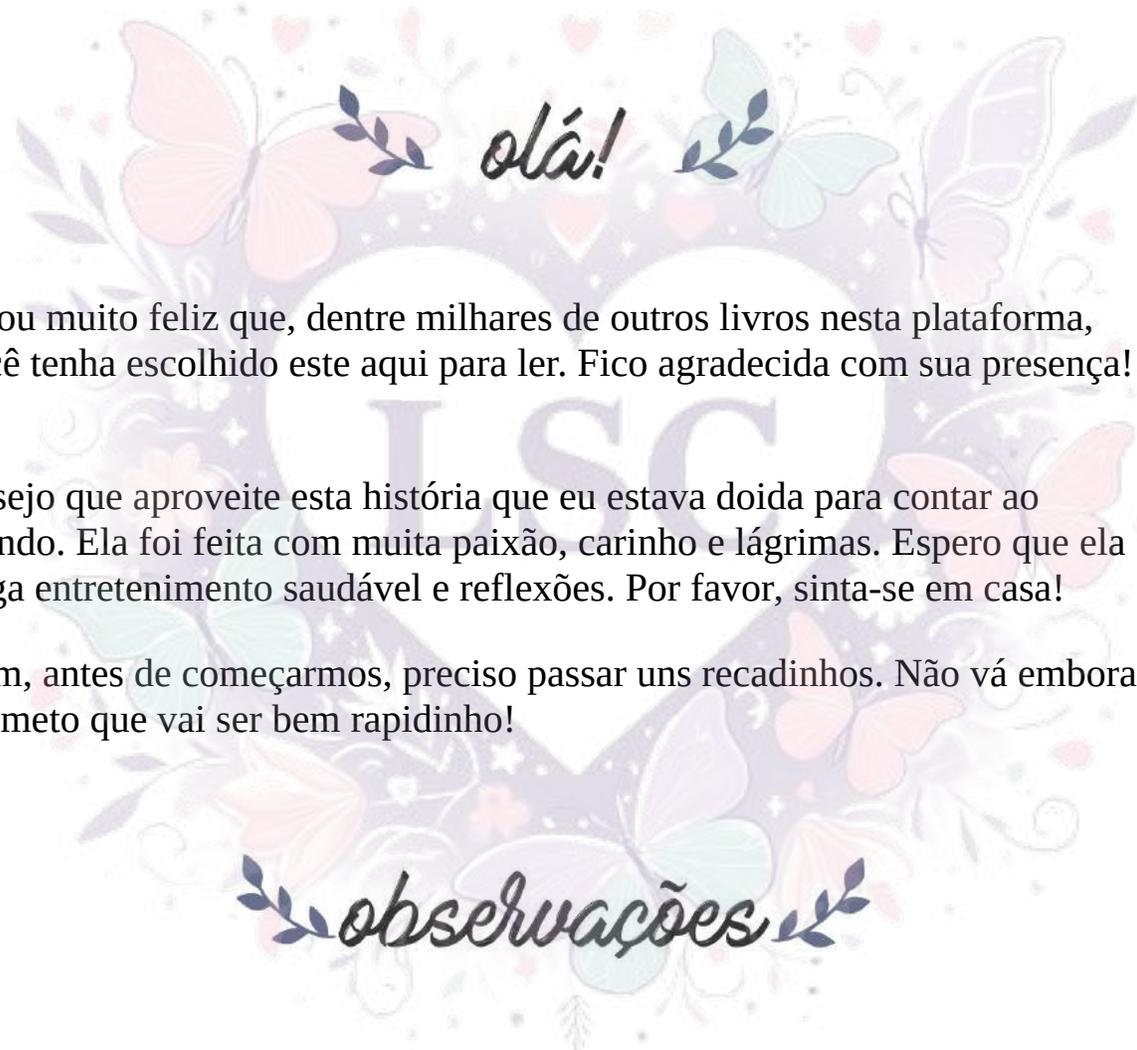


rhase
SEGREDOS
dele
MENTIRAS
de la



boas-vindas.



olá!

Estou muito feliz que, dentre milhares de outros livros nesta plataforma, você tenha escolhido este aqui para ler. Fico agradecida com sua presença!
♡

Desejo que aproveite esta história que eu estava doida para contar ao mundo. Ela foi feita com muita paixão, carinho e lágrimas. Espero que ela traga entretenimento saudável e reflexões. Por favor, sinta-se em casa!

Bom, antes de começarmos, preciso passar uns recadinhos. Não vá embora! Prometo que vai ser bem rapidinho!

observações

"Segredos dele, Mentiras dela" é uma história do gênero *young adult/* romance/ drama/ ficção adolescente. **Não** existem passagens desapropriadas para menores (*hot*), nem palavrões (só umas palavras feinhas), mas há algumas menções sobre temas meio sensíveis como *bullying*, suicídio, bulimia, e consumo de drogas lícitas e ilícitas; sem nada explícito e sem

qualquer tipo de glorificação. Considero a classificação como +12. Se algum destes assuntos te deixa meio desconfortável, desaconselho a leitura.

*Essa história não se propõe a abordar temas religiosos, porém respeita pensamentos cristãos.

*Não espere perfeição dos personagens, principalmente da protagonista. Ela vai começar bem doidinha e pode te dar raiva às vezes, mas apenas torça pelo amadurecimento dela :)

*Eu descobri o termo recentemente: essa história tem romance *slow burn*, ou seja, as coisas vão demorar um pouquinho pra desenrolar, mas espero que seja bem gostoso acompanhar a trama entre os personagens.

*Vocês estão livres para discordar de qualquer pensamento do livro, argumento utilizado por personagens e atitudes dos mesmos. Só não vale insultos ou "dar a louca" nos comentários, tá bem?

Comentários e curtidas são muito bem-vindos. Vocês sabem o quanto dá trabalho escrever uma história de qualidade, então me ajudem na divulgação comentando muito dando muitas estrelinhas! ♡ \ (▾ ▾) / ♡

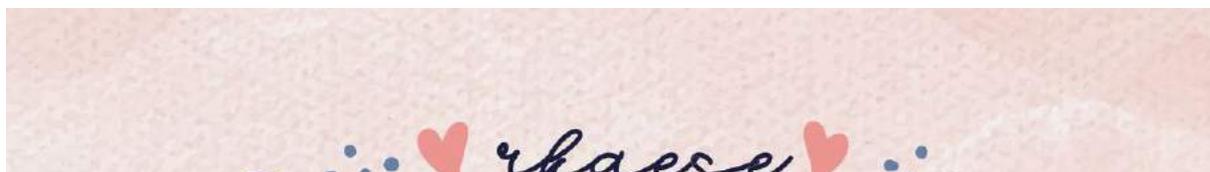
Lembrando que qualquer tipo de desrespeito ou até mesmo *spoilers* não serão tolerados.

┌───❁*°─── **Atenção:** ───❁*°───┐

→ Para melhor leitura do conteúdo e das mídias, mantenha seu celular/wattpad na função **tela clara (ou branca)**, e a opção de leitura no wattpad em **scroll** (e não em leitura paginada).

┌───❁*°──────────────────❁*°───┐

♥ Para quem quer ver a capa de pertinho:



SEGREDOS
de
MENTIRAS
de la





A capa foi feita por mim, tanto a ilustração quanto o design, então é como eu imagino esses dois. Espero que gostem! ♥

O livro encontra-se finalizado, então aproveite a leitura!

07 maio 2023

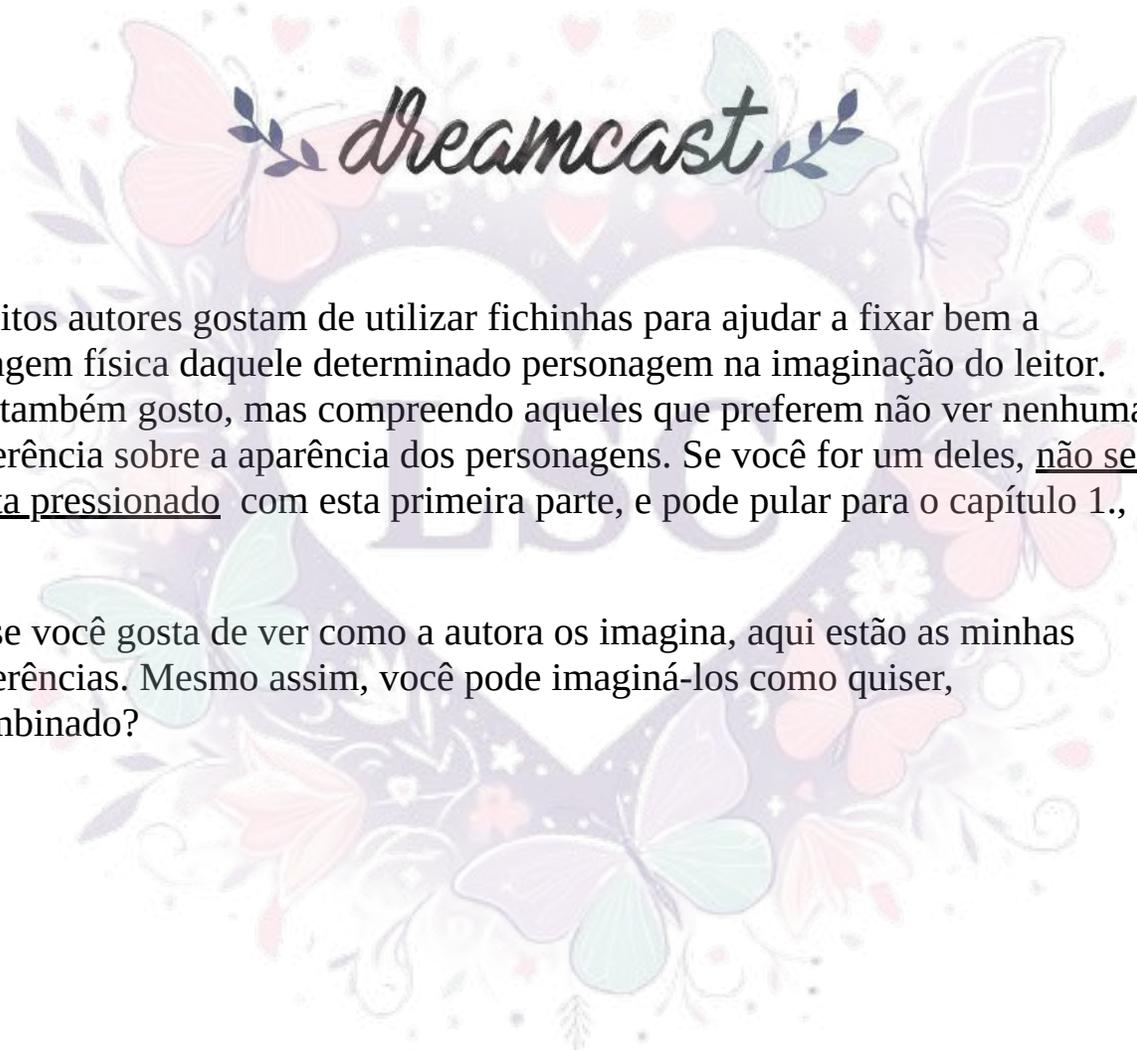
No próximo capítulo teremos o ***dreamcast*** e a sugestão de ***playlist*** !

Se você é um daqueles que não gosta de ver fotos sugeridas pelos autores sobre a aparência dos personagens e gosta de imaginar tudo sozinho, pode pular o capítulo e ir logo para o 1.

Desejo a vocês uma ótima leitura!



dreamcast + playlist.



dreamcast

Muitos autores gostam de utilizar fichinhas para ajudar a fixar bem a imagem física daquele determinado personagem na imaginação do leitor. Eu também gosto, mas compreendo aqueles que preferem não ver nenhuma referência sobre a aparência dos personagens. Se você for um deles, não se sinta pressionado com esta primeira parte, e pode pular para o capítulo 1., tá?

Já se você gosta de ver como a autora os imagina, aqui estão as minhas referências. Mesmo assim, você pode imaginá-los como quiser, combinado?



Beatrice
CAVALCANTI



you
were
born
to be
real
not
to be
per
fect



Hiero
BITTENCOURT



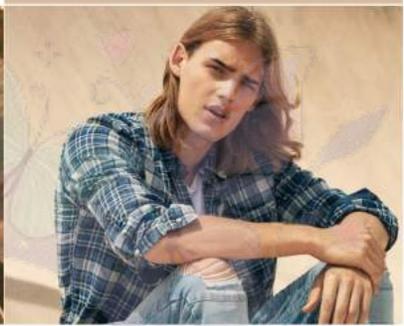
the forger is the winner
k.tolnoe





"Luke"
MONTEIRO

be fearless in the pursuit
of what sets
your soul on fire



Dahlia
OLIVEIRA





Se você é como eu, que adora ouvir boas músicas enquanto está lendo, esse presente é para você. Separei uma *playlist* com músicas que combinam bastante com o tom da narrativa deste livro! Você com menos de 20 anos talvez estranhe a seleção, mas no decorrer da leitura, irá reparar que faz *tooooo* sentido, pois são canções da época em que se passa a história :3~

Nessa *playlist* só tem coisa boa: *NSYNC, Backstreet Boys, Avril Lavigne, Sixpence None the Richer, Switchfoot e muito mais! Corre que tá bem legal!

Vou colocar o link bem aqui nesta linha, mas quem quiser, pode procurar no Spotify com este nome:



*Você pode também tirar o print dessa tela, e no Spotify, você vai na parte de pesquisar música ou playlist e clica no ícone de imagem em vez da lupa. Carregue a imagem (QR Code do Spotify) abaixo e pronto! ☐



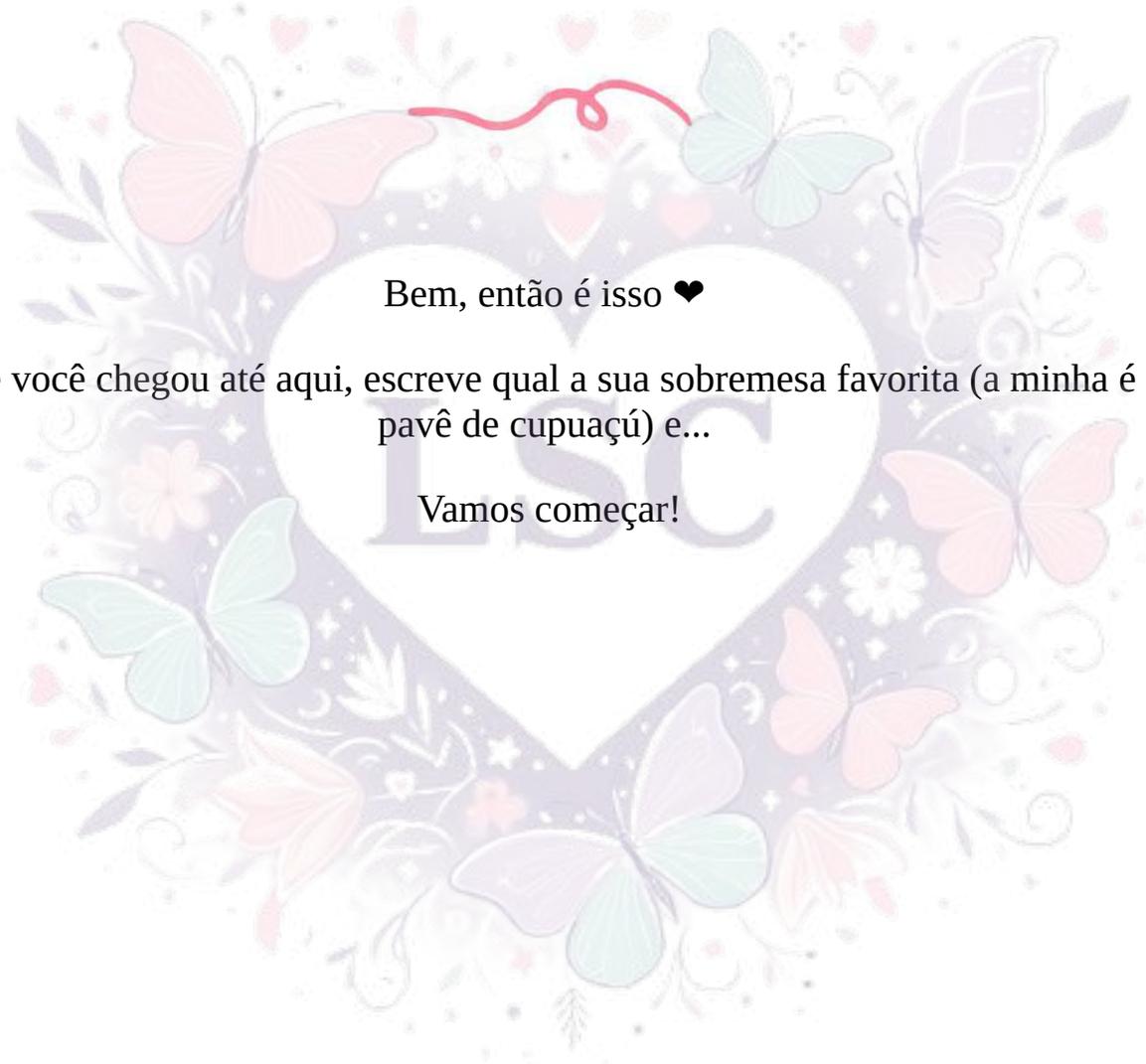
copyright

Todas as personagens, locais e acontecimentos são totalmente fictícios; e pertencem exclusivamente a autora. Qualquer cópia destes configura-se plágio e é **crime**. Crie, não copie.

Não autorizo nenhum tipo de adaptação para esta história.

© 2020, Rizzya Haese @rhaese

Aviso legal: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida por nenhum meio conhecido de comunicação para uso comercial sem a autorização por escrito da autora. Partes da obra podem ser reproduzidas para propósito não comercial na medida em que a origem da publicação, assim como a autora, seja reconhecida.

A decorative graphic featuring a large white heart in the center. The heart is surrounded by a circular arrangement of colorful butterflies in shades of pink, purple, and teal, along with various flowers and greenery. A red ribbon-like element is at the top. The background is a light purple gradient.

Bem, então é isso ♥

Se você chegou até aqui, escreve qual a sua sobremesa favorita (a minha é pavê de cupuaçú) e...

Vamos começar!

1.



TODO MUNDO TEM UM SEGREDO. Ou melhor, um monte deles guardados no porão ou dentro de algum baú precioso, cuidadosamente trancado a sete chaves. Pode ser que sejam confidências obscuras e pesadas — talvez pecados vergonhosos demais para virem à tona — ou pode ser algo bobo, como aquela flatulência que todo mundo finge que não soltou.

É claro que eu, como qualquer outra adolescente, tenho vários deles e sou muito boa em guarda-los. Calma, há alguns que posso compartilhar com você. Primeiro, eu detesto cebolinha! Mas nunca falo nada quando minha mãe coloca esse capim fedido na comida porque, bem, porque ela *ama* cebolinha. E é muito sensível quanto a opiniões sobre sua culinária, já que demorou anos para dominar qualquer técnica.

Segundo, eu colocava lenços de papel no bojo do sutiã quando estava na sexta série. É, eu sei. Mas ao contrário da maioria das meninas da minha idade ao atravessarem o pandemônio da puberdade, eu ainda não havia descoberto as maravilhas do desenvolvimento das curvas. Sentia-me traída pela natureza ao ter as malditas cólicas todo santo mês, mas peito e bumbum que era bom, nada.

Ah... este daqui... Bom, acho que você vai rir de mim. Fico um pouco envergonhada de contar, mas... eu nunca me apaixonei. Nunquinha. Ah, está

bem. Tirando aquelas paixonites com os membros do *NSYNC ou os sonhos bobocas com o amigo do meu irmão que já está na faculdade, eu nunca tive algo que chamasse de *amor*.

Já imaginei inúmeras vezes como seria o exato momento em que eu descobrisse estar amando e queria que fosse exatamente assim: uma cena digna de estar em algum romance *best-seller*, com sinos batendo, nuvens se abrindo e tudo o mais. Quando sentisse aquele desabrochar das borboletas no estômago, as pernas bambas e um calor intenso no peito, eu teria certeza... seria *aquela hora*.

É claro que isto está enterrado muito bem a sete palmos. Já pensou se tudo fosse parar nos ouvidos do meu irmão Bruno? Aposto que iria fazer troça de mim e dizer que estes não eram sinais de amor e sim de um ataque cardíaco. E aí eu não iria ter um segundo de paz até fazer uns... *oitenta* anos.

Tá bom, vai. Pode ser que ele tivesse razão e que isso seja uma verdadeira tolice. Mas é que, apesar dessa minha aparência *It Girl* – moderninha, cheia de charme, carisma e *finesse* – ainda trago dentro de mim uma garotinha romântica (e talvez, admito, um bocadinho ingênua) que acredita piamente no amor e sonha com o famigerado "e viveram felizes para sempre".

Ah, e por falar em aparência, chegamos ao principal dos meus segredos: aquele que você, ao conviver intimamente comigo, vai acabar percebendo mais cedo ou mais tarde. Para as pessoas de fora – e a isso, me refiro às minhas amigas, colegas de sala, professores, e até à vizinhança do bairro – eu sou a adorável Beatrice Cavalcanti, a delicada garota do sorriso meigo, do rosto sempre impecável e otimista, dos cabelos arrumados, das palavras doces e gentis, das roupas (ok, quase sempre de liquidação ou ponta de estoque, mas isso não vem ao caso) elegantes e arrumadas, do andar tão gracioso quanto uma pluma a dançar com o vento. Enfim: a representação da boa-moça-de-família educada e estudiosa. É assim que me veem. E foi dessa forma que conquistei o status de uma das garotas mais populares do colégio, da filha mais simpática do bairro e da nora que todas as amigas da minha mãe gostariam de ter.

Mas o que ninguém imagina é que, na verdade, eu sou essa garota jogada na cama com máscara de abacate no rosto, quase me engasgando de tanto

gargalhar das desventuras de Lindomar em Merdas Acontecem, uma reprise do programa de gosto bem duvidoso chamado Hermes & Renato. Com revistas e gibis espalhados ao meu redor, pacotes de bolacha e salgadinhos perto da minha cabeça (a forma mais cômoda de gerenciá-los quando se está deitada), um ventiladorzinho portátil numa mão, vestida com uma camisola que poderia estar em um museu, nem em um milhão de anos qualquer um deles diria que *aquela* Beatrice e *esta* são a mesma pessoa.

— Credo, Bea! — Até Mikhel, meu irmãozinho caçula "abençoado", franzia a cara ao ver minha bagunça. — Se a mamãe descobrir que você está vendo esses programas com palavrões da MTV, ela vai ficar uma fera.

Rolei os olhos. Só tinha um palavrão de vez em nunca.

— Ela não vai descobrir se você não contar, seu bestão. E é melhor não dar um pio se não quiser ganhar um belo dum castigo por ficar jogando esse troço aí de Game Boy em vez de fazer suas obrigações.

Que raiva. Por que eu tinha de dividir o quarto com esse protótipo de gente?

— Buuu, cara de abacate e roupa furada!

— Buuu você, cara de melão amassado!

Arg, haja paciência. Em minha defesa, máscara de abacate além de promover hidratação também alimenta, tudo ao mesmo tempo. E roupas velhas são as mais confortáveis para ficar dentro de casa!

Tá, vamos pular essa parte e voltar de onde eu parei. Já deu pra perceber, né? Da soleira da porta para fora de casa eu sou uma pessoa, e para dentro, sou outra. Somente com minha família permito-me extravasar e agir de acordo com minha personalidade. Seria muito cansativo interpretar o meu papel de perfeitinha em tempo integral, e eles já me conhecem desde que nasci, de qualquer forma. Então, em todas as ocasiões em que estarei na presença de outros que não sejam meus pais e meus irmãos, eu me transformo de um patinho feio em um belo cisne.

Para isso, tenho um processo o qual chamo de "ritual": calculo e escolho meticulosamente a maquiagem, penteado, roupas, acessórios e tudo o mais. Também gasto algumas horas por semana em certos cuidados como fazer as unhas, sobrancelhas, hidratação, depilação e exercícios físicos. Ainda treino oratória, expressões faciais e gesticulação em frente ao espelho como uma verdadeira atriz.

Você deve estar se perguntando por que cargas d'água eu faço tudo isso. A verdade é que eu era uma total zero à esquerda. Desde criança, nunca fui destaque em nenhuma área, não tinha uma habilidade a qual chamasse atenção. Era a gordinha sem-graça que não gostava de brincadeiras de correr e preferia desenhar, ler ou jogar damas (*ugh*, eu já fui assim?). Com dois irmãos garotos, não é de se admirar que ficasse muito sozinha. Quando encontrava alguém que pudesse ser um possível amigo, gastava todas as conversas ensaiadas da minha cabeça, leia-se: falava pelos cotovelos. Talvez isso tenha contribuído para afastar ainda mais os outros de mim. Daí eu acabava sendo um alvo muito fácil de chacotas e brincadeiras sem graça.

Então, aos doze anos, essas brincadeiras passaram a agressões, principalmente dos garotos. Havia um em específico que me tirava do sério, era o pior entre eles. Ainda me lembro dele, com seus cabelos escuros sobre a testa, olhos ameaçadores e bochechas vermelhas. Era sempre muito sério e mal-encarado, tinha os piores xingamentos na ponta da língua. "Sua horrorosa" era o favorito.

Foi uma época horrível, a qual culminou em um acidente sério em que eu acabei me machucando de verdade: uma batida forte e corte na testa. Precisei ir ao hospital tomar pontos e tudo. Embora não lembre muito bem como aconteceu, eu tenho certeza de que foi culpa daquele garoto – esse a quem mais odeio no mundo e espero que esteja tendo uma vida bem miserável no raio que o parta.

Após esse incidente em que até troquei de escola, decidi colocar uma máscara em mim e apagar tudo da Beatrice antiga que não gostava. Quis ser outra pessoa, uma totalmente ao contrário: desinibida, popular, amada. Por isso, fui modelando meus defeitos, abafando o que sentia para exteriormente ser a mais perfeita possível.

Quando entrei no colegial, tive as melhores notas de todas as turmas do primeiro ano. Consegui desenvolver um estilo tão legal que não é exagero dizer que várias meninas tentam copiar meu visual. E o melhor de tudo: hoje tenho amigas! Sinto que só conquistei isso graças a essas máscaras, algo que demorou anos de esforço e aperfeiçoamento.

Este é o meu grande segredo, e eu duvidava que algum dia alguém pudesse destruir minha aparência impecável...

Até aquele dia.

Havíamos acabado de comemorar a entrada de 2004, e, nas minhas resoluções, prometi a mim mesma que aquele seria o melhor ano da minha vida! Até que comecei realmente bem, fazendo ótimos passeios com minhas amigas.

Naquele fim de tarde, eu estava voltando de um rolê no shopping toda felizinha, pois além de me divertir, tinha conseguido uma *preciosidade* – uma revista dessas que anunciam as últimas fofocas dos gatinhos famosos e adivinham seu futuro pelo horóscopo. Numa época em que o celular mais popular era o indestrutível Nokia tijolão, as revistas *teen* eram o melhor meio de conseguir conselhos especializados na arte da paquera, e eu guardava cada centavo da minha mesada para comprá-las, ou pedia emprestada às minhas amigas. Contudo, como num prenúncio das desgraças que me aguardavam, Bruno flagrou-me guardando a primeira TodaTeen do ano em minha mochila enquanto eu ainda estava bem na frente da banca de jornais no caminho para casa.

— Vinte reais para não contar para a velha — subornou-me.

Que roubo!

— Vai se lascar. Se ela descobrir, o problema vai ser meu e não seu! — Tentei esconder a revista o mais rápido que pude, porém ele conseguiu arrancá-la como um raio de minha mão.

— Ei, seu bocó, me devolva isso agora!

Bruno balançou minha preciosidade a apenas alguns centímetros da minha cabeça, esperando que eu mordesse a isca. Bufe enquanto o fuzilava com os olhos. Era típico dele se divertir às minhas custas e eu não iria cair *tão cedo* na provocação.

— Por enquanto isto está confiscado. Mas se conseguir pegar, talvez eu repense a oferta.

Não aguentei e comecei a pular várias vezes para agarrar a revista, mas ele sempre retirava na hora e a estendia por cima de sua cabeça. Aí já era golpe sujo! Como não alcançava, avancei para cima dele, mas então ele fugiu de mim, correndo pela rua. Eu o persegui o mais rápido que pude.

Sempre foi assim desde quando éramos crianças – só porque Bruno nascera quatro anos antes, ele se achava no direito de me azucrinar como se eu fosse um inseto. Infelizmente, por causa dessa peste, acabei chegando em casa meio suada e desgrenhada.

Nossa casa não era tão luxuosa quanto às do nosso bairro — Brooklin Velho, em São Paulo. Mas era grande e bonita, de dois andares; tão antiga que talvez tivesse sido descoberta junto com o Brasil. Bom, pertencia à minha avó e ela havia cuidado da propriedade com tanto zelo que o chão de cantaria, mesmo original, parecia ter sido colocado ontem. Os móveis de madeira continuavam impecáveis, bem como toda a porcelana portuguesa exibida nas cristaleiras da sala de jantar.

Quando a recebemos por herança, mamãe pensou que estava na hora de incrementar o visual com elementos modernos e a casa passou por uma reforma. Agora tínhamos um deck e uma piscina — os quais fizeram as quentes férias do mês janeiro muito mais interessantes e divertidas.

— Como foi o encontro com seus amigos, Bibi?

— Mãe, mais uma vez, é *Bea*. Bibi é apelido de bebês do maternal!

— Prefiro *Trice*. — alfinetou Bruno.

Retribuí com um beliscão em sua barriga.

— Meninos, já chega. Mikhel! Vá lavar as mãos. Daqui a pouco iremos jantar e preciso contar uma coisa para vocês.

O garoto desceu as escadas sem tirar os olhos do seu joguinho. Desde que ganhara o brinquedo como presente de Natal, não desgrudava dele. Mais um pouco e suas mãos ganhariam raízes e se prenderiam aos botões.

— Eu não vou comer — gritei já na sala, afundando na poltrona do papai e me apossando do controle remoto. — As aulas vão recomeçar em poucas semanas e ainda preciso perder essa dobrinha que se acumulou na minha barriga nas festas de fim de ano.

— Dobrinha? *Pneu*, você quer dizer — gritou Bruno da cozinha. — E se quer perder peso, deveria estar na esteira.

Sorte a dele que eu estava longe demais para acertar o meu tênis em sua cabeça.

— Ah, não! — reclamou Mikhel. — Bea, você vai começar tudo de novo? Sabe, aquelas dietas estrambóticas, acordar super cedo para se pintar e ficar com o banheiro todo para você... É um *saco* descer as escadas só para usar o de baixo, ainda mais quando estou *morrendo de sono*!

— Se você dividisse o quarto com o Bruno talvez não precisasse — respondi emburrada.

Mikhel acabara de fazer onze anos, mas não conseguia dormir sozinho por ainda ter medo do escuro. Culpa do Bruno em insistir em locar filmes de terror, mas na hora de se responsabilizar, disse que em seu quarto havia coisas "adultas demais" para Mikhel ver — como se filmes de terror fossem para crianças.

— Chega de discussão, meninos. E Bibi, se não vai jantar, pelo menos venha sentar com a gente. Eu e seu pai temos algo importante a dizer.

Meu coração deu um pulo.

— Papai? Ele está em casa? Oh!

Desliguei logo a televisão e tratei de obedecer. Não era sempre que podíamos ter a presença de papai para o jantar já que ele sempre estava trabalhando, e eu amava passar cada segundinho que podia em sua companhia.

Após a prece para a refeição, meus pais ficaram se entreolhando, como se fossem anunciar algo muito importante. Meu Deus, será que mamãe estava grávida de novo? Oh, não, por favor! Mais um irmão chato e pestinha, não! Já me bastava o Mikhel. Se fosse isso, que pelo menos viesse uma menina. Enquanto divagava naquela ideia bem maluca, (ainda mais considerando que mamãe talvez nem pudesse mais ter filhos, dada sua idade), ela finalmente soltou a bomba:

— Iremos ter um hóspede em casa!

Nós três nos entreolhamos, surpresos.

— Que da hora! Quem e por quê? — Bruno continuou seu jantar como se não fosse grande coisa.

Oh, que não seja um parente chato lá da Cochinchina, uma dessas minhas tias-avós meio surdas que ficam repetindo as mesmas histórias... Cruzei os dedinhos.

Foi a vez de papai falar:

— Vocês se lembram daquele garoto que costumava nos visitar quando a Bea tinha mais ou menos a idade do Mikhel? O filho da Joana, amiga da sua mãe lá da igreja...

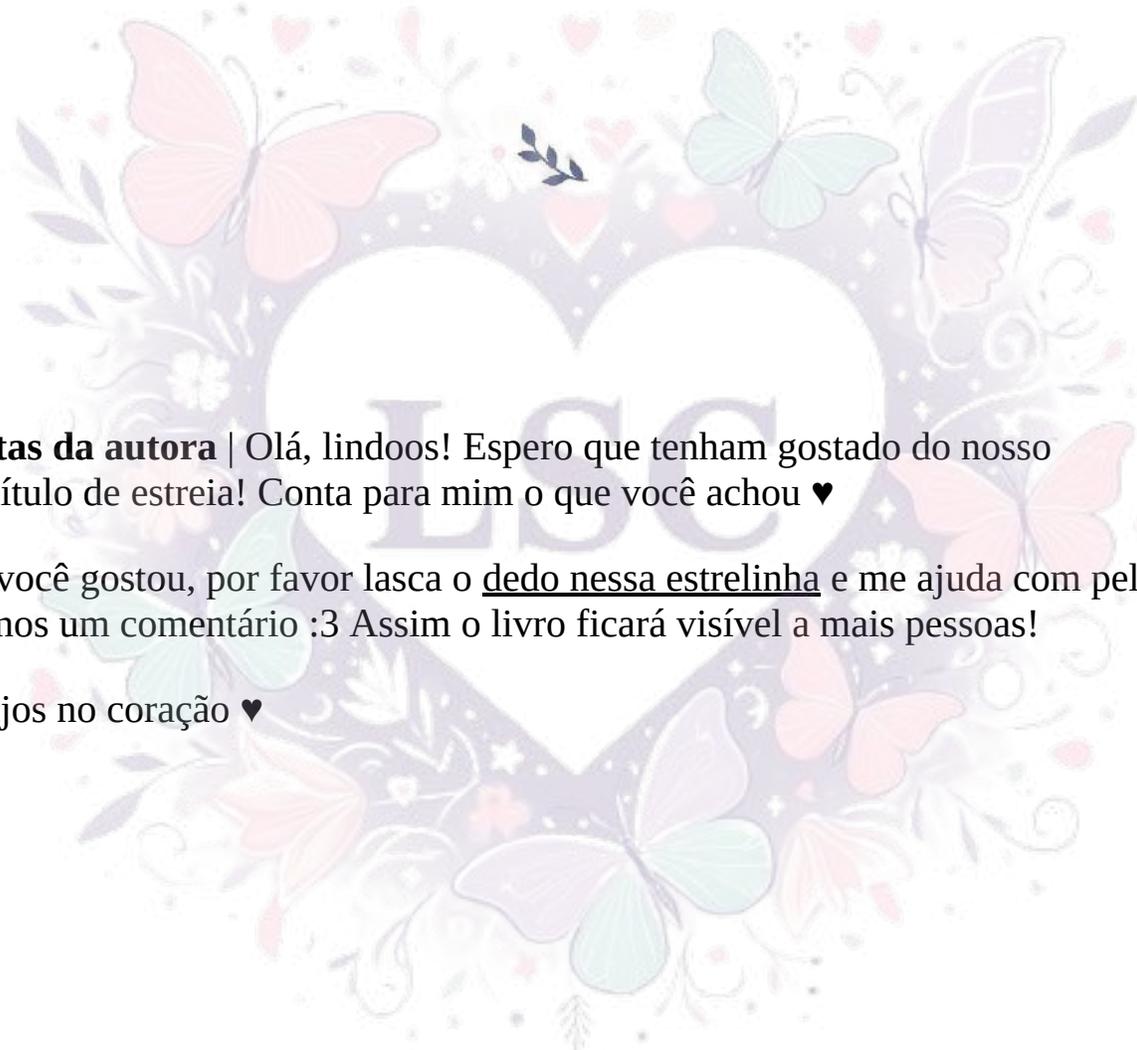
Ah, não. Não. Aquele garoto?! Tipo, *aquele* babaca que me atormentava...? Só podia ser pegadinha.

— O... O Hi... — Até pronunciar aquele nome me dava repulsa. Pisquei várias vezes. — O *Hiero*? M-mas o que tem ele a ver com essa conversa?

— Bem... então... — Mamãe levantou as sobrancelhas.

— Então... ele... faleceu ou sei lá? — Comecei a rir de nervoso. — Por que isso de repente... ?

— Não, Beatrice. — Ela falou impaciente. — Daqui a duas semanas, ele quem virá morar conosco.



Notas da autora | Olá, lindos! Espero que tenham gostado do nosso capítulo de estreia! Conta para mim o que você achou ♥

Se você gostou, por favor lasca o dedo nessa estrelinha e me ajuda com pelo menos um comentário :3 Assim o livro ficará visível a mais pessoas!

Beijos no coração ♥

2.

A decorative graphic featuring a central number '0|2' in a stylized font, flanked by two butterflies (one pink, one light blue) and green foliage. The background is a soft, light purple and pink gradient with faint floral patterns.

FIQUEI EM FRENTE AO ESPELHO fixado no banheiro. Ele estava todo embaçado por causa do vapor da ducha, e eu passei a mão em sua superfície para poder ver meu reflexo nitidamente. Acho que mudei muito desde meus doze anos. Lembra que eu disse sobre os lenços de papel? Então, depois de alguns meses de paciência, não precisei mais deles (além disso, descobri o sutiã com enchimento). Com a ajuda da puberdade e minhas dietas (*estrambóticas*, como Mikhel enche a boca pra falar), agora tenho um corpinho esguio e proporcional, o qual gosto muito.

Elevei a mão em meus cabelos castanhos, levemente ondulados e cortados em um elegante chanel, e levantei uma mecha da franja. No alto da testa, passei o dedo por sobre a linha grotesca de cor diferente. Só essa cicatriz não mudou nada. Eu não conseguia acreditar que o cara quem a causou era justamente o que vinha morar na minha casa!

— Mas por quê isso?! — Levantei-me do meu assento exasperada, fazendo os talheres tintilarem. — Vocês só podem estar brincando! Ninguém aqui se lembra do que ele fez pra mim?!

Mamãe cruzou as mãos sobre a mesa e deu um olhar do tipo "eu te disse" para meu pai. Ele apenas sorriu.

— Bea, querida. Vocês tiveram uns entraves, mas essas coisas já foram resolvidas e ficaram no passado. Confie na gente.

— Resolvidas?! Não que me lembre! — Tremi de ódio. — Eu não acredito. Simplesmente não acredito!

Eu tentei argumentar, esperneeii, chorei e até ameacei fazer greve de fome (e desta vez não iria ceder tão fácil mesmo diante dos *brownies* com sorvete!). Mas foi absolutamente inútil. Segundo mamãe, tudo tinha sido arranjado desde que o garoto conseguiu uma bolsa de estudos no Instituto Saint Louis, o prestigiado colégio onde estudo. Eu sei que é extremamente difícil conseguir uma bolsa, principalmente por haverem centenas de estudantes tentando uma única vaga. Mas então ele não tinha parentes para hospedá-lo, e ninguém deixaria seu filho de 16 anos morando sozinho numa cidade como São Paulo. Daí sobrou para a gente. Ou melhor, *para mim*, já que aparentemente todo mundo aqui em casa é a favor deste *absurdo*.

A única coisa boa nesta história — se é que há uma — é que finalmente terei o quarto só para mim. Hiero e Mikhel ficarão no espaçoso quarto de hóspedes do andar de baixo, o qual antes era o da vovó.

Hiero Bittencourt...

Só de me lembrar deste nome faz-me retornar aos velhos tempos em que era desprezada, pisoteada e humilhada... Eu mesma passei a acreditar nas palavras horríveis que proferiam contra mim — palavras que me machucaram tanto a ponto de desejar desaparecer deste mundo. E tudo porque ele influenciava todos a fazerem essas maldades comigo.

Não importa se ele tem o apoio da minha família, eu nunca mais quero passar por aquele inferno novamente!



Os dias foram se passando tortuosamente e, a cada *xis* marcado no calendário, menos tinha esperanças de que meus pais mudassem de ideia.

Mas, como sou brasileira e não desisto nunca, fiquei esperando até a véspera. Que nada: nenhum plano desfeito, e pra completar, mamãe ainda me mandou buscar o desgramado na estação de metrô.

— Ele vai conseguir se virar até descer no local correto, mas depois precisará de ajuda para localizar nossa casa. — disse. — Ah, e antes que pergunte: não, amanhã estarei ocupada com o supermercado e levando Mikhel para comprar materiais escolares; Bruno estará resolvendo coisas da faculdade, e seu pai, como sempre, estará trabalhando.

Que droga! O garoto nem chegara e já estava estragando minha vida!

No outro dia, daria tudo para que estivesse chovendo e aí eu arrumaria uma bela desculpa para não ir, mas os céus deviam estar rindo da minha sina, já que estavam abertos num lindo azul com nuvens branquinhas.

De acordo com as instruções, o rapaz chegaria lá pelas três e meia da tarde. Arrumei-me com um vestido jeans com babados ombro a ombro e uma maquiagem de boneca, esperando impressioná-lo logo de cara. Coloquei na bolsa de couro o imenso "O Código Da Vinci" da estante de Bruno. Até que era um romance intrigante e eu achava que estar com ele me fazia parecer mais intelectual.

Naquele horário, a estação do metrô não estava tão cheia. Sentei-me num daqueles bancos de espera, abrindo o livro em meu colo. Olhava para o meu relóginho de pulso de tempos em tempos, sentindo aos poucos o mormaço apoderando-se de mim. Meus olhos queriam fechar. Lutei para mantê-los abertos.

Bocejei.

Então ouvi do meu lado uma voz meio grave, mas suave como chocolate ao leite. A voz parecia vir dentro de um sonho:

— Olá... Com licença, isto é seu?

Suspirei, abrindo os olhos pesarosamente enquanto sentia algo — provavelmente o livro — sendo colocado em meu colo. Então o barulho dos

trilhos, passos e vozes ao meu redor começaram a ficar mais e mais nítidos. O local estava superlotado agora. Olhei para o relógio: *Cinco e meia!* Fiquei dormindo no banco! E ainda por cima, havia baba no meu rosto! *Que micooooo!*

De repente, me dei conta da voz que ouvira mais cedo. Olhei para os lados, tentando localizar algo diferente, ao mesmo tempo em que tentava disfarçar minha aparência desgrenhada. As pessoas estavam andando paralelas ao corredor, exceto um jovem a poucos metros de onde eu estava.

Ele estava de costas para mim. Era alto, esguio, tinha cabelos extremamente escuros, contrastando com o branco de sua pele. Ele andava para frente com confiança, mantendo os ombros firmes com a mesma postura de um cavalheiro. A grande mala preta de rodinhas que levava ao seu lado denunciava que ele estivera em uma longa viagem, mas pelo seu porte, não parecia cansado.

Levantei-me da cadeira com o coração aos galopes.

— H... Hiero? — sussurrei.

Naquele ambiente, seria quase impossível ouvir qualquer coisa a pelo menos três palmos de distância, mas por incrível que pareça, o jovem se virou como se alguém estivesse o chamando. Mas o momento em que nossos olhares se encontraram durou apenas um segundo. O rapaz logo desviou o olhar de mim e movimentou a cabeça como se estivesse à procura de outra pessoa. Percebi que ele parecia meio perdido, e meu cérebro congelado demorou um pouco para raciocinar:

"E se... ele for mesmo o...?"

Não, não podia ser. Aquele não se parecia em nada com o pirralho que conheci na infância, exceto pelo tom dos cabelos e da pele. Bom, considerando que as pessoas mudam na puberdade... e que talvez o tempo foi *muito* generoso com ele, havia uma possibilidade. Mas eu não queria acreditar nisso porque aquele garoto era atraente. Tipo, atraente *pra caramba*.

Como ele continuava a olhar para os lados, fingi não tê-lo notado e coloquei Dan Brown em frente à minha cara, fazendo pose de leitura. Todos os meus instintos me diziam que era mesmo ele, e eu queria adiar o máximo o nosso reencontro. Talvez devesse sair de fininho e deixá-lo perdido, a mercê dos meliantes e bandidos? Mas e se ele realmente sumisse, isso faria de mim uma criminosa?

Meu coração quase pulava do peito enquanto imaginava essas loucuras, e eu esperava não ser notada, lutando ao máximo para ter meu rosto coberto pelo livro. Talvez não tenha sido a melhor estratégia, já que, quando dei uma espiadinha, o rapaz olhava fixamente em minha direção.

Droga. Ele deve ter me reconhecido!

Guardei o livro rapidamente na bolsa posicionada aos meus pés. Poderia começar a correr ali mesmo, se não fosse pelo par de botas de couro marrom-fosco em minha frente. Percorri os olhos pela calça de sarja, a blusa preta causal e finalmente cheguei ao rosto do indivíduo. Ele era um tanto anguloso, mas levemente arredondado. O nariz era proporcional e os olhos, como duas lagoas azuis e cristalinas.

Senti uma frustração súbita. Eu realmente desejava que Hiero fosse daquele tipo de pessoa que quando vira um adolescente, todos fazem caretas e se perguntam: "O que aconteceu?!". *Honestamente!* Onde estava a justiça do destino quando precisávamos dela? Mas parece que os vilões só são feios mesmo nos desenhos da Disney.

— Desculpe encarar. Mas você deve ser a pessoa que eu procuro... Beatrice Melo Cavalcanti?

E para completar, era aquela voz achocolatada de antes.

— Você é o...

— Hiero, se lembra de mim? Sua mãe informou por e-mail que você iria me mostrar o caminho. Ela até enviou uma foto sua, mas não te reconheci logo de cara.

Levantei-me, totalmente sem graça. "Claro que me lembro", pensei, "como poderia esquecer?". Queria revirar os olhos, mas somente passei a mão nos cabelos inocentemente e sorri.

— Sim, sou eu. Seu voo atrasou muito, não foi?

Ele deu um sorriso e lançou um olhar discreto para meu queixo. Levei a mão ao rosto rapidamente, constatando algumas casquinhas secas. *Droaaaa!* Pensando bem, acho que ele teve mesmo uma primeira impressão *inesquecível* de mim — com a minha baba, cabelos desganhados e tudo o mais.

Quando saímos da estação, o céu começava a ganhar coloração alaranjada e violeta. Os postes já iluminavam as ruas e as luzes das janelas dos prédios ao nosso redor acendiam lentamente. O trânsito era intenso e abafava um pouco a conversa que Hiero insistia em engatar ao longo do caminho.

— Puxa, eu realmente não me lembro destes lugares, embora este bairro me seja bem familiar — ele falava enquanto ouvíamos o som das rodinhas da mala fazendo atrito no concreto. — Vocês continuam morando naquela casa?

Eu apertava a bolsa, enxugando as palmas das mãos.

— Sim.

— Imagino que o Instituto Saint Louis deva ser enorme... — ele continuou sem se importar muito com a falha em minha voz. — Sabe, foi ideia da minha mãe que eu tentasse a bolsa. O sonho dela é que eu consiga um intercâmbio no exterior. Tenho certeza que esta experiência vai nos garantir o ingresso a boas universidades. Mas aposto como a carga horária de estudos deve ser exaustiva...

Discretamente torci os lábios. *Eu sei*, tudo era diferente para ele — o bairro, o colégio e tudo o mais — mas o estrupício não conseguia perceber que eu não estava nem um pouco a fim de me envolver com seus assuntos? Eu estava lá *obrigada* e ponto final. O interessante era que, mesmo com meu

silêncio, ele não parecia nem um pouco incomodado e continuava a divagar, sorrindo educadamente.

— Uau! — exclamou animado ao chegarmos em frente ao portão. — Ela realmente não mudou nada... — e acrescentou baixinho, enquanto eu destrancava a fechadura — ...diferente de você. Você mudou muito desde a última vez em que nos vimos.

Aquilo me pegou desprevenida. Diferente em *qual sentido*? Minhas mãos começaram a tremer, e eu permaneci virada, sem fitá-lo. Sei que o rubor das minhas bochechas sempre me entregam em situações constrangedoras, então fingi que não ouvi. E nem teria dado tempo para responder nada, pois mamãe logo apareceu para nos receber ali mesmo, com alívio e muita alegria.

Ela foi logo mostrando as áreas comuns ao rapaz e depois lhe apresentou o seu quarto. Deu-lhe uma pilha de toalhas limpas e deixou-o à vontade para tomar banho e descansar antes do jantar. Acho que a última vez que a vira tão animada assim foi com os preparativos para o meu baile de debutante!

Mais tarde chegaram Bruno e Mikhel trazendo algumas caixas de pizzas quentes e o aroma de orégano e queijo impregnou a casa. Ao ver Hiero, Bruno apertou-lhe a mão e em seguida, deu-lhe um abraço amistoso, fraternal.

— Você cresceu, hein, pirralho! — brincou. — Está quase do meu tamanho! Anda comendo o quê? Fermento?

Hiero sorriu timidamente. Antes que pudesse responder, Mikhel veio correndo do seu novo quarto com um aparelhinho nas mãos, sorrindo extasiado como se acabasse de ver o Papai Noel em pessoa.

— Eu não acredito! Bruno, ele tem um *Game Boy Advance SP* ! Que demais!

— Mikhel! Que mal-educado bisbilhotar as coisas dos outros! — ralhou Bruno. Mas Hiero balançou a cabeça e abaixou-se para ficar na altura dos

olhos de Mikhel, que agora olhava para o chão (provavelmente morrendo de vergonha) e disse com voz aveludada:

— Você também gosta de jogos? Se quiser, posso te mostrar os meus depois do jantar, que tal?

Pronto, depois dessa, Mikhel *definitivamente* amaria Hiero de todo coração pelo resto da vida. Seu rostinho ficou iluminado e ele saiu em disparada para o quarto com braços levantados, gritando um sonoro "Yeeees!".

Estávamos sentados juntos à mesa durante o jantar, como de costume, quando papai apareceu na sala e tratou logo de tirar a jaqueta do paletó e afrouxar a gravata cor-de-chumbo. Ele chegou na cozinha de braços abertos para saudar nosso hóspede. Olhei para Bruno com olhos arregalados com a surpresa. Agora sim mamãe estava felicíssima!

Logo os homens foram para a sala para conversar, e eu ajudava mamãe a servir o sorvete de flocos em pequenas taças de vidro. Quando ela foi entregar-lhes a sobremesa, aproveitei a distração de todos para fugir ao meu quarto, levando comigo algumas fatias que sobraram das pizzas. Só parei um instante para me virar e ver o rapaz conversando com meu pai como se fossem velhos amigos. Não pude evitar a pontada de ciúmes no peito.

Acho que Bruno percebeu minha ausência. Ele entrou em meu quarto depois de uma leve batida e me encontrou sentada na cama, emburrada, ainda mastigando os restos mortais de uma pizza Califórnia. Minhas bochechas formavam duas enormes bolas. Acho que comia mais para preencher o vazio do peito que o do estômago, e a alta ingestão de carboidratos e gordura fazia diminuir minha vontade de surtar.

Antes de falar qualquer coisa, jogou na cama a TodaTeen que havia roubado como uma forma de dizer "eu vim em paz". Ele forçou um sorriso e colocou ambas as mãos nos bolsos da calça.

— Queria só saber se... se você está bem.

— Estou excelente! — respondi sarcástica. — Só vou dividir a casa com alguém que me *traumatizou* no passado e parece que todo mundo não dá a mínima para isso!

— Ah, Bea, não exagera, vai. Isso aconteceu faz tempo e vocês eram crianças. Dá pra ver que o cara tá mudado agora, parece outra pessoa.

— Bruno! Não foi uma coisa simples, tá? Eu precisei de dois anos de terapia, *dois anos!*

— E talvez ainda esteja precisando — ele resmungou baixinho.

Eu o fuzilei com os olhos.

— Você veio ajudar ou piorar as coisas?

Ele suspirou piscando os olhos.

— Foi mal, tá ok? Mas só... tenta relevar, ir com calma.

— Ir com calma?! — Ele estava me tirando *mesmo* do sério. — Você conhece a palavra *bullying*? Eu pesquisei e descobri que significa "intimidar, agredir ou humilhar alguém verbal, física e psicológica de maneira intencional e repetidamente". E esta é a descrição exata do que eu passei. Do que *ele* fez comigo!

Bruno fechou os olhos como se fosse dizer algo relevante.

— Olhe, uma vez alguém muito sábio disse: "Quem vive de passado é museu". Não sabia?

— O quê?! — ri irônica. — Leu isso em algum para-choque de caminhão? Seria cômico se não fosse *trágico!*

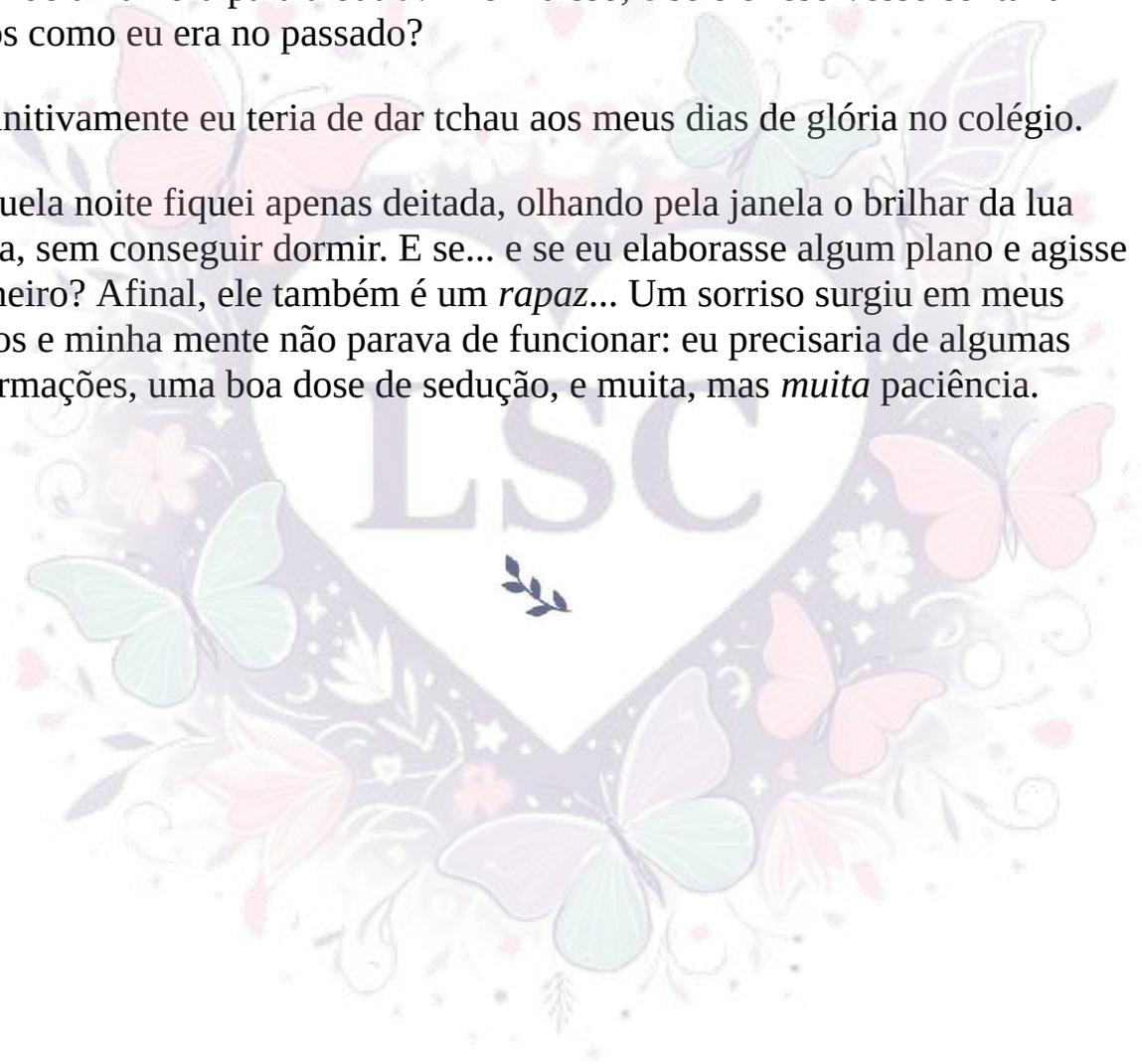
— Beatrice. Estou falando sério! Acho que já está na hora de deixar tudo para trás. Você deveria dar ao garoto um voto de confiança. Estou falando isso para o seu bem.

Bruno deixou o quarto antes que eu pudesse jogar meu travesseiro em sua cara.

Eu estava completamente indignada. Será que não existia ninguém que estivesse ao meu lado e compreendesse os meus sentimentos? E como eu poderia saber se o cara mudou mesmo somente com poucas horas de convivência? Quem me garantia que ele não iria "colocar as garrinhas para fora" de uma hora para a outra? Além disso, e se ele resolvesse contar a todos como eu era no passado?

Definitivamente eu teria de dar tchau aos meus dias de glória no colégio.

Naquela noite fiquei apenas deitada, olhando pela janela o brilhar da lua cheia, sem conseguir dormir. E se... e se eu elaborasse algum plano e agisse primeiro? Afinal, ele também é um *rapaz*... Um sorriso surgiu em meus lábios e minha mente não parava de funcionar: eu precisaria de algumas informações, uma boa dose de sedução, e muita, mas *muita* paciência.



3.

A decorative graphic featuring a central heart shape with the number '013' inside. The heart is surrounded by various butterflies in shades of pink, purple, and green, along with floral and leaf motifs. The background is a light, textured pattern.

O INSTITUTO SAINT LOUIS ERA um dos colégios mais prestigiados do estado de São Paulo. Era uma instituição um tanto antiga, situada no bairro Jardins, e oferecia ensino desde o fundamental até a pós-graduação. Eu adorava aquele lugar. Estar lá era como se sentir dentro de um filme. Não era uma Hogwarts, obviamente, mas as lindas construções em estilo neocolonial poderiam facilmente ser confundidas com qualquer campus de faculdade de padrão elevado.

Até o uniforme era perfeito: no verão, as meninas usavam shorts-saia azul-marinho bem rodadinhas, meias $\frac{3}{4}$ e sapatilhas. A camisa era branca com três casas de botões, mas não tinha gravata. Uma pena, porque usar gravatas com qualquer tipo de roupa estava super na moda. Já o uniforme do inverno era calça para todos, ou quem sabe o agasalho completo.

A verdade é que se dependesse da renda da minha família, acho que eu nunca conseguiria estudar lá. A mensalidade devia ser tão alta que provavelmente faria algumas famílias declararem falência depois do primeiro mês.

Por sorte, meu pai era o pró-reitor do Planejamento e Desenvolvimento Institucional, e um dos seus benefícios no cargo era obter bolsas de estudos

para os filhos. Assim, meu futuro educacional estava garantido — bem, pelo menos enquanto meu pai não fosse destituído.

Antes de toda esta confusão, fiquei feliz quando soube que as aulas de Mikhel seriam na parte da tarde. Ficou combinado que Bruno o levaria para a escola com o seu carro antes de ir para a faculdade. Eu iria para a escola a pé, pois ela ficava a poucos quarteirões do metrô. Estava animada para conseguir escutar *Hoobastank* e *Avril Lavigne* em meu *discman* durante o caminho (já que eu evitava escutar em casa com receio de ser pega por mamãe; ela abominava qualquer tipo de rock) e parar na banca de revistas na volta.

Ah, um detalhe: Não sei se era por gastar o suado dinheiro do meu pai com "bobagens", ou por pensar que iriam desvirtuar o meu caminho dos estudos, mas o fato era que minha mãe nunca gostou que eu comprasse essas revistas. Ela até chegou a confiscar a minha *Atrevida* favorita (com o Felipe Dylon na capa)! Jurei mentalmente que ia ficar sem falar com ela durante uma semana, mas as mães sempre sabem como comprar de volta os seus filhos. No meu caso, meu preço eram os meus amados *brownies* com sorvete.

A partir daí comecei a escondê-las muito bem entre o estrado da cama e meu colchão, e quando via uma na banca, sentia tanto remorso em comprá-la que tentava fazê-lo o mais sorrateiramente possível. Era ridículo, mas talvez eu sentisse o mesmo que um viciado tentando adquirir um saquinho de ervas ilícitas. De certa forma, este também virou um dos meus segredos.

Mas agora tudo estava estragado, já que eu não faria mais o percurso sozinha. Adeus *discman*, adeus revistas, adeus dias de tranquilidade.

— Uau, temos de sair incrivelmente cedo — observou Hiero ao sairmos pelo portão. O sol mal aparecia por entre as nuvens acinzentadas e os postes na rua quase deserta ainda estavam acesos.

— É o melhor horário se não quisermos ser esmagados no metrô como sardinhas enlatadas — falei, esforçando-me para soar legal e engraçada. *Se bem que gostaria de ver sua cara de desespero em um momento como esses, há há há.*

— Mas tem um lado bom, já que o clima agora é bem ameno. Os raios solares me agridem bastante.

Parando para pensar, Hiero bem que podia ser um vampiro. Sua pele era tão pálida que eu até podia ver algumas pequenas veias azuladas nas costas das suas mãos.

— É um verdadeiro inferno ter pele e olhos claros — continuou. — O cuidado deve ser redobrado com toneladas de protetor solar. Muitas vezes preciso usar sombrinhas e óculos escuros.

— Mas você não vem de Fortaleza? Não vou mentir que imaginei você no estilo surfista bronzeado. Sabe, todo dia uma praia diferente.

O rapaz sorriu, exibindo dentes brancos perfeitamente alinhados.

— O máximo que eu ficaria era vermelho como uma lagosta. Até nisso a genética não me favoreceu.

— Mas aposto que *essa* genética faz muito sucesso com as garotas — Sorri jogando charme, já colocando o meu plano em ação.

Hiero olhou para o outro lado, mas eu podia jurar que vi suas bochechas coradas.

Eu estava lidando com vários sentimentos conflitantes ao fazer esse tipo de jogo. Veja se você consegue me entender: imagine que você está do lado de uma pessoa que detesta, mas deve agir igual à Madre Teresa de Calcutá o tempo inteiro, e ainda por cima, tentar impressionar um pouco. Cansativo, não? Pois é, até chegar em minha sala, eu já me sentia exausta até os ossos.

Isso só passou quando abri a porta e vi Mima e Dahlia conversando animadamente num canto. Sorri com alegria genuína. Cheguei por trás delas sem que percebessem e as abracei, enlaçando cada braço em redor dos dois ombros. Elas se viraram surpresas.

— Bea! — exclamaram juntas, sorrindo.

— Ainda bem que você também ficou nesta turma! Assim passaremos mais um ano juntas, não é o máximo? — Mima dava pulinhos e Dahlia concordava, batendo palminhas silenciosas.

Um ano atrás eu repetia a mesma cena, mas não havia nenhum rosto conhecido para me recepcionar. Fiquei muito feliz de esta vez ser diferente!

Não sei se é isso o que você está pensando, mas não, nós não éramos parecidas em nada com o típico trio de amigas patricinhas irritantes desses filmes de colegial como "O Diário da Princesa". Mesmo sendo popular por causa do meu "ritual", este não era meu principal objetivo. E meu treinamento pessoal não permitia ser legal e gentil com apenas um grupo seleta, e sim com todo mundo. Ainda assim eu preferia ter amizades com outras garotas interessantes, divertidas e com mais que dois neurônios no cérebro.

Logo de cara me identifiquei com Jemima (mas ela gosta de ser chamada apenas de Mima). Ela costumava ter o cabelo pintado com várias mechas coloridas, parecendo o arco íris. Reparei que algumas vezes ela lia quadrinhos e revistas *teen* por entre os livros e então soube que nos daríamos muito bem. Não demorou muito para começarmos a trocar figurinhas e juntar nossas carteiras.

Já a amizade com Dahlia veio um pouquinho depois. Desde o primeiro dia ela já sentava atrás de mim, mas como era caladinha, acabamos nos falando poucas vezes. Em vez de revistas, ela passava a maior parte do tempo lendo romances de todo tipo. Um dia, eu e Mima conversávamos sobre filmes durante as trocas de professor, e percebi que Dahlia acendeu o radar quando mencionamos "Um Amor para Recordar". Então acabei a incluindo na conversa e depois não paramos mais. Descobri que era tímida para se entrosar, mas com o tempo se soltava.

Incrível pensar como, em pouco tempo, nós nos tornamos inseparáveis.

Nós gostávamos de maquiagem, bandas da moda, filmes melosos e garotos bonitos, mas não nos achávamos "as rainhas da cocada preta" e nem maltratávamos ninguém. Acho que essas qualidades nos faziam ainda mais populares do que se a gente se fechasse numa panelinha.

— Amiga, estávamos comentando como este ano vai *bom-bar* — Mima continuava a falar pelos cotovelos, como de costume — Só lá no pátio contei uns... cinco, não, uns seis colírios maravilhosos, de abalar! E teve um que... — Ela fez um sinal para que a gente se aproximasse e segredou: — Alto, olhos azuis, rosto perfeito... parece até um *deus grego*!

Enquanto Dahlia suprimia um gritinho por entre as mãos, meu sorriso se desmanchou. Neste momento, a porta da sala se abriu novamente.

— Olha, é ele! — Mima gritou num sussurro.

Ahhhh não. Hiero também tinha caído na nossa turma!

Tive a impressão de que os olhos de todas as garotas da classe brilharam ao vê-lo entrar. Ele acabou se sentando na fileira paralela à minha, uma carteira para frente. Quando terminou de arrumar suas coisas, observou toda a sala vagarosamente e seu olhar acabou parando em mim. Ele deu um leve sorriso e acenou discretamente.

— Ué, vocês se conhecem? — Dahlia franziu as sobrancelhas e Mima virou dois olhos arregalados para mim.

Droga! Eu havia me esquecido de algo muito importante!

— Não, eu só disse onde ficava a sala — inventei de última hora. — Ele quem perguntou.

— Humm... — As duas se entreolharam. Acho que queriam fazer mais perguntas, mas fui salva pelo professor que acabara de entrar.

Como eu já esperava, Hiero com certeza viraria a sensação do segundo ano, e as meninas não o deixariam em paz. Mal deu o sinal do intervalo, elas vieram atrás dele no pátio como formigas sedentas ao pote de açúcar, investigando-o com um monte de perguntas. (Para ser justa, havia alguns

rapazes também). Acho que as motivações deles envolviam um misto de interesse romântico e interesses próprios — tipo tentar uma amizade para conseguir popularidade por associação, se é que você me entende.

A cara que o pobre fazia era cômica demais: ele parecia mais perdido que cego em tiroteiro. Franzia o nariz, arqueava as sobrancelhas, tentando acompanhar todas as conversas ao mesmo tempo. Eu me divertia, observando-o de longe enquanto acompanhava minhas duas amigas à lanchonete.

De repente, um rapaz magricela apareceu no meio deles e puxou Hiero pelos ombros numa espécie de chave-de-braço. — Amigo! — o menino gritou — estava te procurando por todo canto! — E começou a puxá-lo para fora daquela situação constrangedora.

Ambos vieram em nossa direção, andando como se fossem mesmo muito chegados.

— E aí, como me saí? — o magricela piscou.

Hiero segurou o peito e sorriu em alívio. — Você realmente me salvou. Achei que iriam me comer vivo!

Mima e Dahlia, já percebendo a aproximação, chegaram junto.

— Não se preocupe, eles só gostam de bem-passado — Mima sorriu travessamente. — Sou Jemima, mas pode chamar só de Mima mesmo. — Ela estendeu a mão para Hiero num cumprimento. Mas antes que ele pudesse tocá-la, o magrelo enlaçou a moça esbelta pela cintura e a puxou para si.

— Melhor cuidar ou então ficarei com ciúmes! Tem que pedir minha permissão. — E virou-se para Mima fazendo uma careta boba.

— Sai, garoto! — ela protestou, dando-lhe uma cotovelada nas costelas. — Que *mané* permissão o quê. Você não é meu pai!

— Mas eu sou seu irmão mais velho.

— Por *três minutos!* — Ela mostrou-lhe a língua. E virando-se para Hiero (que se divertia), remendou: — Não liga para esse tapado. Ele só fala besteira.

— Tadeu, a seu dispor. — o magrelo fez uma reverência cômica. Apontou para Mima: — Cuidado com ela. Conhece a frase "fofa, mas psicótica"? Então...

— Já que todo mundo está se apresentando, Dahlia, prazer— a garota negra de lindos olhos amendoados disse timidamente. — É, depois de um tempo você se acostuma com esses dois.

— Então... Minha vez? Eu sou o Hiero. E... bem... é isso.

Mesmo com o sorriso tímido, ele parecia bem confortável.

Então todo mundo olhou para mim como se estivessem esperando algo.

— Ah! Eu... *erm...* — Sorri sem graça. — Eu sou a Beatrice.

— Eu sei. — Hiero disse sem sorrir, seus olhos em enigmas. — Nós já nos conh...

Meu Deus! Nãooo!

—... Nos apresentamos mais cedo! — gritei em sua frente mais que depressa. — E que tal irmos logo comprar algo? Estou com uma fome, *hmmm...*

Para meu alívio, parece que ninguém percebeu e foram se juntar à fila da lanchonete. Tadeu correu na frente e provocou a irmã com algo bobo e então eles começaram as suas típicas e engraçadas briguinhas de irmãos. Dahlia se acabava de rir. Aproveitei a distração deles e me aproximei de Hiero o suficiente para sussurrar em seu ouvido:

— Finja que vai ao banheiro, mas me encontre na biblioteca.

Ele me olhou como se não estivesse entendendo e eu reiterei a súplica com os olhos. A minha vontade era de revirá-los, mas me controlei ao máximo.



Uma coisa era verdade: eu conseguia mentir muito bem. Sentia uma pontada de remorso em fazer isso com minhas amigas, mas em assuntos urgentes, era inevitável (que os céus me perdoem!). Inventei uma desculpa para sair do lado delas e corri para a biblioteca. Pensei que chegaria rápido, mas não contava com tanta gente tentando puxar assunto ao longo do caminho. Isso me fez perder, segundo os meus cálculos, uns cinco minutos a cada trinta metros.

— Bea! — uma garota com feições asiáticas chamou. Qual era o nome dela mesmo? — Deixa eu te apresentar para as meninas!

Mesmo apressada, sorri e tentei encontrar uma qualidade visível em cada uma das garotas para elogiar. Aprendi que as pessoas tendem a ter uma boa primeira impressão sua se você as fizer sentirem-se aceitas. E qual outra melhor maneira a não ser elogiando?

— Que sandália fofa — eu dizia, ou: — Que lindo o seu penteado! Onde você comprou todos esses *tic-tacs*?

E muitas vezes, uma delas dizia:

— Eu não disse que ela era legal? — E as outras concordaram.

Um sentimento bom inflava o meu peito. Eu adorava ser admirada e estar num pedestal. Ser popular era demais.

Oh! É mesmo. Agora eu precisava focar na biblioteca, antes que o sinal tocasse.

Quando cheguei, Hiero já se encontrava lá, bisbilhotando alguns livros na primeira seção. Certifiquei-me de que ninguém estava olhando e fiz um sinal discreto para que ele me seguisse a um corredor de estantes no final da alongada sala. Eu já passei por situações difíceis de segurar a vontade de surtar em público, mas acredite, ali eu estava *quase* no limite.

"Se controle... ou vai estragar tudo!" disse para mim mesma e botei um sorriso colgate no rosto ao me virar para falar com ele.

— Hiero... — Fiz uma pausa e limpei a garganta. — Bem, sabe... eu sei que é chato mentir e tudo o mais, mas... por favor, você não poderia fazer isso só uma vez, *hm*? — implorei com um beicinho e olhinhos brilhantes capazes de derreter até o coração mais gelado.

— Sobre o que estamos falando? — ele também sussurrava. — É sobre morarmos juntos ou de já nos conhecermos faz tempo?

Espionei nos cantos para ver se vinha alguém.

— Ai, os dois! — Eu tremia de nervosismo, mas ainda tinha o sorriso pregado na cara. — Não conte a ninguém que moramos juntos e *nem* que já nos conhecemos. Ah! E se perguntarem do porquê de chegarmos juntos na escola, diga... diga que moramos para o mesmo lado. Ou, sei lá, que é só uma coincidência. Você pode fazer isso?

Ele coçou o cabelo, como se estivesse pensando.

— Sabe... eu não gosto muito deste tipo de coisa — falou finalmente.

— Olhe, se descobrirem não serei só eu a prejudicada! O que falarão de nós?! *Por favooor*, só desta vez.

Ele ficou outros segundos em silêncio. Depois fez um sinal de acordo com a cabeça, derrotado.

Suspirei aliviada.

— Vai primeiro, depois eu vou.

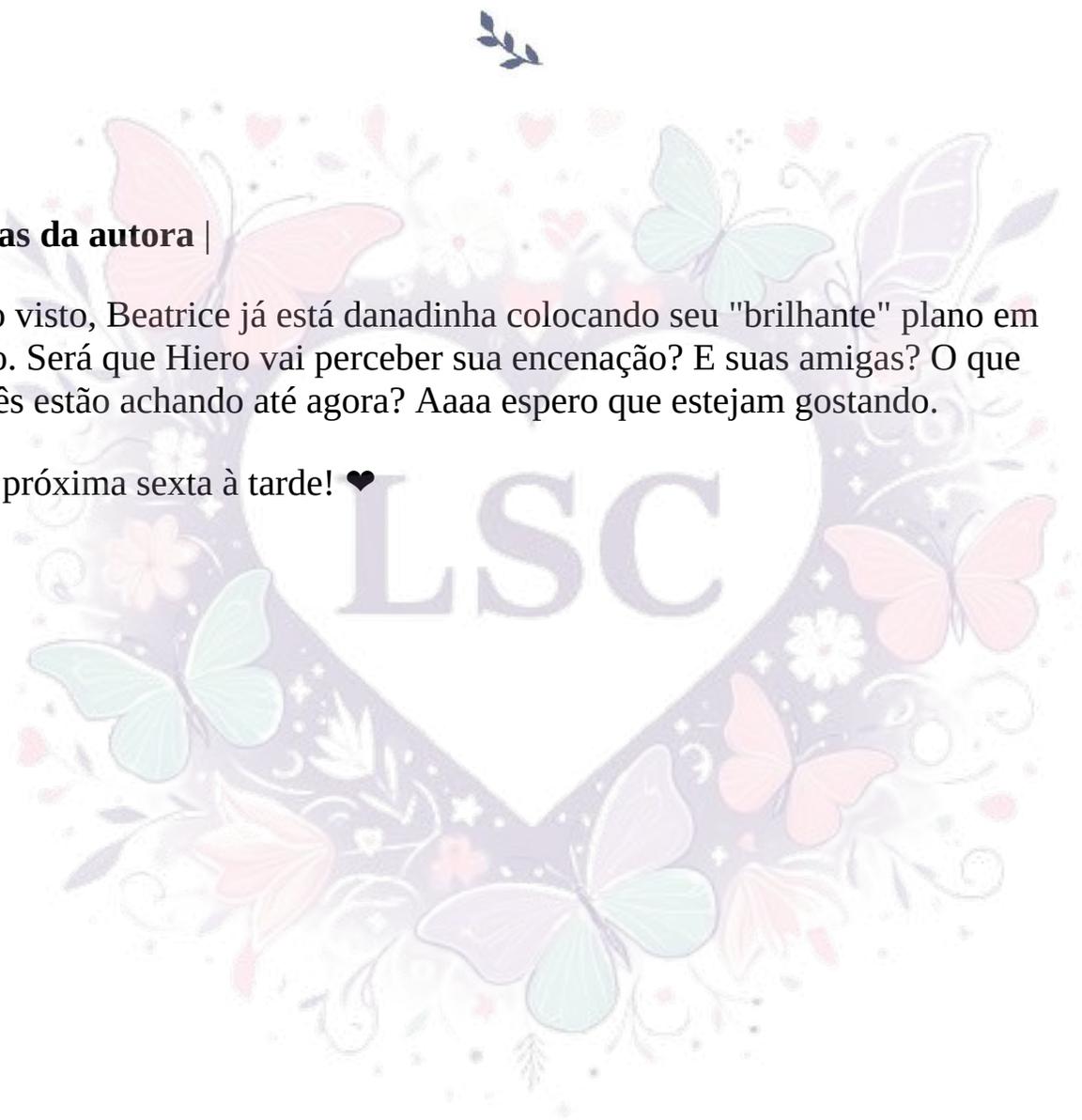
Depois que ele saiu, fingi que escolhia algum livro para não dar muito na cara. Estava aguardando alguns segundos para sair, quando de repente ouvi um barulho na fileira paralela a que eu estava. Com o coração aos pulos, contornei minha seção para a próxima. Não vi ninguém.

Será que foi algo só da minha cabeça? Era possível... mas então como explicar a sensação de estar sendo observada...?

Notas da autora |

Pelo visto, Beatrice já está danadinha colocando seu "brilhante" plano em ação. Será que Hiero vai perceber sua encenação? E suas amigas? O que vocês estão achando até agora? Aaaa espero que estejam gostando.

Até próxima sexta à tarde! ♥





@suspensa / haese

Se você gostou, por favor, dê uma estrelinha e ajude a autora com pelo menos um comentário! Assim o livro ficará visível para mais pessoas! ♥

Obrigada por ler minha história até aqui!



4.



ESTUDAR NO SAINT LOUIS ERA como viver preso em um paradoxo: a qualidade da infraestrutura e das atividades parecia o paraíso, mas a quantidade absurda de tarefas e avaliações fazia a gente se sentir no inferno, tendo os próprios professores como nossos carrascos. Eles nem mesmo pegaram leve por ser início de ano letivo e já passaram trabalhos o suficiente para até o fim do carnaval!

Eu meio que já estava acostumada com o ritmo frenético dos estudos, mas, de vez em quando, simplesmente queria rasgar meus cadernos e entupir a privada com as páginas. No entanto, com Hiero em casa, eu tinha de me controlar para não *dar a louca*.

Aliás, havia muitas outras coisas rotineiras que eu me sentia inibida de fazer por causa da presença dele. Como por exemplo, sair do quarto de *baby-doll* ou com máscara de beleza no rosto (e sem maquiagem então, nem pensar!); beber o resto de refrigerante no gargalo; deitar-me espalhafatosamente no sofá para ver televisão enquanto destroçava de forma super "delicada" um pacote de *Doritos*; e por aí vai.

Mas a peça da vida mudara, e meu papel agora era o da "moça-comportada-de-família". Eu me impressionava tanto com minhas habilidades que até cheguei a considerar em seguir a carreira de atriz.

— *Ugh*, você me dá arrepios — Bruno esfregou os braços como se estivesse se tremendo de frio após eu gentilmente me oferecer para lavar a louça da janta em seu lugar. — Tomara que esta doença mental não seja de família!

— Que isso, bobinho! — Sorri candidamente. — Tenho lido muito Jean-Paul Sartre. "Não fazemos o que queremos e, no entanto, somos responsáveis pelo que somos: eis a verdade". É uma boa meditação. — Pisquei um olho.

Ele olhou para mim como se eu fosse um alienígena.

— Ah, *Beaaa*, lava pra mim também... — Mikhael choramingou enquanto ele e Hiero colocavam os pratos e travessas na pia. — Aliás, você tá tão boazinha nestes dias... Nem briga mais comigo...

A vontade era de dar um cascudo naquele cabelo arrepiado.

— Oras, mas eu sempre fui legal assim, *Mikhelzinho*. — Minhas palavras saíam adornadas de flores.

— Eu hein, credo, pirou na batatinha foi? Desde quando...

— Vá assistir televisão com o Bruno, vai. — Eu o empurrei para fora da cozinha. — E só vou lavar na sua vez se suas notas saírem da média. Então é melhor largar o *Game Boy* e começar a estudar, mocinho!

O pirralho me deu a língua e saiu correndo para a sala.

Voltei com um sorriso angelical (embora a vontade fosse de também dar a língua), torcendo para que Hiero fosse desligado o suficiente para pescar algo.

— Posso ajudar em alguma coisa? — ele perguntou educadamente.

Confesso que as duas semanas passadas revelaram um Hiero muito diferente daquele em minha imaginação. Até agora, tinha se mostrado prestativo e responsável, sem querer invadir a privacidade da nossa família. Também não me tratara mal ou revelara nosso segredo ao pessoal da escola.

Ainda assim, às vezes eu podia perceber uma aura muito *estranha* emanando dele.

Por experiência própria: ninguém é tão perfeitinho assim. Pode ter certeza de que, em algum lugar, existia um monstrinho escondido atrás daqueles olhos azuis, esperando o momento certo de dar o bote. Só de pensar nisso, eu sentia aquele famoso "frio na espinha".

Enfim, o tempo mostraria se eu estava errada ou não em minhas suposições. E até lá, gostaria de tê-lo bem na palma das minhas mãos.

— Pode ir enxaguando, se não tiver problema.

A pia da cozinha era de duas cubas de inox, então a tarefa exigia que ficássemos próximos. Tão próximos que, de vez em quando, nossos braços acabavam roçando um no outro. Eu tinha plena consciência disso, apesar do constrangimento. Pelas dicas de sedução das minhas revistas favoritas, mostrar um pouco de pele e manter breves toques físicos ajudam a acender "uma faísca".

Daquela distância, eu também podia sentir seu cheiro — um delicioso perfume de frutas cítricas misturado a ervas frescas.

— Como está indo a adaptação com o colégio? — perguntei enquanto esfregava a parte amarela nos pratos de porcelana, fingindo-me interessada.

— Bem melhor que eu esperava — respondeu. — Eu já estava acostumado a estudar muito, principalmente por causa da prova para a bolsa. Então basta seguir o ritmo.

Hmp! O idiota acha que estudar é uma coisa boa?

— E sobre o pessoal? Sabe, o Tadeu, a Mima e a Dahlia...?

Ele sorriu.

— Eles são muito legais. Fico feliz em terem vindo falar comigo. Em Fortaleza eu não tinha tantos amigos... Os garotos da minha turma se preocupavam mais em farrear e acabavam me recriminando por levar os

estudos tão a sério. Não sei, mas tive a impressão de que aqui posso ser aceito *por quem eu sou*.

As suas últimas palavras saíram com tanta ênfase que eu quase achei que ele não era *tão* desligado assim. Eu sentia seu olhar me atingindo como dois raios *laser* e num relance, deixei o copo ensaboado cair de volta na pia. Mesmo na pouca distância, ele acabou se quebrando em duas partes.

— Está tudo bem? — Sua voz parecia preocupada.

— Sim, só escorregou... *ops*. — Vi uma bolha vermelha se formar no meu dedão quando tentei tirar o pedaço de vidro em meio à espuma.

— Espera, não toque em mais nada. Eu vou buscar um *band-aid*.

Ele voltou num instante depois com uma latinha de metal.

— Não precisa — sorri embaraçada. — A gente pode estancar o sangue assim, ó — E coloquei o dedo na boca.

Novamente vi aquele seu sorriso discreto no canto dos seus lábios. Gentilmente tomou o meu pulso e soprou no ferimento. Enquanto fazia isso, senti meu coração disparar, e não pude deixar de reparar em quão longo seus cílios eram.

Depois, grudou o curativo em torno do dedão com bastante cuidado.

Naquele momento, eu não sabia o porquê, mas um pensamento muito maluco me passou pela cabeça: talvez, *só talvez* Bruno estivesse certo. Talvez Hiero não fosse aquele mesmo garoto que me causou tanto sofrimento no passado e não havia motivos para odiá-lo tanto, nem continuar com aqueles joguinhos.

Enquanto tudo isso fritava o meu cérebro, Hiero falou com aquele tom de chocolate ao leite, ainda segurando meu pulso em sua mão quente:

— Beatrice... É... eu sei que aconteceram algumas coisas no passado; coisas desconfortáveis, mas... se for possível para você... gostaria de ser seu amigo também.

Pronto, agora minha mente entrava em curto-circuito.

Não consegui responder nada, nem atuar uma reação encantadora como queria. Só mordi o lábio inferior enquanto olhava para o chão, tentando evitar ao máximo que as lágrimas se formassem em meus olhos.

Como antes ele não mencionara nada sobre aqueles acontecimentos, eu presumia que ele havia se esquecido. *Mas não*. E o pior, em nenhum momento ele fez menção de se explicar ou até mesmo de pedir desculpas! Aquele seu pedido, para mim, pareceu mais como uma tentativa de jogar tudo para debaixo do tapete e fingir que nada aconteceu. E isso doía demais.

Engoli o choro. Uma enorme bola ficou entalada na minha garganta. Hiero encurvou-se um pouco para ver melhor meu rosto, mas eu o virei em um impulso.

— Desculpe! Falei algo que não devia? — Sua voz parecia desanimada, mas tinha a mesma suavidade de quando tentamos acalmar uma criança emburrada.

— Não... É que... Está doendo. — menti para disfarçar.

Ele soltou meu pulso delicadamente e se virou para a pia.

— Bem, então pode deixar que eu termino a louça.

Acabei voltando ao meu quarto sem outra palavra, ainda mais convicta e confiante do meu plano.

Dizem que, no Brasil, o ano só começa mesmo depois do carnaval. E mesmo em nossa prestigiada escola, isso não parecia ser muito diferente: algumas carteiras vazias nas salas denunciavam os alunos que (provavelmente) ainda não haviam chegado das férias. Quase toda minha

sala era constituída por colegas do ano anterior, embora alguns, ao que tudo indica, trocaram de colégio.

No intervalo, estávamos tentando nos lembrar de quem sentíamos a falta. Eu, Dahlia e Tadeu falávamos os nomes dos fulanos e os incluíamos em uma contagem de dedos. Ao nosso lado, Hiero parecia entretido em algum livro e Mima tentava descobrir furtivamente qual era a leitura.

— Tem o Danny-boy, o cara da *ushanka*. — Dahlia levantou mais um dedo. E já rindo, completou: — Vocês se lembram de quando ele e o Marcel correram atrás da *Vampeta* com o extintor de incêndio?

Um riso explodiu na minha garganta, fazendo com que a Coca que eu sorvia pelo canudinho formasse bolhas em meu nariz, deixando-o ardido. Tadeu cuspiu um pedaço do seu sanduíche de atum e tentou não morrer engasgado enquanto gargalhava descontroladamente.

— O que é tão engraçado? — Hiero perguntou rindo como se antenas estivessem nascendo em nossas cabeças.

— É que... é que uma vez apareceu um tipo de gambá aqui. — Mima controlava-se para conseguir pronunciar as palavras direito em meio a risos. — Ela tinha até feito uma toca e tudo o mais, e os alunos apelidaram o bicho de *Vampeta*. Daí os "bravos" — risada — "guerreiros" tentaram salvar o dia: correram atrás dela com o extintor de incêndio e até conseguiram encurralar a criatura, mas... ela acabou dando um "banho" neles!

Hiero apertou os olhos com nojo e riu, já entendendo tudo.

— O cheiro não saiu mesmo depois dos dois dias de advertência — completou Tadeu.

— Não à toa eles saíram do colégio — observou Dahlia. — Afinal, arrancar o extintor sem razão é um tipo de vandalismo.

— Ufa! — Enxuguei as lágrimas. — Ah! Eu me lembrei da Karina! Eu ainda não a vi pelo colégio.

— É mesmo? — Tadeu franziu as sobrancelhas. Depois deu de ombros. — Ela está na minha sala. Bem, talvez você não conseguiu reconhecer porque ela está bem diferente, sei lá. Eita, falando no *diabo*... — Ele discretamente fez sinal com a cabeça em direção a uma moça passeando com outras alunas perto do bebedouro. Estreitei os olhos. Aquela era mesmo a tímida Karina dos óculos de aros grossos e cabelos crespos cheios de cliques coloridos?

— Não pode ser — Virei-me para ele com espanto.

— O mundo dá voltas, não é mesmo? — riu.

Olhei para Hiero de canto dos olhos. *Ô se dá!*

— Antes ela até parecia até a outra versão da "Betty, a feia".

— Tadeu! — Dahlia deu-lhe um peteleco. Ele revirou os olhos como se não tivesse falado nada de mais.

Sem conseguir conter minha curiosidade, dei a desculpa de jogar a latinha de refrigerante no lixo e fui como quem não quer nada para o bebedouro. Quando se deram conta da minha presença, Karina e suas amigas (provavelmente alunas novas) pararam de conversar alto e passaram a sorrir com os olhos.

Tive de atuar normalmente, embora estivesse bem impressionada (e até incomodada) com a transformação da garota de pele caramelo. Ela havia pranchado os cabelos castanhos, deixando-os lisos, e cortou-os curtos com uma franja. Como os meus. Com certeza havia comprado lentes de contato para substituir as fundo-de-garrafa que costumava usar; e junto com a maquiagem, destacava seus olhos castanhos. Ela perdeu vários quilos, e suas pernas pareciam mais longas. Ela começou a usar meias $\frac{3}{4}$ customizadas com lacinhas e rendas. Como eu. No pulso, duas pulseiras com vários berloques fofos. Advinha como quem? Isso mesmo, *como eu*.

Era errado eu começar a achar aquilo tudo muito mais que uma *mera* coincidência?

— Oi Karina! — sorri com doçura. — Que legal te encontrar por aqui. Adorei o visual.

— Jura? — Ela passou as mãos nos cabelos, exibindo as unhas perfeitamente manicuradas. — Pensei que talvez ficasse chateada, mas não pense em nada estranho. Sabe o Rodrigo Cintra? Ele agora é meu estilista, e me recomendou este corte. Disse que realça o meu tipo de rosto.

Continuei com aquele sorriso plastificado igual ao da boneca Barbie.

— Chateada? Não, nem pense nisso — menti. — Ficou muito bom mesmo, parabéns.

— Obrigada. — Ela se virou deliciada e não me deu mais atenção.

Mas...

Mas que *droga* foi aquela?

Outras meninas já apareceram com alguns acessórios parecidos com os meus e eu nunca me importara antes... eu não sei, parecia diferente. Era como se repetissem por me acharem legal e gostassem de mim. Só que desta vez, senti uma espécie de *desafio* no ar; uma provocação, uma vibração negativa. Parecia que ela tinha feito aquilo com o objetivo de me atingir.

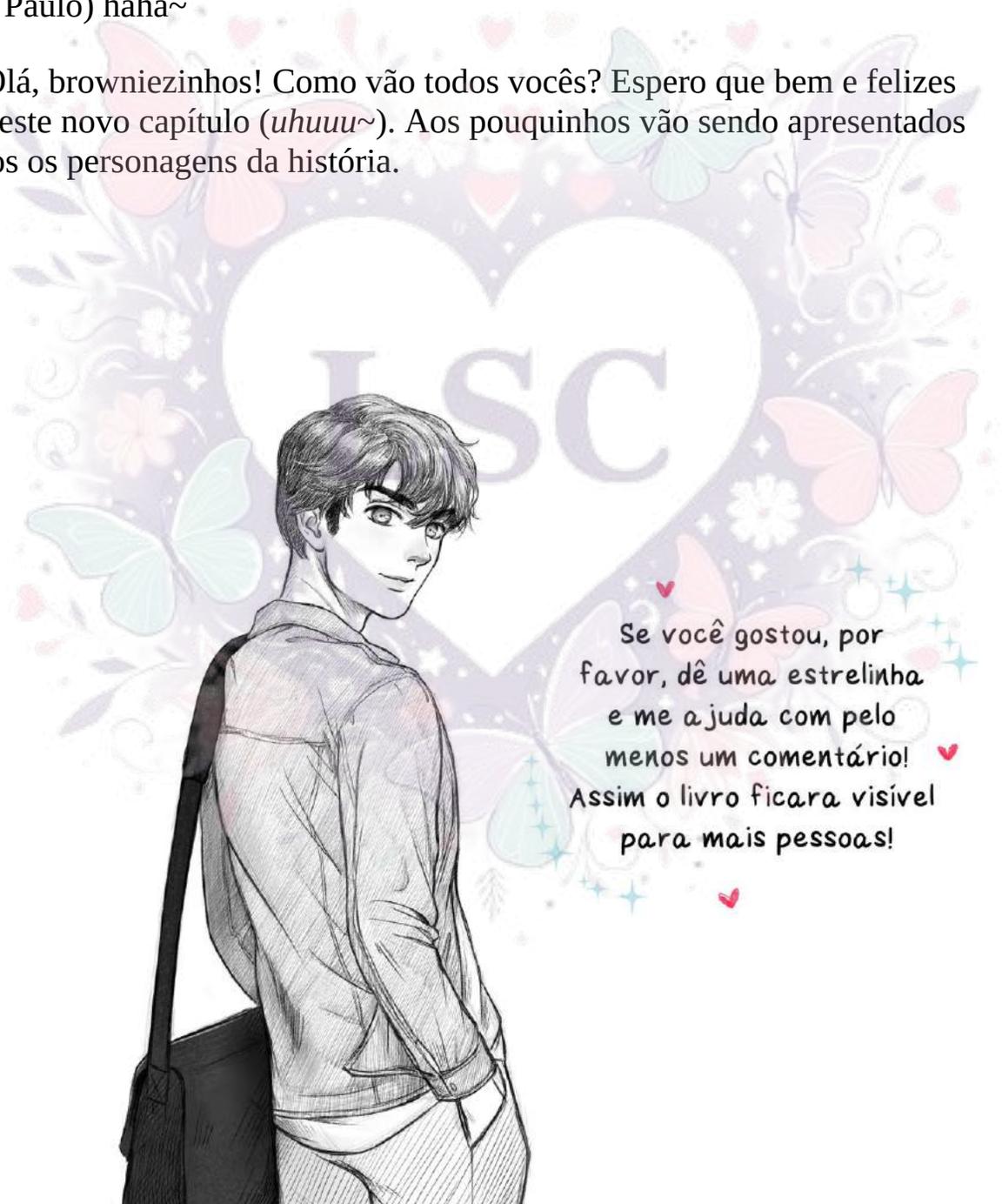
E, acredite, o sentimento era péssimo.

Notas da autora |

Ushanka: é uma espécie de chapéu típico da Rússia, usado especialmente para proteção da cabeça durante o rígido inverno. Numa tradução literal em russo, *ushanka* seria algo como "*chapéu com orelhas*".

Informação nada-importante: O Danny-boy comentado na história é 100% inspirado num rapaz que estudou comigo no primeiro ano (desde o nome até o jeito brincalhão. Ele também só usava *ushanka* no inverno de São Paulo) haha~

♥ Olá, browniezinhos! Como vão todos vocês? Espero que bem e felizes por este novo capítulo (*uhuuu~*). Aos pouquinhos vão sendo apresentados todos os personagens da história.



Se você gostou, por favor, dê uma estrelinha e me ajuda com pelo menos um comentário! Assim o livro ficara visível para mais pessoas!

Eu ganhei uma mochila-pasta assim, era ostentação nos anos 2000. Mas juro que foi a pior mochila que tive... Desculpa Hiero

@suspense / thaece



✿ Ele costuma ir para o colégio de jaqueta jeans, para proteger a pele do sol (eu acabei nem comentando)

✿ Esses tênis da Nike nem existem 🙄🙄 (desculpem pela preguiça de procurar referência)

5.



ACABAMOS PASSANDO O FERIADO de carnaval enfurnados dentro de casa. Não que minha família não gosta de viajar, mas uma série de fatores contribuiu para que nenhum dos nossos planos desse certo: papai disse que tinha milhares de planilhas para revisar; choveu a maior parte do tempo; e ainda por cima, mamãe e Bruno pegaram uma gripe horrível e precisaram ir ao hospital para tomar antibióticos.

Eu bem que poderia viajar para algum lugar com minhas amigas, mas *de novo*, fora de cogitação. A família de Mima e Tadeu foram para a Disney em comemoração (com quase um ano de atraso) aos quinze anos dos gêmeos, e Dahlia foi a um retiro espiritual de sua igreja. Ela até me convidou, mas nunca fui muito fã de acampamentos. Eu tenho pavor de barracas, principalmente daquelas estacas pontiagudas! E com as chuvas então... Foi lamentável, depois, ouvir o relato de como ela passara grandes apuros tentando salvar seus pertences da lama.

A nossa casa parecia abandonada, com mamãe e Bruno de cama, Hiero e Mikhel sem quase saírem do quarto e meu pai o tempo inteiro em seu escritório. Bem, pelo menos eu tinha a televisão e toda a série de *Friends* somente para mim.

Enfim, os céus só resolveram abençoar o tempo na quarta-feira de cinzas, quando eu já não aguentava mais ficar morgada no sofá ou na cama. Estava doida para ir ao cinema, visitar algumas lojas e comer aqueles lanches gordurosos do McDonald's.

— Mas só pode sair se levar o Mikhel junto — mamãe decretou. Ainda que ela estivesse na cama e sua voz, fraca por causa da doença, eu sabia que aquela seria a última palavra.

— Ah não, *mãeee...* — fiz voz manhosa. — O Mikhel não vai me deixar ir nas lojas que eu quero, só vai querer saber do fliperama. Quero ir sozinha, *por favorzinho*. — Ajoelhei-me ao lado da cama e peguei sua mão febril numa súplica.

Mas eu sabia que era inútil. Mikhel já estava se arrumando todo animado.

Que ótimo! Por que sempre que eu faço planos, sempre tem algo para me atrapalhar? Massageei as têmporas com os indicadores, numa tentativa de acalmar meus nervos. *Ei, mas espere aí!* E se Hiero pudesse ir junto? Talvez ele cuidasse do pirralho enquanto eu passeava, e se houvesse uma oportunidade, eu ainda poderia investir com meu charme. Parando para pensar, até era melhor assim.

Fui até a cozinha. Hiero tomava água num copo de vidro, junto ao bebedouro. Aproximei-me dele como quem não quer nada. Mesmo sendo um convite totalmente interesseiro, tive de inspirar profundamente para acalmar meu nervosismo e perguntar:

— O que você acha de ir ao shopping comigo? Ou melhor, *com a gente* — emendei mais que depressa. — É bom conhecer mais um pouco da cidade, não acha?

Ele me olhou e enquanto demorava a responder, meu rosto doía com os músculos parados no mesmo sorriso.

— Hum... tudo bem.

— Que bom! — fingi. — Saímos em uma hora.

Corri ao meu quarto para me produzir meticulosamente. Caprichei na maquiagem e no perfume. Vesti uma blusa ciganinha rendada, saia plissada e salto plataforma. Olhei para o espelho com tanto orgulho quanto um artista para com sua obra de arte.

Finalmente desci as escadas para encontrá-los.

— Até que enfim! Eu já ia fazer cem anos! — alfinetou Mikhel do sofá.

Eu estava tão habituada a ver Hiero em roupas casuais que, quando ele se levantou da poltrona de couro da sala, tudo o que eu pensei foi: *Oh, meu Deus*. Na verdade, ele estava bem modesto, vestindo peças simples — calça chino justa, blusa de algodão e *oxford* de couro. Mas combinavam muito com ele e o deixavam elegante e sofisticado. Confesso que gostava muito daquele estilo, diferente daquele estilo dos outros caras que andavam com calças jeans largas iguais a balões, caindo e mostrando pedaço da cueca.

Hiero, como da primeira vez que nos vimos, se portava como um verdadeiro cavalheiro.

— E então, vamos? — ele sorriu.

Descemos do ônibus em uma das paradas em frente ao Morumbi Shopping. Grandes palmeiras e coqueiros enfeitavam o jardim da entrada. O lugar era majestoso e muito bem iluminado. A pele e detalhes em vidro na fachada davam requintes de modernidade, no estilo do novo século. Aquele era o *point* favorito dos filhinhos de papai com os bolsos lotados e cabeças vazias. Parece que quando adolescentes em pleno conflito existencial se juntam no mesmo lugar, todos parecem competir para ver quem chama mais atenção.

Vendo que Hiero atraía os olhares de muitas moças bem vestidas, resolvi provocá-las um pouco. Cheguei bem perto dele e puxei um assunto qualquer.

— Pena que você não veio aqui no Natal. Estava todo decorado, cheio de luzes e estrelas. A árvore principal deveria ter mais de cinco metros. Era realmente lindo!

— É mesmo? — Ele parecia genuinamente interessado. — Vejo que conhece bem o lugar. Costuma vir bastante?

— Principalmente com o pessoal. Geralmente não compramos nada, gostamos mesmo é do cinema e das lanchonetes. Ah, e do sorvete italiano.

— Hm... — Ele pareceu distante por alguns instantes. — Para falar a verdade, faz uns seis anos que não venho a um lugar assim.

Eu estava prestes a comentar algo como "Seis anos sem cinema? Não brinca!", quando Mikhel cansou-se de ficar de lado e se meteu no meio de nós. Então começou a alugar o rapaz com uma conversa sobre jogos de *Game Boy* que só eles conheciam. Aquele pequeno traiçoeiro! Só não foi mais irritante que sua insistência em ver "Escola de Rock" quando fomos comprar ingressos. Eu, que na verdade estava doida para ver Lindsay Lohan em "Sexta-feira muito Louca", tive de ceder só para não vê-lo fazendo beicinho. Mikhel sabia agir como um bebê chorão quando queria (e eu ainda estava atuando o papel da "moça-comportada-de-família", se lembra?).

Antes do filme, comemos sanduíches com batatas fritas e *milk-shakes*, e então os meninos foram para o HotZone — o fliperama. Suspirei aliviada. Finalmente! Eu tinha cerca de uma hora para conferir as novidades na minha loja favorita, a Saraiva. Ali era como se fosse o paraíso: havia uma infinidade de livros, revistas e quadrinhos, além dos lançamentos mais quentes de CD's, VHS's e DVD's.

Lá também tinha, na parte dos CD's, um dispositivo que nos permitia ouvir o primeiro minuto de todas as faixas do álbum interessado. Dirigi-me então à seção de Rock Internacional. Eu era muito eclética em relação ao meu gosto musical e me considerava uma "pessoa de época": numa hora eu estava curtindo *pop* como *NSYNC; na outra, *pop rock* como Sixpence None the Richer; para então voltar aos clássicos dos anos 80 como a-ha e Michael Jackson. Bem, agora era a vez do *indie* e *rock* alternativo.

Fiquei escolhendo o que ouvir dentre as centenas de caixinhas finas de acrílico. Olhava se a capa me agradava e de vez em quando lia os encartes. Vários minutos haviam se passado, mas eu ainda estava terrivelmente indecisa!

— Já viu esse aqui? — Uma mão me estendeu um CD onde na capa se via uma guitarra abandonada em uma piscina velha e encardida. — *Switchfoot*. Eles são muito bons.

Peguei a embalagem e olhei para o rapaz ao meu lado. Ele era alto, mas não aparentava ter mais que 18 anos. Os cabelos loiros eram lisos e longos até a altura do pescoço. Seu queixo era meio quadrado, mas o rosto tinham traços suaves. Suas sobrancelhas eram escuras e os olhos, um caramelo-esverdeado tão intenso que me lembravam os de um gato selvagem.

Seu estilo era um tanto peculiar e parecia um pouco com aqueles *badboys* dos filmes adolescentes: o cara da jaqueta e pulseiras de couro, coturnos e tudo o mais. Eu podia apostar como gostava de motos, garotas e *rock'n'roll*.

— Eu não estava escolhendo para mim — menti, sentindo as bochechas queimarem. — É para meu irmão mais velho.

— É? — Ele arqueou as sobrancelhas. — Então tá... Mas, tipo, não tem nada de errado em meninas gostarem de *rock*.

Ele continuava a me estender o CD, insistindo para que eu o pegasse.

— Tá legal... — aceitei a oferta timidamente. Analisei o encarte. Não parecia ruim.

Dirigi-me ao reproduutor e coloquei os *headphones*. Fiquei impressionada com a qualidade assim que a primeira faixa começou a tocar e reconheci que o rapaz tinha mesmo um bom gosto. Só o preço não era muito amigável:

— São 36 reais e 25 centavos. — a mulher enrugada atrás do balcão anunciou com voz monótona.

— Só um minutinho. — Tirei minha bolsinha porta-moedas da minha mochila de couro e dei-lhe uma nota de 50 reais.

— Não teria um real e 25 centavos, moça? — Ela torceu a boca, impaciente.

Sorri amarelo e tentei buscar as moedas do fundo. Elas não queriam sair nem por decreto, então retirei meus documentos e os coloquei no balcão para facilitar a busca. A velha agora revirava os olhos, como se não fosse obrigação *dela* em me fornecer o troco certo!

— Precisa de ajuda por aí? — Ouvi a voz daquele mesmo rapaz atrás de mim. Uma voz firme e quente como a areia da praia em um dia de verão.

Olhei para trás — uma fila já estava se formando e ele era o próximo.

— Você teria uma nota de um real para me emprestar? — Eu estava mais sem graça que arroz sem sal ao perceber as caras irritadas dos outros clientes na fila.

— Pode deixar — ele respondeu gentilmente e tirou o valor do bolso.

Enquanto ele pagava suas próprias coisas, eu tentava reorganizar meus documentos de volta na bolsinha. Reparei que ele observou minha carteira de estudante ainda em cima do balcão com o canto dos olhos.

— Estuda no Saint Louis? — perguntou quando saiu do caixa. Andamos juntos rumo à saída.

— Ah! Sim, eu... estou no segundo ano.

— Hum... achei que já estivesse na faculdade. — observou com uma entonação de troça na voz.

— Como assim? Acha que eu tenho aparência mais velha?! — brinquei de estar ofendida.

Ele coçou a cabeça e olhou para cima, fingindo demência.

— Oh! O dia estava bonito hoje, não?

Revirei os olhos numa expressão travessa. Ele começou a rir, uma risada gostosa que me contagiou por completo.

De repente, me ocorreu que eu estava agindo com muita liberdade com aquele cara, o qual nem sabia o nome! Se mamãe descobrisse que violei a regrinha número um ao sair sozinha — não conversar com estranhos —, provavelmente nem sobraria uma unha minha para contar história.

— B-bem, obrigada pela recomendação... — Abaixei o olhar, subitamente encabulada. —... pelo dinheiro também.

— E como você pretende me devolver? — Sua voz soou séria, mas havia um meio sorriso em seus lábios.

Foi aí que eu percebi Mikhel distraído em meio às estantes de livros, e depois, Hiero parado na saída. Provavelmente estavam me esperando para irmos todos juntos para o cinema. Mas quanto tempo fazia desde que haviam chegado?

— É brincadeira — o rapaz falou assim que olhou na mesma direção que eu. — A gente se vê por aí, Beatrice. — Ele sorriu e foi andando sem olhar para trás.

Fiquei com o cérebro travado com alguns segundos de confusão, até conseguir raciocinar como ele sabia o meu nome.

E então, fiquei ainda mais confusa com o julgamento daqueles olhos azuis fixos em mim.



Notas da autora | Oiiii! Olha eu aqui de novo ♡ \ (¯▽¯) / ♡

***Fato curioso nada-importante:** Vocês sabiam que houve um massacre no Morumbi Shopping, um dos cenários da nossa história? O fato ocorreu em 3 de novembro de 1999, quando um estudante de medicina (24) matou 3 pessoas e feriu outras 4 a tiros em uma sala de cinema. Felizmente o autor do crime foi preso e hoje cumpre pena em um hospital psiquiátrico! Não sei se foi por causa do ocorrido, mas o Morumbi Shopping fechou suas três salas de cinema em 2012 para dar lugar a mais lojas.

Confesso que, mesmo já tendo visitado São Paulo várias vezes, eu nunca fui a este shopping. Você já foi? Se sim, conta para mim como é lá!

Agradeço sua presença desde já! Por favor, não esquece de **dar sua estrelinha** pra mostrar se está gostando da história ♡☘☘?

Bem, um abraço e nos vemos no próximo capítulo?

Beijinhos e queijinhos ♥

6.



NO DIA SEGUINTE, ANTES DA primeira aula, Mima e Dahlia pareciam mais empolgadas que a torcida brasileira quando Cafu ergueu a nossa taça pentacampeã na Copa passada. As duas não paravam de tagarelar, cada uma querendo contar como os últimos dias foram "absolutamente fantásticos".

— Aquele resort cinco estrelas da Disney era um *a-rra-so*! — Mima gesticulava excessivamente, mostrando as unhas postiças cheias de enfeites. — Ficava a poucos metros do parque, e era *all inclusive*. — ela enrolou a língua para pronunciar as palavras em seu inglês espalhafatoso. — Fiz a coisa certa em não escolher a festa, mas a viagem! Ah! Eu comprei um mooontão de coisas, e claro, uns presentinhos para vocês.

Ela tirou da bolsa uns chaveirinhos com a cara do rato mais famoso do mundo, bem como tiaras de orelhinhas com um lacinho vermelho, uma para cada. Peguei os objetos com desgosto, mas estiquei os lábios de ponta a ponta só para agradar minha amiga. Ah, qual é! Aposto que até você está sentindo um pouco de inveja. Imagine eu, que passei o feriado inteiro no completo tédio!

— Calma, antes que a Mima não dê outra folga, *preciso* contar para vocês
— Dahlia fez um gesto para nos aproximarmos e assim, quase encostamos

nossas cabeças. Em tom de segredo, ela disse: — Eu... — E conteve um gritinho — Eu tô namorando!

Mima só faltou cair da cadeira. Ela balançou as mãos animadamente enquanto batia os pés de ansiedade. — Conta, conta, conta *tu-do!*

Eu fiz um esforço para não deixar a boca escancarada, e bati palminhas silenciosas, compartilhando da mesma euforia. Era a primeira vez que uma de nós arranjava um namorado, proeza que instantaneamente colocou Dahlia, em nossas cabeças, no mais alto grau de respeito.

— O acampamento foi um completo desastre, mas só por causa disso eu encontrei... *ou melhor*, ele me encontrou... — A garota colocou as mãos no coração. E então continuou: — O nome dele é Cristian.

— E como ele é? — disparei.

— É moreno, alto... Vou trazer minha câmera, e aí mostro pra vocês. Tiramos muitas fotos. — Ela suspirou. — Lembra que eu disse sobre o aguaceiro? Sujou quase todas as minhas coisas, mas ele foi o único que foi ver se eu precisava de ajuda. Ele me emprestou a barraca dele e foi dormir com uns amigos, dá para acreditar? Depois disso, conversamos o tempo todo, rolou um clima... e ele acabou me pedindo em namoro no último dia!

— E vocês se beijaram? — Mima quis logo saber. Dahlia começou a rir encabulada e escondeu o rosto com as mãos.

Como Mima insistia sacudindo-a de leve, a moça balançou os cachinhos e desviou o assunto ainda rindo:

— Depois eu conto, eu juro! Falta a Bea dizer como foi o feriado dela.

Cocei a cabeça e dei um sorriso amarelo.

— Não aconteceu nada demais.

Mima estreitou os olhos, marota:

— Tem certeza de que não tá escondendo nada da gente?

Olhei para a sala que já estava amontoadada de alunos, todos somente esperando o professor entrar. Meus olhos pousaram nas costas de Hiero e desviaram-se logo em seguida.

— De verdade, não aconteceu nad...

Não consegui terminar a sentença, porque todo mundo resolveu sair da sala. Parece que um evento estava acontecendo no pátio, de forma que se ouviam gritos e assobios dos corredores.

— Vamos lá ver! — Mima foi a primeira a se levantar.

Abrimos espaço com muita dificuldade entre alunos alvoroçados e conseguimos chegar ao parapeito de proteção do andar onde estávamos. Apoiei-me na pedra ainda fria da manhã e olhei para onde acenavam. No cascalho próximo ao estacionamento e levantando poeira, vi uma Harley Davidson customizada manobrando com destreza e roncando o motor, procurando um lugar seguro para estacionar.

Eu quase conseguia ouvir "Bad to the Bone" tocando como trilha de fundo quando o piloto desceu da motocicleta em alto estilo com seus coturnos de cano alto. Ele vestia uma jaqueta de couro marrom, e levava na cabeça um capacete retrô, desses com óculos de avião no topo. Neste momento, já tinha gente especulando:

— Deve ser um professor novo!

Com certeza foi a entrada mais legal de todos os tempos na história deste colégio.

O piloto misterioso desafiou e tirou o capacete, revelando sua identidade. Os cabelos louros desceram até a altura do pescoço. O rapaz balançou a cabeça em liberdade, e, neste momento, foi ovacionado por garotos acalorados e meninas histéricas.

— Todo mundo para suas salas, o *show* acabou! — gritava Alexandre, professor barrigudo de Álgebra II.

Os alunos começaram a se dispersar. O motoqueiro seguiu com passos despreocupados a uma das entradas do prédio. Antes, porém, olhou para cima, onde uma pequena plateia remanesceu. Seus olhos pousaram em mim e então, acenou como se fôssemos velhos amigos.

Não acredito... O que ele estava fazendo na minha escola?

— *Hummmm...* — o coro veio de alguns mexeriqueiros, seguido de olhares e sorrisos maliciosos. Eu não sabia aonde enfiar a cara.

— Não aconteceu nada, *né...* — Mima provocou, com as mãos na cintura.

Os meninos não paravam de se remexer nas cadeiras, como se tivessem baratas dentro das calças. E não se passava um minuto sequer sem ouvirmos os cochichos das garotas, as quais, de vez em quando se viravam para mim e riam por entre as mãos. Até a professora Sâmia, de Gramática, teve de sair da sua pose elegante para bater com o apagador no quadro, pedindo ordem na sala.

Minha cabeça doía como se fosse explodir. O que viria a seguir? Boatos maldosos sobre mim e o rapaz da moto, o qual eu ainda nem sabia o nome? Eu já me imaginava sendo arrastada por adolescentes invejosas vestindo capuzes pretos pelos corredores do colégio, pronta para ser queimada na fogueira da inquisição, enquanto outra garota, talvez Karina, tomava meu lugar no pódio como a garota mais popular do segundo ano. Ter certo poder é bom, mas sempre tem aqueles que só querem uma palhinha para te derrubar.

Quando o sinal do intervalo tocou, eu nem dei nenhuma explicação às minhas amigas e saí correndo. Precisava, de alguma forma, encontrar aquele cara. *Okay*, a moto dele ainda estava lá, então não devia ter ido embora ainda. Passei pelos corredores e desci até o pátio, mas não o

avistava em lugar algum. Resolvi ir até o prédio administrativo e *ding-dong!* Lá estava o loiro saindo da sala da diretoria.

— Espera! — eu quase gritei, e então ele se virou. Um sorriso iluminou o seu rosto.

— Você fica muito diferente quando está neste uniforme — reparou.

Fiquei buscando o ar por alguns segundos antes de conseguir falar.

— O... o que você tá fazendo aqui?!

— Estou parado, conversando contigo, ué.

— Você sabe que não foi isso o que perguntei — revirei os olhos com um sorriso.

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu com o lado direito do rosto, fazendo uma covinha se formar em sua bochecha. Fiquei embaraçada ao pensar em como aquilo era atraente.

— Está bem. — Ele abriu o zíper da sua jaqueta de couro, mostrando a camisa do uniforme masculino. — Então... Eu meio que *estudo* aqui.

Pisquei várias vezes. — O qu... como ass... mas...! Você pilota uma moto! Como conseguiu a habilitação?

Ele parecia se divertir com minha reação confusa e então segredou:

— Eu subornei os caras. Mas não conta para ninguém, tá? — E piscou um olho.

Antes que eu esclarecer outras dúvidas, vi a aproximação de uma boiada de alunas curiosas, quase como aquelas cenas de filme onde jornalistas se aglomeram em redor de uma superestrela. Se eu não tomasse cuidado, poderia ser pisoteada até a morte. Elas, que em sua maioria, eram do primeiro ano, já vieram com as perguntas na ponta da língua:

— Essa Harley é sua? Você é de onde? É verdade que sabe falar cinco línguas diferentes? Tem algum irmão?

Instintivamente assumi a posição de guarda-costas e falei:

— Está bem, garotas, acho que ele já entendeu...

Mas daí uma garota baixinha de trancinhas me empurrou e todas as outras foram me passando para trás, até que, quando me dei conta, já esta fora do círculo.

Como assim, eu estava sendo ignorada na boa? Irritada, virei minha cabeça em direção a elas, e como se houvessem chamas do inferno brilhando em meus olhos, gritei:

— OH-MEU-DEUS! Aquele não é o Felipe Dylon?!

Imediatamente, todas se começaram a se revirar como baratas e a perguntar: "Cadê?!". Aproveitei a brecha e, tão veloz quanto podia, agarrei a mão do rapaz. Saímos correndo em direção ao jardim e demos a volta por trás dos prédios administrativos. Foi apenas questão de tempo para as meninas perceberem o engano e virem correndo atrás de nós. Contudo, como veterana, sabia muito bem onde nos esconder. Por trás do ginásio e perto da piscina aquecida havia uma pequena sala de materiais esportivos, a qual geralmente estava aberta. Puxei o rapaz para lá e ficamos espiando pelos vãos da porta. Segundos depois, ouvimos passos por ali, os quais seguram reto.

Finalmente pude soltar o ar dos meus pulmões!

— Essa foi por pouco — sussurrei ainda arfando.

— Que bela maneira de recepcionar alguém.

Aquela voz quente soou bem próxima aos meus ouvidos. Meu coração pareceu ainda mais acelerado ao perceber sua respiração em minha nuca. Minhas pernas ficaram mais moles que gelatina, de forma que eu me sentia paralisada demais para me virar ou fazer qualquer outra coisa. Meu corpo

ficou preso numa sensação estranha, quase como se eu estivesse dentro de um sonho — daqueles em que você quer muito gritar, mas não consegue.

Uma mão seguida de um braço surgiu detrás de mim e girou a maçaneta. Quando a porta se abriu, meu corpo balançou como um pêndulo até finalmente encontrar o chão, onde fiquei metade para dentro e metade para o lado de fora. O rapaz logo me socorreu, colocando-me sentada.

— Você está bem?

— S-sim... Eu não sei, de repente me senti muito fraca.

— Deve ser uma queda repentina de pressão. — Uma figura tapou o sol da manhã e fez sombra sobre nós. Pela voz, nem precisava olhar para saber que era Hiero.

— Bea, sua maluca! — Mima surgiu atrás dele. — O que deu em você para sair desesperada? Eu te procurei tanto, pensei que estivesse com dor de barrig... Meu Deus, tá tudo bem?

— Por que a gente não vai para um lugar sombreado? — sugeriu o loiro.

Com ajuda dele e de Mima, chegamos aos banquinhos debaixo do grande pé de Jacarandá, próximo ao pátio. O jardim ao redor deixava o ar mais refrescante. Sentei-me ainda meio zozza e pensei que a qualquer momento fosse desmaiar. Eu não via mais Hiero.

— Obrigada... — Recostei-me no ombro de Mima.

— E você é o... — Ela se dirigiu ao rapaz em nossa frente.

— Luke.

Um sorriso travesso surgiu nos lábios rosados dela, então falou:

— Cuide bem dessa menina, ela é uma garota muito preciosa. Mas eu acho que você já sabe disso, *não é?*

— Jemima! — eu a repreendi, levantando a minha cabeça subitamente. — Tá viajando na maionese? Nós também acabamos de nos conhecer...

— Conta outra, olha só como você está vermelha! — ela riu.

Luke sentou-se ao meu lado e espichou o braço para ficar por trás das minhas costas, apoiado no banco. Entrando na brincadeira, disse:

— Fomos descobertos, e agora, querida? Acho que o jeito é anunciarmos nosso amor ao mundo.

Certo, acho que já podia ter um piripaque. Virei-me para ele, a fim de falar algo em minha defesa, mas então Hiero surgiu na nossa frente. As risadas cessaram, provavelmente por causa do rosto sério dele. Seu olhar gelado percorria-nos como se estivesse escaneando uma foto muito peculiar.

— Tome isso e vai se sentir melhor.

Ele me estendeu uma latinha gelada de suco e um sanduíche natural comprados na cantina. Surpreendida pela gentileza, movi os lábios algumas vezes, mas tudo o que consegui dizer foi um "obrigada" destrambelhado.

Luke tirou o braço e passou a mão na parte de trás do pescoço como se estivesse constrangido.

— Bem, eu vou indo nessa. Alguém aqui é do 2-C?

— Todos nós — Mima respondeu e depois me jogou um olhar malicioso.

— Nesse caso, vamos nos encontrar mais vezes. — disse ele já se levantando. Então discretamente piscou para mim.



Notas da autora | Oiê! ^O.O^ ~☆

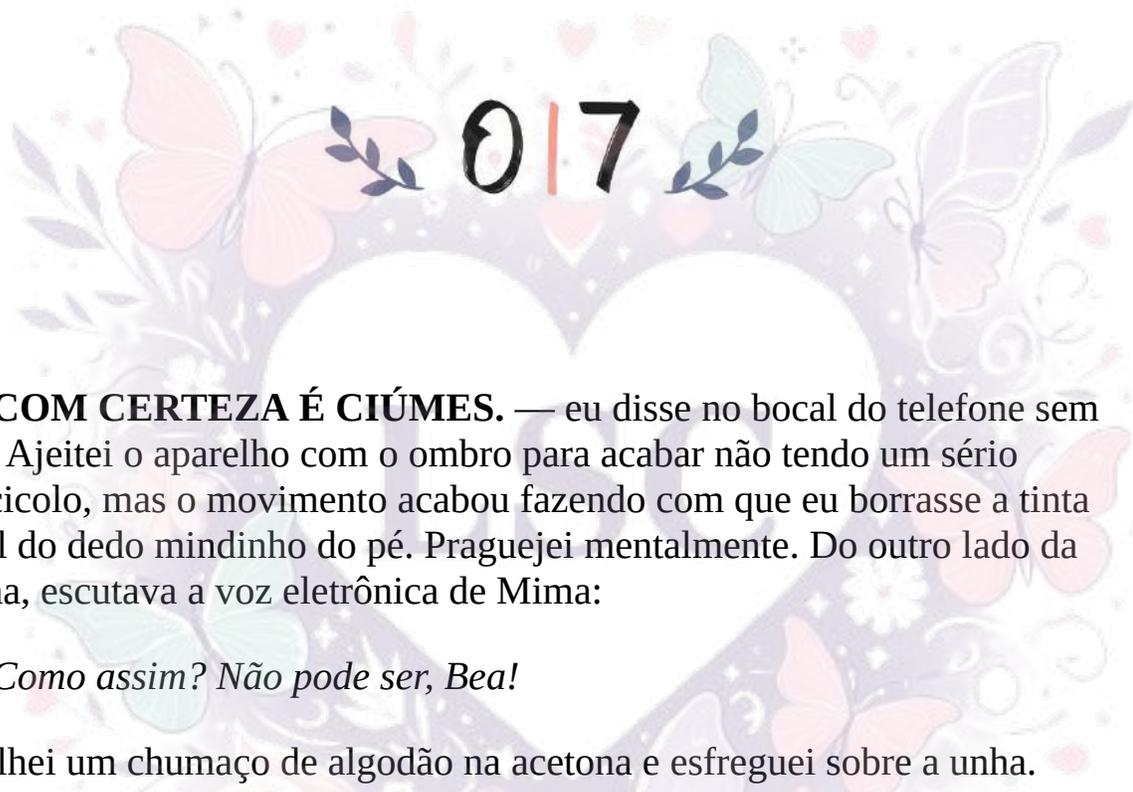
Como vocês vão? Obrigada por acompanharem até aqui! Haaaaa para quem estava sentindo falta do Luke, tcharaaaamm~ e que entrada! Até eu queria estar lá para ver a cena! O que vocês acharam? E o Hiero, o que ele tem, gente, pelo amor de Deus hahaha

Ah, sim! **Só um comentário nada-importante** (se quiser, pode pular para a parte da estrelinha ahahaha): a música que a Bea se refere é a "Bad to the Bone" (George Thorogood & The Destroyers © 1982), muito tocada em cenas "bad", como aquela do Arnold roubando uma moto em "Exterminador do Futuro 2". Se você ainda não sabe qual é, boa hora para frisar que **ela está lá na playlist do livro no Spotify!** Você já foi lá conhecer? Ela tem o mesmo nome do livro e tá muito legal!

Não esqueçam da estrelinha, do seu **comentário** e se possível, **compartilhar!** É muito importante para mim e para o crescimento do livro. Obrigada de todo coração ♥

Até mais! Beijinhos & quajinhos! (*~*~*)

7.



017

— **COM CERTEZA É CIÚMES.** — eu disse no bocal do telefone sem fio. Ajeitei o aparelho com o ombro para acabar não tendo um sério torcicolo, mas o movimento acabou fazendo com que eu borrarasse a tinta azul do dedo mindinho do pé. Praguejei mentalmente. Do outro lado da linha, escutava a voz eletrônica de Mima:

— *Como assim? Não pode ser, Bea!*

Molhei um chumaço de algodão na acetona e esfreguei sobre a unha.

— Amiga, tudo bate direitinho com o que diz esta matéria da *Capricho*. — Eu mantinha a revista, a qual nós considerávamos quase como a "bíblia" do namoro adolescente, aberta do meu lado na penteadeira e fui passando meus olhos sobre cada tópico: — Você disse que ele não tá comendo direito, fica sério e calado a maior parte do tempo, quase não sai do quarto e vive escutando *Simple Plan*? É ciúmes na certa. Vai por mim.

— *E tudo começou desde aquele dia em que ela revelou o namoro com aquele tal do Cris...!* — assumiu ela com a voz chocada.

— Não disse?

— *Mas... é o Tadeu, Bea! O Ta-deu! Eu ainda não tô acreditando que ele gosta da Dahlia! Meu Deus, como eu sou tapada! Como não percebi todo esse tempo?!*

Eu ainda conseguia escutar a sua voz estridente quando a porta abriu de supetão e Bruno colocou a cabeça para dentro do meu quarto. Ele não parecia nada contente.

— Já disse para você desligar logo essa droga que eu quero usar a internet!

Tapei o bocal com a mão e resmunguei por entre os dentes:

— E eu já disse que *já vou!*

— É, há dez minutos! Caramba, tem celular para quê?

Nem em sonho eu iria gastar *um* real para falar um mísero minuto — a conta do meu pós-pago era debitada da minha preciosa mesada! Fingi demência e continuei a pintar as unhas, me esforçando para retomar o fio da meada. Ouvi minha porta batendo, e instantes depois, uma voz eletrônica carregada de ironia:

— *Olá, senhoritas. Se não for muito incômodo, eu poderia, por favor, usar a linha agora?*

— *Ih, parece que temos um intruso* — observou minha amiga.

— Mima, este é o Bruno. Já falei o quanto eu *aaamo* meu irmão mais velho?

Apesar de sermos bem envolvidas na escola, tudo o que minhas amigas sabiam da minha família era o que eu contava a elas. Acho que fiquei com medo de meus irmãos me provocarem tanto a ponto de conseguirem estragar a minha imagem íntegra, então nunca as convidei para virem em casa.

— *Mima, certo? Detesto ser estraga-prazeres, mas é que já faz quase duas horas que a linha está ocupada e gostaria de aproveitar o pulso único neste lindo sábado. Sabe como é.*

— Bem, então eu e a Bea podemos terminar esta conversa outra hora. —
Percebi vergonha na voz dela.

— Aleluia! Olhe garota, mal te conheço e já te considero pacas!

Rolei os olhos e apertei o botão de desligar. Certo, estava mesmo na hora de terminar a conversa, mas ele precisava ser rude desse jeito? E o que tinha de tão bom na internet para estar desesperado? Exceto por alguns *blogs* e fóruns, pelas notícias quentes sobre as melhores séries e celebridades, e colocar fotos no *MySpace*, eu não via nada mais de interessante. Há quem goste de teclar com os amigos no MSN. Mas o telefone serve para o quê mesmo?

Joguei-me na cama e bufei entediada. Era quase final de tarde e eu sentia que não havia feito nada útil. Decidi sair do quarto, mas não antes de dar uma ajeitada na minha aparência e tirar o esmalte das cutículas.

Enquanto descia as escadas, consegui ouvir o barulho do secador de cabelo vindo da suíte dos meus pais. Lembrei-me que era o dia de mamãe ir para uma reunião feminina beneficente da igreja. *Ai, essa não!* Eu tinha de pensar em alguma coisa logo antes que ela acabasse me arrastando junto.

Oh, não me entenda mal. Não é que eu não gostasse dos eventos da igreja, mas para lá iam só mulheres casadas e idosas. Todas as conversas giravam em torno de maternidade, trabalho e contas para pagar... Fora os puxões nas bochechas que as velhinhas insistiam em me dar, como se eu ainda estivesse no maternal! E aí eu tinha de exercer minha paciência e caridade em dobro, já que no templo do Senhor eu nem podia xingar dentro dos meus pensamentos.

O que seria desta vez? Dor de barriga? Mas seria vergonhoso fingir isso com Hiero em casa. Diria que faria o jantar? Não, mamãe sabia que eu era incapaz de fazer miojo sem queimar o fundo da panela.

Bem, dias atrás ela me deu algumas indiretas dizendo que eu precisava me enturmar mais com o nosso hóspede (*ugh!*). De fato, talvez eu não estivesse fazendo esforço suficiente. Acontece que, em casa, o rapaz parecia muito reservado. Ele raramente saía do quarto a não ser para as refeições e ajudar

nas tarefas domésticas. Mesmo quando nós três assistíamos à tevê ou íamos à piscina, ele somente dava de ombros e dizia que precisava *estudar*.

Estudar! Qual é! Aposto que secretamente ficava jogando videogames ou vendo alguma coleção de revistas inapropriadas.

De todas as formas, chamá-lo para alguma atividade parecia a melhor opção dentre todas. Além do mais, sentia que somente a fachada da "moça-comportada-de-família" não estava surtindo muito efeito. Talvez eu precisasse *apimentar* um pouco mais as coisas.

Rapidamente dirigi-me ao seu quarto e bati de leve na porta com o dedo indicador.

— Pode entrar — veio uma voz calma e grave.

Girei a maçaneta com cuidado e dei uma espiada lá dentro. Era um quarto espaçoso, com duas camas grandes e gêmeas dispostas paralelamente. Os móveis ainda eram os da minha avó, mas o tapete felpudo era novo. E ali Hiero e Mikhel estavam sentados, usando a rústica mesa de centro como apoio para os livros e cadernos. O mais velho explicava pacientemente alguma questão do livro do menino, apontando o texto com a lapiseira. E o fez tão bem que o Teorema de Pitágoras acabou parecendo tão fácil quanto a tabuada do dois.

Mal acreditei em meus olhos: Mikhel estudando? E num sábado, sem reclamar? Isso era um verdadeiro milagre!

Hiero levantou a cabeça e olhou para mim, que ainda estava tomando coragem para abrir a porta de vez.

— Pode entrar — repetiu.

Dei passos tímidos até eles e ajeitei o pano do short antes de me sentar com as pernas dobradas. Projetei o corpo para frente na mesa e alonguei o pescoço com graciosidade.

— Por que não fazem uma pausa e daí a gente aluga algum filme? Podemos até estourar algumas pipocas amanteigadas de micro-ondas.

Eles se entreolharam. Mikhel pareceu suplicar com um olhar brilhante de cachorrinho abandonado, como se Hiero fosse seu irmão mais velho. Não. O respeito dele era quase como a de um pupilo!

Finalmente o rapaz balançou a cabeça afirmativamente com um sorriso afável.

— Tudo bem, terminamos depois.

Instantaneamente Mikhel voltou a ser meu antigo irmão bagunceiro e se levantou num pulo.

— Então vamos logo! — Ele gritava e corria para calçar seus tênis.

— "Vamos" não, mocinho. — Cruzei os braços. — *Eu vou com Hiero.* Já está escuro e crianças não devem andar mais na rua. — Virando-me para o rapaz, ajeitei uma mecha de cabelo e pisquei olhinhos inocentes: — É bom pensar na segurança, não é?

Consegui convencer mamãe a ficar em casa. Ela permitiu contanto que papai nos deixasse ir à locadora. E isso não foi difícil, já que ficava a poucos quarteirões de casa. Eu havia bolado um plano de última hora: a sala mal iluminada e um filme de suspense, o qual me desse pretexto para grudar-me nos braços de Hiero a cada susto. O seu senso de proteção se ativaria e seu coração não iria resistir ao encanto da "princesa em apuros"...! Era perfeito! Eu sorria bobamente enquanto descíamos a ladeira, pensando em como eu era mesmo um gênio.

Por trás deste plano também havia a minha curiosidade sobre a pessoa de Hiero. Eu tenho uma teoria de que gostos para filmes dizem muito sobre a

personalidade de alguém. Será que ele escolheria filmes de ação com muita violência, sangue e mulheres em trajés minúsculos? Ou comédia pastelão?

— O que você prefere? — ele me perguntou enquanto olhávamos a estante dos lançamentos.

— Hm... histórias tocantes com lição de vida, como "Um Sonho de Liberdade" e "Uma Mente Brilhante".

Claro que eu escolhi uma categoria bonita, para fazer de mim mais interessante. Se eu contasse que era ficção científica, era capaz de ele pensar que eu só gostava de *aliens*, espaçonaves, robôs e roupas brilhantes — preconceitos bem comuns no meio adolescente.

— E você?

— Os clássicos, como "Ben-Hur" e "E o Vento Levou".

Ugh! Ele gosta de... *musicais*?!

Voltamos para casa com quatro filmes. Eu esperava colocar logo meu plano em ação com o que escolhi, mas para minha infelicidade, Mikhel insistiu para vermos o de aventura primeiro. "Pode esperar", pensei. "Assim ele fica com sono e vai logo dormir. Talvez até ajude com o plano".

Depois de uma hora e meia vendo espões mirins lutarem contra robôs bizarros em forma de dedões, eu já estava mais que entediada. Fomos para a cozinha e procuramos algo para comer além de pipoca.

Hiero encontrou um pacote de macarrão *spaghetti*. Ágil com a faca, esmagou alguns dentes de alho sobre a tábua de madeira. Colocou o macarrão para ferver e depois o refogou com o alho, pimenta e bastante óleo. Sua habilidade era tanta que parecia que estávamos vendo um comercial de tevê, e assistíamos tudo com bocas abertas.

— *Uaaaau*. — Mikhel quase babava diante do seu prato fumegante.

E o sabor era incrível! Eu não sabia que uma receita simples de macarrão poderia ser tão gostosa.

— Como você aprendeu a cozinhar tão bem? — perguntei. Eu tinha de me conter para não encher as bochechas igual a uma esfomeada.

— Em casa era só eu e minha mãe. Eu tinha de me virar com o almoço e, quando ela chegava tarde do trabalho, com o jantar.

Enquanto ele falava, pude perceber uma entonação mais grave em sua voz. Por um segundo, tive a impressão de ver um brilho anormal em seus olhos.

Então Bruno apareceu na cozinha.

— Caramba, que cheiro bom. Tem para mais um?

Hiero serviu-lhe uma porção. — Não quer levar um pouco para o seu Roberto também?

— Ah, o pai? — Bruno arrastou a cadeira de madeira e sentou-se de qualquer forma. — Não sei... quando a porta do escritório está fechada, não é bom atrapalhar.

Joguei um olhar chateado para meu irmão. Eu não ia esquecer aquela grosseria do telefone tão cedo. Ele me provocou com um sorrisinho, depois pegou o prato e dirigiu-se para a sala.

— Oh! Filmes! Quais vocês alugaram? Tem algum de terror?

— Terror? Deus me livre... — Fiz um biquinho. — Bruno, você sabe que nunca mais consegui assistir nenhum filme assim depois daquele com *as crianças*.

— Crianças? — Hiero franziu as sobrancelhas.

— É um que a Bea insiste em ter visto, mas eu não lembro — Bruno veio deixar seu prato na pia. — Como era mesmo? Tinha um monstro perseguindo umas crianças à noite, num acampamento. Algo assim.

— Não gosto nem de lembrar... — falei baixinho. — *Mikhelzinho* — amaciei a voz —, você esqueceu seu prato em cima da mesa.

O garoto voltou. Seus olhos pareciam pesados.

— Boa noite... — despediu-se em seguida.

Ah, sim! O plano! Mas só percebi que tinha sido lenta demais quando ouvi o som da televisão, denunciando um novo filme. Bruno tinha acabado de colocar outro DVD.

— Bonequinha de Luxo — ele repetiu o que provavelmente leu na arte do CD. — Parece bem interessante... — Sorria maliciosamente.

Acho que ficou surpreso ao descobrir que não se tratava de nada do que estava pensando. A tela mostrou uma linda atriz em um luxuoso vestido preto. Ela tomava café em frente a uma vitrine de uma loja de joias. Um lindo som de violinos tocava melodicamente no fundo. Tive a impressão de já ter visto esta cena outra vez, quem sabe em alguma reprise.

Sentei-me próximo a Hiero no sofá e suspirei desapontada. Que raiva! Tudo tinha saído errado! Agora teria de assistir um filme de quarenta anos atrás, sem nenhum tipo de ação para ajudar a me manter acordada.

— Outro favorito seu? — perguntei ao rapaz ao meu lado, tentando sutilmente aconchegar-me perto do seu corpo.

— *Hum-rum*. — Ele não tirou os olhos da tela. Mesmo na penumbra, pude perceber que não estava muito interessado em conversar. — Esta parte é legal. — sussurrou instantes depois.

Suspirei e então comecei a voltar lentamente ao meu lugar. Reclinei-me sobre o braço do sofá, sentindo os olhos pesados. As piscadas começaram a ficar mais longas. Bocejei, esforçando-me para manter meus olhos abertos.

Pensei ter ouvido um ronco como de porco, então senti uma mão macia sobre o meu cabelo. Meus olhos foram abrindo lentamente, até conseguirem ver o vulto no escuro que me sacudia de leve.

— Bibi, Bibi. Vá dormir no seu quarto. Aqui você vai ter dor nas costas!

— Bibi não, mãe... — falei sonolenta.

Levantei a cabeça em um susto. Meus olhos de acostumaram e consegui ver mamãe estava de roupão. Minha cabeça e pescoço doíam, estava toda travada. E para completar, tinha uma poça de baba sobre ele! *Drogaaaa!* De novo, não...

Voltei ao meu quarto resmungando. Estava começando a achar que deveria traçar outra estratégia, pois definitivamente o destino não estava a favor desses meus planos de paquera!



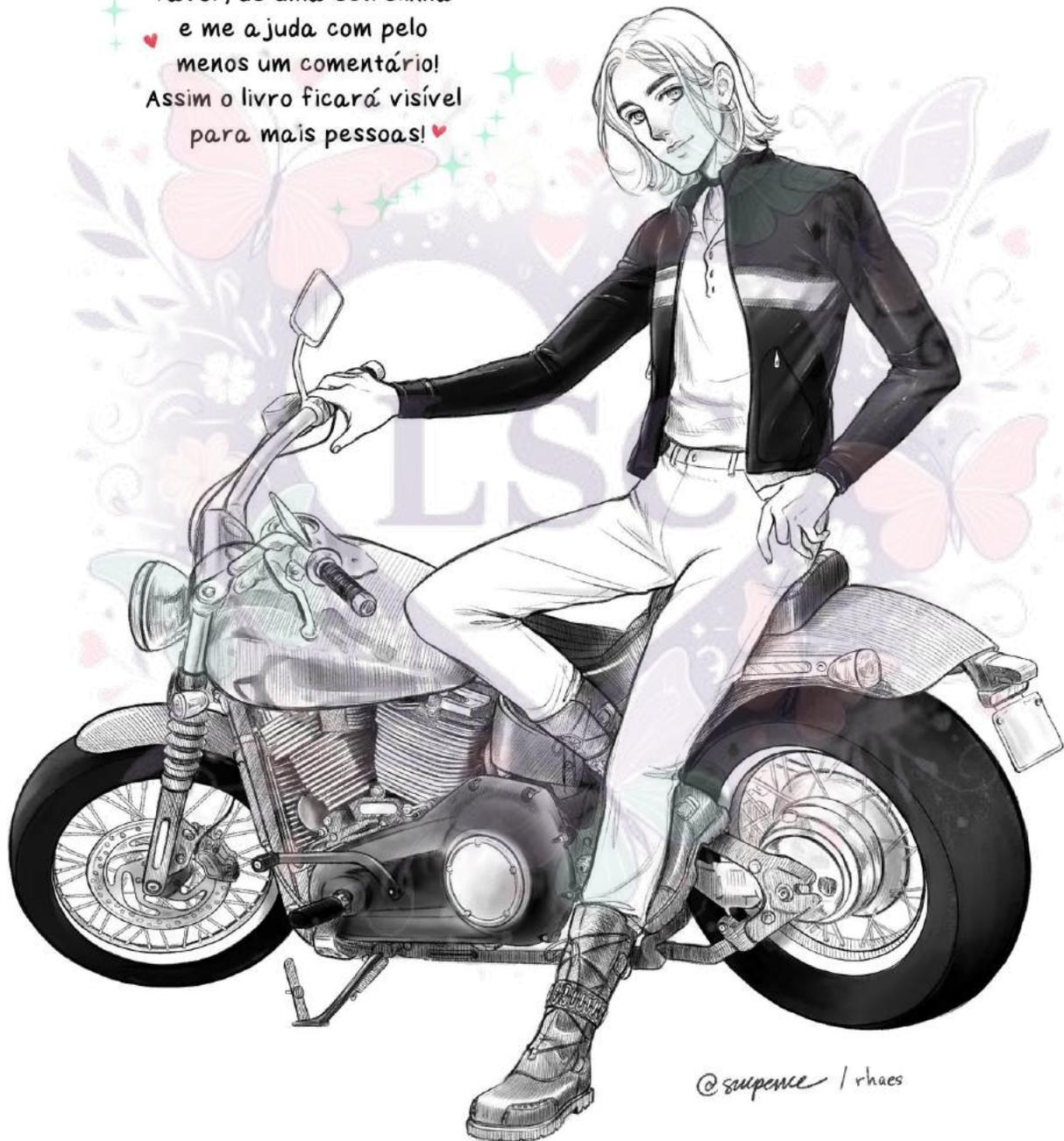
Notas da autora | Oie! \ (▾ ▽) / Este capítulo serve um pouco de "respiro" para a história :) e também para não parecer muito corrida. Mais um plano da Bea frustrado. É, amiga, desiste que o negócio tá feio. Vamos ver o que vai acontecer no próximo capítulo entre ela e Hiero, e já prometo algumas coisas bem legais :D (cadê o Luke neste capítulo gente?)

Observação nada-importante sobre o desenho: Essa jaqueta do Luke é pra ser um modelo da *Harley Davidson* (e a moto também, RIP para minha mão; morreu, mas passa bem.), mas era difícil escrever a logo (↯, ↯)~ enfim, relevem. Eu acho a jaqueta super charmosa. Não acham que ele fica com calor vestindo essa coisa? Aliás, ele está com a roupa do colégio por baixo (a calça também!) Não sei como funcionaria esta combinação no mundo real *LOL* (mas vem cá, ele tinha mesmo de estar de coturno? Ah, é, foi o que eu escrevi lá no capítulo anterior *duh*).

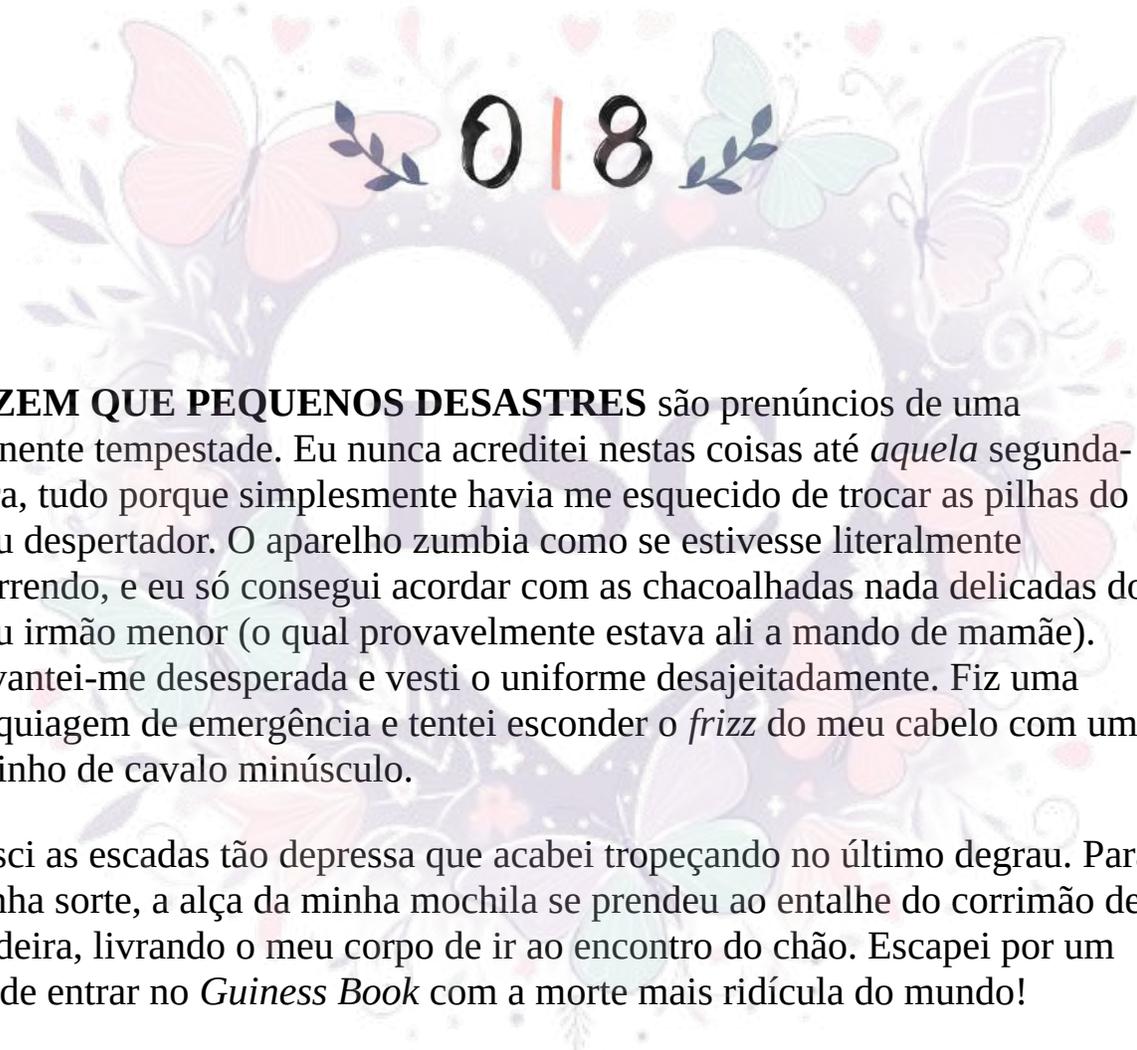
(Saiu *rhaes* sem querer *falha nossa*)

Bem, eu vou indo, mas fiquem com esse lindo aqui :D Até próximo capítulo! Beijinhos. Obrigada por terem lido e espero que continuem! ♥

Se você gostou, por favor, dê uma estrelinha e me ajuda com pelo menos um comentário! Assim o livro ficará visível para mais pessoas! ♥



8.

A decorative border featuring butterflies in shades of pink, purple, and green, interspersed with small hearts and floral motifs. The border is semi-circular and frames the text below.

DIZEM QUE PEQUENOS DESASTRES são prenúncios de uma iminente tempestade. Eu nunca acreditei nestas coisas até *aquela* segunda-feira, tudo porque simplesmente havia me esquecido de trocar as pilhas do meu despertador. O aparelho zumbia como se estivesse literalmente morrendo, e eu só consegui acordar com as chacoalhadas nada delicadas do meu irmão menor (o qual provavelmente estava ali a mando de mamãe). Levantei-me desesperada e vesti o uniforme desajeitadamente. Fiz uma maquiagem de emergência e tentei esconder o *frizz* do meu cabelo com um rabinho de cavalo minúsculo.

Desci as escadas tão depressa que acabei tropeçando no último degrau. Para minha sorte, a alça da minha mochila se prendeu ao entalhe do corrimão de madeira, livrando o meu corpo de ir ao encontro do chão. Escapei por um fio de entrar no *Guinness Book* com a morte mais ridícula do mundo!

Corri em direção à porta principal ignorando os gritos de minha mãe para pelo menos levar uma maçã e comê-la no caminho. Fome? Essa era a menor das minhas preocupações. Tudo o que eu queria agora era não parecer desgrenhada na frente de Hiero e do colégio inteiro.

— Aqui! — Ele conseguiu me alcançar quase no final da ladeira. Com uma das mãos estendeu-me a tal maçã. — Não é bom pular as refeições.

Eu já estava irritada e não precisava de lição nenhuma para piorar as coisas.

— Não costumo tomar café de qualquer forma.

— Eu percebi. Mas se continuar a fazer isso, vai acabar desmaiando um dia.

Droga. Se eu não tentasse disfarçar e atuar um pouco, todo meu esforço de semanas iria por água abaixo. Forcei um sorriso e acabei agarrando a fruta. Mordi com vontade a casca vermelha e o suco adocicado deixou-me menos amarga. Hiero sorriu como se tivesse conseguido apaziguar os ânimos de uma criança mimada.

A pior parte de se atrasar era o metrô. Às sete horas ele já estava bem lotado. Descemos as escadas na maior velocidade que podíamos, mas a plataforma já estava como um formigueiro. Quando as portas do vagão se abriram, foi como se um verdadeiro pandemônio tivesse se instaurado: todos correram para conseguir um assento como se suas vidas dependessem disso.

Nós dois fomos arrastados para dentro com a força da correnteza humana. Fui empurrada até sentir minhas costas baterem contra a parede fria do vagão, do lado oposto à porta. Hiero estava de frente para mim, sendo forçado a chegar cada vez mais perto pelos esbarros, pisoteios e cotoveladas. Ele estendeu ambos os braços e apoiou-se na parede, cada mão em cada lado dos meus ombros. Como ainda entrava gente, se viu obrigado a flexionar os braços para dar mais espaço. Finalmente a porta se fechou e senti o metrô começar a se movimentar.

Hiero estava tão próximo que eu podia sentir novamente aquele delicioso perfume de frutas cítricas misturado ao amaciante de roupas. Acabei me perguntando o que ele fazia para ter uma pele tão uniforme como a do pêssego e sem querer, olhei para seus lábios perfeitamente esculpidos, imaginando se eles eram mesmo tão macios quanto pareciam. Imediatamente baixei o olhar, sentindo-me culpada. *Que horror, Beatrice! Ele é o Hiero, acorda. Aquele monstro da sua infância. E você o odeia, certo?*

Ainda assim, meu coração batia forte e sentia as bochechas queimarem. O ar se tornou pesado e sufocante. Comecei a tentar controlar minha respiração, a fim de não ficar tonta.

De repente, o vagão sacolejou e nossos corpos se encontraram por alguns segundos.

— Desculpa — sua voz de chocolate quente soou envergonhada junto ao meu ouvido, o que me fez estremecer.

Quando finalmente descemos no ponto e conseguimos deixar aquela confusão para trás, sentia-me mais atordoada do que se um raio tivesse atingido minha cabeça.

Mas o momento para recompor minha pulsação durou pouco.

Ao chegarmos na nossa sala (instantes antes do sinal), percebi alguns olhares maliciosos e risos por entre as mãos direcionados a mim. Então entendi o motivo: em cima da minha carteira havia um pequeno ramalhete de flores e uma carta.

Oh... A primeira declaração deste ano.

Assim que aconteceu o primeiro intervalo entre a troca de professores, Mima e Dahlia logo me atacaram com os olhos brilhando.

— *A-mi-ga-do-céééu!* — Mima cantarolou. — Passa para cá, passa para cá!

Entreguei a carta nas mãos dela, e imediatamente as duas se puseram a ler, disputando para dividirem o espaço entre si.

A carta era simples. O papel era cor-de-rosa e cheirava a chiclete de *tutti frutti*. Continha um poema bem mixuruca (com alguns erros de português),

e no final, um convite para um encontro atrás do ginásio poliesportivo após a aula de educação física. Sem assinatura. Mais brega, impossível.

— *Hum!* — Dahlia devolveu-me a carta com um bico de desgosto. — E aí, você vai?

— Bem, não sei. Para falar a verdade, não estou a fim, mas fico com pena do esforço do garoto.

— Olhe por outro lado — Mima interveio. — A gente nem sabe quem ele é! E se ele for... o Luke, por exemplo? Já pensou?!

— Ah, lá vem você com esse papo de novo — brinquei de estar chateada. — Não é o Luke. Pelo menos, eu não acho que ele faria esse *tipo* de coisa.

— E se for, o que você vai fazer? — Dahlia rebateu.

— Eu aproveitaria — Mima me cutucou com um sorriso gaiato. — Além de ser divertido, ele é tão gato!

Nesse momento, o professor Álvaro entrou e logo começou a discorrer sobre as Escolas da Literatura Brasileira em sua voz monótona. Eu, porém, estava em outro mundo.

Se fosse o Luke...?

Com essas palavras ainda ecoando em minha mente, virei minha cabeça para o lado e tentei olhar furtivamente para onde o rapaz estava sentado. Por seu jeito, eu achava que ele seria um daqueles alunos desinteressados e bagunceiros, mas ele estava bastante concentrado escrevendo algo no caderno. Mechas douradas escorriam pelos lados do seu rosto, tapando-o parcialmente. Ele tentou em vão colocar os fios atrás da orelha e foi neste momento que acabou flagrando o meu olhar.

Desviei os olhos rapidamente e fingi que ia pegar algo na minha mochila. Que susto! Coloquei a mão sobre o coração para evitar que ele saísse pulando do peito.

Por que me sinto tão nervosa só de pensar na possibilidade de ser ele? Estou apaixonada? Não, não pode ser... Eu mal o conheço!

De repente, meus olhos acabam encontrando, uma carteira mais a frente, o rosto de Hiero virado em minha direção. Ele parecia estar me observando a algum tempo. Essa não... Acabei me descuidando. Será que ele percebeu? Que enxerido!

As aulas de educação física eram bem divertidas devido ao fato de que todas as sete turmas do segundo ano se juntavam para competirem entre si. Os times eram divididos, e então ocorriam várias atividades simultâneas: jogos de basquete no ginásio, futebol no campo, tênis nas quadras e, bem, a natação. E qual eu sempre escolhia? Queimada, claro! Eu me considerava tão boa que, se a modalidade existisse nas Olimpíadas, com certeza poderia jogar como atleta.

Eu já tinha trocado a roupa no vestiário e alongava os braços e pernas na quadra, determinada a mostrar para as novatas como era capaz de me esquivar das bolas mais difíceis. Usávamos uma bolinha de borracha do tamanho de uma de golfe, o que tornavam as partidas ainda mais desafiadoras.

Como a melhor atacante, disputei a bola com outra menina do time rival. Consegui pular mais alto e nosso time começaria com a vez. O apito soou e, ágil como um guepardo, lancei a bola em direção a duas garotas do time adversário. Elas tentaram se desviar, mas a bola bateu no braço de uma e quicou, batendo nas costas da outra logo em seguida. A minha pequena torcida comemorou.

Mas então uma aluna chegou correndo e gritando:

— Vocês precisam ver o jogo de futebol dos meninos! O Luke e o Hiero estão dando um *show*!

Todas da arquibancada saíram correndo no mesmo instante. Instante este em que ouvi um grito — BEA! — e então, senti a bola se chocando contra meu tronco tão forte quanto um soco no estômago. Caí de joelhos e com as mãos no local afetado.

O jogo parou. Algumas meninas da torcida voltaram para ver o que aconteceu e o meu time veio me socorrer.

— Está tudo bem? — perguntavam.

— Está sim — Eu me esforcei para não demonstrar a dor e apenas sorri, algo que deve ter parecido mais uma careta. — Eu só... *ai...* vou... me sentar ali... um pouco.

Saí da quadra me sentindo patética. Ouvi o apito soar novamente. As pisadas e gritos continuaram como se nada tivesse acontecido. Andei gemendo até o bebedouro próximo ao campo de futebol, meus pés arrastando sobre o concreto liso.

— Não pode bobear não. — uma das meninas que enchiam suas garrafinhas na torneira falou. Segundos depois, eu as reconheci como sendo amigas de Karina.

— Quer que a gente busque gelo para você? — perguntou a outra num tom de falsa preocupação.

Eu suspirei tentando manter a calma.

— Não, está tudo bem.

— Queridas, vocês deviam saber que a Bea é uma garota *tão* forte que uma *boladinha* dessas nem faz *cócegas* nela — *a própria* surgiu atrás de mim. Com um sorriso cínico, acrescentou: — Desculpe essas meninas. Elas são *tão* bobas!

Tive de me conter para não revirar os olhos. Elas se juntaram, rindo por entre as mãos e saíram, não antes de me enviarem um "tchauzinho" debochado.

É, aquele *definitivamente* não era o meu dia.

Após beber um pouco de água fria, subi para a arquibancada do campo. Queria descobrir o que deixara aquelas garotas tão assanhadas. Achei um espacinho no último assento de cima, bem no canto, ao lado de um cara esquisito.

Observei o jogo por alguns segundos e consegui localizar os dois rapazes. Ambos trabalhavam em equipe, e quando um deles recebia a bola, era difícil alguém tomá-la. Num dado momento, Luke fez um passe para Hiero, o qual conseguiu driblar quatro jogadores rivais. Aproveitando-se da brecha, chutou com tanta força que arrancou alguns tufinhos do gramado junto. Quando a bola chocou-se contra a rede, ele também marcava um gol no coração de todas as garotas presentes.

A gritaria delas era tão alta que arranhava meus ouvidos.

Em contraste com aquela algazarra, o rapaz magrelo ao meu lado permanecia com a cabeça descansada nas duas mãos, tendo seus cotovelos apoiados nos joelhos. Ele não parecia aproveitar nada, então me perguntei se ele estava ali por obrigação. Aliás, ele nem parecia o tipo de adolescente que gosta de contato humano, para início de conversa. O cabelo era liso e o franjão repicado cobria parte do rosto. Os olhos estavam marcados de lápis preto, bem em estilo roqueiro gótico. Ele tinha uma munhequeira xadrez e pulseiras de espetos metálicos nos pulsos. Fiquei me perguntando se ele não estava sentindo calor com aquela camisa preta por cima do uniforme.

Ele se virou para mim com uma expressão de dar pena.

— Até você, Bea?

Franzi as sobrancelhas numa careta. Era tão estranho identificar a voz de Tadeu naquele car... O quê?

— TADEU?! — Quase pulei do meu assento. Algumas cabeças se viraram para nós em curiosidade.

— Ou o que sobrou dele — suspirou dramaticamente.

— M-mas como assim? O que aconteceu com o seu cabelo? Tudo isso é por causa da Dahl...

Ele arregalou os olhos no mesmo instante e colocou um dedo sobre sua boca amarrada, num sinal para que eu não falasse mais nada.

— Bem que a Mima tentou me avisar — Balancei a cabeça tristemente, como se estivesse presenciando algo muito lamentável.

— Isso é estilo, Bea, *estilo* — Ele revirou os olhos. — Sou alguém agora que clama para que suas emoções sejam sentidas, ouvidas, valorizadas. — Diante da minha cara de paisagem, ele acrescentou em tom melancólico: — Você já se sentiu como se estivesse desmoronando, ou como se não se encaixasse em nenhum lugar? Já se trancou no quarto com o rádio tão alto que ninguém escuta seus gritos? Você não sabe como é ser eu. Ser machucado, sentir-se perdido, chutado, maltratado, estar à beira de um colapso... — ele suspirou novamente, com os olhos úmidos. —... E ninguém estar lá para te salvar. Você não sabe como é... Mas esta é minha vida.

Uau, pensei. Então este é o poder de destruição de um coração partido? Coitado. Era tão dramático que eu engoli meus lábios para acabar não dando uma risada inapropriada.

— Quer saber? — Ele se levantou. — Vá à merda, você e todo mundo! Vocês não vão entender mesmo.

— Tadeu, espera...!

Chamá-lo era em vão. Ele já tinha descido as escadas e estava atravessando o pátio de concreto que dava para o ginásio.

Ah, pronto. Só me faltava mais essa!



Assim que o sinal tocou, fui rapidamente trocar-me no vestiário e buscar minhas coisas. Era o último horário e todo mundo já estava indo embora.

— Você não vai dar nem uma chance ao apaixonado? — questionou Mima antes de sair. — Bem, você quem sabe.

Despedi-me das minhas amigas e andei lentamente no caminho que daria para a saída. O vento fazia algumas folhas se desprenderem das árvores próximas e caírem no chão como uma garoa verde. Depois de alguns instantes lutando contra meu cérebro, decidi pelo menos matar um pouco da minha curiosidade.

Na carta estava escrito "atrás do ginásio", o que significava que o local do encontro poderia ser perto do campo de futebol, ou até mesmo daquela salinha de guardar os materiais esportivos. Isso me lembrou de quando corri de mãos dadas com Luke em sua primeira vez no colégio. *Oh, não...* Seu rosto apareceu em minha mente, deixando-me ansiosa e, talvez, com uma pontinha de esperança.

Atravessei o ginásio sentindo o meu estômago embrulhar de nervosismo. Alguns alunos ainda estavam nas arquibancadas, conversando. As palmas das minhas mãos estavam suadas, e nem mesmo aquele vento refrescava o calor que sentia subindo dentro de mim.

Fui me aproximando de onde mais ou menos do lugar que imaginava ser o ponto, mas o único rapaz que se encontrava ali não era loiro e nem tinha covinhas maravilhosas quando sorria.

O rapaz que estava ali era Hiero.



9.

PARALISEI POR ALGUNS INSTANTES. Ouvindo minha aproximação, Hiero se virou. Ele levava nas mãos uma bola de futebol.

— Oh, você já está pronta para ir? — perguntou casualmente. — Eu vi essa bola perdida embaixo da arquibancada, então estava me perguntando sobre o que fazer com ela.

Tentei controlar minha respiração e parecer mais calma.

— T-tem uma salinha mais ou menos por ali. — Apontei. — É onde guardamos os materiais esportivos. Geralmente está aberta.

— Estou vendo. Obrigado!

Quando ele se virou, bati a palma da mão contra minha testa. *Como você é devagar, Bea!* Era impossível que o autor da carta fosse Hiero. Primeiro que ela já estava em minha carteira quando chegamos juntos na sala aquela manhã. Segundo, ele não cometeria aqueles erros caricatos na escrita e nem seria tão brega. Para falar a verdade, eu duvidava que ele fosse o tipo de cara que usa desses artifícios para se declarar.

Ainda estava divagando sobre essas coisas quando ouvi uma voz atrás de mim:

— Você veio mesmo!

Direcionei minha cabeça para onde veio a voz, e então vi o que parecia a versão masculina da Olivia Palito. Ele era tão alto que precisava encurvar os ombros para conversar comigo. Seu rosto não seria feio se não tivesse tantas cicatrizes de espinhas, nem um longo nariz quebrado para baixo como o de um imperador romano.

— Ah... oi... — sorri amarelo. O olhar dele era desconfortável. — Você é o...

— Jorge — completou rapidamente. — Mas não é possível que você tenha me esquecido. Eu sentava duas carteiras atrás de você no ano passado, lembra?

— *Hmm*, bem...

— Você me ajudou a resolver vários problemas de geometria!

Okay, isso era a mesma coisa que nada. Eu costumava socorrer qualquer colega que precisasse, e pedidos para explicações em sala eram muito comuns. Não era como se eu pudesse me lembrar de todo mundo.

— Deixa isso para lá — continuou ele. — O importante é que você veio ficar comigo. Digo, se você está aqui é porque quer mesma coisa, não é?

Arregalei os olhos. *Ficar?! Tipo, ficar de abraçar e beijar sem nenhum compromisso ou vínculo emocional? Satisfazer um pouco de paixão carnal de por causa de... de atração puramente física? Quem esse imbecil pensa que é?*

Pode ser apenas inocência e presunção, mas eu ainda tenho sonhos. Ainda desejo perder meu "b.v." com alguém que eu pelo menos goste. Talvez não precise ser a ponto de pensar em casamento (*cof cof*), mas eu gostaria de ter uma *história*, um romance! Sentir o que todos os livros descrevem quando

duas almas apaixonadas se encontram pela primeira vez. E eu não iria descobrir com esse tipo de comportamento, muito menos com um idiota desses.

— Desculpe, acho que você está enganado — Tentei me controlar e ser polida. — Eu vim porque não tinha assinatura... Mas acho que cometi um erro.

Eu comecei a andar para sair dali, mas ele agarrou meu pulso. Senti um gelo percorrendo meu corpo.

— Deixa de fazer doce, garota! Você sempre sorriu quando eu te cumprimentava. Chegou a elogiar meu penteado várias vezes, e me emprestava as coisas quando eu esquecia em casa. Eu sei que você também *me quer*.

Sorri sarcasticamente. Aquilo estava saindo dos limites. Era isso o que eu ganhava por ser legal. "Eu só queria ser popular; não estava dando em cima de você!", era o que eu queria gritar. Aliás, também queria esmurrar a cara dele por ficar segurando o meu pulso, mas tive de me conter. Lembra que meu pai era o pró-reitor? Pois então. Tenho certeza de que, se levantassem uma queixa contra mim na diretoria por atos de agressividade, isso custaria a minha bolsa e provavelmente o emprego que alimentava minha família.

— Olha aqui, Jorge, você entendeu tudo errado...

Fui interrompida por Luke, que surgiu correndo de dentro do ginásio. Assim que o viu, Jorge me soltou.

— Bea! — gritou enquanto se aproximava — Me falaram que você se machucou jogando queimada. Está tudo bem? Fiquei preocupado...

Suspirei aliviada. Agora eu poderia usar a situação como uma desculpa e sair logo dali.

— Na verdade, até que está doendo bastante... — Fiz uma carinha sofrida.
— Acho que vou precisar ir à enfermaria. Poderia me acompanhar?

— Ah, já tô sacando tudo. — interrompeu Jorge. — Não quer ficar comigo porque tá *afinzona* desse cara aí desde que ele chegou de moto na escola. Bem que eu ouvi as fofocas, mas não queria acreditar. — ele aumentou o tom de voz, o que despertou a curiosidade de alguns alunos que ainda se demoravam a irem embora. — Pensei que você era inocente, Bea, não uma dessas que sai abanando o rabinho logo que aparece macho novo na área.

Luke franziu o rosto no mesmo instante e olhou bravo para ele.

— O que você disse, seu otário?!

— A conversa não ainda não chegou no zoológico — o outro rosnou —, mas se quer saber mesmo, essa garota é uma tremenda de uma pu...

No instante em que ouvi aquela última palavra, tudo pareceu como câmera lenta. Eu senti a ira explodir no meu peito, o sangue ferver em minhas veias. Os alunos ao redor assistiam boquiabertos, alguns atijando a briga e outros, apenas curiosos. De repente, eu me vi mais nova no centro de outra rodinha, sendo o alvo de xingamentos cruéis. Eles riam de mim e da minha incapacidade em revidar. Bolsa, emprego? Para o inferno isso e o escambau. Eu iria quebrar aqueles dentes tortos!

Ele mal terminara a palavra e eu já fechara todos os dedos no centro da mão até as juntas ficarem brancas. Meu braço tomava impulso quando, de repente, uma bola de futebol atravessou como um borrão no meu campo de visão e acertou em cheio a cara alongada de Jorge.

Se isso acontecesse em um desenho animado, provavelmente ele teria dito algo como "alguém anotou a placa?" antes de cair estatelado no chão. Nossos expectadores soltaram gritinhos de susto e foram ajudá-lo. Luke e eu ficamos imóveis enquanto assistíamos a pessoa que só podia ser o autor do chute chegar correndo.

— Minha nossa, ele está bem? Foi mesmo sem querer!

Hiero se abaixou perto do rapaz e deu tapinhas nas bochechas magras, a fim de reanimá-lo. Jorge foi acordando, girando os olhos para todos os lados.

Sangue escorria do seu nariz, que agora parecia mais quebrado do que antes.

Aí foi quando a verdadeira confusão começou. Jorge se levantou atordoado e, vendo o sangue, começou a xingar a mãe de todo mundo. Mesmo diante das explicações de Hiero, (o qual disse que praticava gols no campo antes de ir para casa e acabou acertando-o sem querer), ameaçou processá-lo e até tentou começar uma briga. Tiveram acionar a coordenação e todos os envolvidos foram chamados na diretoria para prestar depoimento sobre o ocorrido.

Eu e Luke relatamos nossa versão desde o início. Outros alunos atuaram como testemunhas e confirmaram a versão do acidente. Também disseram que "Jorge já estava muito alterado por ciúmes do meu relacionamento com Luke", ou algo assim. Tive a impressão de que alguns já nos "juntavam" como um casal e não sabia onde enfiar a cara.

Fomos liberados para ir embora uma hora depois, sem nenhuma consequência. Eu já tinha ligado para casa e explicado o motivo do atraso, e o que mais me angustiava agora (além da fome) era se Hiero estava pensando que havia algo a mais entre mim e Luke. Não que eu realmente ligasse para os sentimentos dele, mas o mal-entendido poderia custar a minha doce e succulenta vingança, a qual estive cozinhando durante semanas, só esperando o ponto certo de servir à mesa.

Andávamos sem pressa da estação rumo à minha casa. Ouvíamos o barulho do trânsito e da movimentação das pessoas. Pensei em várias coisas para dizer, mas não conseguia construir uma boa sentença. O suor escorria pelo canto da minha testa, e eu voltei a amarrar o cabelo em um rabinho de cavalo para refrescar o pescoço.

Hiero não parecia muito disposto a conversar. Ele andava mais à frente, tentando se proteger do sol na sombra dos prédios na calçada.

Paramos em um cruzamento, esperando o sinal para pedestres abrir.

— Você... ia guardar a bola. — falei, com os olhos pregados numa plantinha que nascia por entre as rachaduras da calçada.

— Mas como você estava demorando, decidi treinar um pouco sozinho. — ele retrucou secamente.

Aquela sua reação era tão confusa! Eu nunca tinha o visto desta forma. Ele parecia incomodado, os olhos distantes, como se estivesse me evitando. De repente, me ocorreu que talvez não fosse pelo acidente em si, talvez fosse... *ciúmes*. Ele deve ter pensado que ambos os garotos disputavam por mim naquela hora, como os outros alunos. Lembrei-me dos seus olhares gelados sempre que me via conversando com Luke. Caramba. Agora tudo fazia sentido!

O sinal abriu. Atravessei em passos largos para acompanhar os dele.

— É... não sei se é isso o que você está pensando, mas sobre eu e o Luke...

— Por que você pensa que precisa justificar algo para mim? — ele me interrompeu abruptamente. Então parou de andar e olhou em meus olhos.

— Você não se cansa, não?

Arregalei os olhos, depois pisquei várias vezes.

— O... o quê?

— Sabe, de atuar o tempo inteiro. Já estou farto disso.

Eu devo ter parecido como uma criancinha sendo surpreendida pelos pais no meio de uma peripécia. Hiero riu, um riso mais de deboche que outra coisa. Ele passou os dedos pelos cabelos negros, penteando-os.

— Eu sempre me perguntei a cara que você faria quando eu falasse essas coisas. Eu daria tudo para ter uma câmera agora. Está tão branca que até parece que acabou de ver uma assombração!

Demorou alguns segundos até meu cérebro processar tudo o que estava acontecendo. Eu imaginava estar no controle da situação, um passo adiante, mas não podia estar mais errada. De surpresa, meu rosto passou ao desgosto: já estava sentindo profundamente o gosto azedo da humilhação.

— Só não sei o que ganharia fingindo que gosta de mim. Popularidade, talvez? — Ele foi chegando mais perto, em passos lentos. Por reflexo, comecei a andar para trás, para evitar que ficássemos tão próximos. — Não, não acho que precisa de alguém para isso. Um aliado de mentiras? Eu já disse que detesto esse tipo de coisa. — Chegava mais e mais perto. De repente, senti a aspereza dos tijolos do muro contra as minhas costas. Era o fim da linha. — E então, *Beatrice*? O que seria? Conta pra mim.

Eu estava encurralada. Aquela era a hora de cuspir toda a verdade e amargura de anos entalada em minha garganta. Mas por que, ao olhar em seus olhos, eu não conseguia reagir? Embora estivessem semicerrados numa expressão intimidante, não havia ódio ali refletido. Eram outros sentimentos ocultos que eu não conseguia identificar.

— V-você tá certo — resmunguei, tentando não fazer com que minha voz saísse tão tremida. — Eu pretendia usar você de alguma forma, mas para o *quê* não te interessa!

Meus pés já se preparavam para uma fuga, mas antes de qualquer movimento brusco, ele me bloqueou com seus braços estendidos contra a parede.

— Oh! — fingiu surpresa. — Tá aí. Finalmente, a verdadeira *Beatrice*. Em pensar que aquela garota delicada e doce era só uma fachada. — Ele abanou a cabeça, decepcionado. — Você falou que queria me usar. É assim que vê as pessoas? Como meros objetos?

— Me deixa sair — protestei entre dentes. — Em qual posição você acha que tá pra me dar sermão?

— "Qual posição"? — Ele levantou uma sobrancelha. — Bem, então acho que você não liga para o que *tooooo* mundo vai pensar quando eles

descobrirem o que eu vi hoje. Acho que será a fofoca do ano, mas quem se importa?

Ah não! Eu sabia. Sabia que o monstinho mostraria as garras em algum momento, mas eu não esperava que fosse tão cedo e tão fora do meu controle! Enquanto eu tentara dar um salto, Hiero dera um duplo *twist* carpado e usava minha própria estratégia contra mim, a velha história do "feitiço contra o feiticeiro".

Ele despreendeu os braços da parede e voltou a caminhar calmamente pela calçada. Numa ação desesperada, decidi engolir a última gota de orgulho. Corri e agarrei um pedaço do pano de sua jaqueta jeans. Com a cabeça baixa e tentando esconder meu queixo tremido, balbuciei baixinho:

— N-ninguém pode saber. Não conte pra ninguém...!

— Não está se esquecendo de nada não? — Fez uma cara inocente.

Mas que inferno!

— *P-por favor*, não conte pra ninguém.

— Hum? Não consegui ouvir — ironizou, colocando os dedos atrás da orelha e encurvando-se em minha direção.

— POR FAVOR, NÃO CONTE PRA NINGUÉM!

Agora parecia satisfeito.

— Beleza. Posso fazer isso. — Antes que eu pudesse ficar feliz, ele colocou uma das mãos no bolso e com a outra, ficou a observar suas unhas. — Mas meu silêncio custa caro.

Revirei os olhos. Garotos, todos iguais. Como se não bastasse apenas o Bruno me subornar!

— E o que você quer? — perguntei voltando ao tom áspero, defensivo.

— Vou pensar. Tem muita bagunça sua para eu esconder. *Deixo* ver... morar juntos e o passado — Ele levantou dois dedos — A sua personalidade... — Levantou mais um. — Ah! E não vamos esquecer a coleção de *revistinhas* debaixo do seu colchão.

Meus olhos quase saíram das órbitas.

— A-andou me espionando?! — gritei, cruzando os braços em cima do meu busto. — Isso é... isso é crime!

Pela primeira vez, ele riu relaxado como se tivesse visto algo engraçado.

— Ei, calma aí. Não preciso espionar. Tenho minhas *fontes*.

Não acredito... Mikhel, seu pequeno traidor!

Hiero pigarreou e voltou para sua postura firme.

— Mais tarde vou dizer. Até lá, aguarde.

Chegamos em casa e seguimos a rotina como se nada tivesse ocorrido, exceto pelo fato de que não trocamos uma só palavra desde então. Se nos cruzávamos pelo caminho, apenas nos comunicávamos por olhares — eu, através de farpas. Não sei como foi o período para ele, mas quanto a mim, me vi mergulhada em ansiedade até o último fio de cabelo. Não conseguia dormir direito imaginando que tipo de loucura eu teria de fazer para sustentar minha teia de aparências perfeitamente tecida, e quando dormia, Hiero aparecia em meus sonhos com um olhar maquiavélico, esfregando as mãos, pronto para me torturar com um tridente. Aquela semana foi um pesadelo! Gastei quase um vidro de base inteirinho só para disfarçar minhas olheiras de urso panda.

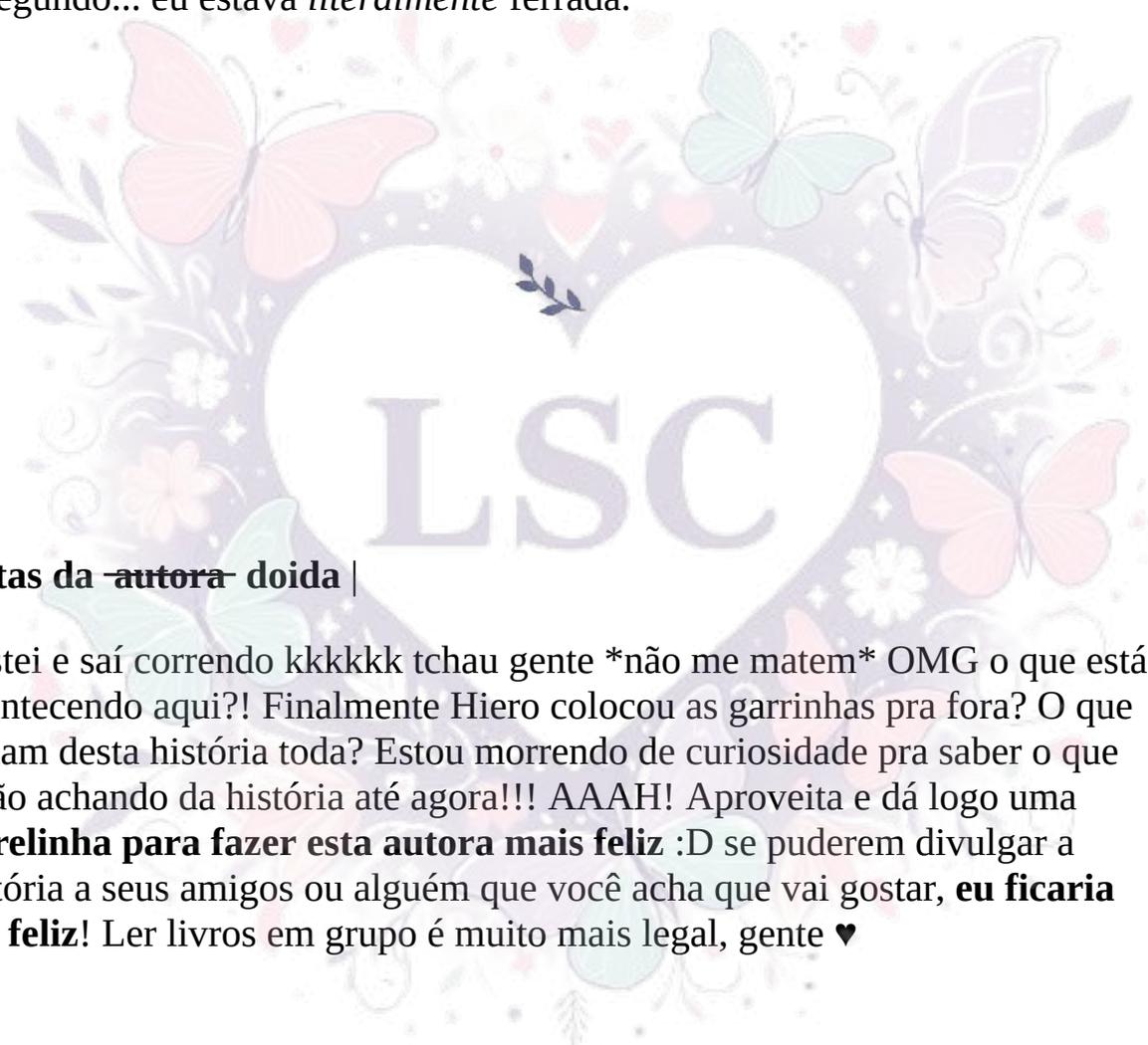
Mas aí, no sétimo dia, encontrei um bilhete dentro do meu estojo quando voltei do intervalo. Desdobrei-o com cuidado, para que as meninas não vissem. Escrita em tinta azul e em letra cursiva, a frase dizia: "*Venha ao meu quarto... esta tarde*".

Meu Deus. Medo!

Nem conseguia imaginar o que ele queria comigo, mas de duas coisas eu tinha certeza:

Primeiro, os prenúncios realmente existem e a partir em diante, eu iria prestar mais atenção quando a pilha do meu despertador começasse a morrer.

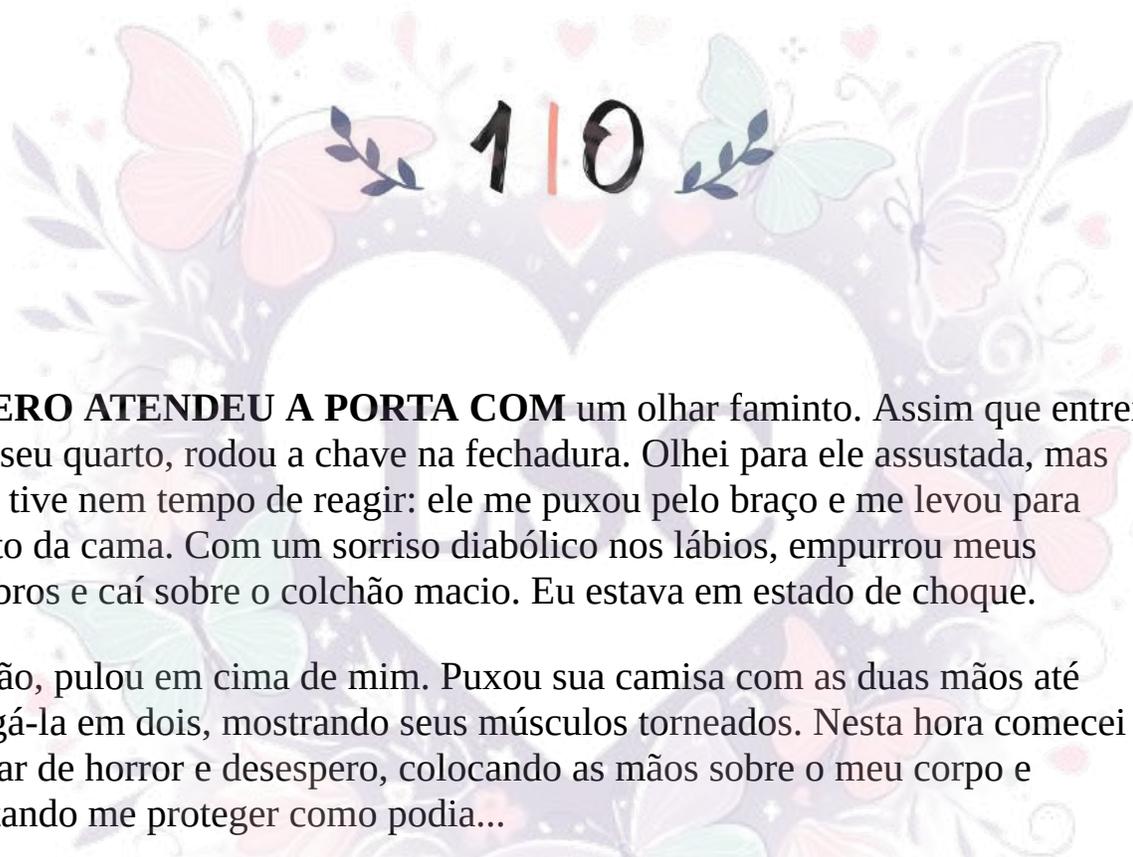
E segundo... eu estava *literalmente* ferrada.



Notas da ~~autora~~ doida |

Postei e saí correndo kkkkkk tchau gente *não me matem* OMG o que está acontecendo aqui?! Finalmente Hiero colocou as garrinhas pra fora? O que acham desta história toda? Estou morrendo de curiosidade pra saber o que estão achando da história até agora!!! AAAH! Aproveita e dá logo uma **estrelinha para fazer esta autora mais feliz** :D se puderem divulgar a história a seus amigos ou alguém que você acha que vai gostar, **eu ficaria tão feliz!** Ler livros em grupo é muito mais legal, gente ♥

10.



HIERO ATENDEU A PORTA COM um olhar faminto. Assim que entrei em seu quarto, rodou a chave na fechadura. Olhei para ele assustada, mas não tive nem tempo de reagir: ele me puxou pelo braço e me levou para perto da cama. Com um sorriso diabólico nos lábios, empurrou meus ombros e caí sobre o colchão macio. Eu estava em estado de choque.

Então, pulou em cima de mim. Puxou sua camisa com as duas mãos até rasgá-la em dois, mostrando seus músculos torneados. Nesta hora comecei a gritar de horror e desespero, colocando as mãos sobre o meu corpo e tentando me proteger como podia...

Abanei a cabeça com veemência, fazendo aquele devaneio espocar como uma bolha de sabão. Eu só poderia estar ficando louca! Sim, uma semana sem dormir direito faz a gente começar a misturar a realidade com a fantasia, então eu não devia estar batendo muito bem da cabeça. Espere um pouco, a culpa não é só minha! Por que raios ele não escreveu logo o que queria no bilhete em vez de fazer todo esse suspense? As minhas suspeitas são de que ele no fundo estaria se divertindo com a minha angústia em antecipar o que viria. *Ahg*, aquele maldito...! Já não basta a humilhação que me fez passar bem no meio da rua?

Várias outras cenas se passaram na minha mente. Talvez eu não corresse tanto risco por não estarmos sozinhos em casa. Mamãe não trabalhava, pelo menos não formalmente. Ela costumava fazer alguns artesanatos e vender milhares de coisas por catálogos — como os da Hermes e da Avon. Então, mesmo que papai estava no trabalho e meus irmãos, estudando, eu tinha certeza de que haveria alguém por lá para me socorrer, embora ela passasse a maior parte do tempo vespertino fazendo sua máquina de costura zumbir.

Eu sentia as palmas das mãos molhadas e trêmulas quando cheguei em frente ao quarto. Por precaução, vesti meu longo macacão jeans com vários botões e coloquei no bolsão todo o resto da minha mesada. Não havia sobrado grandes coisas, mas tendo convivido com garotos a minha vida inteira, concluí que eles só se satisfazem com dinheiro.

Respirei fundo antes de bater com o dedo indicador na porta. Quando sua voz grave permitindo a minha entrada veio do outro lado, meu coração parecia um velho relógio cuco quebrado. Abri a porta vagarosamente, querendo adiar cada segundo possível.

Hiero se encontrava debruçado sobre a mesinha de centro. Seu foco de atenção eram seus livros e ele parecia muito ocupado anotando algo no caderno.

— Pode deixar a porta aberta — disse sem interromper o que estava fazendo.

Sentei-me na pose de lótus do outro lado da mesa. Ele prosseguia ocupado, procurando algumas palavras no dicionário Larousse Inglês/Português. Seu olhar não levantou e, passados alguns momentos, comecei a me sentir terrivelmente desconfortável.

Bufei e torci os lábios, retirando a quantia do bolso frontal do macacão. Quase como um tapa, coloquei abruptamente as cédulas bem no meio do seu caderno com a palma virada para baixo.

Foi então que sua atenção se virou para mim.

— O que é isso? — perguntou.

Pigarreei.

— Não é muito porque ainda não recebi minha mesada de março. Quantos meses é o suficiente para você?

A ponta dos seus lábios se levantou num meio sorriso.

— Por que você acha que eu quero sua mesada?

Revirei os olhos. — É o que meus irmãos sempre fazem.

Ele pegou as cédulas e estendeu-as de volta.

— Eu não sou assim. Pensei em algo *melhor* — Sorriu cinicamente.

Dobrei o dinheiro e coloquei de volta no bolso, sentindo um frio percorrer as minhas costas. Hiero mexeu em algumas coisas ao seu lado, que, por estarem no chão, não conseguia ver o que eram. Então, começou a colocá-los em cima da mesa: livros e mais livros. Eram grossos e de capa vermelha. Imediatamente os reconheci como parte da coleção Barsa. Papai tinha todos em sua grande estante de madeira maciça em seu escritório.

— Parte do trabalho eu já fiz. — Ele colocou um caderninho de capa preta em minha frente. Todas as suas páginas estavam preenchidas com resumos cuidadosamente estruturados em tópicos. Sua grafia era uniforme e bem desenhada.

— O que é tudo isso? — perguntei em um tom desconfortável.

— São assuntos esmiuçados do que estudaremos este semestre, segundo consta na nossa grade curricular. Consegui organizar tudo naquela semana do carnaval.

Eu já sabia que Hiero estudava demais, mas aí já era o cúmulo. Relevando o fato de que aquilo era meio bizarro, fechei o caderno com impaciência e perguntei:

— Certo, mas o que eu tenho a ver?

Ele sorriu com lábios cerrados e se inclinou sobre a mesinha em minha direção. Abriu o caderno nas primeiras páginas e apontou para o papel.

— Aqui está o assunto principal, e aqui, os temas relacionados. O que você vai fazer é... — Ele pegou um dos livros e o abriu. — ... procurar tudo acerca destes tópicos e condensá-los. Escrever de forma sucinta exatamente tudo o que é necessário saber, sem abrir mão da qualidade. Algo que eu possa usar rapidamente em caso de prova e entregar em um trabalho quando necessário.

Aquilo devia ser uma pegadinha.

— Pera. Você quer que eu praticamente faça um *seminário* de cada um desses tópicos?

Ele afirmou com a cabeça.

— Do semestre *inteiro*?!

Ele continuou a balançar a cabeça de um jeito irritante.

— Você só pode estar maluco! — Levantei-me exasperada. — Isso já passa dos limites da chantagem! Não tem um pingo de vergonha nessa sua cara-de-pau?

Ele sorriu.

— Bem, eu tenho várias metas pessoais que tomam muito do meu tempo, então você é perfeita para me ajudar a poupar um enorme esforço. — Ele umedeceu os lábios com a língua. — Pra falar a verdade, eu não queria *mesmo* fazer isso, mas já que estou na vantagem...

Desgraçado!

— Olha, não vou te obrigar a fazer nada. — continuou. — Se não quiser, tudo bem. Talvez sua popularidade não seja lá grandes coisas assim. — Ele fechou os olhos para o sorriso mais falso que já vi na vida.

Relutantemente, abaixei o olhar e voltei a me sentar em sua frente.

— Ah, que bom. Fico feliz pela sua boa vontade em querer me ajudar. Então, a partir de agora, estudaremos aqui todas as tardes. O que acha?

Eu ainda fitava minhas mãos se retorcendo em meu colo, controlando ao máximo minha vontade de gritar e mandá-lo ao inferno ou a lugares piores, mas a forma como fui educada me impedia de falar palavrões — eram proibidos em casa, e caso mamãe nos visse falando um, nos fazia lavar a boca com sabão na pia. Eu também sabia que não havia alternativa. Eu já havia gasto tempo demais construindo uma reputação, e não podia correr o risco de arruiná-la da noite para o dia.

— Eu já fiz resumos dos primeiros assuntos. Você pode começar por aqui...
— Hiero folheou as páginas e parou em um determinado tópico. — Qualquer coisa, você pode pedir minha ajuda.

Bufei e abri um livro da enciclopédia com energia.

— Não é muito mais fácil só procurar tudo na Internet? Existe um *site* chamado Wikipédia, se você não sabe. — resmunguei irônica. Passei os olhos pelas páginas amareladas, fotos coloridas e milhares de letrinhas. O volume era tão antigo que cheirava uma mistura de pó, baunilha e mofo.

— Eu sei — respondeu sem parecer ofendido. Ele voltara a procurar palavras no dicionário. — Seria ótimo, se eu *ao menos* tivesse um computador. Você tem um?

Torci os lábios. Meus pais haviam prometido um *laptop* de presente, mas somente quando eu completasse dezoito anos. Essas máquinas eram tão caras que o valor de três delas era o equivalente a um carro popular zero-quilômetro, e eles ainda estavam pagando as prestações do computador do Bruno. E você acha que ele me emprestava? Nem em sonho. Ah, sim. Havia um computador de mesa no escritório de papai, mas como continham informações sigilosas da escola, éramos proibidos de mexer nele. Nem mesmo sabíamos a senha.

— Podemos usar os do laboratório de informática — abaixei o tom de voz, contrariada.

— Em alguns dias. Acho que não seria legal a gente passar tanto tempo na escola. Seus pais podem ficar preocupados.

A forma como ele casualmente falou "a gente" me deixou ainda mais irritada.

— Olhe aqui — Inclinei-me para frente sobre a mesinha e então ele levantou o olhar do caderno para meus olhos. — Vamos deixar uma coisa bem clara. Eu vou só fazer isso porque você prometeu manter tudo em segredo, nada além disso. Eu *não* sou sua amiga e nem mesmo *gosto* de você, entendeu?

O seu rosto suavizou e suas pálpebras desceram um pouco. Sua expressão me fez sentir uma pontada de culpa em ser tão direta, mas só de pensar em como *eu* era a pessoa explorada ali, prossegui com meu tom de voz duro:

— Por isso, vamos nos tratar como realmente somos: apenas duas pessoas que dividem o mesmo teto. Não há necessidade nem mesmo de irmos para a escola juntos. Faço questão em acordar mais cedo para evitar isso.

Ele baixou o olhar para os livros e voltou a estudar silenciosamente. Encarei o caderninho de anotações por alguns momentos, ainda agitada demais para me concentrar em alguma coisa. Embora sentisse que havia protegido meu orgulho, parte de mim se sentia miserável. Eu podia ser falsa, mas ainda conseguia discernir o certo e o errado, e eu sabia que aquelas palavras foram um pouco cruéis. No entanto, não voltaria atrás. Se eu tinha agido assim, a culpa era totalmente *dele*, para início de conversa.

Passamos vários minutos presos em um silêncio esmagador. Quando o ar em nossa volta estava quase sufocante, ouvi sua voz de forma baixa e suave:

— Não tem problema. Mas quando disse que queria que fôssemos amigos... era de verdade.

Amigos? Ele realmente falou isso? Se ele estivesse sendo verdadeiro, eu nem estaria nesta situação. Sua afirmação era tão antagônica às suas atitudes que eu estava quase convencida de que aquele garoto era *bipolar*.

— Vou pegar meu estojo. — Levantei-me abruptamente.



Um dos termos das aulas de História Mundial começou a fazer sentido para mim em relação a Hiero: a tal da Guerra Fria. A gente não brigava ou discutia, mas posso dizer que era clara a tensão entre nós. Bem, pelo menos da minha parte. Era esquisito, porque só nós sabíamos o que estava acontecendo e tínhamos de fingir a normalidade no colégio, bem como manter a postura diante dos nossos colegas. Volta e meia eu percebia seu olhar sobre mim e respondia-o com a mesma firmeza. Ficávamos assim o tempo todo, nos comunicando apenas com os olhos.

Eu estava tentando fazer isso quando Mima o convidou para sentar-se junto conosco à sombra de alguma árvore do jardim lateral, na hora do intervalo. Eu espremia as pálpebras e balançava levemente a cabeça na tentativa de fazer com que ele não viesse, mas ele sorriu em provocação e concordou. Era irritante, mas eu sabia que no fundo, não havia nada que eu pudesse fazer. Assim como Luke, Hiero já fazia parte do nosso grupinho e era muito bem aceito pelos demais. Azar o meu, presumo.

— Ele não vem? — perguntei quando atravessávamos o pátio. Maneei a cabeça em direção a Tadeu, que andava na companhia de três outros alunos de aparência gótica.

Mima revirou os olhos e torceu os lábios. — Até eu já perdi a esperança neste aí. Ele me tratava tão bem, apesar das nossas típicas implicâncias de irmãos, mas agora, sabe do quê ele me chama? De "patricinha de merda" e "burguesinha metida" — Suas bochechas coraram de raiva. — Só assim que a gente vê quem as pessoas são de verdade.

Dahlia enlaçou um braço no de Mima carinhosamente.

— Relaxa, eu creio que é apenas uma fase. É necessária muita maturidade para lidar bem com as decepções da vida.

— Garotos são todos estúpidos. — a amiga bufou.

— Ei, nós ainda estamos aqui, viu? — Luke resmungou atrás de nós. — Já estou anotando tudo no meu "caderninho de mágoas".

A moça de cabelos lisos virou-se e brincou de dar tapinhas no ombro dele. Por alguns instantes, senti um incômodo vindo do fundo do peito. Desviei os olhos dos dois e corri para o gramado, a fim de fazer com que a atenção deles se virasse para outro lugar.

— Aqui é perfeito para um piquenique! — exclamei.

Nós nos sentamos em um pequeno círculo. As pequenas folhas verdes espetavam levemente a minha pele, mesmo sob a camada de tecido do short-saia. Consumíamos muitas calorias, como pão com queijo, empadas e refrigerante — com exceção do lanche de Hiero, um copo de salada de frutas.

— Não sei como você está tão calma em relação ao Tadeu, Dahlia — comentei após mastigar educadamente. — Aliás, vocês não acham que ele não está exagerando muito?

— Estou triste porque eu realmente considerava ele como amigo. — a linda garota negra baixou os olhos. — Mas por outro lado, nunca estive tão feliz. Sabe, é maravilhoso quando você acha alguém que te entende e te aceita completamente, como o Cris...

— Oh, que bonitinho! — Luke sorriu. Ele não estava zombando, mas sendo atencioso.

— É meio sem sentido, mas tem muitos garotos que começam a tratar rispidamente a garota por quem estão apaixonados... geralmente é para chamar a atenção. — Hiero comentou casualmente. — E isso é bem estúpido mesmo.

Naquele momento, nossos olhares se cruzaram de relance. Posso dizer que a expressão contida naqueles olhos azuis me deixou um pouco confusa.

Luke riu e passou o braço ao redor do ombro do rapaz, fazendo com que este engasgasse com a salada de frutas.

— Não sei não, mas isso tá parecendo a voz da experiência falando! — provocou. — Vamos, conta para a gente: quem foi?

Hiero balançou a cabeça e rolou os olhos, também rindo.

— Macho, fique de boca fechada, que é melhor — revidou, colocando uma colherada do seu lanche na boca do loiro. Os dois agiam com tanta naturalidade que fiquei me perguntando quando foi que se tornaram amigos.

— E falando nisso, o que aconteceu com aquele tal de Jorge? — Mima perguntou.

— Não sei, nem quero saber — Tomei mais alguns goles de Coca pelo canudinho. — Pelo que me disseram, ainda não voltou para a escola. Deve estar esperando o nariz sarar.

— Ou só tá com muita vergonha do vexame que ele passou — emendou Luke, dando uma leve e amistosa cotovelada em Hiero.

— Tenho de repetir que foi acidente?

— Acidente ou não, eu adoraria ter visto a cena — Dahlia comentou enquanto nos levantávamos e batíamos nossas roupas para desgrudar algumas folhinhas. — Conta de novo a cara que ele fez quando o pai dele chegou na diretoria, Bea!

Satisfeita com a atenção direcionada a mim, comecei a falar como quem conta uma fofoca inédita:

— Sabe aqueles cachorros que late, mas não morde? Pois é, ele estava todo alterado, gritando para que a gente ganhasse alguma punição e que iria nos processar, mas quando o pai apareceu, ficou todo pianinho. — Ri com a lembrança. — Parece que aquele homem sabia bem o tipo de filho que tinha em casa porque nem quis ouvir nada e saiu empurrando o garoto.

As duas riram divertidas, acompanhando os passos de Hiero. Atrasei um pouco por precisar jogar minha latinha numa lixeira próxima, e apenas Luke me esperou, enquanto os outros seguiam conversando. Vê-lo parado, olhando intensamente para mim com um meio sorriso nos lábios fez um nervosismo brotar em meu estômago. Parecia até que eu iria apresentar um trabalho para um auditório lotado.

— Não pense que eu me esqueci — ele falou, mordiscando o canto dos lábios.

Desviei meus olhos daquelas íris agateadas e fitei o chão.

— Esqueceu? D-do quê? — Tentei em vão manter a tranquilidade.

— Daquele real que você está me devendo — Ele deu um sorriso provocante, destacando uma covinha na bochecha.

— Ah! Sim! Que cabeça a minha... — Busquei o troco no bolso do short-saia. — Aqui.

Ele riu com os olhos fechados, encurvando-se levemente para frente.

— Pensei que você iria pensar numa outra forma de devolver.

— Bem... eu...

Ele colocou as mãos nos bolsos e ficou brincando de passar a sola da bota envernizada no cascalho.

— Algo que a gente pudesse fazer junto, tipo... sei lá, ir ao cinema ou só tomar um sorvete. O que você acha? Não esqueça que eu salvei a sua vida com aquele real.

É isso mesmo o que eu estou pensando? Ele... ele está me chamando para sair? Aquilo veio tão de repente que na hora fiquei sem saber o que dizer.

— Ei, vocês dois aí! Vão perder o sinal, hein! — Mima gritou lá da frente, acenando para nós.

Sorri e acenei para ela, tentando esconder ao máximo a inquietação. Voltei minha atenção ao rapaz, que ainda esperava pacientemente minha resposta. Ele movimentou as sobrancelhas, como num incentivo para que eu falasse algo, mas meus lábios apenas se mexiam sem conseguir pronunciar nada.

Finalmente ele riu e bagunçou meus cabelos afetuosamente.

— Não se preocupe, era só uma brincadeira. — disse.

Assisti por alguns segundos ao rapaz distanciando-se de mim. Meu coração dava piruetas e eu devia estar vermelha como um pimentão. Ainda não sabia bem o que fazer, mas de uma coisa eu estava certa: eu não podia deixar as coisas daquela forma. Eu não sabia ao certo o que estava sentindo, nem se aquele convite tinha algo de especial, mas não gostei de ele ter saído de perto de mim. Eu me senti triste em ter de fitar suas costas.

Por isso, juntei toda a minha coragem para passar-lhe furtivamente um bilhetinho durante a troca de professores do último período.

"Eu adoro filmes... e sorvete tbm".

Fiquei o tempo inteiro com a cabeça baixa, morrendo de vergonha. Minha vontade mesmo era sair correndo dali, ou que magicamente aparecesse um buraco que me engolisse para dentro da terra.

Instantes depois, Dahlia me passou uma borracha. Olhei para os lados e Luke fez menção para que eu olhasse dentro do protetor de plástico. De lá tirei um pedacinho de papel. Meu coração bateu mais forte só de conhecer sua letra:

"Legal!!! Então me passa seu número para a gente combinar melhor =P

PS. to muito feliz."



11.

A decorative graphic featuring two butterflies, one pink and one light green, flanking a central vertical line with the number '11' on either side. The background is a soft, light purple and pink gradient with faint floral and heart patterns.

NAS VEZES EM QUE PAPAI NÃO precisava trabalhar à noite e aparecia para o jantar, mamãe preparava uma refeição tão suntuosa quanto uma ceia de Natal. Minha mãe não era aquele tipo de super-mãe-coruja-e-carinhosa, a qual vive abraçando e mimando a família. Ela não costumava dizer com frequência que nos amava, mas sabíamos que, ao deixar a casa e as roupas limpas, zelar pela nossa educação e cozinhar pratos elaborados, mesmo sem saber muito sobre culinária, era a sua maneira de demonstrar este amor.

Naquela noite, ela havia feito costelinhas de porco assadas com batatas, o prato favorito de papai. Ele nem pegava muito os acompanhamentos e já deixava um prato extra ao seu lado para amontoar os ossos. Nós percebíamos que, se ele também tivesse sua garrafinha de *Malzbier*, conseguir relaxar melhor e esquecer os problemas do Instituto.

— E então, garotos, como vão os estudos? — perguntou entre uma garfada e outra. — Daqui a uma semana já começarão as provas bimestrais. Estão se preparando?

O seu tom não era o de cobrança ou rispidez. Apesar da aparência séria de âncora de jornal (costumávamos dizer que ele se parecia com um William Bonner mais velho e grisalho), papai era muito simpático e amável. Eu o vi

bravo poucas vezes em minha vida — mas quando ele chegava a este ponto, sai de baixo! Só o seu olhar nos fazia tremer da cabeça aos pés.

— O Hiero e a Bibi parecem estar bem firmes em relação a isso — mamãe levantou as sobrancelhas e sorriu, ignorando minha careta a ela quando falou meu detestado apelido. — Agora começaram a estudar juntos, e todas as tardes eu os ouço revisando as matérias. Estou contente com a iniciativa.

— E eu vou arrasar e tirar muita nota alta. — Mikhel se intrometeu. — O mano tá me ajudando com os problemas de matemática e inglês. Ei, Bea, não esquece a sua promessa de lavar a louça no meu lugar quando eu chegar cheio de nota dez no meu boletim, tá? — E me deu uma cotovelada de leve.

Revirei os olhos e continuei minha tarefa de tentar separar os pedacinhos murchos de cebolinha num canto do prato.

— Mano? O Bruno está te ajudando? — perguntou papai com um sorriso orgulhoso.

— Não, papai, o meu *outro* mano. — O garoto olhou para Hiero.

Papai estendeu o braço e deu tapinhas amigáveis no ombro do rapaz, o qual sorriu meio encabulado. — Esse é um rapaz de ouro. Tem um grande futuro pela frente.

— E daria um ótimo genro, não é, pai? — Bruno me provocou com uma expressão cínica. Mikhel explodiu em uma gargalhada exagerada, Hiero escondeu o rosto com uma mão e meus pais ficaram a se entreolhar, rindo.

— Há. Há. Há. A piada foi tão engraçada que até me esqueci de rir. — Encarei meu irmão com os olhos em duas fendas, com uma vontade enorme de jogar o *pirex* de creme de milho em sua cara.

— Bruno, olhe os modos. — Mamãe conseguiu se recompor, e, tentando desfazer o clima estranho, dirigiu-se a Hiero com outro assunto: — E quanto a Joana? Como ela vai?

Ele limpou a garganta. — Ela vai bem, dona Márcia. Ultimamente tem me ligado pouco, por causa do trabalho... Ah, sim. Não sei se vocês estão sabendo, mas ela aceitou uma proposta de casamento. A cerimônia será agora no meio do ano.

Mamãe ficou encantada. — Sério? Que maravilha! Estou muito feliz por ela. Preciso telefonar para dar os parabéns!

— O que foi, meu filho? Não parece muito animado com a ideia. — papai observou ao olhar a expressão de Hiero.

— Eu estou, mas é que... — ele rolou um pedaço de batata para lá e para cá com o garfo. —... Eu não conheço bem esse homem. Nos encontramos poucas vezes. Mesmo que talvez não venhamos a morar juntos como uma família, querendo ou não, ele será meu padrasto. Ele possui uma grande companhia de produtos alimentícios no Rio Grande do Sul e poderá dar uma boa vida pra minha mãe, mas não sei muito sobre a sua maneira de ser.

Enquanto ainda conversavam, comecei a recolher os pratos vazios e a colocá-los na pia. Ao me virar para o balcão, retirei rapidinho o celular do bolso do macaquinho. Olhei no visor externo da tampinha e, infelizmente, não havia mensagens ou chamadas. Era de se esperar, já que ele não vibrou durante o jantar. Verifiquei mais uma vez, como se apenas por minha vontade alguma mensagem de Luke fosse aparecer magicamente.

O jantar parecia ter acabado quando papai retirou-se para a sala. Mamãe me ajudou a retirar o resto das travessas. Bruno apareceu do meu lado e colocou seu próprio prato na pia.

— Ainda bem que a louça de hoje não é minha. — E apontou para a grande assadeira de alumínio que se encontrava no fundo da pia. Ela estava completamente encrustada de gordura queimada das costelinhas. — Boa sorte!

Agarrei o pano da sua camiseta antes que se virasse para ir embora.

— Qual a possibilidade de você me retribuir o favor daquele outro dia? — Pisquei olhinhos chorosos, torcendo para que minha encenação derretesse

um pouquinho aquele coração de aço.

— Credo, sai pra lá — E fez uma careta. — Nem sei que dia foi esse.

Retribuí dando a língua. Virei-me para a louça e suspirei, tomando coragem.

— Precisa de ajuda por aí? — Ouvi aquela voz achocolatada atrás de mim. No susto, acabei espirrando mais detergente na bucha que o necessário.

— Você deve ter algo melhor para fazer. Por que não vai assistir tevê com eles? — disse com frieza. Desde que Hiero decidiu impor a mim um regime de semiescavidão, era somente assim que minhas palavras saíam. Ele, porém, parecia ignorar minhas respostas atravessadas como um atleta pulando barreiras numa corrida de obstáculos.

— Está tudo bem. Quero mesmo ajudar — respondeu. Não senti nenhuma malícia ou provocação em sua voz. — Eu venho te dando muito trabalho nestes últimos dias e gostaria de aliviar um pouco as suas atividades.

Oh, ao menos encontramos a sua consciência em algum lugar!

— Se é assim, então para de fazer isso comigo... — resmunguei, mesmo sabendo o que ele iria dizer. Já devia ser a centésima quarta vez que repetia a mesma coisa.

— Não posso. — Seus lábios apertaram-se. Eu podia jurar que via culpa estampada em seu rosto.

— Beleza — Larguei a bucha na pia, limpei as mãos no avental e cruzei os braços. — Por que não? Esta parte você nunca me explicou.

Ele abaixou o prato de porcelana e deixou a água escorrer livremente pelas suas mãos.

— Porque já está tudo planejado. Não foi à toa que passei no Saint Louis. Eu tenho um objetivo, Bea. O Saint Louis é um dos únicos colégios que realizam exames para conclusão antecipada do Ensino Médio, bem como todo o suporte para alunos que queiram estudar no exterior.

Uma ruga se formou na minha testa.

— Conclusão antecipada? Então quer dizer que você pode se formar mesmo estando no segundo ano?

— Isso aí. As provas acontecem quando solicitadas, geralmente no fim de cada semestre.

— Então, pera um pouco, por que estou fazendo aquilo *por você*? Não era melhor *você* estar fazendo aquilo e se preparando para essa prova?

Ele sorriu com o canto dos lábios.

— Na verdade, eu *já* estudei aquilo tudo e muito mais nestes últimos anos, mas preciso dos resumos para cumprir com os trabalhos e provas este semestre. Estou aproveitando meu tempo para focar na principal área que preciso aperfeiçoar, o meu inglês.

Hump, então ele precisa de mim apenas para o trabalho pesado, pensei.

— Não se preocupe — Ele colocava a louça com cuidado no escorredor. — Você pode utilizar os resumos nos seus próprios trabalhos e provas. Então o único beneficiado não sou eu, certo?

Torci os lábios e coloquei as mãos de volta na pia ensaboada. — Que seja.

De repente, senti o celular no bolso vibrar com uma mensagem e uma onda de arrepio passou por todo o meu corpo. Retirei as mãos na mesma hora da água, enxuguei-as rapidamente e corri para a dispensa, a fim de ter um pouco de privacidade. O visor externo tinha o desenho de um envelope. Abri a tampinha e na telinha iluminada, consegui ler:

"Boa noite. Aq eh o Luke. Como vai vc? Esta mto tarde p tc?"

Digitei rapidamente no teclado numérico, tomando cuidado para não trocar nenhuma letra:

"Ta td bm. Nao ta tarde n :)"

"Q bom! Posso te ligar?"

Coloquei a mão no peito, sentido meu coração bater descompassadamente.

"So um minuto".

Baixei a tampa e saí da despensa. Hiero tinha assumido meu lugar na pia e estava esfregando a temida assadeira. Pé ante pé fui atravessando a cozinha e subindo a escada, sentindo-me como uma verdadeira ninja. Assim que fechei a porta do meu quarto, o celular começou a vibrar e piscar a luz azul. Quase deixei o aparelho cair das minhas mãos no susto. Engoli duas vezes antes de abrir a tampa.

— A-alô?

— Oi. — Veio a voz amanteigada de Luke do outro lado da linha. — *A gente pode conversar agora?*

— Claro! Deixa eu só...

Atravessei o quarto agitada, tentando não pisar nas peças de roupa sobre o carpete, mas acabei tropeçando numa sandália e saí pulando com um pé só até o pequeno closet.

Aquela salinha minúscula era onde eu gostava de ir quando não queria ser ouvida por absolutamente ninguém. Geralmente o usava para chorar minhas mágoas ou apenas fofocar pelo telefone com minhas amigas, mas seria a primeira vez que a usaria para falar com um *rapaz*. Eu estava realmente nervosa e não sabia como agir.

— *Está tudo bem por aí? Jurei ter ouvido você capotando em algum lugar.*

— Ouvi sua risada gostosa ao fundo.

— Sim, *he he he*. Eu só vim para um lugar onde podemos conversar sem sermos interrompidos.

Sentei-me com os joelhos dobrados na frente do meu peito. As barras dos meus vestidos e macacões tocavam a minha cabeça e ombros. Senti um leve cheiro de naftalina.

— *Bacana. Eu estava pensando... você gosta de comédia?*

— Gosto... gosto sim.

— *Então, ouvi que vai estrear uma comédia muito legal nessa quinta-feira. Que tal? Você quer ir?*

Tentei controlar em vão minha respiração. Eu queria muito. De verdade. Não importava se era um encontro romântico ou algo casual entre amigos. Mas havia um problema, que só agora me passava pela cabeça: meus pais nunca iriam permitir que eu saísse sozinha com um rapaz que eles não conheciam.

Como você pode perceber, eu e meus irmãos fomos criados de forma um pouco rigorosa. Tínhamos regras e o nosso conforto estaria comprometido se a gente não obedecesse. Eu só fui liberada para namorar aos quinze anos, mas para isso havia um processo, o qual incluía que meus pais conhecessem e confiassem na pessoa que iria me levar para sair.

— *Bea, você está aí?*

— E-estou...

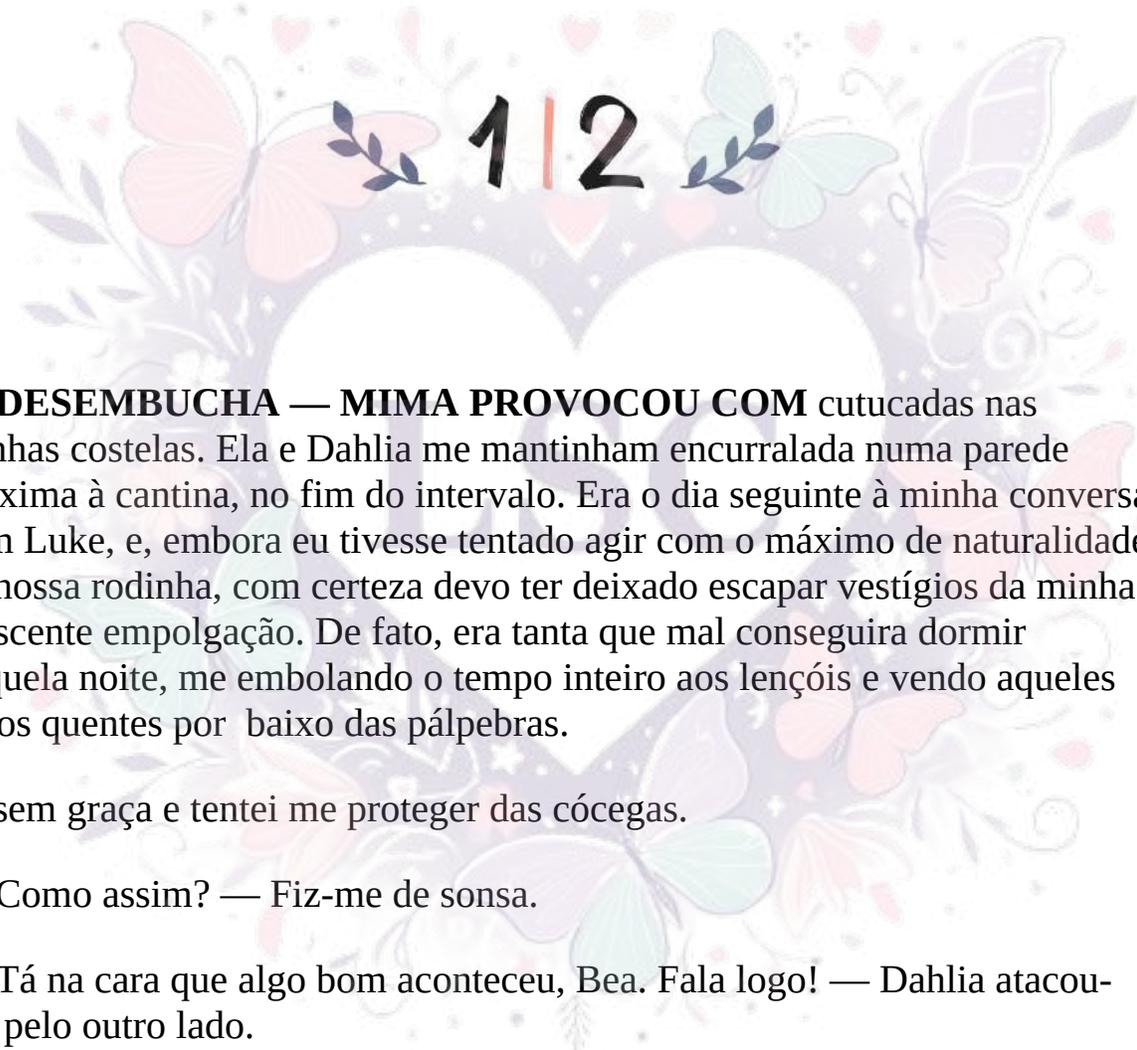
— *E então, o que você acha?*

Mas... como dizem a respeito do brasileiro — para tudo damos o nosso famoso "jeitinho". O meu, no caso, era mentir. Afinal, não era só um garoto, era o Luke! Está maluco que eu deixaria essa oportunidade passar. Fechei os olhos e respondi, ignorando o alarme vermelho que insistia em ressoar em minha mente:

— Tudo bem. Vamos nesta quinta.



12.



— **DESEMBUCHA** — **MIMA PROVOCOU COM** cutucadas nas minhas costelas. Ela e Dahlia me mantinham encurralada numa parede próxima à cantina, no fim do intervalo. Era o dia seguinte à minha conversa com Luke, e, embora eu tivesse tentado agir com o máximo de naturalidade na nossa rodinha, com certeza devo ter deixado escapar vestígios da minha crescente empolgação. De fato, era tanta que mal conseguira dormir naquela noite, me embolando o tempo inteiro aos lençóis e vendo aqueles olhos quentes por baixo das pálpebras.

Ri sem graça e tentei me proteger das cócegas.

— Como assim? — Fiz-me de sonsa.

— Tá na cara que algo bom aconteceu, Bea. Fala logo! — Dahlia atacou-me pelo outro lado.

— Tudo bem, vocês venceram! — gritei. De qualquer forma, não iria aguentar e acabaria contando. Então, com detalhes, revelei tudo o que havia passado. As duas arregalaram os olhos e comemoraram, soltando gritinhos de alegria.

— É isso aí, garota! — Mima levantou a palma e chocamos nossas mãos.

— Estou feliz por você — Foi a vez de Dahlia. — Será que em breve teremos mais alguém no *hall* das *desencalhadas*?

— Ei! — protestou Mima. — Se bem que... talvez eu estarei nesse *hall* muito em breve, também. — Imediatamente após dizê-lo, colocou a mão sobre a boca, como se não tivesse pensado antes de falar. Dahlia e eu nos entreolhamos incrédulas.

— Agora é sua vez de desembuchar! — Retribuí as cutucadas em suas costelas e Dahlia apertou suas bochechas, até que Mima se deu por vencida.

— Já que estamos praticamente numa sessão de confessionário...! — Mima elevou a voz para fazer-nos parar. Então, fez um sinal para que chegássemos mais perto. Quase encostamos nossas cabeças, e ela sussurrou: — É um segredo, não contem para ninguém. — Hesitante, continuou: — Eu... eu acho que estou gostando pra valer do Hiero.

— *O QUÊ?!* — praticamente berrei. Aquela notícia chocou-se contra mim tão desprevenidamente quanto aqueles aviões no recente e lamentável ataque terrorista às Torres Gêmeas.

— *Shhhh!* Bea! Quer atrair a atenção dos meninos para cá? Eles já estão até nos olhando. — Dahlia ralhou. Minhas bochechas estavam pegando fogo. Talvez fumacinhas começassem a sair pelos buracos das orelhas, do tanto que meu cérebro se esforçava a entender aquele absurdo.

— D-desculpa.

Mima continuou, olhando-me brevemente com desconfiança.

— Eu não sei sobre os sentimentos dele, mas ele é sempre muito gentil comigo. Já conversamos algumas vezes, ele é tão inteligente e simpático! Já se ofereceu para jogar o lixo para mim e me emprestou algumas de suas anotações na sala. Acho que talvez ele sinta o mesmo por mim. Outro dia, sabe o que ele fez? Deu seu lugar na fila do bebedouro após a aula de educação física! E, outra vez, ele...

Enquanto ela ia listando as mínimas coisas que o garoto fizera por ela, não pude deixar de lembrar-me de da sua fachada em casa — também muito solícito e educado — mas só eu sabia a verdade. Ao pensar que minha amiga talvez estivesse entrando em uma armadilha, acabei suspirando sem querer:

— Ai, não...

Imediatamente as duas se viraram para mim com rostos enrugados e confusos.

— Digo, — Olhei para meu relóginho de pulso para disfarçar — ai, não, olhem o horário! Já está perto do sinal bater, *he he he*...

— É mesmo! — Dahlia confirmou. — Vamos?

— Eu vou rapidinho ao banheiro, podem ir. — sorri.

Fui literalmente correndo, já que a próxima aula seria do professor Alexandre, de Álgebra II, e ele detestava atrasos.

Sentada em minha cabine, ouvi um som estranho vindo da cabine vizinha. Parecia algo como se um jorro estivesse caindo numa bacia de água. Com certeza era alguém vomitando. Aquele barulho e o cheiro azedo me deixaram enjoada.

Ouvi a descarga sendo acionada, a porta se abrindo e então, a água da torneira. Curiosa, tentei espiar na fresta da minha cabine. Quem era? Será que estava bem? Será que não deveria ir para casa? Contudo, ela só se ajeitou e se virou para sair como se nada tivesse acontecido. Daí eu vi que era a Karina.

Só saí de minha cabine quando senti que ela não estava mais lá.

Que estranho... Mesmo criando uma péssima impressão dela, acabei me pegando um tanto curiosa quanto ao seu bem-estar durante as próximas aulas.



Achei que conseguir a permissão de mamãe para sair na quinta feira seria mamão com açúcar. Puro engano. Manter as aparências e ocasionalmente encurtar (ou aumentar) histórias era relativamente fácil quando se travava dos meus colegas e professores. Com minha família, porém, era outra história. A mentira tinha de ser muito bem elaborada e ter encaixes perfeitos. Um deslize e nem sei quais seriam as consequências! Talvez ficasse de castigo e sem entretenimento, mas há coisas bem piores que isso — a decepção e rejeição dos meus pais, por exemplo. Só de pensar nas possibilidades, eu já tremia de medo e reconsiderava milhares de vezes.

No entanto, já havia prometido a Luke e não podia voltar atrás. Apesar da dificuldade, estava otimista. Felizmente eu tinha minhas amigas. Conteí-lhes o obstáculo para o encontro e prontamente sugeriram que apenas dissesse que iríamos juntas para o shopping. E as duas iriam, de fato, no mesmo horário que eu — tudo para me encobertar. Não tinha como dar errado.

Bem, pelo menos, era isso que eu pensava.

Durante os dias que faltavam, preparei todo o terreno: fui obediente e gentil (ato hercúleo quando se tratava de Bruno e suas *mongolices*); fiz todas as minhas tarefas domésticas e escolares (mesmo já sendo explorada por aquela *praga* do Hiero); só para acumular mais uns pontinhos com mamãe. Não era anormal pedir para sair com minhas amigas ao shopping, mas eu não podia correr o risco de que ela não deixasse por algum descuido.

Somente algumas horas antes do encontro que eu criei coragem:

— Tudo bem, desde que não se atrase para o jantar — disse ela sem tirar os olhos do seu lindo bordado de ponto-cruz.

Eu me senti como se estivesse num cortejo glorioso rumo à Terra Prometida...

— Então é um encontro entre *garotas*?

... somente para instantes depois, como se tivesse sido derrubada do cavalo.

Hiero perguntou casualmente quando lhe entreguei seu caderno com mais anotações e seminários prontos em seu quarto. Eu conseguira terminá-los na madrugada, um esforço extra para ter aquela tarde livre. Obviamente, não contara nada para ele, mas não tinha garantias de que já não soubesse. Afinal, ele e Luke pareciam grandes amigos agora e eu não podia interferir no que conversavam ou deixavam de conversar.

— Por quê? *A senhorita* quer vir com a gente? — espezinhei com um sorriso cínico, igual fazia com meus irmãos, mas ele apenas deu de ombros, impassível, e voltou sua atenção aos estudos.

Decidi ignorá-lo e voltar minha atenção a um assunto mais importante: minha aparência, claro! Ela deveria estar impecável. Já tinha verificado de antemão a seção de moda da *Capricho* daquele mês, tomando cada conselho como absoluta lei. Depois do banho perfumado, vesti uma blusinha de alças branca com uma saia jeans. Coloquei minha jaqueta jeans com felpas rosa e calcei as botinhas *Ugg* que ganhei no natal passado. Pra finalizar, coloquei argolas na cor *pink* e passei *gloss* labial com *glitter* sabor moranguinho.

Antes de sair, dei um rápido tchau para mamãe, que ainda estava concentrada em sua costura. No andar de baixo, ao passar próximo do quarto dos garotos, ouvi a voz de Hiero repassando a lição para Mikhel.

Eu sabia que, ao atravessar a porta principal, entraria no lance mais arriscado até então. Conseguia sentir minha pulsação forte e o suor na palma das mãos ao abrir o portão de ferro que dava para a rua. Mas a visão que tive pareceu ter transformado minhas pernas em dois pedaços de queijo Polenguinho, tamanho meu susto: encostado num lindo e prateado Porsche conversível, Luke me esperava.

Como isso aconteceu? O combinado era que a gente se encontrasse no shopping...!

Assim que me ouviu fechando o portão, tirou os óculos escuros e os pendurou na gola da camisa. Uma covinha surgiu em sua bochecha enquanto os olhos caminhavam pela minha figura. Um pouco de timidez se misturou à minha salada de emoções. Apertei minhas mãos em frente ao corpo enquanto andava para perto dele, a fim de esconder o quanto elas tremiam.

Embora quisesse aproveitar aquele momento, — quando é que a gente tem oportunidade de um rapaz (bonitão, diga-se de passagem) vir nos pegar em casa em um *Porsche*? — a preocupação de que alguém nos visse pela janela não me deixava pensar direito. Minha casa era de dois pisos (se lembra?) e uma das sacadas da fachada da frente dava para o quarto da mamãe. Se ela resolvesse abrir a porta de vidro, nem que fosse só para tomar um ar... Aquela com certeza seria minha passagem comprada para o além-vida.

— Como sabe onde moro? — Não consegui disfarçar a entonação de surpresa e nervosismo.

— Um passarinho amarelo me contou. — Ele piscou um olho.

Ah, não... Mima, sua bandida!

— Um cavaleiro nunca vem de mãos vazias — continuou, sorrindo timidamente enquanto tirava um objeto da estilosa jaqueta aviador de couro. — Ou seria "cavalheiro"? Nunca lembro a diferença.

Era uma presilha-fivela prateada, onde no centro havia uma borboleta cravejada de cristais. Na ponta podia-se ver o logotipo da marca Chanel.

— P-puxa! Nem sei como agradecer... — balbuciei, sabendo que o objeto provavelmente teria custado uma fortuna.

Luke sorriu, fazendo seus olhos caramelo-esverdeados se iluminarem. Chegando perto de mim, afastou algumas mechas do meu cabelo para prender a presilha. Aquilo me fez recuar instintivamente e, com um movimento rápido, coloquei a franja de volta no lugar. Eu protegia aquele local a todo custo — nunca permitiria que alguém visse a aquela horrível cicatriz no topo da minha testa.

— Desculpa! — Luke pareceu sem graça.

— N-não, eu é que...! — "Bela forma de começar esse encontro, Beatrice! Parabéns por estragar o clima" minha mente praguejava. — Aqui. — Agarrei uma mechinha da lateral e então ele tentou colocar o adereço desajeitadamente.

— Ficou linda. Como você. — completou baixinho.

Sorri, sentindo minhas bochechas ficarem quentes. Por alguns segundos, esqueci toda aquela paranoia de planos, mentiras e enganações. Era só eu e Luke, o entardecer, o vento, as árvores, os pássaros. De repente, tudo era tão mágico – igual naquelas cenas dos livros de romance adolescente – que minha percepção do espaço-tempo pareceu se alterar, como se o mundo estivesse em câmera lenta.

Até que o portão rugeu e, como uma granada atirada em um ataque surpresa, meu coração pareceu explodir.

Comecei a literalmente tremer quando virei para ver quem saíra e escutei Luke perguntar:

— *Hiero*? O que você faz na casa da Bea?

Era apenas um rapaz com chinelos de dedo, provavelmente indo comprar o pão francês para o lanche da tarde a pedido de mamãe, mas a visão que eu tinha era a de um animal peçonhento armado, pronto para dar o bote. Tudo dentro de mim dizia para sair correndo. Enquanto se acercava de nós, não era Hiero, o meu rival-superchato-e-colega-de-casa — e sim, a minha mentira caminhando ao meu encontro, a velha história de que ela tem perna curta. Mas hoje, não, *querida!* Eu, Bea, a mestre em contornar assuntos e criar histórias, não me daria por vencida.

Tentei contornar aquela situação inesperada inventando uma desculpa mais que depressa:

— Oh, sim! O Hiero veio para devolver algumas anotações das aulas de Álgebra II que emprestei a ele na aula passada. Não é? — Virei-me para ele

com dois olhos enormes e suplicantes, rogando-lhe silenciosamente para que concordasse e entrasse na farsa. Mas, pelo jeito, ele não parecia muito a fim de ir na minha onda. Suspirou como se estivesse aturando travessuras de uma criança levada e estendeu-me o guarda-chuva azul que levava em uma das mãos.

— Parece que vai chover mais tarde. Seria melhor levar.

Apertei o canto dos lábios, insistindo para que ele apoiasse minha história. O rapaz apenas continuou oferecendo-me o objeto, e então percebi que ele não faria isso de jeito nenhum.

Enquanto travávamos uma batalha silenciosa de olhares, Luke pareceu chegar numa conclusão sozinho, exclamando como se tivesse descoberto algo muito importante:

— Ah! Você mora pelo bairro! Então é por isso que vocês sempre chegam juntos no colégio. Em algum ponto, acabam se encontrando e pegando o mesmo caminho. Acertei?

O rosto de Hiero abrandou-se um pouco. Dirigindo-se ao amigo, não consegui distinguir se a pontada em sua voz era culpa, dó ou arrependimento ao responder:

— É... mais um menos assim.

— Saquei — O loiro deu uma cotovelada amistosa no ombro dele, fazendo com que parasse de me estender o guarda-chuva. — Bem, nós estamos de saída, mas... E aí? Quer vir com a gente?

Ah, não, Luke! Tá falando sério?

Tá, eu sei, talvez ele estivesse apenas sendo educado, mas pelo jeito que as coisas iam entre eu e Hiero, era capaz do tonto aceitar o contive apenas para estragar minha tarde.

— Não, cara. Valeu, mas eu... já estava de saída, de qualquer forma. — respondeu, para minha felicidade.

Luke não protestou e dirigindo-se ao Porsche, ainda ofertou:

— Então aceita uma carona pra casa? Sua casa não deve ser muito longe daqui, certo?

Hiero encravou os olhos azuis em mim.

— Não precisa. — E quando percebeu que o loiro estava de costas para nós, sussurrou em tom de censura: — Por que não conta tudo logo para ele? Uma relação de confiança nã--

— Isso não é da sua conta! — interrompi-o falando entre dentes. — E se minha mãe perguntar... é melhor ficar de bico fechado.

Fiz menção de caminhar para o carro. Porém, antes que pudesse dar algum passo, discretamente estendeu-me o guarda-chuva mais uma vez.

— Toma, leva pelo menos isso.

Vendo que Luke ajustava o espelho retrovisor do vidro frontal e poderia olhar para nós, apressei-me para o banco do passageiro, ignorando o gesto. Pelo espelho lateral, vi seu reflexo apático junto à paisagem se distanciando mais e mais, à medida que o veículo se movimentava.

Notas da autora | Oiii lindzas! Como vão vocês? Hoje não resisti e postei logo um outro capítulo. Estou encarando seriamente a tarefa de terminar este livro. Não tem sido fácil! Por isso, se você está curtindo a trama, tem

gostado da minha escrita, **considere dar uma estrelinha e me dizer aqui o que está achando** V●x●V pode ter certeza de que fará uma autora muito mais feliz e motivada a continuar escrevendo ♡ \ (▾) / ♡



13.



CONFESSO QUE ANDAR EM um conversível não estava entre as prioridades na minha lista de coisas que gostaria de fazer antes de morrer, mas, por que nunca pensara nisso? A sensação era absolutamente fantástica! Eu me sentia como Jack em "Titanic", erguendo-me um pouco sobre o banco de couro cor caramelo, sentindo a liberdade bagunçar meus cabelos, abrindo os braços e querendo gritar: "Eu sou o rei do mundo!".

Luke me espiava pelo canto dos olhos e ria, agradado pelo meu encantamento. Suas covinhas adoráveis fizeram todas minhas preocupações desvanecerem como uma nuvem escura em dia de sol.

— Se eu pudesse, dirigia o dia inteiro apenas para te ver feliz assim.

Retribuí o sorriso e, antes de erguer-me novamente, verifiquei se a presilha estava bem ajustada. Prosseguimos na avenida banhada pelo doce alaranjado da tarde, embalados pelo refrão da banda Skank e pelo som animado da guitarra e bateria:

*Vou deixar a vida me levar para onde ela quiser
Seguir a direção de uma estrela qualquer
Não quero hora pra voltar, não*

*Conheço bem a solidão, me solta
E deixa a sorte me buscar...*

♪

A fila para comprar ingressos para o cinema estava enorme. Era estreia da comédia romântica "Como Se fosse a Primeira Vez", com Drew Barrymore – atriz que eu adorava, já que era minha Pantera favorita. Ainda estavam em cartaz alguns *blackbusters*, como o gótico "Anjos da Noite" e o sangrento "Kill Bill". O cheiro de pipoca amanteigada preenchia o ambiente, assim como o burburinho vindo das mais variadas rodinhas de amigos e famílias.

— E então, qual seu gênero de filme favorito? — perguntei a Luke, preparando-me para anotar mentalmente sua resposta, a fim de relacioná-la a algum traço de personalidade.

— Hum... Favorito? — falou após pensar um pouco.

Vi uma covinha se formando em sua bochecha. — Jura que não vai rir?

— Bem, não posso prometer nada. E se você responder "filmes-B-horrivelmente-*trash*, como a 'Bolha Assassina' ou 'O Ataque dos Tomates Assassinos'"? Sinto muito, mas teria de rir.

— Ah, não acredito! Como você acertou?! Eu amo filmes-B-horrivelmente-*trash*! "A Geladeira Diabólica" é tipo uma obra-prima...

Explodimos em um ataque de risos.

— Tá... tá de... de brincadeira, não é? — tentei perguntar ainda sem fôlego.

Antes de Luke dizer algo, senti o celular vibrando com uma mensagem. Era Mima, dizendo que já estavam no shopping. Desejou-me sorte e recomendou mascar um chiclete de hortelã depois das pipocas, para no caso de... Bem, de rolar um *primeiro beijo*. Meu Deus, *Jemimaaaa...!* E a safada ainda terminou com um coraçãozinho! Abaixei a tampa do celular com o

coração acelerado, torcendo para que meu rosto não estivesse como um morango (o que provavelmente estava!).

Enquanto minha atenção tinha se voltado ao aparelho telefônico, não havia reparado a aproximação de dois jovens muito bem vestidos. Eles pareceram se materializar ao lado de Luke e pelo jeito, já o conheciam. Levou alguns segundos para eu perceber que a relação entre eles não era boa – tinham um ar intimidador, e o semblante de Luke mudara drasticamente. Ele recuou nitidamente desconfortável quando o moreno de topete alto e jaqueta colegial estilo norte-americano passou o braço ao redor de seus ombros e disse em tom de deboche:

— Nem uma mensagem, nenhuma ligação, a gente nem sabia que você tinha voltado. Qual é, cara, *cê* não era nosso parça? Ah, lembrei. Você *era*, até nos trocar por uma *zé-ruela!*

Num movimento rápido, Luke tirou o braço de si e agarrou com força a gola da camisa do cara.

— Quem *cê* pensa que é para falar assim comigo?! Retire o que disse, seu otário!

— *Aí*, o cara não perde tempo não! Já tá em outra, olha essa mina aqui. Bonitinha, até. — Um loiro metido a Nick Carter apontou para mim com a cabeça. — Quer um conselho, gatinha? Foge desse cara. Ele não sabe o que é lealdade.

Senti as palmas das mãos geladas. Enquanto meu cérebro tentava processar o que estava havendo, Luke tentou avançar no loiro enquanto o do topete tentava pará-lo, puxando-o pela jaqueta de couro. Uma pequena multidão de curiosos se formou ao redor de nós. Tudo o que eu pensava era que seríamos expulsos pelos seguranças, até que uma garota chegou correndo e, com ousadia, se meteu no meio dos rapazes.

— *Ei!* Podem ir parando com essa palhaçada!

Ela tinha a pele morena e era esguia. Seu visual provavelmente era inspirado em Avril Lavigne, com a calça folgada e gravata listrada, bem

skater rebelde. Tinha o cabelo farto e cacheado pintado de ruivo, e seu rosto era absolutamente lindo.

— Eu não posso me virar por um segundo! — reclamou, gritando. — Josh, vai *você* comprar as pipocas! — Acenou autoritariamente para o loiro.

Luke parecia novamente desconfortável.

— Natasha...

— Não esperava reencontrá-lo dessa maneira. Não se preocupe, seja lá o que tiver acontecido, não é mais da nossa conta. — ela respondeu friamente.

— Tá brincando, Nat? — protestou o topetudo. — Ele sabe o que fez com *você* , *com a gente* , não precisa pegar leve!

— *Aaron!* Já disse que ele não tem mais nada a ver com a gente. Vamos logo.

Os curiosos se dispersaram quando o trio foi embora. Acabamos esquecendo um pouco o filme e também nos pusemos a caminhar sem rumo. Encontramos uma fonte bonita, dessas que jorram água e têm um minijardim em redor. Sentamos no banco da borda amadeirada e ficamos em silêncio por algum tempo.

— Você está bem? — perguntei finalmente.

Luke suspirou. Ele parecia envergonhado... talvez *derrotado* fosse a melhor palavra.

— Bea, me perdoe. Não era para ser assim. Eu tinha planejado tudo, eu... — Ele balançou a cabeça. — Sinto que estraguei nosso passeio.

— Claro que não! Foram *eles* que começaram, pra início de conversa. Está tudo bem. — Atrevi-me a consolá-lo fazendo um leve afago em suas costas. Inclinei-me para que olhasse para mim e dei meu melhor sorriso. Ele sorriu de volta, um sorriso frágil, tímido.

— Você não quer saber o que... tá pegando...?

Ele estava dando a oportunidade de passar pela porta de algum dos seus segredos, mas seus olhos titubeavam, denunciando que não estava realmente preparado para minha resposta. Embora minha curiosidade fosse enorme, resisti, mordendo os lábios. Afinal, eu também tinha minha lista de pecados encobertos e não queria confessá-los tão cedo.

— Não. Está tudo bem se não quiser contar.

Ele suspirou aliviado.

— Obrigado. Agora não... talvez outra hora conseguirei conversar com você sobre isso.

Pulei do assento e alonguei os braços com energia, a fim de espantar o clima de morbidez.

— Sabe o que seria ótimo agora? Um balde cheio de pipoca quentinha e aquelas poltronas fofinhas do cinema!

O loiro abriu um enorme sorriso e levantou-se rapidamente.

— Temos que correr se quisermos entrar naquela seção!

Então agarrou minha mão e saímos correndo. Literalmente.

"Ahhhh!" gritava Adam Sandler em seu papel de Henry, fingindo ser eletrocutado ao colocar os cabos em cada polo da bateria do seu carro. Lucy, personagem de Drew Barrymore, gritava junto, em tom de desespero. "Hahaha, não acredito que você caiu!" ele brincou instantes depois, revelando ser uma pegadinha. Ela fez cara de choro: "O meu avô morreu fazendo uma ligação direta num carro..."

A sala iluminada apenas pela projeção encheu-se de risadas da plateia. Elas ficaram ainda mais altas quando Lucy exclamou: "*E eu não acredito que caiu nessa!*". Eu me divertia muito, embora estivesse um pouco incomodada. Acho que não deveria ter tomado tudo aquilo de refrigerante. O combo de pipocas tamanho família é um paraíso, mas o volume de líquido é muito para alguém pequeno como eu.

Ao meu lado, Luke ria animado. Fiquei aliviada em ver que parecia ter esquecido do ocorrido de mais cedo. Tentei me distrair um pouco com as outras cenas engraçadas da sequência, mas depois de uns minutos, não conseguia mais. Fui me levantando devagarinho, tentando não chamar a atenção dele.

— Está tudo bem? — ele tocou em meu braço.

Er... não funcionou.

— Eu preciso... ir ao banheiro. — sorri timidamente.

— Então vou comprar mais pipocas.

— Não, na volta eu passo e pego.

— Eu não vou deixar você pagar. Você é minha convidada de honra hoje. Eu vou lá. — E então fez que ia se levantar. Eu o detive.

— Obrigada, mas sério, está tudo bem. Fica para guardar nossos lugares.

— Bea...

— *Shhhh!* — reclamaram atrás de nós, embora estivéssemos conversando em cochichos.

Constrangido, Luke sussurrou próximo ao meu ouvido:

— Então pegue a maior que tiver. Se quiser outra coisa, pegue também. — E colocou sua carteira de couro em uma das minhas mãos.

Ondas de encanto invadiram meu coração e uma espécie de calafrios dançavam em minha barriga. Seriam essas as famosas borboletas no estômago? Enquanto caminhava pelo corredor escuro, sentia-me andando nas nuvens. Luke estava me tratando como uma princesa! E emprestar sua carteira, então? Esse tipo de intimidade não era própria de *amigos...* era?

Apesar de estar um pouco aérea por conta das crescentes emoções, tomei todo o cuidado com a carteira, tirando-a da bolsa apenas quando cheguei à bombonière.

Eu sei que é errado fuxicar as coisas dos outros, mas estava morrendo de curiosidade de ver a carinha do Luke em seu RG. Isso era meio que um *tabu* entre os adolescentes: não gostávamos que ninguém visse a nossa cara de lagartixa morta naquela foto três-por-quatro, então a hora de bisbilhotar era agora.

Quando a abri, senti uma fragrância meio amadeirada, masculina e elegante. Lembrava um pouco o perfume que ele usava. Dois luxuosos cartões estavam dispostos naquelas fendas: um *platinum* e um *black*. Uau. Ele deveria ter um crédito incrível. Não havia moedas, nem aqueles envelopes plásticos. O único documento presente estava junto a algumas cédulas de cem no bolso grande, e era sua carteira de habilitação.

Seu rosto na foto era o mesmo, só os cabelos estavam mais curtos. Mantinha a linha dos lábios em um meio sorriso travesso. Sorri. Devia ser um documento meio recente.

No campo "nome", constava *Lucca Monteiro Giuliani*. Experimentei-o nos lábios e a sonoridade era tão diferente do que estava acostumada... Não sei porquê, mas eu nunca pensei que *Luke* fosse apenas um apelido. Até era assim na lista de chamada.

Em "data nascimento", constava *19/09/1985*.

Espera. Como assim? Ele tinha dezenove anos?

Talvez fosse um erro de digitação, ou não estava conseguindo ver direito pelo porta-documentos transparente e brilhoso. Tirei o papel esverdeado

com cuidado da proteção e o desdobrei. Nisso, um papelzinho caiu fazendo círculos até encontrar o chão. Quando o peguei, descobri que era uma foto. Uma foto pequenininha, dessas que a gente tira naquelas cabines com os amigos.

Parecia que a câmera havia capturado o momento exato em que Luke tinha acabado de beijar a bochecha de uma garota loira, de rosto oval, rosado e de beleza estonteante. A expressão dela era atrevida e seus olhos azuis encaravam a câmera sedutoramente. Para mim, o sorriso de ambos revelava cumplicidade e paixão.

Crak.

Foi o barulho de uma coisinha se quebrando lá no peito. Talvez fora todo aquele encanto e as recém-nascidas borboletinhas.

Acabava de me dar conta do quão ingênua estava sendo, agindo como se fôssemos íntimos, sendo que mal o conhecia. Quanta bobagem.

Eu nem mesmo sabia sua idade instantes atrás.

— Você está na fila? — veio a voz de uma senhora atrás de mim, tirando-me dos meus pensamentos.

Desculpei-me e me apressei a fazer o pedido. Certifiquei-me de guardar a foto e o documento exatamente onde antes estavam. Sinto muito, Mima. O chiclete de hortelã não iria rolar.

— Foi mal a demora, a fila para a pipoca estava grande — menti, enfatizando tons agudos na minha voz para ficar mais fofa e disfarçar o embargo causado por aquele caroço do tamanho de um pêssego preso em minha garganta. Em seguida, devolvi a carteira.

Luke sorriu, mas rapidamente voltou sua atenção à tela. Provavelmente a trama estava em seu ponto alto. Fixei o olhar nas imagens, sem realmente vê-las.

Que patética.

Eu criara tanta expectativa, mas o que isso significava para Luke? Quem era a moça da foto e, se foi algo passado, por que guardá-la?

O pior de tudo que nem podia ficar brava, pois *oficialmente* não existia nada entre nós. E eu também estava mentindo. Isso equilibrava a balança, não é? Porém, não me deixava menos miserável. Era ainda pior quando escutava em minha mente as vozes de hoje mais cedo: "*Foge desse cara. Ele não sabe o que é lealdade.*" "*Uma relação de confiança...*" era tudo o que menos tínhamos. De certo, Hiero diria: "... não pode estar baseada em mentiras", e – *que droga!* Ele estava certo. O que estávamos construindo entre nós? Apenas um castelo de cartas, uma ilusão. E eu odiava admitir isso.

O filme terminou, e esses pensamentos, tal como um redemoinho, ainda giravam sem parar em minha mente. Enquanto saíamos da sala, esforçava-me para arrancar lá do fundo minha melhor atuação. Mais uma vez colocaria a maldita máscara da minha personagem... Afinal, tinha de ser perfeita, não importava o quão quebrada eu me sentisse.

— Você gosta de comida italiana? Tem um restaurante excelente aqui perto, queria te levar lá. — Luke pareceu tímido e fofo, sequer suspeitando do sorriso que eu me esforçava a colocar na cara. Minhas bochechas estavam até doloridas.

— Eu adoraria, mas infelizmente preciso ir para casa. Minha mãe está me esperando para jantar.

— Ah, que pena. — Seu desânimo parecia genuíno. — Mas outro dia, com certeza, nós vamos.

Consenti com a cabeça.

Não demorei muito a me despedir. Como estava a fim de ficar um pouco na minha, insisti para voltar de metrô, usando o trânsito do anoitecer como desculpa.

— Foi maravilhoso. Obrigada por tudo. Pelo passeio, o cinema, as pipocas... — disse já na porta de saída. Não sabia bem o que deveria fazer

depois. Dar um abraço? Um aperto de mão? A verdade era que eu só queria criar asas e voar para bem longe dali.

— Eu quem agradeço, Bea. Foi importante para mim.

Ficamos alguns segundos apenas olhando um para o outro.

Ok, isso foi estranho pra caramba.

— Te vejo no colégio. — Virei-me e praticamente fugi. O que foi mais estranho ainda.

— Está parecendo um gato molhado. — observou Bruno em tom de deboche, assim que cheguei em casa. Cuidei para deixar as botas do lado de fora e espremi a jaqueta antes de entrar.

Que ódio. Deveria ter aceitado a *droga* do guarda-chuva! A precisão de Hiero só fez colocar mais lenha na fogueira daquele encontro desajeitado.

Estava remoendo minhas misérias, subindo as escadas rumo ao meu quarto, quando mamãe me encontrou. Pela sua expressão, gelei: sabia que algo estava errado – *muito* errado. Em tom grave e decepcionado, anunciou:

— Depois do jantar nós vamos ter uma conversa.

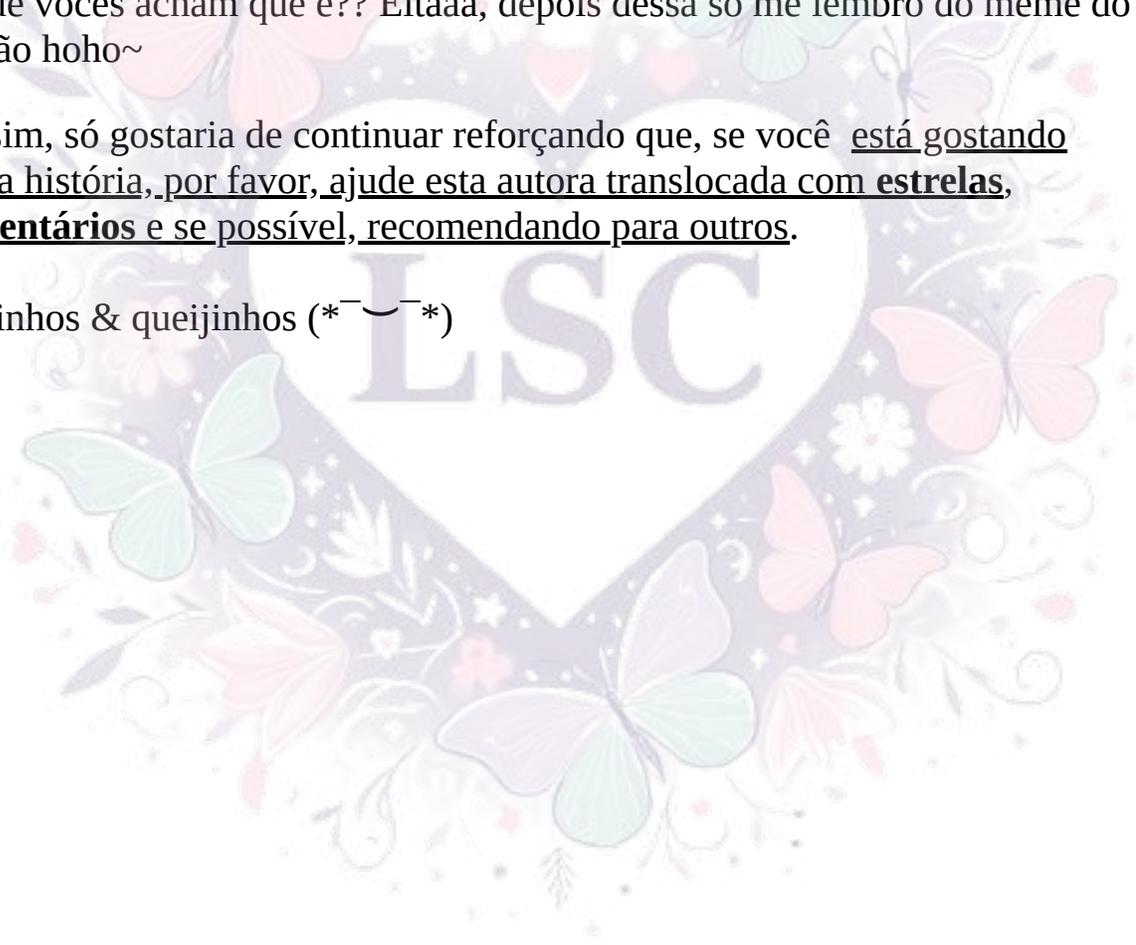
E com essas palavras fatídicas, eu sabia que meu funeral já estava encomendado.



Notas da autora | Olá, gente! Como vão vocês? O capítulo 14 demorou um pouquinho, mas a notícia boa é que o 15. já está prontinho. Postarei sábado que vem. Quem está roendo as unhas pra saber o que a mãe dela vai dizer? O que vocês acham que é?? Eitaaa, depois dessa só me lembro do meme do caixão hoho~

Oh sim, só gostaria de continuar reforçando que, se você está gostando dessa história, por favor, ajude esta autora translocada com estrelas, comentários e se possível, recomendando para outros.

Beijinhos & queijinhos (*~*~*)



14.



— **QUERO QUE VOCÊ ME** diga com quem esteve esta tarde. — mamãe foi direta. Estávamos apenas nós duas em meu quarto. Após o silêncio sepulcral durante o jantar e alguns olhares inquisidores, eu sabia que uma surpresa desagradável me aguardava. Sempre fora assim. Ela fazia esse tipo de coisa como prenuncio do que viria, tal como o mar recua antes de vir um tremendo *tsunami*. Como ela fechara a porta, tentei formular o mais rápido possível outras rotas de fuga. Será que eu sobreviveria se tentasse pular da janela?

— Eu falei para você mais cedo, mãe! Eu, a Mima e a Dahlia combinamos de ir ao shopping — "*E elas realmente foram*", completei em meus pensamentos, "*então não é de todo uma mentira, certo?*". Apenas não chegamos *realmente* a nos encontrar.

— Você tem apenas *uma* oportunidade para me dizer a verdade, Beatrice. Vou perguntar só esta vez: com quem esteve esta tarde?

Engoli em seco. Mamãe era macaca velha, atalhos e desculpas não funcionariam. Ela já sabia da resposta, só queria ouvi-la da minha própria boca. Eu me sentia como um animal encurralado debatendo-se sob uma rede de caça.

— E-eu... — congelei por alguns segundos. Desde quando minha garganta havia se tornado um funil apertado demais para passar verdades? — Q-

quem contou para a senhora? — Foi tudo o que consegui balbuciar.

Dona Márcia suspirou e suas rugas ao redor dos olhos ficaram marcadas. Tendo um metro e setenta de altura, ainda conseguia impor respeito com seu jeito firme e severo na disciplina, especialmente quando me olhava de cima para baixo, por estar em pé e eu, sentada em minha cama.

— Não importa quem me contou ou se descobri sozinha. O que importa é que você agiu deliberadamente para me enganar. Mentiu e usou de manipulações; agiu conforme sua cabeça sem se preocupar com as consequências. Pois bem, vai ficar sem mesada por três meses e, quando seu pai chegar, pedirei que tenha uma conversa bem séria com você.

Ao ouvir sobre papai, entrei em desespero. Preferia que o chão se abrisse e me engolisse ali mesmo do que ele ficar sabendo dos meus monstros. Ficava assustada só de pensar em vê-lo decepcionado comigo.

Embora tentasse segurar, algumas lágrimas escaparam.

— Não, mãe, o pai, não! Eu juro, mamãe, elas *estavam* no shopping. Não menti quanto a isso!

Ela cruzou os braços, insensível quanto ao meu choro.

— Omissão *é mentira*, Beatrice! Meias-verdades *são* mentiras completas, e você sabe disso porque recebeu uma boa educação.

— Por favor! Não vou omitir, então. — Agarrei-me a um fio de esperança de que ela tivesse um pouco de misericórdia. — Estava com um colega de classe. Ele me convidou para ir ao cinema, foi só isso! Nós não fizemos nada, não temos absolutamente *nada* entre nós, mãe!

— Se vocês não têm nada, por que não me pediu adequadamente?

— Porque sei que vocês nunca me deixariam ir, embora ele seja apenas um amigo e um rapaz respeitável — falei num fiapo de voz, sentindo-me minúscula como um verme.

Mamãe sentou-se ao meu lado. Não procurava atacar-me, mas também não oferecia consolo. Suas palavras eram categóricas:

— Aqui em casa nós temos regras, e enquanto você morar debaixo do nosso teto, usufruindo do esforço do nosso trabalho, terá de viver conforme elas. Beatrice, olhe para mim. — Ela fez uma pausa. — E se esse rapaz te levasse a algum lugar e fizesse algo com você, minha filha? E se ele a abusasse ou até fizesse algo pior?

— Eu... eu confio no Luke, ele nunca faria algo assim. — Um arrepio passou pelo meu corpo. "*Confio totalmente mesmo?*", pensei, lembrando-me de que nem mesmo sabia seu verdadeiro nome.

— Enfim, você está de castigo até o fim das provas bimestrais. Sem mesada, sem celular, sem televisão, sem telefone, sem *discman* e sem rádio. E é melhor que suas notas sejam altas, mocinha. Nem sei como deixei você sair, sendo que as provas começam semana que vem!

— Mas...! Mãe! — protestei em vão. Ela já havia se levantado e, como sua palavra era lei, aqueles seriam os dias mais torturantes da minha vida. Não me lembrava da última vez que havia recebido um castigo tão severo assim.

E eu já sabia de quem era a culpa.

Aquele desgraçado!

Ele me denunciou, tinha certeza. Era o único que poderia tê-lo feito e uma hora dessas, deveria estar rindo da minha desgraça. Já faziam semanas que estava me torturando com aqueles malditos os estudos e esse era só mais um dos seus ataques. Não bastava meu encontro ter sido um fiasco?

Com esses pensamentos borbulhantes, senti a panela de pressão prestes a estourar.

No momento em que desci as escadas correndo, sentindo o calor do ódio invadindo cada nervo do meu corpo, não pensava em acordos e ameaças. Hiero ia saber que mexera com a pessoa errada, *ah, ia*.

Invadi seu quarto tal como um furacão. Ele e Mikhel, que jogavam *Game Boy* animadamente na mesma cama, levantaram-se num sobressalto.

— O que houve?! — Hiero perguntou com espanto, provavelmente assombrado com minha cara. Também, eu deveria estar parecendo um baiacu, zangada e toda inchada pelas lágrimas.

— Está feliz que eu estou ferrada? Hein?! *Está feliz?!*

— Mana, não importa o que aconteceu, você não pode descontar sua raiva no Hiero! — Mikhel interveio, colocando-se como um escudo humano na frente do rapaz.

— Sai daqui, seu pestinha. Não se mete onde não foi chamado! — Peguei-o pelos ombros e praticamente o empurrei rumo à porta.

— Tá maluca?! Esse é meu quarto!

— Se manda daqui, vaza!

— Ei, ei! — Hiero me impediu, segurando meu pulso com firmeza. — Não precisa ser grossa com o garoto. Se quer tratar algo comigo, vamos lá fora. Deixa o Mikhel fora disso.

Irritada, liberei-me do seu toque bruscamente e segui adiante até os fundos, como quem mostra o caminho.

Apressados, atravessamos a área de churrasco, o deck próximo à piscina e chegamos à parte gramada, onde ficava o pergolado rente ao muro. Nele, buquês de *bougainvillea* caíam graciosamente, lembrando uma cascata rósea e violeta. As plantas ainda gotejavam resquícios da chuva. Um lugar tão lindo, que, ironicamente, serviu como uma arena onde poderíamos brigar à vontade sem sermos ouvidos.

A atmosfera agonizante envolvia-nos de forma tão espessa que quase podíamos tocá-la.

— Bea, mantenha a calma e só me explica o que aconteceu — Hiero falava tão cauteloso quanto um domador tentando acalmar uma fera.

Soltei um riso sarcástico.

— Você não me engana com suas gentilezas e falácias! — rosnei. — Eu sei que foi você! Quer transformar minha vida num inferno desde o momento em que pisou nesta casa. Aliás, desde *sempre!*

Bumm!

Minha tampa de contenção finalmente explodiu.

Hiero parecia confuso.

— Bea, eu não sei do que você tá...

— NÃO! Nem ouse! Tá me ouvindo? Você sabe muito bem *sim* do que estou falando. — As lágrimas voltaram desesperadas à medida que minha mente era levada pela correnteza das lembranças. — Não vá dizer que não se lembra! Quando éramos crianças, você sempre fez tudo para me humilhar. Caçoava de mim, ria do meu jeito. Chegou a me empurrar. Uma vez, me chamou de "monstro".

Mesmo com a pouca luz ambiente, pude ver os olhos de Hiero crescendo como se estivesse recebendo uma terrível notícia.

— E quer saber?! — continuei, emendando as palavras sem praticamente respirar — O que eu sou hoje é *sua* culpa! Eu acreditei mesmo que era um monstro e desejei ardentemente ser outra pessoa. Eu inventei essa Bea porque não queria ser humilhada como fui por você, não queria ser maltratada. Você tem ideia do que é acordar toda manhã e odiar o que vê no espelho, odiar quem se tornou? — Comecei a soluçar. — De como é horrível viver nas sombras de uma pessoa que você mesma inventou...?

— Bea, eu não... — Sua voz tremeu. Ele cobriu o rosto por alguns instantes, transtornado demais para continuar.

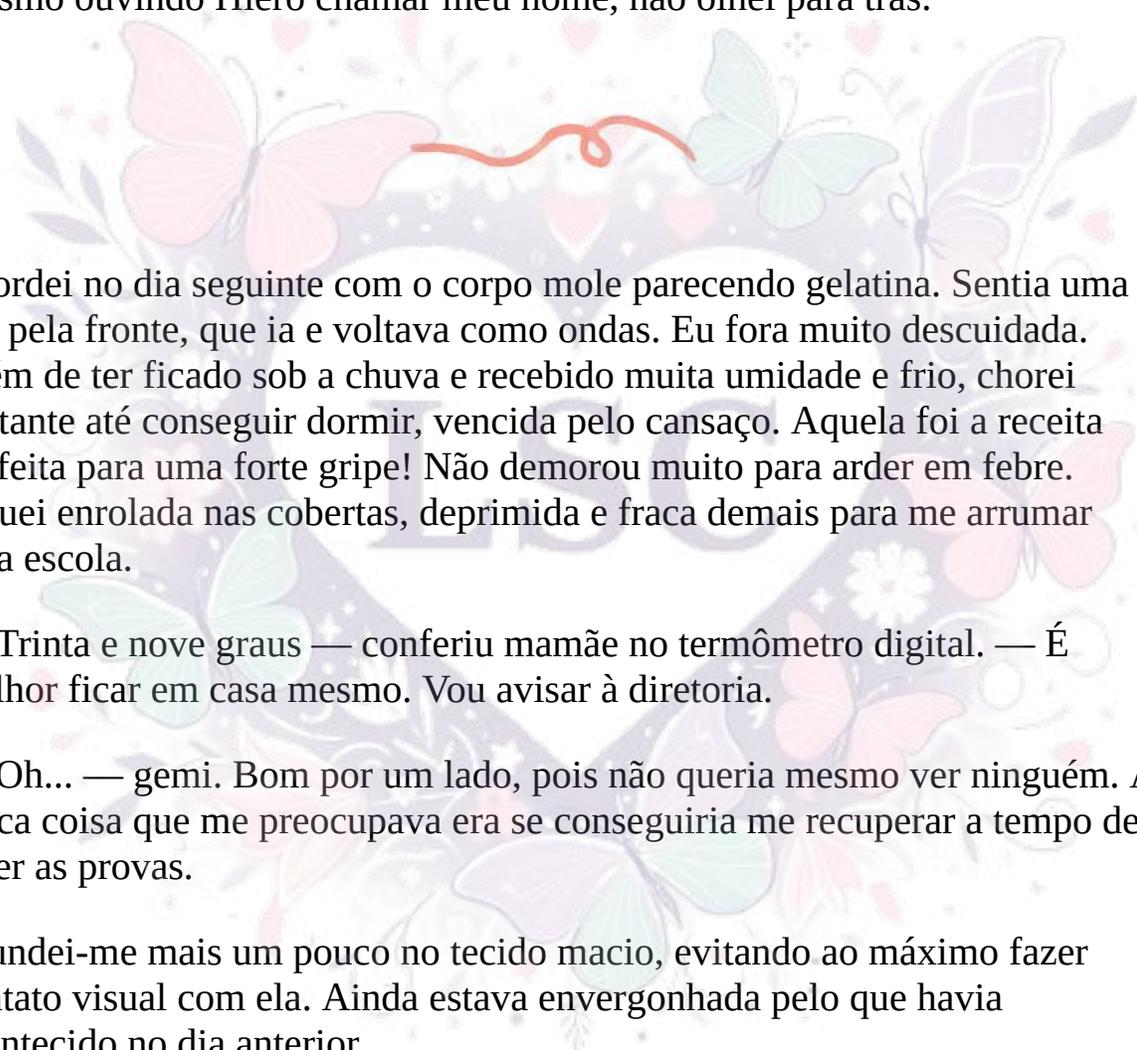
— Por que você me odeia? O que eu fiz naquele tempo pra você me odiar tanto?! — Desmoronei em prantos, escondendo-me atrás das mãos.

— Eu não... — Hiero aproximou-se. — Por favor, só me deixa...

— Não! Não chegue perto de mim. — gritei, desvencilhando-me dele. —
Eu odeio você!

Saí correndo pela grama molhada. O estrago estava feito. Tudo o que sempre quis dizer finalmente desentalou de minha garganta e não tinha mais volta. Mas por que não me sentia nem um pingo melhor com isto?

Mesmo ouvindo Hiero chamar meu nome, não olhei para trás.



Acordei no dia seguinte com o corpo mole parecendo gelatina. Sentia uma dor pela frente, que ia e voltava como ondas. Eu fora muito descuidada. Além de ter ficado sob a chuva e recebido muita umidade e frio, chorei bastante até conseguir dormir, vencida pelo cansaço. Aquela foi a receita perfeita para uma forte gripe! Não demorou muito para arder em febre. Fiquei enrolada nas cobertas, deprimida e fraca demais para me arrumar para escola.

— Trinta e nove graus — conferiu mamãe no termômetro digital. — É melhor ficar em casa mesmo. Vou avisar à diretoria.

— Oh... — gemi. Bom por um lado, pois não queria mesmo ver ninguém. A única coisa que me preocupava era se conseguiria me recuperar a tempo de fazer as provas.

Afundi-me mais um pouco no tecido macio, evitando ao máximo fazer contato visual com ela. Ainda estava envergonhada pelo que havia acontecido no dia anterior.

— Soube que maltratou seu irmão. Estava pensando em mais um castigo, mas acho que não vai ser necessário.

Achava que era inútil esperar um pouco de compaixão da parte de mamãe. Eu estava acamada, *poxa*, e as dores em meu corpo nem se comparavam às do meu coração. Apertei os lábios e expirei, fazendo uma careta. Mas, para

minha surpresa, ela se sentou ao meu lado e tomou minha mão febril. Num impulso, tentei retirá-la, mas ela a segurou mais forte.

— Quero que saiba que não sinto prazer nenhum em tirar certos privilégios de você, minha filha. — falou com suavidade. Mesmo mudando o tom de voz, não amenizei meu rosto mal-humorado. — Pelo contrário, — continuou, — quero te ver bem e feliz. Nessas horas, eu sei que não parece, mas faço isso porque... eu amo você, Bibi. Você precisa entender que toda má escolha tem uma consequência, e minha intenção não é a punição, e sim a *correção*. — E então soltou a minha mão. Seus olhos se fixaram num vazio, como estivessem num momento de introspecção. — Um dia, Beatrice, não serei mais eu, mas a própria vida a desempenhar este papel. E acredite, ela é muito mais severa... Então é melhor aprender agora, quando as coisas são mais simples.

Os músculos apertados do meu rosto começaram a relaxar. Um bolo enorme preencheu minha garganta.

Percebi que ela falava da sua própria experiência.

Ela evitava tocar no assunto, e quem me contou esta história com mais detalhes foi vovó, mãe de papai – a mesma de quem herdamos esta casa.

Quando era só um pouco mais velha que eu, meus avós maternos quase a deserdaram, pois descobriram que estava grávida. Uma gravidez indesejada, um "azar" acidental da primeira vez. O pai era seu antigo namorado do colégio, novo, imaturo e que nada tinha a oferecer. Quando soube, ele a rejeitou, assim como todos ao redor dela. A sua única fonte de apoio e consolo foi sua comadre – que, mais tarde, tornou-se sua sogra e minha avó.

Ela passou por tanta dor neste período que acabou sofrendo um aborto espontâneo.

Pois é... Tenho uma irmãzinha que abriu as asas, voou para os céus, e vive apenas nessas memórias tristes, quase nunca mencionadas.

Algumas vezes eu acho que minha mãe pensa que, como uma maldição hereditária, acabarei cometendo os mesmos erros que ela. Talvez por isso

seja tão cuidadosa e severa.

Ela discretamente enxugou a umidade no canto de seus olhos e se recompôs.

— Bem, trarei seu café da manhã. Aproveite que não irá para a escola e pense nas escolhas que tem feito.

A febre abrandou um pouco por causa dos comprimidos, e eu já não me sentia assim tão mal. Mas aquele aperto no meu peito persistia. Parecia que havia uma bigorna no lugar do meu músculo cardíaco, um peso que me impedia de descansar. Aí eu ficava alternando os lados o tempo inteiro, como se carrapichos estivessem me espetando nos lençóis.

Chorei mais um pouco, dormi bastante e me levantei apenas para ir ao banheiro.

A escuridão tomou conta do quarto conforme o sol se despedia. Estava mais uma vez absorta em minha autocomiseração, quando a luz acendeu de repente e eu me sentei, num susto. E vendo que era papai, meu estômago se embolou e começou a doer. Talvez o cheiro da canja que trazia em uma bandeja tenha ajudado um pouco – eu estava mesmo faminta e nem tinha percebido.

— Como vai minha princesa? — perguntou carinhosamente, acomodando a bandeja em meu colo. Por alguns instantes até me iludi, pensando que minha mãe tinha resolvido não contar nada a ele do que havia se passado.

— Um pouco... doente — sorri amarelo, sem saber o que fazer. Já tinha bastante tempo que não conseguia conversar assim com papai, por causa do seu trabalho pesado e estressante. O que era uma pena, porque eu tinha mais afinidade com ele que com qualquer outro membro da família.

Não que fosse perfeito, mas no meu coração, ele era meu orgulho e fonte de inspiração. Mesmo tendo pilhas de relatórios da escola para revisar, se esforçava para se fazer presente na família (apesar de muitas vezes não conseguir passar todo o tempo que gostaria conosco). Sempre procurava nos ouvir e entender nossas dificuldades carinhosa e pacientemente.

Como sua única filha, sempre me mimou de maneira especial. Lembro-me de que algumas vezes, quando eu era criança, ele não se importava de sentar comigo no parquinho para fingir que experimentava meus bolos de barro, nem ter o rosto pintado de batom em minhas brincadeiras de faz-de-conta. Fazia cócegas assoprando na minha barriga, e me sentava sobre suas longas pernas para ler alguma história em livros coloridos. Parecia que, entre meus pais, era quem mais me compreendia. Em contraste com a personalidade fechada de mamãe, estar com ele era igual ter uma taça refrescante de sorvete em um dia de sol.

E eu sentia tanta falta daqueles tempos...

— oh... Minha filhinha está crescendo. É melhor eu começar a tomar cuidado com esses ursos — suspirou todo dramático.

Quê? *Ursos*?! Tossi engasgada com a sopa e a falta de *timing*, com aquela espécie de piada interrompendo minhas memórias preciosas. Já mencionei que ele tinha um senso de humor terrível?

— Vocês estão namorando? — Embora usasse um tom descontraído, sabia que a pergunta era séria.

Maneei a cabeça em negação.

— Mas você gosta dele?

— *Pai!* — protestei já no limite do constrangimento. — Não sei... ando um pouco confusa. — murmurei. — O-o senhor... não tá bravo comigo?

Ele pegou a cadeira da minha escrivaninha cor-de-rosa e se sentou próximo da cama.

— Acho que nenhum pai fica feliz em saber que uma filha está saindo sozinha, sem avisar, com um rapaz totalmente desconhecido... e quebrando as regras da casa. — disse sério. — Mas, se estiver arrependida e quiser fazer a coisa certa, não tem porque ficar bravo. Além disso, você é uma moça muito bonita; é natural o interesse. Como impedir as abelhas de pousarem numa flor?

Era justamente isso que eu mais gostava nele. Ele tinha esse jeito repreender e me levar a uma reflexão sem precisar me deixar num estado catatônico, como mamãe muitas vezes fazia.

— Sabe, filha, arrependimento não é chorar ou "ficar muito triste", pois não é um *sentimento*. O arrependimento, assim como o amor, é uma *escolha*. É decidir caminhar em direção contrária ao erro e fazer o correto.

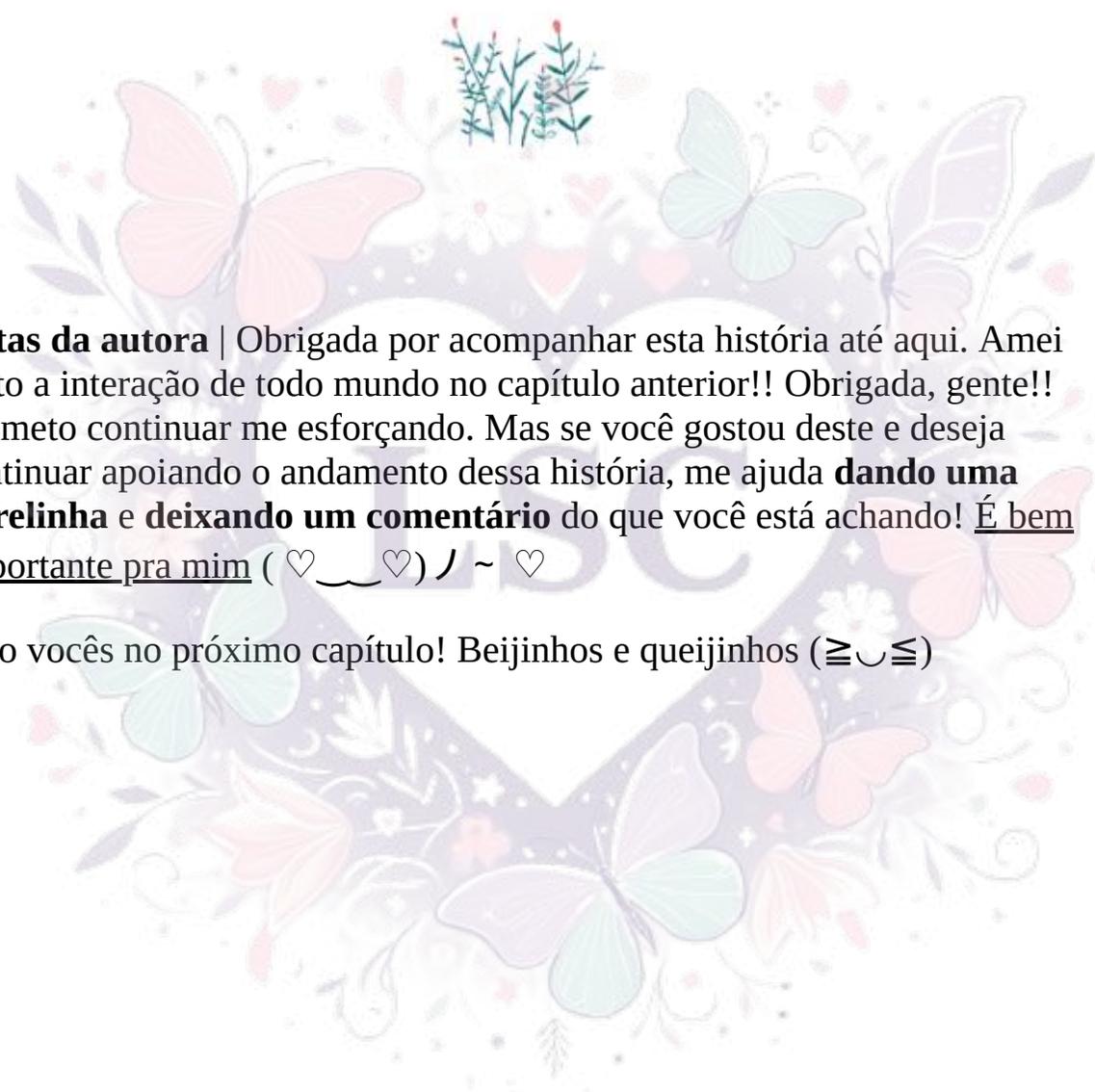
Então ele passou um bom tempo falando sobre responsabilidade e confiança, e como deveria saber guardar o meu coração apenas para o rapaz que merecesse ganhá-lo. Até aí, tudo bem, mas então começou a comparar garotos com ursos (ahhh!) e como tendem a fazer milhares de coisas para conquistar o *mel*, por isso, eu deveria ter bastante cuidado com ursos predadores e proteger meu mel para meu marido. Fiquei com cara de tacho, pensando em como a conversa tinha rumado para um aparente episódio de vida selvagem do *Discovery Channel*. Ué? Não, pera...

— Pai, acho que já entendi — interrompi timidamente seu falatório sobre ursos e potes de mel depois que meu tico-e-teco trabalharam mais um pouco.

— Ah! *Okay*, que bom... — Agora ele quem parecia constrangido. Não era do seu feitio ser um pai-descolado-e-pra-frentex, embora tentasse ser bastante aberto. Então pigarreou e preparou-se para sair. — Por favor, filha, se acerte com seu irmão. E se tiver mais alguém para se acertar, peça o perdão e *perdoe*. Lembre-se de que "perdoar é libertar um prisioneiro e..."

— "...Descobrir que o prisioneiro era você". — completei, falando junto com ele. Era uma das suas citações favoritas.

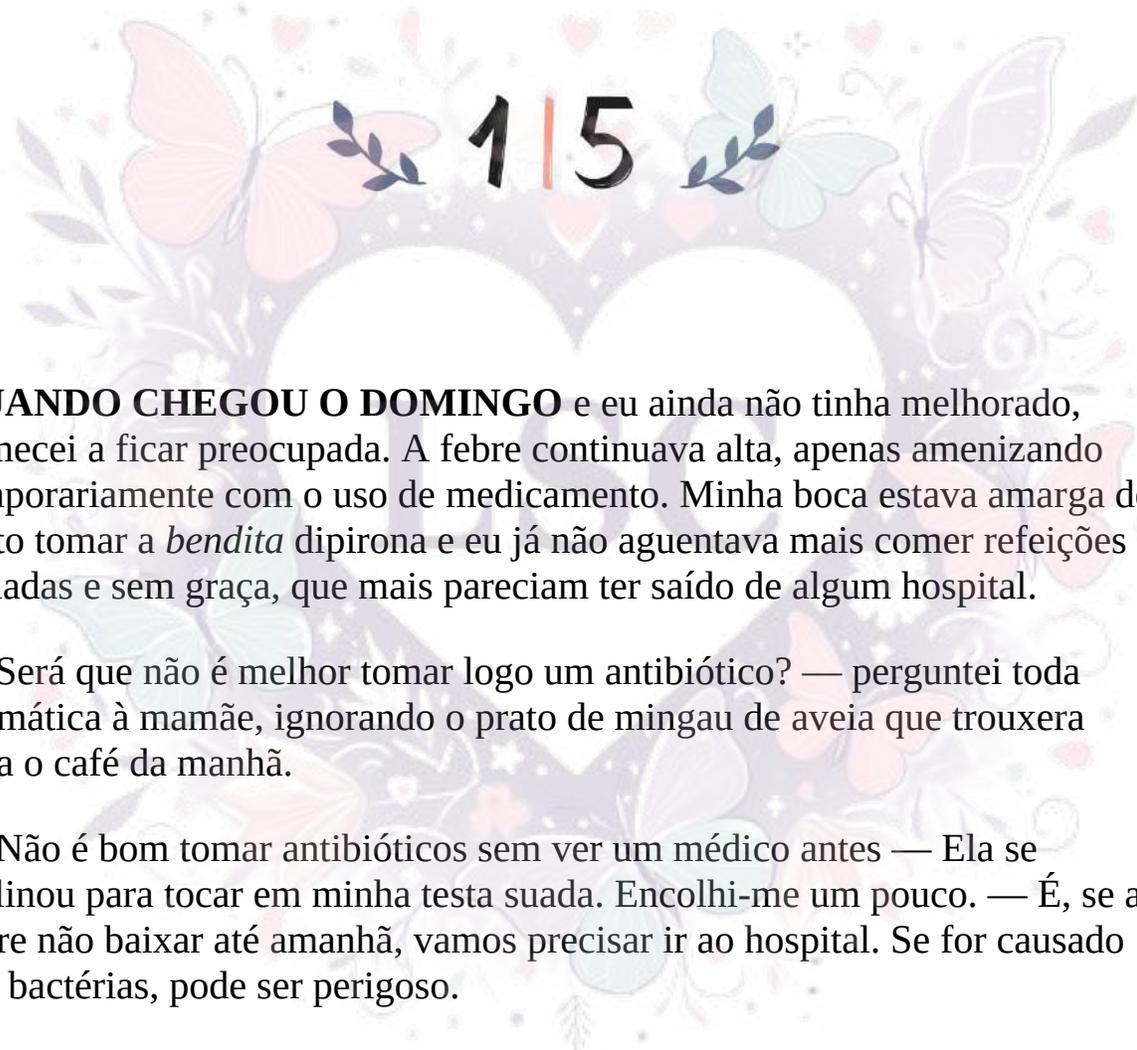
Ele sorriu e apertou meu queixo amorosamente, como costumava fazer quando eu era criança. Pela primeira vez achei que talvez não fosse de todo ruim aquele desastre... já que pude ter o papai só para mim por algum tempo.



Notas da autora | Obrigada por acompanhar esta história até aqui. Amei tanto a interação de todo mundo no capítulo anterior!! Obrigada, gente!! Prometo continuar me esforçando. Mas se você gostou deste e deseja continuar apoiando o andamento dessa história, me ajuda **dando uma estrelinha e deixando um comentário** do que você está achando! É bem importante pra mim (♡ ~ ♡) / ~ ♡

Vejo vocês no próximo capítulo! Beijinhos e queijinhos (≧◡≦)

15.

A decorative graphic featuring a large, stylized number '115' in the center. The number is rendered in a dark, serif font, with a vertical line separating the two '1's. The number is surrounded by a circular arrangement of colorful butterflies in shades of pink, purple, and green, along with delicate floral and leaf patterns. The background is a soft, light purple gradient.

QUANDO CHEGOU O DOMINGO e eu ainda não tinha melhorado, comecei a ficar preocupada. A febre continuava alta, apenas amenizando temporariamente com o uso de medicamento. Minha boca estava amarga de tanto tomar a *bendita* dipirona e eu já não aguentava mais comer refeições aguadas e sem graça, que mais pareciam ter saído de algum hospital.

— Será que não é melhor tomar logo um antibiótico? — perguntei toda dramática à mamãe, ignorando o prato de mingau de aveia que trouxera para o café da manhã.

— Não é bom tomar antibióticos sem ver um médico antes — Ela se inclinou para tocar em minha testa suada. Encolhi-me um pouco. — É, se a febre não baixar até amanhã, vamos precisar ir ao hospital. Se for causado por bactérias, pode ser perigoso.

Apesar de não receber nenhum tipo de desculpa pelo meu comportamento, dona Márcia parecia estranhamente carinhosa naquela manhã. Quem sabe estivesse preocupada que sua filha morresse de forma meio patética, ou talvez tenha batido a cabeça e perdido a memória. De toda forma, seu cuidado acrescentou mais fardo à minha pobre consciência já sobrecarregada, e eu me sentia cada vez mais constrangida.

Consegui enxergá-la saindo do meu quarto pelo canto dos olhos.

Mamãe não era uma mulher que se destacava pela beleza, mas não era feia. De aparência, lembrava um pouco a personagem Yvete de "Laços de Família". Seu rosto estava bem conservado (considerando os quarenta anos nas costas), e somente um ou dois fios de cabelo branco eram visíveis nas madeixas curtas, castanhas e onduladas. Tentava manter a forma, contando calorias e fazendo aulas de ginástica por VHS em seu quarto. Sempre me perguntei o que papai tinha visto nela, considerando que eram quase perfeitos opostos em personalidade. Talvez fosse isso: ela era forte, incisiva e eficiente. Sabia colocar as coisas em ordem como ninguém.

Fiz uma careta e tentei engolir um pouco daquela gosma bege. *Arg.*

Estava entediada. Sem celular, *discman* ou até mesmo o rádio, não tinha nada para fazer. Tentei revisar o conteúdo das provas nos livros, mas com corpo mole daquele jeito, era pior que tortura. Afastei os materiais e apenas fiquei deitada, sentindo as pálpebras pesadas.

Não sei quanto tempo se passou, quando escutei um barulho. Talvez fosse mamãe, outra vez, vindo me trazer água ou algum lanche. Resmunguei qualquer coisa, e então senti uma mão tocando levemente o meu rosto.

— Está queimando de novo. Tome, é o remédio.

— Não quero, mãe... É ruim demais... — respondi sonolenta e ainda de olhos fechados.

— Precisa tomar, Bea.

Espera. Aquela não era a voz de mamãe.

Virei-me rapidamente e descobri Hiero sentado junto à cama. Ele estendia o líquido em um copo transparente. Meu coração quase foi parar na boca. *Mas que RAIOS ele estava fazendo aqui?!?!*

Desde que fiquei acamada, não mais o vi. O problema é que fiquei tanto tempo no quarto (três dias) que acabei tendo a falsa impressão de que isso

nunca mais aconteceria, e o meu grande problema com ele simplesmente evaporaria pelos ares. Essas paredes com pinturas delicadas eram como muralhas do meu castelo e me davam a sensação de estar protegida, mas não era como se eu pudesse ficar aqui dentro até, tipo, o *fim dos tempos* (suspiro). De alguma forma precisaria superar minha redoma e encarar o mundo outra vez – e isso incluía Hiero, para minha infelicidade. Oh, tudo o que eu queria era adiar isso o máximo possível! Céus...! Será que um meteoro não poderia atingir a terra hoje e tudo acabar de vez?

— Vá embora — grunhi, mergulhando nos cobertores e me escondendo por completo.

Depois de alguns segundos, eu o ouvi dizer:

— Mas você não está bem. Sua mãe saiu com seus irmãos, e sou o único aqui para ajudar.

Tirei o tecido grosso de cima da cabeça, provavelmente fazendo com que alguns fios de cabelo ficassem meio arrepiados.

— Não preciso de babá — murmurei mal-humorada. — Vê se some daqui. — Voltei a me cobrir.

Tive a impressão de ter passado horas debaixo dos cobertores, respirando sei lá como, somente esperando ouvir o barulho da porta para ficar à vontade. Mas não ouvia nada, e estava envergonhada demais de sair do meu esconderijo e dar de cara com Hiero ainda lá, sentado.

— Eu sei que você não quer me ver — Finalmente ouvi sua voz, confirmando sua presença. Ela veio mais baixa, pesarosa. — Sei que me odeia, mas não precisa descontar em si mesma. Não precisa maltratar seu corpo desse jeito.

"Esse cara não desiste nunca?" praguejei silenciosamente, movendo os lábios e apenas ouvindo minha voz no pensamento. Será que não entendia o quanto difícil era ter de encará-lo? Mesmo tendo minhas razões, sabia que eu só tinha jogado mais gasolina na fogueira, e estava lutando para que as chamas não me queimassem tanto. Mas quem disse que poderia sair ilesa?

Meu problema era que tinha orgulho demais para dar o braço a torcer. Por isso, fiz que não ouvi e fiquei imóvel. Talvez fingir demência fosse mesmo a saída mais fácil. O garoto se irritaria e me deixaria em paz. Olha, que legal: quem sabe, depois disso, nem precisaríamos mais nos falar pelo resto da vida!

Só que daí....

— Eu fui um idiota.

Essas palavras me pegaram desprevenida. O que ele estava fazendo?! Será que...

Então continuou falando com uma voz grave, porém macia, como chocolate meio-amargo derretido.

— Eu era apenas um garoto desesperado por atenção. Muito bobo e imaturo, achando que precisava me afirmar, e pra isso, maltratar outras crianças indefesas. Um completo babaca covarde. — Acho que consegui ouvir uma espécie de risada amargurada. — Por esse e muitos outros motivos... É como se tentasse apagar minhas memórias. Sabe, quase nunca penso no passado. — Sua voz titubeou. — Desculpa, não queria soar como se estivesse me justificando. Eu sei que te machuquei... e... eu queria saber se você pode me perdoar.

Meu coração batia mais forte. Tinha imaginado este momento tantas e tantas vezes – sempre com Hiero suplicando aos meus pés e eu rindo, sentindo o doce sabor da vitória. Este seria o *grand finale* daquele meu plano; deixá-lo caidinho por mim e então quebrar seu coração. Era a vingança perfeita: sair triunfante enquanto ele se lamentava por todos os seus pecados.

Mas na realidade...

Na realidade eu não me sentia nem um pouco vitoriosa ou triunfante. Pelo contrário – era como se tivesse levado um banho de água gelada, e eu não conseguia entender a razão. Uma coisa era certa: Hiero com certeza *não* estava apaixonado por mim. Não havia motivo para tentar se redimir ou

chamar a atenção de alguém que o odiava. O natural seria uma declaração de guerra, certo? Então... por que isso?

— Mas é estranho... eu achei que... tudo já tivesse sido... — parou, como se estivesse pensando melhor na escolha das palavras. — Eu não esperava que você se lembrasse apenas *dessas coisas*. Não. — corrigiu-se. — Eu já tinha percebido a lacuna há bastante tempo. E fico meio aliviado por você não ter outras recordações além destas. — completou baixinho, como se estivesse falando consigo mesmo.

Estremeci. Fiquei com a sensação de que havia muito mais a ser dito, coisas encobertas. Segredos. Quis imediatamente sair da minha concha abafada, sacudi-lo pelos braços e perguntar o que ele queria dizer com aquilo, mas congelei. Nenhum músculo se moveu e minha voz entalou. Era como se alguma coisa me dissesse que *eu não queria lembrar*.

Fiquei como estátua, apenas ouvindo meu coração, minha respiração pesada e o barulho dos pratos e copos de cima da escrivaninha sendo recolhidos, incapaz de fazer qualquer coisa.

— Me perdoe também por te obrigar a fazer os resumos e estudar comigo. Eu não estava falando sério quanto a contar pra todo mundo. Na verdade... eu só queria uma razão para termos tempo juntos. Mas acho que foi mesmo uma péssima ideia. Não precisa fazer mais nada daquilo.

Foi a última coisa que ouvi antes de me sair debaixo do cobertor e achar o quarto vazio. Meu Deus. Só podia ser brincadeira, porque as peças não se encaixavam na minha cabeça. Não fazia sentido! Hiero era mesmo um cara muito estranho.

Olhei para o copo com o remédio repousado em cima da mesinha de cabeceira. Tampei o nariz e tomei tudo de um só gole.



As paredes pintadas metade branco com faixas azul-marinho me fazem estremecer. Olho para minhas roupas: camiseta branca com um abrigo de moletom azul por cima e calça combinando. Estou de volta ao Luiza Viana, a antiga e odiada escola onde estudei até a sexta série. Sentada num banco em frente à Diretoria, encurvo-me sobre meu estômago. Minhas tranças longas batem nas pernas gorduchas. Sinto minha testa transpirar e a boca azeda. Tinha acabado de vomitar no corredor antes mesmo de conseguir chegar ao banheiro. Alguma coisa não me fizera bem, mas começo a voltar ao normal graças ao remédio dado pela coordenadora.

Depois de algum tempo retorno à sala, e a atenção é direcionada a mim. Na minha turma só há duas garotas fora eu. Com suas carteiras grudadas, juntam-se e cochicham por trás as mãos, olhando-me com desdém. Os outros alunos, todos típicos garotos imbecis que possuem estrume de vaca no lugar de cérebros, já começam a rir. Um deles, alto demais para quem tem onze anos, provoca: *"Já voltou da sua caganeira? Conseguimos sentir o cheiro daqui, sua porca!"* E todos explodem em gargalhadas.

Não há professor na sala e fico completamente indefesa. Sinto o vômito voltando; desta vez, de nervosismo e medo. Consigo colocar a mão na boca e todos param de rir, enojados. Começa uma onda de vaias e protestos. Alguém – oh, não consigo ver! – me empurra para fora da sala. Sinto um nó dolorido na barriga e os olhos ardendo com as lágrimas. O que eu fiz? Por que me escolheram para ser o alvo de zombaria e agressões gratuitas? Simplesmente não conseguia entender.

Então, parado no batente da porta, eu o vejo e o reconheço. Ele é quem senta mais ao fundo e sempre tem o olhar ora emburrado, ora entediado. Seu rosto é redondo, suas bochechas, vermelhas e protuberantes. Sua pele branca contrasta com a cor dos cabelos negros como carvão. Os olhos azuis

me fitam com certo desprezo. Estou certa de que foi ele quem me empurrou.

Agora, me encontro no meio da aula de educação física. Arrumo qualquer desculpa para ficar no banco em vez de jogar a porcaria do *handball*, mas desta vez a professora não acredita. Preciso correr para lá e para cá, com minha barriga atrapalhando. No meu busto plano já nasceram duas pequenas pontas e acabei me esquecendo de colocar em casa a mais nova peça de roupa que preciso usar – sutiã – para não ficar estranho, especialmente enquanto corro. Sinto-me desconfortável e acho que todos estão reparando no formato sob minha blusa – e realmente estão. Meninos gritam quando passam por mim, para fazer chacota: "*tetas de vaca!*", "*olha as tetinhas dela!*" ou "*cuidado com as tetas!*".

Saio correndo da quadra, humilhada, em busca do meu agasalho de moletom. Não encontro a peça onde havia deixado na arquibancada, e então aquele mesmo garoto dos cabelos negros oferece seu moletom para mim. Ele conta que as duas garotas esconderam o meu. Posso jurar que trama alguma coisa pelo sorriso malicioso em seus lábios. Temerosa, apenas abraço meu busto e vou desesperada ao banheiro.

Fico sozinha chorando, como fiz muitas e muitas vezes.

Ouçõ aquelas bruxas cantando em coro: "*Com quem será que Beatrice vai casar... Vai depender se Hiero vai querer*". Elas começam a cismar que "*somos o casal perfeito, os dois jamantas*", pois somos os únicos rechonchudos da sala. Após ouvir suas vozes irritantes ecoando pelo espaço, posso sentir risadas sobre mim, enquanto o próprio garoto aponta seu dedo roliço em minha direção e grita: "*Estão doidos? Ninguém quer uma garota tão chata e feia por perto. Sua horrorosa. Parece um monstro!*" E as risadas se intensificam.

. . .

Senti lágrimas quentes em meus olhos. Não sei se estava sonhando – ou melhor, revivendo meus *pesadelos* – pois ainda conseguia ouvir as risadas, mas ao mesmo tempo, conseguia enxergar de forma bem embaçada as estrelinhas fluorescentes grudadas no teto do meu quarto. Minhas pálpebras

pesaram outra vez, fazendo a água escorrer pelos cantos. Em outra dimensão, talvez um lugar entre o sonho e a realidade, senti o calor de uma mão sobre a minha, e ouvi uma voz como o murmúrio em meio a uma brisa suave:

"Eu não te odeio... por favor, não me odeie também..."

Abri os olhos de vez, acordando em um sobressalto. Uma toalhinha caiu de cima da minha testa diretamente para meu colo. Meu quarto já estava bem sombreado por conta do crepúsculo, e postes acendiam lá fora. Senti um peso em cima da minha mão – foi aí que vi Hiero debruçado na beirada da minha cama com seu rosto virado para mim, e, adormecido, usava uma das mãos como travesseiro. A outra (coincidência ou não?) estava repousada sobre a minha. Retirei-a bruscamente, enquanto meu coração batia milhões de vezes por segundo.

O movimento fez com que o rapaz despertasse. Seus cílios negros e longos pestanejaram algumas vezes e seus olhos logo se direcionaram a mim.

Não sei porque – talvez meu cérebro tivesse derretido de tanta febre, ou simplesmente o mundo resolveu virar ao contrário –, mas, como se existissem palavras que apenas nossas íris pudessem contar, ficamos nos encarando por um bom tempo.

Eu *queria* fazer algo, acredite; mas eu parecia ter bugado. Sei lá! Eram sentimentos bem conflitantes: meu anjinho no ombro me lembrava das palavras de papai, mas aquele diabinho já queria caçar briga, então só fiquei travada igual a um CD arranhado.

Estava quase ficando sem ar (e meio encabulada com tudo aquilo), quando a luz se acendeu de supetão e alguém surgiu no quarto. Imediatamente pulamos em nossos lugares, como se tivéssemos sido pegos no flagra roubando biscoitos do pote. Fingi um excesso de tosse e Hiero saltou da cadeira, alongando os braços pra lá e pra cá igual a um atleta antes de uma corrida.

— *Ooops!* Falha nossa. Volto mais tarde! — falou Bruno com olhos arregalados e fechou a porta.

Agora quem tossia era Hiero. Podia jurar vê-lo vermelho da cabeça aos pés. Sem olhar pra mim e sem nenhuma explicação, saiu do quarto. Segundos depois a porta se abriu novamente e Bruno reapareceu com um sorriso travesso no rosto.

— O que é? — defendi-me, já me sentindo provocada.

— Acho que nem preciso me preocupar mais. Se consegue paquerar é porque já tá boa! — Ele riu, e então taquei um dos meus travesseiros em sua direção, gritando: — Nem morta! Sai daqui, estrupício! — Mas ele só desviou e continuou rindo: — A fila do supermercado estava *enooooorme!* Viemos o mais rápido possível por sua causa, mas acho que deveríamos ter atrasado um pouquinho. Parece que pintou o maior climão...

— *É O QUÊ?!?*— gritei horrorizada. — Ah, Bruno, agora você vai ver! — Levantei-me furiosa e arregacei as mangas do pijaminha rosa (que vesti o dia inteiro), mostrando os punhos em posição de boxeadora.

— *Hã-hã.* Se eu fosse você, eu não faria isso. Primeiro, porque você está doente e provavelmente vai perder feio... Segundo, porque eu... — E tirou um saco plástico de dentro da jaqueta jeans, e o estendeu a mim. — ...contrabandeei isso!

Olhei dentro da sacola, e para minha surpresa, vi a *TodaTeen* do mês, com o colírio Kayky Brito na capa.

— Ela não falou nada sobre revistas, certo? — Piscou um olho.

— Mas, Bruno... Você...!

Revirei os olhos. Não consegui manter minha pose chateada e soltei um riso. Ele bagunçou meus cabelos. — Quem disse que não me importo com minha irmãzinha, hein? Oh, a febre parece que passou. Será que vai dar para ir pro colégio amanhã?

Sentei de volta na cama. Esse era *outro* problema que queria adiar. Aposto que as meninas iriam perguntar sobre o encontro e eu não tinha bolado muito bem o que contar pra elas. E ainda tinha o Luke.

— É... não sei. — suspirei torcendo a boca.

— Ah, mana, se anima aí — Bruno sentou-se ao meu lado. — É tão chato sem você. Estou tendo que lavar todas as suas louças, sabia? E não tem ninguém pra tirar onda. Nem o Mikhel, ele ainda está magoado pelo que aconteceu. Quando você vai se desculpar com ele? — Ele fez um beicinho. — Coitadinho, Bea. Ele não tem nada a ver com suas brigas de *casal*.

Ah, eu sabia. Bruno não podia passar dois minutos sem me espezinhar! Com a revista ainda na mão, dei-lhe uma baita bolachada no ombro, mas, rápido nos reflexos, o cafajeste conseguiu se defender e correu para a porta, rindo ridiculamente.

— Mas fala a verdade: ia rolar uma bitoquinha, não ia? *Smack, smack* — provocou uma última vez com a cabeça prestes a desaparecer do quarto. Ainda tentei acertá-lo com a revista, mas ele fechou a porta bem na hora.

Esse pilantra... ainda me paga.

Balancei a cabeça e sorri. O Bruno tem esse jeitão bocó, mas sei que no fundo se importa de verdade com seus irmãos. E estava certo... Eu tinha mesmo de ajeitar as coisas com o Mikhel. Sabe, tirando essas implicâncias típicas dos irmãos, nós não costumávamos brigar. Acho que por isso ainda estava ressentido; fui anormalmente grossa com ele.

Criei coragem para descer depois de jantar e tomar um banho. Encontrei o garoto jogando sozinho seu amado *Game Boy*, sentado na posição de lótus na beirada da piscina. Corria um vento suave de outono, o qual deixava nossos narizes e bochechas meio geladinhos. Fechei o fecho-éclair do agasalho antes de me sentar do lado dele.

Fui ignorada, claro. Os olhinhos castanhos não desgrudavam do pixelado Mario em seu carrinho, jogando bananas e desviando de cascos de tartaruga. Eu já sabia que não me daria bola — justamente por isso estava adiando a conversa — mas não sabia que doeria tanto. Tinha de engolir meu orgulho e isso era difícil. Ainda mais porque eu me importava demais com meu irmãozinho para simplesmente deixar as coisas como estavam.

Procurei por algo que desviasse sua atenção da tela brilhante.

— Olhe! Uma estrela cadente! — Apontei enfática para o céu. — Faça um pedido, rápido.

Mas o garoto só me olhou de canto de olho e continuou jogando.

— Tá bom, você vai perder o pedido... — provoquei, encolhendo os ombros. — Era uma estrela cadente *especial*. Ela tinha a cauda azul brilhante, sabe. Dizem que se você vir uma dessas, seu pedido é realizado em vinte e quatro horas.

Agora sim ele estava interessado. Olhou para o céu procurando avidamente o tal rastro azul.

— Ah, Bea, para de mentir! — Ele se virou emburrado após não achar nada. — Pensa que sou bobo só porque sou mais novo?

— Não estou mentindo — defendi-me com voz macia. — Pois sabe o que eu pedi? Que meu irmãozinho me desculpasse por eu ser tão malvada com ele. Será que pode me perdoar? *Hm?* — cutuquei-o nas costelas. Ele movimentou os braços para se desviar do meu toque, ainda relutante em me dar atenção. — Pode, não é? — insisti.

— Para, Bea! — Finalmente se virou pra mim. — Você foi horrível não só comigo, mas com o Hiero também. E ele é meu melhor amigo!

Fiz um bico. — Achei que fosse o Daniel, da sua sala.

Mikhel rolou os olhos, como se eu fosse tonta demais para não enxergar o óbvio.

— O Dani é meu melhor amigo, mas "da minha idade". O Hiero é o melhor amigo "adolescente". Entendeu?

— Ah, então existe até categorias para melhores amigos, agora é? — Ri. E para meu alívio, ele riu também. — Eu sei, Khel. Eu estava errada. De verdade. Não deveria ter te tratado mal e nem... — suspirei, contrariada. — Nem ter discutido com o Hiero. Então você me desculpa?

O garoto pensou um pouco, depois sorriu e assentiu timidamente.

— Ó! — Apontei para ele, sorrindo. — Viu só como não era mentira? — Voltei a brincar com as cócegas nas costelas. — Meu pedido se realizou! E só se passaram alguns minutos.

Ficamos ainda um bom tempo conversando e rindo. Estranhamente, antes de dormir, senti que não apenas meu corpo estava melhor, como também minha mente e espírito pareciam mais leves. Ainda tinham coisas me incomodando bastante, mas era como se eu finalmente estivesse encontrando o caminho certo.

<https://youtu.be/69EsE-apy1E>

Notas da autora | Oiiie! Como vão todos vocês?

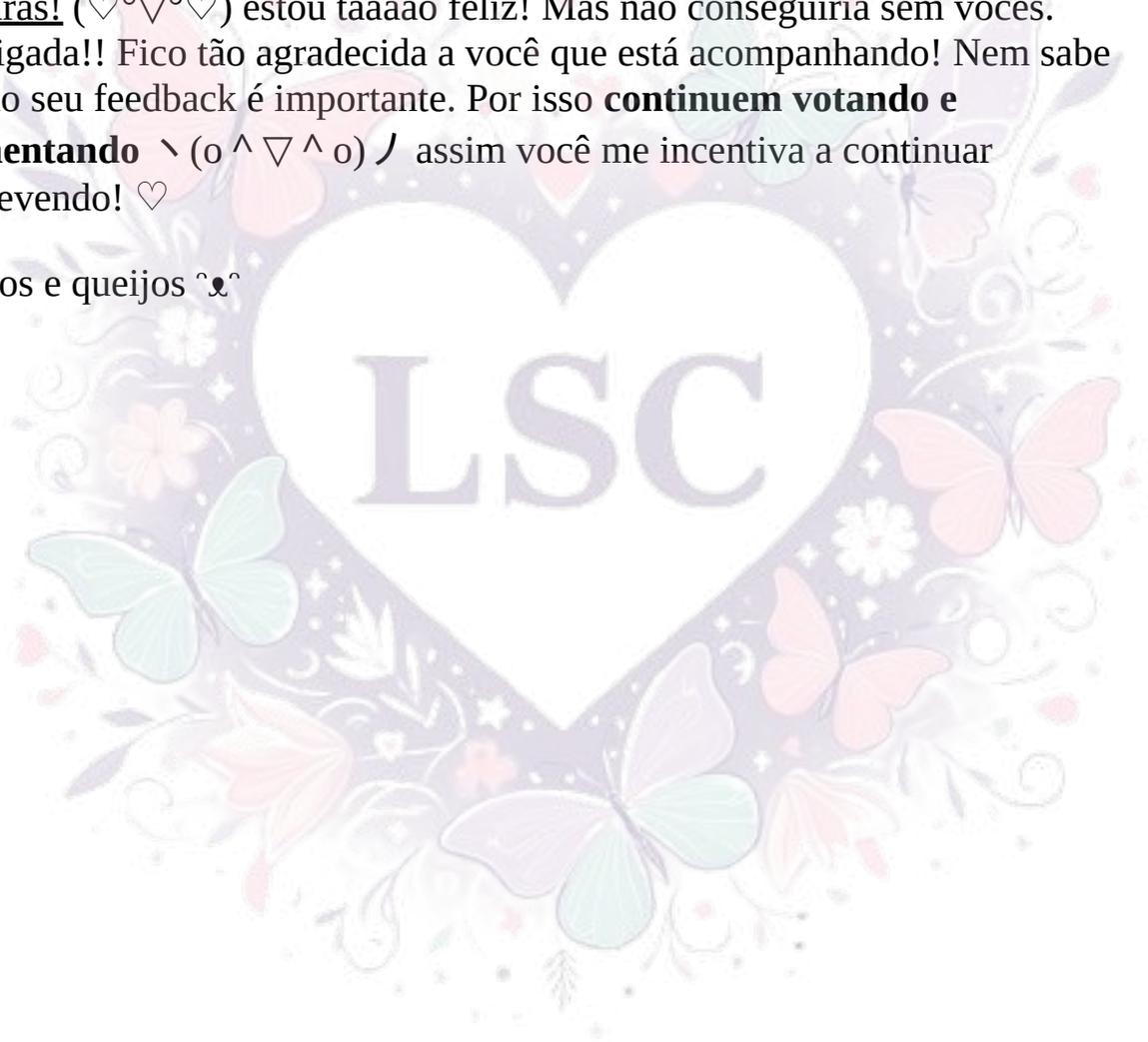
Bem, este capítulo em especial foi muito autoral. De verdade. Não queria que a história ficasse pesada, porque este nunca foi meu objetivo (e sim, criar algo mais descontraído, que os leitores pudessem se entreter e levar boas lições ao mesmo tempo), mas este acabou sendo um capítulo um pouco mais denso em alguns aspectos, com estas experiências da Bea. Experiências que foram retiradas de coisas que eu mesma vivi quando estava exatamente na minha sexta série (tipo sétimo ano hoje em dia). A cena dela passando mal e voltando pra a sala de aula, por exemplo, foi horrível e ficou marcada na minha memória para sempre. Eu também só estudava com mais duas outras meninas, as quais fizeram entre elas um grupinho que eu não poderia entrar. Os meninos me maltratavam muito. Aconteceu exatamente, com exceção de alguém empurrando para fora da sala.

Bullying não é brincadeira! Machuca muito e destrói autoestima e uma confiança em si e nos outros muitas vezes já fragilizada. Sofri coisas como essas que a Bea passou e demorou bastante até que pudesse superá-las. E até hoje carrego algumas marcas daquele tempo, alguns complexos.

Estou feliz que hoje há muito mais conscientização do que aquele tempo. Quando acontecia comigo, professores e responsáveis em geral faziam "vista grossa". Diziam que era só brincadeira, e deveria rir junto. Mas a gente sabe quando é apenas brincadeiras e quando é humilhação, chacota, maldade. E aliás, mesmo que seja "brincadeira", se acaba magoando, não deve ser feita. Respeito acima de tudo.

Oh simmm, "Segredos" já conseguiu 500 estrelinhas e quase 3k de leituras! (♡°▽°♡) estou tãaaa feliz! Mas não conseguiria sem vocês. Obrigada!! Fico tão agradecida a você que está acompanhando! Nem sabe como seu feedback é importante. Por isso **continuem votando e comentando** \ (o ^ ▽ ^ o) / assim você me incentiva a continuar escrevendo! ♡

Beijos e queijos ^x^



16.

A decorative graphic featuring a large, faint number '116' in the center. The number is surrounded by stylized butterflies in shades of pink, purple, and green, along with floral and leaf motifs. The background is a light, textured pattern.

ERA ÓTIMO ACORDAR E não me sentir como se um caminhão tivesse me atropelado. Pelo contrário, estava novinha em folha: a febre tinha passado de vez e meus músculos pareciam revigorados. Oh! Graças a Deus, podia voltar a comer normalmente. Benditos sejam os criadores dos *waffles* congelados e das caldas achocolatadas! Meu pico de glicemia foi tão deliciosamente alto no café da manhã que nem liguei muito para o fato de precisar ir ao colégio.

Só por precaução, Bruno se prontificou para me levar de carro. Claro que poderia ter levado Hiero também, mas ele já tinha ido – bem mais cedo, por sinal, e para meu alívio. Depois daquele nosso último encontro embaraçoso, tudo o que eu menos queria era dar de cara com ele. Pelo menos, não agora.

Mal apareci pela porta da sala e minhas duas amigas correram ao meu encontro e abraçaram-me ao mesmo tempo. Era como se não me vissem há séculos – ou melhor, como se, por um milagre, eu tivesse sido resgatada após desaparecer em algum acidente trágico. Enquanto caminhávamos aos nossos lugares, enchiam-me de perguntas:

— *Amiga-do-céu*, o que aconteceu? Não entrou em contato depois da tarde de quinta. Ligamos no seu celular várias vezes e só dava caixa postal. — Mima fez um biquinho de desapontamento.

— Ficamos preocupadas quando você não apareceu na escola na sexta! — Dahlia me ajudou a tirar minha mochila das costas e depois a ajustou atrás de minha cadeira. — Pensamos que tinha acontecido algo, principalmente porque... — Ela faz uma pausa dramática enquanto sentávamos em nossos lugares. Franzi as sobrancelhas, esperando pelo resto. A linda garota de olhos amendoados juntou as mãos como em uma prece e falou em tom aflito: — Ai, Bea, eu nem sei o que dizer... mas não fica chateada comigo. *Por favor, por favor.*

Balancei a cabeça sem entender nada. — Chateada? Por que, exatamente? — Sorri confusa. Mima parecia ter a mesma dúvida.

Dahlia suspirou novamente e então resolveu colocar de uma vez as cartas na mesa:

— Bem... É que, na hora de irmos ao shopping, a Julinha, minha irmã, não parava de chorar porque queria ir junto, e aí pronto. Minha mãe acabou tendo que ir também para cuidar dela; a Júlia ainda é muito pequena, só tem cinco anos, vocês sabem. — ela torceu a boca. — Eu encontrei com Mima direitinho, mas, em casa, mamãe comentou que te viu sozinha com um cara (Luke). Ela estranhou e questionou do porquê você não estar junto com a gente. Claro que não era boba nem nada, e logo deduziu a farsa... Aí ralhou um monte, dizendo que não deveríamos fazer isso, porque os pais ficam preocupados quando saímos sozinhas...

Ah, não...

— *Putz...* Minha mãe nem estaria aí pra essas coisas. Só brigaria se mexêssemos no estoque de bebidas no seu *closet*. — Mima falou como piada, mas senti uma pitada de amargura na voz.

— É que meus pais são bem conservadores... — Dahlia se explicou. — Bem, acho que talvez ela tenha contado algo pra sua mãe, porque deu para escutar a voz dela da cozinha, ao telefone, e tenho quase certeza de que ouvi seu nome...

Quase não pisquei tamanha minha surpresa. Meus circuitos elétricos ficaram em choque por alguns segundos. *Então... Então não foi Hiero? E eu*

explodi com ele sem razão? Não, razão até que eu tinha, mas... Olhei para as costas amplas do rapaz, o qual parecia alheio às conversas ao seu redor e preocupava-se em tomar notas dos livros desde que entrei em sala. Como um visitante indesejado e inconveniente, o monstrinho da culpa entrou em meu peito e se apossou do sofá e do controle remoto.

Mima interpretou minha expressão:

— Ai, meu Deus, não diga que você foi descoberta e tomou bronca...

Voltei à realidade e rapidamente vesti minha máscara, atuando como de costume:

— *Nããããõ*, que isso, gente! *Hehe*. — ri um tanto exagerada demais. Talvez isso me ajudasse a expulsar aquele monstrinho que só crescia, alimentado também por mais um ciclo de mentiras. — Dahlia, não precisa se preocupar. Minha mãe não brigou nem nada, então acho que você só ouviu errado. Sua mãe não se daria a este trabalho...

— Na verdade, daria sim, conhecendo o jeito dela — Dahlia murmurou.

— E eu só peguei uma gripe meio forte, por isso não vim na sexta. — continuei, ignorando o comentário. — Mas já estou totalmente recuperada e me sentindo ótima! — E para enfatizar, girei os braços energicamente, ainda com aquele sorriso idiota no rosto.

— E o seu celular? — Mima cruzou os braços, meio desconfiada.

— É, e o seu celular? — ouvi uma voz de manteiga derretida atrás de mim. Nem precisava me virar para saber que era Luke. Ele pegou a cadeira vizinha, arrastou-a para meu lado e sentou-se. Passou o braço no meu encosto e inclinou-se em minha direção. Podia sentir seus olhos tropicais sobre mim. Seu marcante perfume amadeirado me envolveu. Mima e Dahlia se entreolharam com sorrisos espertos.

— E-e-ele... quebrou! — consegui exclamar quase sem fôlego, sentindo as bochechas quentes e o coração palpitante. Droga, por que ele tinha de ficar tão próximo? — Naquela mesma noite, pegou chuva e deu *tilt*. Raiva, né?

Mas minha mãe vai levar para o concerto, só que vai ser depois das provas. Ela disse que assim é melhor, que eu me concentro nos estudos... — Ousei olhar para ele a primeira vez. Era impressão minha ou seu sorriso estava mais atraente? Oh, céus... Por que tinha de ser tão... tão *maravilhoso* a ponto de fazer minhas convicções fraquejarem?

Estive pensando bastante nisso enquanto estava acamada. Sem sermos completamente sinceros um com o outro, não sei se daria certo. Vamos só supor que ele realmente gostasse de mim. Eu sempre viveria pisando em ovos e sentindo-me culpada. Estava atolada demais nas minhas mentiras e dissimulações, e era muito insegura para revelar-me nesta altura do campeonato. O que ele faria se descobrisse que não sou essa bonequinha adorável e que moro na mesma casa que Hiero?

Por outro lado, ele também escondia segredinhos debaixo do tapete – vulgo: a loira aguada da foto e aqueles (ex?) amigos... isso se não tiver mais coisas. Aquela pulga incômoda iria acabar fazendo um ninho atrás da minha orelha!

O problema era que já tinha nutrido sentimentos o suficiente para sentir-me balançada apenas por estar perto dele. Às vezes me perguntava: será que todas essas coisas importavam mesmo? O Luke era legal e gentil, além de ser *supergato*! Era como o bilhete premiado da loteria. Eu não poderia apenas flertar um pouco e me divertir? Não era como se fôssemos nos casar ou algo assim, certo?

Mas isso não seria fazer igual às pessoas aproveitadoras, que ficam umas com as outras sem se importarem com os reais sentimentos e consequências? Eu queria viver um *romance*, uma história-de-amor-digna-de-um-livro, mas pra isso, teria de fazer as coisas da maneira certa...

Ah, vida, por que você tinha de ser tão complicada?!

— E como vou fazer se quiser falar com você? — ele perguntou em voz macia e divertida. Mordi os lábios, constrangida com as risadinhas e cotoveladas das minhas amigas.

— Bem, aí vocês vão precisar ligar no telefone de casa... — Fui retirando a mochila do encosto da minha cadeira, fazendo com que Luke tivesse de desapoiar seu braço. Comecei a desempacotar meus materiais e colocá-los na mesa. — Mas já vou avisando que por lá não tenho privacidade alguma. Meu irmão mais velho às vezes escuta minhas conversas só pra fazer troça de mim.

Ele ia falar algo, quando Alexandre, o irritado professor de Álgebra II, entrou na sala enxugando sua testa calva com um lenço. Todos imediatamente se puseram em ordem em seus lugares. Pude respirar aliviada, mas não por muito tempo: no intervalo, as garotas nem mesmo quiseram se reunir em grupo para lanchar com os rapazes, visto que, aparentemente, discutir minha vida amorosa era mais importante no momento.

— *Oh-meu-Deus*, viram o jeito do Luke mais cedo? — Mima arregalou os olhos e sorriu, como se estivesse contando a notícia mais bombástica do mundo. — Caramba, Bea, ele estava praticamente te engolindo com os olhos. Só posso dizer uma coisa, amiga: ele está *caidinho* por você!

Uma bola de *Cheetos* travou na minha garganta e fiquei tossindo igual a um cachorro velho tentando desengasgar. Dahlia tentou me ajudar dando umas palmadinhas nas costas e estendeu para mim seu suco de caixinha.

— Ué, não sei por que a surpresa — Mima continuou, ainda animada. — O que eu não entendo é: por que você não o agarra logo?! Se eu tiver a menor que seja das chances com o Hiero... nem vou pensar duas vezes!

Ouvir a última sentença me fez engasgar novamente, mas desta vez, com o suco.

— Talvez por que ela acha que tudo esteja indo rápido demais. — Dahlia respondeu por mim. — E que precisam se conhecer melhor para tomarem uma decisão séria.

Senti uma pontadinha de deboche no riso de Mima.

— Qual é o ponto de esperar se ambos se gostam?

— Para tentar escrever com calma uma linda história de amor? — retrucou a outra, com sobrancelhas levantadas. Fiquei impressionada de como concordávamos neste aspecto. Será que ela tinha dom de ler mentes?

Mima parecia contrariada com o argumento e revirou os olhos. Vendo que a discussão tomava outro rumo, tentei apaziguar os ânimos crescentes, rindo com nervosismo:

— Gente, calma...

— Ah, por favor, Dahlia, a vida real não é como nesses seus livros românticos, sabe? — Fui ignorada. — Isso aí são floreios de escritores que querem fazer dinheiro. Agarre a oportunidade, viva o momento! *Carpe diem, baby.*

— Nessa de "viver o momento", podemos acabar fazendo besteiras sem pensar. — a amiga murmurou parecendo um pouco triste. Mas Mima nem percebeu e rebateu:

— *Aham.* Aposto que o *Chris* não foi uma besteira, não é? E você foi bem mais rápida que a Bea.

Dahlia engoliu os lábios. Mima abaixou a cabeça, passando a mão por suas longas madeixas, como se estivesse subitamente arrependida por ter sido maldosa. Durante um tempo, ficamos mudas. Apesar de termos nossas diferenças, raramente discutíamos. Aliás, nem lembro se chegamos mesmo a bater boca.

Parecia que, naquele momento, as emoções de todas nós estavam à flor da pele.

— Ter um relacionamento pode ser mais difícil do que parece... — Dahlia finalmente falou com vozinha trêmula. — No início são tudo flores, mas depois de um tempo, as faíscas meio que desaparecem. Aí os conflitos começam a surgir. — Ela começou a soluçar baixinho. — Eu gostaria de mais atenção, mas ele sempre diz que está ocupado estudando para o vestibular, que a vida está uma correria. Mas eu sei que ele tem tempo de sair com os amigos e também programar suas campanhas de RPG...

Puxa... era a primeira vez que via uma das minhas amigas chorar. Imaginei o quão chateada devia estar ao ponto de extravasar na nossa frente sem nenhuma cerimônia. Segurei timidamente sua mão em um gesto de consolo.

— Oh, amiga...

— Fico me perguntando o que ele realmente sente por mim... Será que realmente chegamos a nos amar alguma vez?

Um ótimo questionamento. O que é o amor, afinal?

Olhei para Mima e surpreendi-me ao ver seu queixo tremendo, enquanto grandes lágrimas se formavam em seus olhos.

— Mas pensa que é fácil para quem só pode amar de longe? — choramingou. — Paixão unilateral é uma merda! Ainda mais quando... quando você quer tanto ajudar essa pessoa, mas não sabe como.

Repeti o gesto de consolo com Mima. Assim ficamos as três de mãos dadas.

— Como assim, ajudar? — procurei entender.

— É que você não viu como o Hiero estava na sexta, Bea. O coitadinho passou o dia todo como se tivesse levado um soco no estômago. Parecia tão abatido que tudo o que eu queria era apenas de abraçá-lo! Oh! Eu seria a melhor namorada do mundo pra ele.

Engoli em seco. Será que isso tinha alguma relação com a minha explosão na noite de quinta-feira? De repente, senti aquele monstinho se multiplicar e crescer tanto a ponto de tomar toda a cozinha e os quartos.

— Oh, linda, vem aqui! — Dahlia se esgueirou para poder alcançar a amiga. Mas como eu estava no meio, acabamos em um "abraço-sanduíche"; eu no meio de dois chafarizes de olhos vermelhos e narizes melequentos.

Embora fosse meio constrangedor, sentia-me mais íntima delas. No fim, acabei aderindo ao chororô, movida pela enxurrada de emoções e incertezas dos meus últimos dias. Agora éramos três chafarizes de olhos vermelhos e

narizes melequentos. Éramos três garotas secretamente sofrendo com as peripécias e complicações do amor.



Ficou combinado que Bruno só iria me buscar de carro se durante as aulas a febre retornasse. Por isso, voltar na companhia de Hiero acabou sendo meio inevitável. O rapaz já me esperava próximo ao portão de saída. Protegido dos raios solares pela sua costureira jaqueta jeans, mantinha as mãos nos bolsos da calça e brincava de rolar pedrinhas para lá e para cá com a sola do seu *chunky shoes* inteiramente branco.

Senti o estômago doendo um pouquinho quando ele me notou e caminhou em minha direção.

— Está se sentindo bem? Consegue levar a mochila?

Mordi o interior das bochechas e segurei firmemente as alças em volta dos meus ombros. — Sim, perfeitamente bem — pronunciei em tom mais seco do que esperava. — Não precisa se preocupar. — Abaixei a cabeça e continuei andando.

Ele se apressou em me acompanhar.

— Eu sei que você passou a maior barra esses dias, e que tentar quebrar uma barreira construída por anos é mais difícil ainda, mas tenho uma coisa que pode ajudar. — Tirou de um dos bolsos um pequeno papel e o estendeu a mim. — Fiz para tentar me redimir. Se aceitar, vou saber que não tenho mais nenhuma dívida com você.

— O que é isso?

Abri o cartãozinho, e vi algo que se parecia com um vale-presente feito à mão. Nele estava escrito:

*"De: Hiero Para: Beatrice
Vale um *Brownie com Sorvete*
da Sorveteria do Tio Joca.
Entregue esta metade destacada
para reclamar o prêmio."*

Do lado tinha uma ilustração (pra lá de troncha): uma boneca com uma cabeça enorme, cabelos igual a espetos, corpo de palito, segurando algo que parecia mais um pedaço de carvão que um *brownie*.

Não pude evitar a risada bufante e nasalada ao ver aquele desenho terrível.

— Desenhar não é o meu forte — ele encolheu os ombros, dando um sorriso.

Pigarreei e voltei à minha postura de indiferença. Só o cantinho dos lábios me traía, pois ainda tremiam com um riso contido.

— Você acha que pode comprar meu perdão com os... — "Incríveis e deliciosos", minha mente completou —... *brownies* do Tio Joca?

Hiero perdeu o sorriso.

— Se não for o suficiente, eu posso fazer outras coisas. Posso ser seu salva-vidas, escudeiro, serviçal, o que quiser, desde que possa pagar pela minha dívida. Não quero que esteja magoada comigo para sempre, Bea.

Ele tomou uma das minhas mãos e a colocou fechada sobre seu peito. Pisquei várias vezes, meu coração a mil por hora, sem entender absolutamente nada.

— Aqui. — indicou com firmeza. — Bata com a sua toda força até estar satisfeita. Eu aguento. — E abaixou a cabeça, espremendo os olhos como se esperasse um forte impacto.

Recolhi minha mão, olhando encabulada para os lados. Não estávamos muito longe do colégio e alguém poderia nos ver. Aliás, fazer alguém de saco de batatas chamaria a atenção de qualquer um, estudante ou não. Será

que ele esperava mesmo que eu fosse socá-lo? Sua espera paciente revelou que sim, o negócio era sério.

Apertei o dedo indicador e o estalei na sua testa.

— Já te falaram que você é um cara esquisito? — ri da sua cara surpresa. — Não vou te bater. Eu, hein. Nem tudo precisa ser resolvido na base da força, sabia?

Ele parecia aliviado.

— Então só o sorvete é o suficiente?

— Não sei. Um sorvete não é lá grandes coisas — fiz-me de difícil.

— Bem, mas se você não quiser... — Ele conseguiu retirar o vale-presente que ainda estava em uma das minhas mãos. Mais que depressa o agarrei de volta.

— *Eu quero!* Quer dizer... — Fingi uma tosse e enfiei o cartãozinho no bolso do shorts-saia. — Isso vai ficar guardado, por enquanto. Até pensar melhor no assunto.

Hiero recomeçou a andar com um sorriso discreto nos lábios.

Estranho. Desde quando ele sabia que meu ponto fraco era essa sobremesa, especialmente a servida na Sorveteria do Tio Joca? Foi bem Mikhel que deu com a língua nos dentes (como sempre). Ele devia estar subornando o garoto com doces, só podia ser...

Por mais que ainda estava de castigo, tive a sensação de que aquela semana passou voando. Isso por causa das benditas provas. No início, estava angustiada, pois precisava conseguir notas boas o suficiente para reganhar os meus privilégios. Mas olha que engraçado: percebi que não tive grandes

dificuldades com as questões, já que tinha feito aqueles tediosos seminários para Hiero. Ele realmente tinha razão. Aqueles assuntos de alguma forma ficaram armazenados num cantinho do meu cérebro, e graças a isso, consegui bater o meu recorde de notas altas.

O meu quebra-cabeça com o Luke meio que ficou em *stand by* – apenas agimos como os amigos de sempre. Graças a Deus, minhas amigas não me perturbaram tanto sobre o assunto, já que estavam numa pilha de nervos com as provas. Essa era a preocupação do momento. No intervalo, sentávamos com os meninos em roda e, em vez de tagarelarmos como sempre, ficávamos repassando as questões e decorando macetes.

Obviamente, quem mais ajudava era Hiero – não só a nós, do grupinho, como a classe inteira. Volta e meia vinha alguém para tirar dúvidas. Sua boa vontade foi a oportunidade perfeita para que Mima pudesse se aproximar do garoto, e ela aproveitou para alugar a atenção dele pra valer. Era descarado! Até eu comecei a me sentir um pouco incomodada pela inconveniência dela, pois era visível que o rapaz estava cansado, mas não queria ser mal-educado.

Não que eu sentisse dó dele, ou algo assim. Ninguém gosta de um carrapato, vai. Até eu tenho essa consciência.

Quando tudo terminou, parece que finalmente pudemos respirar aliviados. Eu nem tanto: ainda sentia aquele monstrinho da culpa habitando no lar do meu coração. Sentia que meus assuntos com Hiero não estavam completamente resolvidos. Então, movida em partes para me livrar disso, em partes para aproveitar aquele pedaço de céu em forma de bolo de chocolate (e ainda por cima 0800!), apresentei a ele a metade do vale-presente destacada enquanto voltávamos para casa depois da última prova.

— Tem certeza? — perguntou-me com um meio sorriso.

Certeza eu não tinha mesmo não.

Perdoar era uma tarefa difícil. Deixar para trás as ofensas como se nunca tivessem existido exigia uma grande dose de coragem e graça. Engolir o

orgulho era a pior parte. Mas o que descobri bem depois foi que estar no lugar do ofensor é bem pior que estar no lugar do ofendido.

A pergunta que então permanecia em minha mente era: por que Hiero se importaria tanto em reatar as coisas comigo? De novo – ele *não* estava apaixonado por mim. Não havia motivo para tentar se redimir ou chamar a atenção de alguém que o odiava. O natural seria uma declaração de guerra, certo?

Depois de pensar bastante, cheguei numa conclusão.

A única alternativa era que ele estava sendo verdadeiro e queria fazer a coisa certa.

Isso significava que o Hiero da minha infância deixou de existir. Ele mudou, evoluiu e virou alguém melhor, tal como Bruno uma vez tentou me falar.

Ouvi mais uma vez a voz de papai ecoando em meus pensamentos: "*O arrependimento, assim como o amor, é uma escolha.*" Eu sempre pensei que só existia uma opção diante de mim – a de odiá-lo pelo resto da minha vida. Isso incluiria nunca perdoá-lo e estar para sempre magoada. Mas, de repente, isso parecia um fardo pesado demais. Odiar não tinha funcionado. Obviamente não poderia amá-lo, mas quem sabe... que sabe se pudesse ao menos *não odiá-lo*, já fosse o suficiente. Tinha de ser, pelo bem da minha sanidade mental.

Balancei a cabeça em afirmação.

— Hoje é um dia perfeito para tomar sorvete.



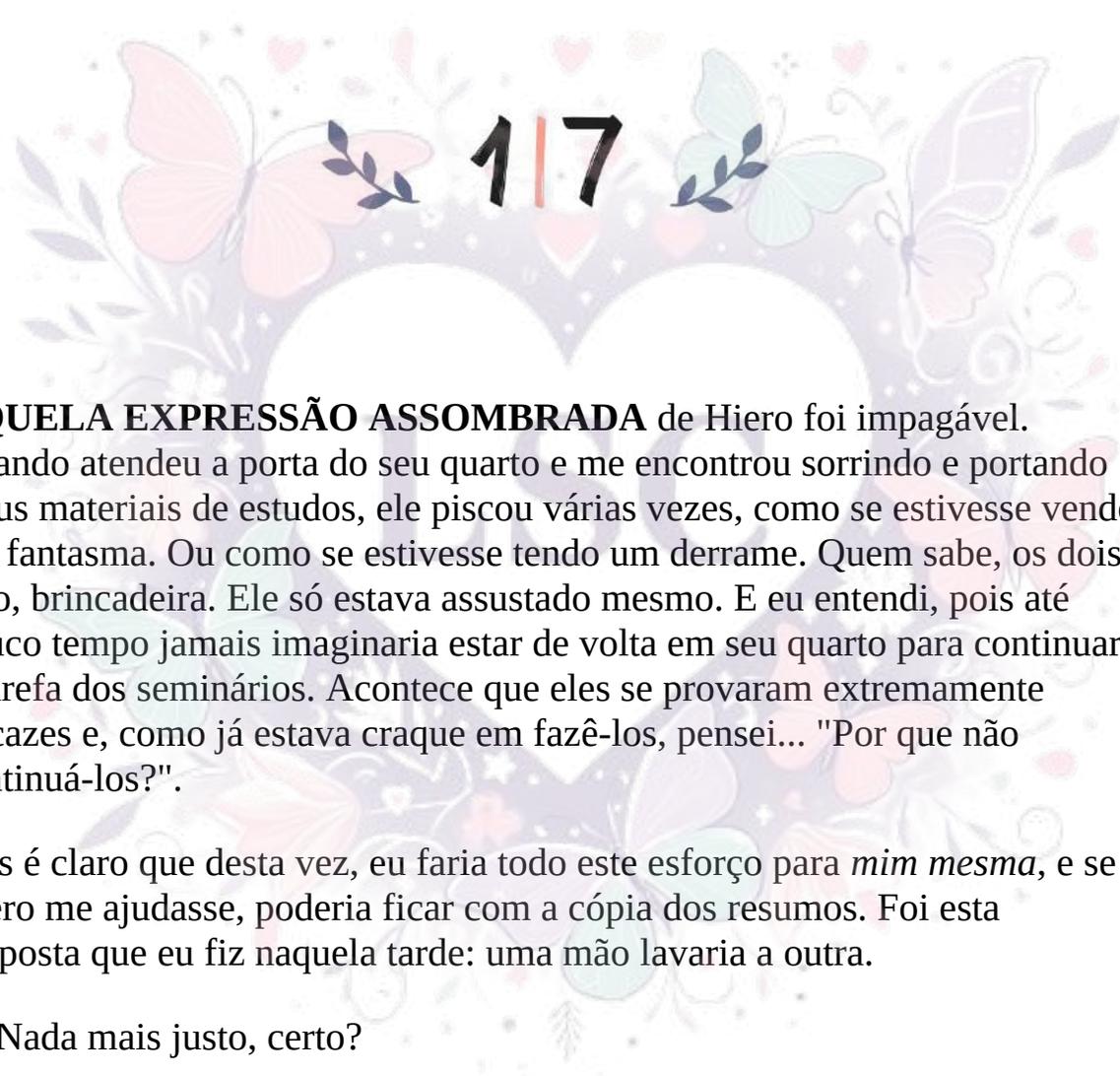
Notas da autora | Oiiiiie! Oia eu aqui de novo ♡°▽°♡ como vão vocês? Espero que bem. Estou bem cansada. Esse capítulo foi graaande de novo XD mas espero que estejam gostando do andamento da história.

Acima temos o vale-presentes do Hiero. Um fofo, né? Só não sei se a letra dele seria tão feminina como a minha (não sei disfarçar minha letra...

╰(ツ)╯

Estou bem feliz com a leitura de vocês ▽ obrigada! Se puder, deixa uma **estrelinha** e um **comentário** do que você tem mais gostado da história. Um beijo e até próximo capítulo! ☆

17.

A decorative graphic featuring the number '17' in a stylized font, with a vertical line separating the '1' and '7'. The number is surrounded by colorful butterflies in shades of pink, purple, and green, along with floral and leaf motifs. The background is a soft, light purple gradient.

AQUELA EXPRESSÃO ASSOMBRADA de Hiero foi impagável. Quando atendeu a porta do seu quarto e me encontrou sorrindo e portando meus materiais de estudos, ele piscou várias vezes, como se estivesse vendo um fantasma. Ou como se estivesse tendo um derrame. Quem sabe, os dois. Não, brincadeira. Ele só estava assustado mesmo. E eu entendi, pois até pouco tempo jamais imaginaria estar de volta em seu quarto para continuar a tarefa dos seminários. Acontece que eles se provaram extremamente eficazes e, como já estava craque em fazê-los, pensei... "Por que não continuá-los?".

Mas é claro que desta vez, eu faria todo este esforço para *mim mesma*, e se Hiero me ajudasse, poderia ficar com a cópia dos resumos. Foi esta proposta que eu fiz naquela tarde: uma mão lavaria a outra.

— Nada mais justo, certo?

Hiero assentiu, parecendo um bocado animado. E então lá estávamos nós novamente sentados à mesinha de centro e debruçados sobre aqueles livros grossos da capa vermelha que cheiravam a mofo e baunilha.

Logo de início, era estranho começar uma conversa casual – porém, muito mais estranho era o clima reticente que se instaurava no silêncio. De vez em

quando comentávamos alguma coisa da matéria, mas nunca algo pessoal. Acho que isso durou até o terceiro dia, quando nos pegamos conversando sobre as tarefas das aulas de Filosofia:

— Eu acho que o contraponto de Nietzsche aos valores da filosofia grega estabelecidos por Sócrates, Platão e Aristóteles é o de justamente reafirmar o mundo empírico em detrimento do metafísico, algo que, segundo ele, é uma idealidade criada a fim de negar o real. — Hiero pontuou.

Cocei a cabeça.

— Mesmo assim, isso me parece um tanto vago. O que, de fato, isso significa?

Ele voltou a tentar explicar pacientemente:

— Platão dizia, por exemplo, que existia uma dicotomia... — E levantou ambas as mãos para ilustrar. — O mundo real e o ideal, o físico e o metafísico, a razão e os sentimentos... Já para o alemão, a realidade e pensamentos vivos só podem ser verdadeiramente experimentados através de experiências mais viscerais, da vivência em si.

Suspirei um pouco aborrecida.

— Desisto! Isso é tipo grego pra mim. Acho que só vou decorar, afinal, nem gosto de filosofia mesmo. Isso só pode ter vindo de gente chata e sem ter nada o que fazer a não ser divagar e divagar... e nem sei pra quê. — reclamei em voz baixa enquanto procurava alguns textos no livro para grifar.

Então ouvi sua voz ressoar num barítono limpo, firme e melodioso.

— "Viver é melhor que sonhar, e eu sei que o amor é uma coisa boa. Mas também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa".

Levantei a cabeça, surpresa. *Uau...* Eu não sabia que Hiero tinha a capacidade de cantar *tão...* tão maravilhosamente bem.

Ele sorriu ao terminar a estrofe. — Viu? Isso pode ser filosofia. Um pensamento bastante parecido com o de Nietzsche, na verdade.

Escondi a boca aberta com uma das mãos.

— Não conheço essa música.

— Jura? — Ele levantou as sobrancelhas. — Belchior. Que tal... Elis Regina?

— É que eu não curto muito MPB.

— Hum... — Cruzou os braços como se pensasse. — Oh, talvez conheça essa, bastante filosófica: "Devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer. Devia ter arriscado mais e até errado mais, ter feito o que eu queria fazer..."

— Ah, sim, é do Titãs! "Vaca azul vai me proteger..." — cantei antes da hora, contente por ter adivinhado, mas então parei quando Hiero caiu na gargalhada. Pisquei toda confusa: assim como não sabia do seu dom vocal, nunca tinha o visto rir daquela forma. Será que estava debochando da minha voz?

— V-vaca azul... — ele tentou falar entre risadas. — Como é que uma vaca azul vai... proteger... — E escondeu o rosto entre os braços apoiados na mesinha, sem conseguir se conter.

Finalmente percebi o que provavelmente estava errado.

— Mas não é isso o que ele fala?

— N-não! — Tentou se recompor, sem sucesso. — É... é "o acaso"...

Comecei a rir.

— Que vergonha! Não acredito que cantei errado a vida inteira. Se bem que eu achava essa letra muito estranha. Imagina, uma vaca azul... — Agora era eu quem gargalhava, piorando toda vez que olhava para a cara de Hiero. Ela estava muito engraçada, vermelha igual a um tomate.

Acho que passamos uns dez minutos rindo e tentando recuperar o fôlego. Só que toda vez que olhávamos um para o outro ou nos lembrávamos da "vaca azul", desatávamos novamente a crise de risos.

— Ufa — Hiero expirou sonoramente. — Já fazia bons anos que não ria desse jeito.

Enxuguei os cantinhos dos olhos, ainda rindo um pouquinho.

— Você não costumava se divertir muito, não é?

— Ué, por quê? — Ele franziu as sobrancelhas.

Ai não. Tinha feito o último comentário sem pensar. Já estava acostumada a não me importar se as minhas palavras soavam rudes para Hiero, e era realmente estranho engatar uma conversa "normal" sem nenhum ataque. Senti-me um tanto constrangida em minha justificativa:

— Foi o que eu pensei quando você disse que já fazia uns seis anos que não ia num shopping. — Encolhi os ombros.

— Ah... tem razão. — Ele abaixou os olhos e deu um sorriso tímido.

— Mas parece que me enganei, — peguei-me tentando consertar depressa — já que parece gostar de música. Nada fica chato quando se tem música, ainda mais *rock*. Quais outras bandas você curte?

— Um monte. Legião Urbana, Guns N' Roses, Bob Dylan... — Ele começou a brincar com o lápis, girando-o entre os dedos. — Mas adoro muitos outros estilos: clássico, bossa nova, R&B, blues e soul... Como cantor, meu pai mantinha uma coleção invejável de discos de vinil e eu costumava ouvir de tudo, de Frank Sinatra a Michael Jackson.

— Cantor? Puxa. — Inclinei-me sobre a mesinha com interesse. — E como era? Sabe, essa vida de artista. Você chegou a estar no meio das celebridades e do *show biz*?

Hiero descansou o lápis na mesa e endireitou-se.

— Não viaja, Bea. — sorriu. — Eu morava aqui no bairro, passando o parquinho, você não deve estar lembrada. A banda a qual ele fazia parte já não era mais tão popular na época em que eu nasci.

— Ah... — Desencostei-me da mesinha, um pouco decepcionada. Sempre tive curiosidade sobre os bastidores da vida dos famosos, mas pelo visto, aquela não seria a vez em que eu saberia dos altos babados. — E qual era essa banda? Talvez tenha ouvido falar.

Ele limpou a garganta e começou a folhear os livros. — Talvez não. "Tribo Ômega". O auge deles foi no início dos anos oitenta com o *single* "Verões sem Fim"; fizeram shows, apareceram na tevê e tudo o mais. O som era uma mistura de *disco*, AOR e *synth-pop*, estilos meio decadentes pros anos noventa, então acabaram caindo no esquecimento e dissolvendo a banda.

— Puxa... não deve ter sido fácil. — Encolhi um canto da boca. — Mas depois, o que ele...

— Acho que está na hora de voltarmos a estudar — Hiero me interrompeu de forma suave, parecendo, porém, um tanto desconfortável. — Infelizmente essas questões de filosofia ainda esperam por nós...

Tsc. Torci os lábios e voltei minha atenção ao caderno. Bem quando o clima começava a ficar descontraído, ele corta o barato. Parecia até um bichinho que se esconde acuado na carapaça.

Oh.

Parando para pensar, aconteceu exatamente isso dias atrás quando fomos à Sorveteria do Tio Joca... Foi uma das primeiras vezes que notei algo errado em sua expressão, e (coincidência ou não?), ocorreu justamente quando o mesmo assunto surgiu – no caso, a menção sobre seu pai.

Bem, antes de explicar-lhe tudo, devo dizer que a Sorveteria do Tio Joca é antiga aqui do bairro. Começou como uma vendinha de doces e picolés, na época em que meu pai ainda era criança, por seu Joaquim e dona Carminha, ambos moradores também do Brooklin. Aí com o tempo, o negócio foi se especializando em fazer gelados e cresceu tanto que virou uma das

sorveterias mais tradicionais da região. Apesar do prestígio e do estabelecimento agora ser enorme e bem decorado, as receitas ainda são as originais, e seu Joca e dona Carminha ainda aparecem bastante para atender a freguesia.

Naquele dia, dona Carminha veio nos atender assim que escolhemos nossos assentos num daqueles sofás estilo lanchonete norte-americana. Eu já a conhecia, porque de vez em quando ia gastar um pouco da minha mesada com aquele pedaço do céu, o patrimônio mundial chamado "*brownies* com sorvete". Ela nos cumprimentou com um grande sorriso e logo perguntou sobre mim, os estudos, e minha família, como andava. Era mesmo uma vovó adorável.

— E vejo que veio com um... *amigo*, suponho? — Piscou um olho toda atrevida.

Senti as bochechas queimando.

— É, estudamos na mesma escola.

— Oh! — a senhorinha de fartos cabelos brancos encaracolados exclamou e ajustou os óculos. — Tenho a impressão de que o conheço, meu jovem. Por acaso você é o filho do Tuto, um garoto que vinha sempre para tomar uma taça de *sundae* de morango?

Hiero sorriu muito simpático.

— Vejo que sua memória é muito boa, dona Carminha.

— E não podia faltar a cereja, bastante calda de chocolate e dois tubetes de biscoito. — Ela se virou para mim, como se fôssemos as melhores amigas: — Tinha de ser dois: ai daquele que colocasse apenas um!

Nós duas rimos enquanto Hiero ficava corado.

— Mas rapaz, como você cresceu. — ela continuou, tocando afetuosamente a mão no ombro do rapaz. — Está um homem feito. E é a cara do seu pai! Sim, agora vejo como são parecidos. Até hoje lamento tanto o que

aconteceu... — De repente, como se tivesse falado algo errado, ela colocou a mão na boca e tentou disfarçar: — Oh. Estou sendo inconveniente. Por favor, peço perdão.

Um clima estranho se formou, embora rapidamente Hiero tentasse ajudá-la, sorrindo e dizendo:

— Está tudo bem, não se preocupe. Já faz um tempo, de qualquer forma. Agradeço os sentimentos.

Dona Carminha sorriu constrangida.

— Então, querida, irei providenciar os *brownies* de sempre — Anotou num bloquinho. — E para o cavalheiro?

Olhamos para Hiero, esperando sua resposta. Mas ele parecia congelado, preso em seus pensamentos e com uma expressão vaga, exatamente como a de agora.

— Hiero. Hiero. — Cutuquei seu braço para que ele pudesse despertar de seu transe. Descansando a cabeça em uma das mãos, olhava fixamente para o livro e continuava apertando o botão da lapiseira mesmo quando a mina de grafite já tinha saído e rolado para o meio das páginas.

Seus cílios longos pestanejaram algumas vezes, então finalmente olhou pra mim.

— Oh, desculpe. Eu... — Ele sorriu confuso. — Me bateu um sono de repente, sabe, do mormaço da tarde. Acho que vou na cozinha fazer um café. Quer um?

— Não, não sou muito fã de café. Apenas tomo Nescau. É, me julgue se quiser, tenho um paladar um tanto infantil. — Fiz uma careta. Droga, minha língua me traiu de novo. Tudo bem, vamos pegar leve, já que "estar na paz" com Hiero era novidade para mim. Com o tempo iria me acostumar a tratá-lo educadamente.

Quando ele saiu, levantei-me para espichar as pernas. Também era uma das primeiras vezes que não me sentia agoniada naquele quarto após a sua chegada. Até o cheiro ficara diferente. Não sei, parecia mais fresco, como o de pinho e frutas silvestres.

Reparei que as coisas de Hiero eram limpas e organizadas, enquanto Mikhel mantinha seu lado meio bagunçado. Na mesinha de cabeceira ao lado da cama impecável havia dois pequenos porta-retratos. Curiosa, fui espiar.

Em uma das fotos, que parecia tirada em estúdio, Hiero e uma jovem senhora posavam juntos. Imagino que era Joana, sua mãe. Segurei o fôlego. Ela era tão linda quanto uma artista de cinema. Ambos mantinham semelhanças físicas bem discretas, como a volta do queixo e lábios. Do resto, não se pareciam em nada: ela tinha pele dourada, olhos escuros e cabelos castanhos. Imaginei que dona Carminha estava certa: Hiero deveria ser o pai cuspidado e escarrado.

Na outra foto, um Hiero mais novo abraçava os ombros da mãe numa dessas fotos de máquina analógica. Era o exato garoto rechonchudo das minhas memórias – exceto pela expressão feliz. O papel parecia cortado, pois ainda era possível ver partes de um corpo masculino ao lado de Joana. Seria seu pai, talvez?

Voltei rapidamente ao meu lugar quando percebi sons vindos da cozinha. No resto da tarde, volta e meia me pegava pensando sobre Hiero e sua família. Geralmente, só os cônjuges escondem ou eliminam objetos uns dos outros quando se separam. O quão doloroso deve ter sido para ele a ponto de não querer ter nenhuma lembrança de seu pai? Teria o homem abandonado a família por causa de outra mulher? Ou então, quem sabe, a fama lhe subiu a cabeça e ele fugira em busca de outro sucesso?

Suspirei e abandei a cabeça. Por que raios eu estava tão preocupada com isso...?



Naquela sexta-feira após a semana de provas, Dulcenéia, uma das coordenadoras do ensino médio, fez uma visita inesperada em nossa classe. Embora fosse chato (todos nós só queríamos chegar o mais rápido possível em casa para aproveitar o final de semana), a expressão animada dela nos despertou a atenção.

— A data para a trigésima nona Feira Científica do Saint Louis finalmente foi definida! — anunciou, fazendo alguns comemorarem e outros suspirarem. — A partir de hoje, haverá um período de três semanas para a inscrição junto à direção e mais seis para a preparação dos projetos, totalizando nove semanas de prazo. A feira ocorrerá no dia 16 de julho, na sexta-feira da última semana de provas. — Ouviu-se um coro de vozes desanimadas. Dulce levantou as mãos pedindo silêncio. — Eu sei, eu sei que fica meio apertado, mas já estamos avisando com bastante antecedência. Além disso, todos aqui sabem da nossa tradicional feira e já deveriam estar se preparando para ela desde o início do ano! Vale a pena lembrar que um projeto bem feito poderá acrescentar até três décimos na nota final em todas as matérias de exatas.

Isso aí. Havia três grandes eventos anuais no Saint Louis: a feira científica no final do primeiro semestre; uma viagem escolar (geralmente por volta de setembro); e a formatura no fim do segundo semestre – onde todos participavam, só que o primeiro e segundo ano organizavam a festa surpresa (e temática) para o terceiro.

Na feira científica em questão, valia praticamente tudo, desde que o projeto se adequasse aos parâmetros da direção e tivesse fins educacionais. Por exemplo, poderia ser em equipe ou individual; ter um tema dentro de qualquer assunto das matérias abrangentes (matemática, física, biologia, etc.); usar qualquer formato, desde as clássicas maquetes até pantomima, teatro, dança... O céu era o limite. Ano passado, um grupo do terceiro ano organizou uma banda *cover* dos Mamonas Assassinas, com direito a figurino e tudo o mais. As letras foram trocadas para ensinar as Leis da Termodinâmica, e nem preciso dizer qual foi o resultado.

— E então, o que vamos fazer? — Luke surgiu atrás do nosso trio, na saída da sala. Hiero o acompanhava. — Vamos formar uma equipe, certo?

— Bem, não tenho nenhuma objeção — Dahlia sorriu para o loiro.

— Acho que é uma *exceleeeeente* ideia! — Mima demorou o passo para ficar ao lado de Hiero. — Não dizem que duas cabeças pensam melhor que uma? Imagina cinco, então?

Agh, a voz floreada e aguda que ela fazia para chamar a atenção dele era realmente incômoda.

— O problema é decidir o formato do projeto. Deve ser interessante e divertido... — ponderei com os dedos segurando o queixo. — Algo que impressione e seja inesquecível, como aquela banda do ano passado!

Olhei para Luke, que me observava com uma expressão faceira. Num pulo, ele ficou de frente para todos nós, enquanto andava de costas pelo corredor.

— Então vamos fazer assim: amanhã, todo mundo na minha casa. A gente decide lá. E aproveitamos para fazer uma festa na piscina, então levem roupa de banho, falou? Mando o endereço por mensagem.

— Já é! — Mima comemorou, falando por todos nós.

Quando já estávamos caminhando para o portão, Luke parou para se despedir, pois dali iria buscar sua Harley. Hiero e Mima deram tchau e prosseguiram lentamente, enquanto Dahlia correu, pois sua mãe já a esperava.

— Você vai, não vai? — sussurrou para mim.

Meu coração disparou.

— Não tem jeito — subi os ombros, rindo — já que é sobre o trabalho...

— Sua boba... — Ele mordeu o lábio inferior. Então saiu todo animado rumo ao estacionamento.



Notas da autora | Oiii, olha quem resolveu aparecer... *hehehe* não me matem *se esconde*

(ಥ~~~~ಥ)

Demorou um pouquinho, me perdoem! Mas consegui terminar este capítulo. Confesso que ainda não estou satisfeita com algumas partes, masss prometi que iria postar hoje, então vai assim mesmo ̄\(^°_o)/̄

Não sei se vocês perceberam, mas foi um capítulo meio musical XD omg, quem iria dizer que o Hiero tem voz de anjo, hein? (huahaua como se eu soubesse como é a voz de um anjo...)

Bem, então é isso por hoje! Agradeço a todo mundo que está acompanhando essa história ♡ \ (̄▽̄) / ♡ fico tão feliz vendo as novas notificações! **Se você está gostando, deixa um coraçãozinho pra mim e um comentário** ♡ um bjão e até próximo capítulo (na minha mente ele está incrível, e é uma das partes de eu gosto muito nessa história)!

18.

A decorative graphic featuring a central heart shape. The heart is filled with a light purple and pink gradient. Above the heart, the number '118' is displayed in a bold, black font. The '1' is on the left, the '1' is in the middle, and the '8' is on the right. The number is flanked by two stylized butterflies: a pink one on the left and a light green one on the right. There are also some small, light-colored floral and leaf motifs scattered around the heart and butterflies.

ACHAR UM ENDEREÇO NOVO nem sempre era uma tarefa simples. Embora já tivéssemos GPS nos carros, algo até bem sofisticado na época, o aparelho não era tão útil para pedestres. Então, como a gente fazia? Recorriamos às pesadas listas telefônicas, onde lá no fim havia mapas detalhados de todos os bairros. Que trabalhadeira! E ainda assim era fácil se perder, e nessas horas... haja prece para encontrar uma alma caridosa que mostrasse o caminho certo – e se fosse um taxista, era ainda melhor.

Para que isso não acontecesse, Hiero e eu estudamos cautelosamente o endereço de Luke nas páginas amareladas cheirando a jornal velho. Até que a casa dele não era tão longe; ficava no Morumbi. Dava só três paradas de ônibus e uns dez minutos de caminhada. No entanto, quando nos deparamos com o muro arborizado da suntuosa residência em estilo europeu, até achei que tínhamos nos enganado e achamos a mansão de alguma celebridade sem querer!

— Mas está certo — Hiero procurou me tranquilizar. — Rua Antônio de Andrade Rabelo, 425. É aqui mesmo.

Ele segurava o endereço anotado num papel em uma mão, e na outra, a sombrinha larga, a qual nos abrigava do sol castigante do início da tarde. Ambos carregávamos nossas mochilas com alguns materiais de estudo e

nossos itens pessoais para a tal "festa na piscina" – que, para mim, seria perfeita se meu *período* não tivesse resolvido dar as caras justamente antes de eu sair...! Que ódio. Por que essas coisas só acontecem comigo?

— Uau... — exclamei quando o portão com entalhes dourados abriu automaticamente após a autorização. A segurança era super reforçada. Tinha câmeras para tudo o quanto é lado.

Seguimos o caminho de concreto escovado, que circundava o lindo jardim de hortênsias e arbustos perfeitamente podados. Um pequeno chafariz se encontrava no centro dele. Então, chegamos à entrada principal, onde janelões e uma porta dupla de cristal nos davam as boas vindas.

Um empregado uniformizado nos deixou entrar. Ficamos esperando no *lobby* adornado por quadros pintados à mão. Bem ao centro, um lustre descia majestoso como uma cascata cintilante sobre os pés da escadaria em mármore.

— Bea, feche a boca. — Hiero me cutucou de leve.

Eu sei, deveria estar parecendo uma caipira, mas não podia evitar olhar para todos os lados. Tudo era deslumbrante demais.

— Chegaram bem na hora! — ouvimos a voz de Luke ecoar do segundo andar. Localizei-o descendo as escadarias depressa. Fiquei surpresa ao vê-lo vestido tão casual (óbvio, ele estava em casa), mas aquela camiseta com estampa floral, a bermuda caqui e os óculos de sol Ray-Ban o deixavam com cara de *plaboyzinho* americano, estilo nada a ver com o que estava acostumada. — Ótimo, porque Mima, Dahlia e... bem, os outros já estão esperando na biblioteca. Ou melhor, eram para estar... — Ele começou a nos guiar pelos cômodos e corredores que pareciam ter saído de alguma revista de decoração.

— Os... *outros*? — perguntei.

— *Tsc.* — estalou a língua. — Acabou saindo do meu controle. Sabe o cara que senta atrás de mim? Pois então, ontem me encontrou no estacionamento e perguntou se não podia se juntar a nós no projeto. Na moral, não quis ser

chato e tal, então o convidei; mas daí começou a chegar essa gente toda. Não sei se foi por causa da festa...

Quando ele falou "essa gente toda", não estava mentindo. Naquele cômodo com livros em estantes de madeira altas e sofás confortáveis, tinha praticamente os trinta e cinco alunos da nossa turma, a 2-C, e mais uns gatos pingados de outras turmas do segundo ano.

— Meu-pai-eterno. — exclamei entredentes.

Aquilo estava uma zona. Todos pareciam falar ao mesmo tempo. O piano e um violão faziam um dueto cacofônico. Alguns garotos brincavam de disputar força, outros, de jogar dardos. E – acredite se quiser – dois casaizinhos já estavam na maior pegação.

— É melhor ter mais gente para no caso de escolhermos fazer algo mais... *elaborado*, não é? — Luke fez algo que parecia mais uma cara de desespero que um sorriso. — Ei! Larguem isso aí! — Gritou para dois garotos que fingiam uma luta de espadas com os mexedores de brasa da lareira. — *Er...* Me dão licença por um instante?

Hiero e eu nos entreolhamos e mexemos as cabeças. Que loucura! Mais um pouco e alguém tocaria fogo no carpete.

Consegui localizar minhas amigas no sofá conversando com outras garotas animadamente. Quando nos viram, acenaram e afastaram com dificuldade para que pudéssemos nos sentar. Fiquei apertada ao lado de Dahlia e logo percebi que não caberia Hiero. Mas Mima não parecia se importar, e o convidou toda sorridente. Não posso julgar, mas aquilo parecia quase como uma insinuação de que ela acabaria sentando no colo dele, pois era impossível caber os dois lado a lado. Mas o rapaz recusou com um aceno e sentou-se sobre o elegante tapete persa aos nossos pés, junto com os outros.

De canto de olhos, espiei a garota fazendo um bico, frustrada.

Luke então levantou os óculos de sol para a cabeça e gritou batendo palmas, na esperança de acabar com aquela zoada.

— Vamos começar, vamos começar!

— Começar a tirar a roupa?! — gritou um garoto no canto da sala, fazendo todo mundo ficar quieto por um instante e olhá-lo como um alienígena. — Que foi, gente? Para entrar na piscina, ué. Vocês estavam pensando o quê, seus bando-de-mente-poluída?

Nossa, que engraçadinho. Como a maioria, revirei os olhos. Uns três palermas riram da piada.

— Parece que nosso amigo está apressado demais para... "entrar na piscina". — O loiro levantou uma sobrancelha. Ouviram-se uivos e — pronto — ele já tinha toda a atenção que precisava. — Devo avisá-lo, porém, que não estamos aqui pra diversão. Temos que decidir o que fazer para o projeto da feira científica. A intenção original era fazermos um grupo de cinco, seis... — sorriu. — Mas, bem, já que todo mundo está aqui, qualquer um que quiser fazer parte será muito bem-vindo. E quem não quiser faça o favor de se retirar, porque isso aqui é pra ser sério.

Está aí outra coisa que me surpreendi em Luke: sua capacidade de instintivamente tomar a liderança.

— Todos deverão participar efetivamente, nada de gente se escorando nos outros. — continuou. A esta altura todos tinham parado de brincar e realmente estavam interessados. — E pelo visto, vamos fazer algo bem grande, já que todo mundo parece querer participar.

Uma garota baixinha e cheia de sardas levantou o braço. — Que tal um filme?

— Massa! Acho que ninguém tentou isso antes. — alguém ao seu lado a apoiou.

— Mas não temos tanto tempo de gravar um filme, nosso limite é de nove semanas. — Ouvi Dahlia dizer um tanto tímida. — Quer dizer, a ideia é legal, mas...

— É verdade — socorri minha amiga. — Teríamos de ensaiar, gravar e fazer os cortes, a edição... além de conseguir todo aparato de filmagem. Vai ser complicado.

— E se fosse uma peça de teatro? — Hiero sugeriu. — Não precisaríamos nem da metade desse trabalho.

— Mas e o roteiro? — alguém perguntou. — A gente tem que encaixar no tema da Feira.

— Podíamos pensar em alguma adaptação de peças como "Lição de Botânica", ou "A Prova". Ou um copilado de vários contos, como o que a gente lê no clássico "O Homem que Calculava". — ele respondeu.

Quase todo mundo balançou a cabeça concordando, mas duvidava que a maioria ali já tivesse ouvido falar nesses títulos.

— Parece que já temos o nosso roteirista! — Luke sorriu. — E agora, quem quer fazer parte do elenco?

— Não, espere um pouco... — Hiero protestou um pouco desconcertado. Mas antes que continuasse, Mima o interrompeu falando com voz felpuda:

— Mas, Hiero, você é um dos melhores alunos de todas as turmas e sempre tira dez em redação. Isso pra você vai ser mole, mole.

Meu Deus. *Mais óbvio impossível.*

— Sobre o elenco, acho que a Beatrice é perfeita para o papel principal. — Uma voz conhecida tirou-me de meus pensamentos a respeito de Mima. — Afinal, ela já deve estar acostumada com essa vida de atriz...

Um gelo desceu da minha garganta e embolou meu estômago. Lá no fundo, perto do piano e junto com suas duas amigas igualmente irritantes, Karina me olhava maliciosamente e dava uma risadinha debochada.

Oh, céus, só me faltava essa!

Luke levantou as sobrancelhas pra mim. — *Hmmm*. Você deve ter participado de outras peças escolares, então.

Todos pareciam esperar uma resposta. Sentia as bochechas ardendo como brasas. Meu olhar acabou pousando nos azuis e confidentes olhos de Hiero.

— É, bem... duas vezes, na minha antiga escola. — sorri amarelo. Na verdade, só estive em outra peça apenas uma vez, e nem foi na escola; foi numa apresentação de Natal na igreja. Eu tinha seis anos e apareci por poucos segundos, já que fazia o papel de uma das ovelhas do estábulo onde o menino Jesus nasceu. Mas vamos relevar isso: atuar numa peça não poderia ser mais difícil que as minhas atuações em tempo integral, certo?

— Boa! — O loiro bateu palmas, como se eu tivesse falado algo espetacular. — Dahlia, acrescenta aí na lista. Quem mais quer se candidatar? Só lembrando que numa peça não existem só os atores. Têm os figurinistas, o diretor, o pessoal do som, maquiagem. Trabalho é o que não falta, gente.

Aí começou uma verdadeira divisão de tarefas. Mãos eram levantadas, nomes anotados. Pouco a pouco a ordem foi dando lugar às conversas paralelas, e quando tudo parecia acertado, aquele caos se instaurou novamente na biblioteca. Não tardou muito para que o pessoal começasse a se dispersar em busca da piscina. Luke acabou tendo que tomar a frente para que ninguém estragasse nada, e nos levou até o outro lado da mansão.

Novamente precisei de esforço para manter a boca fechada, pois o espaço da piscina era um verdadeiro espetáculo. Ela tinha as águas tão verdinhas como o mar do Caribe, e era sinuosa, imitando a forma de uma longa lagoa – tão longa que até tinha uma ponte sobre ela mais adiante.

Ao redor, tudo parecia preparado para eventos: *lounge* com bar, palco com bancada de som e jogos de luz, pista de dança, espaço pra uns quinhentos convidados... tudo muito organizado e bem decorado, claro.

Acho que todos pensavam a mesma coisa – quem raios eram os pais de Luke para serem tão ricos assim?

— Ele é diretor financeiro de um conglomerado automotivo — Ouvi-o responder a dois rapazes como se não fosse grande coisa.

— Irado! — exclamaram.

Em instantes, um grupinho rodeou Luke como um enxame de abelhas. Tinha certeza de que a partir deste dia ele seria a mais nova sensação do segundo ano.

— Não bate aquele ciúminho? — Mima me provocou. Ela e Dahlia tiravam as roupas, ficando somente em trajes de banho. — Olhe só aquelas atiradas em cima dele. O Luke deve gostar muito de você para não dar bola pra nenhuma delas.

Olhei a cena fixamente e tentei concentrar-me em minhas emoções. Realmente, algumas meninas pareciam sedentas pela atenção do rapaz – sorriam demais e procuravam ansiosamente entrar na conversa. Mas Luke nem parecia aí. Num momento olhou para mim e piscou um olho, sorrindo. Juro que senti meu coração dando um pulo. *Ciúmes?* Abaixei os olhos. A lembrança de uma garota loira em uma pequena foto invadiu meus pensamentos.

Pensamentos esses que foram interrompidos pela visão de um busto farto em um biquíni vermelho minúsculo. Quase me engasguei sozinha ao ver Mima desfilando rumo ao duche (literalmente) exibindo um corpo digno de capa de revista – e bastante descoberto.

Sabe quando passa uma cena meio inapropriada num filme que você está assistindo com a família e todos ficam constrangidos? Pois é, eu fiquei me sentindo assim. Não sabia que minha amiga tinha esses *atributos* todos debaixo do nosso uniforme escolar, que era como estava acostumada a vê-la. Depois olhei em redor e quase todas as meninas estavam em biquínis, mas nenhum tão provocante quanto o de Mima.

— Não vai entrar, Bea? — Dahlia disse entredentes, pois segurava uma liguinha na boca enquanto reunia os cachos crespinhos e fartos no alto da cabeça. Já ela estava em um modesto maiô lilás com florzinhas amarelas.

— É... eu... me esqueci da minha roupa de banho, acredita? — Sorri amarelo. Não sei porque, mas na hora fiquei com vergonha de dizer que na verdade eu estava menstruada.

— Não brinca... E eu ainda pensei em trazer uma muda de roupa a mais. Quer que eu fique com você? — ofereceu.

Oh, Dahlia, sua linda! Você só pode ser outra versão da Madre Teresa de Calcutá. Dei um abraço tímido em minha amiga enquanto uma bola de remorso de aglomerava em minha garganta. Não queria que ela perdesse a diversão por uma mentira tão boba.

— Não precisa! Na verdade, nem estou com vontade de nadar. Fui dormir tarde ontem e estou com dor de cabeça...

Depois de um pouquinho de insistência, ela cedeu e mergulhou rumo a um grupo que brincava animadamente com uma pequena bola de borracha. Claro, não pude deixar de me sentir péssima. A tarde estava bem quente e a água era tão apelativa... Engoli o bico de decepção e coloquei um sorriso idiota no rosto. Sem nada pra fazer e sem minhas amigas para conversar, fui andando meio sem rumo, só pra passar o tempo.

Para minha surpresa, alguns dos alunos também não quiseram entrar na piscina e preferiram papear sentados no *lounge*; outros, jogar totó ou bilhar. Parecia que estávamos em algum clube privado. Por onde devia estar Luke? Ainda ocupado tentando deixar todo mudo sob controle?

Cruzei a ponte de madeira curva por sobre a piscina. Ela era tão bonitinha e clássica, com parapeito em madeira e arabescos de metal. Andando um pouquinho mais adiante ao longo da borda da piscina, ouvi umas risadinhas vindas do jardim num local mais escondido. Por curiosidade, acabei indo ver o que era. Descobri que um grupinho estava tendo uma "festinha" particular, com direito a cerveja e cigarros. Quando uma garota me viu, rapidamente escondeu uma garrafa grande com líquido transparente numa mochila. Já um dos rapazes nem fez questão de nada e continuou a enrolar algo que parecia um baseado na maior tranquilidade.

— É a Beatrice. — ouvi alguém murmurar. Depois a voz aumentou um pouco. — Ela é legal, e não vai contar pra ninguém, certo?

Naquele momento, senti uma mão no meu pulso e virei-me num sobressalto. Era Hiero.

— Bea, estão chamando você... — Ele passou para meu lado esquerdo, tampando a visão dos delinquentes sobre mim. Então passou a me conduzir calmamente para a direção oposta.

— Pera... aquele não é o Tadeu...? — sussurrei para ele, espantada.

— Infelizmente nem todos sabem o destino para esse tipo de caminho. — respondeu com um tom mais grave que o normal. — Álcool, tabaco e drogas são venenos não apenas para o corpo, como para a alma. — Enquanto falava, parecia mesmo irritado, angustiado. Mas em poucos segundos, sua expressão mudou. Ele deixou de segurar meu pulso e sorriu para mim um tanto divertido. — O que aconteceu? Nem parece aquela Bea de ontem, morta de animada que nem um pinto no lixo por essa "festa na piscina".

Senti as bochechas queimarem.

— E-eu não estava não!

— Ah, não? — ele continuou a me provocar. — Então o que era aquele barulho todo vindo do segundo andar? Estava praticando sapateado?

Era verdade, eu estava mesmo tão entusiasmada que não conseguia escolher a melhor combinação de roupas. Revirei todo o armário, tirei e botei um monte de saias, vestidos e saídas de banho. No fim, acabei indo com um vestidinho branco com rendinhas, e o maiô rosa permaneceu na bolsa. Bem, de qualquer forma, não poderia dar-lhe o gostinho de estar certo, então somente resmunguei:

— Isso não é da sua conta...

Hiero sorriu novamente, desta vez exibindo seus dentes bem desenhados. Fiquei subitamente inquieta. Sentei-me na beirada da piscina e contentei-me em apenas colocar as canelas dentro d'água.

— Eu só vou ficar aqui e pronto. Não estou bem pra nadar hoje. Por que não vai se divertir como todos os outros? — resmunguei como uma criança frustrada.

— Mas já estou me divertindo. E esqueci a minha toalha. — Ele se sentou ao meu lado, imitando meu ato de colocar as pernas na água. Ele estava com uma camisa preta de mangas compridas e uma bermuda, ambas especiais para natação, as quais deixavam o corpo delineado.

— *Hum...* você só quer me azucrinar como um inseto. Igual o Bruno faz. — Inflei as bochechas.

— Assim? — Balançou as pernas com forçá, fazendo água espirrar para todos os lados e também em mim.

— Ei! — gritei. — Você vai ver s o! — Espalmei a água e um bocado foi bem no rosto dele. No início, fiquei assustada achando que ele não tinha gostado, mas após passar a mão nos olhos, falou rindo:

— Isso é uma declaração de guerra?

Então balançou as pernas com mais forçá. Eu, que detesto perder, também entrei no jogo, espirrando mais e mais água com a mão, rindo e dando alguns gritinhos enquanto mais e mais água me atingia.

Foi então que percebi duas coisas. A primeira: ele estava rindo de novo *daquela forma*. Aquela risada leve e descontraída, tão divertida a ponto de fazer cosquinhas nos ouvidos.

E a segunda... Eu não estava odiando aquilo.

Não odiava nem um pouco.

Eu me dera conta disso tão de repente que até senti um calafrio. Eu sempre achei que nunca chegaria um dia em que não teria sentimentos negativos

acerca de Hiero, quase como se fosse um dever detestá-lo, nem que fosse só um pouquinho. Mas como eu poderia estar me sentindo tão boba e... *feliz* daquele jeito?

Que sentimento é esse?

Subitamente, parei de rir e brincar.

— Bea...? — Hiero parecia confuso com minha troca brusca de expressão.

— Está tudo bem?

Levantei ambas as mãos e cobri o rosto. Eu também estava confusa.

— Eu te machuquei? Voou água no seu olho? — Sua voz parecia genuinamente preocupada. — Vem, deixe-me ver... — Contudo, não dei tempo para que se aproximasse e me levantei.

— Eu... vou buscar algo para beber.

Ele veio atrás de mim. — Ei, Bea, espera...

Rápido como uma flecha, algo veio voando em minha direção. *Bum!*

Senti uma forte pancada na cabeça.

— Bea!

Foi a última coisa que o ouvi dizer antes de sentir meu corpo envolto em água. Como num espelho brilhante, cristalino e distorcido, vi seu rosto e a borda da piscina onde antes estava. E então, tudo ficou escuro.



Continua...

Notas da Autora |

¹ "Lição de Botânica", peça de Machado de Assis. "A prova", peça ganhadora do prêmio Pulitzer, de David Auburn. "O Homem que Calculava", livro de Malba Tahan.

19.



UMA TEMPESTADE HAVIA SE FORMADO lá fora, aparentemente. Como um truque de mágica, o dia parecia transformado em noite, e as nuvens, outrora brancas, em grandes e escuros chumaços de algodão. Consigo ouvir as pancadas de chuva nos vidros dos grandes janelões daquela sala. Trovões retumbam no horizonte. Não estou em casa. Onde estou...?

Então, sinto a respiração de alguém atrás de mim e o terror me domina. Tento gritar, mas não consigo. Isso é um sonho? *Ou uma lembrança?*

Flashes rápidos pipocam como em um filme de cenas embaralhadas e desbotadas. Uma mão me silencia. Outra mão agarra violentamente meus cabelos. Ouço alguns gritos – talvez sejam os meus? – e então, uma forte pancada. Toco a testa com os dedos e sinto um líquido grosso e quente escorrendo por entre eles e em minha face.

Olho assustada para o sangue em minha pequena mão.

Minha cabeça dói. Dói muito.

A abstração começa a fundir-se com a realidade à medida que o ar é inalado em meus pulmões. Comecei a tossir e então uma quantidade significativa de

água saiu da minha boca. Puxei fôlego com a mesma avidez de um recém-nascido, sentindo as minhas vias respiratórias queimarem por causa da água e cloro. Rapidamente percebi que estava encharcada, porém, uma toalha azul cobria meu corpo.

— Meu Deus, Bea! Você está bem?! — Ouvi o grito de Mima. Não conseguia localizá-la no meio daquele monte de adolescentes aglomerados em redor de mim. Tudo parecia girar e o único rosto que consegui ver direito era o de Hiero logo acima ao meu. Gotas de água geladas escorriam dos seus cabelos e pingavam em minhas bochechas.

— Pronto, gente, ela está bem. — Ouvi-o gritar. — Deem espaço, por favor.

— Nossa, o que aconteceu?! — Luke surgiu entre os curiosos. — Eu estava... quando soube... — Ele se ajoelhou ao meu lado, do lado contrário onde Hiero estava ajoelhado. Parecia mesmo preocupado. — Consegue se levantar?

Ele me deu o braço como apoio. Achava que todo o corpo (exceto a cabeça) estivesse bem, mas quando tentei firmar os pés, uma dor súbita no tornozelo direito me fez bambejar. — Ai, ai! — gritei. Talvez tivesse batido na borda da piscina quando caí. Imediatamente Hiero amparou meu corpo mole quase em um abraço e passou a toalha que havia caído no movimento em redor de mim. Então, tive a impressão de que Luke praticamente o empurrou e me levantou pelos braços. Nesse instante, ouvi aclamações e palmas do pessoal em redor, que abria o caminho para que pudéssemos passar.

Ai, ai, minha mãezinha do céu. Que vergonha...!

Quando foi que virei uma espécie de "donzela em apuros"? Parece até que fui parar dentro de um romance adolescente de contos de fada repaginado! Todo meu corpo vibrava com as batidas desenfreadas do meu coração, enquanto sentia o calor do torso de Luke, o contorno dos seus músculos, o cheiro do seu perfume característico de couro misturado com protetor solar – assim como o olhar de todos sobre nós dois, queimando-nos como aquele sol escaldante. *Um* deles, em especial, deixou-me ainda mais nervosa. Por cima dos ombros de Luke, observei aquele par de olhos azuis a nos

acompanhar por longos segundos, até que minhas amigas surgiram e tamparam minha linha de visão.

— Foi uma bola de vôlei! — Dahlia explicava para Mima. — Tinha um pessoal brincando de "três-cortes" e alguém atirou a bola com tanta força...

— Esse povo! — Luke esbravejou. — Já estou cansado de bancar o *babá* o dia inteiro, correndo pra-cima-e-pra-baixo para evitar que façam alguma merda. Agora passaram dos limites!

— Está tudo bem — falei suavemente, tentando acalmá-lo. — Eu aposto que foi sem querer. Não foi? — Mima e Dahlia ergueram os ombros, como se não soubessem.

Ele suspirou alto e continuou a me carregar. De canto de olhos, espiei uma garota ao fundo cochichando algo com outra menina, e rindo como se tivessem descoberto a piada mais engraçada do mundo. Espere aí, elas não eram aquelas meninas que só viviam com a Karina? Será que riam do ocorrido? Não... era só uma coincidência, certo?

Com a ajuda de minhas amigas, Luke me conduziu ao segundo andar. Pegou uma chave dentro de um aparador e então destrancou um dos quartos mais bonitos que já entrara. Ele parecia ter saído direto do Palácio de Versailles – com toda decoração e mobília no clássico estilo Luis XVI em tons pastéis. Era feminino e delicado, com uma arrumação absolutamente impecável.

Ele abriu um armário lacado em branco, com detalhes dourados, e analisou algumas roupas.

— Acho que vão servir — concluiu. Talvez notou nossas caras de interrogação, pois sorriu desconcertado e procurou se explicar: — Oh, sim, são da minha prima. Quando ela vinha da Itália, nas férias, costumava ficar neste quarto... Bem, são roupas de alguns anos, mas estão limpas. — sorriu.

— Há toalhas novas no banheiro, à direita. — Apontou. Depois, vendo que sua ajuda não seria mais necessária, pigarreou. — Vou deixá-las à vontade, então. — E com um aceno, saiu.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, todas nós sentadas naquela cama de princesa.

— Será que quebrou? — Mima olhou para meu tornozelo que estava bem vermelho e inchado.

Girei um pouco o pé pra lá e pra cá. Disfarcei uma careta. — Nem dói muito... *au*.

— Talvez tenha sido apenas uma contusão. — observou Dahlia.

— É, provavelmente — tentei soar positiva.

Eu realmente estava me esforçando para ser forte, mas nunca fui muito boa em aguentar a dor. Quando tinha algum machucado, Bruno me arremedava, chamando-me de "Maria das Dores". Até a mamãe, às vezes, dizia que se dependesse de mim não iria ganhar netinhos, pois uma gestação pode ser bem sofrida do início ao fim – e eu fazia drama até mesmo por um corte bobo num canto de papel.

— Acho que posso me virar aqui — sorri, tentando parecer super plena. — Vou fazer tudo assim, ó: — Levantei-me com um pé só, para demonstrar — *Tcharaaam!* Aí vocês podem voltar à piscina, se quiserem.

— Bem, se você insiste — Mima nem esperou eu terminar a frase e já foi indo até a porta. — Como dizem, "azar no jogo, sorte no amor"! Eu perdi no totó várias vezes, mas talvez ainda consiga ser notada por *você-sabe-quem* até o fim do dia. Desejem-me sorte!

Ah! Agora entendi qual era essa do biquíni vermelho minúsculo.

Dahlia suspirou quando a loira saiu.

— Agora tudo é "Hiero, Hiero". Ela parece meio fissurada nele ultimamente, não acha? Tipo, isso não deveria ser prioridade no momento.

Engoli os lábios. De alguma forma, isso vinha me incomodando, mas não sabia exatamente por quê. Fiquei mais aliviada ao perceber que Dahlia compartilhava do mesmo sentimento — isso indicava que eu não estava sendo esquisita ou algo assim. Talvez somente estivéssemos sentindo a falta da nossa união de antes, quando não tínhamos nenhum alvo amoroso em potencial.

— Mas não se preocupe, que eu não tenho ninguém pra dar em cima hoje.
— continuou. — E até parece que você vai conseguir fazer tudo pulando por aí igual a um saci.

Ai, só a Dahlia pra me fazer rir num momento como aquele.

Enquanto a banheira enchia, ela me ajudou a tirar o vestido. Só então vi que, por ser branco, ele estava quase que completamente transparente, e o que me salvou de passar uma vergonha *daquelas* foi a bendita toalha azul.

Lembrar de não colocar roupa íntima rosa-choque debaixo de um vestido branco, mesmo que ele seja forrado, fiz uma anotação mental.

Depois do banho, Dahlia me ajudou a levantar da banheira, mantendo o rosto virado educadamente. *Ah, não.* Enquanto me enxugava, lembrei do item básico de sobrevivência que me faltava.

— Amiga... — sussurrei totalmente sem graça. — Você, por acaso, teria um... *er.....* absorvente...?

Ela entendeu na mesma hora.

— Então é por isso que você não entrou na piscina? E não porque não trouxe outra muda de roupa.

Oh, como era horrível ser pega numa mentira! Deveria estar vermelha da cabeça aos pés de tão envergonhada. Mas fazer o quê? Eu dependia dela, já que ninguém tinha trazido minha mochila.

Bondosamente, a linda garota negra segurou em meus ombros.

— Bea, não precisava ter escondido isso de mim. Qual é a vergonha? Somos meninas, e somos amigas. Tudo o que você tem, eu tenho. Tudo o que você passa, eu passo. Isso é natural, é a vida. Não precisa ter medo ou vergonha de me falar essas coisas.

Sorri um pouco aliviada. Eu admirava esse lado compreensivo de Dahlia.

— Por sorte, sempre trago um de reserva na minha mochila. Espere um pouquinho que eu vou trazer.

Enrolei-me como um burrito na grande toalha felpuda e fui para o quarto, meio manquejando, meio pulando. A água quente tinha aliviado um pouco a dor do tornozelo, porém, a lateral da minha cabeça ainda doía muito.

Abri o armário que Luke indicou e fiquei (mais uma vez) de queixo caído. Era cada vestido mais lindo que outro! Alguns eram de festa, outros, mais casuais – e todos de marca. Escolhi um dos mais simples: um *mini-dress* de crepe azul-marinho da Miu Miu, com gola branca e umas pedrarias discretas nas mangas. Simplesmente um mimo!

Deixei o vestido na cama e passei a olhar o quarto. Eu sabia que os estudantes do Saint Louis vinham de famílias ricas, mas o quão rica a família de Luke deveria ser? Passei a divagar sobre o tipo de vida que ele sempre teve – provavelmente muito diferente do meu, com muito mais liberdades, conforto e regalias. Subitamente comecei a me sentir desajustada, como o pé da irmã feia de Cinderela, o qual era grande demais para caber no sapatinho de cristal.

Os porta-retratos dourados em cima da cômoda chamaram-me a atenção. Senti-me um pouco culpada por ser bisbilhoteira, mas a curiosidade falava mais alto. Ao observar a moça em todas elas, senti um frio descer pela minha espinha: era a mesma garota daquela foto escondida na carteira de Luke!

Oh! Agora tudo fazia sentido!

Pisquei várias vezes tentando assimilar.

Se Luke disse que aquele era o quarto da prima dele... eu devia ter presumido errado sobre os dois! Contudo, a minha intuição ainda piscava um sinal de alerta na minha mente. De acordo com minhas memórias, o jeito da expressão deles na pequenina foto não parecia de simples parentes ou amigos... Ou será que eu não havia distorcido tudo em minha mente?

Analisei os retratos um por um. Nossa... Ela tinha mesmo uma beleza estonteante e natural, algo que somente os agraciados com a boa loteria da genética possuem. Se pudesse compará-la a alguém, diria que lembrava muito a Brooke Shields em "A Lagoa Azul", só que loira.

Algumas fotos eram em estúdio. Outras, em momentos invejáveis: ora em frente à Torre Eiffel; ora comendo algodão-doce em algum lugar na Disney; ora sorrindo na borda da famosa fonte dos desejos em Roma. Puxa! Ela deveria ter a vida dos sonhos. Levantei os olhos para o enorme espelho da penteadeira ao lado e fitei aquela garota de cabelos opacos, poros imperfeitos, olhos que pareciam mais duas lagoas verdes e barrentas. Inevitavelmente, comecei a sentir-me miserável como um verme.

Então, outra foto me chamou a atenção. Parecia ter sido tirada de algum evento importante. A garota estava igual uma princesa, com um luxuoso vestido adornado de cristais swarovski. Um Luke mais novo, de cabelos curtos e em um lindo smoking que o deixava com ar de galã de cinema, segurava-a gentilmente pela cintura, como se estivesse puxando-a para si. Enquanto ela olhava para a câmera com um sorriso tímido, os olhos dele estavam fixos em sua beleza, quase como se estivesse hipnotizado.

Era isso.

Eles tinham essa... "química". Eu quase podia ver os elementos em combustão ao redor deles.

De repente, a porta se abriu e eu quase deixei o retrato cair no chão de tanto susto. Era Dahlia. Ela não percebeu meu sobressalto, de tão apressada que aparentava.

— Amiga, você consegue se vestir sozinha? — ela perguntou, enquanto me estendia um pacotinho de plástico e minha mochila. — Minha mãe acabou

de ligar dizendo que está no portão me esperando. Eu esqueci que tínhamos um evento na igreja mais tarde... Desculpa não poder ficar pra te ajudar.

— Que isso! — sorri abanando uma mão.— Eu consigo me virar daqui pra frente. Obrigada por tudo.

Dahlia já tinha até aberto a porta, mas voltou, como se tivesse esquecido algo muito importante.

— Oh, sim. Eu não sei se você estava consciente naquela hora da piscina, mas acho que está em dívida com Hiero. Se não fosse ele... bem, não quero nem imaginar o que poderia ter acontecido.

Pisquei várias vezes sem entender.

— *Erm...* Acontecido o quê?

— Bem, ele usou a técnica de ressuscitação em você. A gente sempre ouve falar disso e acha que nunca vai usar, mas graças a...

— Pera, ressuscitação? — Gelei. *Eu fiquei tanto tempo apagada?*

— É, Bea. Ressuscitação. Sabe, primeiros socorros — Ela juntou as mãos e empurrou rapidamente o ar, para exemplificar uma massagem cardíaca. — E respiração boca-a-boca. Realmente foi um alívio quando você reagiu. Oh, eu tenho que ir, é minha mãe chamando de novo. — Ela tirou o celular do bolso, o qual tocava a música tema de "Um Amor para Recordar" como *ringtone*. — Até semana que vem!

Se ela falou mais alguma coisa antes de sair, eu não ouvi. Simplesmente desabei na cama e segurei ambas bochechas, olhando vagamente o nada por um bom tempo, sem poder acreditar. Não sabia se ficava mais chocada em saber que passei por uma experiência real de quase-morte ou por saber que havia dado meu... primeiro beijo sem querer.

Isso é, se respiração boca-a-boca pode ser considerado um beijo.

Eu... Hiero... pera... o quê?!

Toquei nos lábios.

Minha mente parecia rodar e rodar enquanto vestia o Miu Miu vagorosamente. Então, seu rosto olhando para mim de cima com água escorrendo dos seus cabelos e sua voz de chocolate apareceram em minha memória, deixando-me ainda mais atordoada e trêmula.

Quando percebi uma mão em meu ombro, quase que minha alma se separou do corpo.

— Desculpe, eu bati na porta várias vezes e como não ouvi resposta, fiquei preocupado. — Luke falou encabulado. Então, seu rosto se iluminou. — Nossa, o vestido ficou perfeito em você. Está linda.

— Ah, eu... — passei a mão pelo cabelo. Foi então que me dei conta de que não tinha o penteado e deveria estar com um aspecto horrível! Estava sem maquiagem e... descalça. *Ugh*. Eu já estava com a escova na outra mão, mas ficara avoada demais para pentear-me. *Droga*. Baixei a guarda! — Ainda não terminei de me aprontar... — sorri amarelo e comecei a pentear-me vigorosamente.

— Não faz mal. Você é linda de todos os jeitos.

Espiei os retratos da cômoda. Seu mentiroso. Até parece. Perto *dela* eu mais parecia um espantalho.

— Eu acho que só falta uma coisa... — Ele parecia ter acabado de pegar algo no armário. Depois, estendeu-me a mão e me conduziu à poltroninha da penteadeira. — Um bom par de sapatos sempre nos levam a lugares maravilhosos. Eu não sei se são do seu tamanho, mas espero que sirvam.

De dentro de uma caixa branca, revelou sandálias baixas e aparentemente confortáveis. Eram Prada, feitos de couro napa macio, delicado, no tom pêssego-claro.

Como um perfeito cavalheiro, ajoelhou-se para colocá-los em mim.

— N-não precisa! — protestei, levando os pés para trás.

— Não seja tímida — disse, alcançando-os. Suavemente, encaixou cada lado da sandália, tomando cuidado em especial com o tornozelo ferido.

Ele o analisou por alguns segundos, tendo a expressão bem preocupada.

— Sabe, Bea, quando me avisaram do seu acidente, eu fiquei com tanto medo. Só de imaginar você machucada, fiquei sem chão. Eu soube na hora... — Ele levantou os olhos. — Que você é especial pra mim. Eu estou gostando *mesmo* de você.

Ai, não... mil vezes droga. Dessa forma, meu coração não iria aguentar. E eu já tinha tido minha cota de ressuscitação cardiopulmonar. Tentei respirar mais devagar, a fim de conter o nervosismo. Acho que conseguia prever as próximas palavras...

— Quer namorar comigo?

Aquele par de olhos quentes como águas caribenhas continuaram a fitar-me por longos segundos, ansiosos por uma resposta. Não eram somente eles, todo o conjunto do rosto de Luke era como uma sinfonia absolutamente bem orquestrada – suas sobrancelhas escuras e expressivas, seu nariz másculo e bem desenhado, o arco do cupido protuberante, lábios rosados. Ele não ficava nem um pouco atrás dos meus colírios das revistas da Capricho. Sua beleza sem dúvida me fazia titubear, mas quando percebi que se aproximava, silenciosamente entrei em pânico.

Eu sei! Eu deveria estar feliz e eufórica, mas estranhamente sentia-me desconfortável, agoniada. Era muita coisa pra meu cérebro processar: o acidente, meu primeiro beijo *indireto*, a garota da foto, um pedido de namoro e agora um beijo *oficial*...! Oh, não, ele vinha aí. Se eu deixasse, estaria aceitando o pedido? Teríamos de namorar escondido, e assim era mais uma mentira para sustentar. Não queria nem imaginar o tamanho da encrenca que iria arrumar se meus pais descobrissem! Argh! Alguém me salve.

— Você... — falei subitamente, antes que nossos lábios se tocassem. — Realmente... — lutei para não gaguejar. — Você realmente gosta de mim?

Ele se afastou e me olhou com certo espanto.

— É claro... Bea, o que foi? Achei que você também...

— Não, é que — eu o interrompi rapidamente. — É que... eu nunca...

— Ah. — ele deu um sorriso meio tímido — Não vai ser estranho. Basta fechar os olhos que eu...

— Não é isso! — Senti minhas bochechas queimarem — Eu nunca recebi um pedido sério assim antes, só umas cartinhas bobas... Confesso que não sou tão segura de mim quanto aparento ser.

— Oh... — Luke parecia ter entendido meu ponto e parecia um pouco aliviado. — O que eu gosto em você, está imaginando? Ah, bem... Além de linda, estudiosa e esforçada, você é simpática com todo mundo e sempre está alegre, não importa o quê. Você só tem qualidades, Bea.

Uma bola de remorso encheu minha garganta. Qualidades *falsificadas*, ele queria dizer. E eu sabia disso – que no fim das contas, ele não gostava realmente de *mim*. Ele gostava da personagem que representava tão bem. Mas não era como se eu pudesse sê-la para sempre, certo? E o que ele faria quando descobrisse quem eu era de verdade? A Beatrice mentirosa, egoísta e invejosa que vestia a roupa da "Bea perfeita"?

Abaixei os olhos, subitamente abatida por aquele pensamento.

— Bea — Luke, ainda ajoelhado, repousou a cabeça sobre as minhas mãos que estavam posicionadas juntas em meu colo. — Namora comigo, vai. Prometo que vou te tratar com todo o carinho que você merece. — E fez carinha de cachorrinho pidão.

Oh, céus! E tem como não rejeitar um pedido desses...?



Notas da Autora | No dia seguinte ao terminar esse capítulo, tive uma imagem clara da última cena logo quando estava na fase entre o sonho e a realidade. Foi tão nítido que não perdi tempo e sentei em frente ao computador com a tarefa de transformá-la em uma ilustração. O resultado me surpreendeu bastante, porque foi praticamente como eu imaginava! Eu gostei tanto que no dia não conseguia parar de olhá-la haha (≡∪≡) ♡ só de tê-la aqui eu já mereço uma estrela né?

Observação nada-importante sobre o desenho: Esqueci de colocar que quando Luke sobe pra ver como a Bea estava, ele já está vestido haha! Antes, na cena da piscina, deveria só estar com bermuda. Por isso que no desenho, ele está com a blusa florida. Seria meio estranho essa cena com ele ainda em traje de banho! *risos*

Obrigada pela leitura! E novamente, por estar acompanhando até aqui, mesmo após tanto atraso e enrolação da minha parte. Se puder deixar seu voto e um comentário já me ajuda muito ♡≡∪≡?

Vou me despedir por aqui, agradecendo novamente a paciência de vocês... (*~*~*).o.:*♡ espero que tenham gostado desse capítulo! Beijinhos & quajinhos :D

20.

— **BIBI. BEATRICE. ESTÁ ME** ouvindo?

A voz de mamãe trouxe-me de volta à realidade. Ela terminara de empilhar três travesseiros embaixo do meu tornozelo ainda vermelho e inchado, esperando que a altura pudesse melhorar a circulação sanguínea do local.

— Está confortável?

Como demorei a responder, reforçou:

— Bibi. Está tão avoada. Aconteceu mais alguma coisa nesse... nessa reunião para o trabalho da feira científica? Não foi *alguém* que fez isso em você, não é?

— Não, mamãe. Realmente foi um acidente... *Ai*. Acho que dois travesseiros é o suficiente. Isso aí está parecendo mais a Torre de Pisa.

Naquele fim de tarde, quando me viu chegar em casa mancando, levou-me prontamente à emergência para ter certeza de que não havia trincado ou fraturado algum osso, apesar dos meus protestos. E graças a Deus, era só uma contusão mesmo.

Constatamos que não haveria jeito de usar meu quarto por alguns dias, já que precisaria subir as escadas. A solução? A pior possível! Sim, teria de passar momentaneamente para o quarto do andar de baixo. Claro que não iria dividir o espaço com Hiero – e, para meu alívio, não seria adequado que ele ficasse no quarto de uma moça – por isso, acabou indo para o quarto de Bruno, o qual era igualmente espaçoso.

Então, lá estava eu, deitada igual uma pamonha esmagada na cama de Hiero, com a perna pra cima, totalmente de molho.

— E que o inferno comece novamente. — Mikhel torceu os lábios enquanto dirigia-se ao seu espaço no quarto.

— Filho! — mamãe soou severa. — Isso é maneira de falar?

— Mas, mãe, ela vai ocupar o banheiro por mil horas, falar alto no celular e exigir que eu vá buscar coisas pra ela na geladeira!

— Sua irmã está machucada. E você vai ser bonzinho e ajudá-la no que for preciso.

O garoto bufou alto, dando-se por vencido. Era o fim da discussão. Dona Márcia conseguia sempre prevalecer em sua palavra, não importava a situação.

Eu permanecia inerte, ainda a divagar nas estrelas do meu mundo secreto, revendo cenas e sentimentos escondidos. Mesmo após o beijo de boa-noite, ainda não conseguia esquecer a ternura das mãos que seguravam as minhas em um pedido amoroso.

Você pode estar me perguntando o que aconteceu depois do pedido de Luke. E, bem, devo confessar que a minha resposta talvez não seja bem a esperada.

Na verdade, sob a instrução dos meus pais, eu já vinha treinando uma resposta para essa pergunta há algum tempo. Eu sabia que para eles o assunto de namoro era muito sério, então não poderia arriscar fazer algo impensado. E nem era pelo medo de ter meus privilégios retirados caso não

seguisse as regras da família — como você sabe, vê-los decepcionados comigo era muito pior.

Após uns segundos em silêncio, delicadamente acomodei uma mecha de cabelo que caía sobre o rosto de Luke atrás de sua orelha.

— Para eu namorar, você precisa... — Ele fitou-me com imensa expectativa. — ...conhecer meus pais primeiro. Obter a permissão deles.

O sorriso que surgiu em seu rosto pareceu denunciar um leve desencanto.

— Ah, sim... a tão temida "entrevista com o sogrão".

— É a minha condição.

— Claro, você é uma moça de família.

Voltamos a ficar em silêncio.

Uma vez, papai me disse que poderia reconhecer um homem respeitável e digno de mim se tivesse a coragem de encará-lo para pedir-me em namoro. "Essa é a verdadeira prova de amor: um rapaz que não leva essa etapa seriamente não ama de verdade uma garota, nem está disposto a fazer *tudo* por ela. Pode até prometer-lhe as estrelas, mas se não puder passar por este obstáculo, o amor que diz ter é só um fogo de palha, uma *ilusão*."

Uma ilusão, repeti a sua voz em meus pensamentos.

— Ei, ei... — Luke percebeu meu olhar cabisbaixo. — Eu vou me esforçar para conhecê-los e agradá-los. Só precisamos planejar isso com calma... Então teremos a benção deles. Mas até lá, não poderemos nem... sabe... — Ele fechou os olhos e beijou o dorso da minha mão.

Sua respiração quente e o toque suave dos seus lábios causaram-me pequenos arrepios.

— E-eu acho que não...

— Então, já que não podemos ser namorados ainda, que tal se formos *pretendentes*? Não haveria nada de errado nisso, certo?

Subi os ombros, sem saber o que responder. É como dizem: sempre há um jeitinho para tudo.

— Pensa que vou desistir tão fácil? — Piscou um olho. — Bem, agora vou te ajudar a descer. Tem alguns lanches esperando por nós.

Apressei-me a guardar minhas coisas na mochila. Nem estava prestando muita atenção no que fazia, pela intensidade das emoções à flor da pele – e demorei uns segundos para perceber que não conseguia fechar o zíper completamente porque aquela toalha azul era grande demais e pendia a sua metade para fora. Aliás, de quem era aquilo? Já ia perguntar a Luke, quando reparei que na etiqueta estava escrito "Hiero".

Oh.

Parece que alguém também sabia mentir. Mas... por que em algo tão bobo?

De volta à biblioteca, não era de surpreender que só encontrássemos migalhas na mesa onde antes estavam os lanches. Quem já teve a oportunidade de presenciar um adolescente em fase de crescimento diante de uma refeição sabe que este pode ser realmente voraz – imagine então vários deles juntos! Devem ter passado por ali como um verdadeiro enxame de gafanhotos devoradores. Luke massageou as têmporas e suspirou alto. Disse para que esperasse um pouco, pois iria providenciar algo para mim.

Sentei-me no sofá e observei o ambiente. Vários alunos haviam desistido de nadar e estavam ali com cabelos grudados e roupas úmidas, brincando e conversando. Um grupo de meninas jogavam damas, outras cochichavam e riam em um canto, e alguns rapazes revezavam-se entre si para demonstrar quem era mais habilidoso no violão. Fechei os olhos, um pouco entediada.

— Tente um si menor.

Não havia percebido Hiero próximo aos rapazes. Ele olhava as lombadas dos livros nas estantes, vez ou outra retirando algum título para folheá-lo. O garoto com o violão, antes empacado nas notas, tentou o acorde sugerido e balançou a cabeça ao ver como realmente combinava com a melodia. Os outros, ao verem que Hiero parecia entender o assunto, começaram a pedir-lhe para que se juntasse a eles. Ele somente sorriu e negou com a cabeça, porém não mostrou resistência quando dois deles praticamente o puxaram para a roda, meio que na brincadeira — e por fim, acabou agarrando o instrumento oferecido.

Inicialmente, apenas mexia os dedos em acordes meio desconexos, o que não satisfez muito o grupo. Eles o desafiaram com "Tudo Mudar" do Charlie Brown Jr.; talvez por ser uma música muito difícil e técnica. Hiero levantou as sobrancelhas e deu um meio sorriso. Afinou o instrumento e estalou os dedos.

— Já faz um tempo, mas vamos lá.

Os garotos o zoaram quando Hiero errou o arpejo logo no segundo acorde. Mas ele não se deu por vencido. Começou de novo, e dessa vez, transformou os risos em bocas abertas. Há, há! Bem feito para eles.

Aos poucos, começaram a entrar no embalo e a cantar. Era impressionante como Hiero conseguia acompanhar as vozes, trocando talentosamente de notas no tempo certo. Quando começou "Quero te encontrar", atraiu uma pequena plateia. Devo confessar que não gostava muito da original, mas tocada daquele jeito, ficou muito contagiante.

— Uau! Que animação toda é essa? — Luke sentou-se ao meu lado. — Desculpa, a única coisa que sei cozinhar é misto quente. Até meu miojo vai parar no lixo.

Ri da piada e só agradeci. Eu, como uma boa amante de música, estava entretida demais no ritmo para falar qualquer outra coisa.

O auge foi quando começaram a cantar "Só Hoje", seguida por "Anna Júlia". A turma agora estava aglomerada; cantava e batia palmas; alguns usavam os objetos próximos como tambores e batuques. Não, as músicas não ganharam o acompanhamento musical completo magicamente como acontece nos filmes – no entanto, parecia mesmo que estávamos numa espécie de show acústico.

Olhei para o lado e surpreendi-me com Mima pulando e cantando alto "Ô Anna Júlia!". Então, sorriu e encurvou-se para conversar, ou melhor, quase gritar comigo no meio de tantas vozes.

— Meu Deus, ele é maravilhoso!

Mentalmente revirei os olhos.

— Oh! Essa não é a camisa do Hiero? — observei. Consegui identificá-la pela estampa da capa do álbum *Hunting High and Low* do *a-ha*. Ele a usava sob uma jaqueta preta quando chegamos na casa de Luke.

— Sim! Ele me ofereceu quando fiquei ao lado dele. Disse que eu parecia com frio. É claro que eu não iria rejeitar, não sou nem doida. Tem o cheirinho dele. Nunca vou lavá-la!

"Cheirinho dele?" *Há!* Eu bem que poderia ensinar-lhe a receita: um pouco do amaciante que mamãe usava, do sabonete de glicerina, e, quem sabe, umas borrifadas daquele perfume verde-água que eu sempre via na cômoda dele.

— Legal! — Tentei não soar desagradável.

Mais umas duas canções foram tocadas antes de finalmente pedirem um solo.

— É a última, a última. — Hiero se impôs.

— *Ahhh...* — suspirou o coro.

Ele balançou a mão, relaxando os dedos. Todos ficaram em absoluto silêncio. Então, começou um dos dedilhados mais bonitos que ouvira. Seu

barítono limpo, firme e melancólico fazia um dueto encantador com as notas do violão.

"You'll remember me somehow... though you don't need me now... I'll stay in your heart, and when things fall apart you'll remember one day..."

One day in your life, when you find that you're always lonely for a love we used to share... just call my name and I'll be there."

Quando terminou, recebeu os aplausos com um sorriso tímido e passou o violão para o garoto ao lado. Enquanto os rapazes se encarregavam de continuar o "show", Hiero veio em nossa direção. Mima pôs-se em sua frente, animadíssima:

— Nossa! O que foi aquilo? Não sabia que cantava tão bem...

Contudo, ele apenas falou um rápido obrigado e dirigiu sua atenção a mim.

— Como você está? E o seu tornozelo?

Quando nossos olhares se cruzaram, uma certa sensação de constrangimento e nervosismo invadiu meu peito e embolou minha barriga. Talvez fosse por lembrar as palavras de Dahlia mais cedo; talvez fosse porque nem misto quente Luke soubesse fazer direito.

— E-estou bem. Acho que apenas torceu.

— Que alívio... — Então, movimentou os olhos para os lados, como se quisesse falar algo, mas não diante dos olhares atenciosos de Luke e Mima.

— Preciso usar o banheiro — menti, captando a mensagem. — Pode me ajudar? — Estendi-lhe a mão. Eu sei que aquilo poderia parecer meio estranho, principalmente para Luke (estávamos, de alguma forma, comprometidos?), mas era um risco a ser tomado – antes que, de repente, Hiero acabasse falando algo revelador demais.

Mal saímos da biblioteca quando ele sussurrou em um tom meio audível:

— Sua mãe me ligou duas vezes mais cedo. Estava preocupada porque você não atendia o celular. Ela pediu para voltarmos até às cinco. Acha que deveríamos chamar um táxi ou...?

Fiquei aflita porque ainda não tínhamos chegado em um lugar mais reservado. Olhei para os lados.

— *Shh*, aqui não — censurei-o. De alguma forma, minha voz saiu mais rude do que eu esperava. — E se alguém ouvir a gente?

Mas ele nem pareceu se importar, mantendo os olhos atentos ao lateral da minha cabeça. — Vixe. Acho que você está com um baita galo. — Como tentei tateá-lo, surpresa, ele conduziu os meus dedos ao local correto, em algum ponto além da minha franja. — Aqui, não acha que está mais elevado?

Estremeci ao vê-lo mais perto que o normal.

— P-para. — Desvencilhei-me do seu toque. — Você só quer me zoar, né?

— *Ham-ram*. Sinto muito pela intromissão — ouvi uma voz feminina atrás de mim. Nem precisava me virar para saber quem era. Como se tivessem brotado do chão, Karina e as duas amigas apareceram ao nosso lado. Uma mexia num celular rosa berrante, e a outra sustentava uma bola de vôlei na cintura. — Só quis vir me desculpar. Acho que sou um pouco *competitiva* nos jogos e acabo não medindo muito a minha força. *Oops*. Eu juro que foi um acidente. Espero que você esteja bem.

— Talvez você tenha que ver isso com seu médico. Sabe, esse seu *ímã* para atrair bolas. — a do celular gracejou, recebendo uma cotoveladinha de Karina em seguida. Acho que se referia àquele incidente em que fui golpeada pela bola de queimada na aula de educação física.

— Para, sua boba. *Coitada* dela. — e deu aquele sorriso cínico de sempre. — Então... até na escola.

Esperei que virassem a esquina para o corredor principal e esfreguei os olhos ambas as mãos. Eu sabia. *Eu sabia!*

— Bruxas! Elas acham que estão comprando briga com quem?! "Foi um acidente" — fiz voz de marmota velha. — Foi um acidente o escambau! Elas queriam *me matar*, isso sim — exaltei-me a ponto de não prestar atenção e colocar o peso do corpo na perna machucada. — *Ai, ai!*

— Vai com calma, Bea. — Hiero ajudou-me na sustentação. — Não vai adiantar nada ficar nervosa agora. Você precisa ir pra casa e descansar, mas duvido que vá conseguir pegar o ônibus desse jeito.

Bufei, fazendo uma careta. Ele tinha razão. O que eu poderia fazer naquele estado? E o pior é que eu nem podia comprovar que havia sido de propósito. Não havia mais nada além de uma mera, porém enorme intuição.

— O Luke... disse que poderia me deixar em casa. — Senti-me constrangida novamente. — Eu acho que você terá de voltar sozinho... Desculpa. Mas você sabe, a gente não pode dar na telha que... nós moramos juntos.

Falando assim, era até esquisito, não é? Acho que corei um pouco. Felizmente ninguém estava ouvindo.

Hiero torceu um pouco os lábios, mas respondeu em tom de compreensão. — Tudo bem, não se preocupe. Pelo menos eu sei que hoje você vai me deixar dormir. — E apontou para meu tornozelo. — Sem sapateado.

Revirei os olhos e ri.

Ainda bem que mamãe não me viu chegar em frente de casa em um carro de luxo.

Como num tique nervoso, abria e fechava a tampinha do meu celular *flip*, sem realmente pensar no que estava fazendo. Ainda estava absorta em meus pensamentos, tentando compreender tudo o que havia se passado naquela tarde incomum.

— Quer parar de abrir isso? — Mikhel resmungou de sua cama, separada da minha apenas por uma mesinha de cabeceira. — Essa luz forte não tá me deixando dormir.

— Achei que tivesse medo do escuro — retruquei.

— *Hump*. Não sou mais esse bebê chorão... Não depois do segredo que o mano me contou.

Por "mano", sabia que estava se referia a Hiero.

— Quer saber qual?

— *Hm?* — resmunguei.

— Ele disse que os demônios têm medo do nome de Deus e vão se esconder em outro lugar. Por isso, nós sempre oramos juntos antes de dormir.

Ali, no escuro, ele não poderia ver meus olhos cheios de surpresa. Eu havia observado que ele tinha mesmo ficado com as mãos juntinhas em uma prece silenciosa antes de irmos deitar.

Sorri.

— Está bem. Boa noite. — sussurrei. Contudo, quase que imediatamente depois o celular vibrou e eu joguei o cobertor em cima de mim para poder ler a mensagem.

Não podemos nem ficar de mãos dadas? π-π

Coloquei o celular no silencioso e tentei inutilmente pegar no sono.

No outro dia, eu estava mesmo muito inquieta. Quase como se estivesse sendo atacada por formigas nas roupas, ficava virando de lá para cá na cama. Olhava aquela e outras mensagens de Luke no meu celular. Começava a teclar algumas letras e depois apertava o botão superior direito para apagar tudo.

Finalmente abaixava a tela, somente para em seguida levantá-la e repetir todo o processo.

Oh, céus! Como eu deveria encarar essa situação? O que eu sentia por Luke? Paixão? Admiração? Culpa? Pena? Ou tudo junto e misturado? Queria mesmo namorar com ele? *Ahhh, dúvida dos infernos.*

Ouvi uma leve batida na porta. Rapidamente escondi o celular debaixo do travesseiro (como se fosse a prova de algum crime!) e sentei-me na cama. Também escovei os cabelos com os dedos.

— Pode entrar.

Hiero apareceu no abrir da porta.

— Bom dia... *Erm...* desculpa aparecer assim, mas é que eu preciso pegar uma coisa.

Falando daquele jeito, só imaginei que ele tivesse esquecido de levar cuecas o suficiente.

Virei uma das palmas pra cima. — O quarto é seu.

Mas, ao contrário do que eu esperava, ele não olhou nas gavetas de roupas, nem dentro do armário. Olhou debaixo da mesinha de centro onde costumávamos estudar todas as tardes, por cima da mesa de cabeceira e debaixo das camas.

— Você viu um...? — Ele balançou a cabeça. — Ah. Deixa pra lá. Como está se sentindo hoje?

Nem eu sei. — Um pouco menos dolorido. Acho que sara até no meio da semana. Parece que vou ter de usar uma muleta para não esforçar muito o tornozelo.

— Ah, sim... E o galo?

— Bocó — Dei-lhe a língua.

Hiero riu de forma bem-humorada da minha reação.

— Aliás, você sabe que gíria é essa: "dar birro"? — perguntou.

Meus lábios se curvaram irreverentes. — Eu acho que sei. Mas quem te falou isso?

Ele ergueu os ombros. — Ontem, depois que você já tinha ido, insisti com a Jemima para que me devolvesse minha camiseta. Mas ela só ficou dizendo que iria *dar birro* em mim. Não entendi foi nada.

Explodi em uma risada. Coitado, ele só me olhava como se eu fosse um alienígena.

— Ela quis dizer que a camiseta agora é dela, e não vai te devolver. Pra que você foi emprestar isso *justamente* para a Mima?

Hiero suspirou alto. Acho que era a primeira vez que o via realmente chateado.

— "Justamente" por quê? Aquilo era apenas *constrangedor* demais... — acrescentou tão baixinho que mal pude ouvir.

— "Justamente" porque... — "ela está maluquinha por você!", ia respondendo sem pensar. Mas então parei de rir. De repente, não parecia tão divertido. — Esquece.

— *Hm...* — ele resmungou. — Quando der, você pode pedir pra ela me devolver?

— Está bem. Estou mesmo te devendo uma...

Então, aqueles sentimentos do dia anterior surgiram novamente, provocando uma leve sensação de efervescência na boca do estômago.

— Sabe... eu queria te agradecer por ontem. Soube que se não fosse por você... — minha voz foi morrendo.

A linha de seus lábios se abrandou e transformou-se em um singelo sorriso.

— Fico feliz que minhas aulas de natação na praia de Iracema finalmente serviram pra alguma coisa.

Como folhas em uma brisa de outono, palavras flutuavam inaudíveis pelo ar, enquanto nos entreolhávamos por longos segundos. Finalmente, Hiero foi até a porta.

— Então, bom descanso.

Coloquei a mão sobre o coração. Não sabia a razão, mas aquele pequeno músculo insistia em emocionar-se por qualquer coisa nestes últimos dias. Talvez devesse tratar de escrever logo para Luke e dar um descanso a mim mesma desse martírio.

Apalpei debaixo do travesseiro em busca do celular, porém, minha mão acabou esbarrando nele com um pouco de força, fazendo-o cair entre a lateral da cama e a mesinha de cabeceira. Ainda bem que esses aparelhos eram bem resistentes – era capaz de até ter arranhado o assoalho. Debrucei-me sobre o canto da cama para procurá-lo. Quando finalmente o localizei, reparei que havia algo no vão entre a parede e a mesinha. Com cuidado para não esforçar meu tornozelo, arrastei o móvel e descobri um pequeno caderno com capa de couro marrom.

Oh! Será que era um diário?

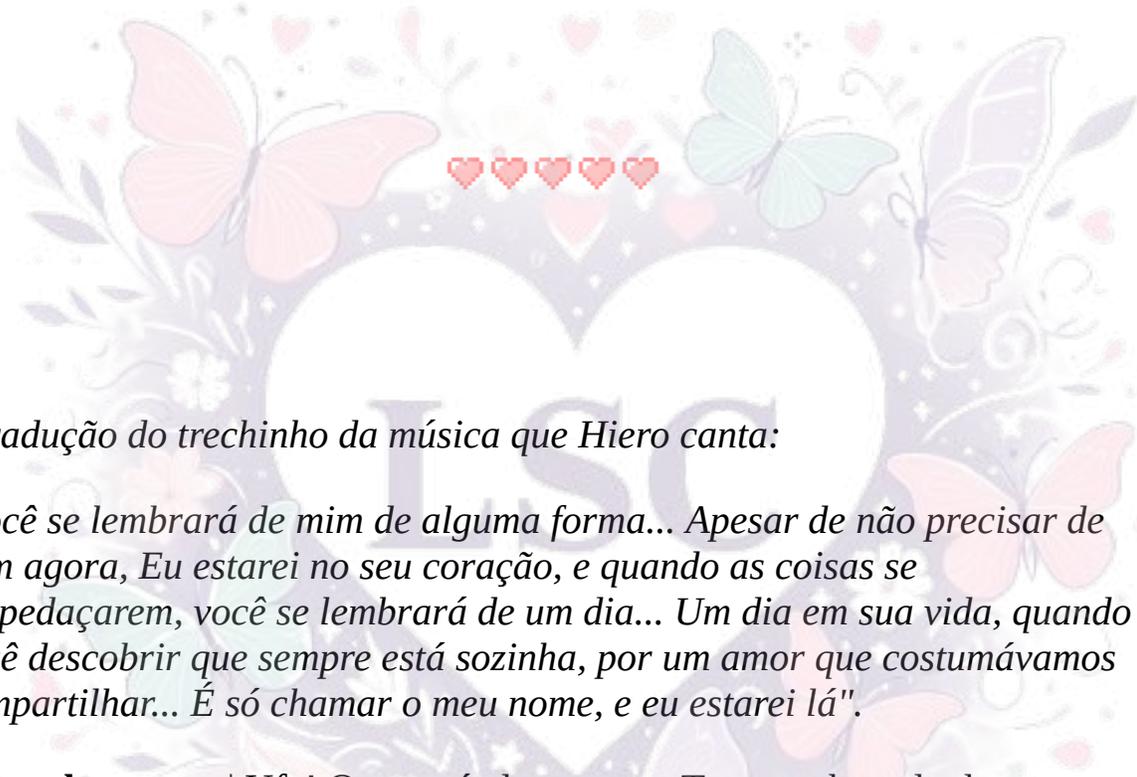
Empurrei a mesinha de volta no lugar e voltei a sentar-me na cama. Minhas mãos quase tremiam de curiosidade e entusiasmo. Certo, eu não deveria estar fazendo isso, mas não conseguia me conter. Antes, porém, de desamarrar a tira que o envolvia, tranquei a porta para não ter nenhum perigo – apesar de que Hiero não entraria sem bater e Mikhel já estava na sala, esperando o "Desenho Mania" da TV Record começar.

Assim que o abri, algo caiu do meio de suas páginas de cantos dourados e veio parar no meu colo.

Era uma foto, onde a revelação datava o dia 22/09/2000.

Diante de uma taça a qual eu reconhecia ser a mesma usada para servir meus amados *brownies* com sorvete no Tio Joca's, com a carinha rechonchuda toda sorridente e longas trancinhas, bem ao lado do também feliz e gorduchinho Hiero, estava eu.

Minha tão odiada e esquecida eu de doze anos.



*Tradução do trechinho da música que Hiero canta:

"Você se lembrará de mim de alguma forma... Apesar de não precisar de mim agora, Eu estarei no seu coração, e quando as coisas se despedaçarem, você se lembrará de um dia... Um dia em sua vida, quando você descobrir que sempre está sozinha, por um amor que costumávamos compartilhar... É só chamar o meu nome, e eu estarei lá".

Notas da autora | Ufa! Que capítulo enorme. Teve um bocado de parte musical, de novo. Não consigo evitar ٭ (̂▽̂) ٭ já que eu mesma adoro música e adoro colocar referências musicais nos capítulos. Vocês sabem qual canção Hiero canta? Agora, não sei como ele fez isso ahaha (̂▽̂*) ٭ Já que ele é um barítono e a música é apropriada para um tenor. Anyway, acho que ele adaptou e baixou algumas oitavas para conseguir. É mesmo uma das minhas canções favoritas da vida; muito linda e ao mesmo tempo, triste. Não é muito conhecida (é bem subestimada, eu acho), mas é de um cantor super famoso. Não entregando de bandeja pra atizar a curiosidade de vocês e a procurarem por ela... (lembrando que ela tá na *playlist* no livro).

Ih! (¯□¯ III) Lá vou eu de novo enchendo esse espaço de conversa fiada (ª_ª)

Se você gostou da história até aqui, deixa sua estrelinha assim você faz essa autora tresloucada mais feliz um cadim (づ¯³¯)づ e até o próximo capítulooo~



21.

Nota da autora | Devido ao comprimento do capítulo, ele foi dividido em dois, apenas para facilitar a leitura. Contudo, recomendo que os leia em sequência (◦ • ◦ • ◦) para não perder o fio da meada dos acontecimentos. Obrigada e ótima leitura!



COMO SE CHAMA ESSE LIMBO existencial entre amigos e namorados? Embora tivesse procurado sobre o assunto nas minhas revistas de fofocas favoritas, não achei nada que pudesse definir meu relacionamento com Luke nos dias seguintes. Uma espécie de *cortejo*... talvez? Sabe, aquele tipo de paquera do tempo dos nossos avós – flertar apenas com as palavras, olhares, cartinhas e presentes – nada de contato físico.

Em tempos de ficar-sem-compromisso, sua paciência com minhas limitações era algo louvável. Sempre parecia preocupado com meu bem-estar (principalmente enquanto me recuperava do tornozelo); ajudava-me com os materiais; enviava-me bilhetinhos ora engraçados, ora românticos; e começou até a me dar flores e chocolates. Todo dia encontrava um deles no compartimento inferior da minha carteira.

Naquele fim de tarde, estávamos empacotando nossas coisas após mais um ensaio da nossa peça. Trabalhando como uma máquina, Hiero havia

conseguido terminar o roteiro quase uma semana depois daquela reunião na casa do Luke, e o grupo de cada ato passou a ensaiar em uma sala diferente após as aulas nos dias de segunda, terça e quarta.

— Você sabe que meu pai é o pró-reitor do Saint Louis, não sabe? — Cheirei o pequeno ramalhete de margaridas coloridas e coloquei-as com cuidado em minha mochila. Gostava assim: de discrição. No entanto, receava que uma hora ou outra isso pudesse acabar parando nos ouvidos de papai.

O loiro piscou os olhos, mantendo os lábios entreabertos por alguns segundos.

— Meu Deus, Bea, você deveria ter me contado! — Em seguida, retornou à sua postura descontraída de sempre. — Será que é muito tarde para comprar uma passagem para fora do país?

Levantei os olhos das flores, mantendo um sorriso incrédulo no rosto.

— Claro que estou brincando, gatinha. Relaxa. Se ele vier falar comigo, já tenho até o discurso pronto. Pensando bem, vou no escritório dele agora mesmo... — E virou-se bruscamente, dirigindo-se para a porta.

— Você tá doido?! — Segurei o seu braço, caindo na risada.

— Olha que eu vou, hein!

Nesse instante, Hiero entrou para pegar suas coisas. No impulso, soltei Luke e escondi o arranjo atrás de mim. *Ah, que raiva, de novo...* Não sabia porque, mas simplesmente não conseguia evitar o intenso desconcerto quando eu interagia com Luke na presença de Hiero. Era como ser surpreendida roubando comida da geladeira de madrugada ou ser vista com máscara de beleza no rosto – a vontade era de cavar um buraco e me enfiar dentro, embora Hiero nunca tivesse demonstrado nenhum tipo de julgamento.

O estranho era que bastava um deles ir embora que este sentimento desaparecia.

Mais tarde, enquanto andávamos para casa, o sol começava a baixar num preguiçoso e bonito violeta-alaranjado, fazendo nossas sombras se projetarem cada vez mais angulosas. Como num truque de mágica, os postes foram acendendo um por um ao longo da rua.

Reparei um olhar curioso de Hiero sobre mim.

— O quê? — perguntei na defensiva.

— Vai abrir uma floricultura? — deu um sorrisinho de canto e apontou para minha mochila. Só então vi que não havia escondido direito o ramalhete e algumas folhas escapavam pelo zíper entreaberto.

— Vinte reais cada buquê, vai querer? Tá na promoção — devolvi-lhe o sorriso, um pouquinho mais debochado. Em outra época, eu teria respondido de forma irritante, evasiva ou apenas indiferente. Mas desde o incidente da piscina, alguma coisa mudou. Não sei se foi por gratidão por ter sido salva, ou pela ajuda que recebi dele nas tarefas caseiras enquanto me recuperava, mas o fato era que aquela fase inicial, difícil de aceitar essa interação amistosa, foi passando aos poucos. Acabei aprendendo a relaxar, me soltar – e finalmente apenas deixando a conversa fluir com naturalidade.

Tenho um pouco de vergonha em admitir, mas sim, os ressentimentos passados me impediram de ver que, na verdade, Hiero era bem simpático e até tinha um leve senso de humor escondido nas entrelinhas.

De qualquer forma, foi uma mudança positiva, afinal, as voltas para casa deixaram de ser chatas desde que passamos a conversar sobre tudo um pouco.

— Não quero mercadoria amassada — continuou a brincar. — Por que não leva...? Ah, sim, aposto que é por causa da sua mãe.

— Oh, mas é claro! Ainda tenho muito para viver. Tenho só dezesseis anos.

Ele colocou as mãos nos bolsos das calças.

— É um bom ponto. E como vai com Luke?

Okay... deixe eu me corrigir: não passamos a conversar sobre *tuuudo*, tudo, um pouco, não. Não éramos tão chegados ao ponto de contar coisas profundas, abrir o coração, essas coisas. Pelo menos, eu achava que não. Quer dizer, eu não tinha parado para pensar sobre isso – se agora já o considerava como um amigo...

— Sem comentários. — suspirei um tanto incomodada.

Mas o incômodo de não poder conversar com ninguém sobre aquilo era ainda maior. Tá bom, eu já havia pedido conselhos outra vez para minhas amigas, mas o papo foi o mesmo – Mima com seu "se joga, garota, dane-se as consequências!" e Dahlia, ainda mais cautelosa que eu. Como ondas agitadas que não conseguiam mais ser contidas pelas barreiras, as palavras acabaram saindo:

— Acho que vou ficar pra titia mesmo, adotar um gato e morrer de tédio quando completar *sessenta anos!* Ah, qual é! Hoje em dia, que cara que tem saco pra pedir permissão para os pais da garota? E nem é pra *casar*, pelo amor de Deus.

Opa. Mordi o lábio inferior. Sentia-me patética com essa explosão toda. Hiero ficou em silêncio, talvez esperando que eu terminasse de desabafar tudo o que estava entalado na garganta.

— Acha que meus pais são muito caretas? — choraminguei.

— Não — respondeu com voz suave. — Acho que estão apenas tentando proteger você. Isso significa que eles te amam. As pessoas não têm tanto cuidado com panelas de ferro quanto com os copos de cristal, não é? Porque são preciosos.

Eu já tinha reparado isso outras vezes: muitas coisas que ele falava nem pareciam vir de um garoto da minha idade. Ele tinha uma forma de olhar para certas situações por um prisma totalmente diferente. Pode ser meio estranho, mas aquelas palavras muito me confortaram. É, o jeito seria esperar... Só me restava responder a pergunta: era isso mesmo o que eu queria?

Eu não sabia ainda. Era bom demais ser paparicada, receber presentes e tudo o mais. Quem não gosta de se sentir amado e colocado num pedestal? Mas... será que era certo aceitar tudo isso? *Eu tinha realmente este direito?*

Determinada a não me chatear mais, chutei esses pensamentos para o baú "Procrastinação" em minha mente. Apressei o passo e pus-me a andar de frente ao rapaz e de costas para a rua.

— Mudando de assunto, poderia me ajudar com a minha personagem? Acho que não estou conseguindo incorporar bem o jeito sério e calculista dela.

Tal como sugeriu na reunião, Hiero organizou a peça colocando cenas com personagens históricos de épocas distintas, organizadas cronologicamente. O tema girava em torno das principais descobertas da matemática e como elas mudaram o mundo.

Eu fiquei com o papel de Hipátia de Alexandria. Mima não quis atuar e ficou responsável junto com um grupo de meninas pelo figurino. Dahlia foi escalada para viver Katherine Johnson, a matemática, física e cientista espacial negra que ajudou a colocar em órbita a nave que levou o homem à Lua pela primeira vez. Hiero, além de roteirista, ajudava os alunos a decorarem suas falas e a manterem a postura e entonação corretas. Também ficou responsável pela sonoplastia. Já Luke... bem, como era de se esperar, acabou sendo o diretor.

Hiero olhou-me com um largo sorriso.

— Bea, ela só tem quatro falas.

— Mas é por isso que torna tudo mais difícil! Tenho de fingir que estou revisando cálculos e estudando enquanto o narrador fala, só que o Victor fala de forma tão engraçada! — imitei o rapaz em sua voz grave como a do Rick Astley. — Tenho que ficar me controlando pra não rir. Oh! Acabei de ter uma ideia fantástica! Por que não transforma a peça em uma comédia? Poderíamos terminar dançando "Ragatanga" ou "Macarena", como nos filmes indianos.

Hiero não conteve aquelas suas gargalhadas sonoras, divertidas.

— Assim não precisaria esconder o riso. Além disso, não é difícil dançar Ragatanga. Eu aprendi em uma tarde, olhe. — Estendi as mãos para frente, fazendo a coreografia enquanto cantava "*Aserehe, ha de he*".

O rapaz riu tanto da minha apresentação que não conseguia mais ficar de pé. Curvou-se sobre a barriga e então, agachou.

— *O queeê?* — perguntei em tom arrastado, cômico. — Sério, não foi massa?

Ele finalmente parou de esconder o rosto, vermelhinho, vermelhinho como um morango.

— Você é uma péssima dançarina, sabia?

Sentindo as bochechas arderem, fingi estar ofendida. Olhei para o lado e fiz um beicinho.

— Seu bobão.

Como se estivesse sem forças para se levantar, ele ergueu a mão em ajuda. Tentei puxá-lo, quase caindo junto na primeira vez. Assim que conseguiu se firmar, enxugou o cantinho dos olhos.

— Sabe, Bea, não sei porque você gosta de fingir ser outra pessoa para os outros. Pra mim, a *verdadeira* Beatrice é muito mais legal.

Minhas pernas congelaram por alguns instantes. Pela primeira vez em muito tempo, eu estava totalmente sem palavras.



Essa não...

Mantive os olhos fixos em meu reflexo no espelho de corpo inteiro em meu quarto. Vestindo somente roupas íntimas, constatei o que tanto temia: o estresse daquelas últimas provas, das várias dúvidas da minha mente sobre o meu passado, somado às toneladas de chocolates que Luke vinha me dando fizeram-me ganhar um ou dois quilos.

Dei umas palmadinhas nos flancos protuberantes. Precisava fazer alguma coisa. Talvez devesse voltar às corridas matinais... mas era tão ruim fazer exercício naquele friozinho do outono! Suspirei desanimada. Acho que o jeito mesmo era fechar a boca.

Só que dizer "não" para as deliciosas trufas de cereja e licor, para as nhá-bentas tão aveludadas, para os bombons de caramelo recheado de avelãs era uma verdadeira tortura... Uma covardia, pra ser sincera! Porém, a minha forma era mais importante, e eu não cederia à tentação! Como não tinha coragem de impedir Luke, passei a entocar as caixas na última gaveta da minha cômoda. Também fiquei sem lanches e pulei alguns jantares.

Uma semana depois eu estava querendo comer até o reboco da parede, mas pelo menos a pancinha tinha diminuído.

— Vai mais devagar... — pedi a Hiero, falando num fiapo de voz. Estava de jejum desde o dia anterior e a fome era tão grande que eu quase podia ouvir as lombrigas batendo os pratos em protesto. Andava arrastada, a mochila parecendo uma bigorna sobre as costas.

— Já estamos atrasados, Bea; o metrô vai estar lotado... — ele respondeu sem olhar para trás.

Depois de uns minutos, percebeu que eu demorava muito a acompanhar seu passo e veio até mim, correndo.

— O que foi? Está se sentindo mal?

Eu estava encolhida com as mãos na barriga.

— Eu... eu...

ROONC! Meu estômago respondeu por mim.

— Não acredito. Você saiu de novo sem tomar café? Eu já disse que um dia você vai acabar desmaiand...

Não ouvi mais nada. Nem mesmo senti quando caí no chão.

O joelho ralado começou a arder só depois, quando meus sentidos foram voltando aos pouquinhos. Tive a sensação de flutuar: estava em movimento, mas não usava as pernas. Senti um perfume cítrico, gostoso, que lembrava laranjeiras em flor. Abri lentamente os olhos. Era dos cabelos de Hiero próximos ao meu rosto. Daí percebi que ele me carregava nas costas.

Como se tivesse sido eletrocutada, meu coração entrou em um ritmo frenético. Agitei as pernas e sem querer, acabei fazendo-o desequilibrar. Quase fomos parar no chão feito duas bananas maduras.

Hiero pendeu para frente e segurou os joelhos.

— Eu não sabia o que fazer — disse entre lufadas de ar. — Como você poderia despertar logo, decidi continuar para a estação, mas talvez devêssemos ir para casa...

Desabei na beirada do canteiro de plantas de um prédio qualquer, sem me preocupar com os olhares alheios dos transeuntes.

— Não, não. Prefiro ouvir seu sermão que o da mamãe.

— O problema é que eu acho que você não vai conseguir ir pra aula desse jeito. — Ele se sentou ao meu lado. — Parece tão fraca... Bea, se isso é alguma dieta maluca, é melhor parar. Você não precisa disso.

Fechei os olhos e resmunguei:

— Você não vai entender... são problemas "femininos". — Preferi generalizar em vez de expor um pouco dos meus complexos pessoais.

— Mas não faz sentido se não é saudável.

Suspirei e não falei mais nada. Não que não quisesse argumentar; só estava me sentindo cansada demais pra isso.

O rapaz abriu a sua mochila, tirou algo de dentro e me pediu para segurá-la até que estivesse de volta. Não entendi nada; apenas o vi sair apressado, com seus cabelos negros agitados pelo vento frio da manhã e por olhar para os dois lados da rua antes de atravessar. Parou, pediu informação a alguém na esquina e depois sumiu de vista.

Voltou uns cinco minutos depois também correndo, com uma sacolinha branca numa das mãos e um copo alongado de isopor com tampa na outra.

— Só achei um carrinho de sopa. — justificou-se.

— Oh...

Recebi o copo de bom grado. Exceto pela cebolinha, até que eu gostava de sopa. E aquele cheirinho de frango com legumes estava mesmo maravilhoso.

Enquanto tentava não parecer um cãozinho de rua que não come há mais de uma semana e tomar aquele creme espesso devagar, Hiero agachou-se para analisar meu joelho. Tirou da sacolinha um vidro de Merthiolate e começou um curativo.

— Sss. — reclamei da ardência quando o líquido avermelhado tocou o ralado. Então, com gentileza, ele soprou um pouquinho no local e grudou um *band-aid*.

— Obrigada... — minha voz saiu tímida. — Desculpe dar esse trabalho pra você.

O rapaz elevou sua atenção a mim.

— Não tem problema. Mas a partir de agora você tem que me prometer que não vai ficar se maltratando desse jeito. — Em contraste com sua expressão branda, sua voz soou um pouco severa, como se estivesse repreendendo uma criança levada. Então, voltou a sentar ao meu lado, tirou seu celular do

bolso da calça e conferiu o horário. — Ah... Já perdemos a metade do primeiro tempo...

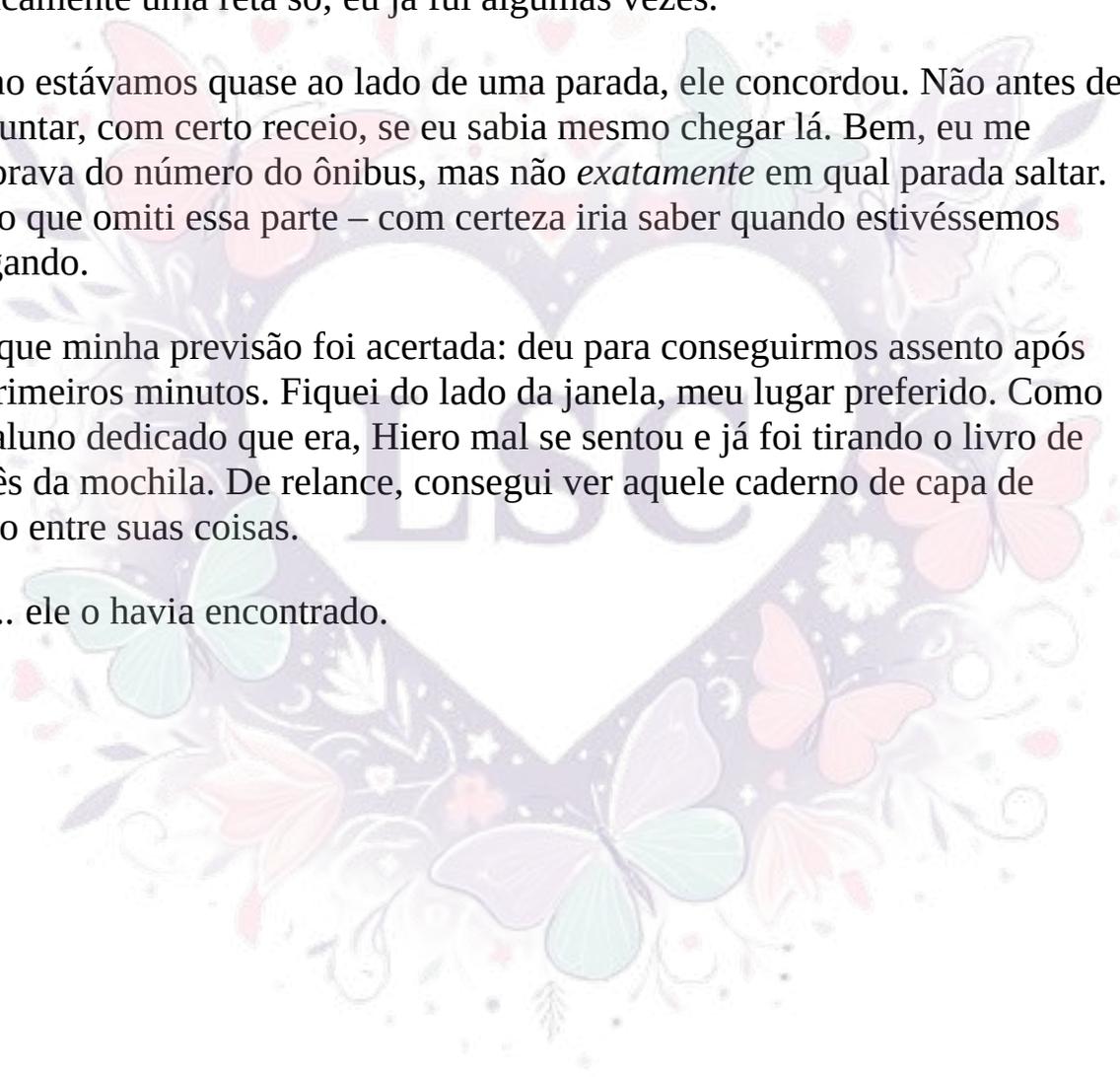
Engoli os lábios.

— E... e se fôssemos de ônibus? — sugeri. — Como todos correm logo para o metrô, acho que não vai estar tão cheio... e daqui pra lá é praticamente uma reta só; eu já fui algumas vezes.

Como estávamos quase ao lado de uma parada, ele concordou. Não antes de perguntar, com certo receio, se eu sabia mesmo chegar lá. Bem, eu me lembrava do número do ônibus, mas não *exatamente* em qual parada saltar. Claro que omiti essa parte – com certeza iria saber quando estivéssemos chegando.

Até que minha previsão foi acertada: deu para conseguirmos assento após os primeiros minutos. Fiquei do lado da janela, meu lugar preferido. Como um aluno dedicado que era, Hiero mal se sentou e já foi tirando o livro de inglês da mochila. De relance, consegui ver aquele caderno de capa de couro entre suas coisas.

Hm... ele o havia encontrado.



22.



AO CONTRÁRIO DO QUE ACHEI a princípio, o caderno não era bem um *diário*. Bom, não desses em que a gente escreve "Querido Diário" e o recheia de segredos (ou pelo menos coisas perigosas demais para chegar até aos ouvidos dos irmãos). Era mais um registro de ideias, versos e poemas – alguns até com cifras, indicando ser composições originais. Nenhum conteúdo era comprometedor (para a infelicidade da fofqueira que habitava em mim) ou revelava sentimentos por alguém em específico. Talvez fosse por isso que ele não o guardava a sete chaves.

A única coisa que me deixou encafifada mesmo foi aquela foto. Assim que a vi, várias perguntas preencheram minha mente: quando ela foi exatamente tirada? Por que não me lembro? Por que parecíamos tão amigos? Eu achava que sempre o odiara, até pouco tempo atrás... Tomar sorvete super de boas com o cara que me atormentava? Para a minha eu de doze anos, isso era inimaginável!

Como se quisesse fixá-la em minha memória, eu analisei aquela imagem por um longo tempo antes de devolvê-la ao caderno e posicioná-lo exatamente onde o encontrara. O que eu mais queria era uma explicação... No entanto, ainda não tinha coragem de questionar Hiero. Ainda mais depois de ter conversado a respeito com Bruno – não que ele fosse a melhor

pessoa em dar conselhos, mas talvez fosse o único que pudesse me ajudar sem julgar muito as minhas razões.

Infelizmente, minhas esperanças foram pro ralo quando ele balançou a cabeça em negação.

— Eu não lembro praticamente nada das suas questões dessa época... Só que foi uma barra. Você chegava muito magoada depois das aulas, chorava muito. Ficou doente algumas vezes e não queria ir pra escola. — Ele cruzou os braços e apoiou as costas na cadeira. — Teve um tempo que a Joana visitava a nossa mãe e trazia o Hiero junto, mas não lembro bem por causa do cursinho à tarde. Muitas vezes eles já estavam de saída quando eu chegava.

Suspirei frustrada com a falta de informações.

— Mas teve um período que você melhorou. — continuou. — Disso eu lembro bem. Acho que as provocações pararam e você voltou a ser essa garota alegre (e um pouquinho irritante) de sempre... — Fiz uma careta e ele riu. — Oh. E aí... — Deu uma pausa meio dramática. — E aí você teve o *acidente*. Você ainda não se lembra do que aconteceu, não é?

Passei os dedos sobre a minha cicatriz na testa.

— Não. Tento vasculhar a minha mente, mas não consigo. Nem um pedacinho de memória.

— Hm... — Dessa vez, Bruno se inclinou para frente e aumentou o tom de seriedade. — Foi assustador para todo mundo. Você ficou desaparecida por umas horas. A mãe já estava quase chamando a polícia. Então, Hiero te trouxe nas costas; vocês estavam ensopados, e as suas roupas, rosadas de sangue. Você precisou de uma mini cirurgia, você sabe. E tudo o que ele conseguia dizer é que tinha sido culpa dele. Tipo, o *tempo todo*, sem parar.

Meu coração acelerou e fiquei um pouco ofegante. Sim, eu lembrava vagamente de ter sido trazida por alguém. Lembrava-me do hospital, da dor, dos pontos, do cheiro nauseante de remédio e álcool no ar. A conversa começou a ficar difícil, mas me esforcei para continuá-la. Não sabia o

porquê, mas aquela foto despertara alguma coisa dentro de mim; algo adormecido até então e que agora precisava ser saciado.

— E como foi que...? Ele disse... o que aconteceu?

Bruno balançou a cabeça outra vez.

— Desculpe... eu não sei se ele chegou a explicar o ocorrido. Só sei que aquela noite foi um caos. O pai e a mãe te levaram às pressas ao hospital; Hiero foi junto. Eu fiquei em casa cuidando do Mikhel. Lembro de ter visto uma ambulância e carros de polícia no fim da rua, passando o parquinho. O barulho das sirenes era muito alto, e os vizinhos começaram a sair de casa pra saber o que tinha acontecido, mesmo debaixo da tempestade. Depois de uns dias, Joana trouxe Hiero para ver como você estava e para se despedirem. Eles já tinham vendido a casa e iam se mudar. Foi bem triste de ver... Sabe, eles estavam de luto, com roupas pretas e tudo o mais. Coitado do Hiero... ele parecia totalmente destruído.

Um frio percorreu-me a espinha. Minhas mãos ficavam cada vez mais suadas.

— L-luto?

— Sim, Bea, o pai dele... — Bruno suspirou. — Naquela mesma noite, ele se suicidou. Achei que pelo menos isso você se lembrasse. Todo mundo do bairro deve se lembrar, já que até passou nos noticiários.

Suicídio... ?! Fiquei em choque. Como se tivesse sido golpeada, senti algo doer dentro de mim.

Então era por isso...

— Mas por que você está tão curiosa de repente?

Apertei as mãos em nervosismo.

— B-bem, é que... nos dias em que fiquei no quarto do Hiero... tinha uma foto no meio das coisas dele e... eu estou nela. Mas não faz o menor sentido. Nada é como eu achava.

Bruno voltou a encostar-se na sua cadeira de estudos.

— É, você fez terapia também para ajudar na memória. Tome cuidado; se ele souber que você andou de mexerico nas coisas dele, vai ficar muito chateado.

— Mas eu não... mexi... — foi o que consegui balbuciar em minha defesa, já que estava ocupada demais tentando processar tudo o que fora revelado.

— Maninha. — Bruno esticou-se para segurar a minha mão. — Só... me desculpa por não ter sido mais presente, por não ter estado lá por você. Eu não deveria ter ficado tão fechado no meu mundinho adolescente. Eu tinha meus problemas também, mas deveria ter te dado mais atenção e suporte quando precisava.

Até fiquei espantada, mas retribuí o toque, apertando sua mão afetuosamente. Não era do feitio dele ser assim, carinhoso e atencioso, e aquilo significou muito para mim. Também ajudou a amenizar um pouco o impacto das minhas emoções, pelo menos naquele momento.

Com tudo isso de volta em minha mente, peguei-me observando a fisionomia do rapaz sentado ao meu lado no ônibus. Seus olhos baixos a analisarem o livro, o lápis a pressionar levemente o lábio inferior enquanto pensava na próxima resposta.

O pai dele...

O quão difícil deve ter sido?

Como ele conseguiu lidar com algo tão doloroso, a ponto de não dar a perceber nada demais?

Existiam outros sentimentos nas águas profundas do seu coração, os quais a sua superfície calma e serena ocultava?

— Tudo bem, Bea? — a voz de Hiero tirou-me do meu transe. — Está passando mal de novo? Não deveríamos mesmo voltar pra casa?

— Não! — sorri. Como de costume, rapidamente varri tudo para debaixo do tapete e assumi a postura da Bea despreocupada e alegre. Não tinha problema... Haveria um tempo em que eu me sentiria à vontade para perguntar todas essas coisas, certo? — Estou ótima. Novinha em folha depois daquela sopa.

Olhei para o lado de fora pela janela e a impressão de ver uma rua supostamente conhecida me deixou alarmada.

— *Ahhh!* Acho que é a nossa parada!

Mais que depressa, Hiero jogou tudo para dentro da mochila, puxou a cordinha do alarme e agarrou a minha mão. Corremos para fora no maior desespero, mas qual foi a minha decepção ao perceber que descemos em um ponto totalmente errado! Eu havia me confundido redondamente!

— Mas eu sei onde estamos. — Procurei tranquilizá-lo após andarmos um pouco. — Se aquilo ali no fundo é o Monumento às Bandeiras, isso significa que estamos do lado do Ibirapuera. Você já foi nesse parque? É o mais famoso da cidade... — De forma repentina, uma ideia iluminou minha mente. — Sabe, como estamos atrasados de qualquer forma, eu estava pensando... — levantei as sobrancelhas, sorrindo de forma travessa.

Hiero, que não era bobo nem nada, entendeu o que eu queria dizer.

— Em matar aula? — perguntou, incrédulo.

— O quê? Não me diga que nunca matou aula na sua vida?

— Não, e nem quero.

— Para tudo existe uma primeira vez. Oh, vamos lá, Hiero, não banque o aluno perfeitinho! Todos os dias é isso: estudar, estudar e estudar até os olhos caírem da cara. Pense nisso como uma oportunidade que veio dos céus — Chacoalhei de leve os seus seus braços, o qual se mantiam cruzados, rígidos.

— Bea, você sabe que não devemos...

— As provas já passaram, estamos numa semana tranquila. Só até o horário do intervalo, *por favoor*. Depois vamos para a aula. Eu prometo. — Adociquei minhas palavras, como eu costumava fazer quando queria muito algo dos meus pais.

No meio de sua expressão impassível, ele deixou escapar uma levantada de lábios.

— Isso é um *sim*?

Notei que até tentou disfarçar e engolir o sorriso, mas não conseguia se conter ao olhar meu rostinho pidão.

— É um sim, né? É um siiim. — Chacoalhei-o mais um pouquinho e consegui desfazer seus braços cruzados. Enlacei um deles como um gancho e pus-me a caminhar. Ele demonstrou um pouquinho de resistência no início, mas logo depois parecia ter aceitado a ideia.

Atravessamos a larga avenida e passamos a icônica escultura em granito representando os bandeirantes em seu esforço para desbravar o Brasil durante o período colonial. Em pouco tempo, já estávamos andando às margens do imenso lago de águas verdes. Ao fundo, no horizonte, a imponente São Paulo parecia minúscula, com os prédios e arranha-céus parecendo caixinhas acinzentadas.

O céu estava bem azulzinho e adornado de nuvens brancas. O sol resolvera aparecer e o clima esquentou um pouco. Era um dia perfeito, e eu estava super animada com aquela quebra de rotina espontânea. Algumas vezes dava uns saltinhos, outras, voltinhas ao redor de algum poste com os braços abertos, e até corri ao encontro de um bando de patinhos que passeavam na grama, perto da água.

— Vai com calma, Bea. Nem parece que você desmaiou mais cedo.

— Minha glicemia despenca às vezes, mas estou bem. — Abri-lhe um enorme sorriso. — Oh! O bicicletário! Vamos dar uma voltinha?

Hiero coçou a cabeça.

— Você pode ir, mas eu...

— Ah, aí não tem graça. O parque é gigante para irmos apenas andando!

Ele deu um sorriso amarelo.

— É que na verdade, eu... Eu não sei andar de bicicleta.

O quê? Havia algo que o incrível e talentoso Heiro não sabia fazer? Aquilo sim era novidade.

— Não ria — Ele abaixou os olhos, tendo as bochechas vermelhas. — Não tive oportunidade de aprender, só isso.

— Então — Coloquei uma mão na cintura em uma pose heróica e afundei um dedão em meu peito. — Essa é a sua oportunidade! Eu vou te ensinar. Não é difícil.

Paguei o aluguel do veículo e o levei para a pista. Ótimo, sem curvas à frente. Ajustei o selim para que ele conseguisse apoiar os pés no chão. Então, enquanto nos movíamos vagarosamente, expliquei-lhe sobre equilíbrio, pedais e freio. Ele se impulsionava com os pés, e eu o ajudava com a sustentação, segurando o guidão e o selim.

Pouco depois, ele passou a tirar um pouco os pés do chão, mas sempre deixava o guidão pender para o lado e eu o ajeitava depressa. Era um susto, pois parecia que iríamos cair – e algumas vezes quase que fomos mesmo ao chão. Nesses momentos, eu desatava a rir, enquanto ele, igual um garotinho pequeno, dizia determinado:

— Vamos de novo, dessa vez vai dar certo!

Numa hora, eu passei apenas a segurar o selim, enquanto ele tentava manter-se equilibrado e com o guidão endireitado por si só. Mas ainda assim não estava seguro e tremia os braços, fazendo a roda dianteira mover-se em zigue-zague e eventualmente perder o equilíbrio.

— Não solta, não solta — pediu em meio a risos nervosos em outra tentativa. Mas estava tão concentrado em não tremer o guidão e manter-se

em movimento que só se deu conta que eu já tinha soltado o selim após uns metros. Foi aí que virou a cabeça para ver onde eu estava e perdeu a sustentação, levando uma baita queda.

Corri para socorrê-lo e agachei-me ao seu lado.

— Você está bem?

A coitada da bicicleta estava estatelada, com uma das rodas ainda a girar. Hiero sentou-se, rindo alto de si mesmo.

— Imagina se fosse difícil! — Bateu o pé da roupa. — Você viu? Eu consegui! Por poucos segundos, mas consegui.

Ele falava tão animado que minha expressão acompanhou a dele: um sorriso de ponta a ponta.

— Eu sei, você foi ótimo! — Ergui-me e estendi-lhe a mão. — Vem, tem um jeito bem melhor de você andar de bicicleta; mais fácil, rápido – e sem cair.

Ele não entendeu muito bem até me ver trocar a bicicleta normal por uma *tandem* – ou, bicicleta de dois lugares – a única do bicicletário, e por sorte, estava disponível.

Como quando alguém vai na garupa, o equilíbrio depende muito mais de quem vai na frente (no caso, eu). Tanto que, durante a nossa grande volta pelo parque, algumas vezes Hiero tirava as mãos do seu guidão e aproveitava a brisa, como se quisesse agarrar o ar. Aí, só para assustá-lo, eu dava uma guinada na direção. Ele, achando que iríamos tombar, voltava a segurar-se mais que depressa. Eu morria de rir.

Depois de devolvermos a tandem, sentamos na grama junto ao lago para comermos os lanches que compramos em um dos muitos quiosques do parque.

— Andar de bicicleta é bom, mas é tão cansativo. Estou toda suada. — Apoiei-me sobre um braço, de forma a ficar bem relaxada. Sorvi um pouco

de suco de laranja bem geladinho da caixa. — Você nunca quis aprender quando era pequeno?

Hiero brincou com um raminho de planta ao seu lado.

— Acho que é uma atividade que todos aprendem com os pais ou irmãos mais velhos. Eu sou filho único e... bem, não pude ter muitos desses momentos com meus pais.

— Ah... — Voltei a beber meu suco, um pouco constrangida por ter acidentalmente tocado em um ponto sensível.

Ele conferiu o horário em seu celular e falou desanimado:

— Foi ótimo, mas agora nem dá mais tempo de chegarmos para o último horário. É melhor depois irmos para casa.

— Eu reparei uma coisa. Você é tão sério quando se trata dos estudos... a maioria não se preocupa tanto com isso. Você sempre foi assim?

O rapaz abraçou as pernas e fitou o horizonte enquanto falava; os olhos meio apertados pela intensa claridade refletida na água.

— Pra ser sincero, acho que só comecei a me esforçar mesmo desde que fui pra Fortaleza. Minha mãe estava sofrendo muito, e eu não queria dar a ela mais dor de cabeça... Depois, só quis ser alguém o qual ela pudesse se orgulhar, e assim, andar de cabeça erguida no meio dos parentes que apenas a julgavam.

Então, olhou para mim.

— Acho que virou um hábito, sabe. Tentar ser o *maioral* em tudo. Confesso que isso é um pouco problemático. Eu tenho essa mania de querer controlar demais as coisas, como se tudo dependesse do meu bom desempenho. — Deu um meio sorriso e voltou a brincar com o raminho. — Agora que ela vai se casar, fica ainda mais complicado. Ela achou um cara decente; *divorciado* e com uma filha pequena desse outro casamento, — pontuou — mas... decente. O problema é que ele parece muito determinado em fazer de

mim alguém grande dentro da sua empresa. É por isso que vai financiar meus estudos no exterior. Acredita que já até escolheu a faculdade que vou estudar e os detalhes da minha carreira: "engenharia de negócios"? — Enfatizou cada palavra fazendo um arco com as mãos. — Tem coisa mais chata que isso?

Ajeitei-me e imitei sua posição – o tronco relaxado e as pernas na postura de lótus.

— Eu não entendo... se você não quer, por que não fala? Talvez eles te deixem fazer aquilo que gosta.

Ele sorriu desanimado.

— Quem me dera se fosse tão simples. É muita pressão; muitas expectativas para quebrar. Muitos diriam que isso é uma burrice, que uma oportunidade dessas não aparece todos os dias. E eu mesmo nem sei se eu gostaria de trabalhar com o que gosto.

— Que é...?

— Escrever. Eu amo escrever sobre tudo e... também amo música. Por isso... algo como "compositor musical", eu diria.

Lembrei-me do caderno. Nas palavras de vários dos seus versos e canções, pude sentir essa paixão vibrante. Um amor em cada rima, cada estrofe. Era algo forte, poderoso; ao mesmo tempo, belo, sensível – e que sabe, um pouco trágico.

— Bem que fiquei pensando que você realmente tem talento para isso. Para música — corrija-me depressa. Não queria que ele suspeitasse que já sabia sobre suas composições. — Sabe, na casa do Luke, você mandou muito bem mesmo.

— Ah... — Hiero pareceu encabulado. — Como dizem: filho de peixe, peixinho é. Acho que meu pai quis transferir todo o amor dele por sua profissão para mim. E, pelo visto, conseguiu.

— *Hm...* — Concordei com a cabeça, um pouco intrigada com o leve tom de desgosto da última sentença.

— Mas e você, Bea? O que pretende fazer?

Acabei sendo pega de surpresa naquela pergunta.

— Ah, bem... Para ser sincera, eu ainda não sei. Não penso muito nisso. Acho que só estou procrastinando até o ano que vem, o ano do vestibular... Ainda tenho bastante tempo para escolher, mas talvez... *Hmmm* — pisquei um olho, enquanto pensava na resposta. — Design de moda? Arquiteta? O que mais...?

— Só não vá ser dançarina, por favor. Vai levar os programas de auditório à falência.

— *Quê?* Ah, Hiero, você me paga!

Tirei um lado do meu tênis para acertar na cabeça dele, mas o garoto foi rápido e saiu em disparada pelo gramado. Na tentativa de correr quase sem tocar a meia no chão, acabei caindo. Ele veio me ajudar, e aí aproveitei a oportunidade para derrubá-lo.

Ficamos estirados na grama, rindo igual tontos.

No outro dia, na escola, é óbvio que nosso grupinho de amigos ficou cismado por que nós dois *coincidentemente* faltamos no mesmo dia. Eu disse que tinha passado mal (o que não era de todo mentira) e Hiero, que havia decidido ir de ônibus e havia se perdido (o que, também, não era de todo mentira).

Se eles acreditaram, eu não sei. Só sei que, depois de darmos as nossas respostas, nos entreolhamos brevemente e disfarçamos um sorriso. Entre nós, aquele segredo estava muito bem guardado.

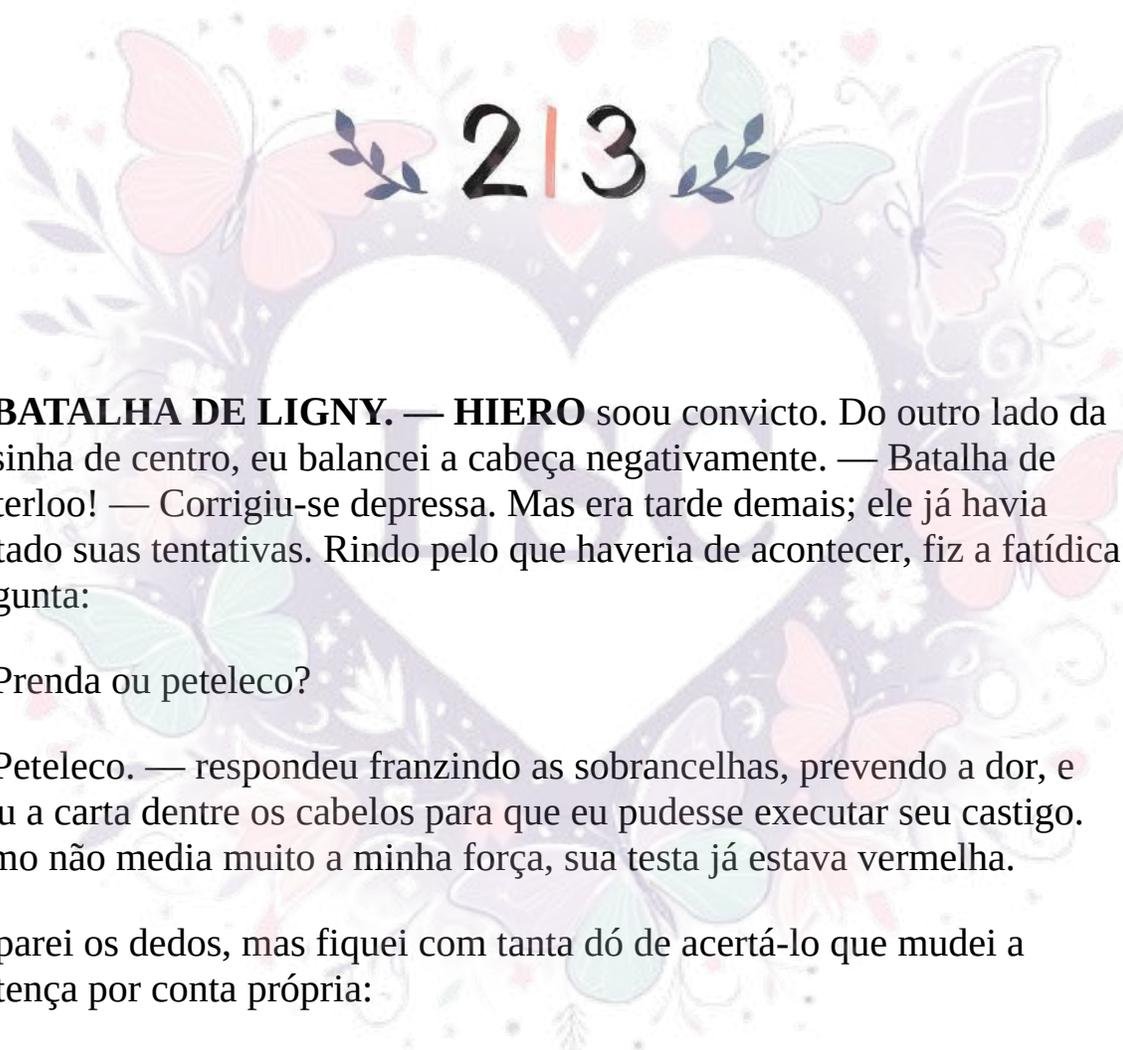
<https://youtu.be/GKo9Rw9mSNs>



Notas da autora | Olá! Como vão vocês? Esse capítulo foi enorme, eu sei. Mas estou feliz que consegui fazê-lo, foi um dos que eu já sonhava desde o início da história ^^ e ficou do jeitinho que eu tanto queria... estou ansiosa pela reação de vocês.

Ah, só um adendo, um detalhe importante: no início da história, Hiero fala que a ideia da bolsa no Saint Louis e seus estudos no exterior foi da mãe. Mais tarde, disse que *ele* tinha um plano. Agora, fala que é coisa do padrasto. Não que seja uma incongruência - só que, como vocês podem perceber, é a forma como passamos as informações para as pessoas em diferentes momentos. Provavelmente foi a mãe dele que começou com isso e plantou ideias no noivo, e o rapaz não quer desapontá-la. É só isso mesmo.

23.



— **BATALHA DE LIGNY.** — **HIERO** soou convicto. Do outro lado da mesinha de centro, eu balancei a cabeça negativamente. — Batalha de Waterloo! — Corrigiu-se depressa. Mas era tarde demais; ele já havia gastado suas tentativas. Rindo pelo que haveria de acontecer, fiz a fatídica pergunta:

— Prenda ou peteleco?

— Peteleco. — respondeu franzindo as sobrancelhas, prevendo a dor, e tirou a carta dentre os cabelos para que eu pudesse executar seu castigo. Como não media muito a minha força, sua testa já estava vermelha.

Preparei os dedos, mas fiquei com tanta dó de acertá-lo que mudei a sentença por conta própria:

— Prenda! Você vai dançar... na boquinha da garrafa! — Coloquei minha garrafinha de água em cima da mesa. — O clássico das festas de aniversário.

Hiero sorriu incrédulo.

— O quê? Ah, Bea. Isso não. É muita humilhação, eu prefiro peteleco.

— Então, eu troco. Vai, Menudo: "Canta, dança, sem parar" — comecei a entoar animadamente, pedindo com as mãos para que ele se levantasse. — "Sobe, desce, como quiser".

Sem um pingo de vontade, ele se levantou.

— "Sonha, vive, como eu." — Balançou os braços freneticamente, enquanto tentava sincronizar em vão o movimento das pernas. — "Pula, grita, oo-oo".

Nesse ponto, eu não podia mais continuar de tanto rir. Hiero era um dançarino tão flexível quanto o Robocop.

— Isso, vá rindo. Na próxima, não serei tão bonzinho. — prenunciou em tom cômico e voltou a sentar-se.

Escolhi uma carta de resposta dentre a pilha, lambi e a grudei na testa.

— Binômio de Newton. Desenvolvimento *e* termo geral. — ele deu a dica.

Comecei a escrever a resposta num papel, praguejando mentalmente. Odeio decorar fórmulas e quase sempre esqueço algum detalhe. Ah, não! Precisei apagar duas vezes, e tinha certeza de que faltava algo. Levantei os olhos para o rapaz, que mordiscava o canto do lábio inferior com um sorriso provocante.

— Peteleco. — Tirei a carta da testa, aceitando minha derrota. De qualquer forma, ele nunca o dava com força.

Porém, Hiero balançou a cabeça em negação.

— Prenda: cantar o hino nacional com um ovo na boca.

— Ahhh, não acredito. É sério isso?

Ele balançou a cabeça novamente, dessa vez, em afirmação. E ainda por cima, rindo. Safado! Bem que conseguia sair daquela sua postura de anjinho e ser malvado quando queria.

Levantei-me choramingando rumo à cozinha. Para a minha surpresa, mamãe já estava à beira da pia, descascando cebolas e alhos para o jantar. Que horas eram? Nem vi o tempo passar. Não sabia que estudar poderia ser tão divertido.

— Estão animados, hein! — ela observou em tom amigável.

— É que estamos decorando respostas para as provas finais; é tipo um jogo que a gente inventou. Falta um tempinho, mas é melhor começarmos logo. — Tirei um dos menores ovos da geladeira. Eca, que nojo. Com certeza teria de lavá-lo. — Oh! Não vi isso aqui mais cedo. — Apontei para um cartão muito bonito preso por um ímã de vaquinha na porta do eletrodoméstico. Era um convite de casamento, cujas letras enroladas e douradas se destacavam.

— Chegou pelos correios agora pouco.

— Legal — falei enquanto analisava os dizeres. — Ah, vai ser em Fortaleza... E já é no fim desse mês! Vocês vão?

— Acho que seu pai não vai, por causa do trabalho, mas a Joana já comprou minha passagem e reservou um quarto para mim. Disse que era uma forma de agradecer por hospedarmos Hiero tão bem. A festa será num *resort* cinco estrelas!

— Uau!

— É, *uau* mesmo. O traje é *black-tie*. Vou precisar de um vestido novo!

Quase pude ver estrelinhas em seus olhos. Mamãe parecia uma adolescente outra vez. Não pude evitar o riso; não eram todos os dias que poderia vê-la tão animada assim.

— Oh, é mesmo. Bibi, tem como você ir ali no mercado e comprar um maço de cheiro-verde, cenouras e azeitonas para a salada de maionese? Ah, e compre pão pra amanhã. Se quiser, vá com o Hiero.

— Pode deixar, dona Márcia — o dito-cujo apareceu ao meu lado. Provavelmente tinha se cansado de tanto me esperar. — Voltamos em um instante.

Agarrei o dinheiro que ela tirou do avental e deixei o ovo em cima do balcão.

— Salva pelo gongo... — ele disse baixinho, sorrindo.

— *Hehe*. — Fiz sinal de vitória com os dedos.

Realizar atividades corriqueiras como sair para comprar algo, limpar a cozinha ou estender roupas na companhia de Hiero vinha sendo cada vez mais frequente. Até que não era nada mal ter um par de mãos extras e um pouco de entretenimento durante essas tarefas tão chatas. Isto é: porque, nesses momentos, assim como as voltas para casa, os assuntos entre nós variavam de cômicos a interesses em comum. E descobri que tínhamos mais em comum do que pensava: a começar pelos gostos musicais, comidas favoritas e até a predileção por gatos como animais de estimação.

Ocasionalmente, como naquela vez no Ibirapuera, saíamos das trivialidades e acabávamos também compartilhando preocupações, anseios e sonhos. Por alguma razão, Hiero mantinha-se reservado sobre umas coisas, como, por exemplo, sua família. Ele apenas tecia comentários carinhosos sobre sua mãe, e nada mais. Apesar disso, eu sentia que nossas conversas aos poucos ganhavam novas colorações, novas nuances.

Era meio estranho... Até ontem não existia nada lá. Às vezes me pegava a divagar quando foi que tudo começou a mudar entre nós.

Hiero entediou-se de dar voltinhas pela calçada, e vindo para perto de mim, falou sobre meus ombros:

— Vamos logo, Bea, sua mãe já deve ter feito cem anos esperando a gente...

— Peraí, rapidinho.

Eu não desgrudava os olhos daquela edição da Atrevida. Oh, meu Deus! Que notícia maravilhosa! Ao que tudo indicava, o *NSYNC iria voltar a gravar outro CD depois de algum tempo com o grupo desfeito.

— *Beeea...* — Hiero cantarolou com sua voz de chocolate. Então, fez cosquinha em minha orelha, roçando nela uma folhinha alaranjada que devia ter colhido de alguma árvore próxima à banca.

Subi um ombro como reflexo.

— Para, seu bobo...!

Mas ele o fez outra vez, então me virei para acertá-lo com a revista. O garoto se esquivou, rindo, e voltou a me aguardar por ali.

Ah, é. Ultimamente Hiero começara a fazer brincadeiras como essa para me provocar. Será que vinha aprendendo essas coisas com o Bruno?

— E aí, menina, vai levar ou não? — o senhorzinho da banca soou impaciente. — Se o rapaz quiser alguma coisa, eu faço uma promoção para o casalzinho.

— N-não somos um *casal*! — devolvi a revista num supetão e praticamente saí correndo.

Hiero, que estava mais à frente, juntou-se ao meu passo.

— O que aconteceu?

— N-nada, não... — Tentei esconder meu rosto, virando-o para o lado. — É só porque não podemos demorar mesmo.

Velhinho sem-vergonha. Onde já se viu.

Fizemos as compras no mercado, tendo bastante cuidado na escolha dos produtos em comparação ao preço. Como sempre, "esqueci" as cebolinhas. O interessante é que nem gastamos vinte minutos, mas assim que saímos do estabelecimento, nos deparamos com o céu escuro, como se algum confronto entre potestades estivesse acontecendo lá em cima. Alguns

relâmpagos brilharam no horizonte, seguidos de trovões estrondeantes. Pouco depois, já sentíamos as gotas geladas.

Hiero me passou a sacola e tentou fazer um telhadinho com sua jaqueta camuflada. Ele a colocou sobre nós e, unidos, começamos a correr – um tanto desajeitados –, pensando que poderíamos chegar em casa antes que a chuva realmente engrossasse. Porém, ela aumentou repentinamente, obrigando-nos a procurar refúgio debaixo de uma marquise qualquer.

— Nossa! — exclamou, espremendo a jaqueta. Infelizmente, ela não impediu que ficássemos encharcados. — Quem diria... O tempo estava tão bom.

— É mesmo. Que loucura!

Fiquei com dó dele, pois seus braços estavam descobertos e provavelmente devia estar morrendo de frio.

Seus cabelos molhados, os quais grudavam em sua testa, me fizeram lembrar do episódio da piscina. Engoli os lábios e desviei meu olhar.

— O que foi?

Oh, não, ele percebeu.

— Nada.

— Pode falar, se quiser. — insistiu em um sorriso.

— Nada, não... — voltei minha atenção à movimentação da rua, tímida.

Passamos uns instantes apenas observando o aguaceiro. Parecia que todas as comportas dos céus haviam se aberto de repente. Algumas pessoas corriam, também fugindo da chuva; outras, se abrigavam em sob telhados de outros lugares; carros passavam espirrando água das poças para todos os lados.

Subitamente, a sensação de *déjà vu* daquela tempestade fez-me voltar a um ponto importante em meu coração. Mas será que era uma boa hora? Nos

últimos dias, eu senti mesmo que estávamos nos aproximando a ponto de estar à vontade, só não encontrava o *timing* perfeito...

Tudo bem, seria ali mesmo. Eu já vinha pensando naquilo há muito tempo, e aquele momento parecia propício. Não seria bom procrastinar ainda mais, por isso, reuni minha coragem e...

— Bea, eu queria te fal...

Mas acabei não ouvindo tudo porque, por pura coincidência, foi a mesma hora em que falei:

— Eu queria perguntar algo...

Nós rimos.

— Primeiro você. — pedi.

— Não, pode falar primeiro. Eu espero.

— C-certo.

Coloquei uma mecha atrás da orelha e umedecei os lábios.

— Num dos dias... — titubeei um pouco. — Enquanto estive no seu quarto... eu achei uma foto no meio das suas coisas. Nós estamos tomando sorvete... D-digo, na foto. Eu e você, uns anos atrás; e eu não lembro disso... — Foco, Beatrice, foco! — Bem, o ponto é que...

Finalmente consegui olhar para ele, mas gelei ao ver sua mudança radical de expressão. Como se estivesse diante de uma assombração, ele estava mais pálido que o normal e seus olhos pareciam perturbados. Oh, não. Essa era uma das reações que temia.

— Desculpa, eu não tive a intenção, eu só-

— O que estava fazendo, mexendo nas minhas coisas sem permissão?

A entonação de sua voz fez aumentar meu nervosismo.

— Eu não mexi, eu juro! Eu encontrei... é... estava debaixo da cama, eu apenas dei uma olhada-

— Em qual caderno você encontrou essa foto?

— E-em *qual* caderno...?

— Bea, não se faça de desentendida.

O nervosismo começou a dar lugar à raiva.

— Oras, o único que estava lá! E por que isso é tão importante?!

O seu maxilar ficou tenso e suas sobrancelhas arquearam, formando um sulco. Ele falou mais alto, combinando com o crescente barulho da chuva sobre as telhas da marquise.

— Não minta para mim.

Um bolo de indignação preencheu minha garganta.

— Eu não estou mentindo! Eu juro; não sei de outros cadernos! Só achei o da capa de couro marrom. Caramba, Hiero, você não pode confiar em mim só um pouco?! — explodi. — Achei que tínhamos virado *amigos*! E amigos confiam uns nos outros!

— *Eu não sei*, tá legal?! — Ele também pareceu ter chegado num limite. — Como posso saber; quem me garante que é verdade? Você mente o *tempo inteiro para todo mundo*, Bea!

Ah, não.

Ele não falou isso.

Ele não falou isso!

— Espera, não foi o que eu quis dizer. — Ele bem que tentou consertar, mas o estrago já estava feito.

— Quer saber?! Que se exploda você e essa merda toda! Eu só queria perguntar uma coisa, seu babaca!

Joguei a sacola de compras nos braços dele e saí correndo pela chuva. Idiota, mil vezes idiota! Por que ele não podia simplesmente entender o meu lado e relevar algo tão *bobo*? Qual era o problema em simplesmente querer saber um pouco mais do meu passado? Eu não estava no meu direito? E o que tinha de tão especial em um caderno estúpido?

Em pensar que me preocupei tanto; fiquei com tanto medo de magoá-lo, e ele pisou em tudo isso sem dó nem piedade.

"Eu não sei".

Não queria admitir, mas aquelas simples palavras foram as que mais me magoaram. Aparentemente, aquele último mês não tinha significado nenhum. As conversas, as brincadeiras... nada. Nada.

Cheguei em casa e voei para o meu quarto. Encharcada mesmo como estava, desabei atrás da porta do meu closet, abracei as minhas pernas e permiti-me soluçar livremente.

24.

A decorative graphic featuring a central number '214' with a vertical bar between the '1' and '4'. The number is surrounded by stylized butterflies in shades of pink, purple, and green, along with floral and leaf motifs. The background is a soft, light purple gradient.

NO DIA SEGUINTE, NÃO consegui entender bulhufas das aulas. Talvez os professores tivessem passado a falar grego magicamente. Talvez, como a Alice no País das Maravilhas, alguém de cabelos negros sentado uma carteira à minha frente tivesse crescido anormalmente a ponto de ficar atrapalhando toda a minha visão do quadro. Seja como for, passei a maior parte do tempo ora debruçada sobre minha carteira, ora fazendo desenhos nas bordas do caderno, totalmente alheia aos assuntos apresentados.

Na verdade, sentia-me estúpida. Por que raios aquilo era tão importante a ponto de me fazer chorar até ficar com dor de cabeça? Pouco tempo atrás, isso seria um absurdo. Chorar por causa do Hiero...? *Hmp*. Tinha vergonha até de lembrar.

O problema era que, apesar das minhas tentativas de direcionar a atenção a qualquer outra coisa, volta e meia me pegava pensando naquela discussão ridícula. Também não conseguia evitar de ficar espionando o rapaz, desejando ser uma fadinha que pudesse se infiltrar e descobrir os pensamentos dele.

— O que há com você hoje? — Dahlia perguntou-me no intervalo, enquanto escolhíamos algum local para sentar. Infelizmente o gramado estava todo molhado pela leve garoa. — Brigou com o Hiero, foi?

Oh. Achei que estava fingindo bem a normalidade. Até fiz uma maquiagem mais reforçada para disfarçar as olheiras e forçava um sorriso todas as vezes que alguém falava comigo. Mas, por algum motivo, não estava funcionando muito.

— B-briguei? Há! Que isso.

— *Hmm*, estranho. Uma hora dessas ele estaria aqui, conversando com você todo animado; talvez inventando alguma desculpa para puxar a sua liguinha de cabelo, algo do tipo.

Senti uma onda quente subir pelo pescoço e se alojar nas minhas bochechas.

— N-n-nada a ver! Nem é assim! Nós não-

— Ah, Bea, conta outra, vai. É bem perceptível que vocês se aproximaram nessas últimas semanas. Eu mesma nunca vi você conversar assim com nenhum outro rapaz. Nem com o Luke.

— *Há, há, há*, sua boba! — Ri igual uma tonta. — Até parece. Eu converso sim com o Luke. Mas é que... é que... você não percebe. É, deve ser. — E apressei-me em tomar minha coquinha pelo canudinho.

Dahlia fez uma cara de "é sério isso?", levantando as sobrancelhas e torcendo a boca.

— Seja como for, me admira que Mima não esteja cheia de ciúmes. — continuou. — Talvez ela só não percebeu, ou quem sabe está tão cega de paixão que ache que até o *pum* que o Hiero solta é por causa dela.

As bolhas do refrigerante subiram pelo meu nariz, fazendo-me espirrá-lo para todos os lados. Cadê aquela minha amiga fofa e carinhosa, e o que *essa* garota havia feito com ela?

— Credo, Dahlia!

Ela gargalhou.

— Estou falando a verdade! Chega ao cúmulo dela juntar o papel de atividades que ele joga no lixo só pra ficar admirando a letra dele. Qualquer borracha emprestada é uma *prova de amor*.

Sim, eu percebi que Mima aproveitava todas as oportunidades que tinha para alugar o rapaz, mas não que a paixão dela estava num nível tão absurdo. Será que eu era tão tapada assim para ler as pessoas?

— Olha, lá vai ele. — Gesticulou com a cabeça.

Observei-o atravessar o pátio. Como se tivesse sido chamado, ele se virou. Era Mima, que veio correndo ao seu encontro.

— Não falei? Oh, e olha aí a sua cara de emburrada.

Desviei o olhar para baixo, tentando ignorar aquele estranho incomodozinho no fundo do coração.

— Tá bem, Dahlia, entendi. Já pode mudar seu nome para Sherlock Holmes.

Embora não fosse dia de ensaio, meu tormento não passou quando o último sinal tocou. Pelo contrário: diferente da ida ao colégio, a qual havia conseguido evitar Hiero acordando mais cedo, não poderia impedir a volta em sua companhia. Felizmente, esse momento foi postergado por um anúncio feito por Luke em frente ao quadro assim que o professor Cabide, de Físico-Química, deixou a sala.

— Bem, gente, temos um pequeno problema. Estamos há quase três semanas da nossa apresentação e precisamos de um novo Isaac Newton. Como vocês sabem, ontem o Guilherme quebrou o braço. Ah, sejam todos bons coleguinhas e não escrevam coisas obscenas no seu gesso. — Houve risos por toda a sala. — Os nomes que sugiro para os substitutos são: Marcos, Lucas Lira, Luis Otávio e... Hiero.

— Eu voto no Hiero — Mima levantou a mão.

Os três rapazes citados também levantaram as mãos em acordo.

— Ele já sabe todas as falas — justificou-se Luis Otávio. — Além disso, já estamos como figurantes em outras cenas.

— Você fica com o papel, então, Hiero? — Luke quis confirmar.

O rapaz pensou por uns segundos.

— Tudo bem, acho que dá sim.

— Perfeito! — O loiro bateu uma palma. — Ah, por favor, Mima.

A garota, acompanhada das outras alunas do seu grupo de atividade, foi à frente. Elas seguravam grandes sacolas de papel, dessas de lojas de roupas. Com um grande sorriso, ela disse:

— Tenho o prazer de anunciar que quase todos os figurinos estão prontos! A partir da semana que vem, vamos todos ensaiar à caráter.

A turma comemorou com assobios e palmas. Mima teve de esforçar a voz para continuar:

— Claro, não são profissionais como os dos teatros de verdade, mas estão muito bons! — A algazarra foi cessando. — Bem, os que estão atuando, venham aqui para receberem suas roupas. Algumas serão entregues na próxima segunda.

Então, começou uma movimentação de alunos, barulho de cadeiras sendo arrastadas e um zum-zum-zum de conversas paralelas. Eu permanecia em meu lugar, sem qualquer disposição, segurando minha cabeça em uma das mãos. Hiero também não havia se levantado, e eu apenas fitava suas costas. Para a surpresa de um total de *zero* pessoas, Mima trouxe-lhe uma sacola e aproveitou a desculpa da ocasião para sentar-se ao seu lado. Ela se inclinou em direção ao ouvido dele para cochichar-lhe algo; ele assentiu com a cabeça e riu. Naquele momento, bem que gostaria de transformar-me numa abelhinha para ouvir o que tanto falavam que parecia *tão especial*.

— Oooi! Terra para Bea.

A voz de Luke despertou-me dos meus devaneios. Ele puxou uma cadeira e sentou-se de frente a mim.

— O que foi, gatinha? Parece tão cansada e distraída hoje. Aconteceu alguma coisa?

Espiei rapidinho os dois indo para um canto da sala. O que eles iriam fazer?

— Eu não dormi bem... Muito estresse. — Subi os ombros. — Tem a peça e as últimas provas... É muita coisa para pouco tempo.

— É, eu sei. — Ele fez um carinho de leve em minha mão. — Vai ficar tudo bem. Você é muito inteligente e esforçada. Não precisa se cobrar tanto assim a ponto de...

Hiero vestiu uma casaca de bordas compridas sobre a camisa do seu uniforme. Ela assimilava o estilo do século 16 ou 17 na cor marfim com uma fileira de botões dourados; porém, parecia um pouco apertada nos ombros e curta nas mangas. Fazia sentido: em comparação à Guilherme, Hiero era mais encorpado e atlético. Mima o analisou, mantendo um dedo sobre a boca. Então, ajudou o rapaz a tirar a peça e, com uma fita métrica, começou a medir cada centímetro do seu tronco.

— ... e acho que um pouco de distração cai bem. — voltei a ouvir a voz de Luke. — Por isso, *voilà!*

Ele tirou do bolso um bilhete alongado, colorido, e o estendeu a mim.

— O que acha?

— Oh? Pensei que havíamos combinado de não sairmos sozinhos.

— Mas quem disse que a gente vai sozinho? — O loiro abriu um enorme sorriso, fazendo aquela sua covinha se destacar em sua bochecha. — Tenho um Passaporte da Alegria para cada um. Será um dia de diversão entre *amigos*.

Ah! Fala sério! O que há de tão difícil em tomar medidas que precise fazê-lo três vezes no mesmo local?

— M-mas às vésperas da apresentação? — retornei meu olhar a Luke.

— Vamos lá, gatinha. Estamos dando tão duro aqui; merecemos um dia pra nos divertir, não acha? É só por uma tarde, vai. Além disso, é especial do mês de aniversário do Playcenter e vão ter umas atrações exclusivas, como o Castelo dos Horrores e um show de fogos de artifício no final.

— Ah... eu acho que...

Nesse segundo, acabei olhando de novo na direção daqueles dois, porém, dessa vez encontrei Hiero sozinho no mesmo canto – e me encarando. Meu susto foi tão grande que virei rapidamente a cabeça e quase gritei para Luke:

—...ééé uma ótima ideia! — E fiquei rindo como se ele tivesse contado a piada mais divertida do mundo.

— É isso aí — O rapaz começou a rir também, mas com uma expressão meio confusa. — É dessa animação que tô falando! Uhu! — Ele sacudiu um punho no ar.

— Uhu... — Imitei seu gesto, internamente dando gritos de vergonha.

— Então, até amanhã de manhã. Não vá fugir, hein. — O loiro bagunçou de leve meus cabelos e foi recolher suas coisas.

Reuni coragem para espiar novamente, mas Hiero não estava mais lá.

— Aqui, amiga — Mima depositou uma sacola de papel sobre minha mesa.

— E essa outra é da Dahlia, mas ela já foi embora, então...

— A Dahlia já foi embora?

Mima rolou os olhos para cima e sorriu.

— Alô, Bea, em que planeta você está hoje? A Dahlia senta do seu lado. Oh, a propósito, você vai né? Para o Playcenter.

Balancei a cabeça em afirmação, mas não estava tão convicta assim. O rosto da garota se iluminou.

— Ah, *amigaaa!* Obrigada por me dar essa força. Na verdade, eu penso que isso é como se fosse um encontro triplo: você e Luke, eu e Hiero, e a Dahlia e o Chris! Não é demais?!

Quê?

Um encontro... triplo?

— Você vai poder aprofundar seu relacionamento com o *seu* loirinho, a Dahlia vai conseguir melhorar o dela com o Chris e... eu... — suspirou toda apaixonada e continuou em tom confidencial. — Eu vou poder me confessar durante o show de fogos. Acho que será um momento perfeito...! Por isso, queria que minhas amigas estivessem lá para torcerem por mim. Oh, estou *tãoo* nervosa! E tão feliz que você vai estar lá, me dando todo apoio!

Eufórica, ela me abraçou batendo os pézinhos no chão. Pisquei várias vezes, sem saber o que fazer. Após uns segundos, destravei e levantei as mãos, dando uns toquinhos afetuosos em suas costas e retribuindo o sorriso quando nos separamos.

Contudo, eu não sabia porque aquilo me deixou um pouco... irritada.

Meu mau humor ficou ainda mais acentuado quando deparei-me com Hiero parado próximo ao portão de saída. Ele estava escorado no muro, mantendo as mãos no bolso. Assim que me viu, apressou-se a me acompanhar.

— Bea, vamos conversar.

Eu fingi que não havia ninguém ao meu lado e continuei a andar rápido. O rapaz não teve outra escolha a não ser parar-me com um leve toque no meu antebraço.

— Você nem quer nem ouvir o que eu tenho a dizer?

— Acho que você disse o suficiente ontem.

Ele fechou os olhos e inspirou fundo.

— Bea, não fica assim tão brava. Por favor, me desculpe. Eu não deveria ter reagido daquela forma. Sabe, tem algumas coisas que... — sua voz falhou.

— Tem algumas coisas sobre mim que são complicadas.

"Sim, Bea, nós somos amigos. Sim, eu confio em você". Era só *isso* que eu queria ouvir, mas senti-me ainda mais idiota por ficar esperando em vão por essas palavras.

— Tanto faz. — respondi secamente, fingindo indiferença. — E aí, você vai? — apontei para o pedaço do bilhete colorido que saía pelo bolso da sua jaqueta preta.

— Bea, vamos lá...

— Você vai ou não?

Eu não estava interessada na resposta, só queria desviar o assunto para qualquer outro tópico. Hiero percebeu que não cederia tão fácil, então somente suspirou e continuou a andar.

— Não sei se é uma boa ideia, sinceramente. — respondeu, por fim.

— Bem, eu acho que é *ótimo* relaxar e se divertir antes da loucura do fim do semestre. — O meu velho hábito de espezinhá-lo ressuscitou, e passei a jogar como a "do-contrá". — Além disso, a Jemima está doidinha pra ir.

Ele parou e me olhou com estranheza.

— E o que ela tem a ver?

Ui, eu não podia nem tocar no nome da *amiguinha* que ele já ficava todo irritado.

— O que você acha? — sorri cinicamente.

— Eu sei lá! Ah, acho que na verdade você quis dizer: o *Luke* está doidinho pra ir.

— *Ahhrg*. — Revirei os olhos e apressei o passo. Hiero veio atrás de mim e segurou meu antebraço novamente.

— Vem cá, Bea, por que estamos fazendo isso? Olha, eu sei que você está chateada, mas tudo o que eu fiz foi num momento de descontrole. Eu sinto muito mesmo.

Momento de descontrole? Ele ainda não percebia o que havia feito?

— Não quero soar como se estivesse me justificando, mas fiquei muito surpreso que você mexeu nas minhas coisas sem pedir, e...

— "Mexeu"?! — Desprendi-me dele com força. — Eu já falei que não mexi, eu apenas encontrei, foi uma coincidênc... Ahrg! Esquece! Não quero mais falar sobre isso.

Droga. Nem eu mesma sabia por que me importava tanto assim.

— Se não quiser ir ao parque, o problema é seu, mas *eu vou!* E vou me divertir muuuito! *Com o Luke!* — emendei em tom de provocação e saí pisando duro.

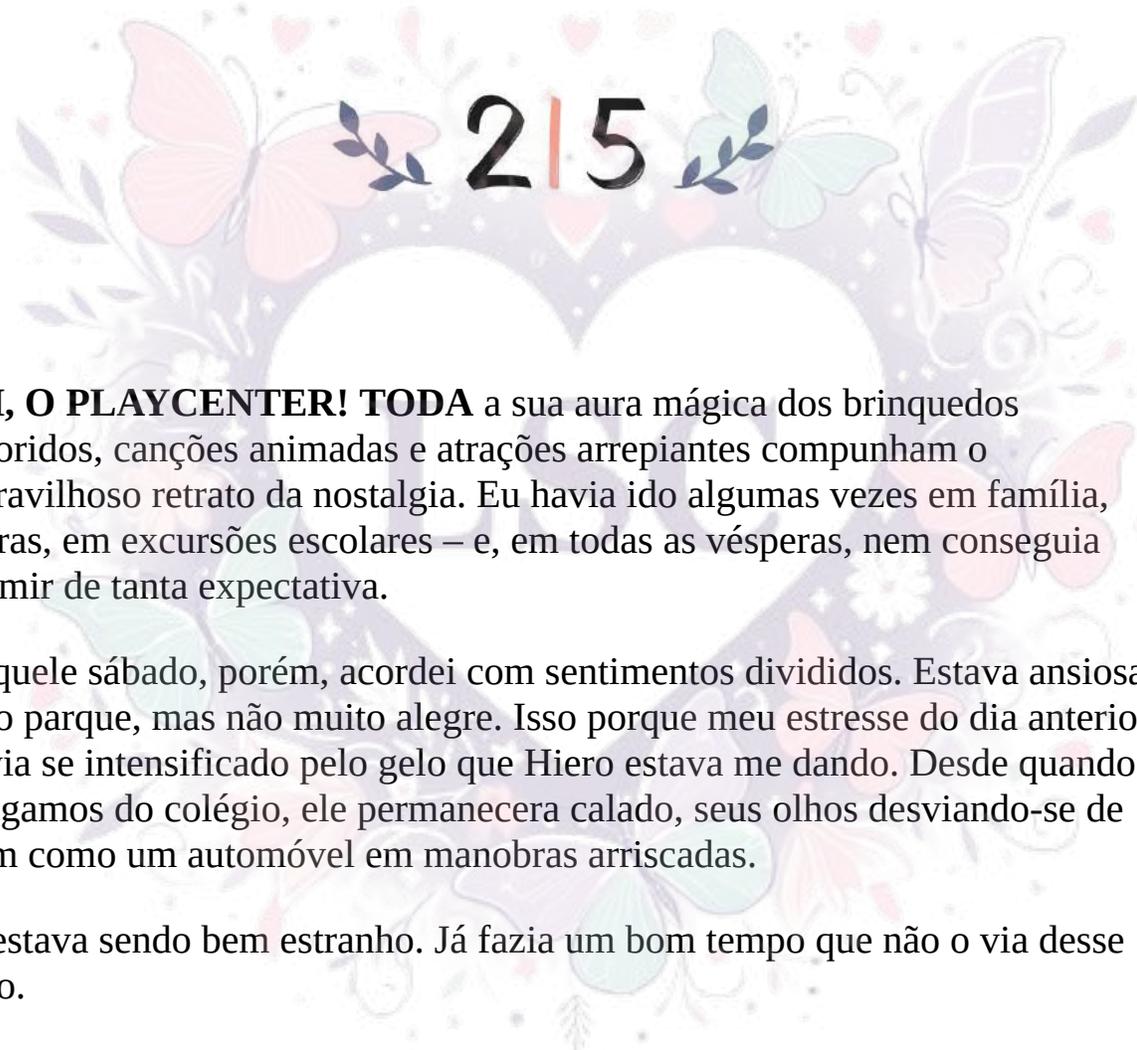
Mas então, Hiero andou mais rápido e por pouco não esbarrou em mim quando me ultrapassou. Como se estivesse realmente zangado, continuou o caminho para casa sem olhar para trás.



Notas da autora | Olaar! Vim aqui rapidinho agradecer pelas novas leituras e comentários :D é tão gratificante ver como meu trabalho está sendo reconhecido (̄̄̄)☆ não esqueçam sempre de **votar**, porque assim consigo ver quem está acompanhando até agora! Beijinhos e até o próximo capítulo! ~♡



25.

A decorative graphic featuring a large, faint number '215' in the center. The number is surrounded by colorful butterflies in shades of pink, purple, and green, along with floral and leaf motifs. The background is a soft, light purple gradient.

AH, O PLAYCENTER! TODA a sua aura mágica dos brinquedos coloridos, canções animadas e atrações arrepiantes compunham o maravilhoso retrato da nostalgia. Eu havia ido algumas vezes em família, outras, em excursões escolares – e, em todas as vésperas, nem conseguia dormir de tanta expectativa.

Naquele sábado, porém, acordei com sentimentos divididos. Estava ansiosa pelo parque, mas não muito alegre. Isso porque meu estresse do dia anterior havia se intensificado pelo gelo que Hiero estava me dando. Desde quando chegamos do colégio, ele permanecera calado, seus olhos desviando-se de mim como um automóvel em manobras arriscadas.

É, estava sendo bem estranho. Já fazia um bom tempo que não o via desse jeito.

Até o tosco do Bruno percebeu. Passou o trajeto todo para o parque tentando nos tirar daquele climão, contando histórias desastrosas dos brinquedos (com certeza inventadas) e algumas piadas meio sem graça, para variar. Só teve algum sucesso quando relatou (por cima dos meus gritos de protesto) um dos meus maiores micos da vida no LaBamba – uma roda giratória que chacoalhava e não tinha dó nem piedade de quem não se segurasse direito.

Nesse episódio infame, fiquei sem forças para me segurar na barra e, no meu desespero, agarrei as pernas de um menino qualquer e acabei arrancando-lhe as calças. Foi aí que Bruno ganhou uma gargalhada de Hiero e um quase-estrangulamento meu. Sorte a dele por estar dirigindo, e que eu não queria causar um acidente catastrófico em plena Marginal Tietê!

Pela misericórdia do pai celeste, já estávamos chegando. Mais uns minutos daquele falatório e eu precisaria de uma camisa de força.

Desci do carro e bati a porta.

— O quê? Eu só estava tentando melhorar os ânimos — tentou justificar-se. Às vezes parecia que meu irmão tinha minhocas em vez de cérebro! Talvez o Bruno responsável que me dera a mão naquele outro dia fosse um alienígena impostor.

Dei-lhe uma banana com o braço e o bocó apenas riu.

Verifiquei meu celular e vi uma mensagem da Dahlia, dizendo que todo mundo já esperava a gente do lado de dentro. Prossegui, então, para as catracas e Hiero seguiu-me em silêncio. Recebemos os típicos carimbos nas costas das mãos e logo estávamos rodeados de gente, carrinhos de comida e estruturas de ferro gigantes.

Um maravilhoso aroma de caramelo da maçã-do-amor, frituras e pipoca amanteigada pairava no ar e música eletrônica dos auto-falantes misturava-se às risadinhas e gritos de emoção. Bolhinhas de sabão flutuavam com o vento.

Ah, como eu amava parques de diversões! Agora que estava lá, aquela atmosfera fantástica serviu para amenizar meu nervosismo.

— Bea! — Minhas amigas exclamaram juntas quando me viram.

Mima veio correndo ao nosso encontro. Diferente de mim, que havia escolhido calças jeans confortáveis e um gracioso cardigan branco por causa do frio, ela trajava uma mini saia, botas de cano alto – e a camisa de Hiero, ajustada ao seu corpo com um nó.

— O-o que você fez com a minha blusa?! — O rapaz arregalou os olhos.

— Eu avisei que ia dar birro — Ela levantou os ombros, a voz tão pegajosa quanto xarope de bordo.

— Não, mas...! Eu quero ela de volta!

— Só se você me acompanhar no Castelo dos Horrores mais tarde. Aí eu vou pensar no seu caso. — flertou, piscando um olhinho pra ele.

Quer dizer, amenizou um *pouquinho*. Observar a interação dos dois fazia me sentir estranha, tipo como se tivesse comido algo estragado.

Desviei a atenção deles a tempo de não ver a reação do rapaz. Fingindo que nada acontecia, acenei para Dahlia. Luke, que estava engatado numa conversa com aquele que só poderia ser o Cris, virou-se e deu um largo sorriso para mim.

— Oh, você está usando... — o loiro observou com certa satisfação quando cheguei mais perto. Elevei a mão e conferi se a presilha da Chanel estava bem ajustada.

— Pra meu cabelo não ficar um ninho de pássaro no fim do dia. — graciei.
— Oh, você deve ser o Cristian! Muito prazer, Bea.

— Ah, a famosa Bea.

Enquanto cumprimentava o jovem, Luke apoiou gentilmente uma das mãos nas minhas costas. Porém, o toque não durou nem dois segundos, já que Hiero apareceu no meio de nós e também estendeu a mão para Cris, apartando-nos.

Estudei o rosto do rapaz de cabelos negros e percebi que praticava a minha mesma estratégia de fingimento: sorriso muito estético e cortês, mas a plasticidade denunciada pela falta de brilho no olhar.

Saudações feitas, pusemo-nos a andar estrategicamente alinhados nos respectivos pares: Luke e eu, Hiero ao meu lado, Mima ao lado dele, Dahlia e Cris.

— Qual vai ser nosso primeiro brinquedo? — Dahlia perguntou. — Ao nosso lado tem a Barca Viking, mas é tão chato só balançar de lá pra cá.

— Concordo. — falei. — Gosto mesmo é de adrenalina. Tipo o Cataclisma, que dá volta completa.

— Então, vamos nessa — Luke encabeçou-nos.

Na fila, todos falavam animadamente e contavam piadas, menos eu e Hiero. Bem, de vez em quando até que dávamos alguma opinião ou inteirávamos algo. Quem mais dominava era Mima, seguida de Luke.

Fomos no Cataclisma e no tão temido Evolution, um brinquedo que funcionava como um pêndulo, enquanto as gôndolas rodavam igual a um peão.

Somente nos poucos minutos em que estivemos em cada brinquedo eu me senti totalmente liberta de qualquer sentimento ruim. Minha mente ficou vazia, enquanto uma espécie de eletricidade invadia cada tecido muscular — o clássico frio na barriga. Quando dei por mim, gritava e gargalhava. Até que não estava sendo tão ruim quanto imaginava.

Ao sairmos do Evolution e nos perguntarmos qual seria o próximo, Hiero sugeriu em tom de desafio:

— Para os rapazes: que tal irmos de novo? Quem passar mal paga um lanche para as garotas.

Ele falou "rapazes", mas estranhamente pareceu ter se dirigido a Luke. Educadamente, Cris declinou. O loiro, com um meio sorriso e chamadas competitivas em seus olhos, topou. E lá foram eles de volta para a fila.

Mima cruzou os braços, fazendo um beicinho.

— E o que nós fazemos agora?

— *Tsc, tsc, tsc* — Dahlia balançou a cabeça e deu as mãos ao namorado. — Deixa eles pra lá. Que tal irmos no Boomerang?

— É um dos meus favoritos! — comemorei.

Enquanto esperávamos pela nossa vez, pude conhecer um pouco mais o Cris. Ele era bem afeiçoado, com cabelos castanhos e ondulados caindo perto do pescoço, olhos risonhos e a pele bronzeada. Tinha um físico de surfista. Era um ano mais velho que nós e parecia ter sempre uma referência a algum quadrinho ou série na ponta da língua.

Era muito bonitinho vê-los juntos, embora Dahlia tivesse confidenciado que eles não estavam assim tão bem. Notei como ela agia manhosa perto dele, diferente da postura habitual, mais séria.

Depois da volta alucinante no brinquedo, resolvemos procurar Hiero e Luke para reunirmos o grupo. Encontramos os dois ali perto do Evolution. Hiero inspirava e expirava pausadamente, mantendo uma mão fechada sobre a boca. Luke inclinava-se e segurava as pernas. Podia jurar que seu rosto estava verde, e, como se estivesse com ânsia, inflava as bochechas e depois engolia.

— Ele vai vomitar. Ai meu Deus, Cris, leva ele ao banheiro — Dahlia desesperou-se.

O namorado correu para ajudá-lo, mas, talvez por orgulho ou apenas teimosia, o loiro mostrou-lhe a mão aberta.

— Não, pode deixar, eu estou be... *blerg*.

Não teve jeito. Ele precisou ir, ou faria um espetáculo de horrores ali mesmo.

O coitado nem conseguiu almoçar. Compramos besteiras como sanduíches e cachorros-quentes; ele só quis um pouco de suco. Pelo seu silêncio, percebi que estava envergonhado.

Confesso que fiquei com dó. Embora tenha sido responsabilidade dele por aceitar o desafio, ele quem comprara os ingressos para todo mundo e era o que mais estava animado por hoje. Ninguém merece, vai.

Sentada ao seu lado à mesa da lanchonete, inclinei-me a ele e cochichei:

— Está tudo bem?

Sua voz veio meio fraca, tímida.

— Sim, eu só preciso de mais alguns minutos. Eu sempre fui bom em aguentar essas coisas, não sei o que aconteceu. — Ele chegou mais para perto, mantendo o rosto bem próximo ao meu. — E qual o lanche que você vai querer mais tarde? Aposto é aposta.

Desvencilhei-me dele, afastando-me um pouco.

— Não sei... uma maçã *caramelizada*, talvez?

Oh. Por alguma razão, eu havia evitado falar "maçã-do-amor".

— Boa escolha, gatinha.

Nesse momento, percebi que Hiero nos fitava com cara de poucos amigos enquanto mastigava um pedaço de pizza. Fiz-lhe uma careta discreta, como quem diz "perdeu algo na minha cara?", mas ele só ignorou e voltou a ouvir a tagarelice de Jemima ao seu lado.

Não fazia nem uma hora que tínhamos ido no Boomerang, mas agora quem parecia estar naquela montanha-russa era meu coração, dando piruetas e loops, num alto e baixo de emoções.

Foi assim o resto do dia, especialmente em alguns momentos, como quando passamos pelas cabines de tiro ao alvo. Logicamente nós, as garotas, ficamos muito interessadas em conseguir alguns bichinhos de pelúcia. Tentamos umas quatro fichas cada uma e não conseguimos. Luke comprou algumas e, enquanto tentava mirar meticulosamente no alvo, Hiero atirou várias vezes com a espingardinha ao lado, conseguindo quatro prêmios. O negócio é que não tínhamos como ficar andando com bonecos nas mãos, então decidimos buscá-los na saída.

Contudo, Hiero reclamou um deles na hora. Era um chaveirinho de gatinho muito fofo. Quando os outros se puseram a andar, ele o estendeu a mim de

forma furtiva e um tanto desinteressada.

— Toma. Eu vi você mirando nesse.

Acho que era a primeira vez que dirigia-se a mim naquele dia. Senti as bochechas arderem.

— E-eu não estava, não. — Fiz-me de difícil.

— Bom, se você não quer... — ele fez menção de guardar o objeto no bolso, mas rapidamente agarrei-o da sua mão.

— *Eu quero!* Er... Quer dizer...

Espere. Que sensação de déjà-vu.

Hiero soltou uma risadinha, suavizando um pouco a postura de *badboy* – evidenciada até na sua escolha de vir todo de preto e no boné camuflado – e também se pôs a andar.

Outro momento interessante foi quando fomos na Looping Star. Definitivamente aquela era a minha atração favorita. Corri na frente para que pegássemos o assento dianteiro, o qual tinha uma visão privilegiada. Hiero e Mima sentaram-se atrás de nós; Dahlia e Cris, mais atrás.

Ah, não existe nada tão eletrizante quanto a queda repentina dos carrinhos nos trilhos de uma montanha-russa. Após uma curva, Luke gritou:

— Sem as mãos!

Levantei os braços, sentindo como se fosse levantar voo a qualquer instante.

— Sem os pés! — Hiero gritou atrás de nós.

— O quê? — Virei-me, sem poder conter o riso daquela piada (?) inesperada. Foi aí que a minha xuxinha com um laço escorregou dos meus cabelos, mas Hiero conseguiu agarrá-la em pleno ar. Já a presilha da Chanel, a qual prendia minha franja, não teve a mesma sorte. Ela rodopiou igual a uma folha numa ventania e sumiu de vista.

Pobre presilha. Fiquei triste por perder um dos meus únicos itens de luxo.

Meu cabelo solto emaranhava-se como se estivesse dentro de um furacão. Estiquei a mão por cima do ombro e Hiero inclinou-se para entregar-me o laço, porém, nossas mãos não conseguiam se encontrar. Foi quando olhei o seu rosto. Ele, que até então ria de como estavam meus cabelos, mudou a expressão para uma que eu não conhecia. Seus lábios curvaram-se num leve sorriso e seus olhos fixaram-se nos meus, brilhantes como duas bolinhas de gude. Ficamos uns momentos assim, nos olhando, os trilhos passando apressados por debaixo de nós.

Quando finalmente paramos e descemos dos carrinhos, Mima tomou a xuxinha da mão de Hiero e me deu.

— Precisa de um pente, amiga? — ela perguntou em um tom estranho, um pouco espinhoso.

— Pode deixar, eu trouxe um.

Retirei uma escova da bolsinha transversal, mas estava sendo um parto desembaraçar os fios. Hiero desdobrou seu boné do bolso interno da jaqueta e o colocou na minha cabeça, como quem não quer nada, e voltou a caminhar com os outros.

O sol já se punha por entre nuvens meio cinzentas, e as luzes dos brinquedos começaram a se acender lentamente. Foi uma vista deslumbrante. Fiquei morrendo de vontade de dar uma volta na roda gigante, mas todos acharam melhor esperar para irmos no momento da queima de fogos.

Então, decidiram ir ao Castelo dos Horrores.

Eu não fiquei nem um pouco feliz, já que sou medrosa pra essas coisas. Claro, eu sabia que tudo era uma representação, um faz-de-conta – mas o assustador era que a maioria dos monstros eram atores, e não bonecos de cera. Essa atração era conhecida por ser bem realista, quase como se você estivesse num filme de terror.

Engoli em seco. Adentrei aquele lugar horroroso e mal iluminado arrastando os pés.

— Se segure em mim. — Luke deu-me a mão. — Nada vai acontecer, prometo.

Mas, por mais que ele tenha dito aquilo, sua mão estava suada e tremia um pouco.

Passamos por cenários grotescos, cheios de falsas teias de aranha, sangue artificial nas paredes e alguns esqueletos piscando olhos vermelhos. Ouvimos gritos de outros participantes mesclados com aquela trilha sonora macabra e a tensão só aumentava. Então, do meio da penumbra, alguns atores começaram a sair e a distribuir sustos. Gritei de pavor quando uma mão gelada segurou meu tornozelo.

Mais à frente, um Freddy Krueger muito bem caracterizado revelou-se e começou a correr atrás de nós. Outros "fantasmas" surgiram, fazendo com que nos dispersássemos. Corri sozinha, tremendo e sem direção.

Tropecei em alguém, depois segurei uma mão grande, quente e confortável. Essa mão puxou-me para perto de si e eu soube que era Hiero. Pude perceber pelo seu perfume, pelo contorno do seu corpo, pela textura das suas roupas.

— Bea... — ele sussurrou próximo ao meu ouvido.

Sem pensar duas vezes, agarrei-me a ele. Estava apavorada. Ele passou o braço pelos meus ombros e permitiu que me apoiasse em sua cintura. Assim, grudados, fomos andando, Tateando as paredes com cuidado. Poderíamos ter chamado os outros, mas por algum motivo, não o fizemos.

Entramos em outra sala, tão mal iluminada quanto a anterior. Nos auto-falantes, sons de tempestade, trovões e assoalho rangendo tocavam. Senti que alguém se aproximava, então, aquele pavor passou a ser um terror real.

Meu coração acelerou e fiquei ofegante. Em alguma parte da minha mente ouvia passos arrastados, e o som de um metal pesado arranhando a parede.

"Hiero... vamos conversar um pouquinho", uma voz masculina e trôpega ecoou ao longe.

— Tudo vai ficar bem. Eu estou aqui. — Hiero sussurrou novamente, mas era como se ouvisse a sua voz em uma tonalidade mais aguda.

"Tudo vai ficar bem. Eu estou aqui."

Ele me falara isso outra vez, tinha certeza. Estávamos agachados, escondidos atrás do balcão de uma cozinha. Eu suprimia meu choro com uma mão na boca, enquanto sentia seus braços, menores do que agora, a me apertarem com força. Ele também chorava e tremia de pânico.

"Aqui estão vocês".

Nesse instante, um outro ator fantasiado de palhaço assassino saiu da escuridão e eu berrei. Seguramos as mãos e corremos desesperados; minhas pernas pareciam marias-moles. Senti que poderia desmaiar a qualquer momento. Não paramos de correr até acharmos a saída.

Graças a Deus estávamos livres daquele pesadelo!

Todo o choque veio de uma só vez e comecei a chorar em prantos, ignorando os olhares curiosos. Hiero me envolveu, e eu devolvi seu abraço como alguém que encontrou um bote salva-vidas no meio do oceano.

— Está tudo bem — sua voz soou calma, porém firme. — Já acabou.

— Ele... ele estava vindo! — balbuciei em meio ao choro. — Ele vinha nos pegar.

Hiero acariciou meus cabelos.

— Não se preocupe. Mesmo se alguém vier, eu estou aqui. Eu sempre estarei aqui por você.

Então, como o sol ao amanhecer, uma outra lembrança foi clareando e clareando, até tornar-se completamente nítida.

Lembrei-me de estar em uma sala ampla, com enormes janelões corrediços. Um piano de cauda encontrava-se no centro dela. Na parede ao fundo, ao lado de um luxuoso toca-discos de madeira, havia uma estante longa, cheia de grandes envelopes de papel dispostos na vertical.

Peguei minha mochila, que havia deixado ao lado do piano, um tanto desanimada.

— Já vai escurecer. Que pena.

Acho que falei isso porque não queria ir embora. Hiero acompanhou-me pelo jardim. Talvez ele tenha interpretado de outra maneira, pois comentou:

— É um segredo, mas não tem muito tempo que eu perdi o medo do escuro.

— Mesmo? E o que você fez?

Ele coçou a cabeça. Senti que sempre o fazia quando estava envergonhado.

— Foi minha mãe. Desde que começamos a orar antes de dormir... sinto que todos os meus medos vão embora. Ah, e pensar em coisas boas. Tipo, em *sundaes* de morango.

— Ou em *brownies* com sorvete.

— Em tardes ensolaradas e guerra de bexigas d'água.

— Em gatos gordinhos vestindo fantasias.

— No sorriso de alguém especial. — completou, olhando para mim.

Atravessamos a rua e nos sentamos nos balanços do parquinho.

— Acho que vou começar a fazer isso também. — Mordi o lábio e senti as lágrimas se formarem. — Eu ainda tenho bastante medo... de ser maltratada de novo por aqueles moleques. Ainda bem que tudo aquilo acabou, mas e se...

Hiero saltou do seu balanço e ficou em minha frente.

— Se aquilo começar de novo, só deixa comigo. Me fala o nome de todo mundo, que eles vão ver só uma coisa.

Esfreguei os olhos e sorri.

— Seu bobo. E se forem uns cinco?

— Só cinco? Moleza.

— E se forem uns dez?

Ele riu. Depois, ficou sério.

— Se forem cinco, dez ou quinze... não se preocupe. Eu estarei aqui por você.

Os últimos raios de sol atingiram seus cabelos, dando a impressão de serem acobreados. Em um impulso, abandonei meu balanço e dei-lhe um grande abraço. Lembro-me do meu coraçãozinho emocionado, do seu cheirinho de laranja, e da sensação incrível de estar flutuando.

E ali, naquela noite, sentia o calor reconfortante de todo o seu corpo – relativamente maior e desenvolvido –, seus braços fortes e carinhosos a me apertarem, as vibrações do seu coração descompassado, sua respiração próxima ao meu pescoço, e seus leves toquinhos nas minhas costas, como alguém que acarinha uma criança assustada.

Peguei-me pensando no som da sua risada enquanto andávamos na tandem, no seu sopro gentil em meu ferimento, naquele seu desenho desengonçado e bonitinho de mim no vale-presente feito à mão.

Depois de alguns momentos, fui me acalmando e meu choro ficou baixinho. Hiero me desprendeu o suficiente apenas para ver meu rosto, e com os dedos, limpou as marcas das minhas lágrimas.

— Hiero, Bea! Está tudo bem?

Sobressaltei-me com as vozes dos nossos amigos atrás de nós e apartei-me dele na mesma hora.

Luke correu ao meu encontro, quase esbarrando em Hiero. Eu não sabia onde enfiar a cara.

— Oh! Foi tão assustador assim? — Ele abaixou a cabeça para tentar olhar-me nos olhos, mas desviei-me.

— Estou bem. Estou bem. Foi só um susto.

— Se eu soubesse que ia ser tão ruim, não teria insistido tanto nisso.

Percebi que queria me abraçar, mas estava sem jeito. Os outros procuravam disfarçar o clima, tecendo alguns comentários das suas próprias experiências. Eu tentei esboçar um sorriso e mantive-me um pouco distante de Luke, usando a procura por um lenço de papel em minha bolsa como desculpa.

Busquei por Hiero com os olhos, mas ele já estava de costas, andando na frente. Aos poucos, fomos nos movendo também, eu e Luke por último. O rapaz tomou a minha mão num gesto de consolo, mas tudo o que conseguia pensar naquela hora era em como eu não queria que fosse aquela mão a segurar a minha.

Notas da autora | Ah, o Playcenter! Hoje tivemos um dos capítulos mais divertidos e esperados por mim, "o capítulo do parque de diversões". Desde o início, já planejava fazê-lo, mas precisava de uma ambientação. Queria fazê-lo no Hopi Hari, mas devido à distância que o parque fica da capital, seria inviável para nossos personagens. Mas eu lembro que, quando morava em SP em 2006 (na região metropolitana) e viajava pra capital, sempre via esse parque em algum ponto da Marginal Tietê. Infelizmente nunca tive a

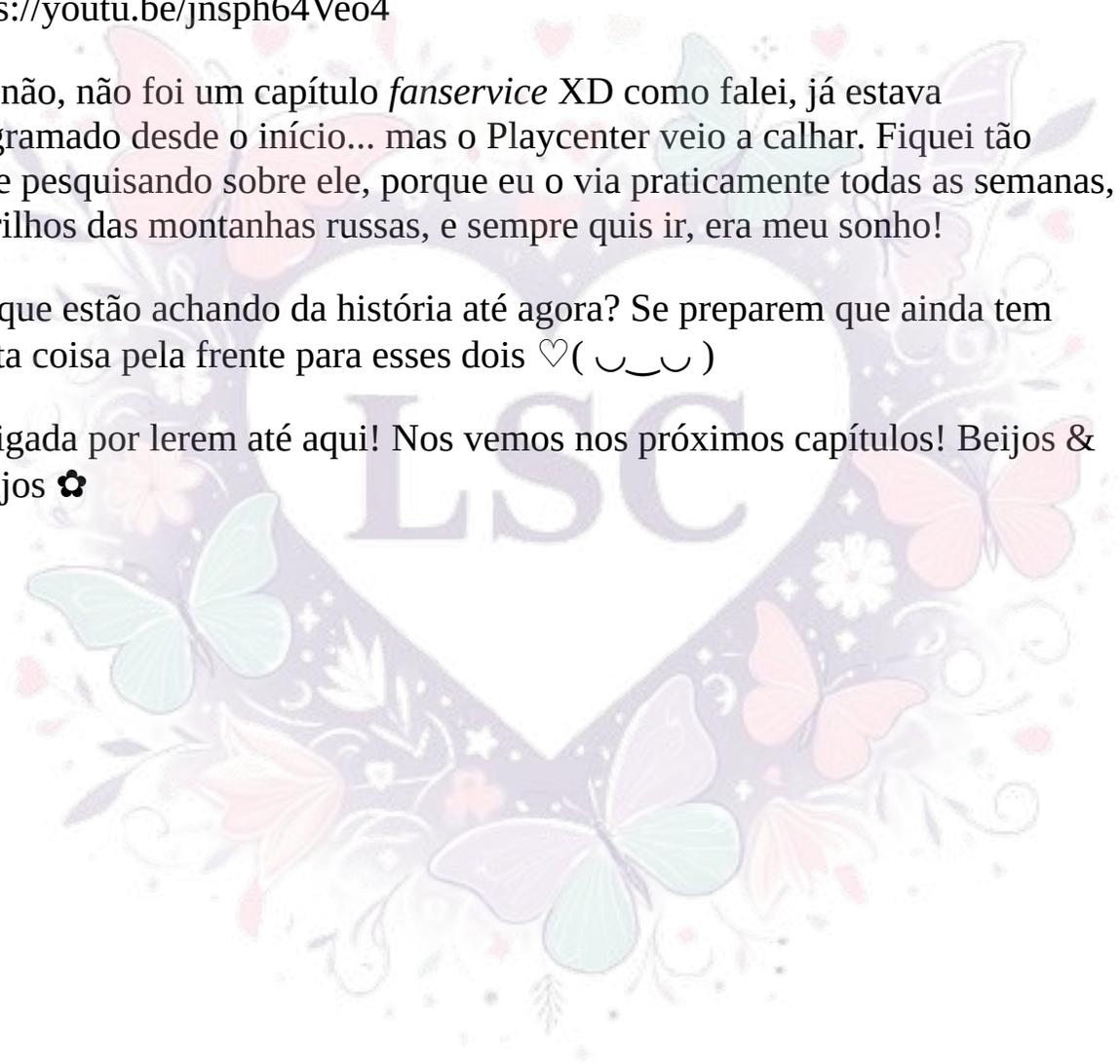
oportunidade de ir ao Playcenter :(poxa. Mas é porque o ingresso era bem caro. Em 2004 custava cerca de R\$25,00 por pessoa, mas devemos considerar que o salário mínimo da época era de apenas R\$350,00. Pois é. Talvez desse o equivalente a R\$130,00 por pessoa em termos atuais, ou talvez até mais. E como sempre fui pobre, aí não deu mesmo. Uma pena, porque aquele Playcenter fechou em 2012, deixando muitas saudades.

<https://youtu.be/jnsph64Veo4>

Ah, não, não foi um capítulo *fanservice* XD como falei, já estava programado desde o início... mas o Playcenter veio a calhar. Fiquei tão triste pesquisando sobre ele, porque eu o via praticamente todas as semanas, os trilhos das montanhas russas, e sempre quis ir, era meu sonho!

E o que estão achando da história até agora? Se preparem que ainda tem muita coisa pela frente para esses dois ♡(͡_͡)

Obrigada por lerem até aqui! Nos vemos nos próximos capítulos! Beijos & queijos 🌸



26.

2 | 6

"AMIGA... TENHO UMA NOTÍCIA ótima e outra ruim"

Assim começou a série de mensagens de Mima no meu celular. Era quase meia-noite. Eu estava de pijama debaixo dos cobertores, mas não conseguia dormir. Ficava apenas olhando as gotas de chuva baterem contra o vidro da janela, sem realmente vê-las. O que preenchiam o fundo dos meus olhos eram as cenas do que acontecera mais cedo no Playcenter.

"Aaaa EU TO EM CHOQUE ATÉ AGORA"

*"A ótima: consegui ^^! E ele disse q vai considerar!! *-* "*

Minha pulsação disparou. Ele vai... o quê?!

Aquilo caiu igual a uma bomba no meu colo.

"A ruim: os estudos vao atrapalhar :("

"E ele tem a prova do avanço de curso"

"Mas só de saber que ele tá pensando em mim já vale a pena!"

"Estou devendo uma pro Luke, aquele filho-da-mãe esperto!"

"Estou muito feliz!"

Fechei a tampa do celular e encolhi-me, mantendo a cabeça bem próxima dos joelhos. Fiquei me embalando, tentando barrar o fluxo de emoções desconhecidas que brotavam do meu peito.

Senti o celular vibrando novamente.

"Vc está feliz por mim também?"

Retornei minha atenção à chuva.

Graças a ela, não conseguimos ir à roda gigante e nem ver os fogos de artifício. Um pouco depois de sairmos da Casa dos Horrores, ela começou a cair bem fininha; depois, moderada. Pelo risco de acidentes, o parque começou a fechar as atrações e o show pirotécnico foi cancelado. Ouvimos pelos alto-falantes que, devido aos transtornos, todos ganhariam o ticket *re-play*.

De qualquer forma, eu e Hiero não iríamos conseguir alongar a noite mesmo, já que, nesse meio tempo, recebi uma mensagem de Bruno dizendo que chegaria em poucos minutos para nos buscar.

O drama começou quando Mima disse que sua carona havia sido cancelada por algum motivo familiar, aí ficamos tentando achar uma maneira de conseguirmos levá-la para casa.

Dahlia voltaria com os pais e a irmãzinha, que também estavam no parque, e daria carona ao namorado. Luke viera na sua Harley, e por causa da chuva e falta de um capacete extra, estava fora de cogitação. Hiero disse que estava de carona comigo, e iríamos para a direção oposta.

Debaixo daquela área coberta, no meio do trânsito de pessoas apressadas para irem embora em ônibus escolares e em carros próprios, ficamos discutindo o que fazer.

— Tudo bem, gente, eu vou de táxi. É o jeito. — Mima parecia desapontada. — Não é seguro ir de transporte público sozinha numa hora

dessas.

Lembrei que ela planejava se declarar no momento dos fogos. Pelo visto, tudo foi arruinado.

— Por que você não a conduz até uma parada próxima, Hiero? — sugeriu Luke.

— Não temos um guarda-chuva. — ele replicou.

— Não seja por isso. Sempre guardo um no alforje da moto.

Após uns minutos, Luke trouxe o objeto e também uma capa de chuva própria para motociclistas.

— É meio pequeno, mas serve. — Entregou-o a Hiero e depois tentou bater a água da roupa.

E era pequeno mesmo - de forma que os dois tiveram que fazer umas manobras para caber debaixo dele. Mima não perdeu a chance e enlaçou-o pela lateral com ambos os braços, visivelmente satisfeita. Então, antes de saírem correndo pela chuva, ela piscou para mim, com uma carinha de "deseje-me sorte".

Poucos minutos depois, Bruno chegou. Todos se despediram e eu entrei no carro, tão ou talvez até mais desanimada do que no início do dia.

— Credo, Trice, foi tão ruim assim?

Levantei as pernas, apoiando-as no porta-luvas, e as abracei, sentindo a textura úmida do meu jeans.

— Beatrice, você está sujando o carro. E Hiero?

— Já está chegando. — resmunguei, sem mudar de posição. — Ele só foi levar uma amiga para... — Ai, não, eu e essa minha boca grande! Arrependi-me na mesma hora, vendo o sorriso malicioso dele. Revirei os olhos. — Ah, Bruno, vai catar coquinho, vai.

Ele fez cara de sabichão, mas pelo menos me deixou em paz.

Escorei minha cabeça no vidro, me sentindo confusa e ansiosa. O que eram aquelas memórias e como se encaixavam? Meus dedos ainda tremiam um pouquinho. O que aconteceria quando eu me lembrasse por completo?

Tirei o boné e o fitei por um tempo. Ainda conseguia sentir o calor daquele abraço e os toques gentis em minhas costas. Mas... o que era essa sensação agriçdoce se espalhando em meu coração?

Olhei as horas no visor do meu celular. Com o tempo que havia se passado, talvez fosse o suficiente para chamar uns quatro táxis. Pelo visto, ou não havia nenhum disponível naquela hora, ou a conversa estava *muito* boa. Fechei os olhos e imaginei-os numa parada pouco iluminada, Mima quebrando o gelo com o jeitinho atrevido dela e fazendo-o rir *daquela* forma especial. Depois, ela usaria todo seu charme para dizer o quanto gostava dele. Seria quase irresistível. Jemima tinha o rosto lindo, um sorriso encantador e um corpo de dar inveja. Ela sabia ser *sexy* e inocente ao mesmo tempo; acho que seria difícil um rapaz não se render aos seus encantos.

Imaginei-os abraçados, chegando cada vez mais perto, até que...

Ouvi o barulho da porta de trás e abri os olhos, num susto. Bruno o saudou e perguntou como havia sido o dia. Hiero respondeu qualquer coisa num timbre polido, porém baixo, arrastado. Dei uma espiada por cima dos ombros e vi o rapaz relaxado na poltrona, estirado nela como se estivesse exausto. Com a cabeça inclinada para trás, apoiava o braço no vidro e cobria os olhos fechados com a mão.

Parece que até o Bruno perdeu a vontade das suas conversas fiadas. Eu também não estava a fim de papo e, aparentemente, Hiero estava em outro planeta. Então prosseguimos o caminho todo para casa em silêncio.

Fixei meus olhos naquela palavra pixelada da telinha do meu celular:

"consegui ^-^"

Ou seja, ela tinha mesmo se declarado.

Comecei a digitar algo, depois apertei o botão de apagar. Acho que fiz isso umas quatro vezes antes de enviar:

"*Sim, estou feliz por você. Parabéns* "

Guardei o celular debaixo do travesseiro e tentei me acomodar numa posição confortável. Rolei de lá para cá, sem sucesso. Não podia porque havia o peso de uma montanha sobre todo o meu corpo; o peso de mais uma mentira, colocada em cima de todas as outras, o qual tinha a impressão de que me esmagaria a qualquer instante.

Por quê?

Por que eu simplesmente não conseguia ficar feliz por ela... ?

— Essa história tem mais buracos que queijo suíço — Dahlia franziu os olhos, a boca ocupada com uma Trakinas de limão. — A gente sabe que ela está louca por ele, mas o Hiero gostando da Mima? Acho difícil.

— Difícil por quê? — rebati, tentando manter o tom de voz apático. - A Mima é linda e muito legal. Ela só não tem namorado porque não quer. E ele disse que "iria considerar"; considerar não é o mesmo de *gostar*, mas que *pode vir a gostar*. — Lambi as pontinhas dos dedos e amassei o saquinho de Doritos. — Além disso, está vendo eles aqui? É bem provável que estão lanchando juntos em algum lugar.

Dahlia fez cara de desacreditada outra vez. Parece que esta expressão era a sua nova moda do momento.

— Você sabe que eles devem estar ocupados com as coisas da peça. A apresentação tá logo aí, e eles são *organizadores*, não atores como nós duas.

Olha só o Luke, nem vem mais lanchar com a gente. Só vive correndo pra cima e pra baixo, coitado.

Era verdade. Naqueles dias letivos após a nossa ida ao parque de diversões, reparei que ele sempre parecia ocupado e conversava cada vez menos comigo, principalmente em particular. Para falar a verdade, era nítido que estava evitando ficar a sós comigo a todo custo, e aquilo só fazia meu coração corroer-se ainda mais.

Fiz análises exaustivas em relação ao nosso relacionamento desde aquela noite. Depois de um tempo esturricando meus neurônios, tudo ficou claro. Eu sabia o que fazer, porém, ao chamá-lo para conversar, ele se esquivou e foi super invasivo.

"Bea, assim não", ele disse, um tanto aflito. "Eu preciso de mais tempo. Não estou pronto ainda para ouvir o que eu acho que você vai dizer. Vamos conversar depois da apresentação, tá?"

Suspirei pesarosamente.

— É, estamos levando este trabalho muito a sério. Mas, de qualquer forma, não acho que seja mentira. O que ela ganharia com isso?

Dahlia espremeu o saquinho dos biscoitos e guardou o resto no bolso da calça do uniforme. Escorregou da muretinha do pátio e sacudiu as migalhas da roupa.

— Só tem uma forma de saber. Vamos lá perguntar pra ele.

Levantei-me num pulo e a segurei pelo pulso.

— E-eu não! Não tenho coragem de perguntar algo assim!

— Mas eu tenho. — Então olhou-me com um sorriso suspeito. — O que foi? Está com medo de saber a resposta?

Mordi os lábios e pisquei os olhos várias vezes. Recentemente, estava ficando cada vez mais difícil manter-me em minha postura impecável e

impassível com ela. A nossa crescente proximidade dificultava a minha atuação. Soltei-a e comecei a andar, chateada.

— Ah, Dahlia, faça o que você quiser, mas eu não me meto nisso.

Ela veio atrás de mim e segurou a minha mão.

— Tá bem, tá bem, eu não vou. Vamos esperar um pouco e ver no que isso tudo vai dar, tá ok?

Seguimos assim, de braços dados, em rumo ao nosso prédio. Subimos as escadas de cantaria e, ao dobrarmos para nossa sala, vimos Hiero e Mima conversando escorados no parapeito, como se estivessem resolvendo algo importante.

Eles não nos perceberam de imediato. Mima foi a primeira. Sua expressão, antes apreensiva, mudou para um sorriso radiante. Em seguida, o rapaz se virou e aparentou ter ficado um pouco encabulado. Percebi pela forma como baixou o olhar e passou os dedos pelos cabelos.

"Eu sempre estarei aqui por você", ouvi aquele sussurro cálido novamente em minha orelha e meu coração deu um salto. Imediatamente, liguei um ventilador mental na velocidade máxima, na esperança de soprar aquela recordação para longe. Tá, e daí? O que havia de especial nisso? Estava na cara que era apenas um pedido de desculpas por aquela briga tola do caderno, uma outra forma de dizer aquilo que eu tanto queria ouvir: tá legal, ele se importava com a nossa amizade. E todos viveram felizes para sempre; fim. Era tudo.

Não é?

Forcei um sorriso para eles e entrei na sala. Isso. Devia concentrar-me nos estudos, já que passara dois dias mais aérea que um balão de gás hélio. Retornei aos meus cadernos, mas meus olhos não conseguiam parar com esse hábito de olhar, mas não ver. Então, fiquei mirando algum ponto vazio no meio daquela sopa de letras, linhas e fórmulas.



— Quer saber de algo fofo? — Mima despejou corações pela voz enquanto me ajudava a tirar e guardar o meu figurino após o ensaio da peça no outro dia. — O Hiero é maluquinho por morangos!

Virei os olhos para cima. "Sim, Jemima, e por *sundaes*, tortas e todos tipo de doces", completei em meus pensamentos. "Ele é uma verdadeira formiguinha, mas por motivos de saúde, prefere alimentos mais nutritivos, como frutas e castanhas. Ele come muita salada, tenta se alimentar de três em três horas, sair para se exercitar quando pode, tomar bastante água e"...

— Ontem eu comprei uma *cheesecake* de morango para a sobremesa do jantar, e ele adorou! Comeu uns três pedaços.

Quase rasguei a alça do vestido em um movimento brusco.

— J-jantar?! — indaguei em tom mais intenso do que esperava.

— Oh, eu não contei que ele foi em casa? — Ela sorriu deixando à mostra os dentes alinhados e seus adoráveis caninos pontudinhos. — Foi, digamos... interessante. Acho que estamos *evoluindo*, se é que você me entende.

Ah.

Por isso ele disse, sem outras explicações, que não poderíamos voltar para casa juntos. Para a mamãe, disse que estava visitando um *amigo*. E... ele realmente voltou após o horário do jantar. Mikhel até brincou que talvez estivesse se encontrando escondido com uma namorada, mas eu não dei muita bola.

Sem que eu percebesse, tirei o resto do vestido de forma aborrecida, o embolei com energia e soquei-o pra dentro da sacola de papel. Mima ficou me olhando assustada, e então caí em mim.

— É, b-bem... tinha uma abelha ali, mas acho que já saiu. — inventei depressa e tratei logo de trocar de assunto. - Não podemos deixá-lo com mangas compridas? Como é quase inverno, acho que vou morrer de frio.

— Era assim que os gregos se vestiam, Bea. Você vai ter que aguentar.

É, eu vou ter mesmo de aguentar, pensei, sentindo uma enorme bola de choro em minha garganta. E precisaria de muita força para isso.

Saí da sala que as garotas estavam usando para se trocar e dei de cara com Hiero num ponto do corredor. Ele ainda vestia o seu figurino, o qual caía-lhe como uma luva. A blusa com babados nas mangas, a casaca comprida e elegante, as longas botas de hipismo e o tricórnio, um chapéu escuro de abas dobradas com uma pluma na ponta, compunham a imagem de um perfeito cavalheiro de séculos passados. Ele estava absolutamente... lindo. Enquanto vinha ao meu encontro, mantive os olhos fixos no chão, fazendo uma prece silenciosa para que não percebesse o quanto estava abalada.

— Desculpa, hoje eu vou me atrasar de novo — disse baixo, por causa dos outros alunos. — A Jemima me pediu pra...

— Tudo bem, não precisa se justificar. — Lutei ao máximo para esconder minha frustração. — Tô indo nessa.

— Fico preocupado com você voltando sozinha ao entardecer. — Ele passou a me acompanhar. — Que tal vir junto?

Para a casa da Mima? Para ficar segurando vela? Não, muito obrigada!

— Tenho que estudar para as provas finais. — A rispidez manchou meu tom de voz.

— Mas não é só isso que anda me preocupando. Você não parece bem, Bea.

Parei e fitei seus olhos intensos.

— Desde aquela noite... você não parece *você*. Parece sempre tensa, sempre distante, quase não brinca ou ri. Se eu fiz alguma coisa, ou se...

— Não é nada, eu estou bem — Desviei-me daquele olhar torturante. A pouca distância entre nós quase me sufocava. — Só estou com medo das próximas semanas, as provas. Não me sinto totalmente preparada. Não tem nada a ver com aquela... noite.

— Bea... pode ser sincera comigo.

Observei seu rosto terno, seus lábios ligeiramente curvados em uma linha triste e engoli em seco.

— Você não fez nada, não se preocupe. — foi tudo o que consegui dizer e continuei o meu caminho sozinha.

Era melhor assim. Afinal, todos sabem que não é adequado buscar tanta proximidade com o pretendente das amigas. Bons amigos devem saber e respeitar os limites.

Estou bem, disse para mim mesma. *Eu estou bem*. Fechei os olhos, querendo acreditar mesmo nisso. Porém, sentia-me como se tivesse derrubado um armário repleto de objetos, e tivesse me esforçando para aos poucos juntar e organizar tudo em seu devido lugar. Talvez, depois, fosse ficar bem. Sim, eu ficaria bem.

No entanto, haviam certas coisas no meio daquela bagunça as quais estava perdida sobre onde colocar. Eram aquelas memórias. Desisti de perguntar a Hiero e aparentemente não havia mais ninguém para me ajudar. Então, comecei a pensar que o lugar delas deveria ser o lixo. Alguma coisa me dizia que talvez não fosse para me aventurar naquele terreno, afinal, havia uma razão para que eu as tivesse esquecido. Além disso, minha vida já estava cheia de problemas o suficiente. Para que me preocupar com mais uma coisa? Se fosse para eu saber, uma hora ou outra isso viria à tona. Como mamãe costumava citar: "nada há de oculto que não venha a ser revelado, e nada em segredo que não seja trazido à luz do dia".

E, como uma profecia, isso acabou por acontecer.

Não só em relação ao meu passado, mas com toda a minha teia de mentiras.

Só não esperava que o início se desse naquele mesmo dia, e nem daquela forma.



27.

AQUELE MOMENTO NA CASA dos Horrores só foi a primeira peça que desencadeou o efeito dominó. A outra, foi meu erro estúpido daquela manhã.

Sem querer, ao sair para a escola na correria e deixar a cama desarrumada, partes de algumas revistas apareceram entre o meu colchão e o estrado da cama.

Acontece que, coincidentemente, aquele foi um dos únicos dias de sol da semana e mamãe resolveu fazer faxina. Retirou os lençóis de todas as camas para lavar e secar. Foi aí que ela achou a minha coleção.

— Depois nós vamos ter uma conversa. — prenunciou da sala em tom grave quando passei pela porta de entrada, após retornar sozinha do colégio. Você já sabe que, quando mamãe começava assim, as coisas estavam bem feias para o meu lado. Senti uma onda de calor invadindo o meu corpo. *Ótimo!* Já não bastava estar presa naquele liquidificador de sentimentos, agora estava prestes a ser algemada e comparecer diante de um tribunal – com a diferença que não tinha advogado, nem júri, nem porcaria de recurso algum.

Corri para meu quarto, a fim de verificar o que estava errado. Seria possível que tivesse encontrado os chocolates que Luke me dera? Ainda tinham algumas caixas naquela última gaveta. Mas quando vi a roupa de cama trocada, eu soube na hora.

— Não se preocupe; já dei um fim apropriado nelas. — ela comentou sem tirar os olhos do seu crochê quando ouviu meus passos apressados escada abaixo.

Oh, não, não... Não acredito! Minhas preciosidades! Tanto dinheiro de mesadas gasto! Que ódio! Fiquei torcendo para que ela tivesse jogado tudo no lixo, assim poderia salvar alguma coisa. Procurei inutilmente na lixeira da cozinha e no latão fora de casa. Então, ocorreu-me que ela poderia tê-las embalado em caixas e as jogado na lixeira da rua. Por sorte, o caminhão de lixo não havia passado naquele dia; porém, não havia nenhuma caixa lá, apenas grandes sacolas pretas que, pelo formato, não pareciam conter revistas.

Então onde será que... ah, jamais! Ela não seria capaz de algo tão extremo... seria? Com o coração na boca, corri para verificar a churrasqueira. Com um grande espeto de ferro, comecei a revirar a fuligem e constatei algo ali no meio que parecia ter folhas de papel, mas não era uma revista. Parecia um livro. Puxei-o cuidadosamente com o espeto e vi a capa de couro meio chamuscada. Ué? Não era aquele caderno de anotações do Hiero? Que louco! Não havia porque estar lá, a não ser que... não, não podia ser. Será que ficou tão chateado que eu o vi sem permissão que resolveu dar um fim nele? Mas não fazia sentido algum, já que não havia nada de comprometedor ou embaraçoso escrito!

Com muita cautela, retirei-o do meio das cinzas, prestando atenção para que as páginas restantes não se desprendessem do miolo. Constatei que a parte mais prejudicada foi a capa do avesso e as páginas finais. Por algum motivo, provavelmente por conta da umidade daqueles últimos dias, o fogo não foi capaz de consumi-lo por inteiro.

Limpei a capa com os dedos e o abri. Só então pude compreender.

Aquele não era o mesmo caderno que havia lido.

Apesar de ser idêntico, o que eu agora segurava se parecia, de fato, com um diário. Eram memórias proibidas, algo que Hiero provavelmente não queria que ninguém lesse. Seus segredos.

Mordi os lábios. A culpa não me seria mais pesada nem se eu carregasse um arranha-céu nas costas, mas aquela minha curiosidade maldita e velha companheira gritava em meus ouvidos, implorando para que espiasse nem que fosse a primeira linha.

Se soubesse, Hiero iria ficar uma arara. Oh. Ele não ficou bravo por eu ter visto um simples caderno de ideias; ele ficou bravo porque achou que talvez eu tivesse encontrado *esse* daqui. Por isso, perguntou "em *qual* caderno"... Agora sim, tudo fazia sentido. Mas... o que havia ali de tão grave a ponto de destruí-lo? Como uma faísca em contato com gasolina, essa pergunta inflamou ainda mais meu interesse. Aos poucos, fui barganhando com a minha consciência: se ele acreditava que o caderno não existia mais, nunca iria imaginar que o li. A única maneira de saber era se eu desse com a língua nos dentes outra vez (o que havia sido uma péssima ideia para iniciar a conversa daquela ocasião). Por último, talvez o que eu precisava tanto saber estivesse ali, e se isso fosse verdade, eu estava munida dos meus direitos, já que dizia respeito também a mim.

Em algum lugar da minha mente, uma luz vermelha começou a girar. E se isso piorasse minha relação com Hiero? Novamente, tratei de ignorar os sinais. O que era mais uma pá de lama para quem já estava atolado nela até a cintura?

Deixei para lá a busca pelas revistas. Ao que tudo indicava, elas já tinham ido para o brejo, e aquilo era *mesmo* mais urgente. Escondi o caderno quase esfacelado debaixo da roupa, levei-o para meu quarto e o tranquei na gaveta da mesinha de cabeceira.

Mamãe demonstrou que adiaria nossa conversa por tempo indeterminado (sim, às vezes demorava até uma semana para voltar a tocar no assunto. Aquilo em si já era um tipo de *castigo*, pois a espera poderia ser mesmo torturante). E, novamente, Hiero não apareceu para o jantar – o que de certa forma, me aliviou. Talvez a visão da sua fisionomia atraente me fizesse titubear.

Então, esgueirei-me para meu quarto e esperei que tudo ficasse silencioso para poder lê-lo.

E ali, sentada na minha cama e somente com a luz do abajur banhando meu colo, abri na primeira página. Ela estava preservada, assim como as páginas seguintes. A letra de Hiero estava um pouco diferente da habitual – era mais redonda e sem elegância. Tudo estava escrito a lápis, então tive de forçar um pouco a vista.

Com o coração disparado, comecei a ler.

"05/01/2001

Meu nome é Hiero Bittencourt. Tenho 13 anos. Esse é um diário que a Dra. Sara me pediu pra fazer como parte da terapia, só que eu realmente odeio escrever.

Não...

Na verdade, eu adoro escrever. Mas odeio ter que escrever sobre mim.

Odeio tudo sobre mim. Odeio minha aparência, odeio minha voz, odeio o meu sangue.

Que ironia. Meu nome significa "sagrado", mas é como se eu fosse, na verdade, amaldiçoado.

09/02/2001

'A morte e a vida estão no poder da língua'. Ouvi minha mãe dizer esse versículo milhares de vezes. Talvez eu só entenda agora o que ele quer dizer... e meu grande medo é que para mim nunca exista perdão.

23/02/2001

Ontem eu pisei em uma barata. Ela apareceu no meu quarto, perto da lixeira. Enquanto via suas pernas se debaterem em desespero por sua vida, fiquei pensando... bem que aquela barata poderia ser eu."

Um calafrio atravessou-me por completo. A escrita era tão densa que eu tinha a impressão de que as linhas finas e azuis se partiriam e tudo viraria uma salada. Eram palavras muito duras e pesadas vindas de um garoto de apenas treze anos. Apesar da minha crescente culpa, meus olhos não conseguiam parar, então apenas prossegui.

"22/03/2001

Hoje a Dra. Sara me perguntou sobre minha família.

Eu não gosto de falar sobre isso. Não acho que tenha alguma coisa boa em minha família, exceto a minha mãe. E talvez, minha avó, agora que voltei a morar no apartamento dela em Fortaleza. Ao contrário dos meus tios e primos, ela não age como se fôssemos as frutas podres da cesta.

Mas até elas foram responsáveis por tudo o que aconteceu. Pelo menos, em partes.

Minha mãe, por voltar para São Paulo com uma criança de apenas seis anos. Minha avó, por não impedi-la.

Ainda hoje eu não sei o motivo pelo qual minha mãe foi procurar aquele homem. Aquele que eu tanto desejei o afeto e que fosse um verdadeiro pai pra mim. Não sei se foi por causa do dinheiro, para reviver sua paixão da juventude ou simplesmente tentar ter uma família composta de marido, esposa e filho. Mas o fato é que este foi um erro. Um erro que nós pagaríamos bem caro depois.

12/04/2001

Eu o amo. Eu o odeio. Esse é o meu pai: Heitor Bittencourt. Ou Tuto, o apelido artístico.

Pra alguns, ele foi um ídolo, o genial líder da Tribo Ômega. Pra outros, uma moda passageira. Pra ele mesmo, alguém falido.

Pra mim, um homem de duas faces: uma amável, carinhosa e fascinante; a outra, narcisista, colérica e violenta.

Nunca entendi como ele conseguia ser os dois ao mesmo tempo, até perceber algo semelhante em mim mesmo.

Após os excessos de raiva, nos quais muitas vezes batia muito em mim e na minha mãe, ele se arrependia e declarava aos prantos que não era assim e que não queria ter feito aquilo.

O culpado sempre era o álcool. Eram as drogas. Eram os vários dias de insônia e os remédios fortes para dormir. Eram os escândalos, os empréstimos e a falta de dinheiro.

Mas nunca ele.

Quando passava uma temporada na clínica de reabilitação, a casa ficava em paz e silenciosa. Eu e mamãe passávamos uns dois meses felizes, até ele retornar, limpo. Por algumas semanas, ele voltava a ser meu pai alegre e criativo. Retomava as composições e passava as tardes fazendo música. Me ensinava os segredos do seu ofício e criávamos canções juntos. Por vezes tocava seu piano, e eu, violão; cantávamos e dançávamos. Fazíamos piqueniques no jardim e acampávamos na tenda indígena que ele tinha comprado pra mim de aniversário.

Uma das coisas que eu mais amava era quando cantava canções para que eu adormecesse. Sua voz, grave e suave, entoava os seus grandes sucessos, na maioria das vezes. Ele nunca vai saber, mas muitas vezes fingi que estava dormindo e o ouvia chorar com a lembrança dos seus dias de glória. Dias os quais ele nunca conseguiu superar.

Então, como o cachorro que volta ao seu próprio vômito, ele começava tudo de novo. As bebedeiras, as festas, as fugas, as ressacas. As palavras descontroladas, as brigas e quebradeiras.

E a cada ciclo, tudo ia ficando pior.

O tempo dele sóbrio, cada vez mais curto. As drogas, mais pesadas. O tempo na rua, mais longo. Os nossos gritos, mais altos e frequentes. Os espancamentos, mais violentos.

E meu amor por ele, cada vez mais desgastado."

Nesse ponto, lágrimas rolavam como grandes pérolas pelo meu rosto e umedeciam o papel chamuscado e esfarelento.

Mais do que triste, eu estava assombrada.

Meu Deus... Nem em um milhão de anos poderia imaginar que Hiero tivesse sofrido esse tipo de coisa. Foram experiências chocantes, terríveis, e alguma coisa me dizia que ele não revelara nem a metade.

Pensei em meu relacionamento com meu próprio pai e no quão afortunada era por ter uma família que, apesar dos seus problemas, sempre foi fonte de cuidado, carinho e afeto.

Levantei as mãos ao rosto e soluzei, sentindo meu coração se estilhaçar em milhares de pedacinhos.

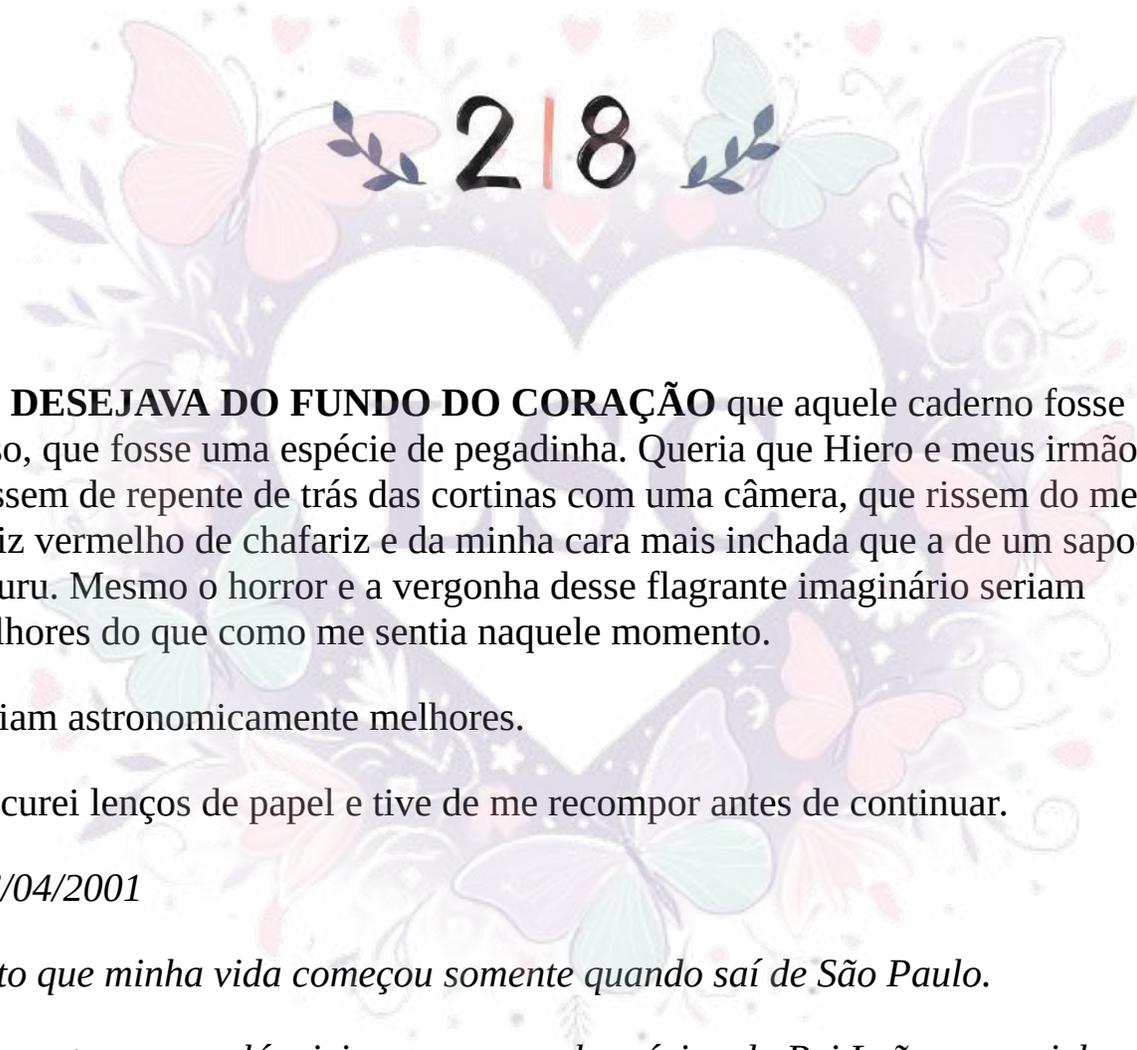
Notas da autora | Bem, o momento mais aguardado desde o início do livro chegou. É hora de começarmos a ver a história pelo prisma do Hiero. Aguenta, coração, que vem muito mais revelações por aí.

Vou aproveitar que esse capítulo foi mais curto e deixar meus agradecimentos pelos comentários carinhosos dessa última semana. Vocês são o meu gás! Ainda temos um pouquinho mais pela frente, mas todo esse apoio tem me ajudado bastante ಽಽಽ ♡ Obrigadaaa!

Beijinhos e queijinhos, até o próximo capítulo!



28.



EU DESEJAVA DO FUNDO DO CORAÇÃO que aquele caderno fosse falso, que fosse uma espécie de pegadinha. Queria que Hiero e meus irmãos saíssem de repente de trás das cortinas com uma câmera, que rissem do meu nariz vermelho de chafariz e da minha cara mais inchada que a de um sapo-cururu. Mesmo o horror e a vergonha desse flagrante imaginário seriam melhores do que como me sentia naquele momento.

Seriam astronomicamente melhores.

Procurei lenços de papel e tive de me recompor antes de continuar.

"26/04/2001

Sinto que minha vida começou somente quando saí de São Paulo.

Enquanto morava lá, vivia como naquela música do Rei Leão: num ciclo sem fim; só que de uma maneira terrível. Eu sempre esperava que ele mudasse, que conseguisse passar mais do que três meses sóbrio. Nunca aconteceu. Foram seis longos e difíceis anos de muita decepção.

Eu tenho certeza de que minha mãe o amou o suficiente para nunca desistir dele. Mesmo no último ano, que foi quando ele começou a nos agredir

principalmente de forma física, ela sempre dizia que deveríamos ter paciência. Que ele estava doente e com os remédios certos iria melhorar. Que a depressão estava esmagando o verdadeiro Heitor dentro dele.

Disse para eu não respondê-lo ou fazer qualquer outra coisa que despertasse a sua fúria. Então, eu guardei tudo dentro de mim. Minhas frustrações, medos, anseios e carências. Comecei a me fechar e a ter problemas na escola. Foi tão ruim que ela acabou me matriculando em outra, no comecinho do ano passado."

O próximo parágrafo deixou-me apreensiva. Ler o meu nome escrito em sua letrinha desengonçada fez meu coração disparar tão veloz quanto um cavalo na pista de corrida.

"27/04/2001

Na nova escola tinha essa menina, a Beatrice. No início eu tinha pena dela, porque todos os garotos da turma mexiam com ela e eu não sabia a razão. Ela não era feia ou chata. Mas todo mundo a tratava mal, como se só quisessem alguém para servir de Bobo da Corte da sala.

Nunca vi motivo para odiarem tanto a Bea. Ela foi uma das pessoas mais legais que conheci. Mesmo quando tudo era novo e desconhecido para mim, ela foi gentil e me mostrou o caminho para a sala correta. Também sentou ao meu lado e me emprestou uma lapiseira, já que eu tinha esquecido a minha. Foi engraçado, porque ela não parava de falar e algumas vezes a professora chamou nossa atenção por ficarmos cochichando."

Sim... é verdade. Eu me lembrava disso, mas não que aquele garoto era o Hiero. Sorri em meio aos córregos de água.

"Foi assim durante os primeiros dias. Percebi que mesmo já estando naquela escola há anos, estranhamente ela não tinha amigos.

Só que eu queria ter amigos.

Queria muito ter estar num grupinho popular, sair com os caras e me divertir como um pré-adolescente comum. Esquecer toda essa merda que acontecia em casa.

Só queria atenção e que gostassem de mim.

Eu me sinto um lixo por ter começado a fazer também aquilo com ela. Eu juro que não queria. Sentia ódio por estar sendo forçado a participar daquilo. Mas percebi que se não fizesse, eles não me aceitariam. Pra ser legal, eu tinha que ser como eles.

Uma vez perguntei por que não gostavam dela. O Felipe me disse que ela era muito tagarela e chorava por qualquer coisa. Disse que era nojenta e já tinha visto ela comer catarro na terceira série. Eu não sei, mas esse Felipe era tão fixado em maltratá-la que eu acho que, na verdade, ele gostava dela e não queria admitir".

Oh... esse desgraçado do Felipe. Desse nome eu me lembro bem. Havíamos estudado juntos desde a primeira série, e ele sempre encontrava novas formas de fazer brincadeiras de mau gosto comigo. Mas as brincadeiras acabaram virando agressões na sexta série, justamente na época em que Hiero entrou na escola.

Indignação e amargura tomaram assento em minha roda de emoções.

"Estranhamente, até as meninas começaram a provocá-la. Uma vez, esconderam o seu abrigo de educação física. Tentei oferecer o meu, mas ela acabou fugindo de medo. Parecia um bichinho ferido e acuado, que nem podemos chegar perto e já arma as garras para se defender.

Nós causamos isso nela.

Eu causei.

Depois de um tempo, ela passou a ficar doente com certa frequência. Eu tinha mesmo muita dó. Queria parar com aquilo, queria impedi-los. Mas eu era muito fraco, muito idiota...

Muito covarde.

Covarde, igual ao meu pai.

Certa vez, ela passou muito mal, chegou até a vomitar dentro da sala. Foi horrível. E foi ainda pior quando a turma toda riu e começou a xingá-la. Aí esse cretino do Felipe a empurrou para fora da sala. Foi a gota d'água. Eu fiquei tão bravo, tão revoltado, que não pensei em mais nada, só chutei a minha mesa e derrubei aquele filho-da-mãe no chão. Depois, tentei ajudá-la, mas ela entrou em pânico quando me viu. Alguns professores vieram correndo para ver o que estava acontecendo e eu acabei explodindo, gritando para todos ouvirem o que aquele imbecil e o resto da turma estava fazendo. Tinha ódio daqueles professores que fingiam não ver o que acontecia bem debaixo dos seus narizes. Mas tinha ainda mais ódio de mim mesmo por ter visto e não ter feito nada... e pior ainda, ter participado em muitas ocasiões.

Eu sou mesmo um hipócrita.

Dali pra frente fiquei marcado. Acho que foi uma das piores épocas. Ninguém queria falar mais comigo e passei a ser atormentado. Os mesmos garotos que achava que eram meus amigos começaram a fazer todo tipo de maldade comigo, dentro e fora da escola.

Na primeira vez que chamaram minha mãe na diretoria porque eu tinha dado uma surra no Felipe e no João Miguel, ela ficou chorando por uma eternidade trancada no banheiro. Eu também chorei muito. Sabia que ela estava preocupada que eu fosse ser agressivo igual meu pai, só que meus punhos eram a única maneira de me defender, então passei a me odiar ainda mais por ter de ser assim.

03/05/2001

Parecia que esse crescente ódio não podia ser contido. Como no conto do médico e o monstro, eu achava que existiam dois de mim habitando a casca do mesmo corpo: um bondoso e outro explosivo. Um que queria fazer o bem e lutar pela justiça, e outro que não media consequências de ações e palavras.

Foi assim que, numa tarde, em meio à zombarias, eu acabei fazendo algo impensado. Gritei coisas horríveis pra ela e a todos em redor, porque só queria me ver livre daquelas vozes. Disse que ninguém queria ter uma garota tão chata e feia por perto. Eles nos deixaram em paz, mas em troca, eu a magoei ainda mais.

Eu tinha esse enorme peso dentro de mim. A Beatrice não merecia tudo aquilo. Ela era uma garota adorável, como ninguém enxergava isso? Mas talvez fosse tarde demais para consertar as coisas.

04/05/2001

Eu tentei fazer de tudo para que ela me desculpasse.

Mas, se apenas desculpas fossem suficientes, não precisaríamos da polícia.

Desisti e voltei a ficar sozinho, numa atitude de auto indulgência, como se ficar sem amigos fosse a consequência natural, a paga dos meus atos tão hediondos.

Em casa, as coisas não iam nada bem, pra variar. Era aquela droga de sempre: meu pai gastando muito mais do que deveria e saindo em festas, voltando apenas ao amanhecer, bêbado ou drogado. Ou os dois.

Minha mãe, desiludida com todas as suas tentativas de manter aquele castelo de areia que era nossa família em pé, procurou forças no último lugar que eu achei que ela iria: a igreja.

Eu detestei a ideia de ir à igreja, porque se lá era o lugar onde o santo Deus habitava, isso significava que não havia espaço para alguém tão imundo como eu.

Mas foi lá que eu pude ouvir um pouco sobre o perdão e a graça que até hoje ainda tento entender.

E foi lá, longe de todo aquele ambiente escolar, que eu finalmente consegui me aproximar dela.

Por algum tipo de ironia do destino ou apenas pela mão divina, nossas mães fizeram amizade no grupo de senhoras. Como éramos praticamente vizinhos, mamãe passou a visitar a casa dela, e eu acabava indo junto.

Confesso que minha primeira reação foi ficar muito magoado, porque eu vi que Beatrice aparentava ter a família perfeita. Algo bem parecido com esses comerciais de margarina da televisão. Uma família amorosa, com um pai esforçado e bondoso, uma mãe presente, irmãos engraçados e uma casa que era muito mais que uma enorme e bonita construção. Era um lar.

Um lar que eu nunca pude experimentar.

Um lar que eu sempre quis fazer parte."

Nas últimas linhas, as letras pareciam maiores, e eu pude perceber marcas onduladas no papel. Minhas lágrimas começaram a cair outra vez incontroláveis.

Lembrei-me do dia em que o buscara na estação de metrô, da sua alegria ao chegar, do seu comentário afetuoso ao rever a nossa casa. Será que foi com essa mágoa e anseio que ele desempacotou as suas coisas? E o que sentiu ao perceber minha hostilidade e todas as tentativas de machucá-lo?

E ainda assim... ainda assim, disse que gostaria de ser meu amigo.

Cuidou de mim enquanto estive doente e se preocupou com meu bem-estar.

Insistiu para que eu o perdoasse... mesmo eu não fazendo nenhuma questão de esconder meu ódio por ele.

Eu achei que ele havia mudado, mas na verdade, ele sempre teve um coração doce e gentil.

E eu era a única imunda ali.

"06/05/2001

Ainda me lembro dela, com seus cabelos castanhos e longos, e o rosto emburrado, expressão a qual tinha sempre que nos víamos. Porém, como

um cachorrinho difícil de amansar, ela foi cedendo aos pouquinhos. A cada visita era mais fácil conversar. E a cada conversa, ganhava mais sua confiança.

Pedi conselhos para minha mãe. Ela ficou orgulhosa do que queria fazer e pediu à mãe de Beatrice se poderíamos levá-la para tomar sorvete. Aquele foi o momento em que eu percebi que finalmente já não havia mais barreiras entre nós e fiquei muito feliz por termos feito as pazes".

Eu me recordava.

Os detalhes dos acontecimentos da minha infância contados através dos olhos de Hiero sobrepunham às minhas próprias lembranças. Tal como um taumatópio¹ a girar, eles se mesclavam, se endireitavam e preenchiam as antigas lacunas. Eu pude, então, começar a ver a imagem completa.

Lembro-me de mamãe me embalando carinhosamente e me dizendo, em meio ao meu choro, que eu deveria perdoá-lo, porque afinal, todos nós merecemos uma segunda chance.

Acabei cedendo e indo com ela à Sorveteria do Tio Joca, embora não muito convencida. Minha apreensão diminuiu ao ver Hiero chegar com a mãe: ele parecia tão nervoso que tremia igual a uma vara verde. Na hora de se sentar, acabou errando o lugar e caindo direto no chão. Foi o quebra-gelo perfeito. Quando percebi, estávamos rindo juntos.

Também foi o dia em que comi *brownies* com sorvete pela primeira vez. É tão estranho. Eu achava que já havia nascido com uma taça dessa sobremesa nas mãos, mas na verdade, Hiero que a apresentou para mim.

Eu estava indecisa no que escolher, então ele sugeriu os bolinhos.

— Acho que você vai adorar. Só não é meu favorito porque eu gosto mesmo de morango.

Nossas mães pareciam contentíssimas, e Joana registrou o momento em sua máquina analógica. Um momento simbólico, eu diria, pois aquele foi o ponto de partida para nossa amizade.

"Foi difícil, mas valeu a pena.

Conquistar a amizade dela era como uma luz no meio das densas nuvens, um guarda-chuva no meio de um temporal."

Elevei uma mão para abafar meus soluços.

"Pena que durou tão pouco.

Parece que toda a felicidade que tenho em minha vida curta e miserável vem de uma só vez e logo acaba. Igual a um enorme algodão doce, que tão logo coloco na boca, se dissolve.

Dizem que a união faz a força. E eu sentia que a amizade com a Bea me fazia mais forte, e passei a me importar cada vez menos com as provocações. Pelo menos, quando eram comigo. Fora da escola, eu bati em uns três moleques que continuavam a maltratá-la e eles pararam por um tempo.

Foi um alívio.

Nesse período, meu pai ainda estava meio tranquilo, já que tinha acabado de voltar de outra reabilitação, e ainda tivemos uns dois meses de paz. Então, de vez em quando, depois da escola, eu levava a Bea para casa, para ouvirmos música, vermos filmes clássicos e desenhos, ou fazermos piquenique na tenda indígena.

Ela sempre costumava tagarelar sobre tudo e era mesmo muito engraçada. Eu costumava ouvi-la calado, só com um sorriso bobo no rosto, porque era assim que ela me fazia sentir.

Até que numa tarde, ela não conseguiu voltar pra casa por conta de uma tempestade que se formou de repente.

Nesse dia, eu não sabia, mas meu pai estava em casa.

E foi nesse dia que tudo aconteceu."

Naquele ponto, eu já conseguia prever o que viria pela frente.

Minhas mãos começaram a suar e a tremer. Enxuguei o rosto e dei grandes arfadas de ar, procurando me acalmar. Fechei o caderno, sem coragem para prosseguir. Mas parte de mim ainda insistia que eu *precisava* fazê-lo – afinal, não havia perdido memórias preciosas por nada. Eu *tinha* de desvendar esse mistério.

Revirei as folhas com cuidado, procurando a parte onde havia parado.

Pelas marcas no miolo, percebi que algumas haviam sido arrancadas.

Então, meus olhos se arregalaram.

Assombrada, li na página disponível a seguir:

"21/06/2001

A Dra. Sara continua insistindo para eu transferir todos os meus conflitos interiores para este pedaço de papel, mas eu não quero mesmo escrever sobre isso.

Como se fosse mudar o fato de que tudo é minha culpa.

Como se fosse mudar o fato de que meu pai morreu.

Como se fosse mudar o fato de que fui eu quem o matou".

Continua...

¹Taumatrópio: brinquedo que provoca uma ilusão de ótica. Foi muito popular na época vitoriana. É um disco de papelão com uma imagem de

cada lado preso a dois pedaços de barbante. Quando as cordas são torcidas rapidamente entre os dedos, as imagens dos dois lados parecem se combinar em uma só, graças aos princípios da persistência da visão.



29.

2 | 9

COMO SE ESTIVESSE SOB efeito de um feitiço, meus olhos não conseguiam desprender-se da última sentença. O som lúgubre das batidas do meu coração foi substituído pelo das gotas de chuva no telhado.

Não. Não era literal. Não podia ser. Hiero escreveu aquilo como uma figura de linguagem, tipo uma metáfora, ou uma hipérbole. Eu o conhecia, e tinha absoluta certeza de que nem dentro do pior dos pesadelos ele seria capaz de fazer uma coisa dessas.

"Naquela mesma noite, ele se suicidou", a voz de Bruno soou distorcida em meus ouvidos.

Não, ele não seria, ele não seria...! Asseverei repetidas vezes a mim mesma. Algo deve ter acontecido naquela noite; algo plausível, justificável, e eu tinha de descobri-lo.

Com as mãos trêmulas, virei a página. Senti um arrepio por todo meu corpo ao ler outra revelação.

"13/07/2001

Chegou uma hora em que era óbvio que o casamento deles havia acabado. Minha mãe estava esgotada de todas as formas, e não havia mais pelo o que lutar. Eu ficava me perguntando então por que continuávamos a viver naquele inferno.

Até que um dia, eu entendi.

Havia uma razão pela qual minha mãe não ia embora.

Eu estava fazendo a lição de casa encolhido ao lado do toca-discos, um dos meus lugares favoritos, quando meu pai veio com uma caixa de sapatos nas mãos. Eu tinha quase certeza que estava chapado, pela forma que me olhava. Como se estivesse abrindo um presente depois da ceia de Natal, tirou da caixa um revólver.

Um pânico tomou conta de mim. Queria fugir, mas minhas pernas não obedeciam. Ele colocou balas no cilindro giratório e ficou rodando aquilo como se fosse uma brincadeira super divertida. Então, apontou aquela merda pra mim, fingiu atirar e caiu em uma gargalhada.

Eu nunca havia parado para pensar na relevância das pessoas terem armas de fogo em casa, até porque era algo bem comum – parecia que todo mundo na vizinhança tinha uma. Mas, a partir daquele momento, eu sentia como se tivéssemos uma bomba-relógio em casa prestes a explodir.

Talvez a única valência fosse que, se soubesse o esconderijo dela, poderia usá-la em minha defesa, se necessário.

Acabei a encontrando no meio das tantas outras caixas no fundo do guarda-roupa deles.

Só tinha um problema.

Eu duvidava que teria coragem de ao menos segurá-la.

14/07/2001

Depois de um tempo, ele começou a ameaçar de se matar caso ela o deixasse. Ou, pior, de nos matar primeiro e depois se matar.

Era aterrorizante.

Naquele mês, houve outra briga, e foi a pior de todas. Ele sufocou minha mãe enquanto ela se debatia no chão. Cheguei mesmo a pensar que ele poderia matá-la. Então, no desespero, fui até o armário e procurei no meio das caixas de sapato. Não encontrei nada. Corri até o telefone, e, enquanto tentava discar para a polícia, ele arrancou o cabo do aparelho. Minha mãe aproveitou a distração para atingi-lo com uma garrafa de vinho. Depois, meio cambaleante, arrumou as nossas malas. Disse que não ficaria ali nem mais uma noite. Mas então, quando meu pai acordou do desmaio, ele entrou em prantos, como sempre fazia, implorando por perdão. Asseverou que iria se internar de novo, e prometeu que seria a última vez.

Ela, já exausta, deu-lhe um ultimato.

Na manhã seguinte, ele partiu. Então a casa virou um céu novamente.

Enquanto eu apenas me preocupava em esconder meus hematomas dos professores e de Beatrice, minha mãe preocupava-se em esconder o processo da minha guarda e do divórcio de meu pai. Não entendo muito desses processos burocráticos, mas, uma hora ou outra, ele iria saber. Talvez, por meio de alguma intimação ou algo assim.

Não fazia nem três semanas que ele supostamente estava na clínica, então, não esperava vê-lo tão cedo.

Naquele dia em específico, minha mãe avisou que chegaria mais tarde, pois se encontraria com o advogado. Como sempre, repassou todos os conselhos de segurança, como trancar todas as portas e janelas, e pediu para não trazer a Bea em casa depois da escola. Mas estávamos tão ansiosos para ver como Hyoga iria enfrentar Milo na Casa de Escorpião que eu achei que não teria problema ela ir e ficar o tempo apenas daquele episódio.

Idiota. Idiota! Se não fosse minha burrice, se tivesse ouvido minha mãe, aquilo não teria acontecido.

Aquele episódio virou dois, três, quatro. Só percebemos que o tempo passou quando a energia caiu após um estrondo.

Era fim de tarde, mas tudo ficou um breu. Havia só a claridade dos postes na rua. A tempestade açoitava os vidros das grandes portas da sala e, a cada trovão, íamos ficando mais temerosos. A Bea tentou ligar para os pais, para avisar que estava em casa, mas não havia linha.

Foi aí que..."

Aquelas eram as últimas palavras. Eu havia chegado no limite onde o fogo não havia consumido. Não! Comecei a entrar em pânico. Consegui ler algumas frases no verso intacto.

"...nos achou atrás do balcão da cozinha. Gritamos e tentamos correr, mas ele conseguiu puxá-la pelos cabelos. Nessa hora, minha primeira reação foi ficar paralisado de medo, como nas muitas vezes que o vi espancar minha mãe e não fiz nada.

A covardia está no meu sangue.

Ele puxava a cabeça dela para trás, dizendo para que não gritasse e agitando aquilo com a outra mão no ar. Quando dei por mim..."

A escrita morria ali.

Não.

Não. Não...! Deve haver mais. TEM DE HAVER MAIS!, gritei em minha mente. Mas ali era o fim da linha. Não havia outros fragmentos; o resto do caderno era apenas fuligem.

Comecei a chorar desesperadamente, cobrindo meu rosto com as mãos, ao ponto de me engasgar com meus soluços.

Então, uma forte rajada de vento empurrou a janela e ela se abriu de repente, fazendo com que as frágeis páginas se soltassem e rodopiassem por todos os lados como pétalas de um dente-de-leão agitadas por um sopro. Observando aqueles pedaços de papel a flutuarem ao redor de mim, eu tive uma espécie de epifania.

A resposta sempre esteve bem em minha frente.

Era eu mesma.

Eu estive lá. Aquelas memórias encontravam-se adormecidas em algum lugar nas profundezas da minha mente. E agora era a hora de descer as escadas, acender a luz e sacudi-las, caso quisesse mesmo saber a verdade.

Fechei a janela ainda trêmula e encharcada de lágrimas. Do meu pescoço descia um suor gelado. Meu estômago parecia ter dado um nó, e sentia uma espécie de náusea. Com dificuldade, recolhi as páginas do chão e as encerrei na mesma gaveta dos chocolates. Voltei para debaixo dos cobertores, desliguei a luz do abajur e pratiquei os exercícios de respiração que aprendera nas sessões de terapia, a fim de me acalmar.

Achar a ponta do fio condutor não era difícil. Já havia encontrado outras vezes: quando Luke sussurrou algo atrás de mim na sala de materiais esportivos, quando desmaiei na piscina e na Casa dos Horrores.

Eu só precisava me concentrar.

Então, de olhos fechados, fiquei ouvindo por um bom tempo a chuva cair no telhado e bater contra os vidros. O enjoo foi diminuindo e meu coração começou a achar o ritmo certo.

Aos poucos, fui me ambientando e desenrolando o novelo com cuidado.

Visualizei a sala ampla e a enorme coleção de discos de vinil. O piano de cauda encontrava-se imponente mais ao centro. Senti a textura fria, lisa e macia do estofado de couro e voltei a minha atenção à sofisticada televisão na estante em minha frente. Na tela passavam imagens coloridas de uma animação gravada em VHS. Ouvia as vozes dos personagens misturadas à uma trilha sonora oitentista.

Um Hiero menor, mas já não tão rechonchudo, estava sentado ao meu lado com as pernas dobradas sobre o sofá, e parecia imerso na trama. Seu cabelo escuro caía-lhe perto dos olhos e, por precisar de um corte, começava a criar leves ondulações na altura do pescoço. Eu adorava aquelas mechinhas encurvadas, as quais ele ficava distraidamente enrolando com a ponta dos dedos.

Senti uma vontade imensa de chorar. Queria envolvê-lo fortemente em meus braços e dizer que tudo ficaria bem, mas não podia. Era apenas uma lembrança, e eu estava presa no meu corpo de doze anos.

Pelos janelões, vi um raio cortar o horizonte, seguido por um barulho ensurdecedor. Então, tudo ficou escuro.

— Esqueci de avisar à mamãe que eu viria hoje — ouvi-me falar num sobressalto. — E agora? Ela vai ficar uma fera comigo.

Senti as suas mãos a tatear o estofado até me encontrarem.

— Seria melhor que fôssemos o quanto antes, mas parece que o céu está caindo lá fora. Não quer esperar até a chuva passar?

— É... Eu vou ligar para ela. — respondi desanimada. Sabia que provavelmente ficaria de castigo, e meu medo era o de não poder voltar àquela casa tão cedo.

Ele me ajudou a alcançar o telefone, mas este estava mudo.

Então, ouvimos outro estrondo e sentimos o chão tremer. No susto, nos grudamos na velocidade de ímãs magnéticos.

Senti-lo tão próximo fez meu coraçãozinho disparar. Peguei-me desejando que o aguaceiro não passasse tão cedo e que até trovejasse mais um pouco.

— T-tudo bem? — sua voz soou quente em meu rosto.

Balancei a cabeça em afirmação, envergonhada demais para vocalizar uma resposta. Ah, bendita escuridão! Assim ele não podia ver o quanto estava corada.

— *Ugh*, esse breu está um pouco assustador... É mesmo, eu tenho uma lanterna em algum lugar no meu quarto.

Com os dedos entrelaçados, fomos caminhando com cuidado pela casa espaçosa. De vez em quando, eu esbarrava em alguma coisa. Enquanto

Hiero procurava o objeto numa gaveta do guarda-roupa, permaneci ligada à ele, segurando firme em um pedaço da sua camisa.

— Ah. Aqui está.

Da grande lanterna, uma luz incandescente e confortável irradiou. Sorri aliviada. Mas... espere. Que som foi esse?

— Ouviu isso?

— Isso o quê? — ele também sussurrou.

Outro barulho ecoou, dessa vez, como o de uma porta batendo com a força do vento. Tinha certeza de que vinha de algum lugar para além de onde viemos. Demos as mãos outra vez.

— Isso.

— *Shhh...* — Ele fez sinal para que não falasse.

Depois de uns segundos, murmurou:

— D-deve ser a minha mãe. É mais ou menos essa a hora que ela costuma voltar do trabalho.

Mas, pelo seu tom amedrontado, não parecia muito convicto.

— Deve ser, sim. — Procurei tranquilizá-lo. — Quem sabe ela possa me deixar em casa.

O correto seria termos nos trancado naquele quarto e esperado o socorro chegar; porém, na nossa ingenuidade, seguimos pé ante pé de volta à sala. Hiero segurava a lanterna fortemente e a movia por todas as direções, como se deter aquele fecho de luz fosse um escudo contra qualquer aparição repentina.

Percebi um rastro de água sobre o linóleo, o qual vinha da sala e seguia para o corredor dos fundos. Observei que um dos janelões corrediços estava entreaberto. Chuva adentrava o recinto e o acúmulo se espalhava

gradativamente sobre o piso em direção ao piano. Do lado de fora, a barraca indígena agitava-se com a violência da ventania, e seu vulto branco e deformado era semelhante a de um fantasma furioso.

Com o coração preso em minha garganta, corri até Hiero e agarrei o seu braço, temendo ficar sozinha. Ele ia prosseguindo lentamente para o outro lado da casa, onde provavelmente era o quarto dos pais.

"Por favor, não vá por aí! Volte! Impeça-o de alguma forma!", implorava para minha eu mais nova, mesmo sabendo que nada daquilo poderia ser alterado.

Uma sombra grotesca se projetou no corredor e quase morremos de susto. Mas, ufa, era apenas um vaso de plantas em cima de um aparador.

— Mãe... ?

Mal Hiero pronunciara a palavra, ouvimos uma forte pancada, como se um móvel cheio de objetos tivesse sido arremessado contra o piso. Na penumbra, algo moveu-se rapidamente ao nosso encontro, e, antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, um homem surgiu no foco da luz.

Ele era alto e esguio, na casa dos trinta, talvez. Suas roupas estavam ensopadas. Os cabelos grudavam-se no rosto magro como serpentes negras e contrastavam com a pele extremamente pálida. As olheiras fundas davam-lhe um aspecto cadavérico. Os olhos eram num tom profundamente azul como nunca havia visto, e pareciam berrar transtornados. A iluminação nele projetada deixava-o macabro.

Na mesma hora, Hiero passou-me para trás de si. Pude perceber o quanto seu pescoço estava tensionado, e os braços e mãos, enrijecidos. Senti os olhos queimando outra vez com as lágrimas por lembrar-me disso.

— Cadê a sua mãe?! — o homem perguntou em tom severo.

Hiero manteve-se em silêncio, mantendo a respiração curta.

— Moleque! Eu perguntei cadê a sua mãe!

— N-não sei. — Um profundo medo emanava da sua voz. — A-ainda não voltou do trabalho.

Começamos a arrastar os pés para trás devagar pelo corredor, a fim de nos afastarmos daquela figura maquiavélica. Mas ela se aproximava a cada passo que dávamos, encurralando-nos.

— Ah — ele disse em um riso sarcástico, insano. — Mas aposto que *disso* você sabia, NÃO É?! — E atirou um papel amassado no chão. — Eu avisei. Eu cansei de falar, mas ela não quis ouvir! Agora é tarde. É tarde para todos nós. Essa *vagabunda* vai se arrepender pelo resto dessa vida imunda e desgraçada!

Como se previsse o que iria acontecer, Hiero agarrou bruscamente o vaso de plantas do aparador e atirou-o no homem, deixando, no movimento, a lanterna cair. Depois disso, as imagens tornaram-se borrões. Nós corríamos, mas logo estávamos escondidos atrás do balcão americano da cozinha. Conseguia enxergar o ambiente pela luz dos postes ao lado de fora – apesar de tudo estar meio deformado por conta das minhas lágrimas de pavor.

Tentei silenciar meus soluços com ambas as mãos, e senti os braços trêmulos de Hiero a me apertarem.

— Tudo vai ficar bem... Eu estou aqui. — disse em meu ouvido com uma voz embargada. — Não vou deixar nada acontecer com você.

Então, ouvi o barulho nauseante de um objeto de metal raspando a parede e arranhando a superfície de mármore do balcão.

— Hiero... vamos conversar um pouquinho... — a voz embriagada soou bem acima de nós. — Não precisa ter medo. Vamos apenas brincar juntos, como nos velhos tempos.

Meu coração batia loucamente. Continuamos a conter a respiração e a nos encolher o máximo possível, na esperança de que ele passasse direto para outro lugar. Seguiram-se segundos de angústia. Um outro raio perfurou os céus e clareou o recinto. Bem ao nosso lado, o homem estava agachado, seus olhos tão atizados quanto flâmulas de um fogão.

— Aí estão vocês.

Comecei a mexer-me na cama nervosamente, enquanto tentava concentrar-me nas imagens. Estava cada vez mais difícil vê-las sob minhas pálpebras. A queimação no couro cabeludo pelos puxões daquela mão grande tornaram-se reais, e conseguia ouvir de forma quase audível aquele bramido:

— Para de gritar! Cale a boca!

Mas era como se não tivesse controle sobre meu corpo. Contorcia-me, tentando me soltar, berrando por socorro. E berrei ainda mais quando enxerguei o revólver brilhante em sua mão direita.

De repente, o homem vacilou. Hiero havia o atingido com algum objeto da cozinha e continuou a bater nele sem dó. Servi-me da distração para chutá-lo no estômago com tudo o que podia – algo que apenas o encolerizou ainda mais: com uma força incrível, chocou violentamente minha cabeça contra a quina do balcão.

Aí, tudo começou a rodar.

Respirei ofegante, apertando o tecido do cobertor até sentir dor nas juntas. Parecia que minha cabeça iria explodir. Sentia aquele ferimento da pancada aberto outra vez, bem como a dor latejante e o medo profundo – mas eu não podia parar agora.

Pelo Hiero... não podia parar.

Espremi os olhos e forcei-me a continuar na cena.

Senti meu corpo inerte sobre a cerâmica gelada. Um líquido viscoso escorria da minha testa e formava uma poça no chão. Não sabia quanto tempo havia ficado apagada. Minha visão ainda estava meio turva e embaralhada, e lentamente o zumbido agudo desapareceu, dando lugar ao arfar da minha respiração.

Quando meus olhos conseguiram focar no que acontecia a poucos palmos de mim, senti uma descarga elétrica atravessar todo meu corpo. O homem, que antes parecia precipitado sobre o garoto, recuava lentamente até sentar-se no chão. Seus olhos estavam petrificados, fixos em uma única coisa: no cano do revólver apontado a poucos centímetros de sua testa.

De alguma forma, Hiero havia conseguido pegá-la e a segurava em uma mão cerrada e trêmula.

— Deixa a gente em paz! — o garoto esbravejou. — Se quer morrer, morra, mas vá sozinho! Seu egoísta de merda, já deveria ter feito isso há muito tempo! — Lágrimas desciam exasperadas de seu rosto. — Eu te odeio! Odeio com todas as minhas forças! Seu demônio, desejo que vá mesmo ao inferno, onde é o seu lugar.

— Hiero, não! — ouvi-me gritar, enquanto me arrastava até ele. — Não faça isso.

Mas ele estava cego pelo ódio. Repugnância e ira estampavam o seu rosto.

— O meu maior desejo era que eu não tivesse nascido. — continuou. — Que não tivesse saído de alguém tão asqueroso como você. Eu tenho nojo de você, sinto vontade de vomitar todas as vezes que te vejo.

E outros insultos continuaram a ser vomitados, tão letais e cortantes quanto uma espada afiada. A cada sentença, ficavam mais impiedosos. Eram os gritos estancados das feridas abertas e infeccionadas por tantos anos. Eram afrontas hediondas e extremamente cruéis.

O rosto do homem desfigurava-se mais e mais conforme as palavras eram cuspidas, e então, rompeu num pranto aflito e lastimável. Seus ombros sacudiam incontroláveis enquanto balançava a cabeça e murmurava coisas inaudíveis. Mas Hiero parecia insensibilizado. Continuou a vociferar, e apenas parou quando descarregou toda a amargura acumulada dentro de si.

Com braços fracos, consegui enlaçar o corpo tenso do meu querido amigo. Sangue escorria pela minha face e manchava a gola da sua camisa.

— Não, não faça isso... — continuei suplicando em um choro baixinho. — Não, por favor... não.

Hiero olhou-me com olhinhos apertados e sofridos, o rosto inundado de lágrimas e dor. Senti seus músculos se relaxarem aos poucos, e seu braço foi baixando lentamente. A arma ficou tão frouxa em sua mão que quase caiu.

— Filho, por favor, — ouvimos a voz lamuriosa daquele jovem senhor ainda a chorar pateticamente. — fale que tudo é mentira.

— Não. A verdade é que eu queria que você morresse. Estaríamos bem melhor sem você. — foi a resposta impiedosa.

Após um momento de silêncio agonizante, Heitor disse em tom despedaçado:

— Sabe qual foi o meu maior erro? Foi não ter deixado essa droga destravada.

Então, o que se seguiu foi muito rápido.

Eram como cenas entrecortadas e disformes: a mão adulta sobre a de Hiero, o rosto dele a olhar surpreso para o pai, o barulho do cão sendo engatilhado...

E o disparo.

Como no exato momento daquele barulho terrível, eu gritei em plenos pulmões. Mesmo abrindo os olhos, ainda enxergava o sangue a escorrer fresco pelo piso e a entremear-se nas frestas do rejunte; ainda sentia o cheiro da pólvora queimada.

— Bea, querida, o que foi? — Papai foi o primeiro a me socorrer. Agarrei-me a ele, chorando muito. Ele me aconchegou em seus braços. — Calma, minha princesa, foi só um pesadelo.

Em seguida, senti o abraço de mamãe do outro lado. Meus irmãos estavam parados na porta do meu quarto, espantados.

No cantinho do batente, consegui ver parcialmente Hiero a olhar-me de soslaio. Segundos depois, já não estava mais ali.

Notas da autora | Oi... tem alguém vivo aí após esse capítulo? (π~π) Eu sei, é difícil pra mim também. Bem, o caderno acabou, e as revelações também. Quem diria que era isso tudo que Hiero guardava? Agora só nos resta saber como tudo vai se desenrolar após essa descoberta... (comentem aqui suas expectativas)

Aproveitando o espacinho pra desejar um feliz 2023 pra vocês ♡'••'♡ e agradecer por todo apoio! Recentemente recebi muitas mensagens carinhosas de leitoras ♡ fico com o coração tão quentinho e energizado, não tenho nem palavras pra descrever esse sentimento que não cabe no peito! Obrigada a cada lindeza que fez esse 2022 especial pra mim lendo essa história. E simbora, que ainda falta mais um pouquinho.

Beijinhos e até o próximo capítulo ♡(◡_◡)

30.



A CHUVA FINALMENTE PAROU e tudo o que eu conseguia ouvir era o som agudo das gotinhas das calhas a beijarem as poças no chão. Ao longe, um galo começou a entoar seus lamentos. Eu também queria chorar, mas estava exausta demais para isso. Não havia pregado o olho nem por um segundo sequer: sempre que o fazia, aquelas cenas tenebrosas surgiam e me assombravam. Eu tremia, chorava, me acalmava e tudo começava outra vez. Depois de umas horas, não tinha mais forças nem para produzir lágrimas. Assim, fiquei apenas sentada no chão, encostada na cama, olhando perdidamente para aquele manto escuro cravejado de estrelas.

Era por volta das quatro e meia quando decidi me levantar e tomar um banho. Fitei a palha que era meu cabelo, os olhos lamacentos e a pele sem viço. Céus, estava parecendo um zumbi. Na verdade, eu meio que *era* como um zumbi – não apenas por estar deformada pelo cansaço. Parte do que eu acreditava sobre minha vida morreu naquela noite.

Olhei para a minha maletinha de maquiagem e fiquei com vontade de jogar tudo aquilo na privada. Só que... sentia uma algeма invisível me prendendo a ela.

Xinguei mentalmente ao tremer o delineado pela terceira vez e quase tive um troço quando o rímel borrou. Joguei o bastão na pia com raiva. Por que

diabos eu tinha de continuar com isso?

Porque essa é você, Bea: uma escrava de máscaras, uma falsidade ambulante.

Uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto, fazendo com que a tinta preta borrasse ainda mais.

A contragosto, fiz os retoques necessários. Escovei os cabelos e vesti o uniforme do colégio. Coloquei um casaco bonito e calcei um par de botas. Ao abrir a gaveta para escolher uma boina, meu olhar encontrou o boné camuflado.

Senti a garganta apertada. Ainda não tinha criado coragem para devolvê-lo. Elevei o acessório ao rosto e senti o perfume característico do seu dono. Então, como se quisesse guardá-lo para sempre dentro de mim, apertei-o contra meu coração e fiquei assim por longos minutos.

Acho que fui a primeira aluna a chegar ao colégio. Tudo estava escuro e silencioso. Fiquei zanzando pelos corredores vazios, até que vi a dona Célia, responsável pela secretaria, destrancando a sala dos professores.

— Bom dia, tia Celinha. Por acaso, seria possível usar o laboratório de informática agora?

A senhora baixinha e gordinha, a qual mais parecia um canário vestida com um alegre conjuntinho de inverno, virou-se surpresa e me olhou de cima a baixo através dos seus óculos de gatinho.

— Meu Deus, menina, você está bem? Parece tão abatida!

Mais do que meu "ritual", eu sabia que somente uma varinha de condão seria capaz de transformar-me naquela manhã – algo que, obviamente, eu

não possuía. Tive vontade de dizer que não era da conta dela, mas antes que percebesse, já estava falando:

— É que eu passei a madrugada toda fazendo um trabalho; a senhora sabe como o professor Alexandre é exigente. Eu só preciso complementá-lo com uma pesquisa rápida... *por favorzinho*.

Ela torceu os lábios pintados num rosa *pink*.

— Não sei não, a regra é que a sala só pode ser usada quando o monitor Marcos estiver, e...

Suspirei dramaticamente e encolhi os ombros.

— Puxa... Todo o meu esforço desta noite terá ido por água abaixo! Eu precisava *tanto* dessa pesquisa que saí de casa na maior pressa, nem comi nada.

— Oh, pobrezinha... — Ela esfregou meus braços afavelmente. — Vou ver o que posso fazer. Tome. Garotas bonitas como nós não podem ficar sem o café da manhã. É a refeição principal do dia. — E deu-me uma caixinha com um *donut* de chocolate que carregava na bolsa.

Mastiguei o pãozinho lentamente e o engoli com muita dificuldade. Droga, fiz *aquilo* de novo. Eu não sabia parar, era um hábito. Mentir tornara-se parte de mim, o ingrediente principal daquele bolo de padaria que era minha vida. Confeito lindo e convidativo, sabor horrível.

Dona Célia me conduziu até a sala e disse-me que poderia usá-la somente por meia hora. Era mais que suficiente. Sentei-me na confortável cadeira de rodinhas e liguei o monitor. Até que os computadores da escola eram modernos, sem aquele gabinete volumoso, e tinham charmosos detalhes em azul-água.

Abri o Google e digitei: "*cantor tuto tribo ômega*".

Passei o cursor sobre o primeiro link, o da Wikipedia. Movida pela curiosidade, li a curta biografia e ampliei a foto do artigo. Provavelmente

foi tirada quando Heitor estava no auge da fama, talvez em seus 22 ou 23 anos. Nela, vi um homem extremamente belo, dono de um sorriso arrebatador. Senti-me esquisita e desconfortável, porque ele parecia uma versão mais velha de Hiero: de fato, um era a xerox do outro.

Nas minhas memórias, porém, Heitor estava destruído, com certeza pelos anos de abuso do álcool e dependência química.

Saí da página e segui os links abaixo. Parei em um resultado da Folha de S. Paulo: "*Cantor e compositor Tuto é encontrado morto em sua residência*", publicada no dia 30/11/2000.

Comecei a me sentir enjoada novamente e um suor desceu pela minha testa. Mesmo assim, cliquei na matéria. Graças a Deus, não havia fotos.

"Heitor Bittencourt, 36 anos, foi encontrado morto..." tarara, tarara, *"...O Distrito Policial divulgou que a causa do óbito foi um tiro de revólver calibre 32 na altura da cabeça. A polícia investiga o caso e inicialmente trabalha com a hipótese de suicídio do cantor, compositor e..."*

Ainda não era isso que eu procurava. Voltei a página. Desci o cursor até uma matéria publicada em dezembro de 2000:

"O 96° DP do Brooklin divulgou nesta quinta-feira (15) um laudo provisório do exame residográfico, o qual indicou vestígios de pólvora na mão direita de Heitor Bittencourt, sustentando, assim, a hipótese de suicídio, apesar das marcas de lesão corporal e vestígios de sangue não identificados encontrados no local."

Hm... talvez o meu sangue?

"Amostras de pólvora coletadas pelos peritos em uma testemunha, cuja identidade não pode ser revelada, apresentou resultado inconclusivo."

Como imaginei, Hiero não escapou da investigação da polícia.

Ele presenciou a morte do pai e precisou lidar com um profundo trauma. Enfrentou o rompimento de uma grande (e única) amizade, a mudança para

outro estado e, ainda por cima, se tornou alvo dos policiais, os quais provavelmente também o viram como suspeito de uma suposta tentativa de homicídio... Caramba, eu não conseguia imaginar a dimensão do sofrimento de ter vivido isso.

Se essa não era a definição de ter vislumbrado as portas do inferno, eu não sei qual seria. Perto dele, o que eu passei foi fichinha.

Achei outra matéria, já no final de 2001:

"A investigação concluiu que a causa da morte do cantor Heitor Bittencourt foi suicídio, pelo resultado da balística e por não haverem provas o suficiente que sustentem a hipótese de homicídio."

Suspirei aliviada. Então, se mesmo após um ano a conclusão da polícia foi a mesma, quer dizer que...

— Beatrice, acabou o tempo — Dona Célia apareceu na porta da sala.

— Ah! Só um segundinho.

Como não era boba, apaguei o histórico antes de desligar o computador.

— Conseguiu o que queria? — ela perguntou com uma preocupação genuína.

— Hum-rum. Obrigada por quebrar esse galho.

Não havia dúvida. Tudo bem, até um dia atrás eu não podia confiar nas minhas memórias, mas, desta vez, tinha certeza do que vi. E aquelas matérias endossavam minha convicção: Hiero era inocente.

Isso me trazia um pouco de conforto – embora ainda estivesse em meio a um maremoto de sentimentos conflituosos e doloridos.

Faltavam uns quinze minutos para a primeira aula e decidi ir logo para a minha sala. Ao chegar na interseção do corredor principal, agora cheia de alunos, avistei Hiero. Ele vinha devagar, com a cabeça baixa e as mãos enfiadas nos bolsos. Outros poderiam pensar que só estava distraído, mas eu

sabia que não estava em um bom dia. Quase podia ver nuvenzinhas cinzentas sobre ele.

Meu coração entrou em estado catatônico e mais que depressa corri de volta para o corredor de onde viera. Virei-me de costas e me encolhi contra a parede da esquina, tentando esconder meu rosto com a aba do casaco.

Felizmente, ele passou sem olhar para nenhum lado. Seus olhos não desgrudavam dos seus pés e ele seguiu assim, distanciando-se cada vez mais. Acompanhei suas costas até perdê-lo de vista, sentindo outra vez uma enorme vontade de chorar.

Eu não sabia como encará-lo.

Estava envergonhada demais.

Sentia ojeriza por tudo o que havia feito a ele, por todo ódio destilado, por cada ofensa proferida, pela minha presunção e egoísmo. Como fui infantil, imatura! Sentia-me suja e traiçoeira. Sabia que havia preferido o caminho mais fácil. Em vez de enfrentar o medo, transformei situações, distorci fatos e, como minha mente procurava um bode expiatório, transformei Hiero em um monstro. Só que, com isso, machuquei a pessoa que mais precisava da minha ajuda.

No pior momento da vida dele, eu havia soltado a sua mão e o abandonado.

Após a cirurgia, ainda no hospital, fiquei em estado de negação, repetindo para mim mesma que aquilo só tinha sido um pesadelo. Quando ele foi me visitar em casa, tive um ataque de desespero. Joguei coisas nele, mandei-o embora, gritei que não queria mais vê-lo. Foi a partir daí que dei lugar às mentiras. De tanto desejar, acabei realmente me esquecendo de tudo.

Mas... e quanto a ele?

O que sentiu quando me viu gritar daquela forma?

Quanta dor não teve de suportar sozinho?

E quanta dor ainda guardava dentro de si?

Eu queria ter sido a amiga que o ouviu nos momentos difíceis, que emprestou o ombro para que chorasse. Mas eu não estive lá. Ninguém esteve.

Lembrei-me de quando ele disse que não tinha amigos em Fortaleza, e que nunca saía para se divertir. Tudo começou a fazer sentido: o porquê das suas auto-exigências, o porquê das privações. Talvez, movido pela culpa e numa espécie de penitência, ele se fechou em um mundo o qual não se permitia ser feliz.

Minha cabeça parecia girar. O que eu deveria fazer agora que havia recobrado todas as minhas memórias?

Dando voltas e mais voltas, procrastinei a ida à sala até o último segundo.

Percorri o caminho até minha carteira desejando ter o poder da invisibilidade. Seria ótimo se o chão abrisse e me enviasse direto para a Conchinchina ou qualquer outro lugar. Não queria ter de lidar com olhares inquisidores ou perguntas do tipo: "o que é que tá pegando?". Só queria ficar na minha.

Estranhamente – e para meu alívio –, nenhum dos meus amigos estava aí. Ao meu lado, Dahlia parecia dormir debruçada sobre seus cadernos. Mima, atrás de nós, escutava música em fones de ouvido, com os olhos fechados, encostada na parede. Mais ao lado, Luke fazia uma barreira com suas costas; segurava a cabeça com uma das mãos e com a outra, espiava algo no celular.

E Hiero... não descruzou os braços nem quando o professor pediu para abirmos os livros.

Parecia que cada um de nós se abrigava no seu universo particular naquele dia. Ninguém queria conversar. Estávamos secretamente imersos em nossos próprios dilemas, lutando para sobrevivermos, de alguma forma, nas correntezas dos problemas da vida.



Mal o sinal tocou para o intervalo, saí apressada em busca de um lugar onde pudesse curtir meus pesares sozinha. No entanto, como faríamos nosso grande ensaio no auditório no dia seguinte, o assunto da peça era a bola da vez. Que raiva! Em todo canto havia um *bendito ser* acenando ou chamando pra conversar. Passei a desviar-me deles com a mesma urgência de um combatente em fogo cruzado, correndo de lá para cá.

Depois de uns minutos de fuga, minhas pernas enfraqueceram. Dentro da minha cabeça parecia haver uma construção civil acontecendo, com operadores de britadeiras trabalhando a todo vapor.

Finalmente lembrei-me da sala de materiais esportivos. A porta estava entreaberta. Entrei de mansinho e desabei ao lado de uma pilha de boias-macarrão. Silêncio e paz, aleluia.

Olhei em redor. Quanta quinquilharia: eram estantes de metal repletos de bolas, cones, cordas, raquetes. Mas atrás da última, perto da parede, vi um objeto estranho. Parecia um tecido preto... Devagar, levantei-me e cheguei mais perto para ver melhor. Era a manga de um casaco, o qual pertencia a...

Hiero.

Ele estava agachado, de costas para mim. Conseguia ver parcialmente seu rosto, e seus lábios se mexiam sem pronunciar nada. Era como se estivesse memorizando algo. Aí vi que segurava o roteiro da peça.

Passei uns segundos travada, sem reação. Não sabia se corria ou me escondia. Sendo assim, fiquei imóvel, observando-o.

Ele pareceu tropeçar em algumas palavras e xingou baixinho. Recomeçou, tropeçou de novo e sacudiu os cabelos, nervoso. Na terceira vez, atirou o roteiro contra a parede.

— Ah, mas que merda! Por quê...? Por que tinha que ser assim?! — E enterrou o rosto entre as mãos.

Eu queria correr e abraçá-lo. Queria perguntar o que estava acontecendo, queria consolá-lo. Mas... A droga daquela culpa de novo, a enorme e *desgraçada* culpa em meus ombros me fez recuar. E no passo para trás, pisei em uma bolinha perdida de queimada e caí de bunda no chão.

— Ah... ai — gemi, esfregando o local. Então, congelei. Abri um olho.

Hiero estava em minha frente, assustado.

— Bea?

Levantei-me rapidamente e iniciei uma corrida, mas ele foi mais ágil e agarrou-me pela cintura. Como estávamos no meio de um movimento brusco, perdemos o equilíbrio e caímos em cima da pilha de boias-macarrão.

Senti aquela cama de emborrachados sob meu lado esquerdo, e o corpo quente e macio de Hiero atrás de mim. Seus braços ainda enlaçavam minha cintura. Como se estivesse com medo de que eu fosse sumir para sempre caso me soltasse, ele me puxou e me apertou contra si.

Seu rosto se aninhou em meu ombro. Seu peito tremia em intervalos, combinando com uma respiração chorosa.

Pensei que eu fosse enlouquecer. Apesar de estarmos tão próximos, havia um obstáculo entre nós, o qual não conseguíamos ultrapassar. Era doloroso demais vê-lo sofrer e não poder fazer nada.

— Não fuja, Bea, por favor... — sua voz soou abafada na gola do meu casaco, tão fraca que mal conseguia escutar. — Por favor. Por favor. Me perdoe.

"Não... Não me peça perdão...", queria dizer, mas nenhum som saiu da minha garganta. Ela estava bem fechada, apenas segurando o meu choro.

Lentamente, ele elevou a cabeça poucos centímetros acima da minha. Senti o roçar dos seus cabelos na minha orelha, o calor de sua respiração próxima aos meus lábios. Porém, antes que nossos olhos pudessem se encontrar, virei a cabeça para o outro lado, sabendo que minhas íris me trairiam e denunciariam tudo o que eu tentava esconder.

Estremeci completamente ao sentir o dorso de sua mão a fazer um carinho suave em minha bochecha. Meu pobre coração, o qual já estava acelerado, tornou-se um trem descarrilhado. Então, sua mão virou e me tocou com mais pressão. Na bochecha e depois na testa.

— Meu Deus, Bea, você está queimando de febre!

Ele se levantou, me levando junto com um dos braços. Assim que firmei os pés, tentei escapar novamente, mas ele me agarrou pela mão.

— Aonde pensa que vai? Você precisa de um remédio! Vamos pra enfermaria.

Ele passou a me conduzir em direção aos prédios administrativos, uma passada à frente que eu. Fitei sua mão grande cobrindo a minha com firmeza. O que todos, principalmente Mima e Luke, iriam pensar sobre esse gesto?

"Não, me solta!", suplicava em minha mente. Mas eu não queria que ele me soltasse. "Pare! Eu não mereço tanta gentileza!", mas não queria que ele parasse.

Na verdade, queria que ainda estivéssemos na sala dos materiais. Queria ainda estar envolvida em seu calor. Queria que continuasse a me abraçar apertado, e que seus lábios se unissem aos meus com ternura. Mas só o fato de desejar isso doía ainda mais, porque eu não tinha esse direito.

Eu era uma garota horrível e Hiero não merecia alguém como eu. Além disso, ele... já estava comprometido.

Pois é...

Eu também me sentia uma idiota por ter me dado conta dos meus sentimentos tarde demais.

Nem sei exatamente quando tudo começou. Não sei se foi no parque de diversões, ou naquela manhã no Ibirapuera, ou depois que eu soube que ele me salvou na piscina. Talvez tenha acontecido até mesmo antes disso.

Mas o fato é que...

Eu amava Hiero.

Estava irremediavelmente apaixonada por ele.

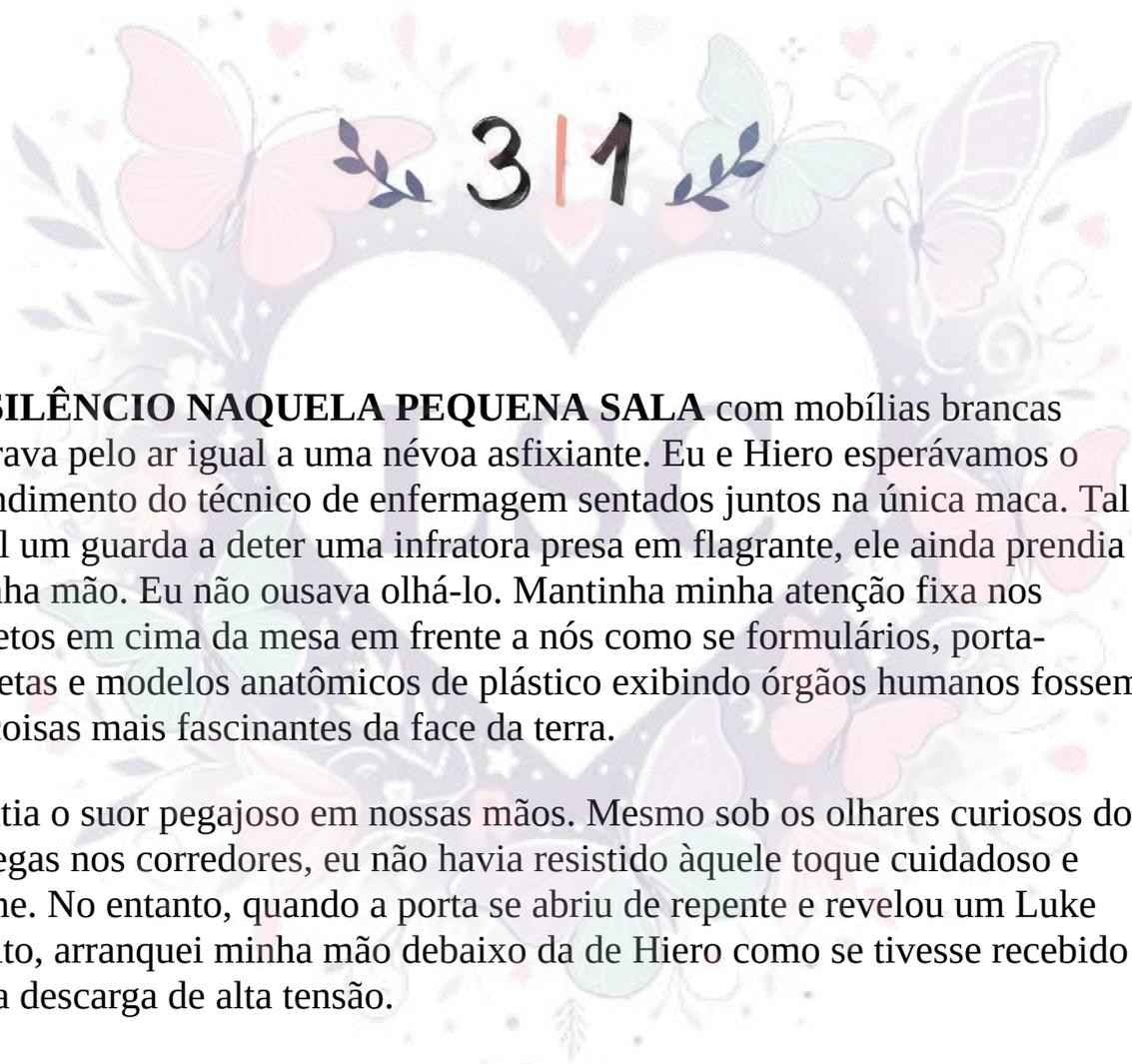
Tanto, tanto, tanto que eu sentia que nem podia respirar.

Ao contrário do que eu imaginava, meu amor não chegou causando o maior estardalhaço – com os tais dos sinos batendo, anjos cantando e tudo o mais. Ele chegou de mansinho, como um sol se pondo em um dia de verão, o qual vai baixando suavemente até encontrar o limiar entre o céu e o mar. Com esplendorosos tons violeta e alaranjado, rodeado de nuvens brilhantes, era como um entardecer belo, poderoso, mas melancólico.

O meu primeiro amor.

Continua... ♡

31.



O SILÊNCIO NAQUELA PEQUENA SALA com mobílias brancas pairava pelo ar igual a uma névoa asfixiante. Eu e Hiero esperávamos o atendimento do técnico de enfermagem sentados juntos na única maca. Tal qual um guarda a deter uma infratora presa em flagrante, ele ainda prendia a minha mão. Eu não ousava olhá-lo. Mantinha minha atenção fixa nos objetos em cima da mesa em frente a nós como se formulários, porta-canetas e modelos anatômicos de plástico exibindo órgãos humanos fossem as coisas mais fascinantes da face da terra.

Sentia o suor pegajoso em nossas mãos. Mesmo sob os olhares curiosos dos colegas nos corredores, eu não havia resistido àquele toque cuidadoso e firme. No entanto, quando a porta se abriu de repente e revelou um Luke afoito, arranquei minha mão debaixo da de Hiero como se tivesse recebido uma descarga de alta tensão.

— Bea, você... Ah.

Luke percebeu.

Aliás, pelos olhos que passaram de redondos a duas pequenas fendas, parecia ciente também de outras coisas.

O intenso desconforto entre nós três foi instantâneo. Hiero suspirou sonoramente e se levantou, colocando as mãos no casaco, e se dirigiu à porta sem dizer nada. Acompanhei seus movimentos com uma dor aguda no peito. Depois que ele se foi, dirigi o olhar a Luke, o qual parecia me escrutinar, seus olhos percorrendo o espaço entre mim e a porta.

Eu sabia. Era questão de tempo até que isso acontecesse. Agora também sentia imensa vergonha de encará-lo. Escondi meu rosto sob os cabelos, controlando-me para não desabar em prantos ali mesmo.

— Como está se sentindo? — sua voz soou um pouco mais branda do que esperava. — Fiquei mesmo preocupado quando me falaram que viram você vindo à enfermaria, mas... — Ele deu um respiro irônico — pelo visto, você já estava *muito bem* amparada.

— Luke... Bem, é que... — tentei em vão não tremer a voz.

— Amanhã é o nosso grande ensaio. Você precisa ficar boa logo, tem que descansar.

— N-na verdade, eu...

— Não precisa gastar energia à toa. Caramba, cadê esse enfermeiro?

Senti meus músculos se enrijecerem. Apertei as mãos em meu colo.

— Luke! Por favor, só me escuta... !

Mas ele me interrompeu de novo, e dessa vez sua voz soou amarga.

— Bea, você quer que eu faça alguma coisa? Ah, falar com seu pai, não é? Tá legal, eu falo! Ainda hoje, se quiser. Mas não vamos começar isso agora. Você não está bem, *eu* não estou bem, então vamos nos poupar. Depois da apresentação, como a gente combinou.

Mal ouvi o barulho da porta, irrompi em lágrimas sofridas, o coração em frangalhos.

Até o enfermeiro se assustou quando me viu, achando que estava seriamente machucada. Deu-me um paracetamol e um calmante fitoterápico. Recomendou que descansasse ali até a dor de cabeça passar. Deitei-me de lado na maca e me cobri com o lençol fino. Elevei as pernas na altura do peito, enterrei ali o meu rosto e continuei a chorar até adormecer de exaustão.

Despertei com o meu celular vibrando no bolso do casaco. Era Bruno, dizendo que havia chegado para me levar para casa de carro. *Oh... obrigada, Hiero*. Apesar de tudo, ele ainda continuava cuidando de mim... algo que trazia ainda mais desordem ao meu pandemônio interior. Eu não queria me apegar à falsas expectativas, já que as cartas estavam bem colocadas na mesa.

Se me lembro bem das palavras de papai, o amor é uma escolha. Talvez Hiero ainda não estivesse ainda tão envolvido com Jemima, mas, ao que tudo indicava, eles tinham algo. Ele havia escolhido *ela*. O pior de tudo é que eu era tão egoísta que nem mesmo conseguia torcer pela felicidade deles.

As lágrimas brotaram ardentes outra vez enquanto caminhava pelo saguão do prédio administrativo. Apesar do breve sono, eu me sentia moída até os ossos e aqueles pensamentos não me ajudavam nem um pouco.

Ao atravessar o corredor principal rumo à saída, ouvi vozes dos professores a darem a aula do último tempo. Todos estavam enfurnados em suas respectivas salas, e por sorte, não havia ninguém ali para presenciar aquela exteriorização patética da minha derrota emocional, certo?

Errado.

Como um animal peçonhento sorrateiro dando o bote quando menos se espera, senti uma mão delgada a puxar meu pulso para o estreito corredor que conduzia ao banheiro feminino daquela ala. Fui arrastada para uma esquina por ninguém menos que Karina e suas duas *capangas* – digo, amigas.

Ah, só me faltava essa!

A cereja do bolo de um dos dias mais desastrosos da minha vida.

— Oi, *Bea-tri-ce* — a voz de gralha dela fez meu estômago embrulhar. — Como vai essa sua vida de princesa em apuros? Aposto que deve ser maravilhoso ficar de lá para cá nos braços dos príncipes encantados, *hu hu hu*.

Ela abriu a boca em um sorriso medonho que me lembrava o do gato de Cheshire. Então, o sorriso desvaneceu e ela espalmou a parede ao meu lado. As duas amigas, uma de cada lado, se aproximaram mais, fazendo um semicírculo apertado em redor de mim. O que essas vacas queriam? Franzi as sobrancelhas. A indignação misturou-se à comiseração e propulsionou mais lágrimas em minha face.

— Oh, coitadinha dela. — Karina fez um beicinho. — É mesmo uma dondoquinha que recorre ao choro para comover as pessoas e se livrar dos problemas. Para que tá feio, garota. — Ela me enrostou. — Chega dessa falsidade, dessas lágrimas de crocodilo. A gente sabe tudo sobre os seus joguinhos.

Senti a ira preenchendo as veias da minha face e a apertei em uma carranca. As três pareciam satisfeitas com minha reação.

— Me deixe em paz!

— Claro que sim. — Ela cruzou as mãozinhas, fingindo meiguice. — Mas só depois de combinarmos uma coisa. O negócio é o seguinte: ou você mostra a sua verdadeira cara horrorosa pra todo mundo, ou... bem, digamos que nós iremos tomar algumas *providências*. — Ela estalou a língua de jararaca. — E aí, o que vai ser?

Bufei sarcástica e revirei os olhos mareados. Que coisa mais infantil. Por acaso havíamos voltado para a sexta série?

— *Há!* Providências? O que vão fazer? Chamar a polícia? Me prender porque eu sou popular?! — Encarei-a de igual pra igual. — Oh, façam-me o favor!

A garota da esquerda afundou os dedos em meu peito, jogando-me contra os azulejos frios do banheiro.

— Se enxerga, imbecil! A gente tá deixando te escolher entre o jeito fácil ou difícil e você ainda vem com essa arrogância toda?!

Agarrei a mão dela a fim de me livrar, mas a da direita segurou meu braço e me pressionou na parede com ainda mais força.

— *Shhh*, meninas, vamos ouvir o que ela tem pra dizer. — Karina mandou. Como cachorrinhas obedecendo à dona, elas me soltaram.

Não conseguindo me conter por conta das ondas caóticas que submergiam minha mente, vociferei:

— Se você quer tanto aparecer, Karina, por que não fica igual à *Globeleza*, monta num carro alegórico e vai rebolando daqui até na China?! — Impelime contra elas, forçando passagem. Depois, me virei para arremedar: — Ah, já sei. É porque os olhos de todos iriam apodrecer. Pois a única horrorosa aqui é você, sua cretina! — E, levada pelo furor do momento, dei-lhe o dedo do meio.

— Você fez sua escolha. Parabéns, *perdedora*. — Consegui ouvi-la sibilar ao longe.

Mas... mas que *droga* de ameaça foi aquela?!

Que inferno! Por que as desgraças não paravam? Uma após outra, elas apareciam como convidadas VIP de um grande evento. Estremeci. Talvez... da minha grande derrocada... ? E se tivessem armando mesmo algo? Não, eu sempre fui muito cuidadosa. Aquilo era apenas um blefe. Não havia nenhuma prova, nada que pudesse me incriminar e manchar minha reputação impecável.

Enxuguei o rosto e prossegui para o estacionamento. *Calma, Bea. Nada vai acontecer. Vai dar tudo certo...*

Pelo menos, era isso o que eu pensava.



O dia seguinte era uma sexta-feira. Não 13, mas bem que poderia ser.

Contando com ela, faltavam exatos seis dias para a Feira Científica. Como na semana imediata à Feira já começavam as provas finais, a turma decidiu que era melhor deixar logo tudo organizado no imenso auditório para a apresentação. Aí, livres dessa responsabilidade, poderíamos nos concentrar melhor nas revisões durante os dias que restavam.

Luke conseguiu junto à diretoria que as aulas fossem canceladas para que pudéssemos nos dedicar inteiramente à arrumação. Então, como abelhas operárias, nos organizamos em uma verdadeira força-tarefa na montagem de cenários, luzes, áudio, projetor, e tudo o mais.

Determinada em não dar vazão aos meus pensamentos, procurei ficar ocupada o tempo todo. Dei as mesmas marteladas que me afligiam naquelas cidades de madeirite e corri de lá para cá varrendo os restos de materiais, desejando fazer o mesmo com meus sentimentos. Tentei manter os olhos pregados sempre no chão para não correr o risco de acabar flagrando possíveis interações entre Hiero e Mima ou os olhares azedos de Luke.

Contudo, semelhante ao efeito rebote de uma alta dose de açúcar no sangue, minha energia se extinguiu após a arrumação e, novamente, a melancolia se apoderou de mim – algo péssimo, considerando que ainda tínhamos mais umas duas horas de ensaio pela frente.

Vesti o meu figurino com o mesmo entusiasmo de um morimbundo. Aliás, foi neste espírito que vivi (ou sobrevivi) as últimas vinte e quatro horas: presa no meu quarto, sem mal conseguir comer e, que novidade, passando a noite em claro outra vez. Duvidava que existisse base corretiva no mundo com cobertura boa o suficiente para esconder as sombras arroxeadas debaixo dos meus olhos.

Enquanto esperava nos bastidores pelos últimos acertos, tentava repassar mentalmente minhas míseras quatro falas. Droga...! Minha cabeça estava cheia outra vez e não conseguia me concentrar – algo péssimo elevado ao quadrado, já que o objetivo desse "grande ensaio" (*ugh*, como Luke falava o tempo inteiro) era fazermos tudo exatamente como seria na apresentação.

"Foco, Bea!" Apertei os olhos e dei batidinhas em minha cabeça igual a uma idiota. Até parece que chacoalhar meu cérebro ia me ajudar a recobrar as falas.

De repente, uma agitação chamou a minha atenção. Alguns colegas corriam para espiar o auditório, de onde vinha um burburinho crescente. Duas garotas figurantes de outra cena passaram cochichando em tom de desaprovação:

— Por que raios todo mundo está aqui?!

Hein?

— Ei — chamei um garoto que passava carregando uma enorme extensão enrolada em um dos ombros. — O que está acontecendo?

Ele parou e se virou ligeiramente. Inclinei a cabeça. Ué... ? Tadeu? Era ele mesmo? O que havia acontecido com aquele cara metido a emo? Puxa, como estava diferente! Estava completamente... *normal* – quero dizer, como costumava ser antes da Dahlia e aquela confusão toda – sem maquiagem ou acessórios pretos, com o cabelo curto e o uniforme ajeitado.

— E aí, Bea? — Ele sorriu levemente da minha expressão confusa. — Não sei o que tá rolando não... Só que a escola inteira parece estar vindo pra ver a gente ensaiar. Talvez por ser a hora do intervalo, sei lá.

— Quê?! — Levantei-me do chão exasperada e corri até as cortinas.

Meu-pai-eterno! Quando ele falou a "escola inteira" não estava exagerando. Alunos de todas as turmas não paravam de chegar animados, como se estivessem indo ver o espetáculo do século.

— O que vamos fazer, Luke? — alguém indagou. Só então percebi o rapaz loiro atrás de mim vendo a movimentação pela mesma brecha entre os panos. Abaixei os braços, soltando a cortina, e me encolhi, acuada.

— Nada de pânico. — ele respondeu em uma voz grave, séria. — Vamos manter os planos. Na verdade, talvez seja até melhor assim. No dia, não vamos nos apresentar para um auditório vazio, certo?

A algazarra no recinto não parava de aumentar.

— Andem logo, disseram que iríamos ver um show! — uma voz masculina e fanfarrona se sobressaiu e provocou risadas.

Luke suspirou irritado. — Tudo certo para começar? — perguntou no *walkie-talkie*. Provavelmente estava se comunicando com os garotos responsáveis pela projeção.

— *Só viemos ao banheiro rapidamente, mas já estamos chegando. Podem começar que tudo está no ponto.* — veio a voz chiada do outro lado.

— Certo. — Então, dirigiu-se a mim com uma expressão indiferente, quase patronal: — Está pronta?

Balancei a cabeça em afirmação, fitando o chão. Não, eu não estava. Na verdade, estava tão nervosa que sentia um ácido borbulhante corroendo meu estômago e as pernas tremendo. Tinha um pressentimento de que algo terrível estava a ponto de acontecer. Quase podia ouvir as gargalhadas e vaias que sucederiam meu fiasco de atuação dali a pouco. Apenas queria correr para bem longe, me esconder em algum canto e murchar de tanto chorar.

— Ótimo. — Ele saiu andando.

Apertei as mãos trêmulas no vestido e respirei fundo.

"Certo, certo, calma. Já repassei as falas tantas vezes com Hiero, e..."

Hiero.

Só de pensar naquele nome, minha mente desenhava a imagem do seu rosto adorável. Meu peito doeu de consternação e saudade. Eu estava o evitando há dois dias, mas parecia que não nos víamos há dois anos. E, céus, como gostaria de estar com ele nesse momento, de ouvir sua voz doce e achocolatada a dizer...

— Não se preocupe. Você vai se sair bem.

Hã?

Achei que estava meio pirada das ideias, porque jurei ter escutado a voz dele próximo ao meu ouvido. Virei-me num pulo. Não, eu (ainda) não havia perdido minha sanidade! Ele estava realmente ali ao meu lado, encantador em seu figurino. Seu olhar encontrou o meu por uma fração de segundo, depois, voltou-se para o microfone de lapela que trazia nas mãos.

— É só um ensaio, de qualquer forma. Nada demais... Desculpe, com licença. — Ele ajustou com delicadeza o aparelho na alça do vestido e engatou o transmissor em minha cintura.

"Agradeça! Rápido, ele vai embora. Só diga qualquer coisa!" meu cérebro suplicava. Mas não consegui. Igual uma estúpida, fiquei imóvel, sentindo meu coração latejar em meus ouvidos. Então, sem sorrisos, sem despedidas, Hiero dirigiu-se aos camarins.

— Sua idiota! Idiota! — praguejei baixinho, dando soquinhos na minha cabeça.

Após um breve momento, ouvi Victor narrar a introdução com sua voz polida de locutor de rádio e rapidamente posicionei-me para a entrada.

As cortinas foram se abrindo lentamente. Um facho resplandecente cobriu-me e levantei uma mão para proteger os olhos. Depois que minha visão se acostumou, consegui ver aquele desastre de plateia: alunos jogados nas cadeiras lanchando e jogando migalhas uns nos outros, rodas de amigas conversando e rindo, marmanjos fingindo soneca. E ainda tinham os escorados nas paredes.

Só maravilha.

— Bea! — ouvi a voz gritada, porém sussurrada de Luke. Ele estava em pé, na lateral do palco, gesticulando para que eu começasse a falar. — Vamos!

Engoli em seco. Comecei sem nenhuma firmeza:

— Ora, d-de que adianta os livros me mencionarem se permanecem fechados nas prateleiras? O teatro, porém, é um livro vivo para quem deseja comê-lo. D-digo, *conhecê-lo!*

Risos estouraram na plateia com meu deslize. Aumentei o tom de voz, procurando me concentrar.

— Contarei-lhes a m-minha história. Chamo-me Hipátia e ensino em Alexandria. Sou filha do matemático Theon, último professor da Universidade de Alexandria. P-por sua influência, aprofundei-me nos estudos da astronomia, religião, poesia, artes e ciências exatas, domínios tradicionalmente masculinos. Tive muitos pretendentes...

— Ô se teve!

Reconheci na hora a voz maldosa de Karina no meio daquela bagunça. Meu radar de perigo ligou na hora, mas tentei continuar sem parecer abalada.

— M-mas rejeitei a t-todos, pois...

Nesse instante, minha voz foi interrompida por um ruído abafado vindo das caixas de som ao redor. A zoada cessou e os olhos de todos direcionaram-se ao telão atrás de mim. O que estavam olhando? Ainda não era a hora do vídeo ilustrativo...

Virei-me e quase caí com o susto.

Que diabos era aquilo... ?!

Gelei. *Ahhhh, não...* Karina!

Droga! Eu estava ferrada. Estava MUITO ferrada.

Havia subestimado a ardileza daquela cobra e nada nesse mundo iria impedir a humilhação que eu estava prestes a passar.



32.



CERTA VEZ, OUVI DE UMA PROFESSORA da escola dominical algo que nunca esqueci: o nosso pecado, mais cedo ou mais tarde, há de nos achar. Eu devia ter uns oito anos na época, então acabei imaginando o pecado como um cão de caça – desses com focinho comprido, farejando as trilhas das minhas pegadas e uivando alto quando finalmente me encontrasse.

Claramente não entendi bem o que ela quis dizer, mas no momento em que minhas mentiras estavam prestes a serem expostas para todos naquele telão, eu soube: era chegada a hora do meu juízo final.

Pensei em fugir, mas como num passe de mágica, todos os envolvidos na peça haviam aparecido no palco e também olhavam para o telão, curiosos. Vi-me encurralada no centro, ainda destacada pelo fecho de luz.

Estampado naquele enorme quadrado branco estava o meu rosto feio por conta do inchaço, das muitas lágrimas e da exaustão. Ontem, eu estava tão agitada e preocupada em me defender que nem percebi que estava sendo filmada. Minha voz soou horrenda nas caixas de som:

— *Se você quer tanto aparecer* — Um corte proposital foi feito para ocultar o nome de Karina —, *por que não fica igual à Globeleza, monta num carro*

alegórico e vai rebolando daqui até na China?! Ah, já sei. É porque os olhos de todos iriam apodrecer. Pois a única horrorosa aqui é você, sua cretina!

Com a imagem congelada em meu gesto obsceno, a voz de Karina soou ao fundo, modificada com algum tipo de efeito de edição:

— Ora, ora, se não é a nossa doce e adorável Beatrice do 2-C. Pena que ela não é tão doce assim, não é? Querem saber quem ela é na verdade? Pois prestem atenção.

Outra filmagem furtiva e meio tremida mostrava o momento em que fui carregada por Luke após o meu desmaio na piscina. Um *zoom* nos acompanhou até desaparecermos dentro da luxuosa residência.

— Princesa resgatada com sucesso. Uhh, aonde eles vãoooo, hmm? — a voz tinha tom sugestivo.

— Que merda é essa? O que está acontecendo?! — ouvi Luke gritar no *walkie-talkie* para os rapazes da projeção. Por causa da faladeira crescente e do alto volume do vídeo, era impossível ouvir a resposta.

Nesse instante, vi Hiero sair dos bastidores pela lateral do palco. Ele subiu as escadas do corredor do auditório em tempo recorde e dirigiu-se à sala de controle, a qual ficava no segundo andar.

Enquanto isso, as cenas ainda estavam rolando. Desta vez, em outro momento: quando Luke e eu saímos do quarto onde havia me trocado. Você se lembra, após ele ter me pedido em namoro. Eu me apoiava em seu tronco, por causa do tornozelo machucado. Novamente a câmera deu um *zoom* e capturou Luke me olhando de forma boba e apaixonada.

— Eu sabia! O que será que eles fizeram, heinnn?

— Hmmm... — veio a resposta maliciosa da plateia. Alguns no palco me olharam torto.

Pisquei várias vezes, sem poder acreditar. Que... que canalha trambiqueira!

— Ei! O que estão querendo insinuar...? — Luke protestou, mas sua voz foi morrendo no fim da sentença quando viu a próxima cena.

Eu e Hiero estávamos num corredor próximo à biblioteca. Ah, não...! Foi quando ele queria me falar sobre o telefonema de mamãe! Nas imagens, olho para os lados, preocupada. Estávamos realmente próximos. (Por causa da história do galo) Hiero tocou meus cabelos gentilmente e se inclinou pra frente, e, daquele ângulo estratégico, parecia que estávamos nos beijando.

— *Uau, no mesmo dia? Essa daí não perde tempo!*

Meu sangue pareceu congelar-se em minhas veias e minhas pernas ficaram bambas. Pensei que fosse desmaiar. Por sorte, alguém me sustentou. Era Dahlia.

— Não acredito, gente! Vocês vão cair nessa manipulação de quinta categoria?! — gritou, mas ninguém deu atenção. Aquela era a fofoca do ano, e quem resiste a um belo podre? Eles só estavam interessados em ver o circo pegando fogo.

Ela bufou irritada e tomou a minha mão. — Amiga, vem.

Contudo, Karina se interpôs em nossa fuga pela frente do palco.

— Já vão embora? Mas o show ainda nem começou! — E apontou para o telão. Era exato momento onde, após aquela conversa (também editada) com ela e as amigas, eu disse a Hiero:

— *O Luke... disse que poderia me deixar em casa. Eu acho que você terá de voltar sozinho... Desculpa. Mas você sabe, a gente não pode dar na telha que moramos juntos.*

Exclamações de surpresa preencheram o ambiente. A audiência ficou ainda mais chocada quando Hiero respondeu:

— *Tudo bem, não se preocupe. Pelo menos eu sei que hoje você vai me deixar dormir.*

— Uhhhhhhh! — vozes masculinas ovacionaram.

— Credo, que safada! — alguém do palco atacou.

— Que horror! Sem-vergonha.

Meu Deus. Meu Deus. Isso não podia estar acontecendo!

Era como se as estruturas e paredes daquele recinto estivessem desabando sobre mim. Sentia os insultos, risadas e chacotas atingindo-me como pedradas. Comecei a ter falta de ar. Sem forças para me sustentar, caí no chão, meio sentada, meio ajoelhada.

— Isso é tramóia sua, não é, garota?! Pois saiba que isso não vai ficar assim. — Dahlia enrostou Karina, a qual respondeu com um sorrisinho torto. Então, minha amiga saiu correndo.

— Parem... Parem...! — murmurei, mas minha voz era insignificante no meio de tanta algazarra.

Alguém se colocou em minha frente. O recinto foi se aquietando. Meus olhos subiram temerosos até encontrar o rosto horrorizado de Luke.

— Bea, o que significa tudo isso? Isso... Isso é verdade?

Após pedidos de silêncio, parecia que todos prendiam a respiração num suspense, como se aguardassem pelo desfecho da novela. Balancei a cabeça devagar, as lágrimas caindo de forma patética.

— Não é... desse jeito... eu juro... — respondi em meio a soluços engasgados.

— Não é "desse jeito"?! A prova está bem ali! Naquele vídeo! — Jemima apareceu ao lado dele. Ela também chorava, mas de ódio. — Como você pôde...?! — E desferiu um tapa bem forte em meu rosto, fazendo todos ficarem boquiabertos. Coloquei uma mão na bochecha ferida, atônita com aquela reação. — Achei que me apoiasse de verdade, mas... Era tudo mentira!

Luke lançou-me um olhar de cortar o coração. Ele estava visivelmente quebrado. Assim como Jemima, virou-se e saiu em passos duros.

Nessa hora, como borrões na minha visão periférica, garotos passaram correndo do segundo andar para fora do auditório. Pareciam perseguir alguém. Foi bem rápido, e achei ter visto Hiero entre eles. Naqueles segundos de distração, os alunos voltaram a ficar atiçados, gritando e vaiando.

Percebi Karina abaixada em minha frente, olhando-me na mesma altura.

— E aí, como foi? Deveria ter escolhido o jeito fácil, sua otária.

O quê... ?

Ah, que se danasse minha reputação. Ela já estava destroçada mesmo! Que se danassem as consequências, que a Bea perfeita fosse para o inferno! Fechei minha mão com a raiva energizando meus músculos e dei-lhe um soco bem dado no meio daquela nojeira que ela chamava de cara. Daí, voei pra cima dela. Rolamos pelo carpete aos tapas, berros e puxões de cabelo. Após o susto inicial, uma enxurrada de alunos se aglomerou em redor de nós, comemorando aquele terrível espetáculo com um sonoro "briga, briga, briga!"

— Mas o que é que está acontecendo aqui?!

Com esse grito, eu e Karina paralisamos – eu por cima, com o punho ainda no ar. A zoada cessou imediatamente. Um monte de gente saiu correndo igual baratas tontas, uns gatos pingados se esconderam atrás das cortinas.

Vi a professora Sâmia, de Gramática, de braços cruzados. Ela estava acompanhada por Dahlia – e a própria diretora, a qual parecia estar vendo o *cão* em pessoa e prestes a ter um AVC.

Essa não... Aquele era o meu fim.



Tive a sensação de ter passado dez anos naquele palco, mas tudo aconteceu em menos de dez minutos.

Só bastaram *dez ridículos minutos* para que o meu castelinho de ilusões meticulosamente construído por anos viesse abaixo.

E agora, eu estava na sala de espera da diretoria, sentada no temido "camburão" – apelido nada carinhoso daquele sofá de linho escuro – ao lado de Hiero. Alguns alunos já haviam prestado seus depoimentos, e Karina acabara de sair acompanhada pelos pais. Ao passarem por nós, estes lançaram-me um olhar de reprovação, enquanto a fingida da filha mantia postura de coitadinha, derramando lágrimas de crocodilo.

Hump, parece que não sabiam da peça que tinham em casa.

Nós seríamos os próximos a serem chamados, só estávamos esperando o meu pai chegar para nos acompanhar. Eu me esforçava ao máximo para não cair em prantos de novo, mas lágrimas teimosas escorriam de vez em quando pelo canto dos meus olhos. Encurvei-me e enterrei a cabeça entre meus braços cruzados sobre os joelhos. Sentia-me a pior pessoa do mundo, e esse sentimento explodia até o último nível na companhia de Hiero. Não sabia se ele tinha visto algo daquele vídeo, mas minha vergonha era tão monstruosa que só queria poder me transformar em um monte de bolhas de sabão e ser levada pelo vento.

Perdida em meus pensamentos sobre a dimensão dos meus problemas, levei um susto ao ouvir sua voz. Ela veio bem baixa, amarga.

— Isso é culpa minha. Eu... — Espiei suas mãos a apertarem o pano da calça do seu figurino. Os nós de seus dedos pareciam vermelhos, machucados. — Eu não deveria ter andado tão distraído. Estava responsável pela sala de controle, mas fiquei disperso pelos camarins. Confiei nos garotos, mas eles saíram por um instante, e foi aí que... — ele inspirou fundo, tentando se recuperar. — Aquele filho-da-mãe apareceu e se trancou na sala.

Q-quem? Pela primeira vez, saí de minha concha e ousei fitá-lo. Meus olhos enormes denunciavam minha dor, choque e curiosidade, contudo,

pareceram constranger o rapaz, o qual tentou disfarçar algo em seu rosto cobrindo-o com uma mão. Ele deu um suspiro irritado.

— Adivinha: Jorge. Com certeza ele e aquelas garotas planejaram tudo. Só não sei como conseguiram a chave. Tivemos que ir correndo pedir uma cópia ao zelador, mas já era tarde.

Não acredito! Aquele canalha do *Jorge*... ?!

Há quantos meses não ouvia esse nome. Pelo que me lembrava, ele até tinha trocado de colégio depois daquele incidente comigo. Ah! Então era isso também – uma retaliação. Ele e Karina juntaram forças, e como esse imbecil já não era mais um aluno do Saint Louis, provavelmente todas as provas do vídeo levariam a ele, e a escola nada poderia fazer em relação à Karina. Por isso ela estava tão despreocupada quando Dahlia a ameaçou.

Em tom miserável, Hiero completou seu monólogo:

— Desculpa, Bea... Parece que eu vivo mesmo para te magoar.

"Não! Não é verdade! Eu quem me meti nessa sozinha. Você é uma pessoa incrível, sempre faz tudo o que pode para me ajudar."

Fiquei breves segundos ensaiando essa frase em minha cabeça e criando coragem para apenas vocalizá-la. Só que, bem quando ia abrindo a boca, papai apareceu.

— Perdão pela demora, meninos. Eu estava em uma reunião, vim assim que pude.

A diretora Rubenita era meio baixa, magra e deveria já ter ultrapassado a idade de Matusalém. Apesar disso, andava bem arrumada em ternos ou conjuntos de cores sóbrias, sapatos finos e cabelos brancos em ondas elegantes. Pelos corredores, ríamos das piadas de que ela deveria ter vindo

nas primeiras caravelas ao Brasil ou que deveria ter ensinado Dom Pedro a escrever, mas isso só tinha graça quando ela estava fora do alcance dos nossos olhos. Pessoalmente, tremíamos até as bases do seu olhar de *raio-x* e de sua postura sisuda de general. E, bem, no momento em que estávamos na frente dela, meus joelhos pareciam ter vida própria e batiam-se um no outro.

— Em nome da direção pedagógica, declaro repugnância pelos atos agressivos que ocorreram no auditório. De ambos os lados. — ela começou um discurso com sua voz empoeirada. — Esta escola possui tolerância zero à violência, seja de qualquer natureza. Concordamos que o vídeo reproduzido com o intuito de atacar Beatrice e Hiero foi um ato no mínimo hediondo, e duras providências serão tomadas em relação ao autor, ou autores. Porém, não podemos abrandar o que os dois fizeram. Beatrice em ter começado uma briga com uma aluna, e Hiero, por ter batido severamente em outro aluno.

— Ex-aluno. E fora da escola. — Hiero retrucou em tom de defesa. Só então percebi os arranhões no rosto dele, bem como sujeira na casaca. Ele, sentindo o meu olhar, procurou disfarçar novamente, virando um pouco a cabeça e escondendo as mãos nos bolsos.

— Sim, de fato. Contudo, fugir das dependências do colégio em horário letivo é uma falta grave.

— Com licença, dona Rubenita. — papai tomou a palavra. — Eu sei que os dois ultrapassaram os limites, mas foram atitudes completamente anormais, visto que são alunos exemplares. — Ele parecia estar a par de tudo. — Qualquer um ficaria com os ânimos alterados após uma humilhação pública como aquela. Acho que não deveriam receber uma punição tão severa.

A diretora inclinou-se e cruzou as mãos finas e enrugadas sobre sua mesa.

— O senhor sabe que normalmente a medida tomada para quem faz o uso da força física nesta instituição é a expulsão imediata. E no caso de vocês ainda seria mais delicado: teria de levá-lo ao conselho administrativo, por conta de sua posição como pró-reitor. Porém, dadas as circunstâncias, e que

em partes isso tudo ocorreu pela ausência e descuido por parte dos professores, não o farei.

Suspirei aliviada ao ouvir aquilo.

— Portanto, Hiero estará suspenso por dois dias. Beatrice terá uma suspensão de três dias e uma advertência. É do conhecimento geral que duas advertências acarretam numa expulsão. Além disso, terá de fazer uma retratação pública.

— O quê?! Mas eu quem...! — comecei meu protesto, mas papai me calou com um toque suave no braço.

— É razoável. — ele assentiu em tom muito polido. — Contudo, como pai, fico extremamente preocupado com a repercussão negativa sobre este vídeo entre os outros alunos. Não posso permitir que duvidem da integridade dos meus filhos. E quando digo *filhos*, me refiro também a Hiero. Esse rapaz é como um filho para mim. Nunca teríamos permitido que viesse morar conosco se tivéssemos dúvidas a respeito do seu caráter.

Hiero olhou para meu pai com admiração. Pelo brilho em seus olhos, segurava lágrimas, as quais pareciam ser de felicidade.

— Entendo, e lamento muito pelo o que aconteceu, senhor Roberto. Faremos o que estiver ao nosso alcance para achar e punir os culpados, bem como repreender qualquer tipo de difamação nos corredores desta escola. Não duvido da sua capacidade como pai em gerir adequadamente os assuntos privados da sua família, visto que é um profissional exemplar dentro desta instituição. No entanto, receio que o estrago já esteja feito nas mentes de muitos alunos imaturos.

Saindo de sua postura dura e impassível, a idosa recostou-se em sua poltrona, levantou os óculos e massageou as laterais do nariz estreito e reto.

— Eu tenho idade para ser avó desses meninos, e se me permitem um conselho como eu o faria a meus netos... digo que esta é a hora de serem fortes. Não se deixem abalar pelo que vão dizer. Se estão com suas

consciências limpas, não há nada a temer: andem de cabeças erguidas. A grosseria de outras pessoas diz mais sobre *quem elas são*, não sobre vocês.

Apesar daquelas palavras finais serem mais ou menos otimistas, o clima no carro de papai na volta para casa era de velório. A única coisa que ouvíamos era o barulho do trânsito abafado pelos vidros fechados e, ocasionalmente, algum suspiro meu ou de Hiero.

Enquanto contemplava chorosa a selva de pedra grisalha, com todos os seus veículos, vegetações e habitantes em imagens borradas, desejava ser qualquer outra pessoa menos eu mesma. Já imaginava a baita bronca de mamãe e meus inúmeros castigos, a perda das minhas amizades e da confiança do garoto que amava, bem como o retorno dos meus dias obscuros de chacotas e opressões.

Semelhante a grãos de areia, o mundo parecia estar se esvaindo pelos meus dedos.

Meu Deus... Como iria viver a partir dali?

Notas da autora | Oiii! Como vão vocês depois desse capítulo? Meu Deus, tadinha da Bea. Mas é como dizem, mentira tem perna curta... Estou curiosa para saber suas impressões sobre a história até aqui. (* ^ ▽ ^) ♪ Hoje não era pra ter capítulo, mas o que não faço pelos meus leitores (leitoras ♡)? Hehe. Obrigada por lerem e apoiarem meu trabalho ♡

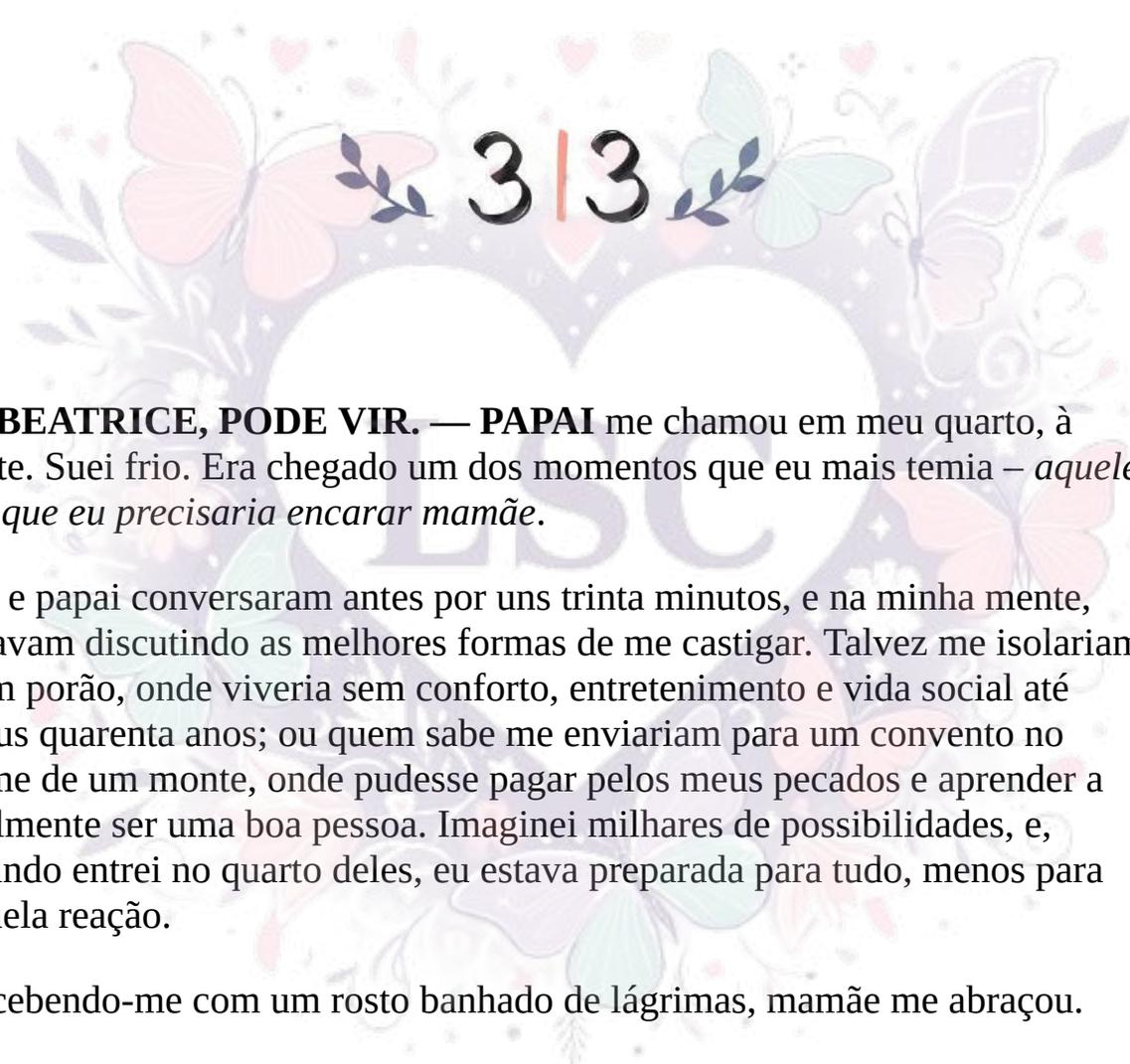
**Escola dominical* : para quem não está acostumado com ambiente de igreja, é uma parte da liturgia quando (geralmente) as pessoas são separadas por faixas etárias para aprenderem diferentes assuntos da Bíblia. Tipo, a

sala dos juniores, adolescentes, jovens, senhoras e senhores. Cada sala tem um professor.

Continua no próximo capítulo! Beijos & queijos ♡



33.

A decorative graphic featuring a central heart shape. Above the heart, the number '3|3' is displayed in a stylized font, with a vertical line between the two '3's. The graphic is surrounded by various butterflies in shades of pink, purple, and green, along with floral and leaf motifs. The background is a light, textured pattern.

— **BEATRICE, PODE VIR.** — **PAPAI** me chamou em meu quarto, à noite. Suei frio. Era chegado um dos momentos que eu mais temia – *aquele em que eu precisaria encarar mamãe.*

Ela e papai conversaram antes por uns trinta minutos, e na minha mente, estavam discutindo as melhores formas de me castigar. Talvez me isolariam num porão, onde viveria sem conforto, entretenimento e vida social até meus quarenta anos; ou quem sabe me enviariam para um convento no cume de um monte, onde pudesse pagar pelos meus pecados e aprender a realmente ser uma boa pessoa. Imaginei milhares de possibilidades, e, quando entrei no quarto deles, eu estava preparada para tudo, menos para aquela reação.

Recebendo-me com um rosto banhado de lágrimas, mamãe me abraçou.

Aquilo me desarmou por completo. Invasa pela avalanche de emoções dos últimos dias, agarrei-me a ela e desatei a chorar igual a um bebê. Ela me acarinhou com suaves afagos nas costas. Ficamos assim por vários minutos, até eu conseguir me acalmar.

Depois, papai tomou minha mão com carinho e me conduziu ao elegante e aveludado divã disposto ao lado da espaçosa cama onde se sentaram, de

frente para mim. Com a voz carregada de preocupação e pesar, papai iniciou nossa conversa.

— Beatrice, querida, estou mesmo muito triste com tudo o que aconteceu. Sua mãe já havia comentado sobre suas mudanças de humor recentemente. Achávamos que era apenas um grande estresse causado pelos estudos e pelo fim de semestre. Mas o que realmente está acontecendo, filha?

Fiquei um tempo calada, apenas fitando o chão. Aquele era o momento da verdade. Era agora ou nunca. E precisava abrir tudo desde o início ou não entenderiam a profundidade do que estava passando. Contudo... era extremamente difícil. As palavras pareciam entaladas em minha garganta.

— Queremos ajudar, filha. Confie em nós. — mamãe me incentivou carinhosamente.

Meu queixo tremeu outra vez, e mexi as mãos em nervosismo enquanto travava uma batalha interna comigo mesma. Por que tinha tanto medo? O que de pior poderia acontecer? Eu já estava no fundo do poço mesmo, e duvidava que houvesse palmos mais abaixo. Então, meio devagar, meio perdida, meio tropeçando, comecei a falar.

E bastou que abrisse um pouco a tampa do bueiro para que meus segredos e mentiras começassem a jorrar um por um.

Confessei as minhas técnicas de dissimulação e como muitas vezes fazia isso com eles mesmos para que pensassem que eu era uma boa filha. Expressei como me sentia quando mais nova e como as lembranças distorcidas sobre Hiero foram as principais motivações para minhas farsas. Contei sobre meu plano de vingança quando o rapaz veio morar conosco, a aproximação com Luke e nosso relacionamento, o incidente com Jorge, as provocações de Karina e tudo o que aconteceu no dia da piscina.

Também revelei ter descoberto o diário de Hiero e assim, destravado minhas memórias. Meio hesitante e sem muitos detalhes, relatei o incidente daquele dia fatídico, tomando o cuidado de não expor Hiero.

Nessa parte, meus pais choraram muito. Ficaram chocados e condoídos por termos passado por tudo aquilo. Até então, aquele dia era um mistério para eles, assim como o era para mim.

Prossegui expressando os terríveis sentimentos acerca de mim mesma, como não conseguia encarar Hiero e todo o meu sofrimento em relação a isso. Finalmente, terminei explicando a manipulação feita naquele vídeo e como tudo foi calculado para que eu me passasse por uma garota baixa na frente de toda escola.

Quando parei de falar, estava ofegante e tremia um bocado. Porém, me sentia muito mais leve. Foi como se grande parte daquele fardo excruciante tivesse saído de minhas costas.

Meus pais demoraram um pouco para assimilar a enxurrada de informações. Após minutos de silêncio, mamãe veio e se sentou ao meu lado no divã.

— Puxa, filha, você tem sofrido sozinha por tanto tempo... — Ela estava emocionada. — São tantas angústias, tantas amarguras... mas você não está só. Por que não se abriu antes com a gente?

Senti as lágrimas brotando outra vez.

— Porque não é fácil, mãe! Eu sempre penso que vou ser julgada e condenada. A maioria das nossas conversas vêm acompanhadas de castigos; você é muito severa e nunca me deixa fazer nada! — Aproveitei o momento para descarregar também minhas outras frustrações. — Nem coisas bobas como ouvir músicas e ter minhas revistas! Por que me trata assim? Não vejo o mesmo nível de rigidez com meus irmãos. Até parece que não me ama... — completei em um fiapo de voz.

Ela chegou mais perto de mim e afagou minhas costas. Fiquei apenas enxugando o rosto com as mangas compridas da minha blusa.

— É claro que te amo, filha... Só quero que você não se machuque. Quando somos adolescentes, achamos que sabemos de tudo sobre a vida, mas a verdade é que ainda somos míopes, e o trabalho dos pais é ajudar a ver as

coisas como elas são. Às vezes você pode achar que um seixo é uma pedra preciosa e se iludir com isso.

Papai se inclinou para frente e procurou o meu olhar. Com voz tenra, explicou:

— O que sua mãe está falando é... bem, vamos pegar o exemplo desse garoto, o Lucas. Eu aposto que no início, você achou ele incrível. Se não tivéssemos regras, com certeza teriam se envolvido em um ponto o qual seria muito difícil retornar. Pelo que entendi, ele não era tudo aquilo que imaginava, e você descobriu que nem gosta dele. — Ele fez uma pausa e deu um sorriso meio triste. — Sabe, filha, quando entregamos nosso coração a alguém é como se grudássemos dois papéis. Você pode até tentar separá-los, mas eles sempre saem rasgados e com pedaços ainda colados um no outro. A cada pessoa, mais rasgado ele fica. E quanto maior a intimidade física, mais essa ruptura é dolorosa.

Olhei para as mãos em meu colo e engoli os lábios. Ele tinha razão. Eu e Luke estávamos em um nível baixo de comprometimento – visto que não havíamos compartilhado muito tempo juntos nem nos envolvido fisicamente –, e já estávamos magoados; imagine se tivéssemos namorado para valer! Nessa hora, até me senti agradecida por existir aquela regra que antes julgava estúpida.

— E sobre as revistas, iríamos mesmo ter uma conversa, bem lembrado. — mamãe retomou a palavra, soando um pouquinho severa. — Filha, não gosto delas porque apenas reforçam essa visão distorcida da vida. Exaltam um estilo de vida e padrões de beleza irreais. Tratam as celebridades como modelos a serem copiados, e quantos jovens não têm seguido os passos dos seus ídolos e acabam se perdendo? Além disso... — Ela suspirou. — Ensinam coisas totalmente deturpadas sobre sexo, uma concepção contrária à tudo que ensinamos a vocês. Você sabe que somos abertos nesse assunto. Sexo é algo bom, maravilhoso, mas somente quando compartilhado com a pessoa certa sob a bênção...

— ...de um matrimônio. — completei a sentença, já sabendo o que ia dizer por termos tido essa conversa outras vezes. — Eu sei disso. E, apesar de ter lido algumas coisas naquelas revistas, ainda quero fazer tudo direitinho.

Olha, mamãe, eu acho que tenho bons alicerces. Não é porque muitas garotas tiveram experiências ruins na adolescência — "como você", gostaria de acrescentar, mas soaria rude — que vou fazer a mesma coisa. Eu só... — Suspirei e olhei para o teto, as lágrimas escorrendo pelos lados do rosto. — Só gostaria de ter um pouco mais de liberdade, de sentir que posso compartilhar coisas com você sem levar uma bronca... Queria sentir seu carinho, sabe? Como eu sinto do papai. Queria que... que pudéssemos ser amigas...

— Oh, Bibi, minha querida...

Sem conter o choro, mamãe puxou-me para um forte abraço. Fiquei com a cabeça recostada em seu peito, tremendo com a força dos meus soluços.

Ela começou a me embalar, como fez algumas vezes quando eu era menor.

— Eu sei que eu sou muito dura às vezes. Penso que prefiro pecar pelo excesso que pela falta...

Houve uma pausa e eu a senti soluçar. Nunca tinha visto mamãe chorar daquele jeito.

— Beatrice, eu sempre quis ter uma menina. E com a perda da... da sua irmãzinha, senti muito medo de te perder também. Não só dessa forma, mas... te perder para o mundo. — Ela nos apartou para que pudéssemos nos olhar. Todo o seu rosto estava vermelho. — Sei que fui insensível em muitos momentos e magoei você. Apesar de ser sua mãe, apesar de ser mais velha, não sou perfeita. Longe disso. Eu vou falhar e precisar de uns puxões de orelha... Então, filha... você pode me perdoar?

Acho que era a primeira vez que ouvia isso dela e isso virou uma chavinha enferrujada lá no fundo do peito, libertando algo há muito contido. Balancei a cabeça em afirmação devagarinho.

— Você também... também me perdoa... mãe? Por todas as mentiras... por ter desobedecido e te enganado? Também por ter brigado na escola...?

— É claro! É claro, minha querida.

— Você também, pai?

Ele saiu do seu lugar na cama e tomou assento do meu outro lado no divã.

— Com certeza, filha.

Ficamos os três abraçados ali, trocando sorrisos chorosos. Foi um momento reconfortante e mágico, onde, por alguns minutos, tudo no mundo parecia estar em seu devido lugar.

Depois de um tempinho para a recuperação das nossas emoções, eu falei, fungando:

— Mas o que disse sobre pegar mais no meu pé era verdade... Tudo bem que o Mikhel melhorou muito depois do convívio com o Hiero, mas e o Bruno? Tipo, ele tem um computador no quarto dele.

— Está protegido com programas que bloqueiam sites impróprios. — papai asseverou.

— Tá, mas e os filmes de terror que ele tanto gosta? E nem queiram saber o que *ele* esconde no fundo da gaveta!

Meus pais se entreolharam um pouco assustados.

— Ah, de novo não! — Papai colocou a mão no rosto, balançando a cabeça em decepção.

— Bruno! — mamãe gritou. — Ah, hoje ele vai se ver comigo. — E levantou-se apressada. Momentos depois, podíamos ouvir uns barulhos abafados no quarto ao lado e senti-me um pouco culpada em ter dedurado meu irmão.

— Tudo bem, você fez a coisa certa. — Papai alentou-me com toquinhos nas costas. — Fico feliz por esse avanço, mas ainda há outras coisas a serem resolvidas, não há?

Afirmei com a cabeça, sentindo-me novamente derrotada.

— Eu... errei muito com o Hiero. Também com todo mundo ao mentir e esconder nosso vínculo com ele. Minhas amigas, já era. E a escola inteira agora tem uma impressão errada sobre mim. Acho que ninguém nunca mais vai falar comigo. — "E, se Hiero souber que eu li o seu coração, também irei perdê-lo para sempre!", pensei – e para mim, essa era a pior parte, a qual gostaria de poder postergar indefinidamente. — *Acabou tudo!* — Levantei as mãos ao rosto e voltei a chorar miseravelmente.

Com carinho, papai me envolveu em seus braços longos e quentinhos. Pude sentir nele a sua fragrância característica, a qual, para mim, carregava o cheirinho da minha infância.

— Oh, filhinha, não é bem assim. O mundo não acabou. Enquanto estivermos respirando, ainda temos novas chances. Não temos como prever o futuro ou como as pessoas vão se comportar, mas... existe uma forma de consertar as coisas.

— Mas... o quê... ? — perguntei com a voz falhada.

— Faça o mesmo que fez conosco agora. Mostre a eles o seu coração. — Ele se separou de mim e enxugou meu rosto. — Percebo que está arrependida e quer mudar, só não sabe como. Pedir perdão a todos a quem ofendeu é o primeiro passo. Depois, precisa substituir o estilo de vida antigo por um novo, contrário àquele.

E passou um bom tempo me orientando no que deveria fazer em relação aos amigos e à escola.

Apesar disso, ainda me sentia abalada e desnorreada. De certo estava melhor depois daquela conversa e dos acertos com eles, mas... só de pensar no que deveria fazer em seguida, ficava esmorecida. Tanto que, ao retornar para meu quarto, passei o tempo inteiro apática, só olhando para as paredes e tentando organizar meus pensamentos.



O sábado foi se arrastando lentamente enquanto eu continuava sem coragem alguma para romper a minha redoma e enfrentar meus demônios.

Já no domingo, lá pela metade do dia, ouvi uma leve batida na porta. Meu coração acelerou de expectativa e me escondi debaixo das cobertas antes de resmungar que a pessoa podia entrar.

— Oi, filha. Vim ver como você está. Estamos sentindo a falta da sua presença alegre pela casa.

A voz de papai me fez murchar igual a uma ameixa seca. Emergi a cabeça dentre o edredom macio com um leve beicinho de decepção, o qual logo desapareceu ao ver o belo prato que trazia disposto em uma bandeja. O cheirinho do queijo derretido por cima daquelas torradas estava divino. E, quando me lembrei que ele estava deixando o trabalho se acumular em seu escritório só para cuidar de mim, repreendi-me mentalmente por ter ficado desapontada com sua presença.

Ele deixou a bandeja em cima da minha escrivaninha e sentou-se comigo na cama.

— Beatrice, eu sei que devemos respeitar o ritmo das nossas emoções, dar o tempo necessário para chorar o luto... mas às vezes, adiar o mal necessário é igual a tentar arrancar o espinho na carne de forma lenta: dói muito mais.

Mordi o lábio inferior. Ele não possuía o dom do sexto sentido, óbvio, mas com certeza sabia a principal razão da minha relutância em sair do quarto.

— Sabe o que é, papai? É que... não entendo como só pedir perdão pode consertar tudo. Não é possível que seja assim *tão simples*...

Papai tomou a minha mão fraca e a apertou.

— Só *parece* simples, filha. Mas há um grande poder no arrependimento, confissão e perdão. Essa sequência é tão vital quanto respirar – um processo orgânico extremamente complexo – mas, por acontecer naturalmente, também parece simples. E esse ciclo de inspiração e expiração é o que nos permite continuar vivendo... exatamente como o perdão. — Ele tirou uma

mecha de cabelo que pendia em frente ao meu rosto e a acomodou atrás de minha orelha. — Mas sabe por que é tão difícil aceitar essa solução para nossos problemas com as pessoas? Porque sempre estamos fixados apenas em nós mesmos. Achamos que tudo depende de nós. Porém, no processo do perdão, não funciona assim. Ele é um presente, não há nada que possamos fazer para obtê-lo ou comprá-lo; depende unicamente de quem o dá, e isso quebra o nosso orgulho, não é?

Lágrimas silenciosas caíam e molhavam meu pijama. Parece que ultimamente tudo o que eu conseguia era só chorar e chorar.

— Eu sei que você está se remoendo em culpa. Mas, filha, a culpa é um *estado* que pode ser mudado quando somos perdoados. Quem perdoa assume que o culpado agora é inocente e que não trará mais os erros passados à tona. O problema é que a gente sempre quer continuar pagando por algo que *já foi pago*; ficamos nos martirizando e nos punindo, enquanto tudo o que precisamos é só aceitar e seguir em frente, tentando não cometer os mesmos erros. Isso que é graça: algo que nos é dado sem que merecêssemos. E somente quando entendemos o quão indignos somos e mesmo assim, somos cobertos de misericórdia e somos aceitos é que podemos fazer o mesmo por outras pessoas.

Fiquei uns minutos em silêncio, apenas sentindo o toque da sua mão robusta a confortar-me. Finalmente, elevei meus olhos ainda inundados e reuni forças para fazer a maior das minhas perguntas.

— Papai... Acha que... Acha que Hiero vai me perdoar? Não quero que ele se afaste de mim.

Seus lábios se alargaram numa expressão animadora.

— O Hiero é um rapaz direito, bem mais maduro que muitos garotos da idade dele. Não acho que deveria se preocupar com isso. Claro, muitas vezes precisaremos enfrentar as consequências dos nossos atos, mas, apesar disso, temos que fazer o que *é o certo*. E eu sei que *você é capaz*. Conheço a mocinha corajosa que há dentro de você.

Enxuguei a umidade do rosto e sorri tristemente.

— Quem me dera... Estou morrendo de medo da reação dele, papai. Não me sinto nem um pouquinho capaz ou corajosa...

— Filha, nossos sentimentos não necessariamente correspondem à realidade das coisas. Você se arrepende de ter mentido para todos, mas, e quanto às mentiras que conta para si mesma? Beatrice, a única arma capaz de vencer a mentira é a verdade. Se começar a combater essas mentiras pensando coisas verdadeiras, aos poucos mudará a forma como encara as coisas e seus sentimentos também mudarão.

As mentiras que eu contava para mim mesma...?

Oh.

Eu nunca havia parado para pensar nisso: na quantidade de balelas que acreditava sobre mim.

E, parando para analisar... Eram mesmo muitas.

Por exemplo: que eu era uma idiota, estúpida, burra e não valia pra nada. Mas isso era mesmo verdade... ? Não. Eu podia não ser a pessoa mais inteligente ou fantástica do mundo, mas conseguia atingir resultados satisfatórios em várias tarefas e aprendia rapidamente algo novo se me esforçasse. E esforço era uma grande qualidade minha... Veja só o tanto de coisas que fazia apenas para manter minhas máscaras!

E que, para ser aceita, devia ser a mais bonita e esbanjar habilidades e talentos. Outra balela: podia não ter a aparência perfeita, mas... tinha minhas características únicas e graciosas. Graças a Deus, também tinha muita saúde. E se as pessoas só gostarem de mim pelas virtudes sem verem meus defeitos, elas não seriam apenas interesseiras?

Oh... e que nunca haveria alguém que me amasse pelo jeito que sou. Mas já era muito amada e aceita pela minha família. E não é possível que, num mundo de seis bilhões de pessoas, não existisse alguém que um dia me enxergasse e viesse a me... *amar*...

Estremeci com este último pensamento e senti meu rosto ruborizar.

— Você gosta dele, não é? — Papai pegou-me de surpresa e quase dei um pulo na cama.

— PAI! Quê?! É..... — tentei me esquivar da pergunta, girando a cabeça e mexendo as pernas. Ai, Bea, que boba! Com certeza eu deveria parecer como um livro aberto.

Balancei a cabeça em afirmação, derrotada, sentindo que estava vermelha da cabeça aos pés.

— Hum-rum.

Ele riu parecendo feliz por aquilo. Depois, suspirou, fazendo cena.

— Oh... vou perder a posição de favorito dessa casa! Mas uma hora ou outra isso iria acabar acontecendo. Sabe, não é fácil concorrer com um cara tão boa-pinta quanto esse rapaz... — E ficou levantando as sobrancelhas com um sorrisinho de sabichão.

— Paiii, *paraaa!* — Tentei esconder meu rosto com as mãos, rindo de vergonha. — E deixa de drama! O senhor sempre vai ter um lugarzinho especial no meu coração.

Ele passou a rir junto comigo.

Nesse momento, senti uma sensação incrível de esperança e serenidade, tipo como estar no olho de um furacão – num calmo oásis criado por nuvens mais baixas e ventos fracos, enquanto tudo ao redor ainda está girando em um terrível caos.

E quando ele saiu, tomei a decisão de fazer o que já deveria ter feito.

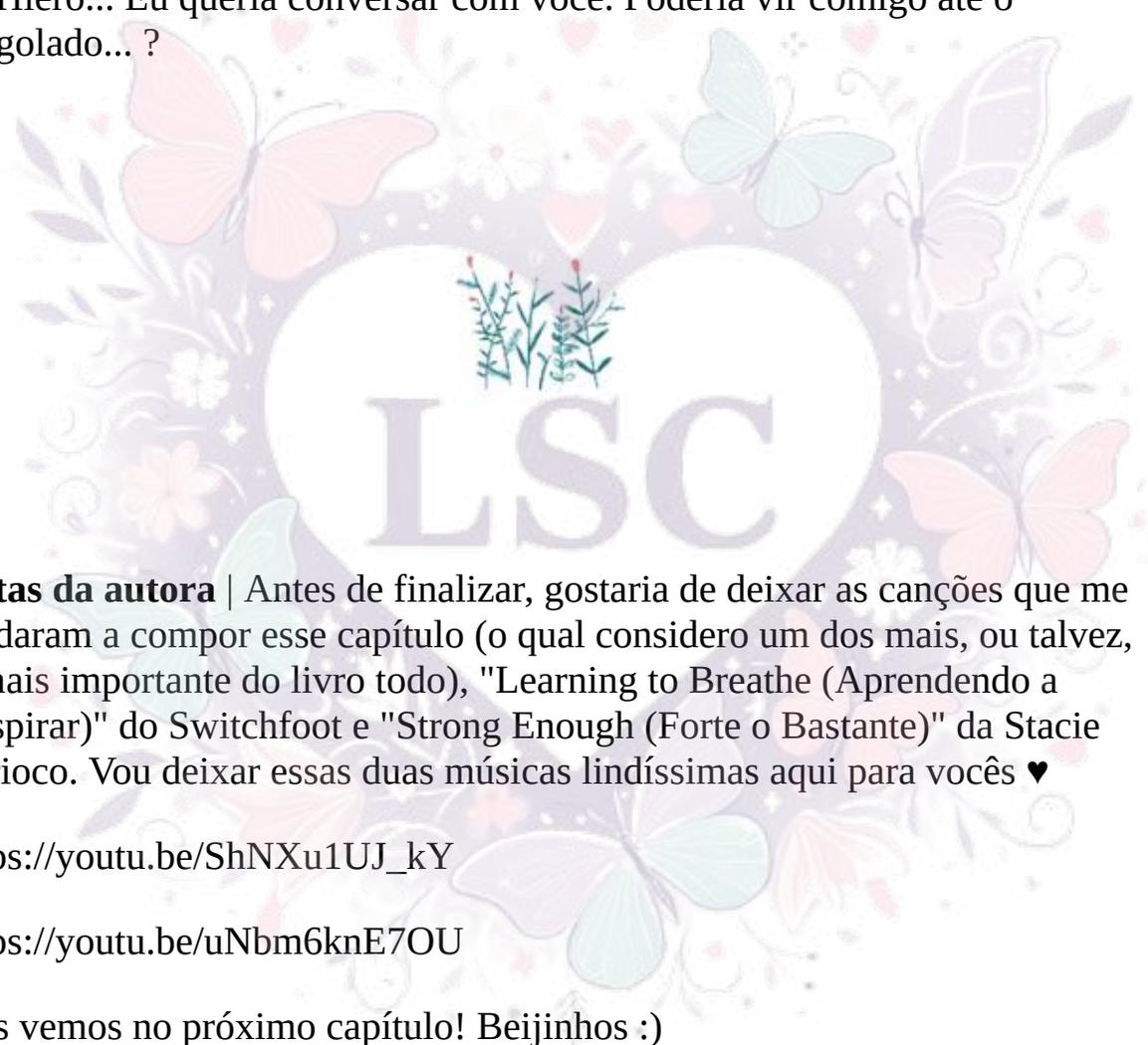
Se o processo de perdão era igual ao processo de respiração... como um recém-nascido, *eu precisaria aprender a respirar.*

Apressei-me em comer meu lanche, tomar um banho e recompor minha aparência. Mesmo sem muita confiança e até tremendo um pouco, desci as escadas e andei em direção àquele quarto onde passara tantas tardes, tardes essas que agora me eram muito queridas.

Hesitei com os dedos próximos à madeira. Respirei fundo e dei dois toquinhos.

Segundos angustiantes se passaram até que Hiero atendeu. Ele pareceu surpreso ao me ver, mas em seguida, baixou os olhos numa expressão de partir o coração.

— Hiero... Eu queria conversar com você. Poderia vir comigo até o pergolado... ?



Notas da autora | Antes de finalizar, gostaria de deixar as canções que me ajudaram a compor esse capítulo (o qual considero um dos mais, ou talvez, o mais importante do livro todo), "Learning to Breathe (Aprendendo a Respirar)" do Switchfoot e "Strong Enough (Forte o Bastante)" da Stacie Orrico. Vou deixar essas duas músicas lindíssimas aqui para vocês ♥

https://youtu.be/ShNXu1UJ_kY

<https://youtu.be/uNbm6knE7OU>

Nos vemos no próximo capítulo! Beijinhos :)

34.



SILENCIOSAMENTE, HIERO ME SEGUIU pela área gramada rumo à estrutura de madeira. Por conta do inverno, os ramos de *bougainvillea* no muro e por sobre as vigas paralelas agora estavam meio secos e tinham poucas folhas, conferindo uma atmosfera triste ao local. E essa tristeza se intensificava quando eu lembrava que, na última vez em que estive ali com o rapaz, havia lhe dito palavras muito cruéis.

Acho que a escolha do local não foi a das melhores, pois ao chegarmos lá, tive a impressão de que aquela cena se repetiria – só que, desta vez, eu quem estaria no lugar dele.

Apertando e cruzando os dedos em nervosismo, fiquei vários segundos tentando encontrar a melhor forma de começar. Tinha tudo bonitinho em minha mente; mas ao estar ali frente a frente com ele, sentindo seus olhos enternecedores e cristalinos a me observarem, todas as palavras ensaiadas se dissiparam como fumaça.

Talvez porque me demorava muito, Hiero tomou a liberdade e falou em tom pesaroso:

— Eu... eu sei, Bea. Eu sei o que fez e o que vai dizer pra mim.

Meu coração bateu ainda mais veloz. — Q-quê?

Ele abaixou a cabeça e mirou algum ponto no chão de cantaria.

— Eu sei que leu meu diário. Naquela noite, achei uma folha perdida no corredor, uns palmos além da porta do seu quarto.

Oh! Ela deve ter parado lá quando aquele forte vento empurrou a janela.

Hiero deu um suspiro em meio a um sorriso quebrado.

— Que ironia. Eu trouxe esse *maldito* caderno na mala porque tinha receio de que alguém o descobrisse na minha ausência. Eu o escondi e até tentei me desfazer dele, mas... Foi acabar parando nas mãos de quem eu mais temia.

Pela pausa, talvez estivesse esperando alguma reação ou resposta, mas eu estava meio travada, tentando encaixar essa nova informação no mosaico dos acontecimentos dos últimos dias.

Ele sabia, mas mesmo assim, na sala dos materiais esportivos...

— Desculpa, Bea. Eu percebi que você queria respostas, mas não podia falar, eu... até quis me abrir e revelar tudo; tentei lutar contra mim, mas sempre tive medo. *Morria de medo*, para falar a verdade.

Consegui encará-lo pela primeira vez.

— Medo? De quê? De mim... ?

— Não, medo do que justamente está acontecendo aqui e agora! Medo de você perceber o quanto eu e *ele* somos parecidos. Medo de você descobrir, ou melhor, *se lembrar* do que eu fiz e não me querer mais por perto; de me repelir, como tem feito nesses últimos dias! Medo... de você voltar a me odiar. E é isso o que veio me dizer, não é? — Sua voz saiu tremida. — Que me odeia.

Meu Deus, como pude ser tão tapada e insensível?

Enquanto estava tão concentrada em meus próprios problemas, Hiero sofria em silêncio. Ele até havia me buscado, mas em minha covardia – somente pensando em mim mesma e tentando me proteger – eu o machuquei ainda mais.

— Então... É isso mesmo. — Pelo visto, ele mal interpretou minha cara de choro. Assim, como se a conversa tivesse terminado, enfiou as mãos nos bolsos e começou a ir embora.

Não. Eu não podia deixá-lo ir de novo!

Coragem, Bea. "Eu sei que você é capaz".

A voz de papai encheu-me de força e revigorou meus sentidos. Minhas pernas começaram a mover-se rápidas e, em instantes, eu o alcancei. Agarrei com força seu blusão e coleí meu rosto em suas costas.

— Não, Hiero, não vá! — praticamente gritei. — Por favor...! Eu não te odeio!

Ele se virou, seus olhos como duas grandes águas-marinhas, assustados e confusos.

— Você não... ?

— Não! Não te chamei aqui para dizer isso! Na verdade, eu... eu... — "... eu te amo!" Essas palavrinhas explodiam em meu peito, e estava para entrar em parafuso de tanto que queria declará-las. Mas não era o melhor momento. Eu ainda não tinha nem começado a me expressar e... ainda havia aquele lance dele com a Mima. Vai que eu recebia um "eu sempre te vi só como amiga"? Meu coração não iria aguentar; fugiria dali sem dizer o que precisava.

De qualquer forma, não consegui falar mais nada, já que, como se estivesse arrebatado por um alívio tremendo, Hiero me abraçou.

— Que bom! Que bom... — murmurou em meus cabelos.

Contudo, instantes depois nos separou na mesma velocidade, com as mãos em cada ombro meu. Seu rosto estava apertado em uma expressão ligeiramente desconfiada.

— Espera. Mas se não é isso... então por que ficou me evitando esse tempo todo?

As lágrimas que eu me esforçava tanto para segurar começaram a cair.

— Porque... a pessoa a quem passei a odiar foi eu mesma, por ter te maltratado tanto! Apesar de não ter direito nenhum de entrar em seus pensamentos, eles me ajudaram a lembrar de tudo, da nossa amizade e de como-

— Lembrar... de tudo? Até..... ?

Balancei a cabeça em afirmação. Ele empalideceu, ficando mais branco que uma folha sulfite. Suas mãos foram caindo dos meus ombros, então subiram e agarraram seus cabelos.

— É por isso que... naquela noite você...! Meu Deus, deve ter sido horrível! Que droga. Por que eu tinha que trazer esse caderno idiota?!

Angustiado em vê-lo naquele estado, aproximei-me e segurei seu rosto com ambas as mãos.

— Não, Hiero. Você tem essa mania de carregar as dores do mundo, como se fosse o culpado de tudo, mas não é! Sim, foram lembranças dolorosas, sufocantes, que me assombraram por uns dias, mas... elas não são de todo ruins. — Seus olhos marejados dirigiram-se aos meus. — Porque você *estava lá*. Você, meu precioso e melhor amigo, fez de tudo para me proteger naquele dia.

Ele abaixou a cabeça e segurou meus pulsos, fazendo com que eu lentamente deslizesse as mãos das suas bochechas para baixo.

— Falando assim, até parece que eu fui um herói. Mas a verdade, Bea... é que eu fui um baita de um covarde. Naquele dia, nos meus anos em

Fortaleza... E aqui. Sempre com medo. Sempre fugindo.

Em passos lentos e retraídos, ele começou a retornar ao pergolado. Eu o acompanhei em silêncio, e nos sentamos no banco de madeira coberto por um estofado claro e impermeável. Então, continuou a falar de forma baixa, arrastada; os olhos presos no chão.

— Não tivemos um fim trágico, mas eu estava *aterrorizado*. Tinha tanto medo de que ele me levasse ou te machucasse, que... falei todas aquelas coisas... — Ele fez uma pausa, nitidamente tentando controlar ao máximo o fluxo das suas emoções. — Sempre tento me convencer que não, a culpa não foi minha. Mas ele estava doente, Bea. Ele estava... — Sua voz começou a engasgar. — E não deveria ter... e eu também estava... Segurando...

Encurvei-me e direcionei meu rosto ao dele.

— Você era apenas um menino assustado, lutando com todas as forças para sobreviver! Em situações extremas, fazemos coisas impensadas. Não foi você; ele quem escolheu aquele caminho. Ele quem... ele quem disparou contra si mesmo.

Ao ouvir aquilo, Hiero imediatamente virou a atenção para mim.

— Tem certeza disso?

Afirmei com a cabeça. Suas sobrancelhas se uniram em uma expressão sofrida, surpresa – e libertadora.

— Hiero... você passou todo esse tempo achando que foi mesmo você quem... ?

— Tem dias que eu me lembro nitidamente, mas tem dias que me vejo fazendo aquilo. Mesmo com a conclusão pericial, para mim era muito dúvida... Nunca soube no quê acreditar. Sempre estive confuso desde então, mas... Bea, você disse que...

— Não foi você.

Essas palavras foram como um sopro em um castelo de cartas prestes a ruir. Sem conseguir mais se reprimir, ele desabou em lágrimas, encostando o queixo sobre o peito.

— Não foi você. — repeti, também chorando. Suavemente acarinhei suas costas, fazendo círculos com a mão. Hiero respondeu ao meu toque puxando-me mais para perto em uma espécie de abraço, e repousou a cabeça em meu ombro. Deixei que chorasse ali o tempo que precisasse, consolando-o com suaves palmadinhas no braço.

Após uns minutos que pareceram horas, ele se desencostou de mim e limpou o rosto vermelho com as mangas do moletom. Soluçou algumas vezes e então, começou a abrir um pouquinho mais do seu coração.

— Lembra que da outra vez em que estivemos aqui, você me perguntou se eu entendia o que era viver às sombras de alguém inventado? Eu entendo, Bea. Ah, *e como*. Talvez nós dois sejamos mais parecidos do que pensamos, sabia?

Fiz uma cara de interrogação. Hiero direcionou o rosto ao céu, o qual nos presenteava lindos tons róseos e alaranjados do entardecer.

— Todos os dias que eu me olho no espelho, eu o vejo. Ainda luto contra o repúdio pelo meu reflexo, assim como tudo o que me faz lembrar que sou filho dele... tipo, meus gostos, meus dons musicais. Acho que é por isso que ainda não criei coragem para lutar pelo que gostaria de fazer pelo resto da vida. E talvez seja por isso que sempre me esforcei tanto para me tornar alguém competente, educado, sensível – alguém totalmente o *contrário* do que ele era. Mas... será que isso também não passa de uma máscara? — Ele voltou seu olhar melancólico para mim. — E sabe o que é pior? É que, apesar de tudo, eu sempre acabo me vendo como ele. E meu maior medo é de um dia também acabar me tornando um monstro...

Pelo visto, não era apenas eu quem acreditava em mentiras. Eu quase podia vê-las se movendo em torno dele, sugando sua energia vital como grotescos parasitas.

— Acho que... lidamos com o mesmo problema. — suspirei. — Eu disse naquela vez que você tinha me transformado nessa garota plastificada, mas... eu menti. Foram as balelas que passei a crer sobre mim mesma. Foi me enxergar de maneira distorcida e responder erroneamente às maldades dos outros. Hiero, não existe isso de maldição hereditária. Bem, qual filho não carrega alguns traços dos pais? Mas a verdade é que o simples fato de você estar aqui chorando por isso, mostra *o quão são diferentes*. Que escolheram caminhos diferentes. E você *nunca* será esse monstro que tanto teme. — Reforcei minhas palavras buscando e apertando sua mão. — Está me ouvindo? *Nunca*.

Devagarinho, ele balançou a cabeça em afirmação.

— E não acho que são máscaras. *Esse é quem você é*, Hiero. Mesmo naquele tempo e ainda hoje... você é uma das pessoas mais gentis que conheci. Uma das mais fortes também.

O rapaz levantou os olhos para mim. Eles brilhavam com lágrimas e emoções as quais não sabia como decifrá-las. Senti ondas de paixão a vibrarem por todo meu corpo, porém lutei para não me desestabilizar e continuar no embalo.

— Viver em si já é um grande desafio! E nunca ter desistido de viver apesar de tudo... já mostra o quanto você é *sim* corajoso.

Pela primeira vez em bastante tempo, vi seus lábios desenharem um curto, porém amável sorriso, enquanto novas gotas caíam-lhe pelas faces rubras.

— Obrigado, Bea... — Ele fechou sua mão na minha. Isso fez meu coração bater ainda mais ensandecido.

— V-você também nunca desistiu de conseguir o meu perdão. — prossegui, tentando tirar minha atenção daquilo. — E isso é realmente difícil! Requer uma boa dose de humildade e determinação. Eu mesma estou tremendo aqui.

Dei um sorrisinho nervoso, depois virei um pouco a cabeça. Era mais fácil se não sentisse o olhar dele a me queimar como um magnífico sol de verão.

Respirei fundo algumas vezes e então, o que eu tanto remoía começou a brotar do meu interior.

— Enquanto você veio atrás de mim, eu te afastei. Enquanto sofria sozinho, eu te esqueci. E, enquanto tentava de novo ser meu amigo... eu te odiei. Eu fui tão... horrível e desprezível com você que, quando me dei conta disso, simplesmente não conseguia mais nem olhar em seus olhos de tanta vergonha e culpa. E também *morri de medo* de que não me quisesse mais como amiga. E talvez, você nem queira. Se for o caso, vou entender. — Senti a garganta apertada novamente. — Eu sei que devo ter te magoado milhares de vezes, mas por cada uma delas, eu te peço perdão. Você... poderia me perdoar?

Hiero tocou em meu queixo e levou meu rosto de volta a ele.

— É claro que eu te perdoo, Bea. Milhares de vezes.

Naquele momento, eu constatei que papai estava certo. O perdão tinha mesmo um poder extraordinário. Como se tivesse sido achada e resgatada debaixo de um montão de escombros, eu me senti... livre. E este sentimento era tão forte que não coube mais dentro de mim e transbordou em forma de lágrimas.

— De-de verdade? Mesmo... mesmo por ter sido tão cruel quando você foi me visitar antes de ir embora...? — perguntei, talvez sem poder acreditar que aquilo fosse possível.

Dessa vez, Hiero quem me acarinhou e me emprestou seu ombro.

— Oh, Bea... Não vou mentir; eu sofri bastante, mas nunca te culpei por ter agido daquele jeito. Foi totalmente compreensível por conta de tudo o que aconteceu. Cada um reage de forma diferente à dor. Sabe, naquela época não pudemos ter um período grande de amizade. Mas a nossa amizade naqueles dois meses valeu-me por uma vida inteira... — Sua voz começou a soar trêmula outra vez. — Porque foi você quem me salvou, Bea. Sem você, eu não estaria aqui. Se não fosse você naquele dia, eu teria feito a maior besteira da minha vida. E você acabou de me salvar mais uma vez, ao se esforçar para lembrar algo tão terrível, mas que fez toda a diferença para

mim. Você me salvou tantas vezes... Sempre que pensava em fazer alguma bobagem comigo, eu imaginava você sorrindo em algum lugar. Sonhava que talvez um dia pudéssemos voltar a nos falar, voltar a ser amigos... E rir juntos; ou, quem sabe, somente estar como estamos neste exato momento... chorando um nos ombros do outro.

Aninhei-me ainda mais perto do seu pescoço, deixando as torrentes de emoções emanarem de meu coração e dos meus olhos. Ele me abraçou e me embalou de maneira fraternal. Então, próximo ao meu ouvido, soou sua voz meiga, baixa e aveludada:

— E tem uma coisa que eu sempre quis te dizer, desde o dia em que te reencontrei... obrigado. Obrigado por tudo, Beatrice Melo Cavalcanti.

Sabe, Hiero...

Memórias tristes ou não, nunca mais quero me esquecer de nenhuma delas. Pois todas elas me completam... e elas me levam até ao "você" que aprendi a amar.

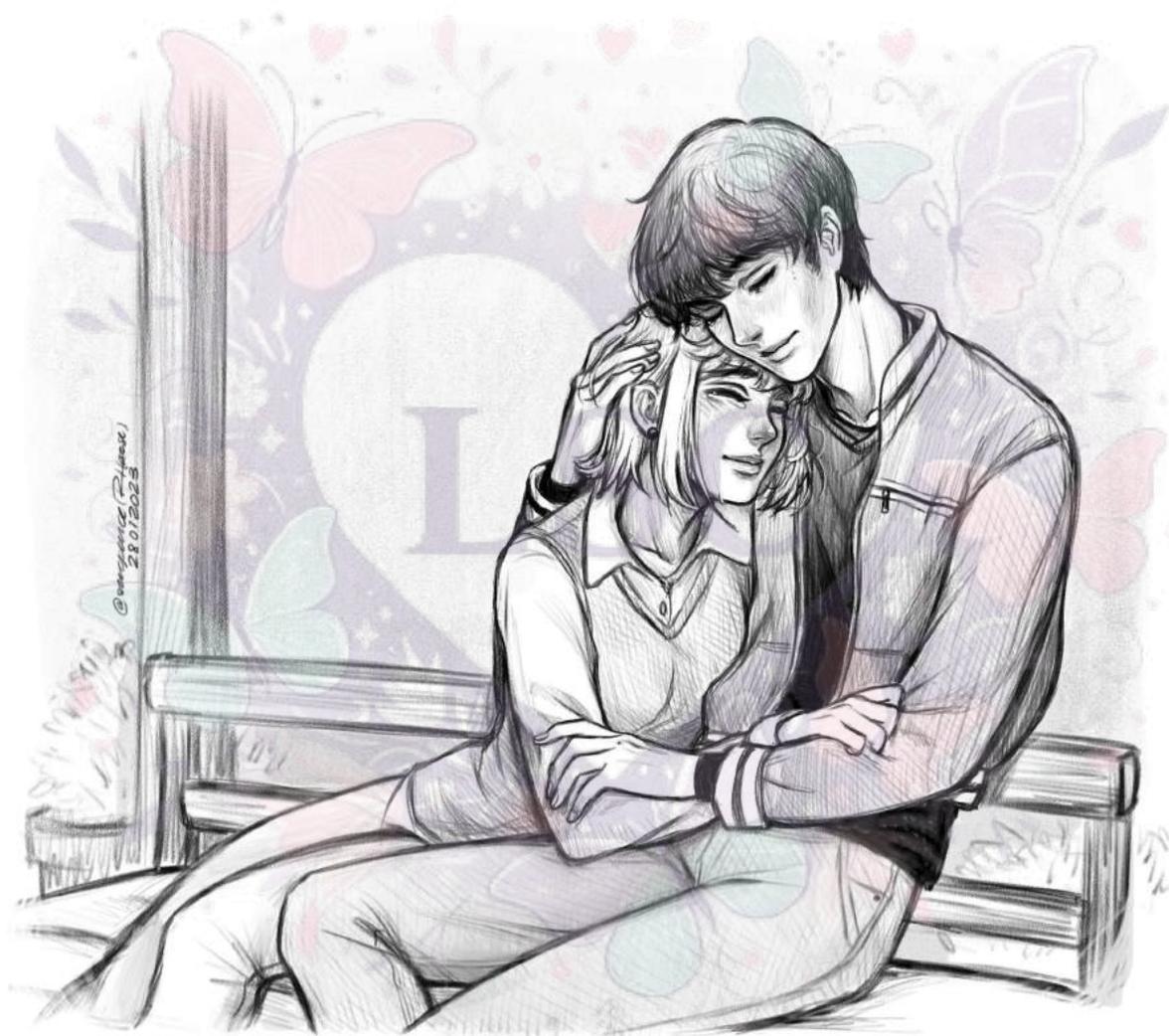
Obrigada também... por me perdoar.

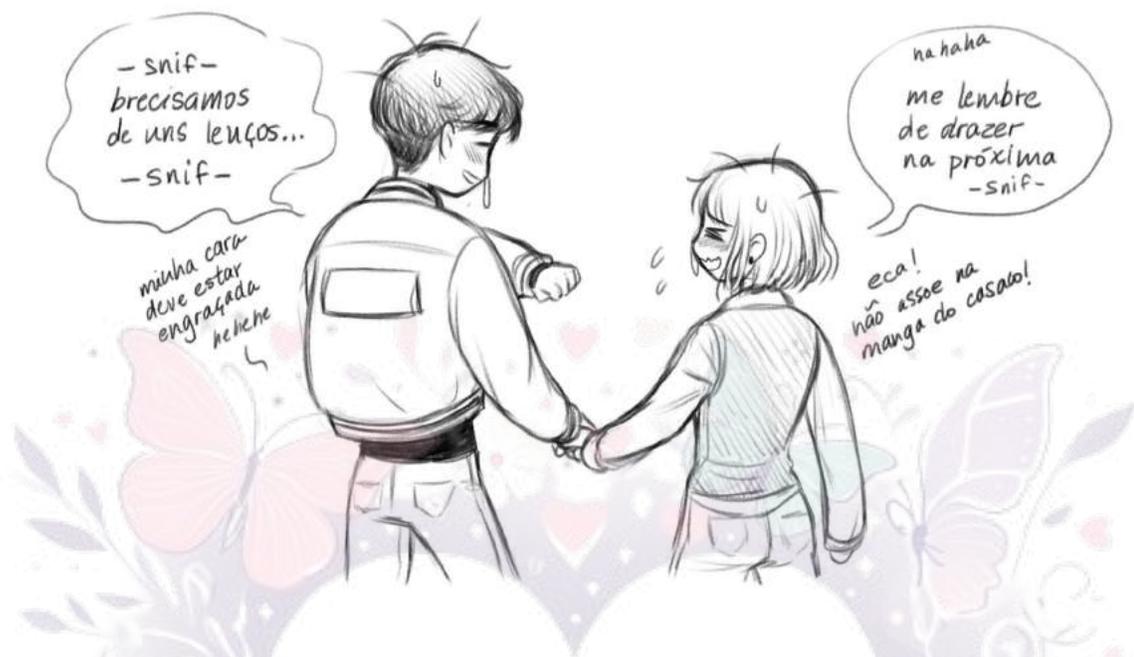
Ainda ficamos um longo tempo ali chorando juntos. E, a todo instante, mesmo quando voltamos para casa de mãos dadas, rindo das nossas caras inchadas e de como estávamos melecados, era como se o tempo tivesse decidido rodar ao contrário. Não éramos mais os adolescentes cheios de problemas e paixões. Éramos a Beatrice e o Hiero de doze anos, aquelas duas crianças rechonchudinhas e alegres, as quais compartilhavam um mundo particular, secreto... bem como uma amizade doce e inocente.

Naquela noite, o jantar tinha outro sabor – estava totalmente delicioso. Não sei se era algum tempero diferente nas costelinhas assadas com batatas, ou se era porque fazia dias que não me juntava à mesa para uma refeição. Só sei que sentia como se tivesse acabado de retornar de uma longa e exaustiva

viagem para o lugar o qual pertencia – entre as histórias e brincadeiras de papai, as implicações dos meus irmãos, as censuras de mamãe e... as risadas calorosas de Hiero.

Oh... e como senti saudades dessas risadas.





Notas da autora | Olá, gente linda! Como vão? Espero que bem! Hoje trouxe mais uma ilustra, a qual me deu *taanto* trabalho, simplesmente porque meu cérebro parecia ter desaprendido a desenhar. Tudo o que eu fazia saía horrível, pensei em desistir várias vezes ٩(ڤڤ٩? *quase surta* Até que na centésima quinta tentativa começou a sair um *pouquinho* melhor... daí ficou assim. (A Bea é beem mais fácil de desenhar que o Hiero, ô rapaz que me dá trabalho, viu?) Espero que gostem. E também espero que tenham gostado do capítulo! Feliz que esses dois se acertaram. Finalmente hehe~

Vou ficando por aqui! Se puder, clica na estrelinha e deixa um comentário pra mim? Isso me ajuda um tanto que vocês nem sabem ~(\n~)

Beijinhos, queijinhos e até o próximo capítulo!

♡ > ☺) / ♡

35.



É INCRÍVEL COMO PODEMOS MUDAR a percepção de certas situações em tão pouco tempo. Três dias atrás eu estava debulhada em lágrimas no carro de papai, achando que minha vida tinha acabado – e agora, naquela gostosa manhã de segunda-feira, divertia minhas cordas vocais num animado dueto com Whitney Houston em "I Wanna Dance with Somebody" enquanto preparava meu café. Entre uma virada ou outra no pão besuntado de manteiga na frigideira, eu fingia que a espátula era um microfone e que as louças na pia e os eletrodomésticos no balcão eram meus fãs tresloucados.

— *Yeah, I wanna dance with somebody, with somebody who loves me!**— cantei num volume mais alto que o CD *player* de mamãe, rodopiando na frente do fogão. Porém, a rotação morreu na metade quando me deparei com Mikhel me olhando como se eu fosse um daqueles bizarros oompaloompas de cabelos verdes e pele cor-de-cenoura.

— Credo, Bea, deu a louca, foi? — o menino desdenhou antes de se dirigir ao armário onde estava o pote de biscoitos caseiros.

Como não os alcançava, desci o pote para ele.

— Ah, Mikhelzinho, você ainda é muito novo pra perceber que a felicidade às vezes se esconde nas pequenas coisas! Tipo, nesse céu azul limpinho, no canto dos passarinhos, nesses sequinhos de leite-moça...

— *Ugh...* Que papo é esse? E sendo toda boazinha assim sem motivo algum? Eu vou é assistir meus desenhos. Vai que essa doença pega! — Ele me fez uma careta antes de sumir para a sala com a mão cheia de biscoitos. Eu apenas ri e voltei a cantarolar em meu microfone improvisado.

Ouvi o tintilar de vidro da geladeira se abrindo. Era Bruno, aparentemente à procura de algum quitute perdido nas prateleiras.

— E aí, maninho? Bom dia. Vai um misto quente? Acabei de fazer.

— Não, obrigado. São quase dez horas. Já tomei café.

Ah, vamos dar um desconto, vai. Aquela era a primeira noite que dormira bem desde... toda aquela maluquice. Não que agora estivesse num mar de rosas – ainda estava meio temerosa e preocupada, sobretudo com aquele lance do vídeo, da escola– mas, como grande parte do que me afligia havia desaparecido, finalmente consegui descansar. E, por não precisar ir ao colégio por conta da suspensão, aproveitei para esticar o sono.

Hum, mas espera. Tinha algo errado com o Bruno. Que tom foi aquele? E não aproveitou para tirar sarro da minha cara?

Ah...

— Bruno, vem cá. — Chamei-o para a despensa.

Meio sem vontade, ele me atendeu. — O que é?

— *Erm...* você tá bravo comigo? Sabe, porque eu contei pra a mamãe que...

Ele abaixou a cabeça, sério. Depois de uns momentos em silêncio, torceu os lábios e murmurou:

— Para falar a verdade, não. Estou *envergonhado*. Tipo, muito mesmo. E triste que tenha exposto você àquilo. Realmente me desculpa.

Senti uma onda de calor subir pelo pescoço com a lembrança.

— Eu vi por acaso quando ajudei mamãe a guardar as roupas, já faz um tempo. Eca, Bruno, essas revistas são nojentas!

Ele espremeu o rosto, como se tivesse levado um tapa.

— Concordo. É horrível! Eu sei que devo mudar, mas é tão difícil. A gente se vê cada vez mais atolado num lamaçal de areia movediça e nem sabe como sair dele.

— É, eu sei.

Bruno olhou para mim com certo espanto. Sorri.

— Porque era exatamente assim como estava me sentindo. Mas, sabe... o pior mesmo é o primeiro passo. — Dei um soquinho no braço dele. — Força, maninho. Você vai conseguir, tá?

— Obrigado. — Ele devolveu o sorriso, apertando os lábios. Depois, bagunçou meus cabelos. — Só espero não ter perdido a sua admiração como irmão mais velho. Eu tenho um nome a zelar aqui nesta casa. — brincou. Certo, agora eu tinha meu irmão de volta.

— *Nome?! Há!* Não sei qual. Ah, talvez o de "super-ultra-mega-bocó"? Isso você nunca vai deixar de ser, não se preocupe.

Rimos juntos.

Saí da despensa com uma sensação de flutuar com a leveza de uma pluma, somente para instantes depois ser puxada de volta com tudo pela força gravitacional ao me dar conta de que havia dado trela demais a Bruno – pois não esperou nem um minuto para me provocar, gritando da cozinha para a sala:

— Toda essa bondade tem motivo sim, Mikhel! Isso se chama "estar apaixonada-

— ...Na-na-nada que te interessa!" — gritei por cima, tentando tapar a boca do estrupício.

— Bom dia... — A voz de Hiero na cozinha quase fez minha alma se separar do corpo. Por tudo o que existe de mais sagrado, eu simplesmente havia esquecido que ele também estava de suspensão!

Ah, não, que vergonhaaaa... Bruno!!! Minhas mãos quase conseguiram mudar a direção da boca para o pescoço dele. Porém, liso igual um peixe, o idiota escapou e saiu da cozinha rindo todo faceiro. Infelizmente, tudo o que eu pude fazer foi apenas fuzilar-lhe com os olhos. Deixe estar, maninho. Você ainda me paga!

— O que tá rolando? — Hiero perguntou com uma voz meio arrastada após um bocejo. Parecia que ainda estava lutando para acordar. Embora estivesse arrumado, com os cabelos penteados e o rosto lavado, era perceptível pelas marcas de lençol em sua têmporas que também tivera uma noite de sono profundo.

E, oh, por favor, que estivesse sonolento o suficiente para não ter pescado nada!

— Na-nada, não! — Virei-me para o balcão, torcendo para que ele não percebesse meu rosto vermelho. — Estou fazendo misto quente para o café. Q-quer um?

— Hum... Quero... Obrigado.

Ele entornou um pouco de café da garrafa térmica numa xícara de porcelana. Depois reparou:

— Valha-me... você tomando café da manhã? Gostei de ver.

— É... percebi que preciso fazer uns reajustes na minha vida. Tipo, deixar essas dietas malucas, entre outras coisas. — respondi, exibindo-lhe um sorriso cheio de dentes. Nesse momento, o CD trocou de faixa e a voz grossa de Rick Astley começou a entoar alegremente:

— *She wants to dance with meeee, 'cause I'll hold her so thigh next to me**.

Após esse verso, reparei um leve riso enigmático do rapaz ao meu lado, como se tivesse acabado de descobrir algo muito interessante.

Mordi os lábios. Tentei voltar minha atenção às fatias de pão em minha frente – e falhei miseravelmente, pois não conseguia deixar de reparar em tudo o que Hiero fazia. Como seus lábios formavam um coração rosado ao soprar o líquido quente. Como seus cílios emolduravam belamente os olhos semicerrados enquanto tomava um gole. Como seu pomo-de-adão deslizava suavemente para cima e depois, para o local de origem em seu pescoço bem desenhado. Eu seria estranha se confessasse que achei isso meio... *sexy*...?

Que isso, garota?! Controle-see! Minhas mãos tremiam enquanto construía algo que parecia uma arte abstrata feita de pães, queijo ralado e... Puts, havia passado geleia de morango em vez de manteiga!

— Oh, acabou o açúcar. — Hiero deu umas palmadinhas no açucareiro de vidro, tentando capturar os últimos grânulos. Então, chegou por trás de mim, interessado no armário acima da minha cabeça. No instante em que tentava alcançar o *tupperware* de açúcar, ficamos numa distância perigosamente próxima. Tão próxima que senti seu inebriante perfume cítrico, o calor emanado da abertura da sua jaqueta acolchoada e o roçar do seu peito em minhas costas. Esse breve toque físico causou-me um baita arrepio, deixando-me um pouco atordoada.

— Ah, vou... dar licença...

Eu deveria apenas ter me afastado para o lado, mas na minha parvalhice, acabei me virando e dando um leve encontro no corpo do rapaz.

— Desculpa!

Levantei timidamente o olhar, e descobri Hiero me fitando de forma meio diferente, meio... intensa. Sua mão foi baixando do armário devagarinho e repousou ao meu lado, no balcão. Fez o mesmo com a outra, deixando-me presa no meio dos seus braços.

Agora sim meu coração batia em ritmo frenético.

— Bea... — ele se inclinou para falar em meu ouvido, talvez porque Rick Astley cantava um tantinho alto, e senti sua respiração quente em minha orelha. — Ontem eu queria muito te dizer uma coisa, mas achei que não era a melhor hora. Eu queria mesmo...

♪ *plom-blim-blim-blim-bliiing* ♪

Era um *ringtone* com a melodia "*Sugar, oh, honey honey*", o qual parecia vir do bolso da sua jaqueta.

— Eu... queria... — ele tentou continuar, meio desconcertado.

♪ *plom-blim-blim-blim-bliiing* ♪

Dando-se por vencido, fechou os olhos num suspiro, afastou-se e atendeu o aparelho. — Alô. — sua voz saiu meio áspera. — O quê? — Suas sobrancelhas arquearam e suas bochechas ficaram um pouco vermelhas. — *Aqui?! Ah, tá... Tô indo. Espera um pouco.* — Ele fechou o celular e deu um sorriso meio murcho. — *Desculpa. Vou precisar sair, mas já volto. Depois...* — Ele voltou a sussurrar em meu ouvido: — *Quero conversar com você.*

Enquanto o via ir embora da cozinha, segurei meu rosto ardente com ambas as mãos, sentindo que estava derretendo igual um pedaço de chocolate ao leite.

Ai. Meu. Deus. *O que no mundo está acontecendo?!?!*

Eu tinha feito um trato comigo mesma. Na noite anterior, olhando a lua cheia antes de pegar no sono, prometi que torceria por Hiero e Mima – nem que isso significasse uma paixão platônica e, conseqüentemente, um coração despedaçado. Nada importava. *Tudo que queria era vê-lo feliz.*

Porém... de novo ele ficava fazendo coisas que me deixavam confusa. Não era justo! Se continuasse assim, eu com certeza morreria prematuramente com um infarto!

E foi o que quase aconteceu quando meu celular tocou de repente, vibrando e piscando em cima da escrivaninha. Com um grito, interrompi meus pensamentos entre a andança em círculos no meu quarto e corri para atendê-lo.

Era Luke.

— *Oi.* — percebi uma secura em sua voz. — *Bea, a gente precisa conversar.*

Oh, até que enfim ele se deu conta disso!

— *Sabe o parquinho perto da sua casa? Então, você pode ir lá agora?*

Pera. Agora?! Eu não estava preparada! Nem com uma aparência decente, nem com um *discurso* decente.

— Q-quê? Você veio até aqui? Tá, mas... e a aula? Você escapou do colégio?

Ele deu um suspiro meio dramático.

— *Vou ficar te esperando.*

Novamente senti-me aflita e ansiosa, porém não havia tempo para arrumações, maquiagens ou ensaios. Era a hora de ser *eu mesma* e *mostrar meu coração*, como papai dissera. Então, apenas troquei as calças do meu conjuntinho de moletom cor-de-rosa por um jeans e calcei um par de tênis. Coloquei algumas coisas numa sacola de papel e saí de casa correndo.



Como não frequentava mais o parquinho há meio século, tomei um susto ao perceber que a prefeitura havia revitalizado aquela área. O playground enferrujado foi trocado por um novo de madeira robusta, e o chão, antes de areia, agora era de concreto.

A única pessoa que se encontrava ali era Luke. Ele chamava a atenção de longe – não apenas por sua aparência de motoqueiro-loiro-galã-*bad-boy* não se encaixar naquele ambiente infantil – como pela sua posição curiosa: sentado em um dos bancos e com a cabeça inclinada para trás, pressionava uma lata de Coca-Cola contra o rosto.

— Meu Deus, Luke, tá tudo bem? — gritei de longe, correndo até ele. Uma fumacinha de vapor rodopiava da minha boca enquanto arquejava, buscando e liberando ar.

Quando cheguei mais perto, ele retirou a lata de cima do rosto a fim de me ver melhor. Foi quando percebi uma marca avermelhada debaixo do olho esquerdo, bem como alguns arranhões e uma ferida nos lábios. Analisei-o melhor: ele estava suado, os cabelos bagunçados, e a roupa meio empoeirada. Ou tinha levado uma queda de moto, ou... tinha arrumado uma briga.

Como vi a Harley estacionada ali perto sem aparentes estragos, fiquei com a segunda opção.

— Eu queria verificar uma coisa. — Ele começou a falar, fazendo uma careta de dor e voltando a colocar sua "bolsa de gelo" improvisada em cima do olho. — Liguei pra aquele *filho-da-mãe* e não é que ele saiu mesmo da *sua* casa? — Deu uma exalada irônica. — Droga, como pude ser tão estúpido?! E ele ainda teve a audácia de dizer que eu poderia acertá-lo primeiro. Só não esperava que... — O seu tom de voz diminuiu. — ...ele fosse revidar com tanta força. *Imbecil* !

Vendo minha cara fechada, retrucou em tom ácido, seus olhos em fendas:

— Ah, tá certo. Não posso falar mal do seu *marido*, né? Eu sou só o amante mesmo. Ou seria o contrário? Ele quem foi seu amante esse tempo todo?

Oh, céus, dai-me paciência. Eu já estava quase no meu limite!

— Escuta, Luke, você veio aqui pra conversar ou para brigar?! Porque se quiser brigar, acredite, vou garantir que você saia com outro olho roxo. Achei que fosse mais maduro que... *que isso!* — Gesticulei com os braços a extensão do seu corpo, como se quisesse mostrar o estado deplorável em que se encontrava.

Ele me olhou meio assustado. Acho que não esperava uma reação tão exasperada. Mas, como se refletisse nas minhas palavras, abandonou a latinha e endireitou a cabeça. Penteou os cabelos com os dedos algumas vezes antes de finalmente dizer:

— Tem razão. Eu vim aqui pra conversar, resolver o que precisa ser resolvido, mas estou me comportando como um idiota. Desculpe.

Meus músculos abrandaram a tensão. Com um suspiro, sentei-me ao seu lado. Ele se encurvou para frente, apoiando o peso do corpo nos joelhos.

— Eu sei que fugi, Bea. Não queria lidar com *outra* rejeição. Tudo ficou óbvio naquele dia no Playcenter, *justamente* o dia em que queria mesmo me aproximar de você. — disse em tom miserável. Abaixei a cabeça, subitamente tomada por dó e tristeza ao ouvir aquilo. — Mas agora... pode me dizer tudo o que quiser. Eu vou ouvir.

Inspirei fundo, sentindo que aquilo seria mais difícil do que imaginara.

— Luke, olha... Quando a gente se conheceu, fiquei mesmo balançada. Você era tão legal, genuíno e espontâneo; sempre me tratou tão bem... Acho que teria me apaixonado pra valer se não fosse...

— O Hiero?

— Não. Para falar a verdade, eu descobri que gostava dele só... — Virei os olhos para cima, pensativa. — Semana passada? Mas isso não vem ao caso. Foi isso aí no seu bolso. — Apontei. — Quero dizer, sua carteira.

Ele parecia não entender aonde eu queria chegar. — Mas o que tem ela? É uma edição limitada da Armani...

Expirei forte pelo nariz, com um leve sorriso. — Não, seu bobo. É que... — Ai, que vexame ter de confessar isso! Acelerei as palavras, antes que me arrependesse. — Tá, eu invadi sua privacidade mexendo nela, naquele dia em que fomos ao cinema. E acabei vendo uma foto – *você sabe qual* – no meio dos seus documentos. Foi aí que eu soube que... seu coração pertencia à outra pessoa.

Luke me olhou surpreso. Depois, baixou os olhos, parecendo confirmar minhas antigas suspeitas.

— Desculpa ter bisbilhotado. — completei, queimando de vergonha.

Ele torceu os lábios.

— Eu nem lembrava que ela ainda estava ali. Então foi por isso que se manteve a uma distância segura de mim. Eu percebi, mas não entendia a razão. Puxa... Tínhamos tudo para dar certo. — Ele se ajeitou e virou o rosto para mim, olhando-me com franqueza. — Bea, esse final de semana foi terrível. Não consegui descansar um segundo. Senti como se estivesse ficando louco... porque eu *realmente* me apaixonei por você. E já faz um bom tempo que não me sentia assim. Porém, me dei conta de que não tenho direito nenhum de ficar bravo, porque *eu também* tenho meus monstrinhos no armário e não fui sincero com você desde o início. Não tenho o direito nem de te recriminar por você e o Hiero morarem juntos.

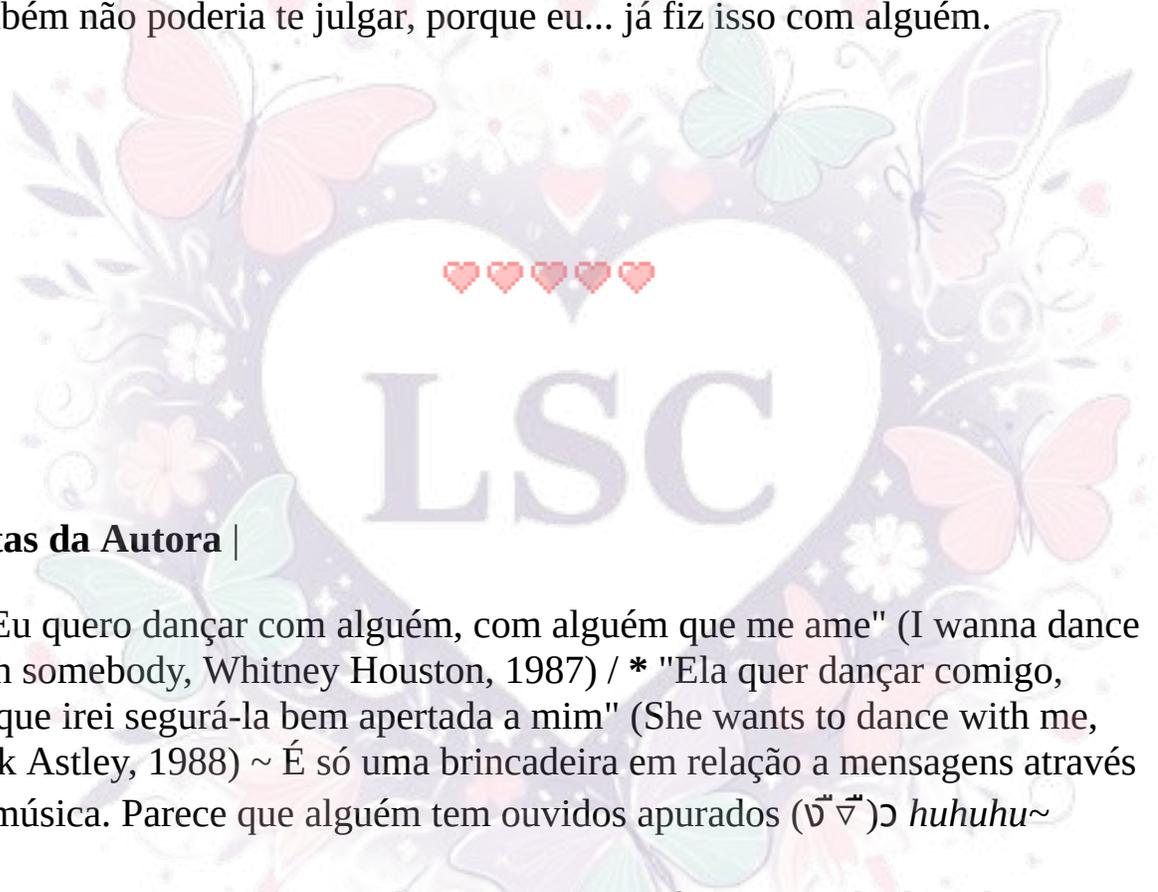
— Nós não moramos juntos! — contestei rapidamente, sentindo um calor subindo pelo meu pescoço. — Não *dessa forma*. Ele é um hóspede em casa, está lá por um favor. E meus pais têm olhos de águia; ainda tem meus irmãos, então nem se quiséssemos...

— Eu sei, Bea. — Luke me interrompeu, dando um meio sorriso. — E isso que me deixa mais frustrado, porque meu coração quer um motivo pra te acusar, te fazer de vilã e te odiar, mas no fundo sei que você não é *esse tipo* de garota. Se fosse, lá em casa, a gente teria feito... sabe... — Ele se deteve,

mordendo o lábio. — Sinto que só quero algo para me agarrar... para compensar a dor de saber que você prefere *ele*, e não eu.

Encolhi-me no banco. Já havia dispensado rapazes antes, mas apenas no momento das declarações. Quebrar o coração de alguém após dar-lhe confiança era uma agonia, um tormento totalmente diferente.

— E mesmo que vocês morassem juntos *dessa forma* — continuou —, eu também não poderia te julgar, porque eu... já fiz isso com alguém.



Notas da Autora |

* "Eu quero dançar com alguém, com alguém que me ame" (I wanna dance with somebody, Whitney Houston, 1987) / * "Ela quer dançar comigo, porque irei segurá-la bem apertada a mim" (She wants to dance with me, Rick Astley, 1988) ~ É só uma brincadeira em relação a mensagens através de música. Parece que alguém tem ouvidos apurados (ᵛ ᵛ)ᵛ huhuhu~

** "Sugar Sugar" (ringtone do Hiero) era a música tema do desenho animado e o maior sucesso da banda fictícia homônima The Archies (1969). "Sugar, oh, honey honey, you're my candy girl / Açúcar, oh, querida, querida. Você é minha garota doce", dizia a primeira parte do refrão. Bem a cara do Hiero né? Já que ele é um baita "dentinho-doce" (* ▽ *)~

Obrigada por lerem até aqui e nos vemos no próximo capítulo -- com a história do Luke... (¬_¬)

36.



LUKE HESITOU POR UNS SEGUNDOS antes de prosseguir. Pelo estalar dos nós dos dedos, percebi que estava mesmo nervoso.

— Merda, não acredito que vou ter que contar essa história, mas se é para colocar tudo em pratos limpos... vamos lá. — Ele inspirou fundo. — O Lucca de dezessete anos era meio virado nas ideias. Sabe, o estereótipo de filhinho-de-papai rebelde que não valoriza o que tem e só quer saber de curtir a vida adoidado. — Rolou os olhos. — Tive muito problema com meu pai, já que nas poucas ocasiões que aparecia em casa ele só sabia me repreender. Já minha mãe se cansou de tudo e foi viver em algum lugar em Miami, nós quase nem nos falamos mais. Certo, estou perdendo o foco. A questão é que eu achava que apenas uma pessoa me compreendia completamente: Sophia. — Ele deu um sorriso fraco e triste com a lembrança. — Nós praticamente crescemos juntos. Depois, ela foi morar na Itália e só vinha para as férias, mas quando estávamos juntos era perfeito. Eu era maluco por ela. Costumava achar que tínhamos nascido um para o outro. O único problema é que... ela era minha prima.

Oh, por que eu não estava surpresa? Tá, talvez eu estivesse só um pouco surpresa de como isso não me afetava mais. Nadinha.

— Além de ser três anos mais velha. — prosseguiu. — Claro que a família não iria aceitar de boas, então não avançava por medo. Nem meus amigos me apoiavam. Você os viu lá no shopping: Aaron, Josh e Natasha. Nós nos considerávamos os "três mosqueteiros" da Crawford...

— Espera. Você disse "Crawford"? Tipo, "a" Crawford?

Na verdade, era isso que eu queria perguntar: A *Crawford International School*, o Instituto para alunos com dupla nacionalidade; simplesmente o melhor colégio de São Paulo e conseqüentemente, o melhor do *Brasil*?! Que, perto dela, o Saint Louis parecia um jardim de infância e a mensalidade deveria custar mais do que um carro popular?

— É, ué. — ele respondeu como se não fosse nada demais. Nem sei por que perdi segundos da minha vida ficando chocada com aquilo. Luke morava numa mansão e dirigia um *Porsche*, pelo amor. — E o rolo com eles começou quando a Natasha se declarou pra mim. Eu não queria que o grupo se desfizesse, e gostava muito dela como amiga. Como achei que eu e Sophia nunca daríamos certo, dei uma chance pra Natasha, pensando que, com o tempo, poderia me apaixonar por ela. Só não esperava que Sophia fosse ficar doida com aquilo. Assim que soube, pegou o primeiro avião de Florença pra cá.

— Sério? Que loucura! — Arregalei os olhos e sorri, como se aquilo fosse o babado do ano. — Acho que ela gostava mesmo de você, então.

— Eu também achei! — Ele devolveu o sorriso, exibindo os dentes. Naquele momento, tive a impressão de que poderíamos ter sido assim, bons amigos, se não fosse todo esse *afã* por termos algo amoroso. — E você nem vai acreditar no que ela fez em seguida: pediu para fugirmos juntos.

— *O quê?! — exclamei, rindo incrédula.*

— É! Assim, sem mais nem menos. Sem rota, planejamento, nada. Só uma passagem de avião para a Itália. E... — ele voltou a ficar sério, pesaroso. — Eu fui. Não pensei duas vezes. Larguei tudo: o colégio, os amigos... e arrasei o coração da Natasha. É por isso que eles me odeiam até hoje. Nem liguei para terminar com ela ou me despedir. Só peguei meu passaporte

italiano e fui. — Ele bufou e passou as mãos pelo rosto, terminando por bagunçar seus cabelos. — Idiota, né? Inconsequente, achando que viveríamos apenas de amor. Mas não demorou muito para meu pai saber e cortar meus cartões de crédito. Daí, passei a depender quase totalmente dela e do seu trabalho como modelo e atriz debutante. Eu até arrumei uns bicos, mas não durava muito. Não estava acostumado a trabalho braçal. *Playboyzinho* burro, lembra?

Comprimi os lábios numa expressão compreensiva, ignorando o comentário depreciativo sobre si mesmo. Ajeitei-me no banco, levantando as pernas e as abraçando.

— E o que ela achou disso?

— Bem, no início parecia não se importar. Vivíamos em um apartamento minúsculo, passávamos o mês meio apertados, mas... tudo o que precisávamos era um do outro. Só que, depois de uns meses, as coisas foram mudando gradativamente. Ela começou a viajar e a ficar muito tempo fora. Às vezes, quando voltava, trazia gente que nunca tinha visto para festejar e beber. Passou a me apresentar como o "priminho intercambista que vivia no apê dela enquanto procurava um pra ficar". — Ele torceu a boca. — Ela se cansou de mim. Virei um estorvo. E para completar... Acabei descobrindo que ela estava dormindo com outros caras. Aí já era. A gente teve uma briga feia e ela usou o clichê do "você não sabe o que preciso fazer para subir na carreira". *Aff*. Pura baboseira.

— Poxa, Luke... Sinto tanto que você tenha passado por isso. — Não disse apenas da boca pra fora. Eu estava mesmo condoída por ele.

— Mas culpa foi minha, Bea. Reconheço isso hoje, mas não foi fácil chegar até aqui. Só Deus sabe com que cara tive de encarar meu pai quando retornei ao Brasil. Eu tinha perdido um ano letivo e bagunçado todo o cronograma educacional que ele tinha planejado para mim. Pior é que essa decepção me fez ainda mais rebelde e fiquei determinado em não voltar ao colégio. Nunca mais.

— E o que te fez mudar de ideia?

— Você. — ele respondeu com um sorriso comovente.

— Eu?! — Arregalei os olhos e apontei meu rosto com o indicador. — Mas... como?

— Sei que vou parecer ridículo, mas quando te vi olhando os encartes de CDs naquela loja, te achei muito parecida com ela. Talvez nem tanto fisicamente, mas sabe... você tem essa aura fascinante, adorável. E decidi voltar a estudar (como meu pai queria e vivia me importunando), só para poder te ver de novo. Isso vai soar horrível, mas... — Ele deu um sorriso amargo. — No início eu apenas via *ela* em você. Só que, com o tempo, passei a realmente gostar de *você*, Bea, e não da imagem da Sophia que estampeei na sua frente. Comecei a ver o quanto você é incrível... e quando percebi, não conseguia mais tirar você dos meus pensamentos.

— Incrível... ? — Fiz um bico de desapontamento. — Eu não tenho nada de incrível, Luke. Essa imagem que você tem de mim é porque eu fingia o tempo todo. Sorrindo, quando queria chorar. Concordando, quando queria debater. Fazendo das tripas coração para todo dia estar impecável, ser a bonequinha que todos admiravam e aplaudiam. Mas, veja: — Balancei os braços de cima a baixo em meus lados numa ênfase sobre minha aparência relativamente simples. — Não sou nada disso. Eu acordo com a cara inchada, mastigo igual um hipopótamo, me chateio facilmente, respondo grosso, às vezes xingo e sou até que bem egoísta e teimosa. O único que viu todas essas minhas facetas foi o Hiero... Talvez, se você visse, nem quisesse mais ser meu amigo.

— Bem que eu achava que seu único defeito era *não ter defeitos*. — Ele deu um sorriso lateral, ressaltando uma covinha.

— Agora você sabe a verdade. Eu sou um terror, acredite! — Elevei as mãos ao céu.

— É nada. Todo mundo tem seus altos e baixos. — Ele deu um toque amistoso em meu braço. — Eu mesmo, tem dias, pareço que estou com o diabo no couro. Aí quando vejo... é fome.

Balancei a cabeça, rindo com ele. Aquilo era tão... esquisito. Era a primeira vez que agia com total liberdade na frente desse rapaz. E, sabe, gostei um bocadinho dessa sensação de ser *eu mesma*.

— Bea, talvez você vai achar que eu sou louco... mas apesar de nossa tentativa de namoro ter sido um fiasco, não queria parar de falar com você. Queria que a gente fosse amigo, como... como agora.

Mordi o lábio inferior e apertei as sobrancelhas.

— Não posso. Não se você continuar a alimentar sentimentos por mim. Não quero que você viva machucado, Luke. — Baixei os olhos, um pouco tímida. — Não vou deixar de gostar do Hiero. Nunca. Sinto que... amarei ele para sempre.

— Ai! Assim você acaba comigo! — Ele fez uma careta, fingindo ter sido atingido por um dardo no peito. Depois, voltou a falar sério, mantendo os olhos baixos. — Eu sei. Vou cuidar pra isso não acontecer. Não vou forçar meus sentimentos em você, não se preocupe. Vou superar. Vai ser difícil pra caramba, mas acho que seria ainda pior se precisasse riscar mais alguém precioso da minha vida. De perdas, já tive o suficiente.

Refleti por uns segundos.

— Sendo assim, acho que tudo bem... — Senti um bolo se formar em minha garganta. — E, Luke... peço perdão por te dar esperanças quando não podia preenchê-las. Eu acabei brincando com seu coração. — Senti lágrimas inundando meus olhos e fiquei piscando numa tentativa de contê-las. — Se tivesse sido sincera logo, teria poupado muito sofrimento. Realmente me perdoe.

Estendi-lhe a sacola de papel que havia deixado ao meu lado no banco. Nela continha os presentinhos que ele me dera, bem como o vestido da Miu-Miu e as sandálias Prada. Ele espiou o conteúdo e fez uma expressão sofrida.

Definitivamente, aquele era o fim.

— Quando você volta para a escola? — perguntou sem virar o rosto. Com os olhos vermelhos, parecia prestes a chorar.

— Quinta-feira.

— Massa. Vai dar para participar da peça, então.

— Espero que sim. Vou praticar mais as minhas falas. O último ensaio foi... uma bela bosta.

Ele voltou a erguer a latinha de Coca, que já deveria estar em temperatura ambiente, escondendo parte do rosto. Tive a impressão de ver uma lágrima escorrer pelo canto do seu sorriso.

— Vai dar tudo certo. Força... *pra nós dois*. — Foi o que disse antes de se levantar e ir embora.

Com meus pensamentos ainda presos àquela conversa, caminhei lentamente para casa. Sentia-me triste por Luke, mas um tanto feliz por finalmente ter feito o que meu coração sabia ser o certo, e... estava em paz. Aliviada. Apesar de agridoce, aquele ponto final desembaraçou um pouco mais o barbante daquela minha "cama de gato". Parecia que um a um os nós estavam se desfazendo, e tive um bom pressentimento de que chegaria um ponto em que tudo daria mesmo certo.

Já próximo ao portão, avistei Hiero subindo a ladeira também em passos demorados. Pendida em uma das mãos, uma sacolinha plástica dançava pra lá e pra cá. Em vez de entrar logo, resolvi correr até ele e acompanhá-lo.

Assim que percebeu minha aproximação, ele se encolheu e acelerou o ritmo, agindo como lá na sala de espera da diretoria – querendo disfarçar que havia se metido em confusão. Ri discretamente. Aquilo era igual tentar tapar o sol com uma peneira: todo bagunçado, ele parecia um gato fujão quando volta para casa após uma noite na rua.

Travessa, parei em frente a ele com as mãos na cintura e olhei-o de maneira inquisidora.

— Por favor, não diga nada. — Ele manteve os olhos na calçada, as bochechas um pouco vermelhas. Não sabia se estava envergonhado ou apenas corado pelo sol da manhã.

— Deixa eu ver.

Inclinei-me em sua direção, procurando seu rosto por debaixo dos seus cabelos eriçados. Ele hesitou, virando-o para o lado. Insisti, curvando-me mais e chegando mais perto. Por fim, ele cedeu.

— Minha nossa! O que deu no Luke para fazer isso em você?! — exclamei com surpresa genuína quando vi um corte maior e ensanguentado na maçã esquerda do rosto.

— Pô, Bea, aí você me magoa. Eu nunca entro em uma briga para perder! — Ele fez um beicinho de desgosto – algo que achei bem fofo, para falar a verdade. — O infeliz tinha um anel, sabe? E dei a vantagem do primeiro golpe, então...

Fiquei uns segundos o encarando com os braços cruzados. O rapaz me olhou duas vezes de soslaio, talvez esperando a bronca. Contudo, só segurei-o pelo pulso e comecei a marchar para casa.

— Vem, vamos tratar isso. Vocês, garotos... Por que são assim? — resmunguei.

Ouvi-o soltar uma respiração meio cômica.

— Então... vocês conversaram? — ele afirmou com um quê de interrogação. — Parece já saber tudo o que rolou.

Engoli os lábios e senti meu coração palpitar muito acelerado.

— *Ham-ram.* — Respondi sem tirar os olhos do nosso alvo, o portão de casa. — Foi agora há pouco, no parquinho. Consegui desfazer os mal entendidos e... *outras coisas* também.

— Hum...

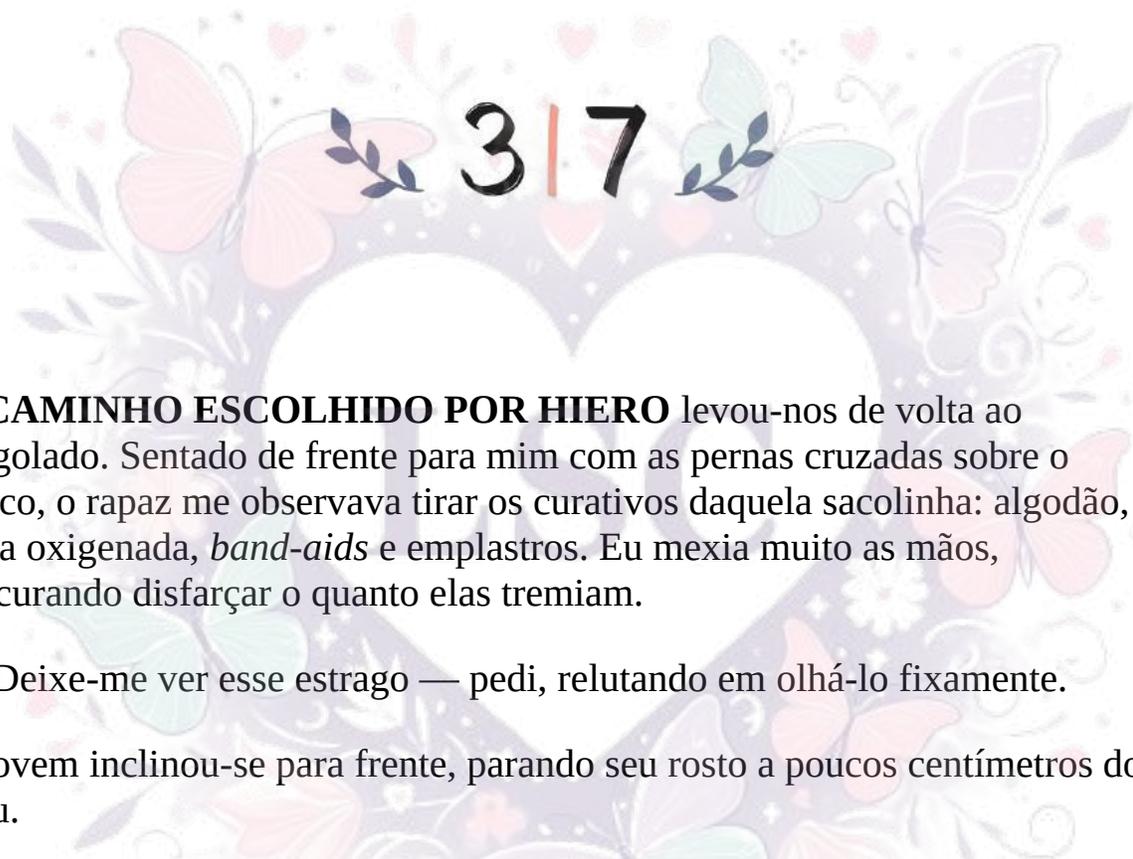
Então, ele deslizou o seu pulso para cima, fazendo com que eu o soltasse. Em seguida, segurou minha mão apropriadamente, passando a tomar a frente em nossos passos. Quando estávamos no pé do portão, dirigiu-me um sorriso doce, irresistível, o qual me arrepiou da cabeça aos pés.

— Bea... você teria um tempo para mim agora?



*A *Crawford International School* é uma instituição fictícia, mas é tipo uma paródia da *Graded School*, o colégio (também internacional) mais caro e chique de São Paulo. **O Saint Louis é uma paródia da *The British College of Brazil*, só que não é um colégio britânico.

37.



O CAMINHO ESCOLHIDO POR HIERO levou-nos de volta ao pergolado. Sentado de frente para mim com as pernas cruzadas sobre o banco, o rapaz me observava tirar os curativos daquela sacolinha: algodão, água oxigenada, *band-aids* e emplastros. Eu mexia muito as mãos, procurando disfarçar o quanto elas tremiam.

— Deixe-me ver esse estrago — pedi, relutando em olhá-lo fixamente.

O jovem inclinou-se para frente, parando seu rosto a poucos centímetros do meu.

Naquele momento, enquanto tentava desvendar o que estaria por trás da sua expressão meio misteriosa, meio galante, várias possibilidades se passavam em minha cabeça – mas nenhuma fazia sentido. As peças não se encaixavam. Meu coração queria se apegar a um fiapo de esperança de que talvez, *só talvez* ele sentisse uma coisinha por mim; porém, onde entrava a Mima nessa equação? Será que tudo não passava de uma paranoia minha? Tipo, eu quem estava o interpretando mal e superlativando suas ações meramente amigáveis em uma paixonite aguda?

Quem sabe. Nunca tinha me sentido assim em toda a minha vida! Quando ficava perto dele, era como se entrasse em combustão e não conseguia

raciocinar direito. Parecia que todos os meus neurônios entravam em uma debandada desesperada, gritando e trombando-se uns nos outros. As famosas borboletas resolviam bater as asas e dar piruetas ao mesmo tempo e meu coração explodia com a intensidade de milhares de fogos de artifício.

Não existia outro veredito: eu estava ficando mesmo maluca.

E ali, contemplando aquela obra-prima esculpida pela natureza, tentava conter essas intensas emoções com todas as forças. "Você é boa fingindo, Bea. Vamos, cara de paisagem!", pensei, respirando fundo.

Com o polegar e o indicador, segurei o queixo do rapaz e lentamente virei sua cabeça de um lado ao outro, observando alguns arranhões e focos de sujeira aqui e ali. Uma leve fragrância de espuma de barbear flutuou no ar, misturado ao perfume do seu shampoo. Percorri a sua testa ligeiramente curva, as bochechas magras, e passei pelo maxilar um pouco anguloso. Sua pele era tão firme, macia; e assim, bem de pertinho, consegui ver sardas muito clarinhas salpicando-lhe as maçãs do rosto e o nariz como uma delicada galáxia. Sorri. Aquele sinalzinho perto do queixo também era uma gracinha. Então, acabei parando em seus lábios... e me detive ali alguns segundos.

— Está muito feio? — Ele abriu um dos olhos e levantou as sobrancelhas em preocupação.

Na mesma hora, desviei o olhar e pigarrei. — N-não, só uns pequenos arranhões, e esse corte... Espero que não fique cicatriz.

Então, reparei numa mancha avermelhada saindo pela gola da camiseta, aparentemente vindo do peito em direção ao ombro.

— Oh! E isso aqui?

— O que tem? — Ele virou o pescoço e fez uma careta de dor. — Ah, pra isso que comprei o emplastro. — E puxou o pano para baixo, numa tentativa de verificar a extensão da ferida, revelando-me um pouco mais de pele do que estava acostumada a ver.

Uau. Eu sabia que ele tinha um físico bom, mas... *Bea! O que é isso?!* Virei o rosto para o lado, tossindo. Perdoe-me, Deus. Estava apenas admirando uma criação sua. Só isso, prometo. (E quão belas são as suas obras! Nessa o Senhor caprichou mesmo, hein!).

Hiero endireitou-se. Meio destrambelhada, agarrei um chumaço gordinho de algodão e entornei nele um pouco de água oxigenada.

— D-desculpa. Talvez vai doer. — Comecei a pressioná-lo nas feridas no rosto do rapaz, o qual deixou escapar uma careta somente no arranhão maior. Esfreguei de levinho até sair o sangue seco.

Enquanto isso, sentia sua respiração próxima ao meu rosto e seu olhar sobre mim como um céu azul e radiante. Oh, meu pobre coração! Aquilo era pior que tortura. Melhor começar a falar para aliviar essa tensão.

— Que coisa maravilhosa, dois marmanjos se pegando na porrada no meio da rua. Não consigo entender vocês. Sabe, nem tudo precisa ser resolvido na base da...

— ...força, eu sei. — Hiero completou, mexendo um pouco o rosto entre meus dedos. — Lembro que você me disse isso outra vez. Sabia que não ia gostar de me ver metido em brigas. — E apertou um dos olhos quando passei o algodão em cima do mesmo machucado.

— Então por que resolveram tudo nos punhos? Não era melhor só ter, sei lá, conversado?

— É, a gente "conversou"... da nossa maneira. Alguns preferem se acertar assim. — Ele levantou os ombros. — Além do mais, já fazia um tempo que tinha vontade de fazer isso... — E, fitando-me com muita intensidade, completou: — ...desde quando ele pareceu conquistar algo que eu tanto queria.

Pronto, já podiam trazer um caixão, porque meu infarto estava a caminho.

— A-assim não dá! — afastei-me dele bruscamente, jogando o chumaço no chão. — Eu não aguento mais!

Imediatamente, Hiero segurou-me pelo pulso, fazendo-me olhar para ele.

— Ei, ei, o que foi? Falei algo errado?

Quê?! Como ele podia ser tão... *sonso*?! Rolei os olhos para cima, sentindo lágrimas se formando. Agora não estava apenas tensa ou nervosa. Estava irada!

— Olha aqui, Hiero, você não pode simplesmente brincar comigo desse jeito! Sabe, fazer... fazer... *isso* e... e falar *essas coisas* enquanto está de rolo com outra garota!

Ele congelou por dois segundos. Depois, baixou as sobrancelhas e piscou várias vezes, como se tivesse perdido alguma coisa.

— O que você disse...? Eu, de rolo com outra garota?!

— Só pode ser brincadeira. — praguejei entredentes. Elevei o tom de voz: — É! Não me diga que o Luke te bateu tão forte a ponto de fazer você perder a memória. Estou falando de você e Jemima!

— *Eu e quem*?! — Ele também elevou o tom, parecendo ofendido. — Mas que merda é essa? Quem te falou esse absurdo?

— Ela mesma, ué!

Hiero continuava em sua postura incrédula, a vermelhidão crescendo em seu rosto numa expressão bastante irritada. Com meus dedos trabalhando furiosos, procurei as mensagens nos arquivos do meu celular e quase o enfiei no meio do seu nariz.

— Aqui, ó!

Ele se afastou e segurou o aparelho. Ao ler as primeiras mensagens, arregalou os olhos e se levantou subitamente. Ficou andando agitado de lá para cá, apertando os botões e lendo o resto da conversa. Segurava o telefone com tanta força que achei que o partiria ao meio. Por conseguinte, fechou a tampa e ficou um tempo inspirando e expirando, como se estivesse tentando se acalmar para não fazer ou falar nenhuma besteira.

Eu também arfava um pouco, tentando processar o que raios estava acontecendo ali.

— Então... Vocês não...

— Não! — Ele antecipou a pergunta, exasperado. — A Jemima mentiu! O que aconteceu naquela noite foi justamente o contrário. Eu não sou bobo; entendi os sinais dela, então fui bem direto e falei que não podia correspondê-la porque... meu coração pertence à outra garota. Pertence à você, Bea.

Eu...

Ouvi isso direito.....?

Ele disse mesmo essas palavras? Não é uma distorção produzida pela minha mente embriagada de amor? Ele..... disse que.....

— M-mas você... estava frequentando a casa dela... — choraminguei, meu cérebro ainda custando a rebobinar a fita.

— Ah, isso é outra história. Eu fui umas poucas vezes para conversar com o *Tadeu*, não tinha nada a ver com ela.

Então, dobrando um joelho no chão como um cavalheiro em minha frente, posicionou-se na mesma altura do meu rosto e colocou as mãos em cada lado meu sobre o banco. Numa voz firme, porém suave e terna, disse:

— Bea, presta atenção. Só existe uma pessoa por quem sempre fui apaixonado... você. Nunca existiu outra garota; nem *quero* outra garota. Só você. — Ele abaixou os olhos, tendo as bochechas meio coradas. — Desculpa te falar isso assim, eu estava planejando...

Não o deixei terminar a sentença.

Segurando seu rosto com ambas as mãos, eu o calei com meus lábios.

Foi um selinho breve e tímido, mas foi o suficiente para que me sentisse em queda livre, semelhante a uma estrela cadente a cruzar pela esplendorosa

Via Láctea.

Separei-me dele somente a distância para conseguir ver seus olhos. Eles eram um perfeito espelho dos meus – refletiam um olhar macio, meigo e caloroso. E nesse instante, consegui entender a mensagem escondida por trás dos seus tantos olhares em várias outras situações... apesar de toda bagunça que eu era, Hiero me amava, pura e simplesmente.

— Bea... — Ele ajeitou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Então, com a mão gentilmente encaixada em minha nuca, levou-me de volta a ele.

E dessa vez, o beijo foi... como experimentar um pedacinho do céu.

Seus lábios aveludados ajustavam-se aos meus em perfeita harmonia, igual letra e melodia de uma música feita exclusivamente para nós. Envolvida no calor dos seus braços e sentindo o suave sabor da sua respiração, meu peito desabrochava em um lindo e imenso jardim colorido. Espaço, tempo, sons, pensamentos e o resto do mundo... tudo havia desaparecido. Nada mais existia no universo além de nós e daquela sensação maravilhosa de amar e ser correspondida.

Eu me sentia tão feliz e nas nuvens que, ao nos separarmos de novo, tudo o que conseguia era sorrir, assim como Hiero. Ficamos uns instantes com nossas testas unidas, trocando risos e olhares apaixonados.

Como se quisesse memorizar esse momento, ele acariciou meu rosto com as costas do dedo indicador. Contornou minha têmpora, minha bochecha, meu queixo e subiu para o outro lado. Fez cócegas ao passá-lo em meus olhos e pela ponte afilada do meu nariz. Então, suave e lentamente sentiu a textura dos meus lábios.

— Quase não consigo acreditar que você sente o mesmo por mim. — sussurrou.

— Nem eu... — falei da mesma forma. — Meu coração... parece que vai explodir.

— O meu também. — Ele tomou a minha mão e a repousou sobre seu peito. Senti-o pulsar na velocidade de um trem-bala e um arrepio gostoso passou pela minha palma em direção ao meu braço. Deslizei-a para cima a fim de apoiar-me em seu ombro, pronta para beijá-lo novamente. Porém, ele contraiu os lábios, como se sentisse dor. Ah! O machucado!

— Desculpa! E, meu Deus, você deve estar sofrendo com esses joelhos dobrados...! Senta aqui, vamos terminar os curativos.

Hiero riu e, meio relutante, me obedeceu.

A tarefa era simples, mas parecia interminável porque ele me dava um selinho em toda parte do meu rosto uma vez a cada vinte segundos. Embora estivesse adorando aquilo, tive de fazer-lhe uma careta, abrindo bem os olhos e franzindo o nariz num sorriso.

— Para! Não consigo aplicar esse *band-aid* se você ficar se mexendo o tempo inteiro.

Ele espetou um dedo em minha bochecha.

— Fofa.

É, pelo visto, não conseguia intimidá-lo.

— Ah! E vem cá: como você foi acreditar nessa lorota da Jemima? *Hmf*. Depois de tanta coisa que eu fiz para demonstrar o quanto gosto de você...

— Ele espremeu os olhos, fingindo estar ofendido.

— Oh, era muito convincente. Você até emprestou aquela camiseta do *a-ha* pra ela! Que garoto faz isso? Só quando gosta. — imitei sua expressão.

— Ou quando não quer ver *certas coisas*.

— Como assim?

— "Como as..." ? — Ele bagunçou a parte de trás dos cabelos. — Bea! Eu não sou canalha. Aquele tipo de... *estratégia* só atrai caras que veem garotas como objetos. Caras sérios vão buscar primeiro ver o coração. — E,

aproximando-se pela milésima e uma vez, falou em meu ouvido, antes de me beijar: — O que eu admiro em você é que nunca precisou *disso* para me atrair.

Sorri toda boba, transformando aquele beijo doce em uma série de beijinhos risonhos.

— Tá... mas... olha... — falei em seus lábios, afastando-o com um toque gentil no ombro são. — Esse *band-aid* vai fazer aniversário na minha mão. E, continuando a minha defesa, vi vocês várias vezes conversando a sós na escola. Pareciam tãooo *íntimos*. — Virei os olhos para cima, balançando a cabeça e sorrindo meio irônica.

— Várias vezes?! Acho que foram só duas... Peraí. Não me diga que você ficou com... *ciúmes*? — Agora era a sua vez de me provocar. — Ficou... ficou, não foi?

Mordi o interior das bochechas, fazendo um bico.

— É, fiquei mesmo! Mas foi horrível, não fale assim.

— Desculpa, não foi minha intenção. — Ele fez um carinho em meu rosto. — Pensei que você soubesse o que conversamos. A Jemima pediu ajuda com o Tadeu. Foi meio estranho ela me procurar logo após levar um fora, mas ela parecia mesmo preocupada com o irmão e não sabia a quem recorrer.

— Bem que eu o achei tão diferente no último ensaio... — pensei alto, franzindo as sobrancelhas. — O que estava acontecendo?

— Ele ultrapassou a fase de tentar chamar a atenção com um estilo diferente para algo mais... pesado, digamos assim. Tipo, se juntar com uma galera meio virada das ideias. — Hiero brincava de enrolar uma mecha do meu cabelo com a pontinha dos dedos. — E o coração partido combinado com os problemas familiares só fez a rebeldia piorar. Mas talvez tudo não passava da falta de ter alguém que o entendesse de verdade. Ele ficou muito surpreso com a minha aproximação. Eu me senti muito mal depois, porque... acho que deveria ter enfrentado meus próprios preconceitos e ter

feito isso antes. O Tadeu é um cara legal, só estava perdido. Como eu estive.

— Hum... — Imittei seu gesto e, usando meus dedos como pente, experimentei seus cabelos pela primeira vez. Apesar de ainda bagunçados pela briga, tinham uma textura leve e macia.

— Eu achei que a Jemima tivesse te contado todas essas coisas. Vocês não são melhores amigas?

Deixei minha mão cair de volta em meu colo.

— Não mais, eu acho. Não depois de ter sido enganada e ter levado aquele tapa. Hipocrisia pura, já que ela também mentiu...

— Ou, ou, espera. Ela te bateu? — Ele apertou o rosto em desgosto. — Desse jeito é complicado. Passou todos os limites... Oh, não me olhe assim. Isso aqui foi um *acerto* entre homens, não violência gratuita.

Dei um sorriso de canto.

Eu não havia parado para analisar a minha questão com a Mima. Já fazia um tempo que não conversávamos como antes e, principalmente agora que descobrira essa mentira que muito me trouxe angústia, tudo me levava a crer que nossa amizade acabaria. Mas... e tudo o que eu havia aprendido sobre perdão nos últimos dias? Será que só se aplicava a mim? Como deveria encarar as maldades dela – assim como as de Karina e de todos os outros que me machucaram? Ainda não sabia... Só sabia que não queria estragar meu humor e aquele momento maravilhoso com Hiero pensando naquilo.

— Consegui, finalmente. — Ajustei o curativo na maçã do rosto do rapaz. — E veja lá, *seu mocinho*... — Apertei as bochechas dele entre meu polegar e o indicador, fazendo com que ele ficasse com uma adorável boquinha de peixe. — ... Se não vai se meter em confusão de novo, tá? — E o beijei daquele jeito mesmo. Nós rimos e desprendi seu rosto, levando minha mão ao seus cabelos.

Então, seus lábios convidaram os meus para uma valsa mais demorada, intensa e romântica. Outra vez mergulhei naquele mar de flores, sentindo como se estivéssemos dançando entre as estrelas.

— Beeeaa! Hierooo! Onde estão vocês? — Os gritos de Mikhel lá da porta principal infelizmente fizeram com que voltássemos à realidade. — A mamãe está chamando para almoçar!

— Já vamos! — gritei de volta, tapando o rosto e rindo de vergonha logo em seguida.

— Acha que eles vão perceber? — Hiero catou os curativos e colocou-os de volta na sacola. Entrelaçamos as mãos e nos pusemos a andar para casa, eu ainda com as várias borboletas agitadas dentro de mim.

— Talvez, pelas nossas caras de morango... Oh, não! Meu Deus! Hiero...!

Ele parou e me olhou preocupado. — O que foi?

— Estamos fazendo tudo errado! Fiquei tão... surpresa e emocionada que esqueci da *regra*. Você tinha que pedir permissão a meu pai primeiro antes de... da gente...

Sua expressão relaxou.

— Não se preocupe. Eu já falei com ele.

Escancarei minha boca. — J-JÁ?! Mas... quando?

Ele continuou a andar, mantendo um sorriso misterioso no rosto.

— É segredo.



Continua...



38.



O CANTO MELODIOSO DOS PASSARINHOS foi o despertador perfeito para aquela manhã perfeita. Aliás, desde quando o mundo era assim tão... fantástico, colorido e mágico? Pulei da cama com uma animação digna de um número musical. Se fosse possível, agora eu seria a Matilda – balançando os braços e fazendo todos os objetos do meu quarto dançarem ao redor de mim ao som de "Little Bitty Pretty One".

Dei o quinquagésimo nono suspiro apaixonado. Meu coração parecia querer criar asas e voar do peito.

Ontem, fiquei assim até tarde da noite, pois minha mente insistia em reviver aqueles momentos com Hiero. Mesmo sem fechar os olhos, ainda conseguia sentir o sabor dos seus lábios macios, sua voz de chocolate derretido, e o cheiro natural da sua pele, tão balsâmico, tão masculino... Daí, voltava a ter o frio na barriga e a flutuar pelas nuvens. Ria abobalhada, esperneando de levinho, apenas para voltar a sonhar acordada de novo.

E mal abri os olhos, já estava pensando nisso.

Com os braços abertos, saltei de volta na fofura dos edredons. Cobri meu rosto risonho e flamejante com ambas as mãos e rolei de lá para cá na cama.

Kyaaaaaak! Ainda não consigo acreditar que é real! O garoto dos meus sonhos também gosta de mim...!

Oh! Será que ele já havia acordado? Sorri toda besta. Imaginei-nos tomando café grudadinhos, mandando beijinhos um para o outro no ar. Hiero me mimava com um delicioso pedaço de torrada com geleia, enquanto eu abria a boca em um meigo "aaaah"...

— *Aaaaah* — esperei o aviãozinho de ovos mexidos, mas ele não veio até mim. Antes, prosseguiu para a boca do rapaz ao meu lado, o qual mantinha sua atenção fixa nos cadernos em cima da mesa da sala de jantar.

— O que está fazendo? — Ele olhou para mim, percebendo meu recuo.

— N-nada! — respondi sem graça. — Só... *Aaaaah*, que dia lindo, né? — contornei depressa.

— É... lindo para *estudar*. — Hiero torceu os lábios e voltou a anotar algo.
— Semana que vem já começam as provas finais, lembra?

— Pois é... — Acompanhei seu desânimo, dando uma dentada na minha torrada. Como ele podia ficar tão sério sendo que eu mal conseguia parar de sorrir de orelha a orelha? Será que *só eu* tinha sentido toda aquela intensidade de emoções? E, poxa vida, estudar durante o café da manhã, a refeição mais importante do dia, com *migozinha* bem ali ao lado...?

Ainda estava a fazer um beicinho dengoso quando senti sua mão quente a cobrir a minha por baixo da mesa. Ele continuava com os olhos presos nos papéis como se não estivesse acontecendo nada. Entrelaçou seus dedos nos meus e suavemente roçou o polegar na minha pele. Era um toque inocente, porém, deixou meu coração enlouquecido.

— Oh, Bibi, já está de pé? — mamãe apareceu do corredor com um grande cesto de lavar roupas. Na mesma hora, desgrudamos as nossas mãos. — Ah, ótimo. Depois do café, poderia me ajudar a estender essas roupas?

Balancei a cabeça afirmativamente, sentindo as bochechas queimando.

Tá, segundo as regras de ontem, tecnicamente não estávamos fazendo nada de errado, só que... era constrangedor demais sermos flagrados trocando carícias por alguém da minha família. Olhei para Hiero e ri. Ele estava todo envergonhado e suas bochechinhas coradas eram tão fofas que dava vontade de morder.

Bem, vou explicar melhor o que aconteceu. Não dizem que as mães sempre sabem de tudo? Por mais que tentássemos agir normalmente ao chegarmos para almoçar ontem, bastou um olhar mais apurado para que ela percebesse. Então, chamou-nos para conversar após toda a limpeza e arrumação da cozinha. Eu e Hiero nos sentamos de frente para ela nesta mesma mesa, trocando olhares sorrateiros.

— Sabíamos que era apenas uma questão de tempo. — Ela começou. Não parecia brava, pelo contrário: acho que estava orgulhosa. Nós dois baixamos as cabeças com sorrisos tímidos. — Sempre achamos que você daria um ótimo genro e ficamos felizes pelos dois. Seja bem-vindo à família, Hiero. Oficialmente.

Ele sorriu, o rosto igual a um tomate maduro. — Obrigado, dona Márcia.

Mamãe acenou com a cabeça, satisfeita. Porém, em seguida, levantou as sobrancelhas e espremeu seu sorriso.

— Mas, como vocês devem imaginar, é um pouco... *complicado* termos dois pombinhos dividindo o mesmo espaço. Nós confiamos em vocês, mas gostaríamos que entendessem o nosso lado. Precisamos de regras para tudo dar certo. Então, pedimos que, pelo menos dentro de casa, vocês mantivessem o contato físico como o de irmão e irmã. E atenção para certas conversas. A partir de hoje estão proibidos de entrarem sozinhos no quarto um do outro – só podem na companhia de alguém e com a porta aberta.

Eu olhava para as minhas mãos nervosas em meu colo, querendo afundar no assento até chegar ao subsolo.

— No mais, creio que está tudo bem. Podem passear e se divertir como qualquer outro casal de namorados.

Um facho brilhante cheio de purpurina pareceu emanar dessas palavras, indo de encontro ao meu rosto. Namorados.....? Éramos *namorados* agora? Oh, como isso era música para meus ouvidos! Chega o coraçãozinho até bateu mais forte... (apesar de Hiero não ter me feito um pedido formal, o que era só um tantinho de nada frustrante. Não que *precisáássemos* disso, mas era uma tradição... e de certa forma, um dos meus pequenos sonhos).

Catei alguns prendedores no cestinho pendurado na corda ainda sentindo uma agradável carga elétrica a passear pelos meus dedos. Os lençóis brancos do varal refletiam a entusiasmada claridade solar, obrigando-me a semicerrar os olhos.

— Mãe, a senhora sabe quando o Hiero teve *aquela* conversa com o papai, sabe, sobre...? — Mordi o lábio, tímida. Raramente tinha conversas do coração com ela; aliás, nem lembrava se já fizera aquilo. Porém, agora sentia um *pouquinho* mais de liberdade.

Ela chacoalhou uma fronha com força e a passou para mim.

— Acho que logo na primeira semana...? Ou foi na segunda? Não me lembro bem.

— *O quêêê?* — Deixei um dos lados da fronha pender na cordinha. — Quer dizer que ele gostava de mim desde quando chegou aqui?!

Ela riu. Foi estranho. Os cantinhos da minha boca levantaram e comecei a rir com ela.

— Ai, Bibi, você percebeu só agora? — Não havia troça em sua voz, mas, *poxa...* eu era tão ingênua assim (beicinho interno)? — Ele quem tomou a iniciativa e disse que não conseguiria viver em paz aqui em casa se não fosse sincero sobre os sentimentos dele por você. Tomamos isso como uma atitude de bom caráter. Aí seu pai deu a permissão, caso seu coração respondesse ao dele.

— Oh... — Balancei a cabeça. Mas peraí. Isso quer dizer então que, durante o tempo todo em que fiquei enrolada com o Luke... Oh, meu Deus! Coitado

do Hiero...! Embora não soubesse o que estava fazendo na época, esperava que o "milhares de vezes" tivesse coberto também essas mágoas.

Nesse instante, os lençóis tremularam, revelando o rapaz andando pela grama em minha direção por trás deles. Seu cabelo se agitava com o vento e, ao me ver, ele abriu um enorme sorriso – um sorriso tão radiante e adorável que aqueceu meu coração igual uma lareira em dia de inverno. *Hiero... Prometo que farei o meu melhor para te dar apenas felicidade de agora em diante.*

Ele estendeu meu celular, que aparentemente esqueci em cima da mesa.

— É a Dahlia. Deixa que eu ajudo a sua mãe a estender o resto. — disse baixinho.

— Obrigada... — Retribuí seu sorriso e peguei o aparelho, o qual apenas vibrava. — Alô?

— *Oi, Bea... — a voz de Dahlia soou tímida do outro lado. — Desculpa te ligar só agora, é que... ah, depois te falo, agora é a troca de professores. Queria saber como você está... Mas acho que não muito bem com essa situação toda, né? Senti sua falta. A Mima também não veio, sabia que ela pegou dois dias de suspensão e uma advertência por ter te batido? Ah, e hoje o Luke apareceu com uns curativos no rosto e deu o que falar. Vocês quatro não saem da boca desse povo desocupado!*

Comecei a andar em direção à entrada da lavanderia.

— E-eita... pois é... — balbuciei, sem graça. Na verdade, estive tão absorta no meu novo mundo encantado que até me esquecera desses problemas. Ouvir aquilo espocou minha bolha e me fez cair vertiginosamente de volta à realidade.

— *Oh, amiga... Acho que nós duas precisamos de um ombro agora. Eu já queria ter te convidado no sábado, ou melhor, me convidar, porque acho que não daria para você dormir lá em casa. A Julinha é uma fofa, mas ficaria no nosso pé o tempo inteiro e não nos deixaria conversar. Por isso, teria problema se eu fosse dormir na sua casa hoje?*

— Ah, não, não tem problema algum! Será ótimo! — respondi antecipando a decisão de mamãe. Que... que legal! A minha primeira festa do pijama! Ou melhor... pelo tom preocupado e cauteloso dela, talvez estivesse mais para um "velório" do pijama, onde passaríamos a noite curtindo uma bela duma fossa.

— Ah, e Bea, antes de desligar...

Mamãe entrou na lavanderia segurando o cesto vazio bem na hora que fechei a tampa do celular. Pela minha postura ligeiramente encurvada e o tremer das minhas mãos, ela rapidamente percebeu que algo estava errado.

— Filha, o que aconteceu?

Fiquei alguns segundos apenas fitando o chão.

— Mamãe... o que eu faço? — Finalmente criei coragem para perguntar. — A garota horrível que fez aquelas coisas pra mim na escola, a Karina... ela foi internada no hospital onde a mãe da Dahlia trabalha. Parece que a situação dela é...

Eu odeio o ambiente hospitalar. O cheiro de álcool, as pessoas de jalecos brancos, o choro estridente das crianças, os rostos abatidos e preocupados nas salas de espera – tudo me dá náuseas. Embora seja molenga para dor, só peço para me levarem à emergência quando já não aguento mais. Então, estar ali não era nada fácil. Mantinha a cabeça baixa e as mãos enfiadas debaixo das coxas, balançando as pernas de lá pra cá em meu assento, tentando não olhar muito para as paredes pintadas de verde, nem para as macas ou os carrinhos metálicos de materiais que de vez em quando passavam por mim.

Blerg. Já sentia os restos do almoço se embolando no meu estômago.

Ouvi eco de solas emborrachadas no corredor e um par de *All Star* parou ao meu lado. A mochila lilás cheia de *bottons* e *pins* fofinhos encontrou o chão, e a almofada de couro sintético bufou quando Dahlia largou-se no estofado.

— Não entendo por que quis vir, Bea. Pelo amor de Deus, é a Karina! A *cobra* que te humilhou na frente da escola inteira, esqueceu? Pra quê perder tempo com uma pessoa dessa?!

Não desgrudei os olhos das minhas botinhas Ugg.

— Bea! — ela insistiu, tocando em meu braço.

— Eu não queria vir, tá legal?! — repliquei bruscamente. — Mas, conversando com minha mãe... percebi que era o certo a se fazer. Estou relutante e irritada, mas as palavras dela não saem da minha cabeça.

— E quais são?

Olhei para o rosto emburrado de minha amiga.

— Vencer o mal com o bem.

O sulco em sua testa foi desaparecendo e a linha dos seus lábios se abrandou.

— Você deve saber o que estou dizendo. — prossegui, voltando a olhar para meu colo. — É o que está na Bíblia, não é? Não pagar o mal com o mal. Tratar bem os inimigos, porque assim amontoamos...

— ..."brasas vivas sobre sua cabeça". — ela completou, recitando de memória, e baixou a cabeça, possivelmente envergonhada.

— Sabe, Dahlia, eu tenho aprendido muito sobre perdão esses dias. — falei quase num sussurro. — No caminho para cá, fiquei brigando comigo o tempo inteiro, gritando na minha cabeça que o ato da Karina era imperdoável, que foi um *crime*, uma injúria, e que seria uma estupidez visitá-la! Talvez eu seja mesmo uma idiota por estar aqui. Mas sabe...

embora não seja obrigada a perdoar ninguém se a pessoa não se arrepender, dentro de mim... *dentro de mim* preciso aprender a lidar com isso.

"Não podemos evitar as injustiças e maldades dos outros, mas podemos evitar que elas nos destruam. Podemos decidir o que fazer com elas. A *sua resposta* é de *sua* responsabilidade", o que mamãe disse mais cedo voltou aos meus pensamentos.

"Mas isso é injusto! A Karina não merece perdão!" protestei, indignada.

Ela abandonou o cesto cheio com outra leva de roupas lavadas num canto da lavanderia e me abraçou. "Eu entendo sua dor, filha. Não é fácil! Mas pense consigo mesma... e *você* ? *Você* merecia?"

Lembrei-me das minhas maldades e inúmeras mentiras.

Não. Eu não merecia.

E mesmo assim, ele me perdoou. Sem limitações, sem ressalvas, sem ressentimentos. Ele me libertou. Por que eu não conseguia fazer o mesmo?

"É tão cruel pedir isso de alguém que já sofreu tanta agressão no passado!" gemi, chorando baixinho em seu ombro. Ela apenas me embalou devagarinho por um tempo, antes de dizer:

"Eu lembro que, naquele tempo, quando te abraçava, sua cabeça mal chegava no meu peito... Você não é mais aquela garotinha. E nem será mais a mesma depois disso. Às vezes, crescer dói... mas é necessário".

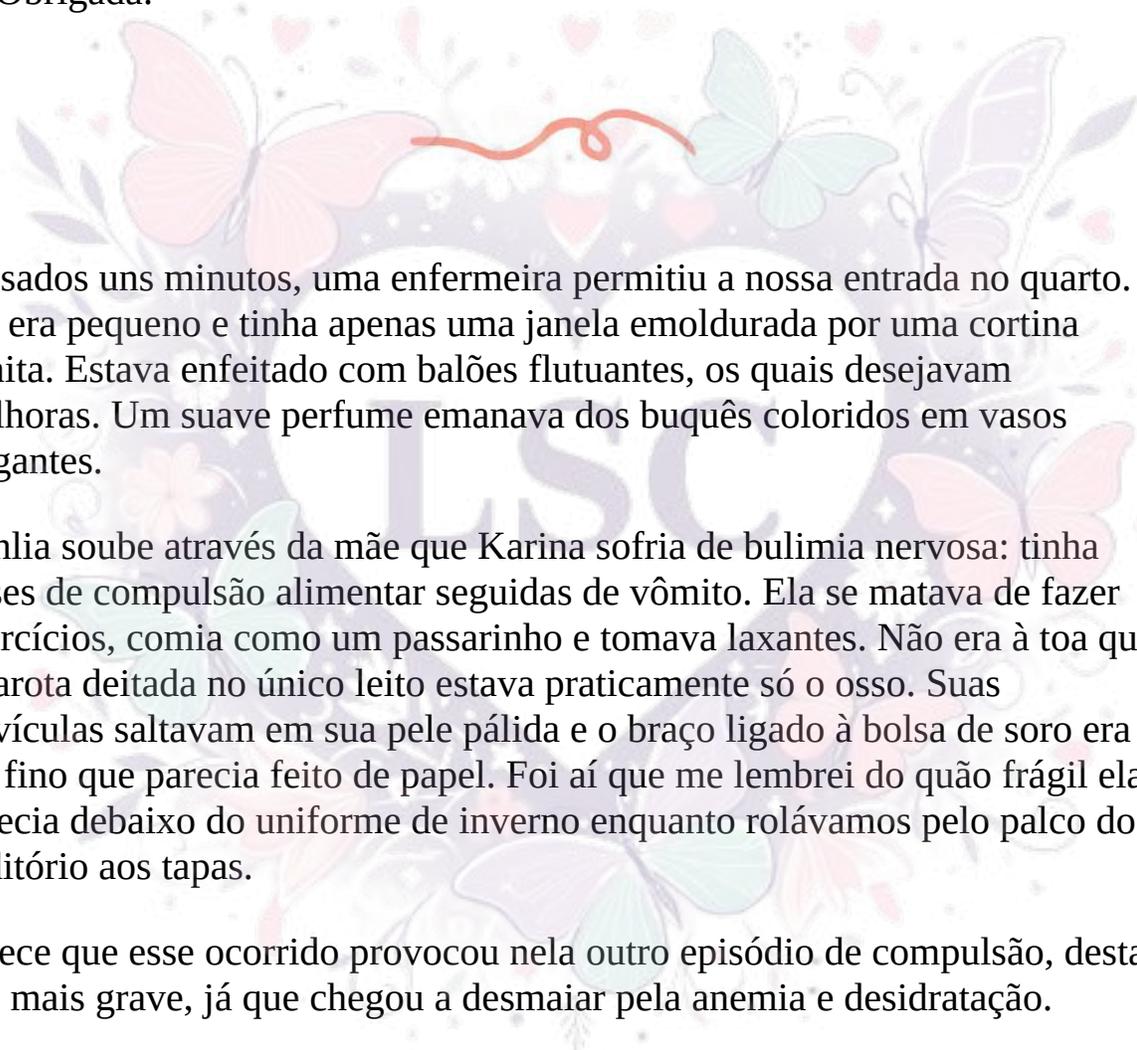
— Não estou aqui pra passar a mão na cabeça de ninguém. — Voltei à minha conversa com Dahlia. — Não espero nada da Karina e gostaria que ela pagasse pelos seus atos. Perdoar não é desistir da justiça, é simplesmente... *deixar ir*. E eu preciso deixar ir, Dahlia. — Olhei-a por entre as lágrimas. — Não quero ficar acorrentada nessa prisão remoendo isso para sempre. A única prejudicada será eu mesma. Como meu pai sempre fala: "Perdoar é libertar um prisioneiro e descobrir que o prisioneiro era você".

Ela tomou a minha mão.

— Você tá certa, Bea... Desculpa pela forma que eu agi. Embora esteja muito ofendida pelo o que ela fez com você, estou nessa junto.

Senti o salgadinho das lágrimas nos cantos do meu sorriso.

— Obrigada.

A decorative background featuring several butterflies in shades of pink, purple, and green, interspersed with small hearts and a red wavy line. The overall aesthetic is soft and romantic.

Passados uns minutos, uma enfermeira permitiu a nossa entrada no quarto. Ele era pequeno e tinha apenas uma janela emoldurada por uma cortina bonita. Estava enfeitado com balões flutuantes, os quais desejavam melhoras. Um suave perfume emanava dos buquês coloridos em vasos elegantes.

Dahlia soube através da mãe que Karina sofria de bulimia nervosa: tinha crises de compulsão alimentar seguidas de vômito. Ela se matava de fazer exercícios, comia como um passarinho e tomava laxantes. Não era à toa que a garota deitada no único leito estava praticamente só o osso. Suas clavículas saltavam em sua pele pálida e o braço ligado à bolsa de soro era tão fino que parecia feito de papel. Foi aí que me lembrei do quão frágil ela parecia debaixo do uniforme de inverno enquanto rolávamos pelo palco do auditório aos tapas.

Parece que esse ocorrido provocou nela outro episódio de compulsão, desta vez mais grave, já que chegou a desmaiar pela anemia e desidratação.

Eu já tinha ouvido falar sobre bulimia, mas não sabia que a prática era tão nociva. Meu Deus... Como ninguém prestou atenção aos sintomas? Será que ela apenas conseguiu fingir bem e se escondeu em roupas largas? Sei lá. Só sei que, ao vê-la, meu desgosto amenizou muito, tal seu estado lastimável.

Como se estivesse acordando, seus olhos mórbidos pestanejaram lentamente e vieram ao nosso encontro. Então, se arregalaram.

— Bea?! O que está fazendo aqui? — A garota não tinha forças para demonstrar sua perturbação além de subir o corpo no travesseiro. Sua voz, porém, cumpria bem o papel. — Veio para rir de mim? Ou espera que eu peça desculpas? Há! *Não mesmo*. Está perdendo seu tempo.

— Não vim pra nada dessas coisas. Vim apenas ver como você está. Soube que sua situação é...

— Pode parar. Sei que está querendo dar uma de santinha, enquanto faz de mim a encarnação do demônio. Quer que eu me sinta mal e rasteje aos seus pés, é? Se enxerga, sua tonta! Se eu sou o demônio, você também é. Não te falaram que o pai da mentira é o *diabo*?

Ah, não. Eu não tinha a intenção de brigar, mas aquilo já era abusar da minha paciência!

— Olha, Karina, qual é o seu problema, hein?! O que eu te fiz? Eu nunca te tratei mal pra merecer uma coisa daquelas! Pelo contrário, na vez em que escutei você vomitando no banheiro... — Pisquei, tentando não chorar. — ...eu realmente fiquei preocupada. Sei que menti e escondi minha relação com o Hiero, mas isso nunca prejudicou ninguém, só eu mesma! Então... por que você me odeia tanto?

Ela desviou o olhar irado de mim e direcionou-o ao teto. Seu peito subia e descia com a respiração curta. Um amargo silêncio reinou por uns minutos, até que Dahlia tocou levemente em meu ombro e sussurrou:

— Bea, acho que ela não vai falar mais nada. É melhor a gente ir...

Giramos nossos pés em direção à porta. Quando comecei a deslizá-la sobre os trilhos, ouvi a voz de Karina, fraca e um pouco trêmula.

— Eu... Eu queria... *ser você*.

Fechei a porta devagar e comecei a caminhar em direção ao leito.

— Nunca fui boa em nada. — continuou. — Era gorda, feia, sem graça. Não tinha amigas e os garotos riam de mim... Quando entrei no ensino médio, achei que isso ia mudar. Iria conseguir me soltar, me enturmar e fazer amizades. Nada disso aconteceu. Eu era invisível. Mas... havia um raio de sol na sala: você. Todos te adoravam. Você era linda, desinibida, legal, inteligente e tratava todo mundo bem. — Ela suspirou, meio irônica. — Até chegou a elogiar minhas presilhas e me emprestou anotações. Como meus ídolos *pop*, você parecia inatingível. Eu me pegava pensando: "como é que pode existir alguém sem um único defeito?"

Sentei-me na cadeira ao lado dela. Seus olhos continuavam imóveis.

— Eu passava horas na frente do espelho me odiando e me comparando a você. "Talvez, se eu falar desse jeito ou fazer aquilo como a Beatrice, vão me notar. Se emagrecer, se não usar óculos, se alisar e cortar o cabelo..." Eu te admirava, confesso. Mas aos poucos, isso virou uma obsessão. — Seu ritmo passou a ser mais doloroso e rápido. — E só piorou quando o Thiago se declarou pra você! Passei *um ano inteirinho* apaixonada por ele só pra no fim saber que ele queria alguém como *you*! Então, *eu precisava ser você*. Só assim um cara como ele iria gostar de mim! Passei as férias inteiras fazendo mudanças e... *puf!* — Ela estalou os dedos. — Funcionou. Logo no primeiro dia de aula fiz amizade com a Bianca e a Fernanda. Foi fantástico. Mas daí, no intervalo do mesmo dia, eu ouvi você conversando com o Hiero na biblioteca sobre morarem juntos.

Oh. Então a minha intuição estava certa. Estava mesmo sendo observada.

— Fiquei de cara. Quem diria, a *queridinha* da turma segurando uma bomba dessas! — Ela deu um riso desdenhoso. — Passei então a te observar e aí percebi: "ela está manipulando a todos com essa *carinha de anjo*! Tudo é apenas uma farsa para ganhar adoração e respeito!" E o que era verdade e o que era mentira? Eu sei que ri de mim o tempo todo enquanto fingia ser simpática! E estava fazendo isso com todos, não é? *Todos nós* éramos seus fantoches, criados apenas para satisfazer seu ego! Por isso, decidi que não ia deixar barato. Iria te desmascarar na frente de todo mundo, usando seu truque contra você... E foi o que eu fiz com aquele vídeo. — Então, virando o rosto para mim, tripudiou, sorrindo: — Acabou

pra você, Bea. Já era! Agora a escola inteira te odeia, e era exatamente isso que eu queria.

Baixei os olhos. Era inevitável não me lembrar da vez em que Hiero foi levar remédio para mim quando estava acamada. Eu estava no lugar dele agora. Contudo, se me lembro bem, naquele dia, eu...

— Mas você... está feliz com isso? Se sente vitoriosa? Triunfante? — perguntei baixinho.

Seus olhos sem viço me encararam com espanto.

— Que porcaria de pergunta é essa? Claro que estou feliz. Estou *muito* feliz! Estou mesmo feliz... — Seu sorriso desapareceu lentamente enquanto parecia se dar conta de algo. Grandes lágrimas começaram a rolar pela sua face e caíam em sua bata branca. — Eu estou feliz... Eu estou... Eu...!

Ela escondeu o rosto com o braço livre do soro e seus ombros passaram a tremer com os soluços.

De repente, foi como se eu estivesse me olhando em um espelho. Naquela cama hospitalar estava a Bea amargurada, insegura e carente. A Bea que eu seria, se tivesse prosseguido com meus enganos e manipulações. E... não consegui ter raiva dela, apenas dó. Num ímpeto, segurei sua mão fina e a apertei.

— Eu nunca ri de você, Karina. Aqueles elogios eram reais. Você era uma garota tão meiga... e tinha sim um brilho próprio. Você só não conseguia ver... *não conseguia ver*.

— Para! Me larga! — Ela tentava puxar sua mão, ainda chorando. — Não quero sua piedade! Me deixa em paz...!

— Não é tarde para reparar o que fez. — insisti.

— Chega! Não quero ouvir! Saia daqui, saia agora!

— Bea... — Dahlia tocou em meu ombro novamente. Larguei a mão dela e me dirigi para a porta.

— Tudo bem, Karina. Mas no dia em que você decidir... eu estarei pronta.

Assim que rolei a porta para sua posição de origem, Dahlia me deu um abraço. Só então meu corpo relaxou. A companhia dela fez toda a diferença naquele momento. Talvez não tivesse conseguido sozinha. Sorri para ela e, quando nos sentamos de volta, não queria mais me alongar no que havia acontecido. Em vez disso, perguntei o que ela gostaria de comer, já que dali iríamos para o supermercado comprar besteirinhas para a nossa noite.

Após passarmos uns minutinhos elaborando a nossa lista de guloseimas, mamãe apareceu no corredor segurando as chaves do carro de Bruno.

— Então, prontas para ir?

— Acho que sim. — respondi, dando um sorriso flácido. Já Dahlia ficou esquisita. Ela engoliu os lábios e mexeu as mãos na frente do tronco.

— É... Bea... é que eu esqueci de dizer que...

A voz dela foi interrompida por outra muito familiar, a qual ficava cada vez mais alta à medida que se aproximava de nós.

— Dahliaaaa! Eu vim correndo! Cadê? Onde você se machuc...

Jemima parou no meio do corredor de supetão. Ela e eu nos entreolhamos ambas com sobrancelhas franzidas e olhos redondos.

— Mas o que *ela* está fazendo aqui?! — dissemos ao mesmo tempo, apontando uma para a outra.

— Então, né... — Dahlia coçou a cabeça e deu um sorriso amarelo cheio de dentes.

— Não me diga que foi armação sua pra a gente se encontrar e conversar?
— Jemima a encarou com olhos semicerrados e um bico contrariado. — E essa mochila gigante?!

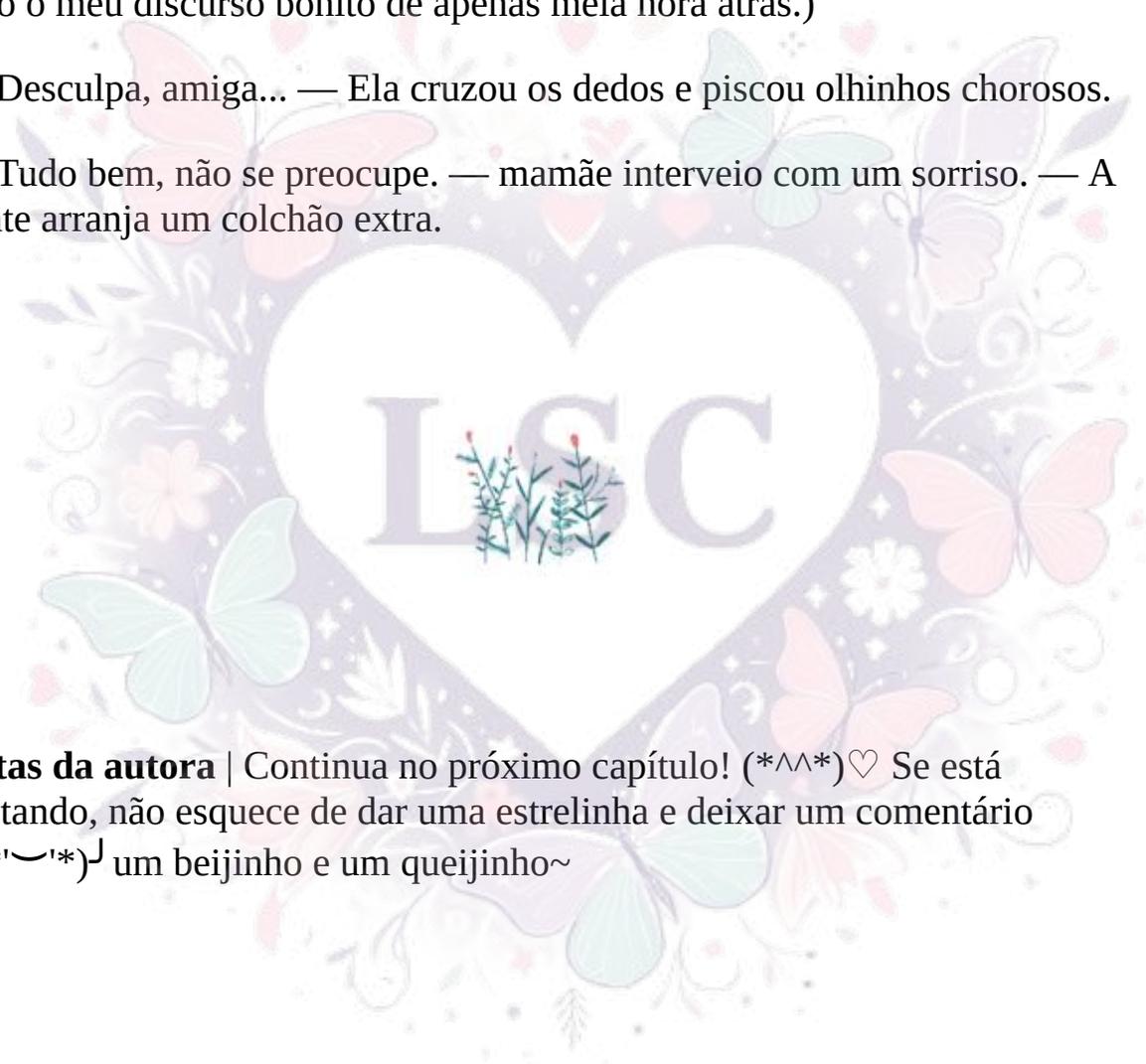
— Er... eu vou passar a noite hoje na casa da Bea...

— M-mas! Achei que a gente tinha combinado de *eu* passar a noite na *sua* casa! — Ela deixou uma bolsa de pano cair no chão. — Eu falei pra você que briguei com minha mãe e prometi que só voltaria amanhã! Até paguei um táxi pra vir aqui! Não posso voltar com o rabinho entre as pernas...

Ah, não! Dahliaaaa, você me paga! Cruzei os braços, dirigindo um olhar largo e desaforado para a garota cacheada. (Sim, acabei me esquecendo de todo o meu discurso bonito de apenas meia hora atrás.)

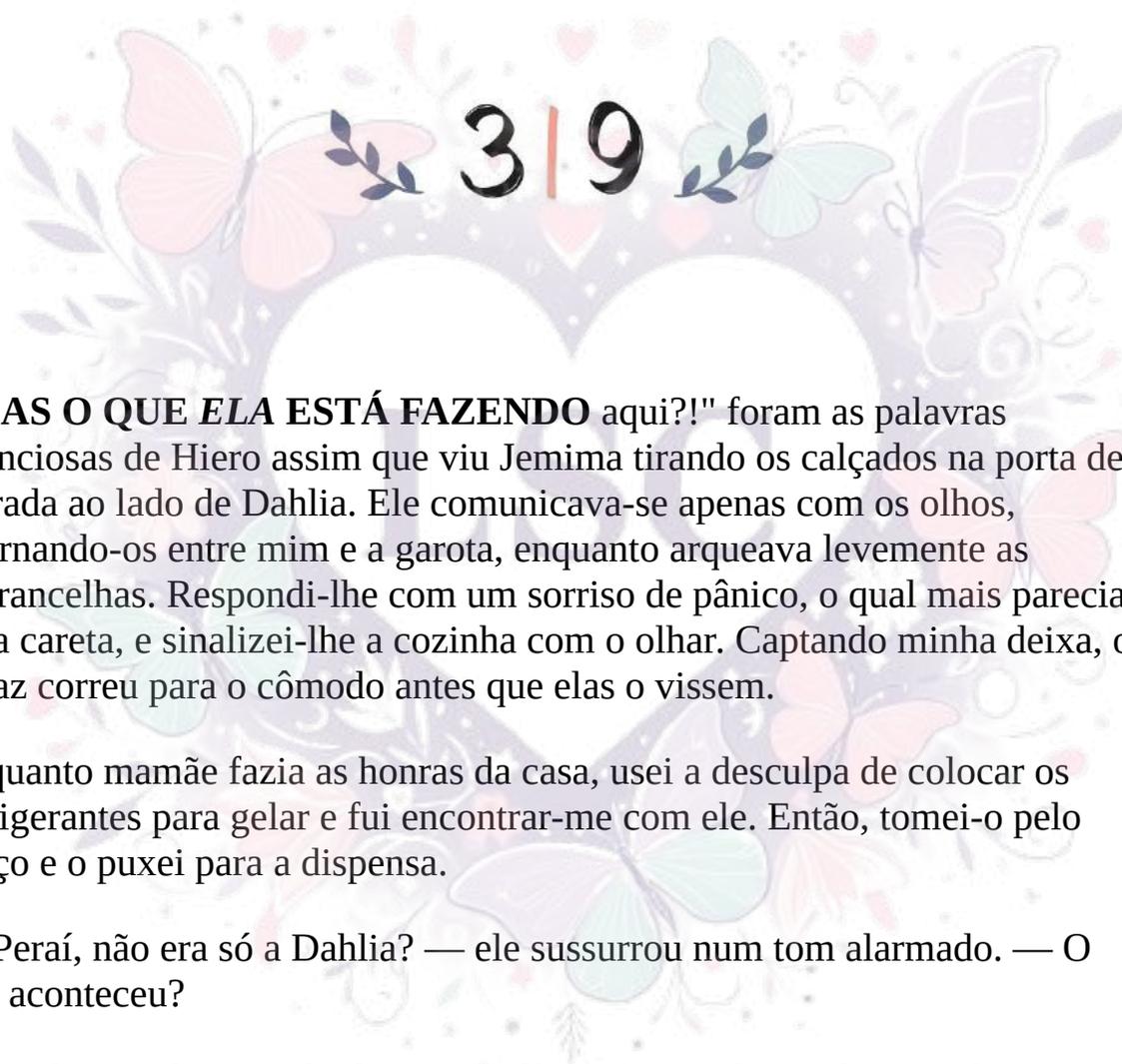
— Desculpa, amiga... — Ela cruzou os dedos e piscou olhinhos chorosos.

— Tudo bem, não se preocupe. — mamãe interveio com um sorriso. — A gente arranja um colchão extra.



Notas da autora | Continua no próximo capítulo! (*^^*)♡ Se está gostando, não esquece de dar uma estrelinha e deixar um comentário ♪(*´▽´*)♪ um beijinho e um queijinho~

39.



"**MAS O QUE *ELA* ESTÁ FAZENDO** aqui?!" foram as palavras silenciosas de Hiero assim que viu Jemima tirando os calçados na porta de entrada ao lado de Dahlia. Ele comunicava-se apenas com os olhos, alternando-os entre mim e a garota, enquanto arqueava levemente as sobrancelhas. Respondi-lhe com um sorriso de pânico, o qual mais parecia uma careta, e sinalizei-lhe a cozinha com o olhar. Captando minha deixa, o rapaz correu para o cômodo antes que elas o vissem.

Enquanto mamãe fazia as honras da casa, usei a desculpa de colocar os refrigerantes para gelar e fui encontrar-me com ele. Então, tomei-o pelo braço e o puxei para a dispensa.

— Peraí, não era só a Dahlia? — ele sussurrou num tom alarmado. — O que aconteceu?

— *Argh...* Acabou sendo desse jeito. — suspirei, deixando meus braços baterem em meus lados dramaticamente. — E agora não sei o que fazer... engolimos uma torta de climão o caminho todo até aqui. Até falar com a *Karina* foi mais fácil! — gemi.

Com um sorriso compreensivo, Hiero enlaçou-me pelos ombros. Recostei minha cabeça em seu peito e ouvi o forte tamborilar das batidas do seu

coração. Envolvei seu tronco cálido por dentro do seu casaco, sentindo como se todos os íons negativos estivessem saindo de mim com aquela alta dose de conforto.

— E como foi a visita? — perguntou, balançando-nos levemente de lá pra cá.

— Horrível. — Minha voz saiu abafada no tecido do seu quispô. — Péssimo mesmo, mas... um *pouquinho* melhor do que eu esperava.

— Estive aqui o tempo inteiro preocupado e torcendo por você. Quem sabe agora também não vá ser um pouco melhor do que esperamos...? — Era agradavelmente estranho ouvir sua voz ressoando dentro de sua caixa torácica.

— Obrigada... Você é um doce, sabia? — Levantei a cabeça e apoiei o queixo em seu peito, algo que o fez rir. Fitei seus lábios intensamente, e percebi que fazia o mesmo comigo.

— É melhor a gente ir, podem dar a nossa falta... — Ele sugeriu em meio a uma respiração mais profunda, sem desviar os olhos dos contornos da minha boca a poucos centímetros da sua.

Contudo, nenhum de nós tinha força de vontade o suficiente para sairmos daquele feitiço – até que ouvimos barulhos de gente na cozinha e nos separamos na velocidade de um raio.

— Achei! — Hiero exclamou alto, enquanto apanhava a primeira coisa que viu pela frente em uma prateleira qualquer. — B-bem que eu te falei, Bea, que o... *molho S-sri... Sriracha* (??) estava aqui em algum lugar...!

O que diabos é um molho Sriracha?!

Saímos da dispensa com risos suspeitos e encaramos minhas duas amigas no meio da cozinha. Dahlia sorria, sacando tudo; já Jemima tinha cara de quem chupou limão.

— Eu *adooooo*o molho Sriracha, é o meu favorito para comer com... p-pão e geléia. *Ha ha ha*. Obrigada, Hiero! — Peguei o vidro vermelho da mão do rapaz igualmente vermelho num entusiasmo pra lá de forçado.

— Olá, garotas. — Hiero as cumprimentou, esfregando a mão na nuca.

Jemima cruzou os braços e revirou os olhos. — Sei, sanduíche de geleia e pimenta? Conta outr... *AI!*

Ela se virou bruscamente para ver quem tinha dado um baita de um cascudo no meio da sua cabeça.

— E daí? Qual é o problema? Essa combinação é ótima! — Bruno a enrostou com os olhos meio cerrados e com as mãos na cintura. — Então foi você, certo? Pois saiba que ninguém bate nos meus irmãos e sai ileso!

A garota piscou várias vezes, como se tivesse se deparado com o Orlando Bloom em pessoa. Olhou-o de cima a baixo, ficando gradativamente corada. Depois, parecendo destravar, começou a massagear o local, enrugando a testa em uma expressão raivosa:

— I-isso é uma agressão! Eu posso te denunciar...!

— Vá em frente — Ele deu um dos seus sorrisos provocantes, o que só deixou a garota mais desconcertada.

— Mas que humilhação — ela murmurava, enquanto seus olhos acompanhavam meu irmão indo falar alguma coisa com Hiero. Dahlia escondeu uma risada nasalada, balançando a cabeça.

O que estava acontecendo aqui?

Deixei o vidro de pimenta em cima do balcão e peguei algumas guloseimas no armário.

— Vamos pedir pizza para o jantar, mas para agora, vocês preferem lanchar aqui ou lá em cima no meu quarto?

— Lá em cima. — Dahlia levantou a mão.

— Tanto faz, o inferno é o mesmo... — Jemima torceu os lábios, ainda com as bochechas avermelhadas.



Para que as colchas não ficassem cheias de migalhas, larguei as besteiras em cima do tapete bege entre a minha cama e a escrivaninha. Por intuição, acabamos nos sentando em um círculo ao redor daquele montinho de batatas fritas, biscoitos e chocolates. No início, só ouvíamos o *crunch-crunch* das nossas bocas. Então, Dahlia começou a falar sobre como sentiu a nossa falta na escola e algo sobre sermos uma ótima equipe – acabando por ser interrompida por Jemima em certo ponto.

— Escuta, amiga, sei que você quer que a gente faça as pazes, mas eu não tenho nada para tratar com essa traíra. — Mima apontou pra mim com uma embalagem de Pringles.

— *Traíra?! —* Empurrei seu quadril com o pé, fazendo-a tombar para o lado. — Sua ingrata do caramba. Eu estou te emprestando meu teto por uma noite e é assim que me retribui? — Arranquei a lata da mão dela. — E pare de comer meus salgadinhos!

A garota esguia se ajeitou com graciosidade e bateu o sal das mãos. — Eu, ingrata? E você, então?! — Ela me tombou da mesma forma. — Não acredito que depois de um ano de amizade, *depois de tudo o que passamos juntas*, você me enganou daquele jeito. *Você sabia* que eu estava apaixonada pelo Hiero e até disse que me apoiava. Quando vê... os fofos *vivem juntos!* — Ela bufou sarcástica, enquanto voltava a sentar-me. — *Hah*, tá de sacanagem.

Tentei empurrá-la mais uma vez, mas ela foi rápida e bloqueou meu ataque com as pernas.

— Não vivemos juntos *dessa forma!* Você mesma viu. É como se ele fosse um... dos... meus... irmãos! — Minhas palavras eram enfatizadas com

trancos mais fortes.

— Meninas, por favor! — Dahlia desesperava-se, tentando nos apartar.

— Ah, Beatrice, *irmãos*?! Fala sério! Tá na cara que vocês...! — Ela não iria arregar tão fácil. — Você beijou ele? Já esteve no quarto dele? Até *onde* vocês foram?!

— Ele só se declarou pra mim *ontem*. Antes disso, nós não... Pera, pra que preciso te dar satisfação? Se nos beijamos ou não, o que é que tem? — Apliquei um pouco mais de força. — Você *também* mentiu! "Ele vai considerar" uma ova. Nunca pensei que se rebaixaria a esse ponto, só pode ser muito desespero depois do fora que levou!

Com essas palavras, as pernas dela cederam e consegui derrubá-la. Então, ela levantou parte do corpo com um dos braços e me fuzilou com os olhos.

— Repete isso se tiver coragem!

— Repito sim: sua...

— Ai, Jesus! Não briguem! — Dahlia se meteu no nosso meio, evitando com que nos agarrássemos aos tapas. — Chega! Chega dessa palhaçada. Ambas estão erradas e *ambas* precisam se retratar!

— Retratar? Ela quem me bateu na frente de todo mundo!

— Bem feito.

— *O quê*?!

— Parem! — Dahlia segurou firmemente nossos antebraços nervosos. — Se enxerguem por um segundo. Estão agindo como crianças tolas. Será que não se dão conta de que vão perder a amizade por causa de *um garoto*? Ele não é um semideus, um anjo ou um príncipe, é só um garoto, pelo amor!

Ela nos soltou. Eu e Jemima cruzamos os braços e demos as costas uma para a outra.

— Por favor, usem a razão só um pouco. Vocês vão deixar *a gente* ir pro ralo por algo tão estúpido?

— Não é estúpido pra mim. — Jemima resmungou.

— Nem pra mim. — Dei de ombros.

— Tá legal. Olhem... — Dahlia suspirou. — Então, o ano que passamos juntas, as brincadeiras e conversas... nada fez sentido? Essa amizade era tão frágil? Tipo, amigas discutem sim, brigam e às vezes saem no braço, que nem os irmãos fazem... mas também se arrependem e pedem perdão. Vocês não podem fazer isso? *Hm?*

Afundamos em um silêncio desconfortável. Abracei as pernas e pus-me a analisar as minhas pantufinhas. Que raiva. Não conseguia deixar de me sentir hipócrita. Havia acabado de falar coisas tão bonitas sobre perdão, mas não conseguia aplicá-la a Jemima. Imaginava que fosse por ter sido apunhalada pelas costas por alguém que comeu comigo do mesmo prato; já da Karina eu só esperava o pior.

Após vários minutos, Dahlia quebrou o vácuo com uma voz sentida e saudosa.

— Lembram quando a gente foi para Petrópolis na viagem escolar ano passado...? Ficamos naquele hotel chique e a Bea não parava de olhar pra todo lado de boca aberta. Brincamos de "verdade ou desafio" com o resto das garotas e depois ficamos até tarde fazendo palhaçada no nosso quarto. No outro dia descobri que vocês tinham rabiscado toda a minha cara com canetinhas!

Mordi o interior das bochechas, contendo um riso. Como poderia me esquecer? Jemima trouxe uma bebida-creme de doce de leite deliciosa (mas muito suspeita) e uma caixa de bombons de conhaque. Atacamos tudo igual abelhinhas esfomeadas e ficamos, vamos dizer, *bem alegriinhas*. Passamos trotes pelo telefone, fizemos *shows* de cantoria e acaloradas declarações de amor aos nossos atores favoritos, pura vergonha alheia. No fim, Dahlia capotou primeiro e aproveitamos para zoar mais um pouco.

— E quando a Vampeta apareceu na escola? — Dahlia continuou, um pouco mais animada. — Lembra, Mima, que você ficava assustando a Bea direto, agarrando o tornozelo dela? Ela dava cada pulo!

Jemima riu bem baixinho.

— Ah! E não vamos esquecer quando você quase fez a gente ser expulsa da sala de cinema porque gritava a cada *bendita cena* em que o Legolas aparecia. Pagamos o maior micão!

— Mas é o *Or-lan-do Blo-ooommm*, Dahlia! — A garota não resistiu e se virou. — Só não estava mais gato que no Piratas do Caribe. — Ela mordiscou os lábios, assanhada.

— Concordo. — Deixei escapar.

— A-há. — Dahlia apontou para nós. Rapidamente desmanchamos nossos sorrisos e voltamos a nos fechar em nossos casulos. — Certo, eu entendi que estão mesmo furiosas uma com a outra. Mas se não puderem atravessar essa linha... Tudo isso vai se apagar, pra sempre. E, quando fizerem outras amizades, irão ver que essas pessoas também vão pisar feio na bola com vocês. Afinal, todos nós somos humanos e imperfeitos.

Houve uma pausa. Quando Dahlia voltou a falar, sua voz soava pesada e arrastada. — Eu mesma... posso não ter errado com vocês duas, mas... mas agi de forma horrível uns dias atrás, acabando com meu namoro.

Eu e Jemima nos viramos meio assustadas.

— Oh, amiga... — Tomei a mão dela.

— Os choques de personalidade começaram e percebi que, aos poucos, ele estava perdendo o interesse. E eu, louca, acabei inventando de seduzi-lo, achando que assim, ele... — Vendo nossos rostos de preocupação, falou rapidamente: — N-não fomos até o fim, mas... não posso dizer o mesmo da minha inocência. Não tenho dormido em paz desde então. Essa culpa é horrível. Nunca pensei que, na minha paixão inflamada, eu fosse tirar os sonhos e a pureza de outra pessoa também. E no que deu... ? Ficamos

enojados um do outro, eu muito mais de mim mesma... e acabamos terminando. — Ela começou a chorar.

Eu e Jemima nos entreolhamos, declarando trégua. Dahlia precisava da gente. Então, fomos chegando mais perto e, timidamente, abraçamos nossa amiga.

— Eu só queria voltar no tempo e fazer tudo diferente. — ela continuou, passando a mão no rosto molhado. — Ninguém aqui está isento de culpa. Todas nós erramos. Mas, me pergunto: este é o ponto final? Vamos acabar derrotadas e... destroçadas desse jeito? Não há um recomeço? Uma nova chance?

Meus olhos ficaram inundados. Não conseguia fingir que essas palavras não me afetavam. Dahlia e Jemima não foram apenas minhas primeiras amigas – elas eram minhas *únicas* amigas. E sabia que, se aquilo continuasse, cada uma seguiria para seu canto e não conseguiríamos mais ficar juntas.

— Oh, Dahlia... Eu estive tão ocupada com minhas próprias lutas que não consegui perceber que você passava por isso... perdão. Estou aqui. Há sim novas chances. Tem que haver! Não quero que tudo isso se apague, não quero que *a gente* acabe.

Ela sorriu por entre as lágrimas e assentiu com a cabeça. Então, estendi o braço mais além e toquei no ombro de Jemima. Sem olhar para a garota, disse baixinho:

— Desculpa... por ter mentido. Eu queria evitar mal-entendidos, mas isso só se tornou uma bola de neve. — Deixei as lágrimas correrem livremente pela minha face. — Acredite em mim, Mima, eu odiava o Hiero, mas ele foi entrando de mansinho em meu coração e agora não consigo deixar de amá-lo. Desculpa.

O queixo dela tremia, enquanto se esforçava para não chorar.

— Mima... — Dahlia a sacudiu de leve, incentivando-a.

— Merda... — Jemima murmurou, inclinando a cabeça para trás e dando-se por vencida na sua batalha contra as lágrimas. — Querem mesmo saber? *Okay*. Minha vida é uma porcaria e minha família é uma droga. Que minha mãe é uma dondoca narcisista e alcoólatra não é novidade, mas meu pai, um juiz, traindo ela com garotas só uns poucos anos mais velhas que eu? Ironia, mas nem me surpreende. Meu irmão, que antes era meu apoio, virou um porre e quase estava caindo na delinquência, e eles nem ligam. Desde o início do ano tudo tem sido um inferno e não tenho uma palavra de consolo deles, apenas críticas. Eu queria mesmo... queria mesmo só... ter alguém que me *amasse* e me consolasse. Ficava fantasiando uma fuga com meu príncipe para um lugar bem distante. E quando conheci o Hiero, eu... — Sua voz morreu em meio aos soluços.

Carinhosamente, Dahlia a envolveu, permitindo que a garota chorasse em seu ombro.

— Mima, a sua situação não é desculpa pra você agir daquele jeito com a Bea. — ela declarou com uma voz um pouquinho severa. — Além disso, você não pode depositar todas as suas esperanças e sonhos em um garoto! Nenhum garoto pode suprir suas carências e te fazer completa. Garotos não são... *Deus*. Eu tenho aprendido isso da pior maneira!

Mima fungou algumas vezes antes de lamuriar:

— Eu sei... mas é que... ah, é que ele, sei lá, parecia ser tão perfeito...

— Perfeito? — Dei uma expirada irônica e balancei a cabeça. — Posso garantir que não.

As duas ficaram me olhando, como se esperassem explicações.

— Ah, é como a Dahlia estava dizendo. Não existe ninguém perfeito! Por exemplo, o Hiero tem mania de perfeccionismo e eu já sou meio bagunceira, então já viu, né? Às vezes ele pega no meu pé por coisa besta, tipo, que preciso comer de manhã e usar sapatos adequados. Um dia me perguntou por que odiava meus pés, já que tinha voltado para casa com bolhas após sair com um salto novo! — Ri com a lembrança. — Mas o que mais me tira do sério é quando ele fica quieto e esconde o que pensa. Acho

que tem medo de se machucar ou de magoar os outros, então simplesmente não verbaliza o que sente. É muito frustrante.

— Parece até uma recém-casada falando. — Mima murmurou amuada, os olhos e o nariz vermelhos. — Pra ser sincera... Eu sabia que não íamos dar certo faz tempo. Vocês dois se merecem. — Dahlia a olhou com reprovação. — O quê? O que é?

— Mima. — A garota negra agia da mesma forma que mamãe quando tentava fazer com que eu e Bruno nos desculpássemos pelos puxões de cabelo e mordidas. A outra, porém, permanecia com os olhos baixos e bico emburrado.

— Me perdoa, Bea... por também ter te batido. Eu perdi a cabeça naquela hora; fiquei tão exaltada que... Não importa. Foi errado. — falou, finalmente.

Fiquei muito ofendida com aquele tapa, mas andei pensando... se eu estivesse no lugar dela, tão apaixonada desse jeito, será que não teria feito a mesma coisa? Não seria hipocrisia da minha parte condená-la por um erro que talvez *eu* pudesse cometer?

Baixei os olhos e torci os lábios com um sorriso.

— Olha, já vou avisando que aquela Bea politicamente correta acabou aqui. Não vá se assustar se eu revidar ou falar o que eu penso na lata, hein?

A linha dos lábios de Mima se encurvaram levemente. Então, nós três nos unimos mais em um abraço. Depois, começamos a abrir um pouco mais dos nossos mundos, aprofundando-nos em nossas questões particulares e trocando palavras de apoio uma à outra. Inevitavelmente, acabei explicando (apenas por alto em muitas partes) toda a minha questão com Hiero e porque as coisas não deram certo com o Luke.



Apesar do clima ter melhorado muito no quarto, uma nuvenzinha escura e sufocante pairou sobre nós na sala, local escolhido para compartilharmos as pizzas. Isso porque Hiero não fazia nenhuma questão de esconder seu carinho no jeito de me tratar, causando visível incômodo em Mima. Aliás, ela parecia estranhamente desconfortável também com a presença de Bruno. Já este, como sempre, procurava descontrair o ambiente com histórias engraçadas. E não é que funcionou? Não demorou muito para Dahlia se soltar e Mima ficar menos emburrada.

Então, ele e Mikhel acabaram trazendo nossos jogos para melhorar ainda mais o astral.

Começamos com o clássico *Uno*, e, após umas rodadas bem divertidas, Mima sugeriu Jenga, mas com um detalhe: quem deixasse a torre cair deveria pagar uma prenda.

— Comer um pouco de pizza lotada de Sriracha. A Bea disse que *adoora* esse molho, não é?

Hiero e eu nos entreolhamos e engolimos seco. Ambos detestamos pimenta. Quem gostou foi Bruno, já que adora esse condimento e consegue comer até uma malagueta sem se incomodar.

Assim como no jogo anterior, percebi que Hiero tentava ao máximo não perder. Não sabia que, assim como eu, ele era tão competitivo. Enquanto removia a peça da torre com cuidado, seus lábios comprimiam levemente em um adorável biquinho de concentração, o mesmo que ele fazia quando estávamos estudando.

— Ahhhh! — reclamei por cima das gargalhadas quando os bloquinhos de madeira foram abaixo em cima da mesa de centro.

— Eu pago a prenda pra Bea — Hiero levantou a mão.

— Assim não vale... — Mima torceu os lábios.

— Pode ser que faça mal. Ela não tem estômago tão forte.

Fiquei morrendo de dó ao vê-lo fazer uma careta após enfrentar o molho. E foi assim umas quatro ou cinco vezes.

Até que enfim, passamos para outra brincadeira. Ela consistia em falarmos elementos de listas de coisas aleatórias, e quem repetisse, não dissesse um elemento em pelo menos três segundos ou não falasse os itens na ordem correta ganharia um desenho com o canetão preto na pele.

— Ana Paula Arósio — Bruno começou outra rodada, agora de atores brasileiros.

— Ana Paula Arósio, Thiago Lacerda — Jemima continuou.

— Ana Paula Arósio, Thiago Lacerda, Kayky Brito — Droga. Dahlia falou o que eu ia dizer!

— Ana Paula Arósio, Thiago Lacerda, Kayky Brito... Xuxa? — arriscou Mikhel. Ele era café-com-leite, então estava valendo.

— Ana Paula Arósio, Thiago Lacerda, Kayky Brito, Xuxa, Rodrigo Santoro. — Foi a minha vez.

— Bora, Hiero, rápido, rápido! — Bruno estalava os dedos, atrapalhando a concentração do rapaz.

— P-pera, pera, calma! *Ssssandy?*

— A Sandy e Júnior? Ela é cantora, não atriz! — Dahlia protestou em uma risada.

— Qual é! Eu vi um filme deles com os Trapalhões! — o rapaz tentou argumentar, mas não teve jeito: acabou sendo sentenciado à prenda. Vendo que não tinha mais lugar nos antebraços e receberia o desenho no rosto, coloquei-me em sua frente.

— Não, Dahlia, rabisca em mim. É sério. O Hiero tem pele sensível e pode doer muito na hora de tirar.

— *Hmmmm...* — meus irmãos me provocaram.

— Ah, vão catar coquinho! — Inflei as bochechas.

— Dedicada, ela... Então tá. — Dahlia riu e fez um bigode de pirata em mim. — Aliás, como se tira essa tinta?

— Sei lá, é permanente. — Bruno subiu os ombros.

— O quê?! — gritamos juntas.

— Amanhã temos que ir pra aula, não podemos aparecer desse jeito! — Jemima esperneou, tendo o seu rosto coberto de estrelinhas.

— Fazer o quê? — ele continuou dando uma de cínico. — Ninguém te obrigou a participar.

— Ah, seu... Malandro, safado, sem vergonha! — Ela tentou bater nele com a almofada do sofá, mas ele parou o movimento segurando em seu pulso.

— Oh, até que você é forte, garota.

Não sei se foi de vergonha ou raiva, mas Mima ficou vermelha outra vez e, com a mão livre, deu um beliscão nas costelas dele.

— Ei! Isso é golpe sujo! Você vai ver só. — E, como fazia comigo às vezes, Bruno tentou revidar, medindo força com ela aos risos. Ué? Desde quando meu irmão agia com tanta liberdade com uma garota a qual mal conhecia? E, como assim, ele parecia *estar gostando*?!

— Chega, já tá bom, vamos dormir! — Saí do meu lugar no outro sofá e joguei uma almofada no meio deles. — Amanhã vocês terão de acordar cedo! Vamos, Mima.

Imediatamente os dois pararam. A garota se levantou corada, ajeitando os cabelos, e Bruno fingiu uma tosse. Com meus dedos em "V", alternei-os entre ele e meus olhos estreitos, como se dissesse: "estou de olho!". O bocó deu um meio sorriso e revirou os olhos.

Guardamos os jogos, organizamos a sala e desligamos as luzes, deixando apenas o abajur do corredor ligado.

Antes de subir as escadas atrás das minhas amigas, uma mão masculina agarrou a minha e puxou-me para um canto timidamente iluminado.

— Seu doido! — sussurrei para Hiero, dando-lhe um tapinha no ombro. — Quase morri de susto!

Ele riu. Pelo jeito, também ria do meu bigode postiço.

— Para! Já tentei esfregar e está difícil de sair...

— Testa com acetona. Acho que vai dar certo. — Ele se aproximou e encontrei-me fascinada pelo brilho dos seus olhos e seu sorriso irresistível. — Nunca pensei em beijar alguém com bigode, mas agora estou considerando...

— *Hierooo...* Para de me provocar! Nós não podemos... — Virei o rosto para o lado, sentindo-o pegar fogo. Jamais desejei tanto quebrar certas regras, e se Hiero continuasse com aquilo, temia que não respondesse por mim.

— Eu sei. Desculpa. É que... você está tão perto, mas ainda assim sinto tantas saudades. Quando saiu para o hospital, fiquei contando os minutos para você chegar. E quando foi lá pra cima, quase fiquei louco esperando você descer. Isso é normal?

Mordi o lábio inferior.

— Eu também fico morrendo de saudades... Queria você pertinho de mim o tempo inteiro. — falei, deslizando meus dedos suavemente nos seus.

— Sabe o que me dei conta? — ele disse baixinho. — Eu não tenho seu número.

— Oh... é verdade.

Antes, por morarmos na mesma casa e nos vermos todos os dias, não via razão para ter o contato dele.

— Deu certo? — perguntei, olhando para a tela brilhante do aparelho em sua mão.

— *Hm-hum*. Obrigado... — Ele o guardou no bolso da calça. — Agora, sempre que sentir sua falta, posso enviar uma mensagem.

Ficamos um tempo ainda presos em nossos olhares, sem vontade alguma de nos despedirmos. Levei a mão aos seus cabelos, contornei a sua têmpora e acariciei sua bochecha.

— Então... até amanhã. — sussurrei meio triste.

Ele virou o rosto ligeiramente e, com os olhos fechados, depositou um beijo longo e casto sobre meus dedos.

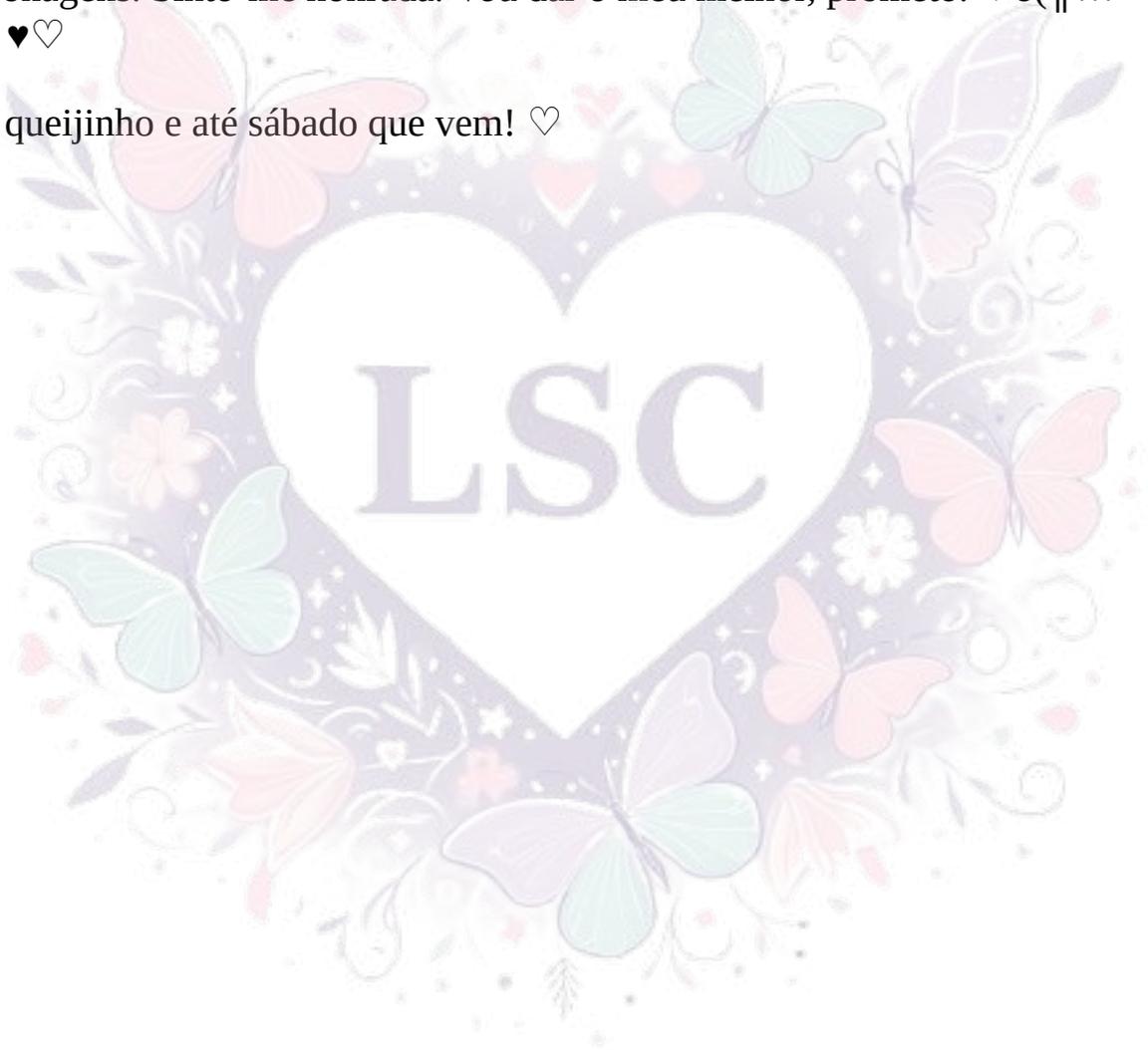
Subi as escadas com o coração batendo forte. Ao dobrar a esquina para meu quarto, encostei-me na parede e coloquei a mão sobre meus lábios. De repente, meu celular vibrou no casaco. Ler aquelas palavras me fez sorrir, mas também sentir como se estivesse um pouco febril.

"Boa noite. Mal posso esperar para te ver de novo."

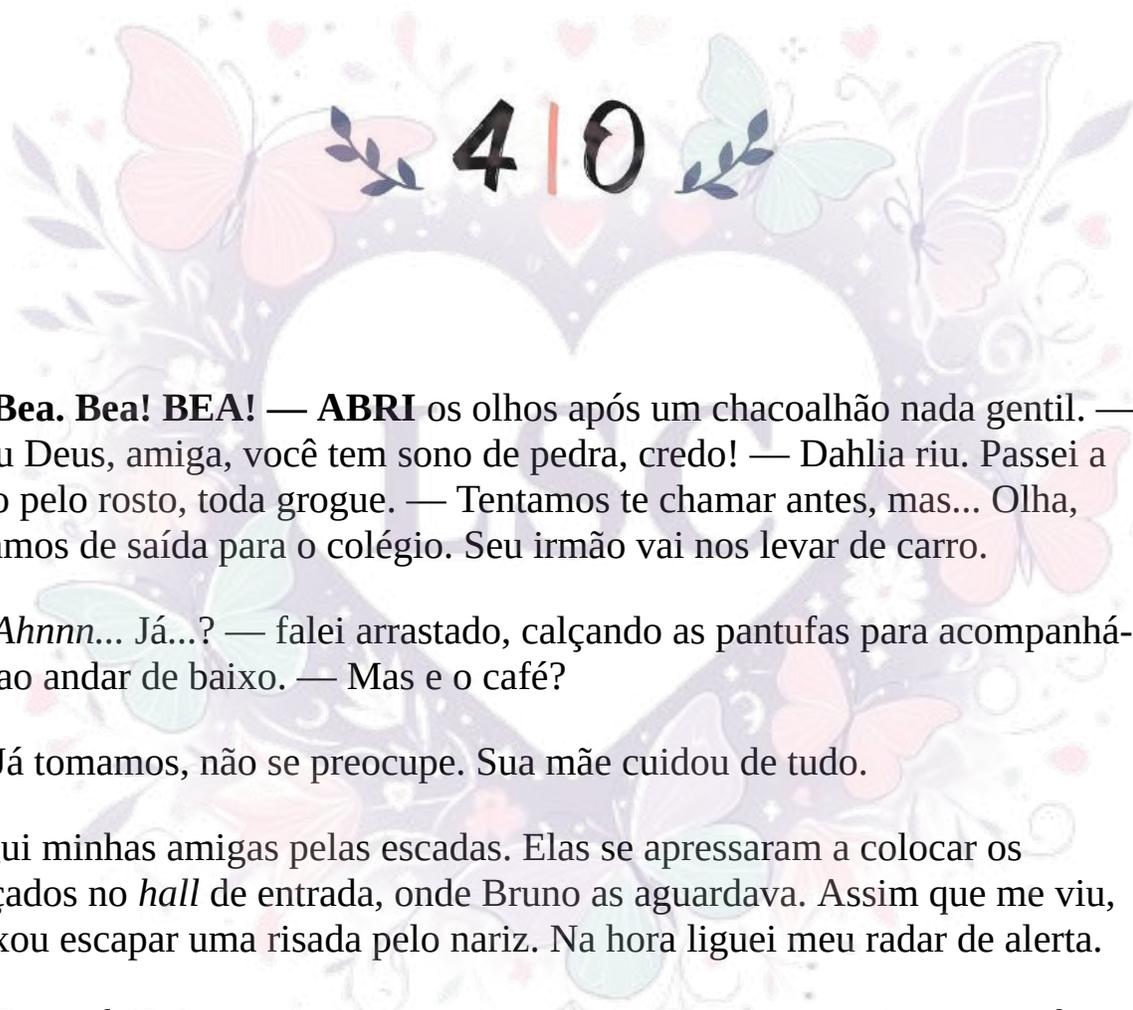
Notas da Autora | Ufa! Esse capítulo ficou imenso, não deu para parti-lo. O que vocês acharam sobre essa conversa das meninas? Ainda estão bravos com a Mima? Hehe, finalmente as coisas têm entrado nos trilhos e se encaminhando para um desfecho. Começo a ficar meio triste, mas uma hora tinha de acontecer.

Obrigada por sua leitura até aqui. **Continua** no próximo capítulo (a história ainda não acabou!! (¯▽¯*)彡 A previsão é que termine no 45 ou 46, dependendo do tanto de palavras). Obrigada pelo carinho e apoio. Torçam por mim, pois no momento estou com certo bloqueio no 41 e não estou conseguindo terminá-lo. Já estamos alcançando os capítulos escritos, e eu não quero pular dia de postagem... espero que tudo dê certo. O que me anima muito é saber do tanto que vocês prezam por essa obra e pelos personagens. Sinto-me honrada. Vou dar o meu melhor, prometo. ♡o(π~~π)o ♡♡

Um beijinho e até sábado que vem! ♡



40.



— **Bea. Bea! BEA!** — **ABRI** os olhos após um chacoalhão nada gentil. — Meu Deus, amiga, você tem sono de pedra, credo! — Dahlia riu. Passei a mão pelo rosto, toda grogue. — Tentamos te chamar antes, mas... Olha, estamos de saída para o colégio. Seu irmão vai nos levar de carro.

— *Ahhnn...* Já...? — falei arrastado, calçando as pantufas para acompanhá-las ao andar de baixo. — Mas e o café?

— Já tomamos, não se preocupe. Sua mãe cuidou de tudo.

Segui minhas amigas pelas escadas. Elas se apressaram a colocar os calçados no *hall* de entrada, onde Bruno as aguardava. Assim que me viu, deixou escapar uma risada pelo nariz. Na hora liguei meu radar de alerta.

— O que foi? O que são essas caras suspeitas? — perguntei para os três.

Mima inclinou um pouco a cabeça, enquanto sorria maliciosamente.

— É que você fala muito à noite, sabe? "Oh, Hiero, oh, Hierooo! Eu te amo tanto, oh, me beija!" — ela gracejou numa voz esquisita, fazendo Bruno e Dahlia explodirem em gargalhadas. Literalmente fiquei vermelha da cabeça aos pés.

— Meu Deus, Jemima! PARA! — gritei. Então, meu constrangimento atingiu o nível máximo ao escutar uma risadinha atrás de mim. Ah, não! Desde quando Hiero estava ali?

— Obrigada pela noite do pijama, Bea, foi ótimo. Precisamos fazer isso mais vezes. — Dahlia me abraçou, ainda rindo. — Tchau, Hiero. Comportem-se vocês dois aí.

— Vamos, Dahlia! Senão vamos nos atrasar. — Mima chamou lá da frente ao lado de Bruno. — Tchau, Bea. Até amanhã!

Quando o portão bateu, escondi meu rosto com ambas as mãos, morrendo de vergonha de encarar Hiero. Para piorar as coisas, ele se encurvou levemente em minhas costas e perguntou sobre meu ombro:

— Que tipo de sonho você estava tendo?

Virei-me num sobressalto, sentindo-me como se estivesse tostando em uma câmara de bronzeamento. — N-nenhum! Era papo furado dela, eu não falo dormindo!

Com as bochechas coradinhas, ele deu uma de suas deliciosas gargalhadas, cobrindo a boca com uma mão. Como continuou por uns segundos, presumi que devia estar rindo também da minha cara. Ai, não. Socorro! Eu deveria estar parecendo uma versão feminina do Michael Myers, com os cabelos eriçados para todos os lados, olhos remelentos e rosto amassado – já que descí sem ao menos dar uma passadinha no banheiro. Não acredito! Hiero estava me vendo na minha pior versão até agora!

Arregalei os olhos ao me ver no espelho. *Jemimaaa, Dahliaaa!* Será que seria muito malvado desejar que Bruno passasse sobre uma cratera no trajeto e que, no solavanco, elas mordessem as línguas? Essas pilantras!! Escreveram "Eu ♥ Hiero" nas minhas bochechas com o canetão permanente enquanto eu dormia!

— Estava tão bonitinho — o rapaz brincou assim que apareci na cozinha, já devidamente arrumada. Comecei a preparar um copo de Nescau, enquanto ele, escorado no balcão, saboreava seu café preto.

— Doeu que só pra tirar, mesmo com acetona... — Fiz um bico aborrecido.
— Oh! É mesmo. Não era para você ir ao colégio com eles também?

— Ah, é... É que... — Ele desviou os olhos para um lado e voltou a xícara aos lábios.

— É que teve dor de barriga de tanto comer pimenta ontem. Agora o banheiro está interditado. — Mikhel disse ao nosso lado, colocando um prato sujo na pia. Hiero se engasgou e espirrou um pouco de café ao ouvir a asneira.

— Mikhel, cala a boca! — tentei soar severa, porém, não conseguia por conta dos risos. — Crianças... Não liga, isso é... compreensível. — Mordi os lábios numa tentativa frustrada de evitar que se encurvassem.

— Eu que decidi ficar aqui com a Bea, Mikhel! — Hiero tentou consertar, encabulado. Meu irmão apenas levantou as mãos como se dissesse "tá bom", e saiu.

De repente, minha mente brilhou e um largo sorriso emoldurou minha face.

— Então, já que temos um tempinho...

— O que é tudo isso? — Hiero perguntou ao chegar ao pergolado um tempo depois, como pedi. Eu havia empurrado o banco e forrado o chão com uma toalha de piquenique. Então, dispus alguns dos itens indispensáveis para uma diversão ao ar livre: duas almofadas, pacotes de salgadinhos, uma vasilha com morangos frescos, pilhas de quadrinhos, meu porta-CDs e *walkman* ao centro.

— *Tcharaaam!* Vamos relaxar ao melhor "estilo Bea". Só estou finalizando a máscara de hidratação. — Com uma colher de plástico, mexi vigorosamente a pasta verde em uma vasilhinha.

Ele sentou ao meu lado, cruzando as pernas. — Máscara de hidratação? Como é isso?

— Ah, é simples. Basta misturar abacate com mel e colocar no rosto. Isso ajuda a restauração celular que é uma beleza. Espera, fica paradinho. — Reparti sua franja no meio e preendi os fios nas laterais com *tic-tacs* coloridos. Sorri. Ele ficou muito fofo com aqueles adereços e a testa aparente.

— É para eu fazer o mesmo? — perguntou. Assenti com a cabeça. No entanto, quando ele ia levantando as mechas de um lado da minha franja, recuei.

Minha cicatriz. Havia esquecido esse detalhe. Aquilo era o que mais odiava em mim. E se... e se ele a achasse horrível, grotesca? Que droga de ideia eu fui ter!

— Não se afaste. Deixa eu ver. — ele sussurrou. — Por favor.

Hesitei por uns instantes. Seus olhos suplicavam para que confiasse nele. Relutante e com a pulsação acelerada, abaixei as pálpebras. Então, devagar, senti seus dedos descobrindo aquele local, e nesse momento, era como se ele estivesse desnudando meu próprio coração. Meus medos, inseguranças e fraquezas estavam ali expostos diante dele, e preendi a respiração na ansiedade pelas suas próximas palavras.

Suavemente, ele acariciou minha testa, e em seguida, depositou nela um beijo. Esse gesto gentil foi como o desabrochar de uma rosa em meio a espinhos.

— Eu odeio que você tenha essa cicatriz. Fico triste e irritado por você ter passado por aquilo, mas... — Ele levantou meu rosto com o indicador no meu queixo, fazendo com que o olhasse. — ...eu amo sua cicatriz. Ela, suas pintinhas, marcas e até futuras rugas... eu amo todas elas. Porque elas fazem parte de você, Bea. E você é absolutamente perfeita para mim.

Perdida na vastidão da doçura em seu olhar, não pensei em mais nada e beijei seus lábios. Segundos depois, a infeliz realidade voltou aos meus

sentidos e separei-me dele.

— Desculpa. — Engoli os lábios e Hiero sorriu. Ele sabia que eu não estava arrependida. — E... obrigada. Você também é absolutamente perfeito pra mim. Acho que é o garoto mais lindo que já vi na vida. — Declarei a última sentença baixinho, sentindo meu rosto inteiro em chamas.

— É? — Ele levantou as sobrancelhas e cruzou os braços. — Mais do que os caras daquelas suas adoradas revistas?

— A-aquilo é bobagem! E eu gostava mesmo era da seção de moda...

Ele espremeu os olhos, desconfiado. Em seguida, abriu um sorriso brincalhão. Com a colherzinha, lambuzei sua bochecha com a máscara. Ele fez uma careta, dizendo que estava gelado. Reagi da mesma forma quando ele preencheu meu rosto, e rimos das nossas caras.

Assim, como pessoinhas de marte, ficamos deitados juntos, ouvindo música no mesmo fone e lendo quadrinhos. Concentrado, Hiero devorava as histórias, ora rindo, ora franzindo o cenho de acordo com as cenas. Às vezes, sem tirar os olhos das páginas, levava um morango à minha boca, e eu, uma batatinha para a dele.

— Então não tem continuação? — perguntou meio desapontado, enxugando o rosto com uma toalhinha após nos lavarmos no tanque da lavanderia.

— Infelizmente o Bruno só comprou as vinte primeiras edições, e a história ainda nem terminou de ser lançada, até onde eu sei. — justifiquei, achando legal ele ter gostado tanto de *Inu-Yasha*. Não achava que ele se interessaria por uma história do gênero.

Pena que esse momento gostoso não durou o dia inteiro, já que, depois do almoço, Hiero insistiu para estudarmos juntos para as provas. Além de que eu deveria treinar mais as falas para a peça, a qual aconteceria dali a um dia.

Já à noite, ele me ajudou a escrever meu breve discurso de retratação exigido pela diretora. Papai nos avisou que haveria uma sessão com todos

os alunos no auditório antes do primeiro tempo da quinta-feira. E agora que estávamos na véspera, vi-me chateada e aflita.

— Por que eu tenho que fazer uma coisa dessas, se *eu* que sou a vítima? — reclamei, debruçando-me sobre o papel em cima da mesa de jantar.

— É só em relação à *pisa* que você deu na Karina, nada além. — Hiero inclinou-se em minha direção, descansando a cabeça sobre um braço dobrado no móvel. — É chato, eu sei... se estiver muito nervosa, olhe apenas para mim e esqueça os outros. — Ele ajeitou uma mecha que caía sobre meu rosto. — E... ah, eu estive pensando em uma coisa. Acho que vai ajudar a te animar.

Levantei um pouco a cabeça, interessada.

— Que tal se saíssemos juntos no sábado? Tenho um pouco de dinheiro guardado, então poderíamos ir a um lugar divertido e comer o que tivermos vontade.

— Tipo um *encontro*? — Ergui-me abruptamente, o coração eufórico e um sorriso mais largo que o de uma lua minguante.

Hiero riu, um tanto ruborizado. — Isso.

Dei um gritinho de felicidade. Animada era pouco! Arregacei as mangas da minha blusa de tricot e ergui a caneta. — *Okaaaay!* Então, vamos terminar logo com isso. Oh! Tomara que os dias passem voando!

Embora o discurso tenha sido relativamente fácil de elaborar, não imaginava que estar de volta ao colégio seria tão penoso. Conforme eu e Hiero caminhávamos pelos corredores rumo ao auditório em meio à correnteza de alunos, sentia vários olhares atravessados sobre nós. Apertei as mãos no suéter do meu uniforme, sentindo-as trêmulas e suadas.

Tomamos assento na primeira fileira. Dahlia sentou-se ao meu lado, seguida por Jemima. Surpreendi-me quando Luke passou por nós e nos cumprimentou com um leve meneio da cabeça, apesar da expressão descontente. Hiero retribuiu com um aceno respeitoso. Não parecia haver animosidade entre eles, mostrando que o loiro teve maturidade para seguir em frente e se esforçava para cumprir o que me dissera.

O burburinho foi cessando quando a diretora Rubenita subiu ao palco.

— Como sabem, essa sessão extraordinária foi convocada com o intuito de retificar o ocorrido da sexta-feira passada. Em nome da diretoria e coordenação, quero declarar que lamentamos muito o fato de tudo ter acontecido por negligência da parte do corpo docente, e pedimos sinceras desculpas à parte ofendida – no caso, à aluna Beatrice Cavalcanti. E, como é do conhecimento geral de que esta instituição zela por seus alunos e preza pelo respeito, bom-caráter e fidedignidade, peço que subam ao palco as partes envolvidas para suas respectivas retratações.

— Vai dar tudo certo. — Hiero sussurrou no pé do meu ouvido, apertando gentilmente a minha mão. Apertei-a de volta em agradecimento e me dirigi para as escadas. Atrás de mim vieram Jemima e Karina (a qual parecia um pouco mais nutrida desde a última vez que a vi).

Desdobrei o papel do bolso da calça desajeitadamente e o alisei sobre o púlpito de conferência amadeirado. Em minha boca havia um deserto, e, em meu peito, um macaquinho batia pratos desesperado com aquelas centenas de pares de olhos cravados em mim. Muitos estavam impacientes, outros, inquisitivos; alguns, apenas entediados.

Olhei para Hiero, que encorajou-me balançando levemente a cabeça.

— O-olá, bom dia. Para quem não me conhece, eu sou a Beatrice Cavalcanti, do 2-C. — Abaixei os olhos para meu texto. — Venho por meio desta desculpar-me pelos atos de agressividade manifestados neste... recinto... — Minha voz começou a falhar quando percebi alguns cochichos. Pigarreei. — ...e declaro que isto não voltará a se repetir.

Alguns davam risinhos entre as mãos, outros balançavam as cabeças. Senti uma leve efervescência passar pelas veias do meu pescoço e arranquei o microfone do pedestal, causando um zumbido agudo.

— Desculpa, não estou acostumada com isso. — Tentei esboçar um sorriso. *Meu Deus, garota, o que você está fazendo?!* — Er... Não sei o que me deu agora, mas sinto que preciso *mesmo* fazer isso. — Respirei fundo. Certo. *Calma, Bea. Apenas seja você mesma e mostre a eles o seu coração.* — Sei que muitos aqui ficaram chocados em descobrir que não sou uma garota exemplar, mas, qual é, gente? Eu sou tão humana quanto vocês, e sim, cometo vacilos. O problema é que somos rápidos demais em julgar e condenar os outros. É muito fácil rotular as pessoas sem saber o que elas estão passando. — Dirigi meu olhar para Tadeu, depois, a Hiero. Este sorriu de volta para mim. — Eu mesma fiz isso muitas vezes, e agora que estou do lado de cá, confesso que é horrível. Talvez essa tenha sido a pior situação que enfrentei até hoje. Não vou fingir que não me afeta, porque ainda dói, e muito. Mas, sabem... de alguma forma bem maluca, comecei a pensar que talvez exista algo de *bom* nisso tudo, sabem, algum sentido. E aí eu percebi que, através dos erros de outras pessoas, consegui ver *meus* próprios erros... Como dependia de opiniões alheias e tinha ideias distorcidas sobre mim. E, olhem só, se não fosse esse pontapé, talvez ainda estivesse me escondendo atrás de máscaras, fugindo de quem eu sou e levando uma vida rasa, hipócrita.

Fiz uma breve pausa, apenas para recuperar o fôlego.

— Se querem mesmo saber, não estou nem aí para o que vão falar. Eu sei a verdade sobre mim e o que aconteceu. Aquele vídeo foi pura manipulação, *acreditem vocês ou não.* — Apontei para o grupinho que pareciam debochar de mim instantes antes. — E se você vai na opinião dos outros só para parecer legal, rindo da desgraça alheia só para se sentir um pouco menos miserável... Você é melhor que isso. Coloque-se no lugar do outro, seja empático. Hoje você está aí, mas amanhã, pode estar deste lado. E, pra terminar: sei que tudo isso vai passar e, no fim, a verdade vai aparecer. Como disse alguém muito importante, "a mentira corre curtas distâncias, mas a verdade corre maratonas". Obrigada.

Ajeitei o microfone de volta no lugar. Quebrando minhas expectativas, não houve reações efusivas. Todos permaneceram em silêncio enquanto eu descia as escadas.

De repente, um braço se ergueu e arrancou murmúrios surpresos da plateia. Acabei congelando no meio do caminho ao meu assento.

— Antes da Mima falar, gostaria de esclarecer algo. — Luke se levantou, destacando-se no mar de adolescentes uniformizados. — A Bea está certa. Aquilo foi armado pra parecer uma coisa que *nunca* aconteceu entre nós. — Os murmúrios se intensificaram. — E para os idiotas que ficaram me dando parabéns: vocês são uns doentes, vão se tratar!

— *Uhhhhh!* — ouviram-se aclamações acaloradas.

— Ordem! Silêncio! — a diretora clamou no microfone. — Jemima Bessa, por favor.

— Eu também...! — Dahlia imitou o colega e ergueu a mão, levantando-se em seguida. — Eu também gostaria de falar uma coisa. Se a Bea precisou subir aí para pedir desculpas a vocês, acho que vários aqui deveriam fazer o mesmo com ela. Fiquei cansada de ouvir absurdos nos corredores desse colégio, sendo que ninguém ao menos se deu ao trabalho de investigar nada. Não é só porque sou amiga dela, mas lembrem-se de quantas vezes ela tratou mal qualquer um aqui. Nenhuma! Vocês deveriam se envergonhar. E o que mais me chateia é ouvir essas coisas das *garotas*, sendo que *a gente* é quem mais sabe como dói esse tipo de pecha. Só parem, tá legal?

Ouvi um leve barulho de palmas, o qual foi crescendo um pouquinho.

— Eu também. — Uma garota baixa e cheia de sardas se levantou. Era a Raquel, da minha sala. — Sempre soube que a Bea não é assim. Ela me ajudou com meus problemas de química e foi legal comigo mesmo quando ninguém estava olhando. É uma bondade genuína, então ela nunca faria isso com esses garotos.

— Eu também... — Outra garota se levantou timidamente. — Desculpe por ter te chamado de safada naquele dia, Bea.

— Eu também! — Para a minha surpresa, uma após outra, várias garotas – e alguns garotos – começaram a se levantar para me pedir desculpas e dizer palavras de apoio. Meus olhos se encheram de lágrimas, enquanto sentia-me acolhida de uma forma que nunca havia imaginado.

— Eu também. — Ouvi a voz de Mima no microfone e me virei. Ela falou olhando apenas para mim e seus olhos brilhavam. — Tudo bem que eu já era a minha vez mesmo... — ela riu. — Mas eu faço das suas palavras as minhas, Bea. Nunca tinha parado para analisar o quão aficiada eu estava pelos meus desejos e sonhos egoístas, me tornando alguém horrível, alguém que não queria ser. Fiquei tão louca e... tão cega que fiz algo que me arrependo muito. Eu já te pedi desculpas por isso, mas... agora, na frente de todos que viram aquilo, peço perdão por ter te batido. Eu realmente... *realmente* adoro você!

Ela desceu do palco sob uma salva de palmas, enxugando o rosto com os dedos, e me abraçou fortemente. Nesse ponto, meu rosto já estava igual a uma fonte, as lágrimas jorrando em minhas bochechas contraídas num sorriso.

Em alguns pontos do auditório, algumas professoras choravam de emoção. A diretora Rubenita retomou a palavra no púlpito, fazendo cessar os aplausos.

— Creio que, assim como eu, nenhum membro do corpo docente estava preparado para o que aconteceu aqui. E devo dizer que foi um dos momentos mais bonitos que já presenciei entre os alunos nos meus quarenta anos de profissão.

— Tem certeza de que não foi mais? — Mima brincou baixinho enquanto nos dirigíamos aos nossos assentos de mãos dadas.

— Eu sei que vocês precisam ir para suas aulas, mas ainda há algo a ser feito. Karina Almeida, por favor.

A garota se dirigiu ao microfone. Como se estivesse ainda decidindo o que fazer, abriu a boca umas duas vezes, então disse:

— Não tenho nada a declarar. — E caminhou para as escadas. Algumas vaias ecoaram pelo recinto.

— Silêncio! — a professora Sâmia pediu com duas palmas.

— Lamentamos muito por esta atitude. — a diretora disse e ajeitou os óculos. — O que irei declarar agora é para a advertência de todos, para que algo assim nunca mais se repita. Uma das bandeiras desta instituição é o combate à violência de qualquer espécie. Após uma denúncia e a análise de provas incontestáveis, os autores do vídeo em questão foram identificados. A sanção disciplinar para tal ato calunioso é a expulsão. Os responsáveis foram notificados e os alunos terão oportunidade de apresentar suas defesas. Isso é tudo, estão liberados.

Desordenadamente, os alunos começaram a se levantar e foram se aglomerando nas portas de saída. Deixamos a muvuca acabar para nos levantarmos, sendo praticamente os últimos a deixarem o auditório.

— Como assim, "provas incontestáveis"? — perguntei, andando no meio das minhas amigas.

— Bem, digamos que eu tive uma participação nisso — Dahlia subiu os ombros e sorriu de olhos fechados. — O que a Karina te disse naquele dia? Que iria te desmascarar na frente de todo mundo usando *seu truque contra você*, certo? Então... Ela só provou do próprio veneno.

Abri a boca, surpresa.

— Oh! Não brinca! Dahlia, você...

— Pois é. No banheiro, você nem sabia que estava sendo gravada, e no hospital, a Karina também não.

— Meu Deus, amiga, você é um gênio, sabia? — Enlacei meus braços em redor dela e a apertei. Ela riu, depois olhou para trás.

— Parece que alguém também quer um abraço. Vai fazer companhia para ele, se não ele pode ficar enciumado.

— Ai, Dahlia, sua boba. — Revirei os olhos, sorrindo.

— E fala para ele que eu trouxe aquela camiseta... para devolver. — Mima falou. Achei ter sentido uma pontada de tristeza em sua voz.

Assenti com a cabeça e voltei um pedaço do corredor para ficar ao lado de Hiero. Ele acompanhou meus movimentos com um olhar orgulhoso e um sorriso afável.

— Quem diria que tudo isso iria acontecer, né? Fiquei muito feliz, de verdade. Você foi ótima. Até me surpreendeu – positivamente, claro.

— Pois é... estou bem aliviada. E acho que criei coragem muito por sua causa. Fiquei ouvindo lá de cima: "Dá uma *pisa* neles, Bea! Vai pra cima!" — Imitei seu jeito de falar – sulista com uma pitada de sotaque nordestino – balançando um punho fechado no ar.

O rapaz riu gostoso, balançando os ombros. Depois, tirou a mão do casaco e a ofereceu a mim.

— Pensei que quisesse ser discreto na escola. — Dei um sorriso lisonjeado, entrelaçando meus dedos nos dele.

— *Hm-hm.* — Ele abanou levemente a cabeça. — Acho melhor mostrar logo que este cara aqui já está comprometido com essa garota incrível. E aí daquele que se atrever a magoá-la; vai se ver comigo.

Parei-o a poucos passos da porta de saída. Embora estivesse maravilhada com aquelas palavras, fingi severidade, soltando sua mão e cruzando os braços na altura do peito.

— Seu garoto levado. O que conversamos sobre brigas? Não quero que fique encrencado e nem machucado por minha causa.

Hiero certificou-se de que não havia mais ninguém no auditório, e, segurando meu rosto com ambas as mãos, pousou seus lábios nos meus.

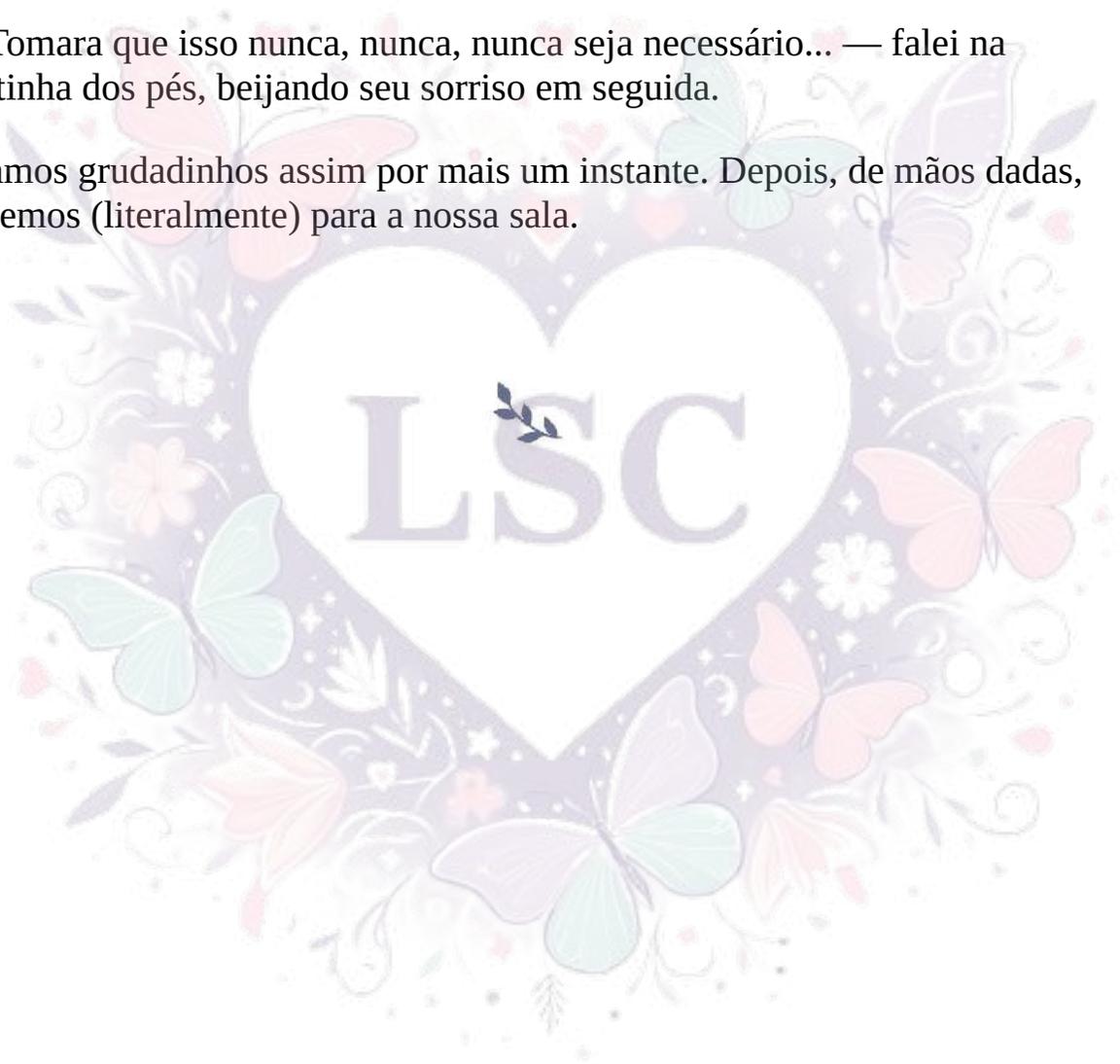
Então, olhando em meus olhos, disse:

— Eu não me importo. Se for por você, Bea, eu poderia até dar meu sangue se necessário.

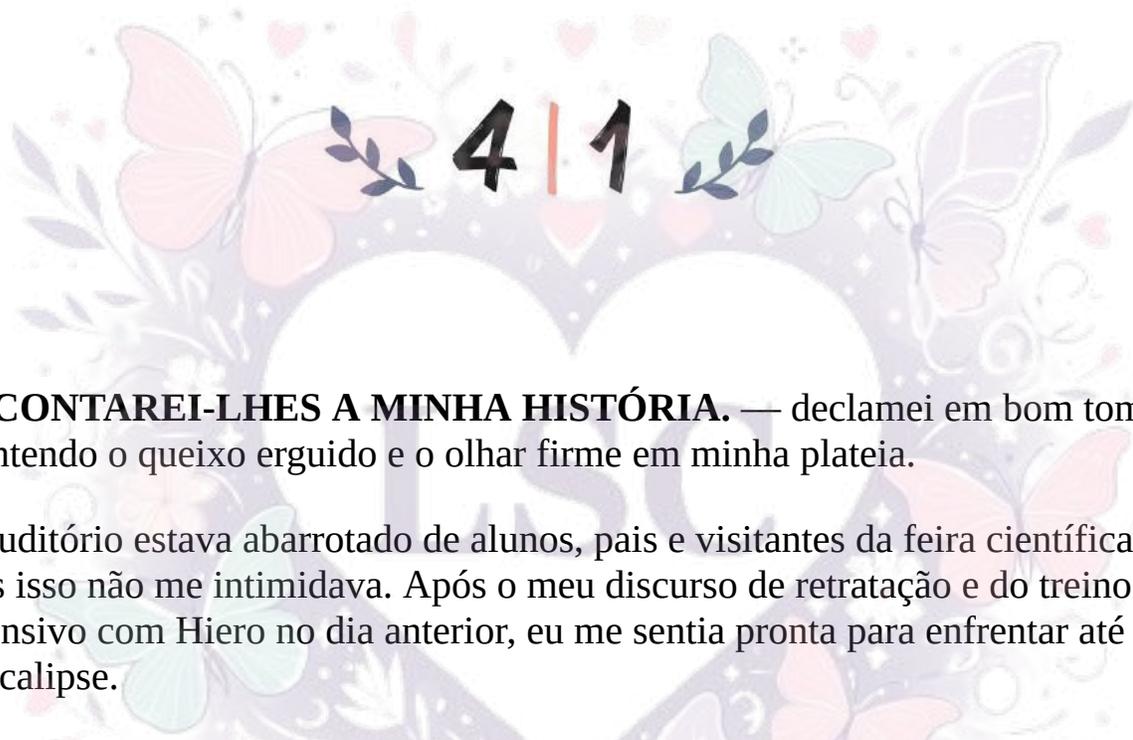
Descruzei os braços e os enrosquei em torno dos seus ombros largos. Ele me abraçou forte, apertando minhas costas e cintura contra si.

— Tomara que isso nunca, nunca, nunca seja necessário... — falei na pontinha dos pés, beijando seu sorriso em seguida.

Ficamos grudadinhos assim por mais um instante. Depois, de mãos dadas, corremos (literalmente) para a nossa sala.



41.



— **CONTAREI-LHES A MINHA HISTÓRIA.** — declamei em bom tom, mantendo o queixo erguido e o olhar firme em minha plateia.

O auditório estava abarrotado de alunos, pais e visitantes da feira científica, mas isso não me intimidava. Após o meu discurso de retratação e do treino intensivo com Hiero no dia anterior, eu me sentia pronta para enfrentar até o apocalipse.

— Meu nome é Hipátia e ensino em Alexandria. Sou filha do matemático Theon, último professor da Universidade de Alexandria. Por sua influência, aprofundei-me nos estudos da astronomia, religião, poesia, artes e ciências exatas, domínios tradicionalmente masculinos. Tive muitos pretendentes, mas rejeitei a todos porque meu casamento... é com *a verdade*. — Sorri triunfante. Em outra época, não teria conseguido pronunciar tão bem esta última linha. Antes, nos ensaios, ela sempre saía atravancada; agora, escorregava dos meus lábios como gotas de orvalho em folhas verdes.

A peça foi o maior sucesso. Bem, tirando uma microfonia aqui ou ali, tudo ocorreu conforme o planejado. A chuva de palmas enquanto o elenco se curvava ao fim de cada apresentação provaram que todo nosso esforço valeu a pena.

Creio que muito do nosso êxito se deu pela direção de Luke – que, apesar de rígida, acendeu em nós um forte senso de responsabilidade e espírito de união.

No fim da desmontagem do palco, ele fez questão de nos reunir nos bastidores só para nos elogiar. Parecia até um pai babão.

— Parabéns por terem trabalhado tão duro. Acho que isso vale uma comemoração! — E não conseguiu continuar no meio de tantas vozes animadas, batidas de mãos em objetos e assovios da galera. — Calma, calma, gente. Não amanhã, mas no outro sábado, depois das provas finais, dá pra todo mundo? Perfeito, então está marcado. Apareçam lá pelas sete na minha casa. Imagino que ainda se lembram onde é.

A galera vibrou novamente. Agora todos tinham uma motivação a mais para não ficarem de recuperação. Minha euforia, porém, tinha outro motivo secreto além da festa.

Como todo mundo começava a se dispersar, agarrei minhas coisas, dei um rápido tchau às minhas amigas e disparei para fora do auditório, puxando Hiero pela mão.

— Ei, Bea, vai devagar, ninguém está nos perseguindo. Aliás, como ainda tem tanta energia após *tantas* apresentações? — ele disse em tom descontraído, o que me fez diminuir um pouco a velocidade.

Tá bem, tá bem. Eu sei que nem voltar voando para casa, engolir o jantar como se a comida fosse desaparecer a qualquer instante ou conferir o relógio a cada vinte segundos iria fazer o tempo passar mais depressa – embora fosse esse o meu desejo. Nunca ficara tão ansiosa por um compromisso, nem mesmo quando inventei de aceitar aquele convite do Luke. Saber que teria Hiero todinho só para mim dali a algumas horas foi o combustível que me manteve faiscando durante as quatro apresentações, e o seria para mais dez, se existissem.

Após dormir e acordar milhares de vezes para conferir o despertador, finalmente os ponteiros marcaram oito da manhã de sábado.

Levantei da cama na pressa de um velocista e comi as bolachas que havia deixado na escrivaninha de antemão, reservando maior tempo para o meu preparo. Após o banho perfumado, arrumei o cabelo em uma trança embutida. Ao contrário da costumeira maquiagem pesada, fiz uma para apenas realçar meus traços e surpreendi-me com o resultado: parecia até mais bonita assim.

Dei uma voltinha em frente ao espelho. A blusa rosa-claro de mangas compridas era macia e fazia um belo par com a saia cinza cheia de pregas. Para espantar o frio, calcei uma meia-calça escura e uma botinha preta de cano curto. Sorri para mim mesma, satisfeita. Peguei a mochila e descii as escadas aos saltinhos, indo direto para a cozinha.

— Estou indo agora, mãe. — falei ao lado dela, minha voz competindo com a de Karen Carpenter no *CD player*.

Mamãe não conseguiu retribuir o abraço por estar com as mãos enfiadas na água espumosa da pia, mas inclinou um pouco a cabeça, tocando-a na minha.

— Está tão linda. Vá com Deus, filha. Juízo! Confiamos em vocês.

— Obrigada. — Dei-lhe um beijinho na bochecha e segui animada para a sala.

Quando me viu chegando, Hiero se levantou do sofá num impulso que quase o fez tropeçar no tapete. Poderia ter rido, mas acabei paralisando ao vê-lo tão arrumado e bonito. Ele vestia uma cacharrel escura meio justa no corpo e calça de alfaiataria preta. O par de tênis branco combinava perfeitamente. Eu adorava como ele conseguia ficar tão elegante com roupas relativamente simples.

— Bom dia... — falamos quase ao mesmo tempo e sorrimos.

Ele cruzou o cômodo, parando a uma distância mínima de mim. Por um momento, achei que me beijaria, mas na verdade, ele foi retirar a mochila das minhas costas para carregá-la. Apesar de não dizer uma palavra sobre

minha aparência, seus olhos cintilavam e quase não se desgrudavam de mim.

— Para onde vamos? — perguntei enquanto descíamos a ladeira de mãos entrelaçadas, nossos sapatos produzindo barulhos abafados contra o concreto.

Hiero encheu os pulmões e abriu a boca. Ficou assim por uns segundos até finalmente expirar, os ombros descendo um pouco.

— Queria ter preparado tudo nos mínimos detalhes, mas a verdade é que não conheço tão bem a cidade. Cinema, Ibirapuera, parque de diversões, tudo isso nós já fizemos e acabei ficando sem ideias... — Ele apertou um olho. — É difícil, já que é a primeira vez para mim. Não sei bem o que as pessoas costumam fazer em encontros – e Bruno também não me foi de grande ajuda. Talvez você possa sugerir algo...?

— Ah, acho que é só... espera. *Primeira vez?* Quer dizer que você nunca... namorou antes?

— Bem... não. — ele respondeu, virando o olhar para outra direção.

Meus olhos se arredondaram e abri a boca em uma expressão jocosa.

— O quê? Que foi?

— Nada, só imaginei que... ah, sei lá, você é bem popular na escola, não é possível que não fizesse sucesso entre as garotas lá em Fortaleza.

Ele riu, revirando os olhos.

— Ai, Bea. Eu era muito mais retraído, sempre pregado em algum livro ou em atividades extras; namorar não estava na minha lista de prioridades. — E esfregou o queixo, inclinando ligeiramente a cabeça. — Bom, sim, algumas garotas até tentaram se aproximar, mas por que iria me envolver? Minha agenda era apertada, não tinha planos de ficar em Fortaleza, e nenhuma conseguiu despertar meu interesse. Elas nem chegavam aos pés de uma garota que havia conhecido...

— Oh! Deixe-me adivinhar: um primeiro amor não-correspondido?

— Digamos que sim. — Ele puxou a minha mão e a beijou. — Agora, não mais.

Sorri, sentindo minhas bochechas quentes. Antes que pudesse fazer mais perguntas, ele ergueu os olhos adiante e observou:

— Já estamos quase na estação. Alguma ideia?

— Sim, *ahmmm...* Ah. Você já foi à Liberdade alguma vez? É quase como conhecer outro país sem sair da cidade. É um bairro muito bonito, com arquitetura diferente. Você vai gostar, mas...

— Mas?

— É que eu tinha pensado em passarmos num lugar específico para... — Mordi os lábios, deixando-o no suspense.

— Para.....? — Hiero levantou as sobrancelhas. — Para o quê? Vamos, Bea, você está me deixando nervoso. — Ele fez um bico, o rosto ficando vermelhinho.

Suspirei, dando-me por vencida.

— Para comprar seu presente de aniversário. Já é agora, no dia 28, certo? Desculpe, eu sou péssima com surpresas. — Observei que sua expressão mudara para algo como "ah, era sobre isso", e então, ficou séria. Com os olhos baixos, eu diria que até triste. Franzi as sobrancelhas. — Ei, o que você estava pensando?

— N-nada. Vamos à Liberdade e depois a esse lugar, pode ser?

— Fala, vai, o que você pensou, *heeeeein?* — insisti em uma voz manhosa, apertando-me contra seu braço.

— J-já disse que nada...

Passei a provocá-lo, cutucando-o, mas ele se desviou e começou a fugir de mim. Seguimos assim, rindo e brincando até chegarmos nas escadas da estação.



Apesar de estarmos no meio do inverno, o sol daquela manhã nos envolvia com todo seu calor. Nossas mãos estavam um pouco úmidas enquanto passeávamos pelas ruas do famoso bairro japonês. Hiero tentava bloquear o excesso de luminosidade nos olhos usando a outra mão como escudo sobre a testa. Com a cabeça erguida e boca entreaberta, admirava os característicos postes vermelhos com luminárias pendentes, os ideogramas salpicados em letreiros e *banners*, os produtos exóticos das vitrines.

— Uau... Olha esse restaurante, que engraçado. Por que eles deixam a comida exposta assim? — Ele apontou para a fileira de diferentes pratos protegidos por um vidro.

— É pra mostrar o menu. Não se preocupe, é tudo plástico. — Ri da sua inocência. — Legal, né? Pelo menos dá pra saber a quantidade e os ingredientes que vêm em cada um.

Andamos mais um pouco junto aos vários pedestres, sempre apontando para tudo o que achávamos interessante. Logo já estávamos no Jardim Oriental – um pequeno oásis de águas plácidas e esverdeadas, cercado por bambus e pedras. Ouvindo a canção da pequena cachoeira e apreciando o nado sereno das carpas coloridas, parecia que estávamos entre as pinceladas de Monet.

Voltamos a andar, dessa vez, rumo à famigerada feirinha da Liberdade. O maravilhoso aroma de fritura impregnava o ar, e o burburinho da multidão reverberava entre as barraquinhas com toldos listrados de vermelho e branco.

Após observar bonsais, gatinhos da sorte, lanternas, sinos-dos-ventos e milhares de talismãs dourados, decidimos começar nossa exploração

gastronômica. Como queríamos experimentar de tudo um pouco, resolvemos pedir uma coisa de cada e repartir entre nós.

— Hum, prova isso. — Hiero estendeu-me uma espécie de massa assada em formato de peixinho (agora, coitado, sem a cabeça). — É muito bom, mas não consegui identificar o que é o recheio.

Dei uma mordida e arredondei os olhos.

— Bom mesmo, diferente. Pensei que era chocolate, mas não tem nada a ver. Oh, olha esse. — Levei meu espeto com docinhos redondos e glutinosos à boca dele. O rapaz puxou o primeiro e balançou a cabeça com entusiasmo, sorrindo com as bochechinhas protuberantes.

Comemos ainda bolinhos de polvo fritos, rolinho primavera, tempurá, panquecas com recheio de feijão doce, crepes, empanados de camarão e, claro, o pastel de feira. Apesar da minha muita insistência, Hiero não me deixou pagar por nada, alegando que minha mesada ainda estava congelada (o que era verdade), e que deveria gastar o dinheiro que mamãe me deu comigo mesma.

Foram tantas coisas diferentes que nem foi necessário almoçar, então decidimos dar o passeio pela Liberdade como finalizado e pegar logo o metrô para a nossa próxima parada.

— Uma joalheria? — Hiero perguntou com olhos arregalados para a vitrine cheia de objetos reluzentes. — Não, vamos a uma loja de departamentos, ou sei lá. Qualquer coisa aí deve custar uma fortuna.

Impedi sua fuga para outro corredor do shopping agarrando em seu braço. Essa loja em específico tinha sido sugestão de mamãe, por conta de uma promoção especial.

— Eu te disse, meus pais me deram um dinheiro especialmente para isso. É o seu presente de aniversário. — Fiz beicinho. — Por favor, aceita, vai.

— Mas eu não preciso de jóias. — Ele uniu as sobrancelhas, abanando a mão na direção da fachada suntuosa como se quisesse afastá-la.

— Não, mas reparei que você não tem um relógio de pulso. — Ergui os ombros. — Vamos entrar, se você não gostar de nenhum, a gente vai em outro lugar.

Hiero cruzou os braços, os olhos meio cerrados. Eu o sacudi de leve, fazendo charme, até que um leve sorriso foi aparecendo em seu rosto aos pouquinhos.

— Vou só *olhar*.

Eu sabia que, por trás daquela seriedade fingida, ele estava gostando de ser mimado.

Enquanto o simpático atendente mostrava ao rapaz os modelos disponíveis, eu passeava lentamente pela loja, encantada com a beleza do ouro lapidado e das pedras preciosas, as quais refletiam prismas coloridos. Através do balcão principal de vidro, deparei-me com conjuntos de alianças de casamento, anéis de compromisso e colares de casal. Senti uma leve efervescência na barriga e uma pontada no coração. Como se estivessem hipnotizados, meus olhos não paravam de alisar as peças.

— Bea. — Hiero tirou-me dos meus sonhos com um carinho em meu rosto. Encurvado sobre o balcão, exibiu um Orient analógico com pulseira em couro em seu pulso esquerdo. — O que você achou?

Minha boca se abriu em um enorme sorriso.

— Oh, é perfeito. Ele é a sua cara.

— E está numa ótima oferta.

— Então, é seu. — Dei-lhe um beijinho na bochecha e, em seguida, peguei minha carteira que estava na mochila que ele carregava, sorrindo para o chaveirinho de gatinho pendurado no zíper principal.

Após o pagamento (graças a Deus, dentro do orçamento), o atendente disse que iria preparar a garantia. Voltei a ficar distraída com as jóias das vitrines, esticando o pescoço para conseguir enxergar o preço debaixo das etiquetas

minúsculas. Credo, quase quinhentos reais por um par de brincos minúsculos? Aquelas gemas eram algum tipo de mineral raro de outro planeta, por acaso?

— Demorou muito? — Hiero surgiu atrás de mim, colocando uma sacolinha de papel na mochila.

— *Hm-hm*. Nem vi o tempo passar. Oh, deixe-me ver...

Ele colocou a mão no queixo em uma pose modelo-de-catálogo, deixando o relógio à mostra.

— Nossa, que estilo.

E eu que me cuide, completei em meus pensamentos.

— O que quer fazer agora? Quer jogar fliperama? Tomar um sorvete? Que tal se fôssemos no boliche? — perguntei, gesticulando para as direções das atrações. Ele, porém, foi perdendo o brilho tão logo saímos da loja. — E então...? — insisti, recebendo apenas silêncio em resposta. Meu sorriso começou a se desmanchar. O que aconteceu? Será que havia feito algo errado?

— Ali. — Ele me puxou em direção a uma cabine de fotografias instantâneas. — Vamos ali.

Meu coração ficou descompassado ao entrarmos no cubículo. O banco era tão apertado que Hiero precisou colocar um braço atrás de mim, a fim de ficarmos um pouco mais confortáveis. Ele fechou a cortina e, em seguida, segurou meu rosto.

— Desculpa, eu te assustei. É que queria encontrar um lugar reservado. Fiquei mesmo feliz com meu presente, apesar de que poderia ser qualquer coisa, e tudo o que eu queria era apenas beijar você, mas... — Ele fechou os olhos, tendo as bochechas como duas romãs.

Suspirei aliviada.

— Eu sei, também sou tímida em público... Fiquei me contendo o dia todo.
— sussurrei.

Hiero devolveu-me o olhar intenso. Sua respiração quente acariciou minha face e seus lábios envolveram os meus, tão ternos e macios quanto pétalas de rosas. Ele inclinou a cabeça e pressionou levemente a minha nuca, intensificando o beijo. Deixei minhas mãos percorrerem suas costas, pescoço e cabelos, cada contorno e textura causando-me leves arrepios.

Barulhos de passos e conversas do lado de fora da cabine fizeram-me abrir os olhos, e, meio relutante, afastei-me dos seus lábios.

— A-acho melhor irmos... — Apontei para os pares de pés por trás das cortinas.

— Espera. — Hiero rapidamente depositou uma nota na fenda da máquina e selecionou a opção das fotos. Fizemos careta para a câmera, rimos um da cara do outro e nos abraçamos carinhosamente. Por último, segurei o rosto dele com uma mão e beijei o cantinho do seu sorriso. As fotos ficaram perfeitas, apesar da nossa aparência: eu, com a trança desfeita, ele, com os cabelos desgrenhados, e os dois com as bocas borradas em um rosa-coral.

Pelo sorrisinho do casal que nos aguardava sair da cabine, aposto que adivinharam nosso segredo.

Paramos em uma pracinha no centro do shopping e sentamos na beirada amadeirada da fonte. Ela era grande e azulada como uma piscina oval, só que com jogo de luzes e água espirrando para cima.

Busquei um lençinho umedecido na mochila e, sem me importar para a curiosidade do pessoal ao redor, esfreguei na boca para tirar o batom. Fiz o mesmo com Hiero, tomando cuidado para não feri-lo. Depois, ajeitei meus cabelos em um rabo-de-cavalo.

— E agora, para onde vamos? — perguntei.

— Para um lugar não tão cheio de gente, talvez?

— Sim... também quero.

Não porque tivesse desistido do sorvete ou do boliche. É que, além dos meus pés doloridos, algumas garotas por ali me incomodavam. Foi assim desde a Liberdade, mas no shopping, *point* dos grupinhos de adolescentes, a coisa piorou. Primeiro, elas secavam Hiero da cabeça aos pés, e, em seguida, me encaravam como se eu fosse uma espécie de megera, ou bruxa má.

Eu sabia que não devia me abalar com isso, e que o julgamento dos outros não me definiam, porém, não deixava de ser chato.

O parquinho perto de casa foi a escolha perfeita. Ele estava vazio, pois era de se esperar que as crianças chegassem só depois da escola, e ainda faltava um tempo até às cinco da tarde.

— Quando eu era menor, meu sonho era balançar tão forte a ponto de conseguir fazer um *loop* completo. — falei, enquanto Hiero me empurrava no brinquedo.

— Então vamos realizá-lo agora! — Ele incrementou a força, fazendo-me ir bem alto.

— Arg! Nãoooo! Socorro. — Balancei as pernas. Ouvi sua gargalhada gostosa, e os impulsos continuaram. Eu tinha medo de pular, então apenas apertei os olhos e gritei: — Ah, Hiero, quando eu sair daqui, você vai ver só!

Finalmente, ele segurou o assento e me fez estacionar. Na mesma hora, abandonei o balanço e comecei a persegui-lo aos risos pelo parquinho.

— Seu doido! Queria me matar, é?

Consegui alcançá-lo na casinha elevada do *playground* de madeira. O rapaz estava meio encolhido por conta da altura do teto, mas conseguiu bloquear minhas investidas segurando em meus pulsos. Nessa brincadeira, acabamos perdendo o equilíbrio e caindo na plataforma. Devíamos estar que nem um polvo de quatro braços e quatro pernas.

— T-trégua. — sussurrei envergonhada, sentindo um pouco do peso dele sobre mim.

— Você fica tão linda quando está brava. — ele falou com um olhar travesso, apertando minha bochecha. Então, assim como eu, levantou o corpo e sentou-se. Curvando-se para frente e enlaçando minha cintura, puxou-me para si. Aninhei-me em seu tronco, dobrando e recolhendo as pernas para baixo.

Hiero me envolveu em seus braços, e seu perfume me cercou por todos os lados. Fechei os olhos e por alguns momentos, fiquei apenas sentindo o leve subir e descer do seu peito e o ressoar da sua respiração. Ele desmanchou meu rabo-de-cavalo e ficou penteando meus cabelos com os dedos. Seu rosto desceu até o meu, e com a pontinha do nariz e dos lábios, acariciou minhas feições, indo da testa até o meu pescoço. Nessa hora, subi os ombros num reflexo.

— Para, isso faz cócegas. Estou toda arrepiada.

— É mesmo, é? — Ele sorriu em provocação e repetiu o gesto.

— Achei que tínhamos dado uma trégua! — gritei, rindo. Balancei os ombros e tentei me apartar – sem sucesso, estava presa em sua armadilha. Porém, quando ele aproximou os lábios pela terceira vez, não foi para brincar. Meu coração começou a bater como um louco ao sentir um beijo quente e macio bem abaixo da minha orelha.

Oh, céus, aquele garoto sabia como mexer comigo. Quando nossos lábios se uniram, encontramos maneiras de expressar nossos corações de forma que nenhuma palavra do dicionário seria capaz. Entre pausas para sorrisos e murmúrios carinhosos, eu só pensava em como queria que Hiero estivesse em todos os meus capítulos que faltavam ser escritos pelo universo.

Não sei quanto tempo passamos juntos dessa forma, mas quando ouvimos o som cada vez mais alto de risos agudos e solados batendo rápidos no asfalto, decidimos que era hora de deixar as crianças aproveitarem o *playground*. E, infelizmente, era hora de voltar para casa.

Hiero mantinha o braço em minhas costas enquanto descíamos a rua banhada por um alaranjado brilhante do entardecer. Em poucos metros, já estaríamos na frente do portão, por isso, começamos a andar cada vez mais devagar.

— É uma pena. — Ele apertou os lábios. — Não queria que este dia acabasse.

— Também não... Foi um dos melhores que já tive.

— Sabe o que teria sido bom? Se tivéssemos ido tomar sorvete na Sorveteria do Tio Joca.

— Oh! Verdade... Nem pra gente ir agora. — Tirei o celular do bolso da saia e conferi de novo a mensagem. — O problema é que mamãe escreveu que precisava de ajuda para o jantar. Mas não se preocupe, a gente pode ir depois, e vai até ser melhor, porque estaremos de férias. Ah, podíamos ir no seu aniversário, que tal? Ou até antes, já que ele vai cair numa quarta e teremos todos os dias livres...

— Bea.

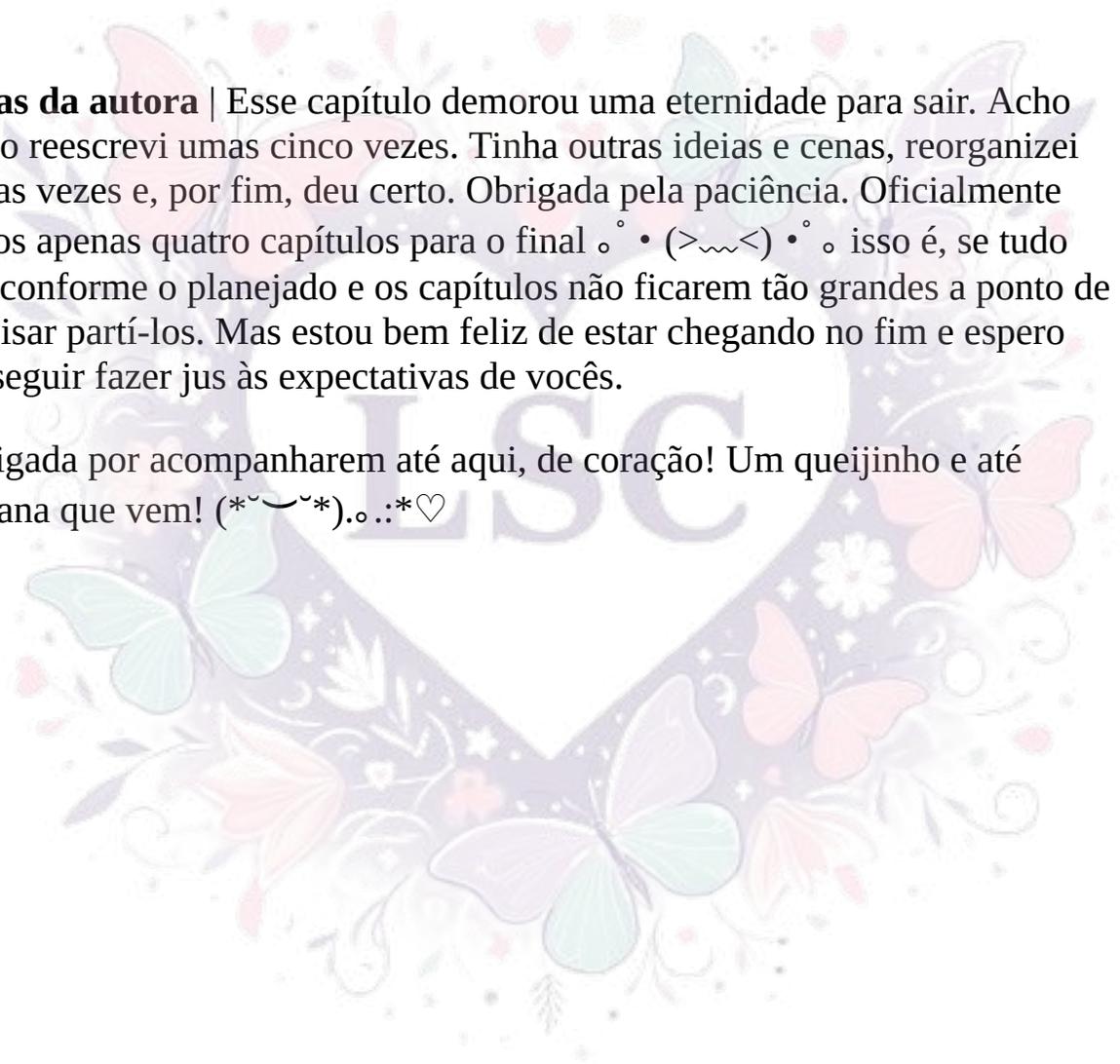
Reparei que havíamos chegado na frente do portão. Hiero tocou o metal pintado de verde e sua expressão mudou drasticamente. Com os olhos taciturnos e os cantos da boca ligeiramente caídos, disse:

— Nenhum desses dias vai dar. Estou com a viagem marcada. Bea... eu vou embora no próximo final de semana.

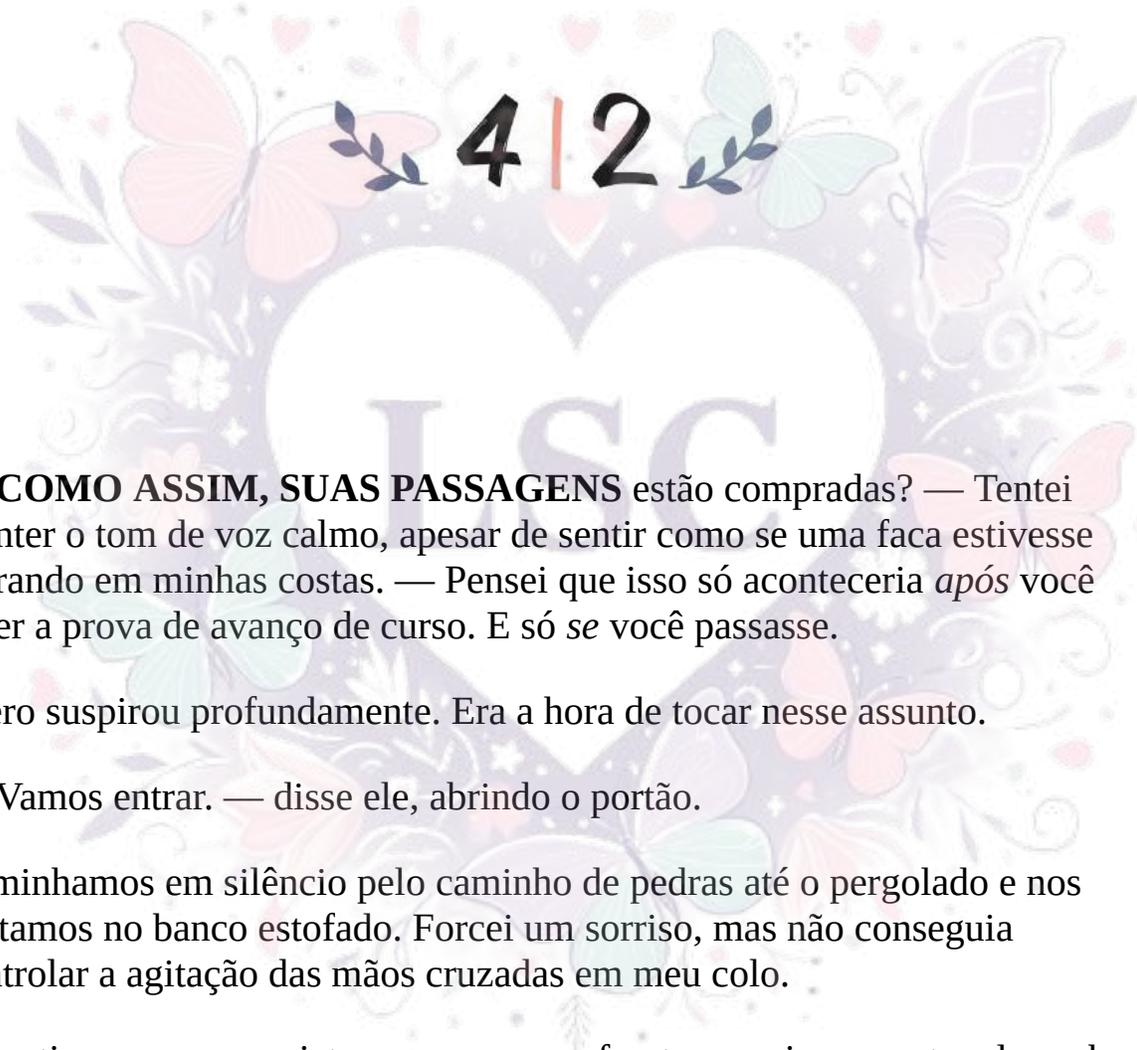


Notas da autora | Esse capítulo demorou uma eternidade para sair. Acho que o reescrevi umas cinco vezes. Tinha outras ideias e cenas, reorganizei várias vezes e, por fim, deu certo. Obrigada pela paciência. Oficialmente temos apenas quatro capítulos para o final ◦ • (>_<) • ◦ isso é, se tudo sair conforme o planejado e os capítulos não ficarem tão grandes a ponto de precisar partí-los. Mas estou bem feliz de estar chegando no fim e espero conseguir fazer jus às expectativas de vocês.

Obrigada por acompanharem até aqui, de coração! Um queijinho e até semana que vem! (*~*~*).◦.:*♡



42.



— **COMO ASSIM, SUAS PASSAGENS** estão compradas? — Tentei manter o tom de voz calmo, apesar de sentir como se uma faca estivesse entrando em minhas costas. — Pensei que isso só aconteceria *após* você fazer a prova de avanço de curso. E só *se* você passasse.

Hiero suspirou profundamente. Era a hora de tocar nesse assunto.

— Vamos entrar. — disse ele, abrindo o portão.

Caminhamos em silêncio pelo caminho de pedras até o pergolado e nos sentamos no banco estofado. Forcei um sorriso, mas não conseguia controlar a agitação das mãos cruzadas em meu colo.

Pensativo, o rapaz projetou o corpo para frente e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. A luz fraca do crepúsculo conferia ao seu cabelo tons amendoados, os quais caíam e paravam um pouco acima dos seus olhos um tanto nublados.

— Eu sei, Bea. Também pensei que seria assim, mas eles estão *tão* confiantes da minha aprovação que já providenciaram tudo de antemão.

Passagens, documentos, papelada, tudo mesmo. Meu padrasto me inscreveu na Universidade de Michigan e faltam apenas duas etapas para a minha admissão: o diploma de ensino médio e o teste de proficiência de inglês. O tabuleiro está todo montado para mim. Melhor dizendo... sempre esteve.

— Desde quando? — perguntei com dificuldade, minha voz parecendo um bagaço.

— Desde... — Ele umedeceu os lábios, hesitando. — Desde a minha chegada. Desde Fortaleza.

Fechei os olhos.

— E quantos anos é o seu curso?

— Quatro anos, no mínimo, mas se precisar arrastar a grade, pode durar até seis.

— Oh, meu Deus... — Massageei as têmporas e apertei o rosto com ambas as mãos em seguida.

— Bea...

Hiero tomou uma das minhas mãos com delicadeza. Seu olhar triste e desesperançado enfraqueceu a barreira que mantinha minhas lágrimas presas.

— E depois que você se formar? — Pisquei, tentando fazê-las voltar. — Planeja voltar? Ou vai continuar morando nos Estados Unidos?

— Meus pais não investiriam em meu futuro sem pensar no retorno. Eles querem que eu ajude a gerir os negócios de meu padrasto lá no Rio Grande do Sul. Mas há uma forte possibilidade de expandir para o exterior, e se isso acontecer, eles contam com a minha ajuda. Então... talvez eu acabe não voltando mais para o Brasil.

O quê... ? Disso eu não sabia! E eu? Onde eu entro nessa história? Vários questionamentos rodavam em minha mente como um ventilador enferrujado, mas não conseguiam passar pela minha boca. Estava com

medo. No fundo, eu já sabia a resposta. Nesse brilhante futuro previamente arquitetado pela família dele, não havia espaço para mim. E, se Hiero tentasse me levar na bagagem, ela ficaria pesada demais e acabaria se tornando um estorvo.

Desvencilhei-me do seu toque, cruzando os braços. Dei um sorriso torto.

— E agora? — Balancei a cabeça com os olhos no céu, sentindo as gotas pesando em minhas pálpebras. — Você mesmo disse antes, não foi? Pra quê dar esperanças se não pretende ficar. Mas por que fez isso comigo?

— Você é diferente. — ele sussurrou, abraçando-me por trás e colando o rosto em meus cabelos. Permaneci imóvel. — Esperei muito por você. Eu queria *muito* isso, e mesmo que eu vá não significa que precisa acabar.

Abaixei o rosto, os lábios apertados. Só de pensar em namoro à distância, ficava deprimida. Não havia forma pior de tortura para dois corações apaixonados.

— Não fique assim, Bea, não é o fim do mundo. Podemos manter o contato e posso vir aqui nas férias...

— Que são em épocas diferentes do Brasil — observei com desgosto. — E seus pais não vão querer dividir você em épocas importantes, como Natal e ano novo. Vai ser complicado.

Ele deixou o braço cair atrás de mim, suspirando novamente.

— Bea, não dificulte as coisas. Está sendo horrível pra mim também. Não acha que estou com o coração partido? Eu sei que você está chateada, mas não precisa agir dessa forma. — Ele falava como alguém querendo aplacar uma criança mimada.

— É que... É que não é justo! — choraminguei, descarregando minha frustração. — Hiero, você não pode dar um presente valioso a alguém e depois pedir de volta. Se era para ser assim, seria melhor se nem tivéssemos tido nada. — falei a última parte baixinho, mas ele ouviu e olhou-me incrédulo.

— Para, Bea. Parece que quer me magoar, mas não fui *eu* quem planejou isso, não tenho escolha. — Ele passou a mão entre os cabelos, bagunçando-os. — E pra ser sincero, você *sabia* desde o início que eu iria embora. Não é como se eu fosse morar aqui o resto da vida. Sempre falei da prova, de estudar fora, e mesmo assim você correspondeu aos meus sentimentos, não foi? Pare de me fazer de canalha, como se tivesse roubado seu coração para depois jogá-lo fora!

Estava tudo errado. Não deveríamos discutir, não após o nosso primeiro encontro, não após horas tão agradáveis, não após promessas doces e silenciosas, as quais agora me pareciam mais como cascas vazias.

E, especialmente, não antes da semana de provas.

Virei o rosto, deixando as lágrimas fluírem. Hiero abraçou-me novamente, dessa vez acomodando a minha cabeça em seu ombro.

— Desculpa. Não deveria ter sido tão duro. Me perdoa.

Deslizando a mão em minhas costas, ele tentou me consolar. Eu o agarrei com força, também me desculpando. Sua respiração parecia densa, embargada, e o seu peito tremia. Ao perceber seu sofrimento, aquela faca parecia entrar ainda mais fundo.

Ficamos assim por longos minutos, até nossos soluços diminuírem.

— E... e se você não passar na prova? — perguntei baixinho, com o rosto ainda escondido em seu pescoço.

— Não sei. Ninguém cogita essa possibilidade.

Nem ele, pelo visto.



Preparar-me para as provas finais foi uma espécie de martírio. Por motivos óbvios, nós dois estudamos separadamente. No entanto, para mim, não adiantou de quase nada. Pegava-me olhando o vazio, lembrando da nossa conversa, pensando aflita no futuro. Então, voltava aos parágrafos e cálculos, escrevia um pouco, e daí me distraía de novo...

A minha única esperança de salvação de uma bela дума bomba repousava no conhecimento adquirido através daqueles benditos seminários.

No domingo, eu e Hiero nos vimos apenas durante as refeições. Apesar de sorrirmos e nos tratarmos cordialmente, eu sentia que aquele frescor mágico do sábado havia sumido, dando lugar a uma névoa baixa, sutil – a qual aumentava um pouquinho mais após cada dia de prova, especialmente após as voltas do colégio. No trajeto, nossas mãos não mais namoravam, antes, ficavam ocupadas com algum livro ou anotação.

Deu quinta-feira e eu já estava uma pilha. No intervalo, não conseguia nem sentir o sabor do meu lanche. Na beira de um surto, resolvi desabafar com minhas amigas, e assim, como se houvesse uma válvula de escape em minha cabeça, eu me senti um pouco aliviada da pressão.

— Eu acho que você está fazendo uma tempestade em copo d'água. Hoje em dia não é assim tão difícil manter um namoro à distância, ainda mais se vocês têm certeza que se amam. — Dahlia disse em tom de consolo, aproximando-se mais de mim na arquibancada de concreto do ginásio.

— Não é como no século passado, claro, mas ainda é difícil, tá? — repliquei com a voz entalada. — Vou levar meus pais à falência se quiser fazer uma ligação internacional, e por mensagem não dá pra contar nada. Cartas levam séculos para chegar. O único jeito seria mandar *e-mails*, mas não tenho um computador pessoal. Usar o do Bruno ou os da escola está fora de cogitação. Já pensou se, de alguma forma, nossos *e-mails* acabarem vazados? Eu vou morrer de vergonha. Nem pra ter uma função assim nessa droga de celular.

Dahlia deu tapinhas em minhas costas e sorriu do meu beicinho dramático.

— Quem quer dá um jeito, e estamos aqui para ajudar. Você disse que o Hiero gosta de você desde os *doze anos*, e não namorou ninguém até te reencontrar. O que mudaria, ainda mais agora que vocês estão juntos?

— Juntos por menos de *duas semanas*, Dahlia, a mesma duração de algum acampamento de verão. Será que é o suficiente para aguentar a distância por tanto tempo? E se... E se ele se encantar por outra garota? — Só de pensar na possibilidade, sentia vontade de chorar. — As americanas são lindas, e se as faculdades forem como nos filmes, ele vai estar num paraíso de tentações! — Puxei meus cabelos para baixo em direções opostas, esperando. — As meninas daqui já olham pra ele como se quisessem comê-lo vivo, imagina lá!

— Bea, você tem uma autoconfiança tão baixa assim? Se fosse questão de beleza, ele já teria ficado com outras garotas antes, pode apostar. Nenhum rapaz na flor da idade recusa oferta se não tiver um propósito maior, uma decisão firme. Um compromisso forte.

— Ele não me pediu em namoro. — gemi, dando minha cartada final.

Dahlia apertou um canto da boca, olhando-me estreito.

— E precisa? Se ele pediu a seus pais, então é oficial, não é? Bea, acha mesmo que o Hiero é do tipo que apenas *se diverte* e vai embora? Você o conhece mais do que a gente e, mesmo assim, é *essa* a confiança que tem nele?

Elevei as pernas para a altura dos joelhos e os abracei, sentindo o coração bater forte e o rosto arder como se tivesse levado um tapa.

— Ei, eu existo, sabiam? — Do meu outro lado, Mima amassou um saquinho de biscoitos caseiros. — Olha, Bea, se não quer mais o Hiero, tem uma fila *enooorme* atrás de você.

— Fica quieta, Mima, isso não ajuda em nada. — Dahlia ralhou. — E nem vem com essa de fila, eu sei que você ficou caidinha pelo Bruno, viu?

— O quê? — Exclamei, olhando para Mima, a qual escondeu o rosto com uma mão. — Isso é sério?!

— Parece que ela não consegue se controlar quando vê um cara muito gato.
— Dahlia revirou os olhos.

— Meu irmão é "gato"? — Fiz uma careta, arregalando os olhos para as duas, não sabendo com qual revelação eu me assustava mais.

— Para, Dahlia! O Bruno é muito irritante, isso sim.

— *Irritantemente* bonito, você quis dizer. — Dahlia deu-lhe a língua.

Mima chacoalhou o braço em minha frente na esperança de atingir Dahlia. A garota negra se esquivou das investidas, rindo e continuando a provocá-la.

— Espera, espera! — gritei, separando as duas. — Que negócio é esse? Eu não acredito, Mima, o Bruno? Aquele mala? Ah, não, por favor, não vá persegui-lo como fez com Hiero.

— Não se preocupe, já aprendi minha lição. Não quero mais saber de romance, por enquanto. — ela retrucou, cruzando os braços. — Mas não estamos aqui pra falar de mim, vamos voltar ao que interessa. O que eu quis dizer antes foi: não vai ser pior se você deixar o caminho livre? Se você largar o Hiero, Bea, outra garota não vai pensar duas vezes em agarrá-lo e ficar com ele para sempre. É isso o que você quer?

Arqueei as sobrancelhas, pensando naquelas palavras. *Pior?* Mas... Pior para *quem*? E o melhor...? Em quem eu estava pensando mais, em mim ou nele?

Se eu o amava, o que deveria fazer?

Mais tarde, no metrô, fiquei observando Hiero sentado ao meu lado. Com a cabeça descansada sobre os braços cruzados na mochila em seu colo, os olhos fechados e a respiração pesada, ele parecia mesmo exausto. Também... Mal dormiu nos últimos dias. Às vezes, quando eu descia para

tomar água no meio da noite, via uma luz fraquinha saindo pela fresta da porta do quarto dele e o imaginava debruçado sobre a mesinha, estudando.

Estendi os dedos, desejando sentir seu cabelo escuro e sedoso, acariciar seu rosto corado. Porém, fiquei com medo de que, ao mero toque, ele fosse se desmanchar igual a uma escultura de areia. Recolhi a mão e olhei para a escuridão do túnel através da janela. Lembrei-me das palavras em seu diário: *"Pena que durou tão pouco. Parece que toda a felicidade que tenho em minha vida curta e miserável vida vem de uma só vez e logo acaba. Igual a um enorme algodão doce, que tão logo coloco na boca, se dissolve."*

A faca entrou mais fundo.

Ao sairmos da estação e nos dirigirmos para as ruas perto de casa, Hiero começou a caminhar mais devagar e devagar, até que parou.

— A prova de avanço é amanhã à tarde. — ele disse numa voz fraca.

— Eu sei.

— Bea, precisamos conversar sobre nós.

Passei um tempo calada, fitando o chão, sentindo o vento gelado da tarde bagunçar os meus cabelos, ouvindo o barulho das árvores dançando. Hiero esperou pacientemente. Quando olhei para ele, achei estranho suas bochechas estarem tão avermelhadas. Suor escorria de suas têmporas e parecia que ele mal estava se aguentando em pé.

— Você está bem? — Sobressaltei-me, colocando as mãos em cada lado do seu rosto. Meu coração bateu agitado. — Meu Deus, Hiero. Está ardendo de febre. Vamos rápido, você precisa descansar.

Ele me impediu, segurando meus braços.

— Vamos conversar... sobre o que fazer.

— Não, vamos para casa primeiro. Sua saúde é mais importante. Vem, deixa eu carregar a sua mochila.

O rapaz relutou. Encarei-o com olhos suplicantes.

— Por favor, Hiero. Depois conversamos sobre isso, prometo.

Por fim, ele cedeu. Coloquei sua mochila virada para frente e o conduzi pela mão o resto do caminho.

Chegando em casa, imitei minha mãe, repetindo as mesmas coisas que ela me recomendava quando eu tinha febre: tomar um banho gelado e descansar.

— E nada de livros. — falei, entregando-lhe a mochila antes que ele entrasse em seu quarto. — Se eu voltar aqui e pegar você estudando, vou ficar brava.

Ele deu um sorriso fraco, de olhos fechados, como se dissesse que não era para me preocupar. Mas isso era impossível. Já familiarizada com o procedimento, procurei dipirona no armário de remédios, um termômetro e toalhinhas para compressa fria. Não queria tirar a mamãe de sua costura, então decidi preparar um mingau por mim mesma, tentando adivinhar quais ingredientes usar. Eu deveria saber, de tantas vezes que tive de tomar aquela gosma bege.

Bruno entrou na cozinha e procurou algo no armário de quitutes próximo ao fogão. Ele sempre parecia uma draga de lanches quando chegava da faculdade.

— O Mikhel acabou de me contar que Hiero está doente. Estranho né? Acho que é a primeira vez que ele adoece. — Ele achou um pacote de bolachas pelo meio, depois espiou por cima do meu ombro. — Oh, mingau? *Hmmm*, cuidando bem do *maridinho* dela, que gracinha. — Ele fez voz de neném, me provocando.

— Ah, Bruno, não enche! — gritei, o calor do fogo fazendo minhas bochechas queimarem ainda mais. — É por isso que você não tem namorada, nem sei como a Mima gostou de vo...

Engoli as palavras, mas não muito a tempo. Bruno deixou cair a bolacha que pendia da sua boca na bancada de granito e olhou-me com os olhos do tamanho de dois pires.

— O-o-o quê? — Ele começou a ficar corado.

— Nada, esquece!

— Fala... E-ela gostou de mim?

— Esqueceeee. — falei, entre dentes. — E limpa isso! Credo, que nojo.

— N-nojo é isso borbulhando na panela. Tem certeza de que fez certo? Parece lavagem de porco. — Ele retrucou, agitado, sorrindo e gesticulando muito.

— Para, nem tá assim. Fazer mingau é tão fácil que até um *orangotango* poderia fazer de olhos vendados. Basta colocar água, aveia, açúcar, canela... sal... trigo? Ou farinha? Não sei, então pus os dois.

Peguei um pouco com uma colher, assoprei e ofereci para ele.

— Não, obrigado. — Ele franziu o nariz. — E é melhor não dar isso para o Hiero, se quiser que ele viva.

— Idiota. — resmunguei e coloquei a colher na boca. Imediatamente cuspi aquilo na minha mão. Eca! Que salgado! E quanta canela!

Bruno desatou a gargalhar como um tonto. Ameacei de jogar o cuspe nele.

Entornei o mingau no lixo, emburrada. Pelo visto, eu era pior que um orangotango de olhos vendados. Nunca havia me sentido frustrada por não saber cozinhar até entender, naquele momento, a importância de alimentar e fortalecer quem nós amamos.

Acabou que mamãe quem fez o mingau. Coloquei duas conchas em uma tigela e a levei em uma bandeja para o quarto de Hiero. Mikhel fez o favor de abrir a porta, e, em seguida, sentou-se no chão do outro lado da sua cama, ficando um pouco escondido pelo móvel, e voltou a brincar com seu

Game Boy. Não soube dizer se ele fez isso para nos dar impressão de privacidade ou simplesmente conseguir se concentrar melhor nos joguinhos. Talvez, os dois.

Coloquei a bandeja em cima da mesinha de cabeceira e ajoelhei-me ao lado da cama de Hiero. Ele estava deitado de lado, encolhido, e só um pouco do seu cabelo era visível, as mechas saindo debaixo do edredom e contrastando com o branco do travesseiro.

Devagar, tirei o tecido grosso de cima do seu rosto. Ao contrário do que pensei, ele não estava dormindo. Seus olhos estavam abertos, porém, mantiam-se baixos, pensativos, e pestanejavam pesarosamente. Afastei as mechas grudadas em sua testa e refresquei seu rosto usando uma toalhinha úmida.

Percebi que tipo de febre era aquela. Era emocional. Eu costumava ficar assim quando havia chegado no meu limite de estresse e ansiedade.

Deixei a toalhinha de lado e, usando o braço como descanso, deitei minha cabeça sobre a borda da cama, meu nariz quase encostando no dele. Fiquei roçando os dedos em seu rosto febril, contornando suas feições tão queridas.

— Eu vou me rebelar. Vou pegar você e fugir pra bem longe. — ele sussurrou após longos minutos em silêncio.

— Podemos virar *hippies*, vender artesanato na praia e viver da natureza. — brinquei, acariciando suas sardinhas adoráveis.

Finalmente ele olhou para mim e riu baixinho.

— Mas agora falando sério, Bea... acho que não vou fazer a prova. Ou vou errar tudo de propósito.

— Hã? — Endireitei a cabeça. — Mas... e todo seu esforço durante esse semestre? Não, durante *anos*. Você passou anos vivendo em função dos estudos, tudo por essa prova. E veio pra cá pra isso. Fora o dinheirão que sua mãe deve ter gastado, e...

— Eu sei. Eu sei de tudo isso. — Ele me interrompeu, voltando a olhar para baixo. — Mas não quero ir embora. Esses últimos dias foram como um sonho, e não quero despertar para descobrir que você não está lá. — Sua mão surgiu do cobertor e tocou meu rosto suavemente. — Quero ainda te ver pela manhã, ir e voltar do colégio de mãos dadas, conversar, mesmo que sejam bobagens. Quero rir e chorar com você, ser seu refúgio durante as tempestades. — Ele enxugou minhas lágrimas com os dedos. — Eu aguentei quatro anos, mas não quero passar por isso de novo. Acredita que quase morro de saudades todas as noites? E olha que seu quarto fica a menos de dez metros do meu.

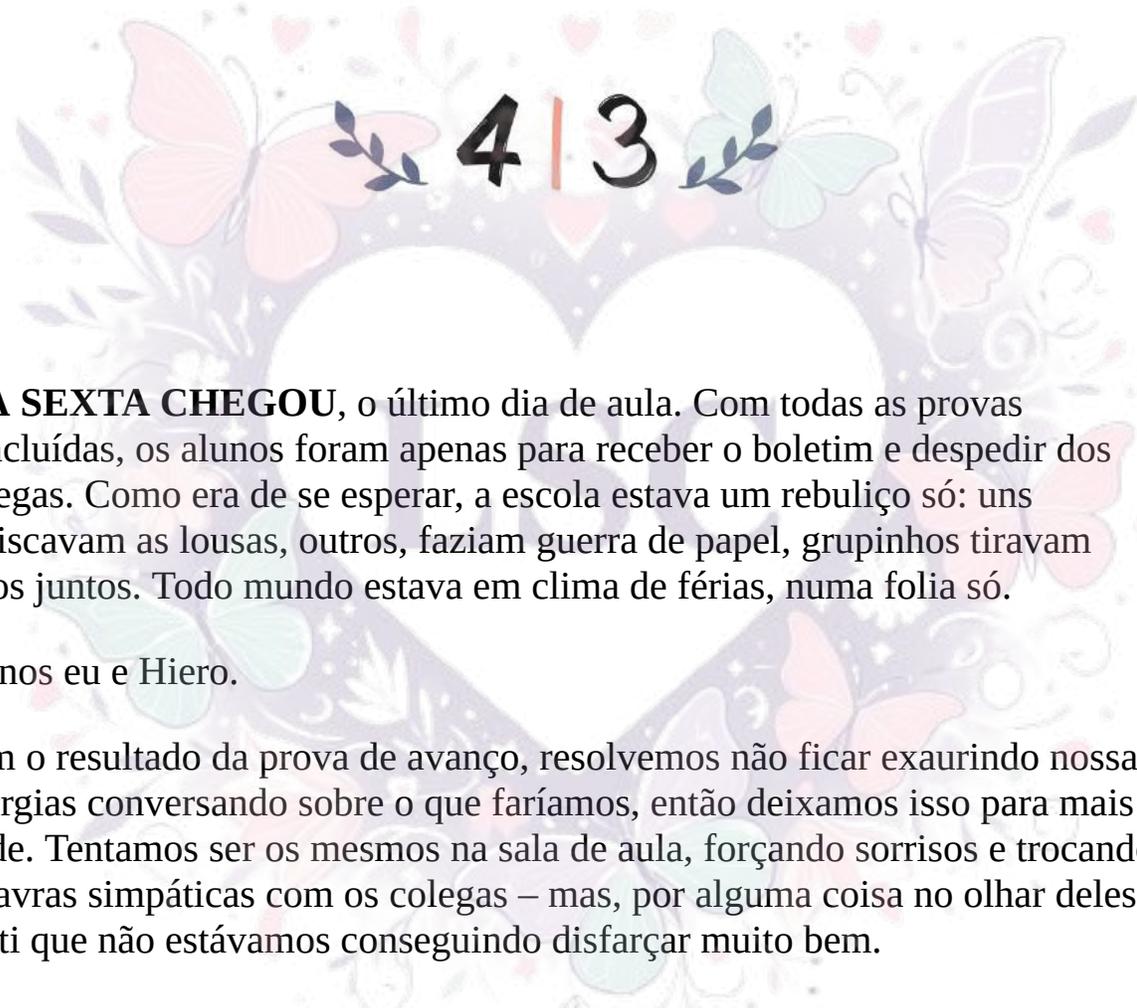
Um riso interrompeu meu choro, desaparecendo logo em seguida. Fiquei momentos presa nos azuis dos seus olhos – um oceano de bondade, carinho e paixão, mas também de incerteza e pesar.

— Nem sempre podemos ter tudo o que queremos. — sussurrei, a amargura manchando meu tom de voz. — Odiava quando mamãe falava isso. Mas acho que sei o que ela queria dizer. Existem situações que temos de enfrentar e não podemos simplesmente fugir... Responsabilidades que exigem certos sacrifícios.

Hiero compreendeu. Sua mão foi deslizando do meu rosto e voltou para dentro do seu casulo. Ele fechou os olhos e virou o rosto para o travesseiro, fazendo a pequena lagoa escorrer por seu nariz e molhar a fronha.

Continua...

43.

A decorative graphic featuring a large, stylized number '4|3' in the center. The number is surrounded by various butterflies in shades of pink, purple, and green, along with floral and leaf motifs. The background is a light, textured pattern.

E A SEXTA CHEGOU, o último dia de aula. Com todas as provas concluídas, os alunos foram apenas para receber o boletim e despedir dos colegas. Como era de se esperar, a escola estava um rebuliço só: uns rabiscavam as lousas, outros, faziam guerra de papel, grupinhos tiravam fotos juntos. Todo mundo estava em clima de férias, numa folia só.

Menos eu e Hiero.

Sem o resultado da prova de avanço, resolvemos não ficar exaurindo nossas energias conversando sobre o que faríamos, então deixamos isso para mais tarde. Tentamos ser os mesmos na sala de aula, forçando sorrisos e trocando palavras simpáticas com os colegas – mas, por alguma coisa no olhar deles, senti que não estávamos conseguindo disfarçar muito bem.

— Oh! Então o Hiero vai mesmo para os Estados Unidos?! — Ouvi Tadeu exclamar atrás de nós. Virei-me justo a tempo de pegar Dahlia tentando tapar a boca dele.

— Pelo amor de Deus, seja discreto, garoto! — Mima chutou a perna da cadeira do irmão e dirigiu um sorriso amarelo para mim. Estreitei os olhos como se dissesse: "Não acredito que vocês estão de fuxiquinho por aí!"

Acontece que não foi só eu quem ouviu. Conversas cessaram, cabeças viraram em nossa direção e aí já era. Em poucos segundos, eu e Hiero estávamos no meio de um círculo de investigadores ávidos por uma fofoca.

— É sério? O que você vai fazer por lá? Onde vai morar? É verdade que vai largar a escola e seguir carreira de modelo? — falavam todos ao mesmo tempo. Hiero franziu as sobrancelhas e encurvou os lábios para cima numa expressão que mais parecia um pedido de socorro. Segurei-me para não rir, mas a vontade diminuiu à medida que lembrava que algo idêntico havia acontecido com ele no primeiro dia de aula.

— Gente. Gente. — Uma voz sobressaiu sobre as outras. — Vocês não percebem que estão sufocando o cara? — O pessoal foi dando espaço para Luke passar. Este se colocou entre mim e Hiero, e, agindo como se fosse o assessor do amigo, continuou: — Agora não dá pra responder todo mundo, pois ele ainda tem uma prova pra fazer mais tarde e precisa estar com a cabeça fria.

Hiero concordou com um sorriso aliviado – algo meio precipitado, pois logo Luke emendou:

— É por isso que ele vai responder essas questões e muito mais na festa de amanhã! E levem ovos, como daqui a poucos dias é o aniversário dele, a gente vai comemorar em grande estilo.

— Ei! — Hiero gritou em desagrado, enquanto o pessoal ria.

— Para, Luke, ninguém vai jogar ovos em ninguém! — ralhei em tom de brincadeira, dando um tapa no braço do loiro. Ele massageou o local, sorrindo para mim.

As horas voaram e o sinal tocou. Não havia razão para despedidas chorosas, já que todos iriam se ver no outro dia. Os abraços das minhas amigas foram mais para meu conforto. Hiero também recebeu algumas palavras de apoio da turma. Enquanto ele se ocupava com a atenção dos demais, Luke se aproximou de mim e disse baixinho em minha orelha:

— Não se preocupe, Bea. Tudo vai dar certo a seu tempo. Sabe, nada deixa um rapaz mais derrotado do que ver sua amada triste. *Ahm*, digo, a *namorada* triste. — ele se corrigiu e apontou Hiero com a cabeça. — Você é forte, eu sei disso. Ânimo, tá?

Forcei os cantos da boca para cima e agradei a preocupação. Em seguida, o loiro passou por entre os colegas e deu toquinhos amistosos no ombro de Hiero, desejando-lhe boa sorte. Meu coração se aqueceu um pouco. Que bom que esses dois estavam se dando bem novamente. Era um peso a menos para Hiero. Espere. E quanto a mim? Será que eu não estava o sobrecarregando com minhas atitudes?

Luke estava certo. Agora era um momento difícil para Hiero e, se eu queria ampará-lo, não deveria agir como se estivesse em um velório. Mais tarde haveria tempo de sobra para chorar.

Inspirei fundo. A partir daquele momento, desempoeirei os velhos hábitos e voltei a fazer o que melhor sabia.

O professor responsável por aplicar o teste chegaria em breve. Hiero insistiu para que eu fosse para casa, mas eu, teimosa igual a um cavalo empacado, bati o pé, determinada a esperá-lo.

— Não vou deixar você ir embora sozinho, ainda mais quando a sua febre pode voltar. — Fiz um beicinho e coloquei minhas mãos em suas bochechas um tanto coradinhas. — Tomara que não. Vou ficar o tempo todo torcendo por você! Vai tirar de letra, vai ver só. — Abri um sorriso de ponta a ponta, dando batidinhas nos braços dele. O rapaz inclinou a cabeça, apertando um pouco os olhos.

— Bea, você está bem?

— Hã? Eu estou ótima! Só quero te animar um pouco. Como você disse, não é o fim do mundo, né? — Pisquei com charme e, ficando na pontinha

dos pés, dei-lhe um selinho. — Vou ficar na biblioteca, tá? Boa prova!

Antes de sair da sala, dei-lhe o último tchauzinho, abanando as mãos com energia. Ele acenou de volta, com um sorriso leve e confuso.

Fechei a porta e comecei a andar rápido. Minhas pernas pareciam feitas de borracha e minhas mãos tremiam. Percorri os corredores vazios e cruzei o jardim rumo ao prédio de tijolinhos à vista. A única coisa que eu ouvia eram os meus pensamentos, os quais zumbiam em minha mente como abelhas raivosas.

Uma vez na biblioteca, fui para o último corredor de estantes. Sentando-me sobre o tapete num cantinho, recolhi as pernas para perto de mim e deixei-me abraçar pelo agradável e melancólico cheiro de papel envelhecido. *Não, não vou chorar. Preciso treinar para meu sorriso parecer mais natural, isso sim. Estou tão enferrujada...* Na hora em que fui abrir a mochila para procurar o pequeno espelho, o chaveirinho de gatinho pendurado no zíper roubou minha atenção.

"Toma. Eu vi você mirando nesse".

— Oh, minha flor, está tudo bem?

Levantei os olhos lacrimosos e vi dona Célia no início do corredor, as sobancelhas erguidas sobre os óculos com armação de oncinha. Ela levava uns quatro livros na mão. Enxuguei o rosto com os punhos, um pouco envergonhada em ter sido flagrada chorando como uma criança perdida.

— Desculpa se estou sendo bisbilhoteira. Alguns alunos acham que minha sala é o local para devolução de livros, todo final de semestre minha mesa fica cheia deles. — Ela riu, balançando a cabeça. — Você está esperando alguém te buscar ou...? — Seus ombros subiram. — Porque se quiser ficar na secretaria não tem problema, sabe? Lá tem máquina de café e *donuts*.

— Ah, n-não, não... — gaguejei, tentando não parecer rude. — Vou me encontrar com meu nam... com uma pessoa aqui. Mas agradeço a gentileza.

— Tudo bem — ela respondeu com simpatia e organizou os livros em seus devidos lugares, cantarolando baixinho. Quando acabou, vi que hesitou em ir embora. Seus pés em elegantes saltos cor-de-rosa deram uma voltinha. Também se encostando na parede, tirou algo do bolso do paletó amarelo e o ofereceu a mim. — Uma dose de felicidade.

Aceitei o *Snickers*, agradecendo em uma voz fraca. Aquela barrinha se parecia com a senhora ao meu lado: pequena, doce e reconfortante.

— Eu não sei o que você está passando, mas eu já fui adolescente um dia. Eu sei, é difícil de acreditar. — Ela riu. — Nessa época, a gente sente tudo em dobro. Eu achava que a dor era insuportável e que nunca me recuperaria de um coração partido. Mas sabe, a notícia boa é que a gente supera, sim. A dor passa, a gente amadurece, fica mais forte. E descobre que nem era esse pandemônio todo.

— A senhora está falando... do seu primeiro amor? — perguntei timidamente.

— *Hmm...* também. Sim, foi uma dessas ocasiões. Eu queria que fosse eterno... Mas era nova demais para entender que abrir mão e renunciar a si mesmo em favor da felicidade do outro também é uma forma de amar. — ela falou em tom de nostalgia, mantendo os olhos baixos. — Fiquei sofrendo à toa. Só depois de muito tempo eu descobri que relacionamentos não acabam porque o amor se esgota, acabam porque as pessoas não entregam amor o suficiente. Essa entrega deve ser constante e muitas vezes é doloroso, porque quem ama paga um preço. Amor que não nos custa nada não é amor.

Ela olhou para mim e riu meio sem graça. — Ah, desculpe, comecei a divagar! Devo estar enchendo a paciência com meus falatórios.

Balancei as mãos no ar. — Não, que isso! Imagina! Ajudou muito, na verdade. Eu... é..... — Funguei. — Obrigada.

— Que bom, fico feliz. — Ela sorriu. — Bem, agora deixe eu ir lá. Infelizmente esses livros não vão se arrumar sozinhos!

Assim que ela saiu, encolhi-me mais no canto, encostei a cabeça na parede e fitei o teto, refletindo nas palavras dela. As lágrimas brotaram novamente e não pararam por muito tempo. Minhas pálpebras ficaram tão ardidadas e pesadas... então, foi como se eu estivesse submersa em águas escuras, turvas e cálidas.

Uma voz muito suave ecoou do fundo daquele lago, uma voz querida e muito melódica. Fui reconhecendo aos poucos a canção. As palavras estrangeiras ganhavam significado à medida que meu cérebro as traduzia, de tantas vezes que a ouvira tocar em casa. Afinal, David Gates era o cantor favorito de papai, e "If" era uma das músicas da sua vida.

Minha consciência foi clareando aos poucos, e a voz ficou mais nítida e mais próxima. Era cantada em um sussurro doce, porém triste, o qual aquecia minha orelha.

— "Se um homem pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo, eu estaria com você. Amanhã e hoje, ao seu lado o tempo todo."

Lágrimas se formaram em meus cílios, mas fingi ainda estar adormecida. Senti um leve roçar em minha bochecha, mas nem assim desencostei a cabeça da parede.

Hiero continuou a cantar em sua voz profunda e baixa, como se estivesse me ninando. — "Se o mundo parasse de girar, rodando lentamente até morrer... eu ficaria até o fim com você. E quando o mundo acabasse... então uma a uma, todas as estrelas se apagariam, e você e eu simplesmente voaríamos para longe".

Senti uma vontade enorme de voltar a chorar, ainda mais porque sabia o que viria em seguida. Fiz um esforço gigante para engolir meus sentimentos e pestanejei lentamente, respirando fundo como alguém que acabou de sair de um sonho bom.

A primeira coisa que percebi ao abrir os olhos foi o recinto iluminado por lâmpadas; o céu lilás agora estava cravejado pelas primeiras estrelas. E a segunda foi o olhar do rapaz sentado ao meu lado, o qual me dizia tudo o que precisava saber.

Ficamos em silêncio por uns instantes.

— Então... Vamos para casa? — sussurrei, abrindo um sorriso meio preguiçoso.

— Bea, nós...

Esfreguei seu antebraço de leve, meus dedos sobre a lona do seu quispô, ainda com um sorriso idiota.

— Vamos descansar primeiro. Não temos cabeça para isso hoje. Oh, que olhinhos cansados... — Franzi as sobrancelhas e fiz um biquinho em uma cara meiga de preocupação. — Parece que você vai desabar a qualquer momento.

Hiero suspirou, concordando, e recostou a cabeça em meu ombro.

— Deixe eu ficar assim só por um pouco... então nós vamos.

Acontece que os céus pareciam conspirar contra nossa conversa no sábado. Talvez fosse algum tipo de sinal – o qual eu entendi tudo errado. Do contrário, o dia não teria terminado daquela forma.

Hiero, exausto como estava por todo aquele estresse, acordou somente à hora do almoço. Depois de ajudar na arrumação da cozinha, foi empacotar sua mala e limpar o seu quarto. Quando passei pela porta aberta e vi seus livros, roupas dobradas e objetos pessoais amontoados em cima da sua cama, a ficha começou a cair e o nó em minha garganta voltou. Hiero ia mesmo embora, e o vazio que ele deixaria nesta casa seria tão profundo quanto o buraco em meu coração.

— Bea. — Sua voz me fez recuar uns passos. Encostei-me no batente da porta, sorrindo. Sério, ele terminava de limpar as gavetas da cômoda com uma flanela. Então, indicou com a cabeça a pilha sobre a mesinha de centro.

— Fique com esses cadernos e livros. Pode usar minhas anotações para os próximos semestres, tem muita coisa útil aí.

A imagem de nós dois estudando ali tornou-se nítida no fundo dos meus olhos, e, de repente, foi como se eles tivessem sido atingidos por uma nuvem de fumaça.

— Agora não vou precisar me preocupar com as colas para meus trabalhos e seminários. — Murmurei de cabeça baixa, dando um risinho para disfarçar. — Obrigada. Vou levá-los lá para cima.

Tive de dividir a pilha em duas para poder carregá-la melhor. Antes, porém, de levantar a primeira, observei um objeto no cantinho da mesa. Era uma caixinha de veludo alongada, desses que servem para guardar joias. — Oh, o que é isso?

Hiero parou o que estava fazendo e adiantou-se para pegar o estojo azul-marinho antes que eu o fizesse. — A-ah, isso...? Bem, isso é...

— Achei, Hiero! — Mikhel entrou no quarto pulando igual um potrinho, balançando um cartuchinho cinza. Nesse momento, Hiero escondeu a caixinha atrás de si. — Achei o seu *Mario vs. Donkey Kong*, estava enterrado no sofá... Ei, Bea, o que está fazendo? Esqueceu que não pode entrar aqui?

— Argh, garoto chato. — Rolei os olhos e agarrei a pilha de livros rapidamente. — Depois a gente conversa, Hiero.

Só que depois, quando ele havia terminado de arrumar tudo e foi requisitar um pouco da minha atenção, precisou atender uma ligação da sua mãe. Através da janela da sala, observei o rapaz andar de lá para cá na varanda, falando ao celular. Ora gesticulava, ora colocava a mão sobre os olhos. Supirei pesarosa e fiquei um bom tempo sentada no sofá, refletindo.

Quando finalmente a conversa dele acabou, já era hora de nos arrumarmos para a festa na casa do Luke.

Por um triz mamãe não nos deu permissão. Ela sabia que iria rolar muita bagunça. Porém, esperta, usei o argumento de que o pessoal planejava comemorar o aniversário de Hiero e fazer-lhe uma despedida e ela não teve como dizer não – contanto que Bruno fosse conosco. Conhecendo ela, provavelmente queria que o garoto ficasse nos pastorando. Até porque se ele não estivesse lá, era bem capaz de nos aliciarem ao tráfico ou acordarmos numa sarjeta com o cão nos lambendo a cara, de tão bêbados. Afe, só na cabeça dela, mesmo.

Fiquei imaginando que seria super chato meu irmão aparecer sem nem conhecer ninguém (exceto a Mima e Dahlia). Mas, chegando no local, constatei que havia muito mais gente do que as turmas do segundo ano, gente que nunca nem tinha visto na escola. Provavelmente eram os irmãos, namorados ou amigos dos estudantes, os tais dos "agregados" – ou seria melhor dizer *penetras*? – tais como Bruno. *Okay*, menos mal.

Tive a impressão de entrar de uma cena de festa desses filmes americanos. Mal havíamos passado pelas portas duplas de cristal e a música animada nos recebeu, seus baixos ritmados percutindo o chão. Desde o *hall* de entrada até o salão principal viam-se rodas de adolescentes risonhos com copos de plástico nas mãos conversando ou dançando. Poltronas e sofás também estavam ocupados em sua maioria por casais, alguns deles enfiando a língua na garganta um do outro sem nenhum pudor. Meu Deus, gente, eca. E como isso era anatomicamente possível?

Um bando de marmanjos da turma do fundão passaram por nós correndo e quase nos atropelaram. Eles estavam só de calções e, pelo que entendi, iam desafiar o gelo do lado de fora e cair na piscina. Do outro lado do salão, um barulho de vidro se espatifando parou a cacofonia por um segundo. Coitado do Luke, já o imaginava se lamentando por ter tido essa ideia maluca de festa!

— Oi, gente! — Ouvi a voz – ou, *grito* – de Mima bem ao nosso lado. — B-B-Bruno? O que está fazendo aqui? — Ela arregalou os olhos, suas bochechas ficando vermelhas como framboesas.

— É o nosso guarda-costas! — brinquei. — Cadê a Dahlia?

— A-acho que voltou para casa — ela respondeu, alternando os olhos de mim para meu irmão. — Ela disse que não fica confortável nesse tipo de ambiente.

Eu também não estava lá muito à vontade, sobretudo com os atos de sem-vergonhice dos que estavam começando a ficar porres. Olhei para Hiero e ele fitava um ponto no chão, mantendo as mãos no bolso e uma linha espremida nos lábios. Sua expressão emburrada sumiu quando cumprimentava alguns dos nossos colegas, mas logo retornou quando foram embora. Acho que ficou um pouco pior quando Luke veio falar conosco.

Depois que o loiro se desculpou e foi para outra roda de conversa, Hiero me puxou pelo antebraço e falou em meu ouvido:

— Bea, vamos a outro lugar?

Concordei com a cabeça, sentindo meu coração disparar. Antes, porém, cutuquei discretamente meu irmão, o qual já havia engatado uma conversa com Mima. Ele fingiu que não aconteceu nada e sacudiu uma mão atrás de si, dizendo para eu ir logo embora.

Hiero tomou minha mão e começamos a difícil tarefa de nos espremermos entre as pessoas rumo à alguma porta de saída para o lado de fora. Uma vez livres da aglomeração e das caixas de som, pudemos respirar e falar normalmente.

— Eu detesto lugares barulhentos. — Ele resfolegou, parecendo um pouco menos chateado que antes. — E queria muito um tempo a sós com você. Parece que hoje foi impossível pra gente conversar.

Engoli em seco e prossegui acompanhando seus passos em silêncio. Contornamos um jardim e chegamos em uma área a qual reconheci ser como o caminho para a piscina. Eu estava bem agasalhada com um casaquinho estilo militar por sobre a blusa de mangas compridas, calças *jeans* e botas, mas parecia que o frio daquela noite atingiu até meus ossos, e eu tremia.

Retirei minha mão da dele, a fim de enxugá-la no *jeans*.

— Você está bem? — Hiero perguntou um bocado sério. Agora estávamos andando paralelos à majestosa piscina, a qual havia sido abandonada pelos bagunceiros um pouco antes de chegarmos. Mantive meus olhos nas águas iluminadas e dançantes, respondendo à pergunta com um maneio positivo da cabeça.

— Não está, não.

A voz dele me contradizendo me fez gelar. Demos mais alguns passos, subindo lentamente a pontezinha encurvada. Debrucei-me sobre o parapeito em madeira, encostando o peito em meus braços dobrados, com o coração batendo em meus ouvidos. Hiero ficou ao meu lado, suas mãos voltando a habitar nos bolsos do sobretudo.

— Bea, você quer me dizer alguma coisa, não quer?

Fiquei mais algum tempo quieta, apenas olhando aquele azul turquesa abaixo de nós. O brilho da água desenhava reflexos disformes em nosso rosto, e fiquei me perguntando se foi assim que a sereiazinha se sentiu instantes antes de ser transformada em espuma nas ondas do mar.

— Hiero, você já assistiu uma corrida de São Silvestre? Às vezes, quando começava um programa chato e eu procurava outra coisa pra assistir, acabava trocando para a transmissão desse evento ao vivo e via um pedaço. — Arrisquei olhá-lo. O rapaz mantinha as sobrancelhas franzidas como se não estivesse entendendo aonde eu queria chegar. — Dezenas de milhares de corredores na rua, as pessoas todas juntas parecendo um formigueiro... E sabe o que eu reparei? Nenhum deles corre com uma mochila, nem mesmo com uma garrafinha d'água.

— Mas, Bea, o que...

Virei meu rosto para a piscina novamente.

— Eu acho que a nossa vida é como uma corrida; só que, diferente da São Silvestre, ela é longa, cheia de curvas e obstáculos. Você segue o fluxo quando dá, mas de vez em quando o caminho fica tão íngreme que você

precisa se desprender de tudo para poder prosseguir... Se não, você não suporta o peso e não consegue escalar.

Observei sua expressão confusa mudar por outra parecida àquela de quando estava doente. Pressionei minha garganta, empurrando o bolo para baixo antes de continuar.

— Hiero, só porque seus pais planejam esse futuro para você, não significa que vai ser ruim. Imagina, estudar fora... — Forcei um riso. — É uma oportunidade de ouro. Muitos estariam se matando para estar no seu lugar. E eu acho que você tem uma oportunidade incrível de criar asas e alcançar os céus. Só que isso não vai acontecer se ficar preso numa gaiola. Se ficar preso aqui, ao passado... à mim.

— Bea. — A voz dele soou grave. — Você... não está falando sério, está?

— Eu sei que vai ser doloroso agora, mas vai passar. E quando olhar pra trás, vai saber que essa foi a melhor decisão. — Apesar do embargo, dei o melhor sorriso que pude ensaiar. Não queria que a última lembrança dele de mim fosse meu rosto triste.

Hiero balançou a cabeça em negação.

— Não. Eu sei que você está mentindo. Você está esquisita desde ontem e voltou a encenar. O que aconteceu? Por que não diz o que realmente quer?

De repente, o casaquinho pareceu me esquentar até mais do que devia.

— Eu estou dizendo!

— Não, não está.

Que droga! O que eu poderia fazer? Chorar e suplicar: "Não vá, fique comigo"? Como ele faria isso, se já estava tudo acertado? Não havia mais como cancelar tudo, ficar não era uma opção. O que poderíamos fazer se éramos apenas dois adolescentes dependentes das escolhas e planos dos nossos pais? Eu tinha de aceitar: essa era a vida, a nossa realidade, não a porcaria de um conto de fadas ou romance adolescente.

— O que foi, Bea? — Hiero puxou-me de leve pelo braço, fazendo-me olhar para ele. Sua voz começou a soar como uma prece. — Você tem medo de que eu vá me interessar por outra garota, é isso? Eu já disse para você, nunca houve outra garota e *nunca vai haver*. Você é a única para mim.

Eu me esforcei para não chorar.

— É isso o que você acha agora, Hiero. Nós mal saímos da infância. A gente costuma pensar que já conhece tudo o que deveria do mundo. Talvez exista alguém melhor do que eu, alguém que não te fez sofrer tanto, alguém mais legal, mais verdadeira, mais bonita!

— Pare de dizer isso.

— Nem todos têm a sorte de ficar com seu primeiro amor. — Continuei a despejar palavras como uma avalanche. — Há milhares de pessoas no mundo. Por que haveria de ter só uma, como uma única chave num gigantesco molho, capaz de abrir o coração de alguém?

— Certo, talvez exista, mas eu já escolhi a minha!

Por favor, Hiero... Você não entende o que eu estou fazendo?

— Você mesmo disse que não queria esperar! Eu não quero que você sofra! Não vamos complicar as coisas. É melhor terminarmos tudo aqui.

Nem eu acreditei no que havia acabado de pronunciar. Relutante, elevei os olhos para Hiero. Ele parecia ter sido atingido por um soco no meio do peito.

— Então... é isso mesmo o que você quer? — perguntou devagar num sussurro incrédulo.

Não respondi. Estava perdendo a batalha contra o meu choro. Eu vivi nesse embate entre o coração e a razão pelas últimas trinta e seis horas, e todas as equações levavam ao mesmo resultado. Até o que a tia Celinha dissera confirmava minha escolha. *Amar também é deixar ir.*

— Posso perguntar mais uma coisa? — a voz dele soou mais forte, porém, embargada. — O que foi que o Luke te disse ontem?

Senti até o último fio de cabelo ficar arrepiado.

— Q-quê? Isso não tem nada a ver com ele. Por quê...?

— Acho que nunca te dei motivos para estar insegura, Bea, mas eu quem esperei todos esses meses enquanto seu coração seguia em outra direção. — Ele subiu o canto da boca em um sorriso amargurado. — Na verdade, eu quem sempre estive esperando, enquanto você seguia a sua vida, não é?

Balancei a cabeça em negação. As lágrimas começaram a cair quentes em minhas bochechas, enquanto um sentimento de urgência e perigo se apoderavam de mim.

— Talvez você quem não queira ficar atrelada a mim. Talvez eu quem tenha entendido errado sobre a profundidade dos seus sentimentos.

— Não, Hiero, não é assim...

Ele me encarou com os olhos marejados, esperando. Abri a boca algumas vezes, mas as palavras ficaram amontoadas e engasgadas em minha garganta.

— Tchau, Bea. A gente se vê... algum dia.

Enquanto ele se distanciava, sufoquei meu pranto com as mãos. Não podia chamá-lo. Não podia voltar atrás. *Deixe-o ir, Bea, é melhor assim. Esse é o melhor caminho, certo?*

Na manhã seguinte, quando vi o que Hiero deixou para mim, percebi que estava terrivelmente errada. Contudo, era tarde demais.

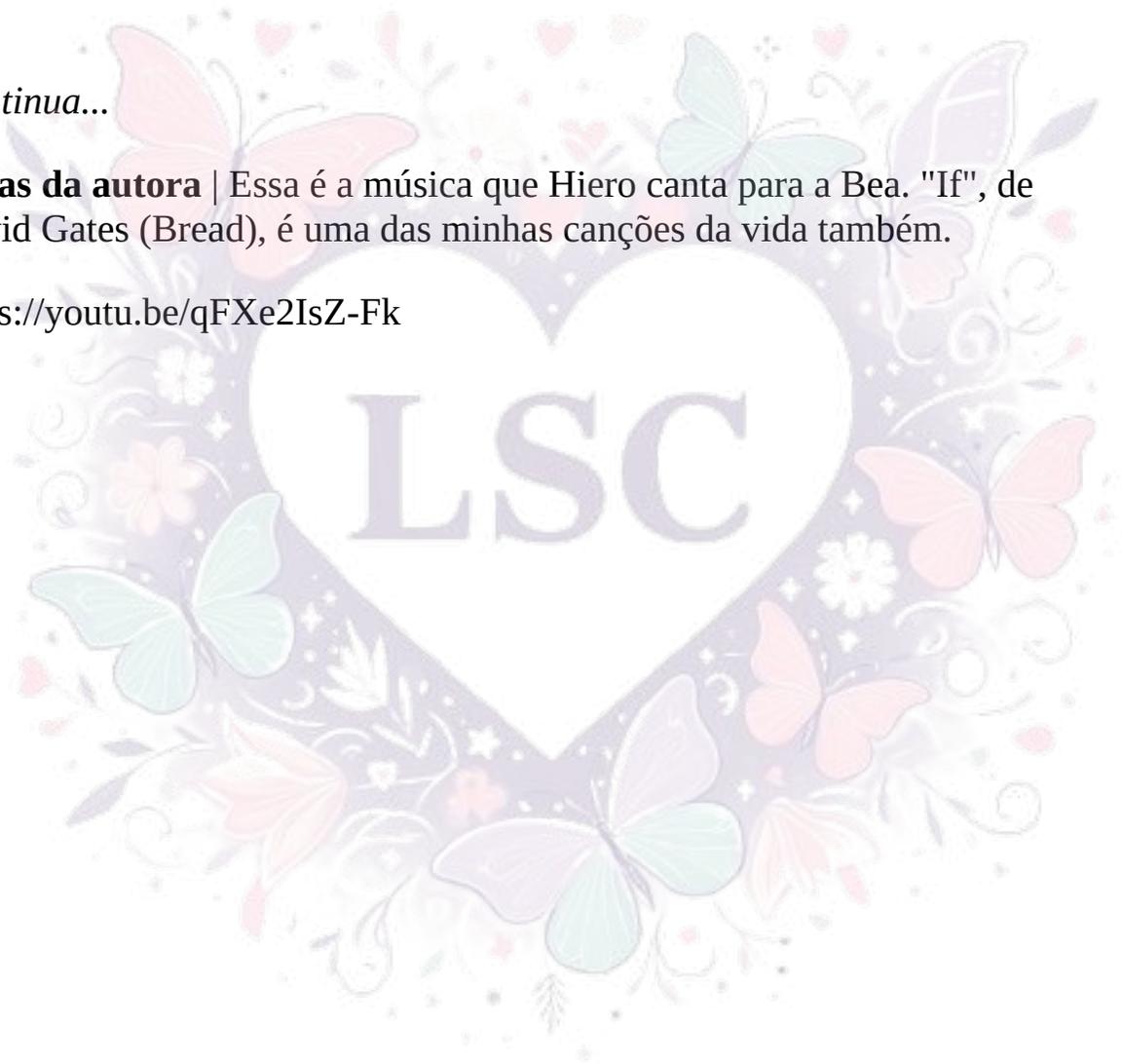
Quando acordei, ele já havia partido.



Continua...

Notas da autora | Essa é a música que Hiero canta para a Bea. "If", de David Gates (Bread), é uma das minhas canções da vida também.

<https://youtu.be/qFXe2IsZ-Fk>



44.



TIVE A SENSAÇÃO DE SER SUGADA de dentro de um buraco negro por uma espécie de onda elétrica e gelada, a qual atingiu em cheio o meu rosto e escorreu pelo meu pescoço. Sentindo aquilo entrar em meu nariz e em minha boca, desatei a tossir. Ergui o tronco rapidamente sobre os lençóis e passei os dedos em minhas pálpebras espremidas, enxugando-as. Aquilo era... água?

A beirada do colchão afundou, uns dedos levantaram meu queixo e um pano grosso começou a percorrer minha cara. — Graças a Deus, Bea, já estava ficando assustado. — Bruno souu mais bravo que preocupado. — Ainda bem que a mãe não veio aqui e também não viu nada ontem, senão você estaria *frita!*

— Tá bem, chega! — Livrei-me das suas mãos e finalmente abri os olhos. Além do rosto sisudo de meu irmão, constatei, com certo espanto, que havia dormido com a mesma roupa que usei na festa: até as botas ainda estavam em meus pés. Um cheiro meio ácido emanou do tecido do meu casaquinho, um odor bem parecido com o meu hálito, na verdade. Franzi o nariz e tapei a boca.

Bruno levantou-se e jogou a toalhinha no lugar onde estava sentado. — É melhor colocar logo essa roupa para bater e escovar bem os dentes...

Se ele falou outras coisas, não ouvi. Minha mente estava ocupada demais rebobinando os acontecimentos da noite anterior, elucidando as cenas em ordem regressiva. Apertei os lados da cabeça. Parecia que ela estava rodando em um espremedor de laranjas. Apesar da dor latejante, tentei me concentrar. Luke, o ponche vermelho, Karina, a aglomeração e música, a ponte... Hiero.

Levantei-me da cama em um pulo e agarrei o pulso do meu irmão antes que ele deixasse o quarto.

— E Hiero?! — perguntei, os olhos do tamanho de dois pêssegos.

Bruno comprimiu os lábios. — Ele foi embora há alguns minutos.

— Como assim? Como ele... Por que você não me acordou?!

— O que acha que fiquei fazendo aqui até agora? O voo dele tem horário; ele não podia mais esperar.

"Tchau, Bea. A gente se vê... algum dia".

Minhas mãos afrouxaram e caíram ao lado do meu corpo. Como se soubesse de toda a história, Bruno puxou-me para um abraço fraternal e alisou os meus cabelos. Em seu peito, deixei-me levar pelas lágrimas.

— Ele me pediu para te entregar uma coisa... Vou buscar no meu quarto. — disse, em tom mais brando e afetuoso. Porém, logo se despreendeu de mim, fazendo uma careta. — Ai, não dá. Vai logo tirar esse cheiro de carniça, você tá parecendo um gambá bêbado.

Quando ele saiu, apressei-me em tomar um banho e esfregar minhas roupas com sabonete debaixo do chuveiro. Eu nem sabia como havia sido tão estúpida de acreditar que aquela bebida vermelha era um simples suco de frutas!

Bom... na real, eu sabia sim. É que, depois daquilo, não conseguia pensar direito – e, para ser sincera, nem *queria* pensar direito. Eu só queria estar envolvida por um vácuo e gritar a plenos pulmões.

No instante em que Hiero me deu as costas, reduzi-me a milhares de caquinhos. O chão já não existia e os contornos do mundo perderam a forma, diluídos em meus olhos. Foi como se estivesse perdendo uma parte de mim.

Um choque de arrependimento me atingiu. Por que fiquei calada? O que eu tanto temia?

Um gelo percorreu todo meu corpo. Eu havia feito aquilo outra vez – deixei que ele fosse embora com interpretações erradas acerca dos meus sentimentos. Como pude ser tão burra? Será que não havia aprendido nada com aqueles eventos passados? Onde estava aquela garota corajosa que discursou para centenas de alunos em um auditório não muito tempo atrás?

Enxuguei as lágrimas com os punhos do casaco e corri de volta à agitação. Eu me espremi entre os grupos animados, erguendo o rosto entre eles, virando meu olhar em todas as direções. Às vezes, trombava com alguém da minha sala e perguntava aflita: — Viu o Hiero por aí? —, ao que geralmente a pessoa respondia aos berros: — Ele passou por aqui agora há pouco. — Ou: — Eu o vi por ali. — Um garoto ainda falou: — Ele não quis tirar mais fotos com a gente, disse que não estava se sentindo bem. Talvez tenha ido embora! — Mas acho que não era o caso, pois havia visto Bruno às gargalhadas ao lado de Mima em uma rodinha onde todos estavam com *post-its* grudados na testa; aparentemente brincavam de adivinhar charadas.

Continuei a correr pelas salas e corredores daquela mansão, procurando-o nos lugares mais acessíveis e óbvios, ignorando os chamados para conversa e rejeitando os convites para dança. Nada. Talvez ele tivesse voltado para o jardim ou para a área da piscina.

Minha boca estava seca de tanto ofegar. Bolhas ardiam em meus calcanhares enquanto atravessava o enorme salão pela quarta vez. Já havia ganhado uns belos pisões, mas numa hora, acabei sendo empurrada e por pouco não esbarrei em um valiosíssimo vaso de porcelana chinesa sobre um aparador dourado.

O que raios estava havendo?

— Você nem deveria estar aqui. — ouvi uma voz feminina e irada sobressair sobre a música. — Todo mundo sabe que você quem fez aquilo e vai ser expulsa do colégio! Ainda bem, você sempre foi uma *vergonha alheia* ambulante mesmo.

Estiquei a cabeça por entre os ombros alheios e vi uma garota tombada sobre o tapete persa, presa dentro do círculo. Outras três garotas estavam em frente a ela, rindo. Elas seguravam grandes copos de plástico. A do meio, a qual era da minha sala, continuou falando:

— Isso é por vir aqui dar uma de exibida. — E despejou a bebida vermelha de seu copo sobre a cabeça da que estava de gatinhas. Ouvi vaias, risos e murmúrios admirados do pessoal ao meu redor.

"Mas o que...?!", pensei, sentindo a ira subir e misturar-se à minha agonia e urgência. "Deixe estar, Bea, não tem nada a ver com você. Sua prioridade agora é o Hiero." No entanto, quando outra garota estava prestes a entornar seu próprio copo, imitando o gesto da primeira, não pude evitar de lembrar de mim mesma presa em outros círculos. Vi estampadas nos rostos ao redor as mesmas expressões de prazer e escárnio e senti meu estômago embrulhar. Num ímpeto, forcei passagem entre duas pessoas à minha frente, arranquei o copo da mão da valentona e bebi o líquido todo em uma virada só.

— Bea? — As três exclamaram quase em uníssono.

Tomei o copo da terceira garota e também virei, percebendo somente no final uma ardência entre a explosão doce e o sabor de morango e cereja. Quando terminei, passei a manga do casaco sobre a boca.

— Alguém mais? — Cerrei os olhos em desafio para o ajuntamento. Muitos me encaravam com sobrancelhas levantadas e bocas abertas. Só então baixei os olhos e percebi que a garota humilhada ali era... Karina.

— Não entendo — Minha colega de sala se aproximou de mim, mantendo os braços cruzados. — Por que tá dando uma de boazinha com essa *fingida*? Ela merecia muito mais por aquele espetáculo no auditório e por sempre esnobar os outros na escola. Não foi só você quem sofreu nas mãos dela.

— Mas fazendo isso vocês se rebaixam ao mesmo nível — respondi, sentindo um calor diferente se espalhar pelo peito. — Além disso, intimidar é errado, não importa com quem seja. E não precisam tomar as minhas dores, isso ficou no passado. — Balancei os braços para nossa plateia. — Vão procurar o que fazer, vão. O *show* acabou!

A garota morena torceu os lábios e as outras duas baixaram os olhos, aparentemente envergonhadas. A turma começou a se dispersar e logo era como se nada tivesse acontecido. Curvei-me em direção a Karina e estendi-lhe a mão.

— Só para deixar claro: não significa que eu te perdoei. Você ainda me deve um pedido de desculpas. — falei sem conseguir conter um sorriso – o que foi muito bizarro, pois eu queria soar severa.

Karina segurou minha mão e demandou pouca força para colocar-se de pé.

— O-obrigada. — balbuciou.

— Se quer mesmo me agradecer, me ajude a encontrar o Hiero. — Sorri outra vez, agora mais largo. O líquido ainda gotejava dos cabelos dela e manchava seu casaco bege. Ela parecia um sorvete de casquinha com calda de morango. Dei uma risada. — Aliás, o que é isso? — Balancei os copos um dentro do outro na frente dos meus olhos. — É tão gostoso. Eu estava morrendo de sede.

— Ponche, eu acho — Ela continuou tentando secar-se, não vendo o motivo da graça. Já eu me sentia estranhamente melhor e queria mais daquilo. De tanto passar por ali, sabia mais ou menos onde a enorme taça estava.

— Beleza. Dê uma conferida ao redor que eu já vou. Se o encontrar, peça para ele vir aqui.

Atravessei o ambiente e fui até a longa mesa de madeira provençal, enfeitada com arranjos de papéis coloridos e uma toalha vistosa. Perguntei à garota que havia acabado de se servir da bebida:

— Ei, isso aqui tem álcool?

Ela riu. — Se tem, eu não sei. Só sei que é bom!

Enchi o meu copo duplo e experimentei de novo. É, parecia um suco normal, com exceção de estar um melaço e ter um toque ácido. Talvez, aqueles efeitos esquisitos em mim eram da bomba de açúcar. Luke havia garantido que não rolaria álcool na festa, já que a maioria de nós era de menor e, se a polícia batesse lá... Bem, ia dar muito ruim. Eu até tinha visto alguns empregados confiscando garrafas suspeitas e latinhas de cerveja. (Só que, claro, quando as pessoas querem aprontar, elas dão um jeito, e mesmo sabendo disso, ignorei completamente os sinais de que havia algo errado e continuei a beber).

Depois de outros dois copos, parecia que eu estava nas nuvens. Tudo era motivo de riso. Até quando pensei que provavelmente Karina me deu bolo e cascou fora sem nem mesmo atender ao meu pedido, caí na gargalhada. Então, sem me importar com a decoração ou se iria virar as bandejas de quitutes, subi na mesa – não sem antes fracassar em três tentativas e derramar metade da minha bebida em meu casaco ao me levantar sobre a toalha.

— Bea! Meu Deus, desce daí! — Ouvi um grito atrás de mim. Girei o corpo vagarosamente. Se todos ao redor me encaravam como se eu fosse uma aberração de circo, eu não estava nem aí. Meus olhos pesados se depararam com Luke, o qual se apressava entre o povo para chegar até mim. — Você vai acabar caindo e quebrando uma perna!

— É melhor que um *coração* quebrado! — Gargalhei e dei mais um gole.

— O que é isso que você está tomando? — Ele deu um pulinho e conseguiu arrancar o copo da minha mão. Provou e fez uma careta. — Já devia adivinhar que iriam batizar as bebidas. Isso tá parecendo sangria! — Ele abandonou o copo num canto da mesa e me estendeu os braços. — Vem, deixa eu te ajudar a descer.

— Não, você nãoo, Lukeeee! — Meu grito saiu arrastado. Minha boca parecia feita de gelatina. — Saaai. Eu não quero você! Eu quero... eu querooo... o Hiero... HIEROOOO! — berrei entre minhas mãos, fazendo-as de megafone. — HIEROOOO! CADÊ VOCÊÊÊ!

— Eu estou aqui.

Quase resvalei na taça de vidro ao me virar na direção da voz. Hiero movimentou-se rápido, erguendo os braços para me segurar caso caísse. Agachei-me, procurando equilíbrio, e meu rosto ficou quase na altura do dele. Ver seus olhos tão amados, porém, tão atribulados e tristes fez aquela ilusão de alegria ruir. Joguei-me em seus ombros, desabando novamente em prantos.

— Onde você estava? — choraminguei, dando soquinhos em suas costas.
— Seu feio! Não vá... Não me deixe... Não vá...

Passando um braço em minhas costas e outro sob as dobras dos meus joelhos, Hiero tirou-me de cima da mesa. Em vez de logo colocar-me no chão, ele continuou a me carregar, pedindo espaço para passarmos. Eu o abraçava apertado, temendo que ele fosse sumir outra vez. Lembro-me de ter murmurado algumas coisas, de termos conversado por um tempo enquanto esperávamos Bruno chegar com o carro para irmos embora. Porém, a partir desse ponto, minha memória não era clara. Raios! Por que eu tive de ficar tão... *doida* e não conseguir lembrar de mais nada?

De qualquer forma, seja lá o que conversamos, provavelmente já era tarde demais...

— Posso entrar? — perguntou Bruno após dar dois toquinhos na porta do meu quarto.

— Espera — respondi, terminando de abotoar minha calça. Em seguida, abri a porta. Ele estendeu uma caixinha azul-marinho retangular para mim.

Oh...!

— Sabe, Bea... O Hiero é um cara muito distinto. — Bruno fez uma pausa, depois pigarreou. — Sei que ele escondia como ninguém seus sofrimentos, mas ontem, após chegarmos e despistarmos a mamãe para conseguirmos te trazer ao quarto, ele ficou uns bons minutos aqui, parado, só observando você... e chorando. Coitado. Ele não mercia aquilo.

— Achei que seria o melhor para ele. — Sussurrei, meus dedos percorrendo o veludo da caixa.

— Não, você fez o que achava melhor para *si mesma*. Ele já tinha feito a própria escolha, não foi? — disse, deixando-me sozinha em seguida. Tive vontade de gritar uma resposta, mas me calei.

No fundo eu sabia que ele havia falado a verdade, e aquilo cortou meu coração.

Fiz aquilo porque tinha medo de me machucar. Não queria sofrer, não queria gastar energias, não queria lutar para manter-me com a cabeça fora da água. Tinha medo de me afogar.

E o pior, tinha medo de levar Hiero junto.

Abri a caixa e a primeira coisa que me saltou aos olhos foi um papel dobrado. Por baixo dele e sobre o forro acetinado cor-de-marfim estava um lindo colar. A correntinha era banhada a ouro e trazia uma delicada chavinha como pingente. A parte superior da chave era uma pedra de ametista lapidada no formato de coração.

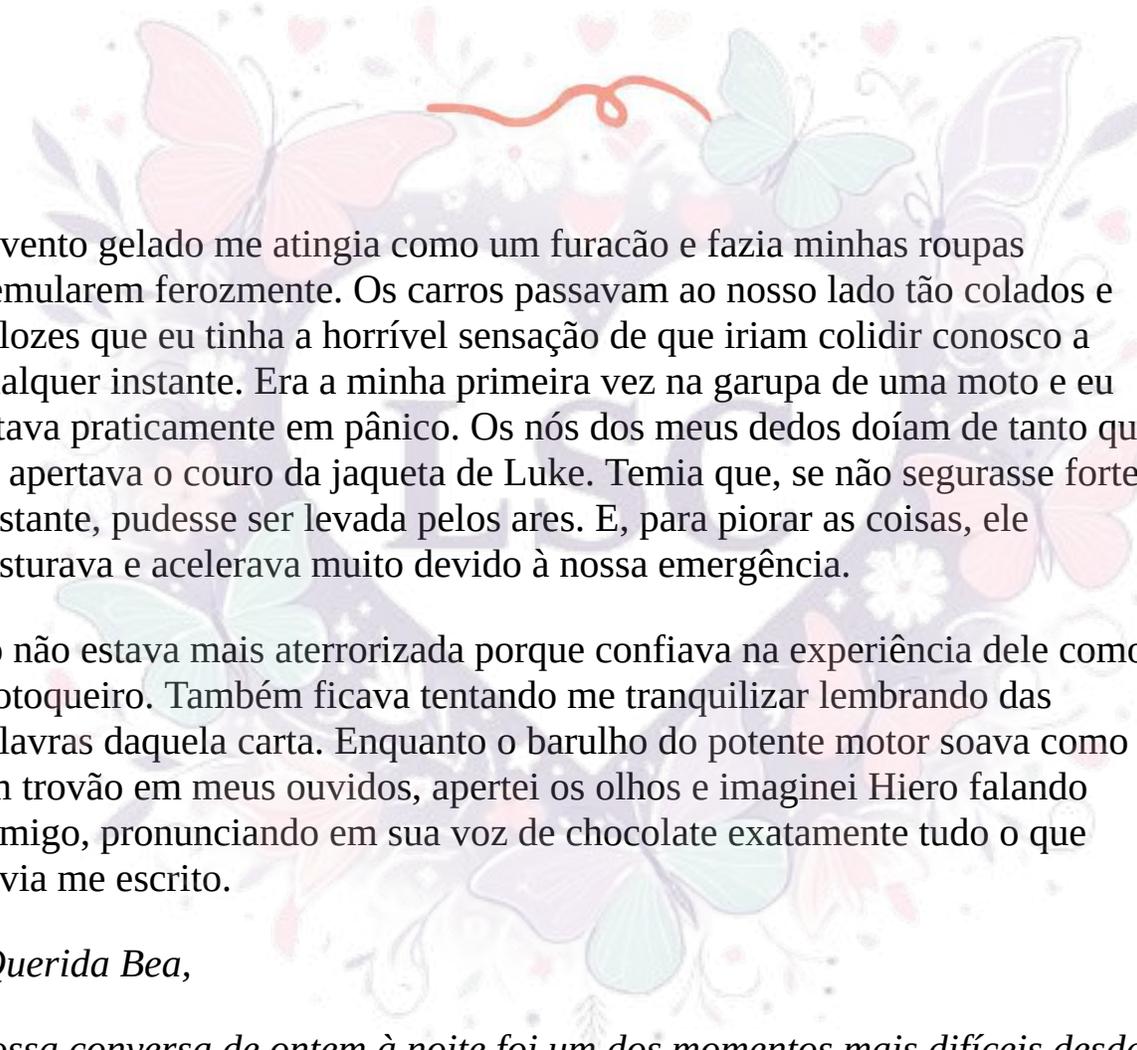
Coloquei a mão sobre a boca, maravilhada. Eu me lembrava dessa peça. Aliás, era um conjunto: ela formava par com outro colar, cujo pingente era um cadeadinho dourado. Eu os tinha visto na joalheria, dispostos sobre uma bandeja espelhada naquele balcão de vidro. Sorri, enquanto as enormes gotas desciam pelas minhas bochechas.

Então, com a pulsação acelerada como as batidas das asas de um beija-flor, desdobrei o papel. Meus olhos úmidos percorreram as letras bem desenhadas, cada palavra queimando em meu coração como brasas vivas. Sabendo exatamente o que deveria fazer, engatei o colar em torno do pescoço, dobrei a carta e a guardei de volta no estojo. Deixei-o em cima da cama e pus-me a calçar um par de tênis, enfiando os pés sem nem mesmo desamarrar o cadarço.

— Bruno, quanto tempo faz que ele foi, mesmo? — gritei, correndo para as escadas e abrindo o meu celular.

— Hmm... o pai saiu com ele faz uns quarenta minutos, mais ou menos. — Ele gritou da cozinha. — Por quê? Vixe, não vai dar! A mãe pegou meu carro para ir ao supermercado, e...

— Não seria rápido o suficiente de qualquer forma. — Dirigi-me aos armários, pegando o primeiro pacote de bolachas que vi pela frente. — Alô? Luke? Você pode fazer um favor para mim?



O vento gelado me atingia como um furacão e fazia minhas roupas tremularem ferozmente. Os carros passavam ao nosso lado tão colados e velozes que eu tinha a horrível sensação de que iriam colidir conosco a qualquer instante. Era a minha primeira vez na garupa de uma moto e eu estava praticamente em pânico. Os nós dos meus dedos doíam de tanto que eu apertava o couro da jaqueta de Luke. Temia que, se não segurasse forte o bastante, pudesse ser levada pelos ares. E, para piorar as coisas, ele costurava e acelerava muito devido à nossa emergência.

Só não estava mais aterrorizada porque confiava na experiência dele como motoqueiro. Também ficava tentando me tranquilizar lembrando das palavras daquela carta. Enquanto o barulho do potente motor soava como um trovão em meus ouvidos, apertei os olhos e imaginei Hiero falando comigo, pronunciando em sua voz de chocolate exatamente tudo o que havia me escrito.

"Querida Bea,

Nossa conversa de ontem à noite foi um dos momentos mais difíceis desde que cheguei aqui. O que você propôs quando estávamos naquela ponte me machucou profundamente. Confesso que, se não fosse o que me disse depois, quando estava em meus braços, talvez eu tivesse desistido de tudo. Talvez tentasse apagar por completo de minhas memórias o que vivemos até agora... embora creia que isso seja impossível."

Passamos voando por um radar de velocidade.

— Luke, cuidado!

— Deixa! — Ele gritou com a cabeça inclinada para trás, seus cabelos dourados dançavam como loucos e batiam na viseira do meu capacete. — Depois eu cuido disso! Você quer chegar lá a tempo ou não?

Engoli em seco e segurei-me mais forte.

"Sabe, Bea, tudo o que eu disse foi do fundo do meu coração. Talvez você não se lembre com clareza, mas quando eu disse que iria dar um jeito de voltar para você, era verdade. Quando eu disse que gostaria de um dia poder me casar e ter uma vida com você, era verdade. E quando eu disse que eu te amo... era verdade. Eu amo muito você. Amo tanto ao ponto de doer."

Luke parou a Harley na frente dos portões de embarques e desembarques do Aeroporto de Congonhas, onde uma longa frota de táxis estava estacionada. Pulei do banco de couro e arranquei meu capacete, sem me importar se meus cabelos lembravam uma cacatua.

— Corre lá primeiro, depois eu te alcanço. — Ele pegou o capacete de minhas mãos e o pendurou no braço.

Disparei pelas portas automáticas de vidro e adentrei o saguão, olhando para todos os lados. Fiquei alarmada. Era a minha primeira vez em um aeroporto e logo percebi que me perderia facilmente. Aquele lugar era gigantesco e estava lotado – ainda mais por causa da época de férias. Havia gente de todo tipo: funcionários, turistas, estrangeiros, homens engravatados, mulheres de negócios. Famílias choravam em despedidas e em reencontros. O barulho constante de vozes e passos reverberavam no ambiente igual a uma orquestra desafinada.

Passei vários minutos igual a uma barata tonta, dando voltas e mais voltas, tentando entender como faria para encontrar Hiero. Seria uma tarefa tão difícil e improvável quanto encontrar uma agulha num palheiro.

"Talvez, como você disse, uma forma de amar pode ser deixando a outra pessoa livre. Mas penso que o verdadeiro amor é guerreiro. Ele trava batalhas, vence distâncias, derruba barreiras e dura o tempo que for, se ambos estiverem dispostos a se entregar.

Por isso, Bea... não desista de nós. Porque eu não vou desistir de você."

Meu celular tocou.

— *Qual era o número do voo dele?* — A voz de Luke soava agitada e ofegante, como se ele também estivesse correndo.

— *Meu Deus, eu não sei.* — respondi chorosa, o desespero tomando conta de mim. — *Não sei o número.*

— *Tudo bem, tudo bem, se acalma. A gente vai descobrir. Consegue lembrar o horário e o destino?*

— *É... Era às 10h40, ele vai para Fortaleza.* — *Disso eu tinha certeza, pois ele iria passar o aniversário com a mãe e estaria presente no casamento dela.* — *Mas não sei qual é a companhia aérea!*

— *Não tem problema. Consegue ver os televisores onde mostram os próximos voos? Verifica todos para esse horário e destino.*

Enquanto meus olhos conferiam as informações na tela de partidas linha por linha, disquei o número de papai. Ele não atendeu. Talvez estivesse enfrentando o trânsito de volta para casa. Em seguida, tentei ligar para Hiero.

— *Vamos, atende... Por favor...* — Bati o pé no chão em um tique nervoso.

Luke surgiu atrás de mim bem na hora em que a ligação caiu na caixa postal.

— *Portão 18. Vamos, é última chamada!* — Ele me deu a mão, a fim de não nos perdermos no oceano de pessoas.

"Eu queria ter te entregado o colar mais cedo e ter feito um pedido oficial de namoro, porém, como ainda não havíamos definido o que faríamos, deixei para depois. Acho que foi um erro. Se você soubesse o quanto eu estava disposto a lutar por nós, talvez não tivesse falado aquelas coisas.

Geralmente casais usam anéis, mas assim que vi esse par, eu sabia que aquilo foi feito para a gente, porque... Beatrice, você é a minha escolha. Você é a minha chave. Você é o meu segredo, e ao mesmo tempo, o tesouro secreto que guardo e sempre guardarei com muito carinho no fundo do meu coração."

Finalmente chegamos em frente a umas portinholas automáticas, mas só poderíamos prosseguir para a área de embarque caso tivéssemos uma passagem.

— Por favor, moço. Eu só preciso falar com um uma pessoa, é bem rapidinho. — supliquei ao funcionário uniformizado. O senhor carrancudo continuou impassível em sua pose estilo guarda-do-Palácio-de-Buckingham.

— Vou repetir, garota. A partir daqui, somente passageiros. E os portões para este voo já foram fechados, de qualquer forma. O avião deve decolar a qualquer momento.

Luke tocou meu ombro e balançou a cabeça de lá para cá, sua boca em uma linha triste. Esforcei-me para engolir o choro. Não queria parecer frágil para o rapaz ao meu lado, pois não queria enchê-lo de falsas expectativas – dando a entender que agora ele tinha o caminho livre para meu coração, ou algo assim.

— Obrigada por ter se importado, Luke. — falei, já na frente de casa. O loiro permaneceu sentado no banco da moto, usando ambos os pés como o descanso do veículo. Suas mãos enluvadas afivelaram o capacete em volta do queixo.

— Amigos são para essas coisas. Não se preocupe, tudo vai se ajeitar, tenho certeza. — E deu um sorriso animador, as bochechas meio imprensadas pelas espumas pretas. — No que precisar... é só me ligar. Eu sempre estarei disponível pra você.

Acenei enquanto a Harley roncou e tomou o seu rumo. Só então permiti que as lágrimas rolassem.

E agora, o que vou fazer... ?

A resposta veio naquela mesma noite.

Como não quis almoçar e também não desci para jantar, mamãe foi ao meu quarto, para ver o que estava acontecendo. Ela me encontrou deitada e encolhida na cama. Eu pressionava a caixinha fortemente contra o peito, sentindo meus olhos cansados e inchados de tanto chorar.

Mamãe sentou pertinho de mim e passou os dedos em meus cabelos. Ajeitei-me, repousando a cabeça em seu colo. Não houve uma série de perguntas, suposições ou julgamentos. Ela apenas me embalou carinhosamente, sussurrando uma música bem baixinho.

Ali, fui tomada por uma onda de consolo e confiança. Então, pela primeira vez (ainda que um pouco devagar, devo dizer), consegui abrir totalmente o meu coração para ela. Contei os meus medos, sonhos, dúvidas e incertezas a respeito do meu relacionamento com Hiero. Confessei o quanto o amava e estava arrependida de tê-lo deixado partir daquela forma.

— Não quero nenhum outro rapaz, mamãe. Vou seguir o Hiero até o fim do mundo. Eu sei que ele é... o homem da minha vida. — murmurei, sentindo minhas bochechas queimarem. Será que não soei ridícula? Será que não estava sendo boba ou... ingênua demais?

— Você tem o jeito do seu pai. — Mamãe deu um sorriso e apertou minha bochecha. — Vocês são dois românticos natos, a diferença é que você é um pouco tímida para expressar esse lado.

Nessa hora, meu coração parou de sangrar um pouquinho. Percebi que, no meu íntimo, havia conseguido ultrapassar aquela barreira que me separava dela. Era como se, finalmente, eu estivesse à vontade e conseguisse conversar com ela como... uma amiga. E eu amei cada pedaço desse sentimento.

— Eu sei que está sendo difícil. — ela continuou, voltando ao assunto. — Deve estar se enchendo de milhares "e se?". Se ele não tivesse passado na prova... ou, se a sua resposta fosse diferente. Mas os "e ses " não existem, Bibi. O que passou, passou, deixe para trás. O importante é o que você pode fazer a partir de agora.

— E... o que seria? — perguntei, fitando-a com os olhos brilhando de esperanças.

— Bem... — ela inclinou a cabeça para o lado e ponderou por uns segundos. — Eu precisaria conversar com o seu pai primeiro. Se ele concordar, acho que você terá de ir comigo amanhã a um lugar. — Ela deu um suspiro e começou a falar como se estivesse divagando ou fazendo uma espécie de lista mental. — Vou precisar devolver aquele longuete lindo e cheio de pedrarias, trocar a *clutch* e o *scarpin*... mas é por uma boa causa. Ah, e vou ter que falar com aquela minha amiga da igreja, que...

— Pera, concordar com o quê? — Levantei-me do seu colo e pus-me sentada. — Trocar *scarpin*? E que amiga? O que isso tudo significa? — Franzi as sobrancelhas e fiz um biquinho, confusa.

Mamãe limpou as marcas das minhas lágrimas e olhou-me nos olhos.

— Significa, Bibi, que eu vou criar uma oportunidade para você correr atrás do seu príncipe.

E então, mamãe se tornou a minha fada madrinha.

Caminhei em passos cadenciados como se estivesse em uma valsa invisível, os saltos das minhas sandálias produzindo um som opaco sobre o carpete macio. Enquanto atravessava aquele salão de festa com teto abobadado e suntuoso, decorado com milhares de arranjos florais e iluminado por lustres imponentes, pensei nas palavras finais daquela carta. Eu as li tantas vezes que poderia recitá-las de cor.

"Tudo bem se você ainda estiver indecisa. Tudo bem se precisar de um tempo. Pode demorar o quanto quiser. Se, um dia, quando nos reencontrarmos, você estiver usando o nosso colar, saberei que esperou por mim, assim como eu vou esperar por você.

Para sempre seu, Hiero."

Dirigi-me às enormes portas de vidro, as quais davam para o terraço. Lá fora, os últimos raios de sol tingiam o mundo de tons dourados, conferindo à atmosfera a sensação etérea de um sonho.

Passei por um gracioso túnel de peônias na saída. Dispostas em arcos, as flores caíam como uma abundante chuva branca e cor-de-rosa. Mais adiante, na borda entre a estrutura do prédio e o céu, estava ele.

Aquele rapaz solitário, elegantemente vestido em um smoking preto e bem cortado, parecia uma escultura de tão impecável, estático e belo. Encostado no parapeito em vidro, contemplava perdidamente a vastidão do oceano Atlântico. Mesmo quando me aproximei, ainda que um tanto sorrateira, ele permaneceu olhando fixo para o manto azulado, absorto em seus pensamentos.

A brisa marítima acariciou seus cabelos escuros, e fez com que uma mecha se desprendesse de seu penteado. Repousei as mãos sobre o vidro e absorvi um pouco do ar fresco e salgado.

— Sabe o que é engraçado? — falei, mantendo o rosto na direção ao pôr-do-sol cheio de nuvens baixas e brilhantes. — É que, quando me falaram que *um certo* cara iria morar em casa, tentei impedir de todas as formas. Fiz até greve de fome! — Ri e tentei ajeitar em vão alguns fios esvoaçantes atrás da minha orelha. — E agora, aqui estou eu: por pouco não peguei a conexão errada e fui parar no outro lado do país, enfrentei mais de três mil quilômetros e duas noites inteiras sem dormir de tanta ansiedade... tudo para vê-lo mais uma vez.

Somente então virei o rosto para o rapaz ao meu lado. Hiero me fitava com olhos iguais a duas lagoas grandes e cristalinas, a boca entreaberta, o pescoço tensionado como se estivesse prendendo a respiração. E, naqueles

segundos em que a felicidade preenchia cada célula do meu corpo, eu também não conseguia respirar.

"PS: Se eu não fui feito para você, então por que meu coração diz que eu sou?"

Continua... ♡

Notas da autora | Enquanto preparava esse capítulo, meus ouvidos ficaram saturados de tanto ouvir "If Ever You're in my Arms Again" (Se você estiver em meus braços outra vez), do Peabo Bryson. Foi meio que coincidência, mas essa canção combina taaaanto com esse capítulo que deixarei aqui como trilha sonora. A tradução dela é linda e é exatamente os sentimentos da Bea:

"Nós tivemos uma chance na vida, mas eu não pude enxergar até que isso se foi. Talvez seja tarde para pedir uma segunda chance, mas eu prometo que, a partir de agora, se você estiver novamente em meus braços, eu vou te amar muito melhor. Se você estiver novamente em meus braços, desta vez, vou te abraçar para sempre. Desta vez, nós nunca teremos um fim." ♪

<https://youtu.be/J7KMPEXr8oQ>

Faltam dois capítulos para o fim e já começo a ficar tristonha... O que me alegra são todas as leitoras que estão torcendo tanto por um final feliz para Bea e Hiero. Obrigada! Essa história não existiria sem vocês ♡

45.

4 | 5

QUANDO MAMÃE DISSE QUE iria "criar uma oportunidade" para que eu corresse atrás de Hiero, nem sequer conseguia imaginar o que ela tinha em mente. Somente no dia a seguir, quando entramos num luxuoso atelier de alta costura, as cortinas do meu entendimento se abriram: dali a seis dias seria o casamento de Joana e *eu* quem iria no lugar dela.

— Mas a senhora estava tão animada para ir! — protestei enquanto passeávamos ao lado de um imenso expositor repleto de vestidos de variados modelos. Mamãe começou a manusear os cabides, e os plásticos protetores resmungaram a cada passada. — Sinto que não tenho esse direito... Nossa, que lindo! Esse também é um espetáculo. Oh, não, mãe, pare! É muito tentador. — Bati ambas as mãos ao lado do rosto e balancei a cabeça.

— Está tudo bem, Bibi. Essa ideia foi minha, não foi? Além do mais, eu estava mesmo me sentindo mal em ir sem seu pai. — Ela retirou um cabide da arara e sobrepôs a peça sobre meu corpo, balançando a cabeça com um sorriso. Arregalei os olhos.

— E quanto às passagens, a hospedagem?! Como vou para Fortaleza sozinha? Eu nunca andei de avião!

— Vamos trocar tudo para você. E pegar um avião não é difícil, é igual pegar um ônibus ou metrô.

— Mas... — Baixei os olhos e engoli os lábios, sentindo o meu rosto queimar.

Dona Márcia me conduziu ao sofá branco e moderno do outro lado do recinto e repousou o vestido ao seu lado. Com minhas mãos nas suas, disse:

— Filha, não é exagero ou trabalho algum o que estamos fazendo por você. Achamos que vocês podem ter um futuro muito feliz juntos. Eu tinha apenas dezessete anos quando me casei com seu pai, você sabe. E, se ele não tivesse corrido atrás de mim, nós não teríamos a vida maravilhosa que temos hoje. Claro, com lutas e dificuldades igual a todo mundo, mas... — Ela encolheu os ombros, os lábios curvados numa linha terna. — Nunca conseguirei agradecer o suficiente ao Beto pelo que fez por mim. Ele me deu os maiores tesouros que eu poderia querer... você e seus irmãos.

Ela enxugou a lágrima que escorria em minha bochecha e ia ao encontro do meu sorriso.

— A única coisa que eu peço é que honre a confiança que estamos depositando em você. — ela continuou, mantendo o timbre carinhoso, porém mais firme. — Não faça nada que vá se envergonhar ou se arrepender depois. Seja fiel aos seus princípios. Se ele realmente é o homem da sua vida, irá respeitar você e o momento certo. No matrimônio, a magia não acaba quando os sinos batem à meia-noite. Ela dura a vida inteira.

Assenti com a cabeça, não conseguindo evitar uma pontadinha de culpa e embaraço. Será que deveria confessar o meu deslize na festa de Luke? Não, melhor depois da viagem... Para todos os efeitos, iria me manter longe de bebidas suspeitas e me policiar melhor a partir dali.

— Prometo ser responsável, mãe. De verdade. Obrigada pela chance! — Eu a envolvi em meus braços, apertando-a forte. Não lembrava qual havia sido a última vez em que tomara a iniciativa de abraçá-la.

Por que demorei tanto para perceber? Mamãe era como um farol imponente, rígido o suficiente para suportar as mais furiosas ondas do mar. Porém, por trás daquela sua fachada dura e calejada, havia um coração irradiante, caloroso, o qual iluminava e guiava os nossos passos em direção à segurança do porto. Não por causa da situação, mas por espontânea vontade, do fundo daquele bauzinho enferrujado tirei as palavras que havia escondido dela há muito tempo.

— Eu amo muito você, mamãe.

Ao ouvir isso, seus olhos ficaram marejados e sua boca se abriu num sorriso mais doce que cerejeiras em flor. Enquanto mamãe retribuía meu abraço, as simpáticas atendentes próximas a nós vibraram como se estivessem assistindo o final feliz de alguma novela das oito.

Mamãe passou as mãos pelo rosto, recuperando-se, depois bateu palminhas em meu joelho.

— Bem, agora vamos aos vestidos!

A parte do aeroporto, troca de aeronave, desembarque e a chegada ao apartamento foi uma loucura, mas nada se comparou à angústia de não poder me comunicar com Hiero durante os dias em que estivemos separados. Minhas ligações sempre caíam na caixa postal. Depois de tantas tentativas, comecei a ficar com medo. Será que ele estava me evitando?

— Oi, mãe! Cheguei bem, sim. Você precisa ver essa vista do meu quarto, que linda... Ah, o quê? Ligar do telefone do hotel? Alô? — Uma voz eletrônica avisou que meus créditos haviam acabado, seguida de vários bipes. Olhei para meu celular, incrédula. Eu havia feito uma recarga no dia anterior! Uma chamada interurbana era assim tão cara?!

Oh! Talvez era isso. Hiero provavelmente trocara o *chip* para seu número antigo antes mesmo de sair de São Paulo. Não fazia sentido chegar aqui

com o número de lá.

Deixei meus braços caírem na cama e suspirei. Desci à recepção e me informei das taxas do telefone. Outro suspiro, mais ruidoso. Tive de recorrer aos cartões telefônicos e a um orelhão para poder dar mais notícias aos meus pais e conversar (ou melhor, surtar) com as minhas amigas. Estava morta de ansiosa pelas próximas horas e estar sozinha num lugar estranho não ajudava em nada. Pelo menos, nessa breve saída, pude me distrair conhecendo a paisagem.

O confortável *flat* escolhido por Joana ficava na Beira Mar (e a poucos metros do hotel cinco estrelas onde aconteceria a cerimônia e recepção do casamento). Logo de cara me deparei com a convidativa praia de águas azul-esmeralda, o seu longo sorriso de areia cercado por prédios enormes e modernos. O clima era bastante quente, mas o vento ajudava a torná-lo agradável.

Não fui muito longe e logo retornei. Até tentei comer algum dos lanches que havia trazido, mas nada passava em minha garganta. Então, decidi começar logo a difícil tarefa de me arrumar para a cerimônia. Só tinha três horas para transformar minha aparência cansada de gata borralheira em princesa encantada.

Enquanto me vestia, agradei mais uma vez à minha querida fada madrinha. Nunca pensei que mamãe fosse me mimar tanto assim – como aquele par de sandálias douradas, a *clutch* cravejada de cristais e... aquele vestido deslumbrante. Alisei o tule rendado sobre a saia curta e volumosa, verificando no enorme espelho do guarda-roupas como o tecido rosa-champanhe iluminava minha pele e o decote ombro-a-ombro valorizava meu busto.

Só não podia esquecer o item mais importante: o precioso colar dourado, o qual deu ao meu pescoço o charme e graciosidade de uma garça.

Caminhei os poucos metros entre os hotéis debaixo de um sol escaldante do meio da tarde. Ainda bem que minha maquiagem era leve, senão teria derretido com o suor. Também preendi o cabelo em um pequeno coque com

a ajuda de um arsenal de grampos, e isso evitou que o vento o transformasse em uma juba.

Entrar no salão cerimonial foi como adentrar num cenário de conto de fadas: véus, folhagens e belíssimos arranjos florais figuravam uma espécie de jardim secreto. O suave perfume dos mosquitinhos, das peônias e lírios rosados pairava pelo ar. As centenas de cadeiras pareciam esculturas de gelo. Seus entalhes cintilavam, refletindo o brilho dos lustres majestosos cheios de cristais sobre a passarela. Juntei-me aos convidados bem-vestidos na escolha de um lugar privilegiado. Infelizmente, todos os assentos frontais e próximos ao corredor estavam ocupados, então fui obrigada a ficar mais ao canto, meio escondida.

Tudo naquele ambiente me deixava literalmente de boca aberta, porém, nada me arrebatou tanto quanto o que surgiu atrás dos portões principais, na chegada da noiva.

Joana parecia uma estrela de cinema, tão glamourosa e radiante em seu vestido branco clássico com uma cauda gigantesca – mas não foi ela quem tirou o meu fôlego. Ao seu lado, um lindo jovem em um impecável traje de gala caminhava com requintes quase régios. Com os olhos fixos no altar e a boca em uma linha reta, diria que parecia preocupado em não tropeçar durante a marcha. Meu coração bateu como nunca ao vê-lo passar por minha fileira. Ele estava tão perto, porém, tão longe.

Assim que entregou ao noivo a mão enluvada da mãe, Hiero foi para o seu assento na primeira fileira. A partir daí, a voz do celebrante e os sons dos instrumentos tornaram-se sussurros abafados em meus ouvidos, enquanto concentrava-me unicamente no dono daqueles cabelos escuros penteados em ondas para trás e em seus ombros largos. Fiquei tão aérea sonhando com o nosso iminente reencontro que, de repente, vi-me rodeada de pessoas em pé a aplaudir o cortejo de saída. Era o fim da solenidade.

Segui a correnteza humana e adentrei outro salão, tão ou até mais belo que o primeiro, também arranjado como um jardim. Árvores francesas deixavam o ambiente romântico e primaveril, enquanto castiçais de prata altos sobre os móveis de acrílico, espelhos e lustres dourados davam um toque luxuoso e sofisticado. As mesas de jantar estavam tão bem arrumadas

que pareciam ter sido postas para um banquete real. Eu ficaria perdida com aquele bando de taças, pratos e talheres.

Reparei que os recém-casados haviam se retirado para uma sessão de fotos próximo à mesa do bolo, e Hiero não estava mais perto deles. Comecei a caminhar sem muita direção. Pedi várias vezes por licença, enquanto esticava o pescoço e virava a cabeça, os olhos correndo soltos em todas as direções. Lá ao fundo, uma porta dupla de vidro se abriu, e pude ver de relance um borrão escuro a atravessar por ela. Meu coração ganhou a velocidade de mil cometas. Era ele. Com certeza, era ele.

Apressei os passos e o segui. Minhas mãos tremiam um pouco. Em todo trajeto, respirava fundo. "*Para sempre seu*", ele havia escrito. E, no momento em que nossos olhos se encontraram, eu soube que aquelas palavras eram verdadeiras. Nem em seis dias ou em cem anos ele mudaria de ideia. E eu também não.

— Bea — Hiero murmurou, surpreso. Ele estendeu os dedos e tocou o meu rosto, como para confirmar que eu não era um sonho. Seu olhar esquadrinhou os meus traços, então percorreu meu pescoço e pousou sobre o colar.

— Nunca vou tirá-lo — falei, acercando-me a ele —, porque não importa se você for ou se ficar, não importa o lugar que esteja... você sempre será o único para mim, Hiero. Para sempre. Eu amo você, e eu...

Não consegui dizer as outras coisas que havia ensaiado porque, tomando-me em seus braços e apertando-me forte contra si, Hiero me beijou. Em seus lábios, entreguei todas as palavras contidas. Nossos pés não tocavam mais o chão e meu coração quase explodia enquanto flutuávamos juntos rumo ao esplendor do horizonte e tomávamos lugar entre as estrelas daquele crepúsculo.

— Obrigado... obrigado. — ele sussurrou, seus lábios roçando os meus.

— Vamos tentar manter o máximo de contato — falei. Ele assentiu, muito sério, sua respiração em minha minha pele, seus olhos perdidos nos meus.

— Vou te mandar uma carta por dia. Vou escrever sobre tudo: minha rotina, meus pensamentos, medos e sonhos. Você vai até se enjoar de mim.

— Não vou, não. Vou te amar cada dia mais. — Ele sorriu, um sorriso mais belo que o sol e o mar juntos, e me beijou outra vez... e outra vez, e outra vez. Depois de um tempo assim, ele tomou a minha mão, entrelaçando nossos dedos. — Vem, vamos lá para dentro. Quero te apresentar à minha avó... e minha mãe vai gostar muito de saber sobre nós.

Coloquei a mão no peito e senti fortes vibrações contra a palma.

— Oh, agora eu tenho uma sogra! Será que ela vai gostar de mim? E a sua avó? Como ela é? Não é muito rígida não, né?

Hiero deu uma risada. — Que nada! Não se preocupe, elas vão adorar você. Graças a Deus, minha mãe não faz o tipo possessiva. Quando voltamos para cá, ela me incentivou a ser forte e independente, sabe, me preparou para a vida. E, bem, a vovó sempre esteve acostumada a chefiar e nunca me mimou – mas agora que está mais velha, anda agindo como essas avós de coração mole. Oh, ali está ela. — Ele acenou para uma senhora esbelta e muito elegante num longo prateado, a qual conversava com alguns convidados perto do bar e do *lounge* formado por sofás e poltronas de veludo. — Vovó! Essa é a Beatrice, minha namorada. Bea, essa é minha avó, Noemi.

Embora ele tenha tentado me tranquilizar, senti o pescoço ardendo de timidez enquanto a cumprimentava com dois beijinhos. Dei meu melhor sorriso e formulei frases gentis. Eu sempre caía nas graças dos mais velhos fazendo isso – não era à toa que as senhorinhas da igreja me paparicavam e gostavam tanto de castigar minhas bochechas.

— Que bom finalmente te conhecer — A matriarca tocou-me no antebraço com sua mão fina, manicurada e cheia de sardas. — Não vejo meu menino contente assim há muito, muito tempo. Precisava ver como estava nestes dias, num abatimento só. Não conseguia se concentrar nos ensaios e vivia errando o passo. Ele é louco por você, querida. Desde os doze era Beatrice pra cá, Beatrice pra lá. Sempre quando os parentes enxeridos perguntavam

onde estavam as namoradinhas, ele respondia: "eu só tenho uma, e ela mora em São Paulo!"

Arregalei os olhos para Hiero, o qual estava vermelho da cabeça aos pés. — Vovó, pelo amor de Deus. — ele gemeu, escondendo o rosto com ambas as mãos. Nós duas rimos uma para a outra.

— Mas ainda bem que tudo deu certo. Seja bem-vinda à família e espero que fique por muito tempo. — Ela apertou minha mão.

— Eu também espero, dona Noemi.

Nesse momento, uma garotinha vestida de branco veio correndo e se escondeu atrás de Hiero.

— Opa! — Ele quase tombou com o esbarrão. Abaixando-se para ficar na altura dela, afagou-lhe os cachinhos loiros. — Brincando de pega? Antes, dá um oi para a Bea. Ela é sua cunhada, sabia?

— O que quer dizer "cunhada"? — Ela perguntou, exibindo algumas janelinhas em seu sorriso.

— Quer dizer que ela é a minha namorada. — Ele apontou pra mim, todo orgulhoso. A menina me deu um abraço tímido antes de sair correndo outra vez, às gargalhadas. — É a minha nova irmãzinha, Ana Vitória. É toda *ispilicute*, tem cinco anos.

— Que fofa! — exclamei, observando que ela tinha ido ao encontro do pai, o qual vinha em nossa direção de mãos dadas com Joana.

Os recém-casados contrastavam em aparência – em oposição à delicadeza dela, o noivo era um senhor de meia idade alto e robusto, parecendo um lenhador. Ao ver minha sogra se aproximando, agarrei a mão de Hiero e preendi a respiração.

— Bea, mulher! Como você ficou uma moça linda! — Ela me deu um abraço meio afastado por conta da sua saia cheia de camadas. — Eu soube de tudo pela sua mãe, mas não falei nada a este menino pois queria que

fosse surpresa. Estou tão feliz por vocês. É uma pena que não teremos mais tempo juntas para conversar mais tarde.

— Que isso! — Sorri, ajeitando uma mechinha de cabelo atrás da orelha. — Teremos bastante tempo no futuro. Parabéns pelo casamento, está tudo muito lindo! Felicidades ao casal.

Minha presença não passou despercebida pelo resto da família. Enquanto passávamos juntos pelas mesas rumo aos nossos lugares, Hiero precisou parar várias vezes para me apresentar aos curiosos parentes. Ao sermos abordados por seus primos, notei um brilho especial de satisfação no sorriso dele e faíscas em seu olhar. Com poucos segundos de conversa, entendi o porquê.

— Valha que o mongezinho da família resolveu namorar — Uma prima num tubinho mais brilhoso que uma árvore de natal riu antes de bebericar seu champanhe com aqueles beijos de pato.

— Caracas, ela existe mesmo! — Um rapaz com muita cara de playboyzinho sem-vergonha exclamou e me deu uma bela olhada de alto a baixo. — Eita que tu tirou a sorte grande, primo. Você tem irmã?

— Tenho *irmão*, mas ele é areia demais para seu caminhãozinho — retruquei, levantando uma sobrancelha e a lateral da boca. Hiero abafou o riso com uma mão fechada sobre a boca.

Mais adiante, três rapazes arregalaram os olhos e acotovelavam-se ao nos verem juntos, e outras duas garotas ainda tiveram a audácia de parabenizar o primo por finalmente ter "virado macho" e ter desencalhado!

— Como eles conseguem ser tão ridículos?! — perguntei-lhe ao chegarmos à nossa mesa. — Não à toa você mantém distância deles. Com uma família assim, quem precisa de inimigos?

Apoiando as costas em sua cadeira, Hiero cruzou os braços e suspirou. Naquele momento não falou nada, pois logo chegaram seus pais, a avó e a irmã para o jantar, mas depois me explicou que agiam assim por influência dos próprios pais, os quais depreciavam Joana por ser a irmã caçula que

pegou a melhor fase da família, mas jogou a vida fora ao se envolver com um cantor.

— Agora que ela está se casando com um homem bem-sucedido e eu estou indo ao exterior que estão nos tratando melhor. Mas sabe como é, a maior parte é hipocrisia. — disse. Baixei os olhos, sentindo-me mal por ele.

Um tempo depois dos doces, a pista de dança foi liberada. No meio da multidão animada foi fácil esconder nossas habilidades de dançar como lagartixas com cãibra, e nos divertimos para valer com aquela seleção de clássicos dos anos setenta e oitenta.

Era por volta das nove da noite quando resolvemos dar uma volta na cobertura novamente. Fomos saudados pelo sorriso da lua minguante sobre um infinito manto negro, o qual ficava mais azul ao atingir a praia. Hiero me abraçou e ficamos um tempo só apreciando a beleza da orla bem iluminada.

— Bea, já que você já vai amanhã... gostaria de passar essa noite comigo?
— ele perguntou em meu ouvido, fazendo meu coração disparar. Senti um calor queimar em minhas bochechas e percorrer-me por inteira.

— H-hã?

— Ah, não, d-digo, poderíamos ficar um tempo na praia, assistir o nascer do sol. — ele se corrigiu rapidamente. — Era isso o que eu tinha em mente!

Não sei se meu riso era pelo meu nervosismo ou pela forma como ele ficou corado. Talvez os dois. Saímos do hotel, e logo estávamos segurando nossos sapatos e sentindo a areia ainda morna sob nossos pés. Hiero tirou o paletó e enrolou as mangas da camisa até a base dos cotovelos. Desfez a gravata borboleta e colocou-a em um dos bolsos. Em seguida, desabotoou duas casas de botões, revelando uma correntinha dourada em torno do pescoço. Perguntei se o cadeado abria como um relicário, mas ele me mostrou que não, era apenas um enfeite.

— Mas eu carrego as nossas fotinhos na cabine para todo lugar dentro da carteira. — falou.

— Eu também. — Sorri, balançando a cabeça livre dos grampos.

Brincamos um pouco na areia e experimentamos ir à parte molhada, afundando os pés na água o suficiente apenas para cobri-los. Às vezes, uma onda maior vinha e corríamos, aos risos, fugindo dela.

Finalmente, nos sentamos juntinhos sobre os grãos fofos, escutando o estrondo das ondas e sentindo o sal impregnar nossa pele. Hiero abraçou-me por trás e ficou cantarolando baixinho em meus cabelos.

— Oh. Não era essa a canção que você cantou na casa do Luke? Ela é muito bonita.

— *Hm?* Ah, sim... Gosto muito dela. Ele sempre cantava essa música antes de eu dormir. Ela me traz boas memórias.

Virei meu rosto para poder olhá-lo. — Mas... isso não te deixa triste?

— Um pouco. É um sentimento agridoce, porque naqueles momentos eu via meu verdadeiro pai, não aquele homem destruído... Mas aquele que me amava de verdade.

Era a primeira vez que ele se abria sobre isso comigo. Senti meus olhos arderem um pouco.

— Como é para você hoje? — perguntei baixinho. Ele passou um tempo sem responder.

— Acho que nunca vai chegar um tempo em que eu vou esquecer completamente ou dizer que acabou. Sempre terei essa cicatriz. Não sou mais aquele garoto assustado de treze anos do meu diário, sei lidar melhor com isso. A maioria dos dias não dói mais, mas às vezes... às vezes parece ter sido ontem.

— Puxa... Eu também me sinto assim, embora, claro, seja diferente. Naquele dia, foi um choque, sabe. As memórias eram tão vivas, tão reais... Mas aos poucos elas estão desbotando outra vez, sendo substituídas por

nossos momentos juntos. Ter você em minha vida faz toda essa tristeza esmaecer.

— Digo o mesmo. Ter alguém tão precioso ao meu lado, lutando por mim, me dá uma força extraordinária. — ele disse. Em seguida, beijou minha nuca. O suave toque de seus lábios e sua respiração quente provocaram-me uma onda de arrepios. Então, foi como se minha pele tivesse se tornado extremamente sensível aos seus toques e meu coração começou a bater descontrolado. Ajeitei-me de forma a ficar mais distante dele, tentando afastar as sensações novas que suas carícias despertavam em mim.

— E-então vamos assistir ao nascer do sol? — gaguejei. — Vamos ficar acordados até lá? Não sei se consigo... já estou há dois dias sem dormir direito.

— Não podemos passar a noite aqui. Embora tenha muito policiamento, é perigoso. Mas conheço um lugar perfeito para isso.

Assim que as portas do elevador se abriram, fui recebida por uma sala de estar espaçosa, com grandes janelas do chão ao teto, as quais ofereciam uma vista panorâmica da praia. — Mentira que você mora numa cobertura! — exclamei. Quando Hiero havia me dito há algum tempo que o apartamento da avó era bonito e grande, imaginei algo semelhante à nossa casa, rústica e simples, não... isso. Ele havia sido bem modesto. (Pensando melhor, deveria ter adivinhado que era algo nesse nível, já que Noemi era dona de uma rede de restaurantes).

— Deixa eu te mostrar uma coisa. — Ele pendurou o paletó e minha *clutch* num cabideiro e tomou a minha mão. — Não repare a bagunça. Com a minha mudança e a da minha mãe, a vovó está reorganizando os espaços, então está tudo meio de ponta-cabeça.

Mesmo as caixas empilhadas nos cantos não tiravam a impressão de conforto e requinte dos móveis e decoração. Ele me conduziu por um corredor, por outro, e então, por uma escada. Chegamos num terraço grande e iluminado, no qual havia uma área *gourmet* com cozinha, churrasqueira e mesa de seis lugares. O destaque era o jardim cheio de plantas vistosas, com sofás brancos na área assoalhada.

— Era ali onde a gente estava? — Apontei para um ponto distante na orla, debruçando-me sobre o guarda-corpo. — E ali está o hotel. Acho que dá pra ver a festa daqui, é tão pertinho! Uau, isso de dia deve ser incrível.

— E é, você vai ver. Vou sentir saudades dessa vista e do calor da terrinha. Lá em Michigan faz muito frio, muito mais que São Paulo.

— E quando você vai, mesmo?

— Início de setembro, que é quando começam as aulas.

— Ah...

Aquele clima desconfortável pairou entre nós novamente e ficamos em silêncio por uns segundos.

— Bem, como você está cansada, imagino que queira... — Hiero abriu um sorriso sem graça e balançou as mãos. — Não se preocupe, minha avó e a Aninha estão dormindo lá embaixo, não estamos sozinhos. Você pode ficar no meu quarto e eu fico na sala.

— C-certo.

Ao descermos as escadas, parecia que sua mão estava mais quente que o normal. Ou será que era eu? Enquanto nos dirigíamos ao cômodo, lutei para não prestar atenção aos contornos do seu corpo, e empurrei a minha imaginação fértil o mais longe que pude.

— Vou buscar uma toalha e lençóis limpos. — ele falou e me deixou sozinha. Suspirei com uma mão sobre o coração palpitante.

Dei uma volta pelo quarto, olhando tudo em redor e absorvendo cada detalhe. Uma cama arrumada encontrava-se ajustada no canto, deixando um espaço entre a parede para uma luminária de chão e o violão. Mais ao lado, havia uma escrivaninha de madeira e uma estante alta e larga, cheia de livros bem cuidados, objetos decorativos, pequenos troféus e medalhas. *Uau*. Campeão em concursos de soletração e redação, destaque em feiras de matemática, bronze em torneio regional de judô...

— Então ele sabe mesmo lutar? — sussurrei admirada.

— Sei, sim. — A voz de Hiero atrás de mim me deu um susto tão grande que a medalha pulou das minhas mãos e caiu no chão. Ele riu e se abaixou para pegá-la. — Quando voltamos de São Paulo, minha mãe tentou preencher meu tempo o máximo possível, acho que em partes para manter minha mente ocupada. Então eu fazia muitas atividades extras, como reforço escolar, natação, judô, clube de futebol... e nas segundas, tinha terapia.

— Nossa, deve ter sido difícil. Nem consigo imaginar... — Dei uma voltinha, mais para manter a distância entre nós – um tremendo esforço, pois a presença dele era extremamente magnética. — Oh! O que é isso aqui? — Agarrei algo parecido com um grande livro grosso e pesado dentro de uma caixa mal fechada em cima da escrivaninha. — Um álbum de fotos!

Hiero deu um sorriso meio tímido. — Ah, minha avó tirou isso de algum baú no meio dessa arrumação toda. Deixa que eu guardo isso...

— Não senhor, agora eu quero ver. — falei em tom de desafio, tirando o objeto de suas mãos. Sentei-me na cama, coloquei o álbum no colo e comecei a folhear as páginas duras e amareladas, analisando as fotos dispostas sob um plástico protetor. — *Awn*, meu Deus, que gracinha! — disse, ao ver o rostinho vermelhinho de Hiero quando era um bebê. — Para onde foram essas bochechinhas? E essa carinha de bravo?

— Ah, essa aqui? — Ele se sentou ao meu lado e apontou para a foto em questão. — Eu deveria ter uns seis anos, e estava fazendo pirraça porque não queria cortar o cabelo. Então mamãe disse que, se eu não parasse, iria tirar uma foto para mostrar meu cabelo horrível para minha namorada. Eu

não me senti intimidado, já que nem sabia direito o que era uma namorada...
— Ele colocou a mão no rosto, rindo de si mesmo.

— Bem, e cá estou eu para cumprir a ameaça da sua mãe. — Também ri. Nessa hora, a pontinha de um papel diferente no meio das páginas me chamou a atenção. — Hein? — Franzi as sobrancelhas e o puxei.

Quando viu o que era, Hiero imediatamente tentou agarrar o papel de minhas mãos.

— Não, não, Bea, me devolva isso! — Mas eu estendi o papel para longe dele, rindo. Reconheci sua letra infantil e comecei a ler em voz alta, apenas para provocá-lo, enquanto seus braços ainda tentavam alcançar a folha meio amassada.

— "Querida Bea"... Oh, é uma carta para mim?

— Bea! — ele reclamou entredentes e não se deu por vencido. Usando um pouco mais de força, se espichou e se impulsionou em minha direção, fazendo, no movimento, com que nós caíssemos na fofura da cama – eu com os braços esticados sobre minha cabeça, e ele por cima de mim.

Sentir o peso do seu tronco me fez parar de rir. Ele também paralisou, apesar do papel estar a milímetros dos seus dedos. Lentamente, pousou a mão no lençol e trouxe o braço ao meu lado. Eu conseguia ouvir as batidas fortes do seu coração enquanto ele me olhava com desejo e hesitação. Nos segundos em que decidia se me beijava ou não, senti como se fosse enlouquecer. Sua respiração, seu cheiro e sua pele, tudo era irresistível demais; no entanto, eu sabia que, no momento em que nossos lábios se tocassem, o mundo deixaria de existir e nada mais importaria para nós.

Lembrei-me do que eu prometera à mamãe e do que Dahlia passou com o namorado. Não queria que tivéssemos o mesmo fim. Não queria viver um sonho e acordar num pesadelo. Queria fazer as coisas do jeito certo. "Se um homem a ama de verdade, vai esperar", uma vez papai me disse. "Ceder à tentação qualquer um pode. Esperar para entregar seu maior tesouro na noite de núpcias sim é um ato de amor". Mas como eu o afastaria, se cada parte de mim clamava por ele?

Quando ele tocou o meu rosto e seus dedos deslizaram do meu queixo para o pescoço, senti a boca seca. Quase achei que minha voz não iria sair.

— Hiero, não...

Como se tivesse sido atingido por um raio, o rapaz ficou em pé num sobressalto.

— Meu Deus. — Ele me olhou com olhos arregalados por um segundo, antes de correr para fora do quarto e bater a porta. Foi tudo tão rápido e brusco que achei que talvez ele estivesse sofrendo de algum mal súbito.

— Você está bem? — Corri até a porta e tentei abri-la. Ele, porém, puxou a maçaneta no sentido contrário.

— Não venha aqui. — sua voz saiu aturdida. — Se você vier, tenho medo de não conseguir me controlar outra vez. Meu Deus, Bea, eu quase... Oh... Eu não posso fazer isso, eu... seus pais confiam em mim e... não seria o certo.

Encostei-me na porta, tremendo.

Após uns dois minutos, abri lentamente a porta o suficiente apenas para espiá-lo. Ele estava de costas, curvado sobre a parede vizinha, e descansava a cabeça sobre um braço – a mesma posição de alguém contando números numa brincadeira de esconder.

— Deixei as coisas em cima da cômoda. — sua voz continuava tremida. — Pode escolher qualquer roupa para se trocar. E-eu só não trago nada da minha mãe para você vestir porque ela já despachou as coisas delas lá para o Sul.

— T-tudo bem, seria esquisito de qualquer forma.

Ao som da minha voz, ele se encolheu mais contra a parede.

— Eu te acordo quando o sol estiver nascendo. — disse, e fez um gesto para que eu entrasse.

Mas quem disse que eu sequer consegui dormir? O cheiro dele nas roupas emprestadas, em sua cama e em todo seu quarto me castigava. A simples lembrança do seu toque ou da sua voz me fazia perder o fôlego. Passei a noite inteira rolando de lá para cá, com o coração batendo igual a um relógio descompassado, sentindo como se estivesse febril.

Um tempão depois ouvi toquinhos na porta. Quando atendi, Hiero também parecia um caco: estava descabelado, com os olhos vermelhos de sono e ombros caídos. Talvez, como eu, estivesse com dores de cabeça e no corpo. Mesmo assim, sorria.

— Já está para começar. — disse. Quis dar-lhe a mão, mas ele só permitiu que eu segurasse uma ponta da sua camiseta, "por precaução".

Ficamos lado a lado, apoiados no do guarda-corpo do terraço. Instantes depois, a mágica iniciou lá no fundo do horizonte. Os primeiros raios de luz começaram a pintar o céu de tons vermelhos, laranjas e amarelos, como uma tela. O mar se tornou um azul cristalino, e as ondas pareciam dançar ao som de uma brisa suave. A cidade foi acordando lentamente, com a luminosidade surgindo por entre os prédios e atingindo as ruas. As cores vibrantes do céu ficaram mais claras e suaves, e tudo começou a brilhar em tons dourados, indicando que um novo dia começara.

— Nossa! Que lindo! — Abri os braços e dei voltinhas, deixando o vento fazer cócegas em meus cabelos. — Obrigada. Eu adorei.

Finalmente Hiero se aproximou de mim e tocou minha face sorridente. — Queria poder oferecer muito mais, Bea... minha querida, meu amor. É a última lembrança que teremos juntos em bastante tempo.

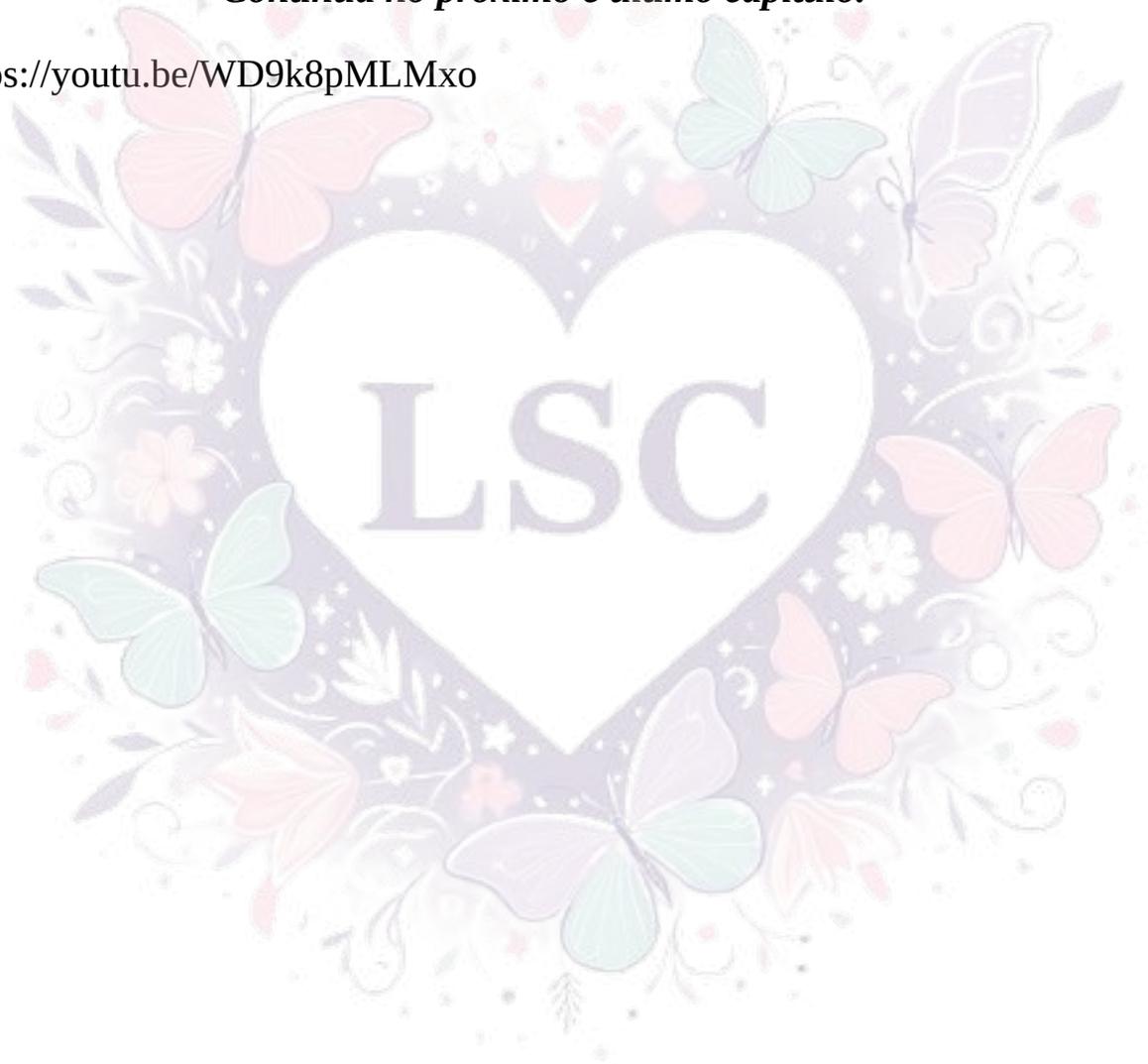
— Eu sei... Mas o importante é que nossa história não acaba aqui... meu querido, meu amor.— Subi a ponta dos pés e apoiei os braços em torno dos seus ombros.

— Não mesmo... — ele disse em meus lábios. — Ainda bem.



Continua no próximo e último capítulo.

<https://youtu.be/WD9k8pMLMxo>



46. final

Notas da autora. Esse capítulo possui uma pequena surpresa no final. Então, quando as palavras acabarem, continue rolando ou passando as páginas, até o Wattpad virar e mostrar que acabou. Para uma melhor experiência, você pode tocar "Forevermore" (David Archuleta), última canção na playlist do livro.

FINAL

— **E SE A GENTE DESMANCHAR** aquele vestido que fui no casamento da sogrinha no ano passado para usá-lo como molde? Acha que poderia costurá-lo de novo? — perguntei à mamãe enquanto a ajudava a limpar a cozinha após o jantar. Ela torceu os lábios, pensativa, olhando a água fervente sair da torneira e preencher a assadeira incrustada de gordura queimada dentro da pia.

— Não sei se conseguiria deixá-lo como antes. É muito difícil quando não tem pano sobrando. Mas por que você não vai com ele, Bibi? É tão bonito e custou tão caro para ser usado apenas uma vez.

— Acho que não combina com o tema "Winter Wonderland"... — respondi, guardando as *Tupperware* cheias de restos na geladeira. — Aliás, por que escolheram justamente *inverno* quando estamos no *verão*? Só porque

estamos em dezembro? — Fiz um beicinho. Seria um tema perfeito se vivêssemos no Hemisfério Norte, onde essa coisa de neve, esquilos e trenós não fazem parte apenas do imaginário popular.

E seria perfeito se vivêssemos em *Michigan*, mais especificamente.

— Independente do tema, aposto que será maravilhoso. Queria poder ter tido um baile de formatura também. — Mamãe sorriu. Reparei uma umidade no cantinho dos seus olhos. — Tudo passa tão rápido. Parece que foi semana passada que você entrou no colegial, e parece que foi ontem que você e Hiero estudavam naquele quarto...

— E que ele me ajudava a lavar as louças! — interou Mikhel em sua voz meio-fina-meio-grossa da puberdade, chegando com o resto dos pratos. — Ainda sem previsão de quando ele vai vir?

— É... — Engoli os lábios, tentando esconder minha cara de decepção. Ele havia prometido voltar e passar as férias de verão (junho a agosto) no Brasil, no entanto, os planos não deram certo porque do nada ele resolveu trabalhar e juntar um montante, aproveitando a desvalorização do dólar. "É melhor começar uma poupança desde agora", explicou. "Daqui a uns anos, esse dinheiro pode triplicar ou até quadruplicar". Dei o meu melhor para ser uma namorada compreensiva e o apoiei, afinal, ele estava pensando no nosso futuro... No entanto, *óbvio* que eu preferia mil vezes que ele tivesse passado esse tempo comigo.

Mas tudo bem, deixei passar. A questão é que a semana de férias entre o Natal e ano novo – o tal do *winter break* – se aproximava e ele ainda não tinha comentado nada sobre vir nos visitar. E se não viesse, completaríamos um ano e meio sem nos ver, já que, no final do ano passado, ele perdeu a viagem por ter contraído otite aguda em decorrência de uma gripe forte.

Não sei, talvez ele tivesse outros planos para o fim de ano. Não perguntava nada porque gostaria que ele tomasse a iniciativa. Não queria pressioná-lo ou parecer que estava cobrando.

Ouvi o telefone sem fio tocar lá da sala e dei um pulo. Oh, sim, já estava na hora! Larguei a vassoura num canto e me apressei a atendê-lo. Porém, como

papai estava assistindo ao noticiário próximo ao aparelho, ele o agarrou antes que pudesse alcançá-lo.

— Olá, boa noite! Como vai meu genro favorito?

"E o único", já até sabia a resposta de Hiero do outro lado da linha. Essa piada do "genro/sogro favorito" nunca perdia a graça para os dois. Revirei os olhos, sorrindo para papai, e estendi-lhe a mão. Ele ignorou meu pedido somente para me provocar, e continuou a conversa como se o telefonema fosse para ele. Cruzei os braços e fiz uma careta.

— Espere, tem uma garota impaciente e louca de amores aqui que não pode dividir a atenção do namorado por dois segundos.

— Pai! — protestei, rindo e agarrando o aparelho. A superfície fria do plástico metalizado provocou um suave arrepio em minha bochecha quente.

— Oiii, lindo...

— *Oi, docinho. Como vai você hoje?*

Meu coração derreteu apenas por ouvir aquela voz mais uma vez. Como sempre, ela era suave como uma brisa de verão, tão doce e melodiosa que fazia todas as nuvens escuras de tristezas, dúvidas e chateações se dissiparem.

— Eu vou bem. Na verdade, muito, mas muito mais feliz agora. — respondi num tom sedoso igual a uma calda de caramelo. Se pudesse encontrar algo bom em namorar à distância, diria que a saudade aumentava a paixão, e cada segundo de contato, cada palavra, cada som dos risos e da respiração era muito significativo e precioso.

A pior fase da separação havia passado – a do início. Os primeiros meses foram os mais cruéis, pois a presença de Hiero convivendo entre nós ainda era muito nítida. De vez em quando, eu me pegava colocando um prato a mais na mesa, tinha a sensação de acabar esbarrando com ele na sala ou na cozinha, achava ter ouvido sua risada ou o barulho característico dos seus passos pela casa. Absolutamente tudo me fazia lembrar do nosso tempo juntos, fosse uma música, o café preto, as roupas tremulando no varal... Eu

o via entre a multidão, nas esquinas, no mercado, até nos filmes. Não havia um dia em que não desabasse em lágrimas. Benditos sejam as orelhas e os ombros de mamãe e das minhas amigas.

O que ajudava a amenizar a dor eram nossos telefonemas, e mais tarde (quando ele já estava nos Estados Unidos e as ligações ficaram menos frequentes), nossas cartinhas. Mantive minha promessa e escrevia cartas longas e detalhadas – às vezes, só conseguia escrever bilhetinhos carinhosos – a cada dia. Colocava tudo dentro de um envelope grande e ia aos Correios toda sexta-feira.

Quando chegou a primeira carta dele, chorei de alegria. Foi como receber um pedacinho do seu próprio ser. Eu aspirava o perfume do papel e o relia várias vezes para absorver cada detalhe. Depois, os envelopes começaram a vir com pequenos presentes: fotinhos, CDs de lançamento das minhas bandas favoritas, alguns doces e chocolates diferentes, uma mechinha de cabelo. Eu guardava tudo com muito cuidado dentro da primeira gaveta da mesinha de cabeceira, junto com o boné (que nunca devolvi, e ainda carregava o seu maravilhoso cheiro).

Contudo, os meus verdadeiros tesouros eram as músicas que ele compunha especialmente para mim. Ele me enviava a letra e depois, pelo telefone, ele as cantava em dueto com o "Gibson original 1941 feito em Kalamazoo", como costumava a gabar a peça – o violão de Joshua, o filho mais novo da família que hospedava Hiero.

— Ah, é, consegui boas notas nos trabalhos finais. — falei, me remexendo na cama e trocando o telefone de orelha. — Agora só falta a última semana de provas e acabou toda essa loucura de ensino médio.

Hiero riu. — *Depois você vai sentir falta, vai por mim. Comparado à faculdade, o ensino médio é um céu. Hm... talvez minha experiência esteja sendo pior porque o inglês não é minha primeira língua. Por falar em faculdade, já decidiu o que gostaria de fazer?*

Hesitei um pouco.

— Amorzinho, se eu disser que não quero fazer faculdade, você acharia loucura? Oh, pelo menos, não agora. — corrija-me depressa. — Descobri que amo mesmo costurar. Quero ser aprendiz num atelier, acho que vou me desenvolver melhor na prática que numa sala de aula.

Eu, costureira? Nunca sequer havia pensado na possibilidade. No entanto, quando as contas telefônicas vieram mais salgadas, tive que encontrar maneiras de ganhar dinheiro extra. Comecei vendendo coisas paradas, como pelúcias, sapatos, roupas e livros – até mesmo a minha coleção de revistas *teen* que mamãe havia escondido embaixo de umas caixas no fundo da lavanderia. Mas não foi o suficiente. Foi então que mamãe sugeriu que a ajudasse a produzir peças para vendermos na vizinhança ou para as mulheres da igreja. No início, fiquei bem relutante em aceitar, afinal, achava que não tinha nada a ver comigo e ainda precisava dar conta das obrigações em casa e dos estudos. Mas era isso ou ser babá de uns capetinhas no fim de semana, vender doces na rua, fazer malabarismo no sinal ou limpar privadas; coisas que ninguém quer fazer.

Começamos com toalhinhas, aventais, capas para objetos – o tipo de artesanato que ela costumava fazer. Até que não era ruim – só que cortar tecidos, escolher fitas e pregar botões não era lá um serviço muito empolgante.

Numa noite, entretanto, uma centelha ardeu e incendiou meu coração. Enquanto eu estava sendo impedida de pegar no sono (mais uma vez) pelas recordações de Fortaleza, lembrei-me da sensação fantástica de estar brilhando naquele vestido encorpado. Nunca antes havia me sentido tão linda e confiante em uma peça de roupa. Hiero disse que eu parecia ter vindo de outro mundo, como se tivesse criado asas e deixado meu lugar entre os anjos para estar com ele.

Não seria extraordinário se cada garota pudesse experimentar isso ao menos uma vez na vida? E se... eu pudesse ajudá-las a realizar seus sonhos de recuperarem seus amores ou simplesmente celebrarem a si mesmas?

Na manhã seguinte, já sabia o que queria fazer. "O quê? Costurar peças de alta moda?", mamãe pareceu surpresa. Em seguida, sorriso surgiu devagar e tomou seu rosto. "Sabe que é uma coisa que eu sempre pensei, mas nunca

tive coragem de tomar o primeiro passo?" E assim, nós duas começamos um curso de corte, costura e modelagem aos sábados. Investimos em tecidos, manequins, agulhas de bordado. Rapidinho peguei a manha e já fazia excelentes pontos à mão, forma como esse tipo de vestuário deve ser cosido.

— Papai acha que eu devo pelo menos aproveitar que ainda tenho direito à bolsa de ensino superior no Saint Louis e procurar um curso nessa área. Mas eu não sei, acho que vou perder tempo se precisar estudar tanta teoria.

Hiero ficou quieto por uns segundos, como se estivesse pensando.

— *Oh, docinho, não acho que seria loucura. Tem algumas áreas que o conhecimento prático vale mais que o nome de uma instituição no currículo. Mas não entendo nada de moda. Acho que você deveria procurar conselhos de quem trabalha com isso.*

— Minha mãe tem uma amiga que é dona de um atelier de vestidos finos e já conversei com ela. Acredita que está até disposta a me treinar? Quem sabe assim eu possa abrir meu próprio atelier em parceria com a mamãe no futuro. — Subi os ombros, já sonhando acordada.

— *É uma ótima ideia! Pode ter certeza do meu apoio no que quiser fazer.*

— Ouvi um suspirinho e imaginei que estivesse dando um daqueles seus sorrisos meigos. — *E as meninas, o que decidiram?*

— Bem, a Dahlia vai mesmo seguir os passos da família e fazer medicina. Já a Mima ainda está bem indecisa. Por influência do Bruno, acho que ela também vai tentar arquitetura. Ah! Eu te falei que eles reataram na semana passada? Disseram que dessa vez é pra valer, mas eu não sei. Eles vivem entre tapas e beijos: uma hora se amam e na outra, arrumam briga por nada.

— *Isso ainda vai dar em casamento!* — Hiero deu uma risada.

— Oh, tenho outro babado também — continuei no mesmo tom animado.

— Recebi uma carta da Karina por esses dias. Ela contou que, depois de ser expulsa, enfrentou muita dificuldade com a família, perdeu as amigas, enfim... e se deu conta da besteira que fez. Então, decidiu mudar. Estava

fazendo terapia, até começou a frequentar uma igreja, acredita? Agradeceu por eu ter sido bondosa com ela na festa do Luke e terminou pedindo pelo meu perdão.

— *Uau. Não sei se eu te contei, mas sabia que foi ela quem me encontrou naquela noite?*

— *É mesmo? E onde você estava? Eu te procurei igual a uma desvairada!*

Ele riu, mas senti que era de vergonha. — *Escondido na biblioteca. Acho que se não fosse por ela, talvez eu não tivesse ouvido o que você sentia de verdade e fosse embora sem deixar o colar... talvez... tudo tivesse terminado mesmo entre nós.*

— *Sério?! — exclamei, pasma com a revelação.*

— *Mas ainda bem que não foi assim. Eu teria me arrependido o resto da vida.* — Nesse momento, ouvi um chiado na linha e uma voz masculina e jovial intrometeu-se na nossa conversa.

— *Hello, Beatrice! How're you? Hiero finally showed us a pic of you and, oh my goodness, you're so beautiful! You look like an angel. I'm really envious.*

Desatei numa gargalhada, sentindo o rosto pegando fogo. Não era a primeira vez que Joshua fazia brincadeiras como aquela – e eu estava cada vez melhor em entendê-las, já que também havia começado a estudar inglês com afinco. Hiero reclamou com o amigo, fingindo estar ofendido, e depois retornou ao bocal com uma voz meio envergonhada.

— *Ai, ai, esse cara é uma figura! Não liga pra ele...*

— *Vocês se dão muito bem, não é?*

Ouvi outro riso alegre. — *Graças a Deus. Os Cunningham são adoráveis. Eles praticamente me adotaram, o Joshua me trata como um irmão mais velho. Tive muita sorte de conseguir ficar hospedado na casa deles, longe*

daquela bagunça de república estudantil. Vou sentir muita falta daqui ano qu... — ele se deteve.

— Hã? — perguntei, arqueando as sobrancelhas.

— *Hã?* — ele perguntou num tom espelhado ao meu, fingindo-se de desentendido.

— Como assim? Você vai se mudar daí? E para qual casa...

— *Ah, a-acho que estão me chamando... Depois eu ligo de novo, docinho. Eu te amo!*

— Espera — "Ainda não falamos sobre o *winter break!*" Mas acho que ele não ouviu, pois logo em seguida veio o tu-tu-tu agudo, indicando que havia desligado. Que estranho... Apertei o botão "off" e deixei o braço cair na cama. Esperneei de leve.

É, Beatrice, você tem de entender e esperar. Talvez ele não tenha condições de viajar e está acanhado demais para dizer. Quando você foi atrás dele, se dispôs a enfrentar todas as dificuldades, sofrimentos e impossibilidades de um relacionamento à distância.

"Eu sei, tá?!", respondi à minha consciência, bufando.

E agora, quem seria meu par no baile? O Luke continuava um bom amigo, mas desde que se formou através da prova de avanço no fim do ano passado e começou um pequeno negócio de revenda de carros de luxo, nosso contato ficou mais escasso. E seria um pouco... *estranho* para nós dois. Acho que teria de ser o Mikhel, mesmo. Ele havia espichado (já até passava alguns centímetros da minha altura) e estava virando um rapaz bonito. O único problema é que dançava pior que eu e não parecia ter o mínimo interesse em aprender simples passos de valsa.

— Vamos, Khel, quer passar vergonha na frente de todo mundo? — eu o repreendi na centésima quarta vez em que pisou no meu pé em nosso ensaio na sala, bem na véspera.

— Eu estou tentando! — ele reclamou. — E que merda é essa de *valsa*? Não entendo pra quê isso numa festa de formatura.

Cerrei os dentes. — É a tradição. Vamos, larga de fazer corpo mole. — Tomei a mão dele novamente. Como se estivesse fazendo de propósito, ele me deu um pisão ainda mais forte. Eu o apartei com certo ímpeto. — *Argh*, desisto! É inútil. Seria mais fácil se eu tentasse ensinar vacas a voarem!

— É inútil mesmo. — Ele revirou os olhos e voltou a jogar seu *Game Boy* no sofá.

— Como adolescente, ele é pior que criança. — murmurei e saí pisando duro para o meu quarto.

Que raiva... Depois do tanto que aluguei mamãe, de tanto esforço e horas de sono perdidas só para conseguir coser o meu vestido, aquele garoto conseguia estragar tudo. Eu estava louca para vesti-lo! Ele ficou simplesmente deslumbrante. Na cor da neve recém-caída, o chiffon da saia longa e fluída se estendia em camadas. Ajustei pequenas lantejoulas sobre a renda delicada no busto, o qual se ajustava perfeitamente ao corpo. A sensação era de estar vestindo uma nuvem, de tão leve. Era a peça perfeita para a ocasião. No entanto, sem um par adequado, numa escala de zero a dez, a vontade de ir ao evento era de menos dois.

Por isso, na noite do baile, eu empaquei na porta de casa, resoluta a ficar.

— Vamos, mana, você já está toda arrumada. — Bruno, todo galã em um terno cor-de-chumbo, tentava me persuadir. — E devo admitir que está muito bonita. — acrescentou baixinho.

— Bonita? Ela está divina, uma gata, um verdadeiro *ar-ra-so* com esse vestido! — Mima retrucou. Seu sorriso iluminado deixava-a ainda mais charmosa, e seus lábios vermelhos combinavam com o vestido longo de cetim macio. — Você não quer exibi-lo e mostrar como é uma costureira de mão cheia? Olha, seria uma propaganda e tanto.

— Mas eu... o Mikhel... — Olhei cabisbaixa para o meu irmão que parecia aguardar impaciente no meio do caminho para o portão, chutando pedrinhas

em direção ao gramado.

— Tá bem, tá bem, eu prometo fazer tudo certo! — O garoto ergueu os ombros e inclinou a cabeça. — Já estamos atrasados, Bea, se não formos agora, o...

— ...o DJ vai começar sem nós! — Mima gritou por ele, puxando-me pela mão. Com a outra, segurou o braço de Bruno, e fomos nos dirigindo ao carro.

Como de costume, a festa era preparada pelo primeiro e segundo ano no ginásio esportivo, e, a cada ano, as turmas tentavam superar a grandiosidade da decoração feita pelas anteriores. Foi muito massa fazer parte da organização e aproveitar as festas nos anos passados. Contudo, agora, como formanda, a sensação era bem diferente. Durante todo o caminho para o Saint Louis, meu coração bateu descompassado, e fiquei surpresa em perceber como eu estava mesmo ansiosa por saber como seria naquele ano.

Quando chegamos, não podia acreditar como haviam transformado aquele ambiente frio e sem graça num maravilhoso reino prateado. Admirei o teto, onde milhares de fitas metálicas e azuis formavam longos arcos e caíam pelas laterais do salão igual a uma cascata graciosa. Entre as fitas, piscapiscas reluziam como um exército de estrelas, e bem ao centro, uma enorme bola disco espelhada descia e projetava brilhos para todos os lados. Em cada canto havia árvores secas adornadas por *leds* azulados e no chão, uma neve falsa dava a impressão de estarmos mesmo em um inverno rigoroso – apesar do clima quente.

O centro do salão já estava lotado de casais dançando agarradinhos ao som de "The Way You Look Tonight". Senti uma mão macia a agarrar meu pulso.

— Bea! — Dahlia vibrou. Ela vestia um midi branco com plumas na barra e Tadeu, ao seu lado, um *smoking* todo branco. De braços dados, eles pareciam um elegante casal de cisnes. — Que maravilhosa! Amei seu vestido. Vem, estávamos indo para a pista de dança agora mesmo.

Olhei para Mikhel, que mordeu o lábio. — Vai primeiro, que eu, *erm...* preciso ir ao banheiro.

Mesmo se quisesse protestar, acabei sendo puxada por minha amiga rumo à multidão. Bolhinhas de sabão flutuavam docemente sobre nossas cabeças, e, conforme ia passando por meus colegas, tive a impressão de ver alguém de aspecto muito familiar mais à frente, no centro do salão.

Meu coração ficou igual a um pássaro debatendo-se desesperado para sair da jaula, porém, eu o contive rapidamente. Já havia me decepcionado e até passado vergonha por abordar estranhos, achando que eram Hiero. Não podia ser ele... Aquele rapaz alto e belo em um traje azul-claro, com um sorriso capaz de parar o tempo, era fruto da minha imaginação. Contudo, meu corpo entrou em desarmonia com meu cérebro e passou a mover-se sozinho, tentando chegar perto dele o mais rápido que podia. Somente quando senti o calor dos seus braços a me envolverem e seus lábios nos meus, soube que ele era real – tão real quanto o amor que só havia aumentado dentro de meu peito.

— Bea... — Hiero olhou-me com ternura e enxugou minhas lágrimas com os dedos. Mesmo à meia luz pude perceber suas bochechas vermelhas. — Desculpe, eu sou péssimo com surpresas. Fiquei me sentindo culpado por não falar nada. Você deve ter sofrido com o meu silêncio.

Balancei a cabeça em negação. — Tudo bem, eu... eu estou tão feliz. Não consigo acreditar que você está aqui. — soluzei, abraçando-o apertado novamente.

Nesse momento, Bruno, Mima, Dahlia e Tadeu apareceram ao nosso lado, rindo faceiros. — Surpresa! — exclamaram. Esses pilantras conseguiram mesmo me enganar. Agora entendia o desânimo de Mikhel, que se encontrava num canto sem um par. Dahlia foi amável e alternou as danças com ele e Tadeu. E não é que esse danado valsou direitinho com ela?

Já eu e Hiero estávamos em um mundo apenas nosso. Queríamos fazer tudo de uma vez: valsar, conversar, nos abraçar e trocar beijos mais intensos, mas deixamos essas carícias para outra hora, longe das vistas alheias. No

salão, apenas nos divertimos com os outros, comemos um pouco e voltamos a dançar.

Com as mãos em minha cintura e os pés deslizando no chão com destreza, devo dizer que Hiero melhorou muito nos passos, e agora se movia com a suavidade de um gato. Também percebi mudanças em seu aspecto – seu rosto estava mais maduro e seu físico parecia ter se tornado mais másculo. Só com um olhar, ele me fazia estremecer, e ao roçar minha pele de leve, sentia um arrepio da cabeça aos pés.

Um pouco perto das onze, horário que precisávamos ir embora, saímos para uma caminhada pelo colégio. Meu peito ficou apertadinho ao lembrar de tantos momentos preciosos ali que não mais voltariam. Paramos e sentamos sob o pé de Jacarandá, o qual também estava todo iluminado por piscapiscas.

— Quase não deu tempo de vir. — Hiero abraçou-me e aninhei a cabeça em seu ombro. — As escalas atrasaram e eu cheguei uma hora antes de começar o baile. Sorte que o Luke me buscou e me emprestou um terno.

Afastei-me e arregalei os olhos. — Jura?!

Ele balançou a cabeça em afirmação. — Ele é realmente um bom amigo. Torço muito pela felicidade dele.

— Pois é. Eu também...

Sorrimos, olhando as estrelas, depois voltamos a ficar abraçadinhos.

— Parece que vivi uma vida inteira afastado de você, amor, e foi horrível. — ele sussurrou. — Falei que quatro anos passavam rápido, mas retiro o que disse. Só se passou um ano e meio e quase fico louco de tantas saudades. — Minha respiração acelerou e minhas mãos suaram quando Hiero fitou-me com seus olhos azuis profundos.

— Eu... também... — Meus olhos caíram para sua boca, ansiosa para sentir seus beijos macios outra vez. Quando ele se aproximou e nossos lábios se encontraram, senti como se estivesse beijando-o pela primeira vez. Nossos

corações batiam juntos em uma sinfonia perfeita durante um tempo que pareceu uma eternidade.

Nós nos separamos devagar, nossos lábios relutantes em se afastar por terem ficado tanto tempo longe um do outro. No entanto, parecia que Hiero tinha algo importante a dizer.

— Bea, tem uma coisa que eu não te contei... Estava esperando tudo se ajeitar pra poder te falar. — Ele inspirou fundo. — Eu tomei uma decisão: vou voltar a morar aqui a partir do ano que vem.

Projetei o corpo para trás e coloquei as mãos sobre a boca aberta.

— O fato de não aguentar mais ficar longe de você é um fator de suma importância, mas o outro é que não suporto mais trilhar um caminho que não escolhi para mim. Eu tentei gostar do curso, Bea, eu realmente tentei, mas... é impossível. Após lutar e lutar, entendi qual é a minha vocação, e quero segui-la. Meu padrasto não gostou muito da ideia, ele tinha muitas expectativas sobre mim, você sabe. Eu e minha mãe tivemos uma... "discussão" — Ele fez sinal de aspas com os dedos —, mas agora que sou de maior, ela acabou cedendo. Pelo menos agora ela não pode mais me acusar de não ter tentado. Quero fazer faculdade de música, com graduação em composição. Não vai ser um caminho fácil, eu sei. — Ele suspirou, porém, subiu o queixo, como se estivesse determinado. — Tem a questão do meu sustento. Agora que está muito bem casada, mamãe concordou em me passar os *royalties* do trabalho do meu pai e os direitos autorais de todo material guardado. Não rende tanta coisa assim, mas daria para pagar todas as despesas e a faculdade – e se eu conseguisse uma bolsa no Saint Louis, seria ainda melhor. Além disso, eu já começaria com certa vantagem no ramo por ser filho do Tuto. Ele trabalhou com muita gente grande e eu poderia usar o nome dele em meu favor.

Cruzei as mãos sobre o peito e lágrimas de alegria inundaram meus olhos. O quanto esperei pelo momento em que ele conseguisse se libertar das amarras do passado, a fim de poder olhar para o futuro! Enquanto ele falava, podia perceber seus olhos irradiando, como se queimassem com as chamas da paixão pelo seu sonho.

— Outra coisa boa é que o sr. Cunningham, pai do Josh, trabalhou nesse ramo musical quase na mesma época em que meu pai. Ele era guitarrista. Desistiu de integrar bandas quando se apaixonou e largou tudo para ter uma família, mas até hoje guarda contatos. Ele disse que vai me ajudar se eu quiser entrar no mercado de lá. Tenho pensado muito nisso também, mas quero tentar primeiro aqui.

— Não tenho nem palavras para dizer o quanto estou feliz com isso! — exclamei, enquanto enxugava os olhos. — Pode ter certeza que eu apoio. Cem por cento.

Ele sorriu, um sorriso tão largo a ponto de roubar toda a beleza da noite. Depois, olhou para baixo, e do bolso da calça social, tirou uma pequena caixinha. Fixei meus olhos nela. Meu coração deu um pulo de nervosismo.

— Só que, dessa vez, não vou poder morar na sua casa. Por isso... — Ele abriu a caixinha, revelando um par de alianças douradas. — Bea... por favor, case comigo.

Oh meu Deus! Cobri o rosto com ambas as mãos. As lágrimas vieram outra vez, com mais intensidade.

— Sim! — Levantei o rosto vermelho das mãos e pronunciei num misto de riso e choro. — Milhares de vezes, sim.

Ele tirou a aliança menor e tomou a minha mão. Com delicadeza, deslizou o metal em meu dedo anelar direito.

— Quando eu disse que iria trabalhar para juntar dinheiro nas férias de verão era verdade, mas... Eu não sou ganancioso, você me conhece. Guardei esse dinheiro para as alianças, minhas passagens, a entrada no nosso apartamento...

— Espera... esses planos são, tipo, *para já* ?

— Bem... sim. Depois do ano novo, vou passar uns dias com minha família no Sul, mas pretendo voltar no final de janeiro. Poderíamos escolher uma

data em fevereiro. O que acha? — Ele mordeu o lábio. — Está... perto demais?

— Não! — Balancei as mãos enfaticamente. — Com um mês dá para arrumar tudo, sim! Meu Deus, não acredito! Nós vamos nos casar! — Abri os braços e o abracei, batendo os pezinhos no chão. De repente, afastei-me, com um sorriso amarelo. — Ah... vou avisando que, embora tenha treinado um pouco, ainda sou uma péssima cozinheira. Mas já não queimo feijão, nem faço mais lavagem de porco em vez de mingau...

— O quê? — Ele franziu as sobrancelhas, dando uma risada confusa. Então, contei-lhe sobre o episódio de quando ele estava doente e acabamos gargalhamos juntos.

Admiramos o ouro em nossas mãos, rimos um pouco, trocamos beijos e juras de amor. Antes de nos levantarmos e partirmos, porém, ele me perguntou, mantendo uma expressão muito séria e até preocupada:

— Bea. Uma coisa que eu tenho que deixar claro é que eu tenho planos de voltar a morar nos Estados Unidos, só não sei quando. Mesmo assim, você estaria disposta a se casar comigo? Sabe, deixar sua família... e tudo o que você conhece para trás?

Aproximei-me e acariciei seus cílios com meus lábios. Em seguida, beijei suas bochechas, o nariz e a testa.

— Como sua esposa, irei segui-lo até o fim do mundo.

Em casa, meus pais já nos esperavam com uma garrafa de champanhe. Enquanto os risos e os gritinhos das minhas amigas preenchiam a casa, tudo o que eu pude pensar é que o desejo de Hiero tinha se tornado real. Ele era parte da nossa família, e havia voltado para nunca mais partir.



— O Hiero está perguntando se ele pode entrar — Mima falou a Dahlia, a qual teve de desligar o secador de cabelo para poder ouvir.

— Não! — Dahlia gritou em direção à porta, rindo. — Os noivos não podem se ver antes da hora!

— Mas nem comecei a me arrumar direito — sussurrei para ela. Eu tinha acabado de sair do banho e estava em um roupão, sentada na cadeira da escrivaninha em meu quarto.

— Preciso da Bea emprestado só por um momento — ele gritou de volta em tom descontraído. Olhei para o meu despertador na mesinha de cômoda. Tínhamos tempo.

Rapidamente coloquei uma blusa e uma calça jeans. Todo o meu corpo ficou quente só de olhar a lingerie branca e rendada que Mima havia me presenteado pendurada num cabide no banheiro. "Para uma noite inesquecível", ela sussurrou com um sorriso malicioso. Minhas bochechas arderam ainda mais só de lembrar da "conversa" que tive com mamãe na noite anterior.

Balancei a cabeça, guardando esses pensamentos para mais tarde. Eles foram substituídos pela preocupação com a cerimônia em si e se a causa do chamado era por algo ter dado errado.

Quando saí do quarto, encontrei meu noivo também em roupas casuais. O que era diferente eram os dois buquês que levava nas mãos: um de rosas vermelhas e outro de crisântemos. Assim que me viu, Hiero curvou-se em minha direção e ofereceu-me o buquê de rosas. Sorri de orelha a orelha e o beijei.

— Nunca estive tão ansioso em toda a minha vida — ele sussurrou em um tom levemente tremido em meu ouvido. — Tenho certeza de que nossa vida será incrível... Mas antes, há uma coisa que preciso fazer. Gostaria que me acompanhasse a um lugar. Não é longe.

Deixei o buquê com Dahlia e o segui escada abaixo. Passamos pela sala preparada com a mesa do bolo para a recepção intimista de mais tarde.

Escolhemos fazer nosso casamento em casa mesmo, tendo como o palco da nossa união o pergolado – lugar tão querido e significativo em nossa história. Ao redor dele, no jardim, comportamos cerca de vinte cadeiras e enfeitamos o local com hortênsias, lírios, peônias cor-de-rosa, rosas brancas, muitas folhagens, e levantamos varais de lâmpadas para um toque mais romântico.

Enquanto nos dirigíamos para o portão, sorri ao ver o pergolado adornado com véus brancos e peônias, feliz em perceber como tudo estava como deveria ser. E mesmo que um furacão aparecesse de repente e levasse todas as decorações, tudo o que eu precisava estava bem ali em minha frente, segurando a minha mão. Nada mais importava.

Caminhamos em silêncio até o fim da rua, depois ao fim de outra. Não perguntei nada, pois, conforme nossos solados faziam barulho no concreto da calçada, eu meio que começava a entender para onde iríamos.

Finalmente, atravessamos portões grandes e pretos. Andamos por entre criptas e epitáfios de diversos tipos e tamanhos. Mais adiante, Hiero parou em frente a um túmulo. A lápide estava limpa e encontrava-se rodeada de potes de vela já no fim, flores verdadeiras e de plástico, e cartões.

— Os fãs cuidaram dele melhor que eu. — disse em tom grave. Então, depositou o buquê de crisântemos sobre o mármore no chão e manteve-se ajoelhado. — Pai, eu sei que você não está aí, mas há uma coisa que gostaria de dizer. Hoje, eu vou me casar com a garota dos meus sonhos. Você já a viu, por uns momentos...

Ele baixou os olhos, deixando uma lágrima escapar. Depois de uns segundos, continuou, com a voz embargada.

— Vou começar uma vida nova ao lado dela e quero que tudo fique para trás. Não quero mais conviver com esse peso. Eu perdoo você, pai. Vou deixar você ir.

Abaixei-me ao lado daquele rapaz a quem tanto amava e acarinhei suas costas, também chorando.

— Você teria ficado orgulhoso com o homem que seu filho se tornou. — disse baixinho, a voz saindo por entre a minha garganta apertada. Hiero escondeu o rosto em meus cabelos e apertou-me em seus braços.

Horas depois, era chegado o grande momento.

Os poucos convidados – basicamente, nossas famílias – se levantaram com a minha chegada. O doce som de um violino a tocar "Forevermore" propagava-se pelo ar. Enquanto andava pelo corredor ao lado de papai, as várias camadas de tule do meu vestido branco farfalhando a cada passada, alternei meu olhar por cada rosto querido. Vi minhas amigas em pé num lado do pergolado, radiantes e lindas em vestidos lilás de madrinhas. Do outro lado, Luke e meus irmãos também sorriam, todos bem arrumados em suspensórios e calças sociais de linho.

Ao centro, ele me esperava, com aquele sorriso tão amado. Conforme me aproximava, várias lembranças invadiram a minha mente: nosso tempo juntos em Fortaleza, nosso primeiro beijo, seu abraço naquela noite no Playcenter, nossa primeira briga... ele, de costas para mim, parado na estação de metrô lotada no dia em que chegou.

Eu não sabia, mas já o amava bem antes disso. Seu rostinho rechonchudo e seus olhos azuis tão vivos naquele primeiro dia de aula marcaram-me para sempre. E os mesmos olhos me contemplavam ali, transbordantes de infinita ternura. Hiero entrou em minha vida como um sol da aurora, erguendo-se devagar com suas nuances coloridas, aquecendo meu coração e brilhando cada vez mais para nunca mais se apagar.

Eu nunca havia pensado como seria o momento mais importante da minha vida, mas agora sabia que ele era feito de pura luz e muita, muita felicidade.



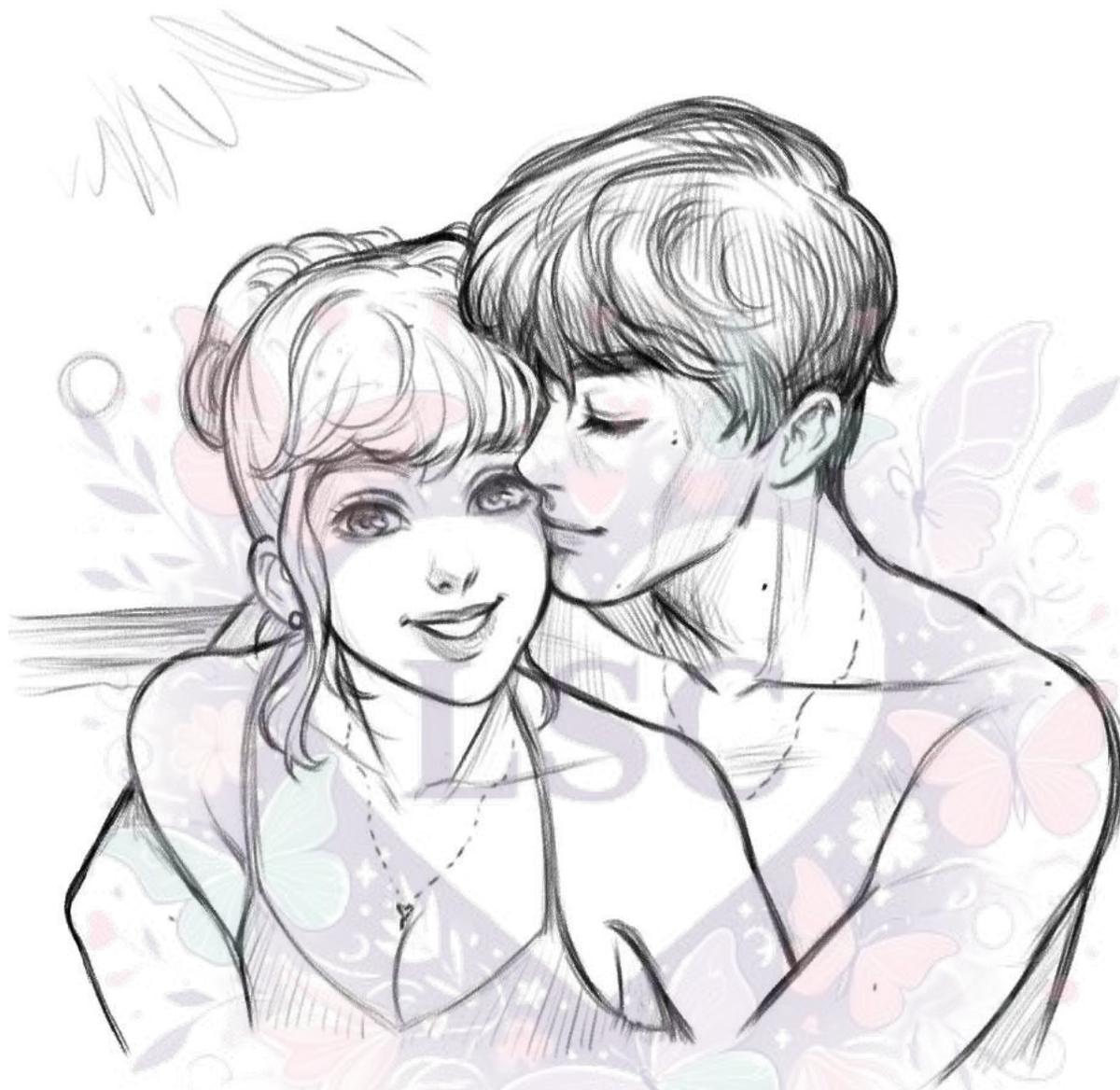


" I just can't believe that you're mine now
You were just a dream that once I knew
I never thought I would be right for you
I just can't compare you with anything
in this world

"You're all I need to be with forevermore"

— Beatrice + Giero 14 feb 2006 —





Lembrança da lua de mel em Porto de Galinhas
fev / 2006



Presente da nossa lua de mel,
nosso querido William
(papai chorou tanto de emoção)



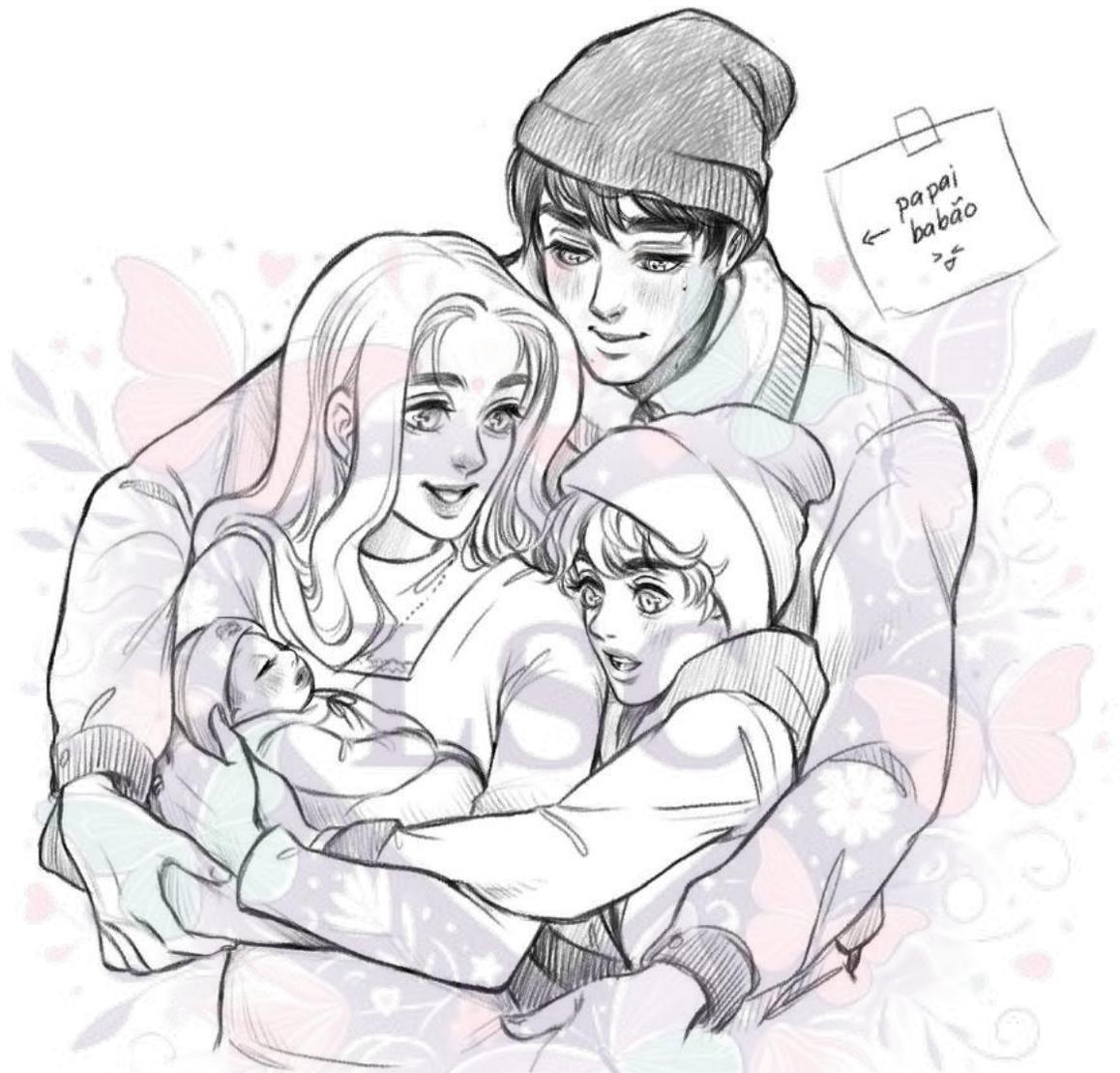
04/2009

Dando um descanso merecido à mamãe
(ela não é linda mesmo no quinto sono?)

William - 2a/5m (São Paulo)

Nossa mudança para os Estados Unidos
Despedida dos sogros no aeroporto
(Início de 2012)

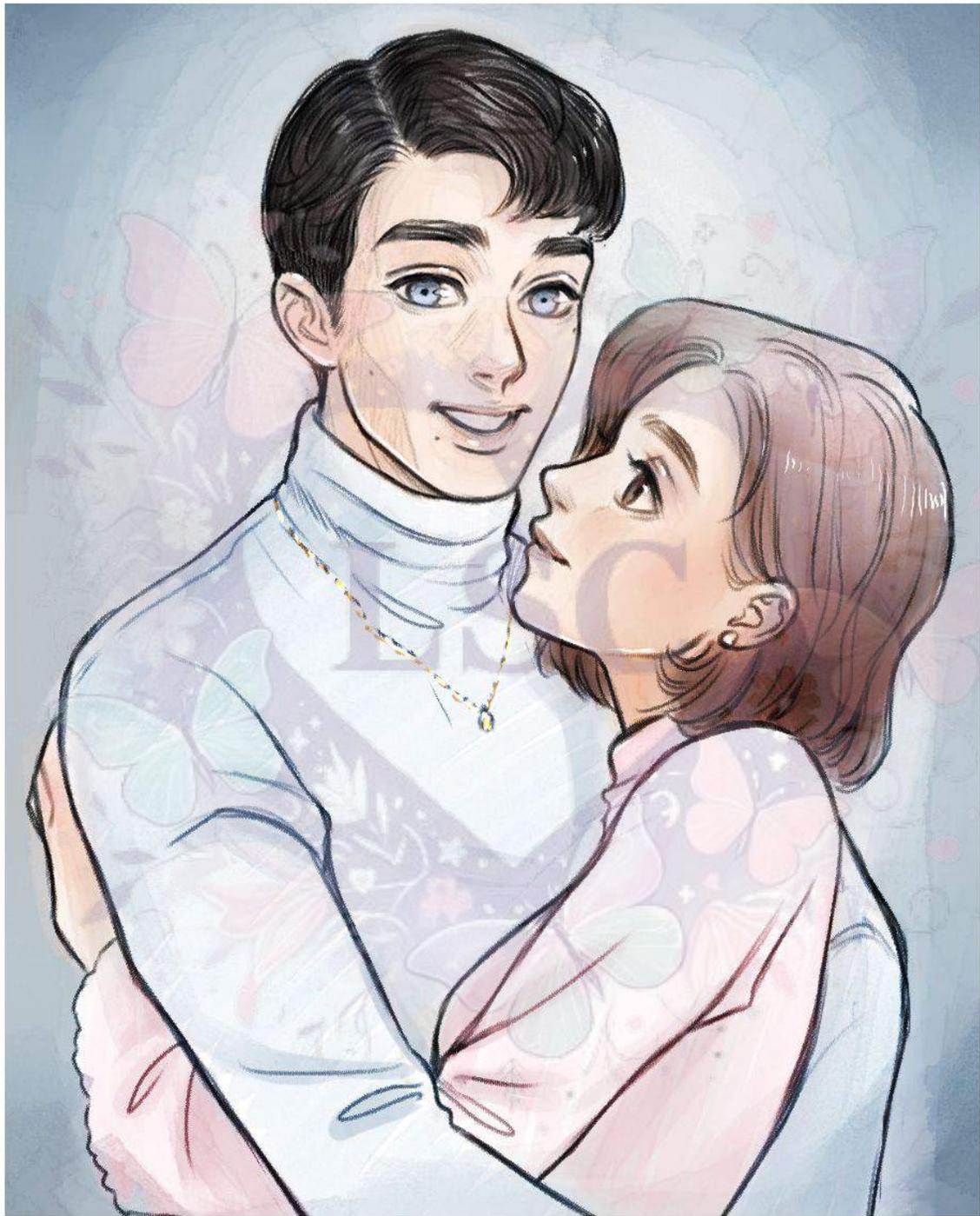




E a família cresce mais um pinguinho
com a chegada da nossa princesinha
Holly (Thanksgiving / 2014)



Como eles crescem rápido...
(Califórnia / verão de 2022)
Triam - 15 Holly - 7



2024 - 20 anos juntos e você continua
tão linda quanto no dia em que

te conheci.

PS. Naquele dia eu soube que era
você com quem eu passaria o resto
da minha vida. Eu te amo...

Para sempre.



adeus.



adeus.

O ano era 2007 e uma garota de quinze anos, a qual o maior sonho era ser uma mangaká de renome, pensou em uma história bem estilo shoujo inspirada em seus mangás favoritos. Nela, a protagonista era uma fingida que adorava ler shoujos e tinha de lidar com o novo hóspede em sua casa, o rapaz que a bolinou quando eram crianças.

Com um amigo (@ZhouCongART), formou a equipe chamada "yume-wo-sagashite", literalmente "em busca de um sonho" em japonês, e desenvolveu a primeira versão dos personagens. Após alguns capítulos escritos, muitas ilustrações e fichas, infelizmente o projeto nunca saiu do papel.

Os anos foram se passando, e a busca por um sonho foi perdendo seu brilho.

A garota envelheceu, foi para a faculdade, (desistiu da faculdade), se casou e continuou a gostar de shoujos. Não virou uma mangaká de renome, mas conseguiu trabalhos com sua arte. De vez em quando, dava uma olhada em suas antigas pastas de desenho, sentindo enorme nostalgia e carinho por aqueles personagens tão queridos. Sentia uma imensa tristeza por nunca poder ter dado vida a nenhum deles, embora sempre estivessem tão vivos em sua alma e fossem seus amigos de longa data.

O ano era 2020 e, no meio de uma pandemia onde os trabalhos presenciais foram paralisados, a garota teve uma espécie de epifania. Aquele era o momento ideal para finalmente dar voz e um lar para aqueles personagens - não em forma de mangá, mas em forma de livro. Para isso, adaptações foram feitas, personagens desfeitos e refeitos, plot mudado, muita coisa acrescentada/retirada. Surgia assim a primeira versão de Segredos, a qual foi formulada para ser uma história curta, de no máximo vinte capítulos. Mas, como se tivesse vida própria, ela foi tomando forma, encorpendo, se desenvolvendo e virando uma frondosa árvore, cheia de personagens complexos e intrincados. Aos poucos, foi escolhendo seus próprios caminhos, e acabou virando essa história que você acabou de ler.

O ano é 2023, e depois de dois intervalos de hiatus de um ano cada, finalmente a garota conseguiu dar palavras e histórias para estes queridos personagens chamarem de lar. E é a hora da despedida. Eles agora precisam seguir seus caminhos sozinhos e sem ajuda. Mas é extremamente difícil.

Eles sempre estiveram com ela por longos 16 anos e dar adeus parece uma tarefa impossível.

Agora que você sabe disso tudo, deve compreender o quanto estou grata por você estar aqui. E por ter feito parte disso.

Nesse momento, estou em lágrimas.

Segredos não era apenas uma história, era um sonho. Um sonho que se tornou real, apesar das dificuldades, das paradas, das sumidas. Para completá-la, passei noites sem dormir, passei raiva com os momentos de bloqueio, chorei muito, e aqui estou eu, concluindo essa história da cama de um hospital. Não apenas pelo meu esforço, mas não conseguiria sem vocês, a força motriz por trás disso tudo. Sem os conselhos, as palavras de apoio, os votos, comentários e principalmente todo o carinho que vocês tiveram por Bea e Hiero. Eles foram praticamente adotados por aqui e ganharam tanto amor que eu não podia parar. Simplesmente não podia.

Estou triste, mas ao mesmo tempo feliz neste adeus.

Obrigada. Obrigada por tudo!



curiosidades.

Antes de começarmos: como vocês acabaram de saber, eu pensei nessa história na adolescência. Ela foi concebida para ser um mangá (história em quadrinhos japonesa), justamente porque eu consumia muito esse tipo de conteúdo e adorava shoujos! Bem, com isso em mente, quando falar "na história original" ou "original", estarei me referindo ao que pensei naquela época, ok?

O nome original de Segredos era "Asas de Anjo". Por que? Eu não sei hahaha. Só achei bonito. Se vocês repararam, fiz uma homenagem ao nome

no último capítulo, quando Hiero diz que Bea parecia vir de outro mundo e Joshua, que ela parece um anjo.

O ano do livro deveria ser passado na época em que concebi a história, porém, como sou péssima em datas, acabei não percebendo/lembrando que eu a fiz em 2008 e a história acabou sendo situada em 2004.

Hiero é o único nome que se manteve do original. Hiero é Hiero desde sempre, desde o nome e sua personalidade. Quer dizer, eu achei uma ficha antiga dele esses dias e constava "sexy" (altos risos). Não é a primeira imagem que eu tenho dele quando penso em Segredos, embora, para mim, ele seja um bocadinho sexy mesmo.

Sobre o nome dos personagens, com exceção de Beatrice e Hiero, todos foram de pessoas/situações/personagens que me remetiam à minha época de adolescência nos anos 2000:

*Bruno era irmão mais velho de um amigo que vivia azucrinando a mim e outras meninas. A personalidade dele foi baseada no meu primo, já que eu não tenho irmão (apenas uma irmã).

*Mikhel (ok, não é bem da adolescência), mas foi da série Dark, que eu estava assistindo na época e achei muito legal a forma de escrever "Miguel" no alemão. O personagem na série me lembrava mais ou menos o que eu tinha em mente com o Mikhel (fisionomia).

*Márcia foi minha "mãe" de dormitório (envolve parte da minha história, mas resumindo, eu vivi num lar para filhos de missionários durante 2002/2003, e não vivia com meus pais. O lugar parecia um "orfanato", e tínhamos cuidadores, os quais chamávamos "mãe/pai de dormitório").

*Roberto (somente o nome) foi inspirado no pai de uma das minhas melhores amigas, o qual era reitor da universidade federal.

*Mima (ou Jemima) foi uma colega de classe real. Ela não era muito a minha amiga, mas sempre achei o nome dela bonito (ela não tinha nada a ver com a personagem, a propósito).

*Dahlia foi da flor. Simples hahaha.

*Luke foi em homenagem ao meu primeiro romance adolescente, que li quando tinha 13. Um dos interesses românticos da protagonista se chamava Luke, mas... spoiler: eles não ficavam juntos. O nome do Luke é Lucca, e (outra curiosidade) ele não usa o nome verdadeiro por causa da vergonha em todo mundo associá-lo à "Luka", a cantora do hit "Tô nem aí", febre nos anos 2000.

*Noemi (avó de Hiero) é uma homenagem ao nome original da mãe da Bea. Não coloquei Noemi para a Márcia porque achei que não combinava com a personagem...

*Heitor é uma outra forma de escrever Hiero, mas com um "t" no meio. A combinação tem a ver com o original, já que o nome do pai dele era Hiei.

Sobre os protagonistas...

*Hiero... Sinceramente não sei como cheguei à esse nome. Foi há muito tempo □ mas eu realmente me espantei em saber que o nome existe e possui um significado tão bonito: "sagrado" em grego. O que é quase o mesmo da filha dele, Holly. Tirando um l, vira "sagrado" em inglês.

*Beatrice foi a maior dor de cabeça. Queria um nome fofo, mas não tão romântico, e ao mesmo tempo divertido. Deveria refletir a personalidade alegre e doce da personagem. Pensei em Beatriz, mas era comum demais. Cogitei até Beatrix, como a Beatrix Potter, mas ficou Beatrice, comum no inglês.

O plot da história ficou praticamente intacto do original. Porém, nessa primeira versão, a história passaria rapidamente pela trama da dissimulação, a chantagem de Hiero e eles ficando amigos. Ela descobriria o segredo dele (também através de anotações) pelo capítulo 6 e o resto da história focaria no namoro deles. É... Iríamos ter história de namorado/namorada, com desafios de um relacionamento e outros interesses amorosos, mas achei que não ficaria legal. Até porque a história não tinha um tema ou fio condutor, e na versão do livro, eu pensei no tema do perdão. E ficou beem melhor assim.

Na segunda versão (nos meus rascunhos de 2020 antes de fazer a história completa) a **história terminaria** na parte do aeroporto. Bea conseguiria alcançar Hiero e falaria tudo o que sentia por ele. Ah, sim. Até a essa altura, ela não teria se declarado ainda, eles não teriam a parte do namorico nem nada; dariam o primeiro beijo antes dele partir. O que vocês acharam disso? Meio *blé*, eu sei, haha. Ainda bem que a história foi evoluindo por si mesma até chegar no que é hoje.

Basicamente **Hiero e Bea se mantiveram intactos**, tanto em personalidade quanto em aparência e no arco narrativo. Já Luke é uma versão melhorada do outro interesse amoroso da protagonista no original, um mix de dois personagens, na verdade: um fofo e outro descolado. Mas ele ser loiro e ter cabelo grande veio do personagem fofo.

No original, a **Bea** (que não era Bea) **trabalhava numa confeitaria**, a qual pertencia à família do interesse romântico que era para ser o Luke. Nada a ver! Ah, e o "Luke" também era muito rico, mas era filho de um dos professores da escola de alto nível.

A peça de teatro estava no original e a reunião na casa do Luke também. Existia a cena de Hiero encantando a todos com o violão (a letra da música era sim uma indireta à Bea), mas a cena da piscina e todo o resto foi parte do roteiro de agora.

A Bea não era viciada em revistas teen, mas em shoujos ☐ Ela também as escondia porque a mãe não gostava pelo mesmo motivo.

Não existia a Karina, o arco dela foi inserido depois como um contraponto à Bea. Eu não lembro se a Bea tinha alguma rival... Mas ela tinha duas amigas, uma muito fofa, de cabelos cacheados (que evoluiu na Mima), e outra muito calada e estudiosa, de óculos e cabelos negros (que evoluiu na Dahlia).

O segredo de Hiero era basicamente o mesmo, e a forma como Bea descobria, também. As diferenças eram: o pai do Hiero não havia se suicidado. Ele estaria preso e Hiero teria muita vergonha em ter um pai na prisão. E a Bea roubaria o caderno dele de propósito. Achei que essas coisas

não fariam sentido/não seriam legais na história e acabou ficando a versão que vocês conhecem hoje, a qual faz muito mais sentido.

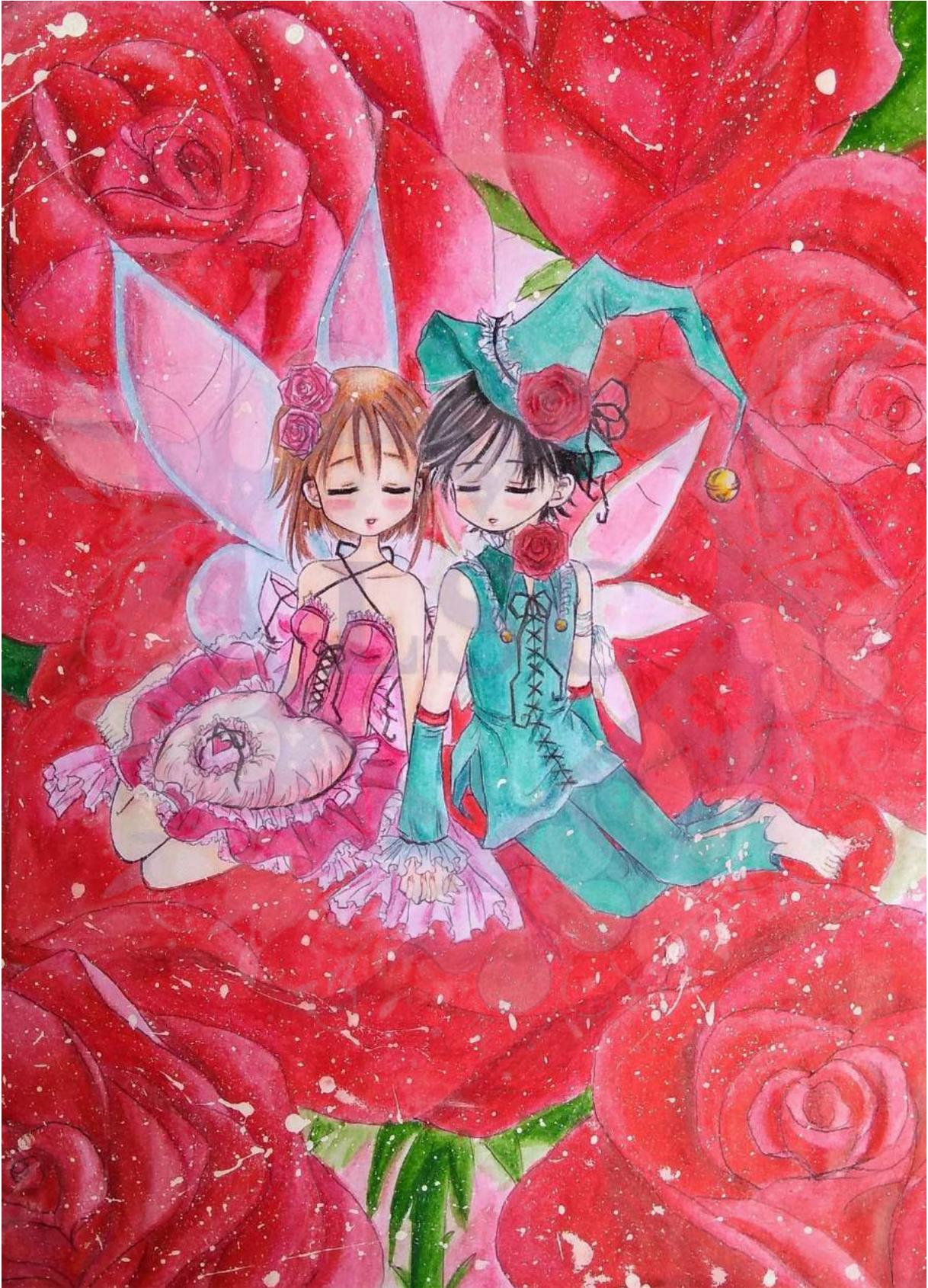
A história em geral foi inspirada em muitos shoujos (histórias em quadrinhos japonesas voltadas para o público feminino) entre os quais: KareKano, Itazura na Kiss, Hana Yori Dango e Fruits Basket. Também foi inspirada na minha própria adolescência, claro, nas relações entre meus pais e na minha época de namoro com meu marido.

Agora, vamos à galeria de imagens que fiz dos personagens quando tinha 16 anos. Eles são de 2008/2009 (que vergonha, não reparem no traço feio):





Bea e Hiero em formato chibi. É um dos que mais gosto 🐱☐



Como gnominhos num buquê de rosas. Fofinho.



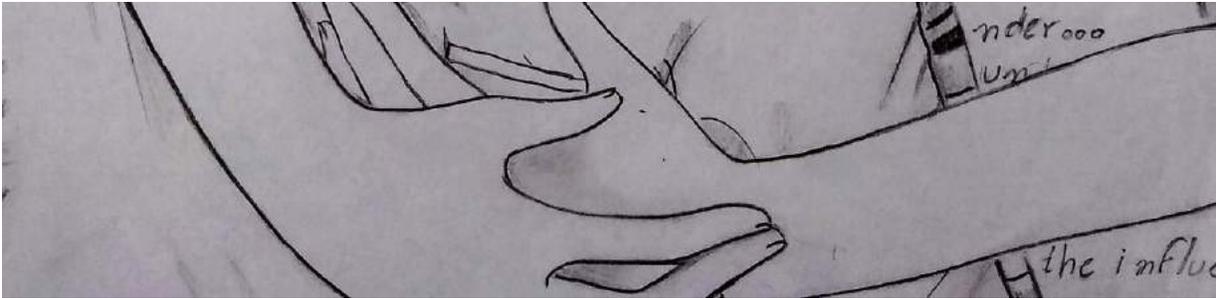


Éeeeeeeeeerm. Não. Hoje em dia já preciso fazer um outro desenho deles, que pescoço de girafa do Hiero é esse? □



Bea fazendo jus ao nome original. Eu os desenhava muito como anjos ☐☐





fechem os olhos, aaaa socorro x__x





Dançando com o suposto "Luke". Por que essas roupas?? E as coroas?? ☐ E o mais importante: por que a cinta-liga? 🙄 Socorro.

E o futuro de Segredos?

Segredos definitivamente acabou, mas a história dos Bittencourt e dos Cavalcanti ainda não. Pelo menos, não na minha mente ☐. Amadureci a ideia de "uma-continuação-que-não-é-livro-2" e "sim-um-livro-solto-do-mesmo-universo" e já tenho metade da escaleta feita, só não consegui finalizar por estar concentrada no término de Segredos. Se tudo der certo, acho que teremos uma nova história ano que vem. Fiquem torcendo!

O único spoiler que posso dar é que o livro se chamará "Dilemas dele, Motivos dela".

Daqui a uns dias eu darei mais informações do que vem por aí. Por isso, se você não me segue mas quer saber o que vai acontecer com a Bea, Hiero, Luke... E agora, os personagens principais, Liam e *tuuuu* (spoiler), considere em ir no meu perfil e seguir. Assim você não vai perder nenhuma novidade dessa história.

Queria agradecer mais uma vez a todos que chegaram aqui. Eu costumava dedicar capítulos às minhas leitoras fiéis, mas não teve o suficiente para dedicar. Perdão a quem não dediquei. Mas saibam que todas foram muito importantes para mim. Mesmo aquelas que só fizeram um comentário ou deram apenas uma estrela... Não importa, o que importa é que você chegou aqui. Obrigada.

Até outro dia! Ri ~